UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FFCH – FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PPGF – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO

O ATEÍSMO VIRTUOSO: EXPERIÊNCIA E MORAL EM PIERRE BAYLE

Salvador
2014

MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO

O ATEÍSMO VIRTUOSO: EXPERIÊNCIA E MORAL EM PIERRE BAYLE

Tese apresentada ao programa de Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de Doutor, sob a orientação do prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos.

Salvador
2014

Primo, Marcelo de Sant'Anna Alves
P953 O ateísmo virtuoso: experiência e moral em Pierre Bayle / Marcelo de Sant'Anna Alves Primo. – Salvador, 2014.
306 f.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

1.Bayle, Pierre, 1647-1706. 2. Ateísmo. 3.Experiência. 4. Virtudes. I. Santos, Antônio Carlos dos Santos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.
CDD: 194

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO

O ATEÍSMO VIRTUOSO: EXPERIÊNCIA E MORAL EM PIERRE BAYLE

Tese apresentada ao programa de Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de Doutor, sob a orientação do prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos.

_____

Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos (UFS – Universidade Federal de Sergipe)

_____

Prof. Dr. Mauro Castelo Branco de Moura (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

_____

Prof.ª. Drª. Maria Cecília Pedreira de Almeida (UnB – Universidade de Brasília)

_____

Profª. Drª. Maria Isabel Limongi (UFPR – Universidade Federal do Paraná)

_____

Prof. Dr. Genildo Ferreira da Silva (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Salvador
2014

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer profundamente:

À Universidade Federal da Bahia.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Ao meu orientador, professor Antônio Carlos dos Santos, pela estima, paciência, confiança e dedicação à minha tese.

Aos professores Genildo Ferreira da Silva e Maria das Graças Souza, pelos apontamentos e críticas na qualificação da tese.

Ao professor Hubert Bost, pela recepção na École Pratique des Hautes Études em Paris, por permitir participar de seu curso e pelos valiosos textos sobre Bayle.

À FAPESB, por me conceder a bolsa de doutorado, sem a qual este trabalho não teria sido concretizado.

À CAPES, por me conceder a bolsa de doutorado-sanduíche no exterior, igualmente de fundamental importância para a minha pesquisa.

À Gildaris Ferreira Pandim e a Demian Henriques, pela revisão dos resumos em francês e inglês, respectivamente.

À Carol, à Liza, à Amélie, à Isabel e à Kátia, pelos belos e inesquecíveis momentos em Paris e pelo incentivo ao meu trabalho.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e nunca deixarão de me apoiar em minhas escolhas.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, participaram do processo de elaboração do presente trabalho.

Não há nada mais fácil do que encontrar na história alguns celerados, os quais as ações abomináveis fazem quase tremer os leitores: entretanto, eram pessoas cuja impiedade & as blasfêmias são uma prova de que elas acreditavam na divindade.

Pierre Bayle, *Esclarecimento sobre os ateus*.

É verdade que se a virtude consiste, por acaso, em uma vergonhosa renúncia à razão, em um fanatismo destrutivo e em algumas práticas inúteis, o ateu não pode ser considerado virtuoso. Porém, se a virtude consiste em fazer à sociedade todo o bem do qual se é capaz, o ateu pode aspirar a isso.

Barão de Holbach, *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral*.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é a reflexão sobre a relação positiva erigida por Pierre Bayle entre ateísmo e virtude, no qual interrogamos sobre os supostos laços indissolúveis entre sociedade e religião, sobre as bases da crença, as práticas religiosas no decorrer da história e o valor da opinião coletiva, consistindo em mostrar o papel da experiência nos *Pensées diverses sur la comète*, na *Continuation des Pensées diverses* e na *Réponse aux questions d'un provincial*, obras nas quais o arsenal crítico de Bayle ampara-se no recurso à história, indo de encontro à tradicional depreciação da imagem dos ateus no decorrer dos tempos. O filósofo de Carla recorre à experiência para constatar que o conhecimento de um deus e bons costumes nem sempre teve uma correlação necessária, à medida que o temor ou adoração a uma divindade está longe de corrigir a corrupção natural do homem passando em revista toda e qualquer asserção de caráter dogmático e enviesado, características da idolatria e da superstição; no segundo, trato da indagação feita por Bayle se, em todos os tempos e lugares, a ideia de deus esteve presente entre os homens e se esta ideia é inata no homem, inviabilizando a possibilidade da existência um ateísmo especulativo; e no terceiro capítulo, abordarei quando Bayle vai citar ateus especulativos antigos e modernos que, a despeito de suas convicções filosóficas, nunca deixaram de agir virtuosamente e de acordo com os deveres morais. Nesse sentido, nosso trabalho mostra um outro Bayle: o que jamais deixou de recorrer à experiência para desmistificar determinadas opiniões que se propagaram ao longo dos tempos, como por exemplo, a clássica associação entre ateísmo e degeneração dos costumes.

PALAVRAS-CHAVE: Bayle, ateísmo, experiência, virtude.

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est la réflexion sur la relation positive érigée par Pierre Bayle entre l'athéisme et la vertu, dans lequel nous nous interrogeons sur les liens indissolubles supposés entre société et religion, la base de la croyance, les pratiques religieuses à travers l'histoire et la valeur de opinion collective, en montrant le rôle de l'expérience dans les oeuvres *Pensées Diverses sur la comète*, *Continuation des Pensées Diverses* et *Réponse aux questions d'un provincial*, dont l'arsenal critique Bayle fait appel à l'histoire, en s'opposant à traditionnelle dépréciation de l'image des athées à travers les temps. Le philosophe de Carla se sert de l'expérience afin de prouver que la connaissance d'un dieu et de la morale n'a pas toujours eu une corrélation nécessaire, une fois que la peur ou le culte d'une divinité est loin de corriger la corruption naturelle de l'homme, en passant en revue toute affirmation de caractère oblique et dogmatique, caractéristiques de l'idolâtrie et de la superstition. Après, je me penche sur l'interrogation traite de la demande faite par Bayle si, à travers les temps et les lieux, l'idée de dieu était présente parmi les hommes et si cette idée est innée chez l'homme, ce qui excluirait la possibilité d'existence d'un athéisme spéculatif. Et enfin je traite de l'étude de Bayle à propos des athées spéculatives anciens et modernes qui, en dépit de leurs convictions philosophiques, ils n'ont jamais laissé d'agir vertueusement et selon les devoirs moraux. Dans ce sens, nôtre recherche montre une autre Bayle: ce qui n'a jamais cessé de recourir à l'expérience pour démystifier certaines opinions qui se sont propagées à travers les âges, comme l'association classique entre l'athéisme et la dégénérescence des mœurs.

MOTS-CLÉS: Bayle, athéisme, expérience, vertu.

ABSTRACT

The objective of this research is to reflect on the positive relationship erected by Pierre Bayle between atheism and virtue, wondering about the supposed indissoluble ties between society and religion, on the basis of belief, religious practices throughout history and the value of opinion collective, showing the role of experience in the *Pensées diverses sur la comète*, in the *Continuation des Pensées diverses* and *Réponse aux questions d'un provincial*, works in which the critical arsenal Bayle bolsters on the use of history, goes in depreciation against the traditional image of atheists throughout the ages. The philosopher of Carla uses the experience to realize that the knowledge of a god and morality did not always have a necessary correlation, as fear or worship of a deity is far from correcting the natural corruption of man, when he goes in review every dogmatic assertion and skewed character traits of idolatry and superstition. After, I tract of inquiries made by Bayle is, in all times and places, the idea of God was present among men and if this idea is innate in man, precluding the possibility that a speculative atheism; and finally, I will discuss when Bayle will quote ancient and modern speculative atheists who, despite their philosophical beliefs, never left to act virtuously and according to moral duties.. In this sense, our research shows another Bayle: what never ceased to resort to experience to demystify certain opinions that have spread throughout the ages, such as the classic association between atheism and degeneracy of manners.

KEYWORDS: Bayle, atheism, experience, virtue.

ABREVIATURAS

APD – Addition aux pensées diverses sur la comète. (*OD* III)

AR – Avis important aux refugiés sur leur prochain retour en France. (*OD* II)

Cours - (*OD* IV)

CPh – Commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ "Contrains-les d'entrer". (*OD* II; 1992 [Éd J.-M. Gros.])

CPD – Continuation des pensées diverses sur la comète. (*OD* III)

DHC – Dictionnaire Historique et critique. (1740, 4 vols., versão fac-símile disponível em http://artfl-project.uchicago.edu/node/74.)

EMT – Entretiens de Maxime et de Themiste. (*OD* IV)

ESA – Eclaircissment sur les athées. (Paris: Honoré Champion, 2010.)

OD – Oeuvres diverses. (Paris: Hachette/Bnf, 2012, 4 vols.)

PD – Pensées diverses sur la comète. (*OD* III; 2007 [Éd. Hubert et Joyce Bost.])

PDC – Projet d'un dictionnaire critique. (Genève: Slatkine, 1969.)

RQP – Réponse aux questions d'un provincial. (*OD* III)

SCPh – Supplément du commentaire philosophique. (*OD* II; 2002 [Éd. Zarka *et alli*.])

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 11

CAPÍTULO PRIMEIRO - A CRÍTICA BAYLEANA À IDOLATRIA E À SUPERSTIÇÃO 31

1.1 – Filosofia *versus* opinião 34

1.2 – História e crítica 58

1.3 – O papel da experiência..... 68

1.4 – A crítica à idolatria 78

1.5 – A crítica à superstição 87

CAPÍTULO SEGUNDO - O PARADOXO DO ATEU VIRTUOSO 111

2.1 – As imagens do ateísmo: o problema do *consensus universalis* 112

2.2 – Os povos ateus e a questão da existência de um deus 122

2.3 – A questão do ateísmo especulativo 144

2.4 – A moral natural 172

2.5 – Ateísmo e virtude: falso paradoxo? 179

CAPÍTULO TERCEIRO – ATEÍSMO E MORAL: OS EXEMPLOS DE BAYLE 199

3.1 - Diágoras de Melos 201

3.2 – Epicuro 209

3.3 – Giulio Cesare Vanini 229

3.4 – Baruch de Espinosa 250

CONCLUSÃO 273

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 288

ANEXO 299

INTRODUÇÃO

Seria possível estabelecer um estudo sobre os possíveis "ateísmos" com os quais o pensamento de Pierre Bayle flerta: por exemplo, com um *ateísmo cético*, de acordo com Paganini (2009); um *ateísmo metodológico* (DELPLA, 2003) ver o filósofo de Carla como o inaugurador de categorias como a do *ateu de sistema* ou *especulativo* e a do *ateu virtuoso* (CHAUÍ, 2009); um *ateísmo estratociniano*, à moda dos antigos (MORI, 1996) ou questionar se "todos os caminhos da reflexão filosófica de Bayle levam ao ateísmo." (*Id*., 1999, p. 189), em outras palavras, múltiplas imagens "ateias" do autor que proporcionaram diversas leituras. Nesse sentido, o objetivo geral da tese limitar-se-á às obras que tratam da relação positiva erigida entre ateísmo e virtude, como os *Pensées diverses sur la comète* (1682), a *Réponse aux questions d'un provincial* (1703) e a *Continuation des Pensées diverses* (1704), obras nas quais o arsenal crítico de Bayle se traduz em uma investigação da superstição, interrogação sobre os supostos laços indissolúveis entre sociedade e religião, crítica do inatismo da ideia de um deus em todos os homens, indagação sobre as bases da crença, sobre as práticas religiosas no decorrer da história e o valor da opinião coletiva. O medo de maus presságios proporcionado pela passagem de cometas foi mais um pretexto do que propriamente um motivo para Pierre Bayle redigir seus *Pensées diverses*, uma vez que o filósofo atacará com firmeza toda sorte de superstições, bruxarias, adivinhações e presságios no decorrer da obra. Nesse sentido, de uma crítica contundente à superstição, o filósofo de Carla faz com que a questão do ateísmo entre realmente a sério no pensamento moderno, empreendendo a sua tarefa subterrânea de corrosão na esfera da religião e da transcendência[1].

Circunscrevendo o âmbito no qual o ateísmo pode ser compreendido, a saber, na esfera dos costumes, convenções religiosas, políticas e teológicas, e até mesmo no

[1]Ver a metáfora do próprio Bayle do poder corrosivo da razão, no verbete "Acosta", nota G, do *Dictionnaire*. Segundo Delpla e Robert, "a metáfora médica e biológica das partículas corrosivas exprime esta ambivalência da razão aos olhos de Bayle: antes de tudo, ele reconhece nela uma função terapêutica, a de um instrumento crítico indispensável à busca da verdade, recusando todo argumento de autoridade, todo preconceito, toda solução de complacência, escrutando e dissecando cada argumento de uma demonstração." DELPLA, I. e DE ROBERT, P. "Introduction", in: DELPLA, Isabelle, ROBERT, Philippe de. *La raison corrosive: études sur la pensée critique de Pierre Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2003.

campo dos temperamentos e caracteres, os *Pensamentos diversos* de Bayle mostram seu pioneirismo e originalidade, à medida que é erigido sob a pena do filósofo o vínculo entre ateísmo e virtude, entendendo aqui ateísmo sob um enfoque de caráter prático, ou seja, em relação à atitude daqueles que vivem como se um deus não existisse, minimizando o valor de sua eficácia sobre a conduta humana. Porém, tal postura não é menos dotada de virtude, uma vez que se entenda tal termo como uma perpétua disposição para cumprir determinados atos morais e tendo como objeto os atos da vida prática, como por exemplo, justiça, honestidade, coragem, amizade, entre outros. De tais definições, surge no horizonte a figura do *ateu virtuoso* em meados do século XVII, ou seja, aquele que estabelecendo uma relação imediata entre razão e virtude, não crendo em uma providência nem na imortalidade da alma, tampouco em recompensas *post-mortem*, deposita sua confiança nas próprias leis que promulgou, e fazendo das mesmas a única condição para viver e para a sua felicidade. Daí derivam duas conclusões cabais: primeiramente, a moral natural é absolutamente suficiente para assumir a virtude e a vida social; a outra, decorrente da primeira, é que o ateísmo não é prejudicial à vida civil. Tal concepção tem como marco inicial a reflexão sobre a passagem de um cometa em 1680 na França, por meio da qual o pensador francês presencia todo o temor supersticioso decorrente de tal episódio, o qual ensejou duas graves consequências: 1º) a crença de que os cometas são avisos dos deuses, sendo vistos como um milagre que ocorrera para os pecadores terem tempo de expiarem seu pecados; 2º) dessa opinião que os cometas eram signos divinos, surgiu o consenso quase que unânime que a ocorrência desse fenômeno natural supostamente seria o aval divino para que se instaurasse a idolatria entre os homens com o objetivo de se erradicar o ateísmo. Todavia, Bayle contesta essa hipótese, entendendo que essa opinião é somente fruto de imaginações quiméricas, típicas de pessoas religiosas, as quais carecem, e até mesmo repudiam um exame mais acurado das manifestações da natureza. Com o intuito de buscar uma explicação da crença nos cometas como signos de mau agouro, cuja causa natural é ignorada pelos mais ortodoxos, uma vez sempre tendem a associar tal causa a uma origem divina, o filósofo de Carla investiga se tal confusão entre natureza e divindade possui algum sentido:

> Seria supérfluo refutar em particular o preconceito da tradição, pois é tão visível que, se a prevenção que vemos de tempos imemoriais sobre o episódio dos cometas pode ter algum fundamento legítimo, consiste inteiramente no testemunho que os Historiadores e os outros livros forneceram sobre isso em todos os séculos. (2007, p. 72; *OD*

III[*PD*], 12*a*).[2]

Desde os tempos mais remotos, a opinião de que os cometas são avisos divinos é disseminada pelos escritos de historiadores, poetas e astrólogos. Em contrapartida, o que Bayle indaga é a legitimidade de tais opiniões. A projeção de preconceitos particulares na análise dos fatos históricos inviabiliza a possibilidade de uma reflexão filosófica sobre o fundamento de uma relação de causa e efeito entre a ocorrência de um fenômeno natural e um efeito funesto em decorrência de tal acontecimento.[3] Mesmo apoiada pelo contingente majoritário dos sufrágios, mas ao mesmo tempo baseando-se em julgamentos arbitrários, "uma tradição fortalecida pelo seu testemunho, não estará isenta de falsidade".[4] (2007, p. 137; *OD* III[*PD*], p. 35*a*).[5] Nesse sentido, Bayle se opõe aos detratores do ateísmo sob dois pontos: primeiramente, apoiando-se nos fatos históricos, os quais mostram que religião e virtude não têm correlação necessária alguma, uma vez que aconteceram tantos crimes religiosos no curso da história; e em segundo lugar, é a própria filosofia que terá um papel de fundamental importância, servindo de instrumento crítico e imparcial, sempre tendo como fim último dissipar a névoa de preconceito que sempre pairou – e parece estar estagnada – sobre a questão do ateísmo.

No primeiro capítulo da tese se configura o primeiro objetivo específico aqui proposto: mostrar à luz da crítica da idolatria e da superstição, desde os *Pensées diverses sur la comète* até a *Réponse aux questions d'un provincial* (1703) e a *Continuation des Pensées diverses* (1704), o papel da *experiência* em tais obras. Mas,

---

[2] "[...] il serait superflu de réftuer en particulier le préjugé de la tradiiton; car il est visible que, si la prévention ou l'in est de temps immémorial sur le chapitre des cometes peut avoir quelque fondement legitime, il consiste tout entier dans le témoignage que les histoires et les autres livres ont rendu sur cela dans tous les siècles."

[3]Para Isabelle Delpla, "a idolatria é um fenômeno projetivo e essencialista, derivado de uma confusão entre natureza e espírito. O princípio geral da idolatria consiste em uma projeção de nós mesmos, de nossas idéias, de nossas paixões e interesses no que cremos ser uma ordem das coisas [...]". DELPLA, "Le parallele entre idolâtrie et athéisme". In: _____, DE ROBERT, Philippe. *Op.cit*., p. 152.

[4] "[...] une tradition fortifiée de leur témoignage n'est pas pour cela exempte de fausseté."

[5]A obstinação em crer na existência de uma divindade suprema, reguladora do curso da natureza manifesta a obstinação em não querer examinar imparcialmente a possibilidade de um "ateísmo sincero", mencionado por Labrousse: "Bayle combate com afinco uma primeira posição que consiste em descartar *a priori* a possibilidade de um ateísmo sincero. Ao seu ver, o fato de que existiram homens que ignoraram ou negaram qualquer forma de Providência é solidamente estabelecido pelo exame imparcial dos documentos que dispomos [...] Se alguns teólogos se obstinam tanto em negar a possibilidade do ateísmo, é que essa negação é solidária da demonstração da existência de Deus pelo *consensus* universal ao qual se prendem obstinadamente." LABROUSSE, Elisabeth. *Pierre Bayle: hétérodoxie et rigorisme*. Paris: Albin Michel, 1996, pp. 104-5.

para o próprio Bayle, o que é a experiência? É tudo que está oposto a lugares comuns, tudo que repudia a "pluralidade das vozes".[6] Experiência é tudo que esteja ligado à prática[7], a exemplos[8], fatos[9], razões *a posteriori*[10], configurando-se como uma "maneira de refutar que confunde todas as razões" (*OD* III[*APD*], p.179*b*)[11]. Muitos estudos sobre Bayle deram mais ênfase ao aspecto propriamente cético de cunho fideísta na filosofia do pensador francês, isto é, um ceticismo que levando a razão ao seu limite, constataria seus limites no que concerne aos domínios que a ultrapassam, como por exemplo, assuntos de fé.[12] Contudo, à luz das obras de Bayle acima mencionadas, o filósofo entende que é necessário recorrer ao "tribunal da experiência" (2007, p. 115; *OD* III[*PD*], p. 27*a*) para desmistificar determinadas opiniões que se propagaram ao longo dos tempos, passando de geração a geração, como por exemplo, a clássica associação entre ateísmo e degeneração dos costumes. O filósofo de Carla assevera que não é

---

[6] Cf. *PD*, parágrafos §§47-48 e *CPD*, IV, XI, XII, e LXXIX.

[7] No parágrafo CLIII, da *CPD*, Bayle respondendo às nove ríspidas observações aos seus *Pensées diverses* feitas por um membro da Sociedade Real inglesa, Mr. Harris, associa a experiência à prática: "I. Minha resposta à primeira dessas nove observações é que para mostrar que o Ateísmo não conduz necessariamente aos maus costumes, não há de modo algum prova mais curta nem suficiente do que as que me servi, porque é uma prova fundada sobre a *experiência* ou sobre a *prática*." (p. 778, grifos meus.)

[8] Cf. o parágrafo §46 dos *PD*, intitulado "Exemplos de algumas opiniões gerais que são falsas", no qual Bayle diz "O que se tem o costume de dizer de certos remédios, que é preciso ter fé se querem que eles façam efeito, se pode aplicar à quantidade de tradições. Vós não quereis ser desenganado? Credes sem examiná-los, porque se vós vos distrairdes em esclarecê-los por si mesmo com um espírito difícil, logo verás que a *experiência* não concorda com a voz pública."["Ce qu'on a coutume de dire de certains remedes, qu'il faut y avoir de la foi si l'on veut qu'ils fassent leur effet, se peut appliquer à quantité de traditions. Voulez-vous n'en être pas désabusé? Croyez-les sans les examiner, car si vous vous amusez à vous en éclaircir par vous-même avec un esprit difficile, vous trouverez bientôt que *l'expérience* ne s'accorde pas avec la voix publique." (2007, pp. 134-35, grifo meu). Cf. também *CPD*, LXXIX, p. 402.

[9] *CPD*, LXXIX. Cf. também na mesma obra o parágrafo VI e *PD*, §89 e §91.

[10] No último parágrafo dos *PD*, Bayle, mais uma vez enumerando as razões pelas quais ele provou que cometas jamais poderão ser sinais de mau agouro, precisamente na segunda e na terceira ele afirma: "2) Porque não há nenhuma razão *a priori*, como falam os filósofos, que prova que os cometas tenham a virtude de produzir fisicamente a fome, a mortalidade ou alguma coisa parecida; 3) Porque é falso que possa provar por *razões a posteriori*, isto é, por razões tiradas da *experiência*." [" 2) Parce qu'il n'y a aucune raison *a priori*, comme parlent les philosophes, qui prouve que les comètes aient la vertu de produire physiquement la famine, la mortalité ou quelque chose semblable. 3) Parce qu'il est faux qu'on le puísse prouver par des raisons *a posteriori*, c'est-à-dire par des raisons tirées de *l'expérience*."] (2007, p. 510, grifos meus).

[11] "[...] manière de réfuter qui confond toutes les raisons."

[12] Para ver mais a respeito, cito o trabalho de Popkin, *The History of Scepticism: de Savonarola to Bayle* (Oxford University Express, 2003), um artigo de Antony Mckenna, "Port-Royal et le scepticisme: histoire d'un détournement" e o artigo de Thomas Lennon, "Did Bayle read Saint-Evremond?"(2002).E para uma discussão mais detalhada acerca do ceticismo de Bayle, ver os artigos de José Raimundo Maia Neto, "O ceticismo de Bayle", in: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, pp. 77-88, "Seria Huet o modelo de abade filosófico da nota B do verbete *Pirro*?" In: *KRITERION*, Belo Horizonte: UFMG, 2009, pp. 349-362; e o artigo de Thomas Lennon, "What kind of a skeptic was Bayle?" (*Midwest Sudies in Philosophy*, XVII, 2002, pp. 258-279). Ver também Gianni Paganini, *Analisi della fede e critica della ragione nella filosofia de Pierre Bayle*. Firenze: La nuova Itlalia Editrice, 1980. Ver também KORS, Alan Charles. "Skeptcism and the problem of atheism in Early-Modern France", in: POPKIN, Richard H./VANDERJAGT, Arjo. *Skepticism and irreligion in the seventeenth and eighteenth centuries*. Leiden/New York/Köln: E.J. Brill, 1993.

possível discutir sobre a autoridade da experiência, mas investigar se a mesma favorece ou desfavorece seus opositores e nisso, em relação aos mesmos, o filósofo é categórico, pois "*pretendo mostrar que ela nada faz por vós*" e "assim que ele põe seus adversários fora dos eixos, e é o que se chama abatê-los até sobre seu próprio estrume." (*Id. Ibid*., p. 5; *Id. Ibid*., p. 48; *OD* III[*PD*],p. 4*b*, itálicos de Bayle.)[13]

Quanto ao segundo objetivo específico, tentarei mostrar a experiência nos *Pensées Diverses*, na *Réponse* e na *Continuation* é, ao mesmo tempo, o denominador comum e o fio condutor para mostrar que o conhecimento de um deus e bons costumes nem sempre teve uma correlação necessária. Abstrações metafísicas ou a ideia do que seja agir virtuosamente não encontram respaldo algum em termos práticos: "Tudo isso é belo e bom de dizer, quando as coisas são vistas em sua ideia e quando se faz abstrações metafísicas. Mas o mal é que isso não se encontra conforme à *experiência*." (2007, p. 290; *OD* III[*PD*], p.87*a*, grifo meu.)[14] Segundo Bayle, o temor ou adoração a uma divindade está bem longe de corrigir a corrupção natural do homem. As sucessivas superstições dos cultos religiosos, em vez de apaziguar os instintos mais vis tiveram efeito reverso, aflorando-os ainda mais. A conservação na memória dos homens das punições em relação aos sacrilégios contra os deuses, o falseamento dos fatos históricos visando a aterrorizar os incrédulos, todas as fantasiosas descrições de infernos e paraísos: tudo isso para o filósofo de Carla em nada impediu o surgimento de inúmeros e falsos testemunhos, tanto como não impediu que se destruíssem templos religiosos, uma vez que a devoção dos crentes não os compensasse de alguma forma. (2007, p. 309; *OD* III[*PD*], p. 95*ab*.) Nesse quadro de incoerência entre crenças religiosas e boas ações, Bayle vê que o homem incorre em pecado, a despeito de seu temor do inferno ou remorsos na consciência. Sendo assim, o filósofo arremata: opor-se à constatação da descontinuidade entre o que se crê e o que se pratica é se valer de pensamentos metafísicos contra uma verdade factual, histórica, empírica:

> Se bem que disputar contra o que sustento, não é outra coisa que opor raciocínios metafísicos a uma verdade de fato, como o filósofo que queria

[13]"[...] *je prétends qu'elle ne fait point pour vous*. C'est ainsi qu'il met ses adversaires hors des gonds, et c'est ce qu'on appelle battre les gens sur leur propre fumier." Ver mais precisamente os parágrafos §24, §28, §33, §45, §46, §49, §134 e §145 dos *PD*, nos quais o filósofo enfatiza com clareza a necessidade de se recorrer à experiência para chegar à *jugulum causae* de qualquer discussão de caráter científico histórico, filosófico, político, religioso, teológico e moral.

[14]"Tout cela est beau et bon à dire quand on regarde les choses dans leur idée et qu'on fait des abstractions métaphysiques. Mais le mal est que cela ne se trouve pas conforme à expérience."

> provar que não há movimento [...] porque nada é mais próprio para se convencer um homem honesto que raciocina sobre falsas hipóteses, que lhe mostrar que ele combate contra a *experiência*. (*PD*, 2007, p.310; *OD* III[*PD*], p. 95*b*, grifo meu).[15]

Nas palavras de Bayle, argumentos metafísicos com o intuito de desqualificar o ateísmo ficam destituídos de sentido perante a experiência. O método empregado, a saber, o método *histórico-crítico*, com o objetivo de avaliar imparcialmente os prós e os contra tanto da idolatria como do ateísmo recorrendo aos próprios fatos, tira toda a autoridade de sistemas filosóficos mais preocupados e limitados em provas lógicas da existência de um deus.[16] Desse modo, caem no erro os que ainda sustentam, recorrendo à história, que é permitido cometer toda espécie de crimes uma vez que crê em uma determinada religião, acreditando que uma divindade puna o pecado e premie as boas obras. A suposta prova de que idolatria e moral são coexistentes, não passa de mera persuasão. Para Bayle, dessa maneira "é mal raciocinar concluir que um homem sendo idólatra, viva melhor do que um ateu." (2007, p. 311; *OD* III[*PD*], p. 93*b*.)[17]

Entretanto, do recurso à experiência tão exigido por Bayle para desmistificar os impropérios lançados por seus opositores à figura do ateu virtuoso, surge um impasse: na própria história não há um único registro sequer acerca de uma sociedade propriamente formada somente por ateus, com leis e costumes estabelecidos. O filósofo

---

[15] "Si bien que disputer contre ce que je soutiens n'est autre chose qu'opposer des raisonnements métaphysiques à une vérité de fait, comme ce philosophe qui voulait prouver qu'il n y a point de mouvement. [...] car rien n'est plus propre à convaincre un honnête home qu'il raisonne sur de fausses hypotheses que de lui montrer qu'il combat contre l'expérience."

[16] O desapreço a explicações metafísicas dos fatos históricos, aliado à desmistificação do signo do ateísmo é decorrente do "imperativo" designado por Gianluca Mori em relação à busca de contradições em sistemas filosóficos, típica do pensamento de Bayle. Tal questão é relevante, pois se reporta ao estatuto filosófico mesmo da crítica de Bayle. Isto é, se Filosofia e metafísica não forem sinônimos, a "filosofia significa para Bayle – e não só para ele – exame dos argumentos, análise do discurso, esclarecimento lógico da relação entre premissas e conclusões" MORI, G. "Interpréter la philosophie de Bayle" In: BOST, H.; DE ROBERT, P. *Pierre Bayle, citoyen du monde. Actes du colloque du Carla-Bayle (13-15 septembre 1996*). Paris: Honoré Champion, 1999, p. 313. Igualmente pertinente é a distinção percebida pelo comentador entre os ateísmos examinados por Bayle, ou seja, o filósofo francês se debruça sobre um "ateísmo racional" alicerçado em leis eternas e absolutas, e não sobre um suposto "ateísmo cético", contrário à moral e a axiomas físicos e lógicos: "A universalidade das leis morais, lógicas físicas e metafísicas é um outro ponto fixo de seu pensamento que, a esse respeito, resiste à toda tentação cética, se bem que o ateísmo que Bayle examina é um ateísmo racionalista, fundado sobre a existência de leis eternas e absolutas, e não um ateísmo cético que negaria a existência de certos axiomas morais, físicos e lógicos. (*Id. Ibid.*, pp. 314-5.)

[17] " [...] c'est mal raisonner que de conclure de ce qu'un homme est idolatre qu'il vit moralement mieux qu'un athée."

diz:

> Eu afirmei antes. Não existem Anais que nos mostrem os hábitos e costumes de uma Nação mergulhada no Ateísmo. Assim, não podemos refutar pela experiência a conjectura que antes fizemos a esse respeito, a saber, que os Ateus não são capazes de nenhuma virtude moral, e que são bestas ferozes entre as quais mais há a temer pela vida do que entre tigres e leões. (2007, p. 311; *OD* III[*PD*], pp.95*b*-96*a*).[18]

Bayle evoca a experiência para mostrar todas as incoerências nos princípios idólatras, mas o filósofo francês não pode se valer para confirmar a existência na história de uma sociedade de ateus propriamente dita, isto é, com leis e costumes estabelecidos. Tal dificuldade Bayle entrevê, assumindo que só se pode conceber essa sociedade no plano hipotético, o que, à primeira vista, poderia ser uma limitação de sua argumentação a favor da simetria entre ateísmo e virtude.

Todavia, aqui se desenha a hipótese da tese: tentaremos demonstrar que na obra inaugural de Bayle até as suas obras ditas tardias há uma continuidade teórica sobre o tema do ateísmo, com a retomada de algumas teses já apresentadas nos *Pensées diverses* com mais vigor e coerência, pois se faz necessário refutar os argumentos de seus opositores "por testemunhos de fato. As verossimilhanças mais plausíveis degeneram-se em visões e ilusões desde que se encontrem desmentidas pela experiência."(*OD* III[*CPD*], p. 395*b*.)[19] Dessa forma, é mister a reflexão acerca das nuances argumentativas de Bayle, tentando apontar em que momentos o autor radicaliza a problemática do ateísmo virtuoso, indicar quais os pontos nevrálgicos que unem seus textos mais maduros com as reflexões em sua obra inaugural e mostrar quais os limites de seus opositores no que concerne à relação entre ateísmo e moralidade. Dessa forma, o objeto de estudo aqui é ver até qual ponto a associação entre ateísmo e virtude proposta por Bayle se sustenta, o problema delimita-se encerrando diversos aspectos, questões e tentativas de respostas: 1) em que bases filosóficas e factuais Bayle erige a

[18] "Je l'ai dit: il n'y a point d'annales qui nous apprennent les moeurs et le coutumes d'une nation plongée dans l'athéisme. Ainsi on ne peut pas refuter par l'expérience la conjecture que l'on fait d'abord sur ce sujet-là, savoir que les athées ne sont capable d'aucune vertu morale, et que ce sont des bêtes féroces parmi lesquelles il y a plus à craindre pour sa vie que parmi les tigres et les lions."

[19] "[...] par des témoignages de fait. Les vraisemblances les plus plausibles degénerent en visions & en ilusions dès qu'elles se trouvent démenties par l'expérience."] Segundo Gianluca Mori, é o que nos faz interrogar se "os fundamentos filosóficos de uma moral ateia não estavam já presentes na produção do jovem Bayle."(1999, p. 192)

imagem do ateu virtuoso?; 2) a impossibilidade afirmada pelo filósofo de Carla, nos *Pensées diverses sur la comète,* de uma prova histórica da existência de uma sociedade de ateus propriamente dita é mesmo a sua última resposta e, consequentemente, a falibilidade de sua argumentação? E a questão dos "peuplades athées" na *Continuation des Pensées Diverses* e na *Réponse aux quéstions d'un provincial*? Não satisfaria em parte a experiência exigida para uma sólida prova da existência de ateus ou que, ao menos, a crença em deuses está longe de ser unanimidade entre os homens? 3) E quanto aos exemplos individuais de ateus virtuosos da Antiguidade e da Modernidade citados por Bayle? Não seria uma tentativa de dar mais solidez às suas teses?

Uma primeira hipótese de trabalho não levada em conta pela maioria dos comentadores do filósofo[20], ou uma resposta possível à dificuldade se provar *ipso facto* a existência de sociedades ateias na história seria a utilização por Bayle dos relatos de viagens publicados no século XVII, que justamente mostravam que nem uma sociedade, tampouco alguma religião seriam fatores indispensáveis para a conservação do gênero humano.[21] Esta será a temática do segundo capítulo da tese: mesmo se tendo em conta o problema do grau de veracidade desse tipo de literatura e se tais relatos não eram compêndios, tratados ou Anais históricos de fôlego, pelo menos eram registros factuais, olhares mais de perto sobre os povos que ignoravam qualquer divindade. Na *Continuation des Pensées diverses*, Bayle mostra, amparando-se nos relatos acima mencionados, que uma sociedade e uma religião são deveras inúteis[22]:

> Pela primeira das duas suposições, pretendeis que, se aos homens não fosse conveniente viverem juntos sob certas leis e sob certos mestres, e fazerem tratados de aliança com seus vizinhos, eles estariam sempre em guerra, e não cessariam de se destruírem uns aos outros até que nada mais restasse para pilhar e matar. Esta pretensão é refutada pela *experiência*, logo sendo mal fundada. Existiram nações que subsistiram sem leis, sem magistrados, sem nenhuma forma de governo. Os Aborígenes na Itália, os Gétulos e os Líbios na África se mantiveram assim durante muitos séculos. [...] A ruína da vossa primeira suposição encerra por si a ruína da segunda. Para fazer-vos melhor compreender, advirto-vos que entre esses povos, que não tinham nenhuma

[20]Com exceção do texto de Isabelle Delpla, "Bayle: pensées diverses sur l'athéisme ou le paradoxe de l'athée citoyen", in: *Figures du théologico-politique*. Paris: J. Vrin, 1999, pp. 117-147. Mas a autora não se detém muito sobre a questão.Ver também Mori, mas ele também trata *en passant* a respeito (1999, pp. 214-215.)

[21]Bayle cita na *Continuation des Pensées diverses* a *Histoire de la Nouvelle-France* de Lescarbot, publicada em 1609, cita também a *Nouvelle description des pays africains* de Dapper, publicada em 1688, e a obra do jesuíta Charles le Gobien, *Histoire des îles Mariannes*, publicada em 1700. Ver o livro de Joy Charnley, *Pierre Bayle: Reader of travel literature.* Bern: Peter Lang, 1998.

[22] E o título do tópico é bem sugestivo: *Se as sociedades são absolutamente necessárias para conservar o gênero humano, e se uma religião é absolutamente necessária para conservar as sociedades.*

> forma de governo nem lei alguma, existiam ateus. [...] Logo, não há meio mais eficaz para conservar as sociedades que cada uma das famílias se contente com o que ela tem, e todas se interessem em rechaçar o inimigo comum e reprimir os perturbadores da paz pública. [...] Poderíeis dizer algo contra isto? Não é preciso que vos renuncieis à vossa segunda pretensão, que a irreligião é incompatível com as sociedades? (*OD* III[*CPD*], p.352*ab*, grifo meu)[23]

Bayle toca em um ponto fundamental: em todas as épocas as ideias de uma existência divina, da providência, da imortalidade da alma e a religião são tidas como indispensáveis para a formação, conservação e prosperidade de uma sociedade. Pela lógica da obediência, os componentes de um círculo social agem de acordo com o que o ministério dos deuses lhes sanciona, sendo o principal recurso propagar o medo dos deuses nas pessoas. E, por outro lado, encorajam os súditos a defenderem a pátria, uma vez que os magistrados reforçam seu intento com rituais em templos, diversas cerimônias, fazendo acreditar que os inimigos que quisessem violar esses redutos de devoção, seriam ameaçados por um terrível castigo advindo dos céus o qual anunciaria o presságio das vítimas.[24] Segundo Bayle, para que isso pudesse ser posto em prática, seria preciso tanto uma religião com respaldo dos magistrados como gravar no espírito dos súditos sentimentos de medo, veneração e respeito para com todos os exercícios dessa religião. Tais procedimentos teriam tão e somente como fim instigar nos homens tanto o zelo religioso como gravar em seus espíritos o mais absoluto respeito pelas suas respectivas cerimônias.[25] Mas Bayle é irônico: sendo assim, tomando todas essas

---

[23] "Par la premiére de ces deux suppositions vous prétendez que si les hommes ne convenoient pas de vivre ensemble sous certaines loix & sous certains maîtres, & de faire des traitez d'alliance avec ses voisins, ils seroient toujours en guerre, & ne cesseroient de s'entre-détruire jusques à ce qu'il ne restât rien à piller & à tuer. Cette prétention est refutée par *l'expérience*. Il y a eu des Nations qui ont subsiste sans loix, sans Magistrats, sans aucune forme de gouvernement. Les Aborigines en Italie, les Gétules & les Libyens en Afrique se sont maintenus ainsi pendant plusieurs siècles.[...] Or il n'y a point de moïen plus efficace pour conserver les Sociétez qui si chacune des familles se contente de ce qu'elle a & si toutes s'intéressent à repousser l'ennemi commun, & à réprimer les pertubateurs du repos public. [...] Que pouvez-vous dire contre cela? Ne faut-il pas que vous renonciez à votre seconde prétention, qui est que l'irreligion est incompatible avec les Sociétez?"

[24]"[...] só poderiam encorajar os Povos com mais sucesso a defenderem a Pátria com mais êxito prendendo seu coração a certas devoções praticadas em certos Templos, com cerimônias pomposas, sob a proteção mil vezes aprovada de certas Divindades, e que fazendo-lhes acreditar que os Inimigos que quisessem profanar esses lugares santos, seriam ameaçados por um terrível castigo pelos presságios das vítimas." (2007, p. 249; *OD* III[*CPD*], p. 73*a*). ["(...) et qu'on ne pouvait jamais encourager les peuples avec plus de success à la defense de la patrie qu'en attachant leur coeur à certaines dévotions pompeuses, sous la protection mille fois éprouvée de certaines divinités, et qu'en leur faisant accroire que les ennemis qui voulaient profaner ces saints lieux étaient menacés d'un châtiment terrible par les présages des victimes."]

[25]"É porque a Política queria que cuidadosamente se preparasse o que seria próprio para fomentar nos espíritos o zelo da Religião, e inspirar-lhes um profundo respeito por suas menores cerimônias." ["C'est pourquoi la politique voulait que l'on ménageât soigneusement tout ce qui serait propre à fomenter dans les esprits le zèle de la religion et à inspirer un profond respect pour ses plus petites cérémonies."] *Id. Ibid*.

medidas, o risco do surgimento do ateísmo no seio social tornar-se-ia diminuto: "Julgai, Mr., se depois disso aí teria cabimento temer que os Povos caíssem no Ateísmo." (2007, p. 250; *OD* III[*PD*], p. 73*a*.)[26]

É precisamente neste ponto que as teses de Bayle sobre o ateísmo virtuoso ganham mais força na *Continuation des Pensées diverses*. As provas requeridas agora surgirão com todo o seu vigor, com o objetivo de desestruturar na raiz as limitadas e enviesadas apreciações de um eurocentrismo empedernido, incapaz de vislumbrar o que está além de seu alcance.[27] E Bayle vai mais além, pois se ele quer mostrar a existência de um ateísmo especulativo, terá de ir ao âmago da questão: verificar se em todos os lugares e épocas da história o inatismo da ideia de um deus sempre esteve presente, à luz de sua crítica ao *consensus universalis*, examinará se todos os povos realmente consentiram se existe um deus. Ou em outros termos, verificará se o reconhecimento de uma divindade pela pluralidade das vozes é uma prova irrefutável de sua existência. Sob a pena do filósofo de Carla, os povos ateus ultrapassam o *status* de pura hipótese, e passam a ser considerados com mais seriedade, uma vez que a abundância de relatos de viagem no século XVII dá todo o amparo necessário à Bayle para poder desenvolver a sua tese, lançando mão de uma estratégia de relativização das perspectivas a respeito dos habitantes de outros continentes.[28] Entretanto, Bayle admite que é uma questão difícil e ele o diz na *Réponse aux questions d'un provincial*, respondendo a uma objeção de Jacques Bernard:

> É um sentimento muito comum que nenhuma Sociedade não poderia durar sem alguma espécie de culto divino, bom ou mau. A razão que se dá deste sentimento é que se a perversidade do homem não fosse reprimida pela

[26] "Jugez, Monsieur, si après cela il y avait lieu de craindre que les peuples tombassent dans l'athéisme."

[27] Segundo Charnley, "Como uma figura de liderança e escritor do final do século XVII, a leitura e exploração da literatura de viagem de Pierre Bayle irá fornecer indicações quanto à forma como a literatura poderia ser compreendida e usada por escritores, contribuindo não só para a soma do conhecimento disponível sobre esses países, mas igualmente para mudar mentalidades." (1998, p.31.) Ver também *PD*, §74.

[28] Cf. DELPLA, I. "Bayle- Le paradoxe de l'athée citoyen". In: CATTI ;N; JAFFRO, L.; PETIT, A.(éd.) *Figures du théologico-politique*. Paris: Vrin, 1999. Contudo, não é pelo fato de Bayle estar muito atento a esses relatos de viagens que ele vai aceitá-los acriticamente: "Esse exercício de antropologia racional visa, na intenção ao menos, a evitar as duas armadilhas que seriam a credulidade nos fatos relatados e a construção de uma antropologia *a priori* e dedutiva que seria somente a projeção de nossos preconceitos. Concernente ao primeiro ponto, Bayle exprime uma distância critique dos relatos de viagem, a qual não hesita em sublinhar as contradições quando possível, precisando que não recorre aí como fatos indiscutíveis, mas somente para introduzir a dúvida sobre o liame intrínseco entre religião e sociedade."(p. 135) Ver também RACAULT, Jean-Michel. "Voyages et utopies", in: DEMON, Jean-Charles/DELON, Michel. *Histoire de la France littéraire*: classicismes XVIIe et XVIIIe. Paris: PUF, 2006.

> apreensão de uma Providência invisível que conhece tudo e que castiga severamente os maus costumes, não teria crime que os membros de uma Sociedade não cometessem uns contra os outros. Não teria então liame destinado a juntar todos que não fosse rompido em breve. Alegueis aos que raciocinam deste modo os relatos que afirmam que foram encontrados povos ateus no Novo Mundo, eles negar-vos-ão magistralmente que isto seja verdadeiro. (*OD* III [*RQP* IV] p. 1057*a*.)[29]

De acordo com a sua própria filosofia, Bayle não tomando nenhuma posição antes de verificar suas possibilidades, em uma questão tão delicada como a da existência de povos ateus não poderia ser diferente. O conflito existente entre os relatos sobre os costumes, crenças e organização social dos habitantes de lugares recém-descobertos só mostra o quão é difícil se ater a uma opinião tradicional quanto à sua inexistência. Se Bayle não aceita de antemão os relatos favoráveis ao fato de que entre os povos selvagens que simplesmente não conheciam a noção de divindade haveria uma possibilidade rudimentar dentre eles de um *minimum* de coesão social, também não vai aceitar observações oriundas de opiniões temerárias do que sejam esses povos, já que os que negam sua existência não o comprovaram *in loco*. É por meio da dúvida que se instaura e se aprofunda o debate: se o preconceito europeu dava o tom da descrição exótica entendendo que era selvagem tudo que estava além de sua jurisdição, para Bayle bárbara seria mais a maneira de como certos autores ortodoxos tratavam a questão, perdendo-se pelas veredas de uma antropologia *a priori*, omitindo e distorcendo fatos para seu ganho de causa.[30] Se o filósofo de Carla não perde a oportunidade de ridicularizar os preconceitos proferidos por seus opositores, é porque "toda informação provém dele com o objetivo de atacar a Europa e os preconceitos europeus." (CHARNLEY, 1996, p. 12.)

---

[29] "C'est um sentiment très-commun qu'aucune Société ne pourroit être de durée sans quelque sorte de culte divin, bon ou mauvais. La raison qu'on donne de ce sentiment est, que si la méchanceté de l'homme n'étoit reprimée par l'appréhension d'une Providence invisible qui connoît tout, & qui châtie séverement les mauvaises moeurs, il n'y auroit point de crime que les membres d'une Societé ne commissent les uns contre les autres. Il n'y auroit donc point de lien destine à les attacher ensemble qui ne fût rompu bientôt. Alleguez à ceux qui raisonnent de la sorte les relations qui affirment que l'on trouvé des peuples athées dans le Nouveau Monde, ils vous nieront magistralement que cela soit vrai."

[30]Segundo Bayle, mesmo sob a hipótese de que seria vantajoso à ortodoxia que um viajante mencionasse que existiram povos que mantiveram a noção de um deus, ele faria o mesmo se tivesse encontrado povos ateus. O que está em jogo é a imparcialidade dos relatos: "Um viajante que será persuadido que é necessário ou vantajoso à ortodoxia que as nações mais ignorantes & as mais brutais tenham conservado a ideia de Deus, não fara ele um escrúpulo de inserir em seus relatos que encontrou povos Ateus?Fará ele um escrúpulo de alterar a verdade por um mentira oficiosa ou por uma fraude piedosa?"[Un voyageur qui sera persuadé qu'il est necessaire ou avantageux à l'orthodoxie, que les nations les plus ignorantes & les plus brutales ayent conservé l'idée de Dieu, ne se sera-t-il pas un scrupule d'inserer dans ses relations qu'il a trouvé des peuples Athées? Se fera-t-il un scrupule d'alterer la verité par un mensonge officieux, ou par une fraude pieuse?"[*OD*, III [*RQP* II], p. 695],

O recurso à história exigido por Bayle é a manifestação absoluta da necessidade de se provar factualmente que em determinadas nações e épocas a ideia da existência inata de um deus nos homens sempre esteve presente. Se a educação não teve parte alguma na transmissão dessa opinião, cabe a quem defende que desde o nascimento o homem já traz consigo a concepção de uma divindade, provar não por giros de retórica, mas pela experiência. A observação dos fatos históricos - analogamente à observação dos fenômenos naturais, como no exemplo do cometa de 1680, o qual em nada significou um presságio de maus acontecimentos – é a pedra de toque bayleana, desde a sua obra inicial até seus escritos posteriores, que significa que para demonstrar a certeza de uma tese sustentada é mister ir ao domínio da história, que aqui é sinônimo de experiência, uma vez os próprios fatos históricos mostram que passagens de cometas em outras épocas não significaram absolutamente nada.[31] Assim sendo, se esta é uma questão de fato, então torna-se imperativo "buscar as provas nos monumentos que nos restam dos costumes das nações."(*OD*, III[*CPD*], p. 196*a*).[32]

Nesse sentido, eis a temática do terceiro capítulo: se a ideia inata de um deus e bons costumes nem sempre tiveram uma relação necessária, Bayle pode valer-se de tal argumento para defender os exemplos individuais de ateus virtuosos. [33] Aqui se delineia a temática do terceiro capítulo da tese: a coexistência entre ateísmo e moralidade não sendo mais tão suscetível de espanto como a similaridade entre religião e vicissitude, e não mais se restringindo ao plano hipotético, o filósofo de Carla cita pensadores que sustentando a sua descrença manifestamente, nem por isso enveredaram pelo caminho da depravação:

---

[31]E é aqui que o papel da história e o dever dos que recorrem a ela se situa nos antípodas da maioria dos sufrágios, já que "é preciso que, em todas as sociedades, o que passou por tempo imemorial e pelo consentimento unânime do público como uma regra de decoro & de pudor seja um primeiro princípio contra o qual seja proibido abrir a boca."["Il faut que, dans toutes sociétez, ce qui a passé de tems immémorial & du consentiment unanime du public pour une regle de bienséance & de pudeur soit un premier principe contre lequel il soit défendu d'ouvrir la bouche."] *Éclaircissement sur les obscénités*, in: BOST, McKENNA, *op.cit.*, p. 105[*DHC*, IV, p. 656, versão fac-símile]. Ver também *PD* §§23-24 e §36 em particular.

[32] "[...] chercher les preuves dans les monumens qui nous restent des moeurs des nations."

[33] Ver propriamente artigos a respeito. MORI, "Bayle et Spinoza"(1999, pp. 155-188); FOUCAULT, D."Pierre Bayle et Vanini", In: BOST, H./DE ROBERT, P. *Pierre Bayle citoyen du monde: de l'enfant du Carla à l'auteur du Dictionnaire. Actes du Colloque du Carla-Bayle (13-15 septembre 1996)*, pp.227-241; SCHRÖDER, W. "L'athéisme comme défi pour les pionners de la liberté de penser: deux athées spéculatifs dans le Dictionnaire historique et critique", In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012, pp. 185-208; LAGRÉE, J. "Athéisme et idolâtrie dans 'l'Éclaircissement sur les athées'", in: BOST, H./McKENNA, A. *Les "Éclaircissements" de Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2010, pp. 265-297.

> Seja o que for, dir-me-ão, seria uma estranha coisa que um ateu viva virtuosamente. É um monstro que ultrapassa as forças da natureza. Eu respondo que não é mais estranho que um ateu viva virtuosamente do que seja estranho que um cristão cometa toda sorte de crimes. Se vemos todos os dias esta última espécie de monstro, por que acreditaríamos que o outro seja impossível? Mas, para dizer algo de mais forte e que não deixe nos termos de uma simples conjectura o que argumentei no que concerne a uma sociedade de ateus, observarei que o pouco de pessoas que fizeram profissão aberta de ateísmo entre os Antigos, um Diágoras, um Teodoro, um Evêmero e alguns outros, não viveram de uma maneira que tenha feito proclamar contra a libertinagem de seus costumes. Não vejo que acusam-nos de serem distintos pelos desregramentos de sua vida como pelas aberrações espantosas de sua razão. (*PD*, 2007, p. 362; *OD* III[*PD*], p.110*b*.)[34]

Note-se que a experiência nesta passagem mais uma vez é conclamada por Bayle. E agora, sob múltiplos aspectos: 1) mostra a discrepância entre ser religioso e ser virtuoso; 2) confirma o registro na Antiguidade da existência de ateus; 3) constata que nem sempre ateísmo e desregramento da razão foram sinônimos. Indo para além do âmbito da conjectura, Bayle cita o testemunho de diversos autores – desde Cícero à M. de Balzac[35] - para mostrar que um certo tipo de ateu, o que nega a existência divina, nem por isso deixa de agir moralmente, tampouco desconhece a diferença entre a justiça e a injustiça:

> Querei-vos Ateus da primeira classe? Vamos indicar, a fim de que não tenhais motivos de lamentardes que em questões de fato propõem-vos uma simples prova de raciocínio, isto é, uma consequência especulativa tirada de um fato. Dir-vos-ei então que Diágoras, que foi chamado O Ateu por excelência, ditou muitas belas leis ao Legislador de Mantinéia. Ele o fez sem ser capaz de discernir o que é justo do que é injusto? (*OD* III[*CPD*], p. 396*b*.)[36]

No caso de Diágoras, além de ter a mais perfeita noção de honestidade e retidão foi

---

[34] "Quoi qu'il en soit, me dira-t-on, ce serait une étrange chose qu'un athée qui vivrait vertueusement. C'est un monstre qui surpasse les forces de la nature. Je réponds qu'il n'est pas plus étrange qu'un athée vive vertueusement qu'il est éttrange qu'un chrétien se porte à toute sorte de crimes. Si nous voyons tous les jours cette dernière espèce de monstre, pourquoi croirons-nous que l'autre soit impossible? Mais pour dire quelque chose de plus fort et qui ne laisse pas dans les termes d'une simple conjecture ce que j'ai avance concernant les moeurs d'une société d'athées, je remarquerai que ce peu de personnes qui ont fait profesison ouverte d'athéisme parmi les Anciens, un Diagoras, un Théodore, un Évhémère et quelques autres, n'ont pas vécu d'une maniére qui ait fait crier contre le libertinage de leurs moeurs. Je ne vois pas qu'on les accuse de s'être distingués par les dérèglements de leur vie aussi bien que par les égarements épouvantables de leur raison."

[35] *PD*, §174.

[36] "Vous-voulez des Athées de la première classe? On vous en indiquera, afin que vous n'aiez point sujet de vous pliandre, que dans des questions de fait on vous propose une simple preuve de raisonnement c'est-à-dire, une conséquence spéculative tirée d'un fait. Je vous dirai donc que Diagoras qui fut surnommé l'Athée par excellence, dicta de três-belles loix au Legislateur de Mantinée. Le fit-il sans être capable de discerner ce qui est juste d'avec ce qui est injuste?"

capaz de propor sensatas leis às autoridades políticas de sua época. Nesse sentido, se Diágoras na Antiguidade era o ateu par *excellence* no plano especulativo, suas convicções teóricas em nada impediram de ser um de conselheiro político, preocupado unicamente com questões importantes para os cidadãos.

O segundo exemplo dentre os antigos que Bayle cita é o de Epicuro[37]. Este sendo um filósofo que manifestamente negava tanto a providência como a imortalidade da alma, está no panteão dos autores que levaram uma vida exemplar, isenta de vícios:

> Epicuro, que negava a providência e a imortalidade da alma, é um dos antigos filósofos que viveu mais exemplarmente; e, ainda que sua seita tenha sido denegrida posteriormente, entretanto, é certo que ela foi composta por uma quantidade de pessoas de honra e probidade, e que aqueles que a desonraram por seus vícios não eram tornados viciosos nesta escola. Eram pessoas debochadas por hábito e por temperamento, que eram bem fáceis de cobrir suas sujas paixões com um tão belo pretexto, que era o de dizer que elas seguiam as máximas de um dos maiores filósofos do mundo, e que imaginavam que, visto que se escondessem sob o manto da filosofia, podiam zombar do escândalo que causariam. (*PD*, 2007, 364; *OD* III[*PD*] p.111*ab*.)[38]

Em mais um significado de ateísmo estipulado por Bayle, isto é, a negação não da existência de um deus, mas de sua providência e, da mesma forma, a negação da imortalidade da alma, ambas em nada significam a possibilidade de desvios de conduta na prática. Da mesma forma, a degeneração dos princípios básicos de uma doutrina ateia, terminando por confundi-la com um hedonismo vulgar, advém justamente da disposição dos temperamentos de quem a adotou, isto é, a crença ou descrença em alguma divindade nunca foi ou será o motivo de desregramentos da ordem das paixões ou advindos de interesses particulares.[39] Em outros termos, o exemplo de Epicuro

---

[37]Bayle cita outros como Teodoro, Nicanor, Hípon e Plínio como exemplos de ateus virtuosos. Cf. *PD*§174. Sobre outra leitura de Teodoro, isto é, como não sendo ateu, ver GULLO, Sylvain. *Théodore de Cyrène, dit l'athée, puis le divin*. Paris: L'Harmattan, 2007, caps. 4 e 5 em particular.

[38] "Épicure, qui niait la providence et l'immortalité de l'âme, est un des anciens philosophes qui a vécu le plus exemplairement; et quoique sa secte ait été décriée dans la suíte, il est néanmoins certain qu'elle a été composée de quantité de personnes d'honneur et de probité, et que ceux qui l'ont déshonorée par leurs vices n'étaient point devenus viciceux dans cette école. C'étaient des gens débauchés par habitude et par tempérament, qui étaient bien aises de couvrir leurs sales passions d'un aussi beau pretexte qu'était celui de dire qu'ils suivaient les maximes d'un des plus grandes philosophes du monde, et que s'imaginaient que, pourvu qu'ils se cachassent sous le manteau de la philosophie, ils pouvaient se moquer du scandale qu'ils causeraient."

[39]"Então eles não tornaram-se debochados porque tinham abraçado a doutrina de Epicuro, mas tinham abraçado a doutrina de Epicuro mal-entendida porque eram debochados."["Ils n'etaient donc pas devenus débauchés parce qu'ils avaient embrassé la doctrine d'Épicure, mais ils avaient embrassé la doctrine d'Épicure mal entendue parce qu'ils étaient débauchés."](*PD*, 2007, p. 364;*OD* III [*PD*], p.111*b*.) Segundo Mori, "então, é errôneo, segundo Bayle, explicar a origem do ateísmo por inclinação ao mal ou por interesses temporais."((1999, p. 208)

mostra como podem coadunar-se uma conduta moral e uma posição filosófica, isto é, um ateísmo prático e um ateísmo especulativo, pois os ateus sendo capazes de estabelecer uma distinção entre o "bem agradável, o bem útil e o bem honesto", podem "encontrar na natureza mesma, e não nas opiniões do homem, o fundamento dessas três espécies de bem". (*OD* III [*CPD*], p.412*b*.)[40]

Entre os modernos, os exemplos paradigmáticos são Vanini e Spinoza. Ambos os autores e suas devidas concepções de ateísmo atribuídas por Bayle – tanto como os exemplos dos ateus da Antiguidade - serão analisados mais acuradamente no terceiro capítulo da tese. No que concerne ao pensador italiano,[41] eis uma primeira imagem do filósofo descrita por Bayle: "[...] sempre fôra bastante regrado em seus costumes e, ainda que tivessem empreendido fazer-lhe um processo criminal sobre qualquer outra coisa que seus dogmas, correria grande risco de ser convencido de calúnia." (*PD*, 2007, p. 365; *OD* III, p. 111*b*.)[42] Bayle vê Vanini como um "mártir" do ateísmo[43], contudo, não deixou de ter "uma ideia de honestidade que tem mais força que a do útil e que a do agradável." (*PD*, 2007, p. 383; *OD* III[*PD*]., p. 117*a*).[44] Nesse sentido, seria incompreensível cogitar que o pensador italiano tivesse zombado das autoridades em um momento entre a vida e morte, pois se ele decidisse seguir seus interesses particulares, ficaria satisfeito em guardar para si a sua descrença, sem a intenção de arrumar sectários. Se Vanini tivesse a intenção de encabeçar uma doutrina ateia, sê-lo-ia tão e somente para livrar os homens de suas crenças e superstições infundadas, entendendo que tal tarefa deveria ser concretizada em nome da verdade,

---

[40] "Il me paroît évident que des Athées peuvent distinguer entre le bien agréable, le bien utile, & le bien honnête, & trouver dans la nature même & non dans les opinions de l'homme le fondement de ces trois espèces de bien."

[41]Condenado à morte e queimado em 1619 em Toulouse devido à uma acusação de ateísmo. Na verdade, Bayle nunca leu Vanini. E a sua imagem de um ateu virtuoso criada por Bayle suscita uma série de questões difíceis: 1) de *qual* Vanini Bayle fala; 2) A conduta de Vanini não foi tão irreprovável como Bayle descreve sob sua pena; 3) Na verdade, Vanini não ficara tão convicto de seu ateísmo perante seus censores (Cf. *OD* III [*RQP*], p.931*b*.] Todos esses aspectos são desenvolvidos por Didier Foucault em seu artigo "Pierre Bayle et Vanini", em: BOST, H./ROBERT de, P. *Pierre Bayle, citoyen du monde: De l'enfant du Carla à l'auteur du Dictionnaire (Actes du Colloque du Carla-Bayle[13-15 sepetembre 1996]*, pp. 227-241. Ver também sua biografia sobre Vanini, *Un philosophe libertin dans l'Europe baroque: Giulio Cesare Vanini* (1585-1619). Paris: Honoré Champion, 2003, em particular o capítulo XVI sobre o ateísmo crítico de Vanini.

[42] "Le détestable Vanini, qui fut brûlé à Toulouse pour son athéisme l'an 1619, avait toujours été assez réglé dans ses moeurs, et quiconque eût entrepris de lui faire un procès criminel sur tout autre chose que sur ses dogmes aurait couru grand risque d'être convaincu de calomnie."

[43]*PD*, §182.

[44] "Quand je considère que l'athéisme a eu des martyrs, je ne doute plus que les athées ne se fassent une idée d'honnêteté qui a plus de force sur leur esprit que l'utile et que l'agréable."

julgando que "é honesto trabalhar por nossos semelhantes não somente para nosso prejuízo, mas também sob o risco de nossa vida."(*Id. Ibid.;Id. Ibid.*)[45] Bayle vai mais além: se Vanini sabia que a acusação de ateísmo o levaria à morte, ele ainda manteve-se firme em suas convicções, mesmo sabendo que ser-lhe-iam infligidas as mais duras punições, mas, por outro lado, seria a postura mais absurda de um homem renegar seus sentimentos pelo temor de sofrer as consequências. É aí que Bayle toca no cerne da questão. Se homens como Vanini agem assim, o conhecimento de um deus é absolutamente dispensável para manter-se imponderável em determinadas posturas filosóficas, isto é, a razão desvinculada da noção de um ser divino pode pender para a honestidade:

> Então, não pode ser negado que a razão sem um conhecimento expresso de Deus não possa voltar os homens para o lado do honesto, por vezes bem conhecido, por vezes mal. E, em todo caso, o exemplo de Vanini é uma prova incontestável do que eu disse tantas vezes, a saber, que os homens não agem conforme à sua reivindicação.(*PD*, 2007, p. 384; *OD* III[*PD*]., p. 117*a*.)[46]

Através deste exemplo, Bayle estabelece de vez a cisão entre a noção de bem ou de fazer o bem e crença em deuses. Contudo, se Vanini é criticado justamente por ter sido inflexível e obstinado perante seu sofrimento e, por conseguinte, a sua sentença, manter seu ateísmo sob as piores circunstâncias só mostra que alguém assim detém em si uma ideia de honestidade e mesmo uma vontade desmedida de morrer por uma causa, pois para "morrer pelo ateísmo, é preciso que ele tenha uma tão furiosa vontade de ser o mártir que seria capaz de se expor aos mesmos tormentos mesmo se não fosse ateu." (*PD*, 2007, p. 385; *OD* III[*PD*], p. 117*b*.)[47] Daí podemos chegar a algumas conclusões: 1) Bayle dissipa a nuvem que pairava sobre a figura do ateu, isto é, desmitificando a sua imagem de alguém como perigoso e imoral; 2) a despeito da contestabilidade do exemplo de Bayle, mesmo com a absoluta ausência de passagens dos escritos de Vanini para sustentar as suas teses, ele pinta um retrato positivo do pensador italiano, nos antípodas de toda uma tradição que o via como um autor maldito;

---

[45] "[...] c'est un signe qu'il s'est cru obligé à render service à son prochain et qu'il a jugé qu'il est honnête de travailler pour nos semblables non seulement à notre préjudice, mais aussi au péril de notre vie."

[46] "On ne saurait nier que la raison sans une connaissance expresse de Dieu ne puisse tourner les homes du côté de l'honnête, tantôt bien connu, tantôt mal. Et en tou cãs, l'exemple de Vanini est une preuve incontestable de ce que j'ai dit tant de fois, savoir que les hommes n'agissent pas conformément à leur créance."

[47] "Et s'il pousse son obstination jusqu'à mourir pour l'athéisme, il faut qu'il ait une si furieuse envie d'en être le martyr qu'il serait capable de s'exposer aux mêmes tourments quand même il ne serait pas athée."

3) por fim, Bayle fazendo a articulação da noção de ateísmo prático para a noção de ateísmo especulativo e vice-versa, complementando-as, o que foi redigido sobre Vanini "contribuiu para dar uma verdadeira dignidade filosófica ao ateísmo o qual o filósofo italiano e Espinosa passaram por raros representantes."(FOUCAULT, 1999, p. 241.)[48]

Agora é o caso de Espinosa. É sabida a sua reputação de ateu desde o extenso verbete que lhe foi dedicado por Bayle no *Dictionnaire*, e mais, muitos autores prenderam-se a tal imagem justamente por evitarem a leitura da *Ética* em latim.[49] Da mesma forma, também é conhecida as duras críticas do filósofo francês, em seu caráter sistemático, à filosofia "ateia" de Espinosa, insuflada de ironias, e por vezes, ataques ferinos, sempre visando a desacreditar de uma vez por todas a tese do *Deus sive natura* espinosista.[50] Nesse sentido, o filósofo de Carla tem um duplo ponto de vista sobre Espinosa: suas teses são simplesmente escandalosas, sendo "uma abominação execrável quando se considera isto pelo lado da moral"(1983, nota N, p. 68; *DHC* [1740], IV, p. 259.)[51]; mas, na filosofia do mesmo Espinosa, é possível encontrar, simultaneamente, "[...] o ateísmo mais formal que jamais foi ensinado, e um grande número e boas máximas sobre os deveres do homem honesto."(*OD* III [*CPD*], p.397*a*).[52] Sob esse duplo aspecto, qual a articulação entre as posições teóricas de Espinosa com a sua conduta moral? São fatores complementares ou excludentes por si mesmos? É compatível a crítica de Bayle do sistema espinosista com o seu elogio ao modo de vida

---

[48] Ver também FIORENTINO, Francesco. *Studi e ritratti della Rinascenza*. Bari: Laterza, 1991, pp. 460-461 em particular. Segundo o comentador, Vanini pôde até ser acusado de ateísmo, mas jamais de ser depravado em matéria de costumes.

[49]Quanto à compilação de todas as passagens referentes à Spinoza em sua obra, ver BAYLE, Pierre. *Écrits sur Spinoza*. Paris: Berg International Éditeurs, 1983. (L'Autre Rive). Quanto à literatura acerca do assunto, citaremos aqui algumas obras pontuais : MORI, G. *Bayle philosophe*, Paris: Honoré Champion, 1999; LAGRÉE, J. *Spinoza er le débat religieux*. Rennes: Presses Universitaires, 2004; VERNIÈRE, P. *Spinoza et la pensée française avant la Révolution*. Paris: Presses Universitaires, 1954; CHAUÍ, M., *A nervura do real*. São Paulo: Companhia da letras, 1999.

[50]Bayle refere-se à quinta proposição da Ética, isto é, na natureza das coisas, só é possível haver uma substância de mesma natureza ou atributo. No verbete do *DHC*, Bayle diz com todas as letras: "Eis uma tese que supera o cúmulo de todas as extravagâncias que se possam dizer. O que os poetas pagãos ousaram cantar de mais infame contra Júpiter e Vênus, não se aproxima da ideia horrível que Spinoza nos dá de Deus."["Voilà une hyphotèse qui surpasse l'entassement de toutes les extravagances qui se puissent dire. Ce que les poètes païens ont osé chanter de plus infâme contre Jupiter et contre Vénus, n'approche point de l'idée horrible que Spinoza nous donne de Dieu."](*Écrits sur Spinoza*, nota N, pág. 60)

[51] "Mais si c'est physiquement parlant une absurdité prodigieuse, q'un sujet simple et unique soit modifié en même temps par les pensées de tous les hommes, c'est une abomination exécrable quand on considère ceci du côté de la morale."

[52] "Vous y trouverez tout ensemble l'Athéisme le plus formel qui ait jamais été enseigné, & un grand nombre de bonnes maximes sur les devoirs de l'honnête homme."

do filósofo, norteado pela reta razão e pela virtude, a despeito de seu "ateísmo?[53] Bayle, em uma passagem nos *Pensées diverses*, proporciona uma imagem de Espinosa insatisfeito com certas filosofias de sua época, e que, para melhor entendê-las, isola-se do mundo para se ocupar estritamente com suas reflexões:

> Mas o que se pode fazer de mais como o que feito por Espinosa um pouco antes de morrer? A coisa é de data recente, e eu a tenho de um grande homem que conhece muito. Foi o maior ateu, e que estava de tal maneira enfatuado de certos princípios de filosofia que, para melhor meditá-los, ele pôs-se como em retirada, renunciando a tudo que se chama de prazeres e vaidades do mundo, e ocupando-se somente dessas abstrusas meditações.(*PD*, 2007, p. 382; *OD* III[*PD*], p.117*a*)[54]

O retrato oferecido por Bayle de um filósofo ateu, que cansado das doutrinas filosóficas vigentes em seu círculo, prefere levar uma vida austera para adentrar-se em seus pensamentos, é o mais perfeito exemplo de que ateísmo e licenciosidade nem sempre estão em um mesmo patamar. Ora, então isso leva a crer que, isolando o verbete do *Dictionnaire*[55], Bayle pode articular uma posição teórica, no caso o ateísmo em seu caráter especulativo e sistemático, com a própria moralidade, isto é, para colocar em xeque noções como a da imortalidade da alma, da providência e da existência de um deus, nem por isso faz-se necessário abrir mão de um modo de vida regrado, de acordo com as leis e costumes estabelecidos. Nesta passagem da *Continuation*, Bayle é enfático:

> Que respondam então às minhas razões, que me façam ver que está além de toda verossimilhança que pessoas que conheceram que é do dever do homem raciocinar segundo as regras da dialética, não puderam conhecer de forma alguma que é do dever do homem viver segundo as regras da moral. Então, ousar-se-ia sustentar que elas são persuadidas que as regras do raciocínio dependeriam da opinião ou do capricho do homem, & que elas não seriam fundadas na natureza das coisas? (*OD* III[*CPD*], p.412*b*.)[56]

---

[53]Gianluca Mori atenta para a ambiguidade de Bayle em relação à Spinoza: "Contudo, a relação de Bayle com Spinoza está longe de ser unívoca. Analisando-a, é preciso considerar mais uma vez as restrições retóricas que sobrecarregam a escrita bayleana, sobretudo, quando se trata de examinar uma doutrina filosófica heterodoxa e contrária à opinião dominante."(1999, p. 156).

[54] "Mais que peut-on faire de plus que ce qui fut fait par Spinoza un peu avant que de mourir? La chose est de fraîche date, et je la tiens d'un grand homme qui le sait de bonne part. C'était le plus grand athée qui ait jamais été, et qui s'était tellement infatué de certains principes de philosophie que, pour les mieux méditer, il se mit comme en retraite, renonçant à tout ce qu'on appelle plaisirs et vanities du monde, et ne s'occupant que de ces abstruses meditations."

[55]Ver MORI, *op.cit.*, p. 183.

[56] "Qu'on reponde donc à mes raisons, qu'on me fasse voir qu'il est hors de toute vraisemblance que des gens qui ont connu qu'il est du devoir de l'homme de raisonner selon les règles de la dialéctique, n'ont pû connoître aucunement qu'il est du devoir du homme vivre selon les règles de la morale. Oseroit-on bien

Se não é da ordem de pontos de vista particulares tampouco da ordem do temperamento minar pela raiz sistemas filosóficos mesmo que tal procedimento culmine no ateísmo, não é mais possível sustentar que um ponto de vista ateu sobre a ordem das coisas da natureza esteja nos antípodas da moralidade. Se não é o caso da filosofia de Spinoza ser um ateísmo propriamente dito, mas um panteísmo ou um naturalismo do tipo mais radical, fica o exemplo dado por Bayle: heterodoxia filosófica e virtude podem ser perfeitamente compatíveis.

Por último, a justificativa da presente pesquisa, que será explicitada por quatro motivos: 1) o tratamento direto do tema do ateísmo no pensamento de Bayle. Diversos artigos tratam da questão, porém, uma bibliografia consistente, especificamente voltada para este tema no autor está ainda por vir. 2) O segundo elemento é que tentaremos partir dos exemplos gerais que Bayle fornece-nos de ateus virtuosos, como os povos selvagens, por exemplo, para depois debruçar-me sobre os exemplos particulares como Diágoras, Epicuro, Vanini e Espinosa, apontando os problemas de tais exemplos e quais as respectivas soluções que Bayle tentará empreender. Em outros termos, ainda é inédita uma obra que reúna os principais exemplos de ateus virtuosos que o filósofo francês nos fornece. Se os autores citados por Bayle não foram ateus propriamente ditos, mas no máximo denominados como pensadores heterodoxos, penso que a imagem deles erigida pelo pensador de Carla é, na verdade, uma estratégia para se chegar ao âmago da questão, e daí chegar às suas conclusões favoráveis sobre o ateísmo. 3) a escolha do tema do ateísmo na filosofia de Pierre Bayle é justamente a constatação da parca produção de textos de e sobre o filósofo francês e o próprio tema aqui no Brasil. Existem pouquíssimos textos traduzidos para o português e pesquisas de fôlego sobre Bayle, pensador que tanto marcou o século XVII e que foi um dos mais lidos no século XVIII[57]; 4) o quarto motivo se justifica pela atualidade do tema. Em um mundo repleto de guerras religiosas, tais acontecimentos sempre exigem uma revisão - e até mesmo uma urgência - de alguns conceitos cristalizados por uma longa tradição filosófica, como as noções de tolerância, ateísmo, fanatismo e superstição, por exemplo. Urgência no sentido de

---

soûtenir qu'il se sont persuadez que les règles du raisonnement dépendoient de l'opinion ou du caprice de l'homme & qu'elles n'étoient pas fondées dans la nature des choses?"

[57]Ver, a respeito das influências de Bayle no pensamento filosófico do século XVIII, o estudo de Pierre Rétat, em seu livro *Le Dictionnaire de Bayle et la lutte philosophique au XVIII*[e] *siècle*. Paris: Imprimerie Audin, 1971.

aclarar e desmistificar os pressupostos e as implicações práticas das doutrinas religiosas, avaliar seus prós e contras, como da mesma forma refletir acerca da origem do preconceito – dessas mesmas doutrinas religiosas – que incessantemente condenam o ateísmo.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A CRÍTICA BAYLEANA À IDOLATRIA E À SUPERSTIÇÃO

> "Mas, quando um efeito não segue tão freqüentemente alguma coisa que não é a sua causa, não se deixa de ter sempre um grande número de pessoas que crêem que essa coisa é a causa do efeito ocorrido, embora nem todo o mundo caia nesse erro. Aparece, por exemplo, um cometa e, depois desse cometa, um príncipe morto; pedras são expostas à lua e acompanhadas de versos; o sol está junto com Marte no nascimento de uma criança, e acontece que essa criança tem alguma coisa de extraordinário; isso basta para que muita gente se persuada de que o cometa, a lua, a conjunção do sol com Marte são as causas dos efeitos que acabamos de indicar e, mesmo, de outros que lhes são semelhantes. A razão pela qual nem todo o mundo tem essas crenças é não vermos em todos os momentos que esses efeitos seguem essas coisas."
>
> Nicolas Malebranche, *A busca da verdade*, III, II.

O objetivo deste primeiro capítulo é mostrar a articulação entre a crítica de Bayle à opinião com a sua crítica à idolatria e à superstição, e para tanto, o filósofo francês vê a experiência como recurso fundamental para tal empreitada. Através de cinco tópicos temáticos, as seguintes questões serão desenvolvidas: 1º) a reflexão e crítica de Bayle ao fenômeno da opinião. Segundo o filósofo francês, o maior perigo de depositar demasiada confiança em supostas autoridades opinativas acerca de questões polêmicas, é que "o preconceito de seu mérito faz adotar todos os seus dogmas, sem que se deem ao trabalho de examinar se eles o provam por sólidas razões." (*OD* III[*CPD*], p. 194)[58] Falsas opiniões passadas de geração a geração são o motivo tanto do engrandecimento como do fortalecimento de pseudo-autoridades, as quais, dispensando o difícil trabalho do exame de suas considerações, "contentam-se em aumentar o número."[59](*Id.Ibid.*) Opondo-se radicalmente ao fenômeno da *pluralité des voix* e ao embuste da autoridade, Bayle evoca a *filosofia* associando-a à noção de exame, isto é,

[58] "[...]le prejugé de son merite fait adopter tous ses dogmes, sans que l'on se donne la peine d'examiner s'il prouve par de solides raisons.".

[59] "Les sectateurs qu'il se fait augmentent l'autorité de sa doctrine, & ainsi l'in se dispense de plus en plus de la peine de l'examen, on se contente de grossir le nombre."

como um instrumento que fará com que se passem todas as opiniões, e seus argumentos pró e contra, sob revista ou sob jurisdição de análises minuciosas, por meio da razão e da história, ou melhor dizendo, de uma história crítica; 2º) e é a clara associação estabelecida por Bayle entre história e crítica que mostrará que se o contingente das vozes não é um bom caminho para se constatar o grau de confiabilidade da opinião coletiva, "ela prova pior a verdade das opiniões, seja em relação aos fatos históricos, seja em relação aos dogmas filosóficos." (*OD* III[*CPD*], p. 205)[60] Em outros termos, Bayle afirma que em matéria histórica ou filosófica, o vulgo não é mais do que uma escancarada tomada de partido para o que lhe convém, e o historiador-crítico, por sua vez, deve se valer de um *modus operandi* totalmente inverso, a saber, estabelecendo um postulado racionalista, primando somente pelas causas naturais dos acontecimentos. Se a tarefa de um historiador crítico é erradicar imprecisões involuntárias ou voluntárias em relatos de ordem factual, sua tarefa consiste principalmente em "analisar os procedimentos, denunciar as desordens e deplorar-lhes a existência." (LABROUSSE, 1996, p. 25) Nesse sentido, no vasto campo das verdades de fato, o caminho seguro será a experiência, pois Bayle afirma que "a ordem quer que nas questões de fato se consulte antes a experiência que um raciocínio especulativo."(*DHC*, 1740, IV, p. 115, rem. E)[61]; 3º) Nesse sentido, a história equivale à experiência. Esta, para o filósofo francês, é tudo o que repudia abstrações ou especulações, é tudo o que remete a verdades de fato. Conceito fundamental que perpassa diversas obras de Bayle, a experiência sempre terá seu denominador comum, a saber, a exigência da necessidade de consultá-la, pois "nada é mais apropriado para convencer um homem honesto, que raciocina sobre falsas hipóteses, do que lhe mostrar que combate contra a experiência." (*PD*, 2007, p. 310; *OD* III[*PD*], p. 93*b*); 4º) O recurso de Bayle à experiência é decisivo para mostrar quão funestos foram os efeitos práticos das idolatrias pagã e cristã no decorrer da história, já que nesse âmbito "a experiência o confirma."[62] (*Id. Ibid.*, p. 264; *Id. Ibid.*, p.78*a*.) Segundo o filósofo de Carla, basta dar um *coup d'oeil* sobre a história para que se constate o quanto os cultos idólatras disseminaram de dissimulação, vícios, aquisição de privilégios duvidosos, interesse, crendice e manipulação no decorrer dos tempos. Nesse contexto, Bayle não hesita em dizer – e o mais curioso, apoiando-se na tradição - que a

[60] "[...] elle prouve encore plus mal la verité des opinions, soit par rapport aux faits historiques, soit par rapport aux dogmes philosophiques."

[61] "En géneral, l'ordre veut que dans les questions de fait on consulte l'expérience beaucoup plutôt qu'un raisonnement spéculatif."

[62] "Le bon sens veut cela et l'expérience le confirme."

"idolatria é o pior crime do gênero humano, o maior pecado do mundo, o maior de todos os pecados, o primeiro e último de todos os males."[63] (*Id.Ibid.*, p. 259; *Id. Ibid.*, p. 76*b*). Entretanto, se a idolatria é denominada como um amálgama de crenças e ações supersticiosas, e mesmo por vezes se sugere a sinonímia entre idolatria e superstição[64], a diferença entre ambas é sutil, visto que a superstição se dá em um contexto mais amplo, sendo a idolatria uma dentre as mais diversas práticas supersticiosas; 5º) A reflexão sobre a noção de idolatria e as suas respectivas práticas culmina no tema da superstição. Esta é definida por Bayle em diversos momentos e diversas obras do filósofo francês, como: a) como algo característico da corrupção natural humana; b) como a prova da facilidade do homem em se ater às mais diversas crendices, logo estando sujeito não só a uma, mas a todo tipo de superstições; c) como o fenômeno que se instaurou e se disseminou na sociedade, perseguindo a todos e gerando ilusões por toda parte através de presságios, profecias, prodígios, e sinais.[65] Nesse quadro de diversas e intangíveis absurdidades que a superstição ganha forma, indo para além dos domínios da razão e assim, torna-se manifesta a oposição entre "a filosofia e a ignorância supersticiosa, entre o entendimento e a imaginação, entre as explicações científicas e os relatos fabulosos."

---

[63] "La second raison est que les Péres de l'Église ont dit sans nulle exception que l'idolatrie est le principal crime du genre humain, le plus grand péché du monde, le plus grand de tous les péchés, le dernier et le premier de tous les maux".

[64]Cf. *PD*, parágrafos §112, §115, §119, §121, §132 e §142.

[65]Como a astrologia, por exemplo. Ver *CPD*, em particular §XXXIX, §XL e §§XLII-XLVI. Para uma discussão sobre a atualidade do tema, ver o livro de ADORNO, T. W. *As estrelas descem à terra: a coluna de astrologia do* Los Angeles Times: *um estudo sobre superstição secundária*. Trad. de Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2008. Quando analisa a coluna de astrologia dos Los Angeles Times – reflexão que ele chama de "um estudo sobre superstição secundária" – Adorno assevera que a astrologia faz um esforço significativo para esconder o que há de irracional em seu seio, por meio de um discurso que trata como óbvio que estão "escritos nas estrelas" prognósticos e conselhos de todo tipo e para quem quer que seja.(2008, p. 44). Esse pseudo-conhecimento adquiriu estatuto de discurso competente, alcançando até mesmo certo consenso social, contudo, "a astrologia não é tida como certa, mas tenta com certa violência, defender seu '*status*'". (*Ibid.*, p. 48) Oferecendo fórmulas práticas e simplificadas, ela na verdade passa a falsa sensação de incluir quem está à margem de privilégios educacionais, uma vez que é "comparativamente mais fácil para um indivíduo 'normal' abraçar essa crença apócrifa." (*Ibid.*, p. 60) Assim sendo, por que faço essa alusão ao filósofo frankfurtiano? Justamente por ele abordar pontos convergentes com as posições de Bayle, mais precisamente em dois pontos: a ausência de conteúdo e o apoio coletivo do qual a astrologia é alvo. Logicamente, Adorno vai mais além em suas reflexões acerca da astrologia e seus malefícios, como por exemplo, definindo-a como uma *ideologia para a dependência* (p. 176 e seg.); comparando-a ao racismo como crença irracional (p. 51); colocando-a no contexto da indústria cultural, uma vez que é propensa a aniquilar a distinção entre fato e ficção, ora exagerando em seu realismo, ora dando conselhos apoiados em fontes absolutamente irracionais (p. 59); enfocando-a em seu aspecto econômico, já que a astrologia não poderá jamais contrariar seu público, uma que vez que se tornou business (p. 62 e seg.); e entendendo-a como "superstição secundária", isto é, agora "o oculto aparece [...] institucionalizado, objetivado e amplamente socializado", tornando-se "alienação da experiência". (pp. 32-33) Não é o objetivo aqui estender esse paralelo entre Bayle e Adorno, mas mostrar ao menos que o primeiro muito já contribuiu em pleno século XVII para a denúncia do charlatanismo da astrologia, uma vez que esta se assenta em um certo psicologismo das massas e na confirmação social de suas "predições".

(MORI, 1999, p. 251)

1.1 Filosofia versus *opinião*

A opinião – do grego *doxa* - por definição, é um estado de espírito designado como pensamento de que uma asserção seja verdadeira, mas podendo estar sujeita a equívocos uma vez que é instituída e propagada por toda uma sociedade, adquirindo o *status quo* de verdade.[66] Opinião pública é o juízo coletivo proferido por uma sociedade acerca de um fato ou de uma crença, porém, sem exame prévio.[67] Mas o que seria a opinião para o próprio Bayle? Para o filósofo francês, opinião é o ponto de vista da tradição, porém, não sustentado em exames, razões e fatos, mas justamente na *ausência* de todos esses fatores, pautando-se em preconceitos e afirmações temerárias. Segundo Bayle, acomodar-se em vez de se debruçar sobre cada minúcia de uma questão é o procedimento clássico de quem não aceita explicações mais consistentes:

---

[66]N'*A República*, por exemplo, Platão estabelece pelo menos três sentidos diferentes para o vocábulo *doxa*: 1) distingue o conhecimento (*èpistème*) da opinião (*doxa*), sendo esta todo e qualquer julgamento baseado nas aparências (V, 476d, p. 216, 477b, p. 217, e VI, 490b, p. 233) sendo o filodoxo (*philodoxos*), isto é, amante da opinião, oposto ao filósofo (*philosophos*) amante da sabedoria (V, 480a, p. 222, n. 61.) ; 2) a *doxa* como "opinião verdadeira" ou "reta" (*doxa òrté*) mas mesmo assim Platão a ainda a atribui à esfera da sensibilidade (VI, 506c, p. 254 e X, 602a, p. 386); 3) *doxa* como reputação, isto é, quando Sócrates faz o elogio da justiça como um bem em si mesmo, define-a como um bem do qual o homem tira proveito de sua reputação. (II, 367e, p. 73, n. 20) Todas as referências eu extraí de PLATÃO. *A República*. Trad. e org. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006 (Textos; 19).

[67] Ver a respeito Bertrand Binoche, "Croyances privées, opinion publique", In: *Revue Philosophique de Louvain.* Louvain: 2010, pp. 617-638. A tese do autor é que a opinião se tornou pública porque a religião se tornou algo do âmbito privado e, para aperceber-se desse fenômeno, é preciso ter em mente duas coisas: 1)que a opinião pública obteve êxito tão e somente devido a ser entendida como uma solução de um determinado problema, que consistiria em uma pacificação social desvinculada de qualquer compromisso doutrinário; 2)por outro lado, ela correria o risco de não corresponder às expectativas, não passando de uma versão secularizada da crença pública, como o catolicismo, por exemplo. (pp.617-618). Mais além, o autor afirma opinião pública confrontando-se, sob determinadas regras, com as opiniões individuais contraditórias, visando a arranjá-las em uma "aproximação democrática da verdade", ela ficaria destituída de sentido perante a uma volatilização permanente". Em outros termos, de acordo com essas mesmas regras, as próprias opiniões, contrárias umas às outras, tornar-se-ão pueris.(p.632). Binoche menciona que, se esses equívocos da opinião pública podem levar um indivíduo a renunciá-la, basta entrevê-la de um outro modo: entendendo-a como uma reflexão coletiva, retirando dela tudo que há de dogmático, separando de toda crença as regras formais que a moldam. (p. 634) Contudo, parece que o autor não consegue dissociar ainda opinião – privada ou pública - de crença, mas no máximo, entende que é preciso aprender a discernir a racionalidade que há na mesma, e a tarefa do filósofo nessa empreitada é a de ser um "hermeneuta do preconceito"(p.634). Em outras palavras, Binoche está nos antípodas das teses de Bayle, à medida que afirma que a crença é indispensável a qualquer sociedade: "A opinião pública, se podemos ainda nomeá-la assim é, então, o todo de crenças as quais nenhuma comunidade pode dispensar-se e, então, trata-se de discernir respeitosamente a racionalidade: desse fato, não é questão de transformar o mundo, mas de bem interpretá-lo!". (*Id. Ibid.*)

> É um método muito fácil de refutar as inovações: evita-se o detalhe das controvérsias; a via da prescrição evita todas as fatigas do exame: porque se dispensa as discussões, a respeito mesmo do ponto de fato sobre a antiguidade e a extensão pressupostas. Reporta-se plenamente à voz pública. Tudo isso lisonjeia a preguiça humana. É por isto que se munem desse argumento em todas as ocasiões, e para uma vez que ele possa ser útil à verdade, é cem vezes favorável à falsidade. (*OD* III[*CPD*], p. 232*a*.)[68]

Segundo Bayle, para aderir a uma posição, são necessários critérios rigorosos: a exigência de avaliar o peso dos argumentos e não levar em consideração somente a quantidade de pessoas que os adotam é fator imprescindível em uma discussão polêmica. Ponto fundamental: o filósofo francês aponta para o pleno direito de examinar os prós e contras de uma contenda, e da mesma forma, o pleno direito de aderir a um dos lados uma vez averiguada a consistência dos argumentos. Em outros termos, Bayle entende que para se aderir ou não à *pluralité des voix* é preciso pesar as suas razões e não simplesmente quantificá-la:

> E daí eu tiro essa consequência que a pluralidade de vozes não é de modo algum aqui uma prova decisiva: cada um pode dispensar-se de aí ter consideração e se manter em um pleno direito de examinar as razões dos dois partidos, e de adotar ou o pequeno número ou o grande número segundo o peso das razões. É o que se chama pesar as vozes e não contá-las. (*Id. Ibid.*, p. 231*b*.)[69]

É nos meandros de tal definição da opinião que a crítica de Bayle vai operar, uma vez que a pluralidade das vozes não passa de um embuste amparado fragilmente em critérios infundados e arbitrários, apoiados na eloquência que "dão mais honra àquele que os debita e muito mais impressão sobre a consciência dos auditores do que cem outras proposições provadas demonstrativamente." (*PD*, 2007, p. 67; *OD* III[*PD*], p.

---

[68] "C'est une méthode très-aisée de refuter les innovations: on évite le détail des controverses; la voie de prescription épargne toutes les fatigues de l'examen: car on se dispense des discussions, à l'égard même du point de fait sur l'antiquité & l'étendue présupposées: on s'en rapporte pleinement à la voix publique. Tout cela flatte beaucoup la paresse humaine. C'est pourquoi l'on se munit de cet argument dans toutes les occasions, & pour une fois qu'il peut être utile à la vérité, il est cent fois favorable à la fausseté."

[69] "Et de là je tire cette conséquence que la pluralité des voix n'est point ici une preuve décisive: chacun se peut dispenser d'y avoir égard, & se maintenit dans un plein droit d'examiner les raisons des deux partis, & de se ranger ou au petit nombre des deux partis ou au grand nombre selon le poids des raisons.C'est ce qu'on appelle peser les voix & non les compter." Ver também o emprego da mesma expressão nos parágrafos §§XXXII-XXXIII e XL.

10*a*)[70]. Na passagem citada, Bayle afirma que todo discurso visando a ganhar muitos adeptos sempre vem acompanhado, ao mesmo tempo, de uma pompa nas palavras e a necessidade imperiosa de causar impacto no público ao qual se dirige. Privilegiando-se a eloqüência, as provas concretas do que está sendo proferido caem no esquecimento, tornando-se mesmo dispensáveis seja da parte do locutor, seja da parte do interlocutor. Nesse sentido, o alvo da crítica do pensador de Carla é específico: a autoridade da *tradição*. Mas qual tradição? Sejam teólogos, filósofos, físicos, astrônomos, astrólogos ou historiadores[71]: todos eles ao seu ver ainda estão reduzidos a esse lugar comum, isto é, estão presos à opinião corriqueira e de tempos imemoriais de que fenômenos naturais são avisos celestes de mau agouro para o porvir.[72] A associação é clara entre a tradição e seu psicologismo de cunho instrumentalista, uma vez que discurso algum é despretensioso e sempre visa a ser disseminado no círculo social. Segundo Isabelle Delpla, "esta gênese psicológica da autoridade social além de toda legitimidade está igualmente na origem da autoridade da tradição. Bayle descreve um fenômeno mecânico e quase epidêmico de propagação da opinião, seja ela falsa." (2003, pp. 155-56)

Bayle afirma categoricamente: "Que não podemos ver o que o que se passa no espírito dos homens quando eles escolhem uma opinião!" (2007, p. 72; *OD* III[*PD*], p. 12*a*).[73] Tal exclamação pode ser fundada sobre diversos fatores que levam os homens

---

[70] "Si vous étiez predicateur, je vous pardonnerais parce que ces sortes de pensées, étant naturellement fort propres à être revêtues des plus pompeux et des plus pathétiques ornements de l'éloquence, font beaucoup plus d'honneur à la celui qui os débite et beaucoup ´plus d'impression sur la conscience des auditeurs que cent autres propositions prouvées demonstrativement."

[71]Bayle cita entre tais autores o físico Tycho-Brahé e o historiador Jean Bodin, por exemplo. (parágrafos §13 e §25 respectivamente dos *PD*) Uma lista mais pormenorizada de tais autores criticados por Bayle ver, JORINK, E. "Comets in context. Some Thoughts on Bayle's *Pensées diverses*". *In:* BOTS, Hans/VAN BUNGE, Wiep. *Pierre Bayle (1647-1706), Le philosophe de Rotterdam:* philosophy, religion and reception. Brill: Leiden/ Boston, 2008, pp. 51-68. Ver também as notas de rodapé da edição dos *PD* de A. Prat, Paris: Librairie E. Droz, 1939, 2 vols.

[72]"Após o que eu venho a dizer, seria supérfluo refutar em particular o preconceito da tradição; porque é visível que, se a prevenção onde se está de tempos imemoriais sobre o capítulo dos cometas pode ter algum fundamento legítimo, ele consiste inteiramente no testemunho que as histórias e os outros livros renderam sobre isto em todos os séculos; de sorte que esse testemunho não deve ser de nenhuma consideração, como eu justifiquei e como ele aparecerá mais ainda pelo que me resta a dizer, não é preciso levar em conta a multidão dos sufrágios que são fundados sobre isso." ["Après ce que je viens de dire, il serait superflu de réfuter en particulier le préjugé de la tradition; car il est visible que, si la prévention où l'on est de temps immémoriel sur le chapitre des comètes peut avoir quelque fondement légitime, il consiste tout entier dans le témoignage que les histoires et les autres livres ont rendu sur cela dans tous les siècles; de sorte que si ce témoignage ne doit être d'aucune considération, comme je l'ai justifié et comme il paraîtra encore davantage par ce qui me reste à dire, il ne faut aucun compte de la multitude des suffrages qui sont fondés là-dessus."](BAYLE, 2007, §7, p. 72; *OD* III[*PD*], p.12*a*).

[73] "Que ne pouvons-nous voir ce qui se passe dans l'esprit des hommes lorsqu'ils choisissent une

a aderirem cegamente a um ponto de vista, como, por exemplo, preguiça, preconceito, credulidade, conformismo, docilidade e outros empecilhos à reflexão, e o resultado direto disso seria um "delírio interpretativo" (DELPLA, 2003, p. 157) fazendo com que se vejam signos em todos os lugares. Nesse contexto, uma opinião falsa passa facilmente por verdadeira, tornando-se parte constitutiva de uma determinada sociedade. O erro torna-se uma realidade social e política, a última palavra de um todo que se reconhece pela adesão a uma opinião destituída de qualquer fundamentação, elevando a tradição à condição de autoridade e imiscuindo-a na ordem social. Uma postura contrária à opinião comum pode ser entendida: 1) como "risível", já que ironicamente Bayle diz nas *Adições* "que somente pode se tornar ridículo em todos os tempos e, sobretudo, em um século como o nosso, quando se opõe à notoriedade pública" (IV, p. 61; *OD* III[*APD*], p. 173*b*)[74]; 2) mas também ir contra a mentalidade da maioria pode ser um grande perigo, uma vez que a multidão pode se voltar contra aquele (s) que é (são) de opinião díspar, já que o filósofo "se vê reduzido à necessidade de crer no que todo mundo acreditava, com medo de passar por um faccioso que quer só saber mais do que todos os outros e contradizer a venerável Antiguidade"[75](*PDC*,

---

opinion!"

[74] "Qu'on ne peut que se rendre ridicule en toute temps, & surtout dans un siècle comme le nôtre, quand on s'oppose à la notorieté publique."

[75] "De sorte que le nombre de sectateurs crédules et paresseux s'augmentant de jour en jour a été un nouvel engagement aux autres hommes de se délivrer de la peine d'examiner une opinion qu'ils voyaient si genérale et qu'ils se persuadaient bonnement n'être devenue telle que par la solidité des raisons desquelles on s'était servi d'abord pour l'établir; et enfin on s'est vu réduit à la necesité de croire que tout le monde croyait, de peur de passer pour un factieux quo veut lui seul en savoir plus que tous les autres et contredire la venérable Antiquité." Valendo aqui neste caso a prudência. Bayle diz nos *PD*: "E como eu tomo toda sorte de precauções para não ser reconhecido o autor desta Carta sobre os cometas, que foi impressa na Holanda poucos meses após a minha chegada, eu não mudei nada na linguagem a qual falei. Creio que nada seria mais próprio que uma tal linguagem a fazer julgar que a Carta aos cometas não era de modo algum o escrito de um homem saído da França pela Religião"["Et comme je pris toute sorte de précautions pour ne pas être reconnu l'auteur de cette Lettre sur les comètes, qui fut imprimée en Hollande peu de mois après mon arrivée, je ne changeai rien dans le langage dont j'ai parlé. Je crus que rien serait plus propre qu'un tel langage à faire juger que la Lettre sur les comètes n'était point l'écrit d'un homme sorti de France pour la Religion."] (2007, "Avertissement au lecteur", pp. 60-61; *OD* III[*PD*], p. 7*a*). Na *CPD*, Bayle diz a respeito ao que podem se expor escritores que vão na contramão da opinião comum: "Eu digo então, Senhor, que todo escritor que ataca as opiniões geralmente aprovadas se expõe a indignar os Leitores. Ele torna-se suspeito de uma vaidade temerária e de um espírito de singularidade que desagrada as pessoas modestas e mais ainda os corações orgulhosos e invejosos. É porque ele deve recorrer a tudo_ para mostrar que, se ele se afasta do caminho trilhado, é por grandes razões. Eis de um lado o melhor meio de subtrair à inveja seus mais belos pretextos, e de outro a melhor satisfação que se possa dar às pessoas honestas, que as aparências de singularidade possam ter colocado mau humor."["Je dis donc, Monsieur, que tout écrivain qui attaque les opinions généralement aprouvées s'expose à indigner ses Lecteurs. Il se rend suspect d'une vanité teméraire, & d'un esprit de singularité qui deplaît aux gens modestes, & plus encore aux coeurs orgueilleux & envieux. C'est pourquoi il doit mettre tout en oeuvre pour faire voir que s'il s'écarte du chemin battu, ce n'est que pour de très-grands raisons. Voilà d'un coté le meilleur moyen d'ôter à l'envie ses plus beaux prétextes, & de l'autre la meilleure satisfaction que l'on puisse faire aux honnêtes gens, que les apparences de singularité peuvent mis de mauvaise humeur."](*OD*

2007,p. 73; *OD* III[*PD*], p. 12*a*); 3) e Bayle, mesmo inquieto com questões que, a todo momento, lhe eram feitas pelos mais crédulos, entrevê a dificuldade em esclarecer as pessoas. Quando uma determinada opinião se torna lugar comum e se torna parte integrante da sociedade, se instaura o pleno desinteresse da maioria das pessoas em saber a verdade das coisas, e dessa forma se ganha "pouca coisa pelos raciocínios filosóficos". (*PD*, 2007, p. 59; *OD* III[*PD*], 7*a*.)[76].

Contudo, se tal dificuldade se dá entre aqueles que, por sua propensão natural a crer em tudo que lhes é dito sem razões suficientes e esclarecedoras, Bayle empreende a sua crítica ao "sofisma da autoridade" (*Id. Ibid.*, p.74; *Id.Ibid.*, p. 12*b*.)[77] e a tarefa para isto cabe à *filosofia*. O pensador de Carla associa a filosofia à concepção de *exame*[78], isto é, cabe ao filósofo *examinar* ou *passar em revista* a origem, a lógica, a intenção e os efeitos de uma opinião corrente. Nos *Pensées diverses*, ele diz:

> Eu digo mais uma vez, é uma pura ilusão pretender que um sentimento que passa de século em século e de geração em geração não possa ser inteiramente falso. Por pouco que se *examinem* as causas que estabelecem certas opiniões no mundo e as que as perpetuam de pai para filho, ver-se-á que não há nada de menos razoável que esta pretensão. Confessar-me-ão sem dúvida que é fácil persuadir o povo de certas opiniões falsas que se conciliam com os preconceitos da infância ou com as paixões do coração, como são todas as pretensas regras dos presságios. Eu não pergunto ainda, por isso basta para tornar essas opiniões eternas; porque, à exceção de poucos espíritos filósofos, ninguém pensa em *examinar* se o que se ouviu por toda parte é verdadeiro. (2007, p. 235; *OD* III[*PD*], p. 68*a*, grifos meus)[79]

III[*CPD*], p. 240*a*).

[76] "Je rassurais autant qu'il m'était possible ceux qui s'inquiétaient de ce prétendu mauvais présage; mais je ne gagnais que peu de chose par les raisonnements philosophiques; on me répondait toujours que Dieu montre ces grandes phenomènes afin de donner le temps aux pécheurs de prévenir par leur pénitence les maux qui leur perndent sur la tête."

[77] "Sophisme d'autorité."

[78]Conceito chave principalmente no *Commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ "Contrains-les d'entrer"* -1686, doravante *CPh* – sendo o exame por meio da razão torna-se um "critério", "medida" (Cf. 1992, I, i, p. 89) "regra original" (*Id. Ibid.*) ou "regra matriz, primitiva e universal de julgar e discernir o verdadeiro do falso, o bom e o mau." (*Id. Ibid.*, p. 95) Cf. Também sobre o mesmo assunto o *Supplément du Commentaire philosophique* – doravante *SCPh* - , cap. XVII, pp. 136-147. Ver também *OD* III[*CPD*], p. 224. Para Gianluca Mori, é na noção de exame que reside a originalidade do pensamento de Bayle: "A originalidade de Bayle reside precisamente nesta opinião de fundo: ao invés de ligar o ateísmo a tal ou tal doutrina metafísica – a alma do mundo, o monismo espinosista, o atomismo epicurista – ele o faz, antes de tudo, uma opinião epistemológica (e moral), identificando-o, de fato, com a própria filosofia, com a noção de *examen*, como que nos resta de idéias claras e distintas, que a fé nos impõe renegar em nome de uma divinação divina superior." (1999, pp. 270-271)

[79]"Je dis encore un coup, c'est une illusion toute pure que de prétendre qu'un sentiment qui passe de siècle en siècle et de génération en génération ne peut être entièrement faux. Pour peu qu'on examine les causes qui établissent certaines opinions dans le monde et celles qui les perpétuent de père en fils, on verra qu'il n'y a rien de moins raisonnable que cette prétention. On m'avouera sans doute qu'il est facile de persuader

A ilusão oriunda de uma crença irrefletida em uma falsa opinião, segundo Bayle, foi reforçada por dois fatores: o preconceito adquirido e reforçado desde a infância e passado de geração a geração, e as paixões do coração sendo eminentemente da ordem do sentimento, e não da razão.[80] Esta, em contrapartida, realizando um exame minucioso justamente acerca da legitimidade de opiniões disseminadas e solidificadas no decorrer dos tempos, poderá mostrar a falsidade desde sempre subjacente em proposições não apoiadas em demonstrações e provas factuais, mas somente em arbitrariedades e conjecturas[81]. Com ironia, Bayle menciona que para "pequenos"

---

au peuple certaines opinions fausses qui s'accordent avec les préjugés de l'enfance ou avec les passions du coeur, comme sont toutes les prétendues règles des présages. Je n'en demande pas davantage, car cela suffit pour rendre ces opinions éternelles; parce qu'à la reserve de quelques esprits philosophes, personne ne s'avise d'examiner si ce que l'on entend dire partout ets véritable."O título do § 8 dos *PD* é sugestivo: *Porque não falam de modo algum da autoridade dos filósofos*. E eis a razão, segundo Bayle: "É porque estou persuadido de que, se o testemunho dos filósofos fez alguma impressão sobre vosso espírito, é somente porque ela torna a tradição mais geral e não por causa das razões sobre as quais ela se apoiou. Vós sedes muito hábil para ser ingênuo com qualquer filósofo que seja, visto que eu vos ataco somente pela via do raciocínio; e é preciso vos conceder esta justiça que, nas coisas que vos credes ser da alçada da razão, seguistes somente a razão pura. Assim, não são os filósofos enquanto filósofos que contribuíram a vós se tornardes povo esta ocasião, visto que é certo que todos os seus raciocínios a favor das malignas influências causam piedade. Querei-vos então que eu diga, na qualidade de antigo amigo, de onde vem que vos destes em uma opinião comum sem consultar o oráculo da razão? É que vos credes que há alguma coisa de divino em tudo isto, como disseram de certas doenças após o famoso Hipócrates; é que vos imagineis que o consentimento geral de tantas nações no decorrer de todos os séculos só pode vir de uma inspiração, *vox populi, vox Dei.*"["C'est parce que je suis persuadé que, si le témoignage des philosophes a fait quelque impression sur votre esprit, c'est seulement à cause qu'il rend la tradition plus générale et non pas à cause des raisons sur lesquelles il est appuyé. Vous êtes trop habile pour être la dupe de quelque philosophe que ce soit, pourvu qu'il ne vous attaque que par la voie du raisonnement; et il faut vous rendre cette justice que, dans les choses que vous croyez être du ressort de la raison, vous ne suivez que la raison toute pure. Ainsi, ce ne sont pas les philosophes en tant que philosophes qui ont contribué à vous rendre peuple em cette occasion, puisqu'il est certain que tous leurs raisonnements en faveur des malignes influences font pitié. Voulez-vous donc que je vous dise, en qualité d'ancien ami, d'où vient que vous donnez dans une opinion commune sans consulter l'oracle de la raison? C'est que vous croyez qu'il y a quelque chose de divin dans tout ceci, comme on l'a dit de certaines maladies après le fameux Hippocrate; c'est que vous vous imaginez que le consentement général de tant de nations dans la suite de tous les siècles ne peut venir que d'une espèce d'inspiration, *vox populi, vox Dei*."] (2007, pp. 73-74; *OD* III[*PD*], p. 12*b*.)

[80]Raciocínio similar no *SCPh*: "Que como o que os Juízes não podem sempre discernir o inocente do culpado, e que com as melhores intenções de fazer justiça, absolvem algumas vezes este e punem aquele, faz bem ver que eles têm o espírito limitado e sujeito a grandes ilusões, conseqüências inevitáveis da humanidade, mas não que eles odeiem a justiça e que, por uma vontade infectada de corrupção, querem ser injustos." ["Que comme ce que les Juges ne peuvent pas toujours discerner l'innocent d'avec le coupable, & qu'avec les meilleures intentions de faire justice, ils absolvent quelquefois celui-ci, & punissent celui-là fait bien voir qu'ils ont l'esprit borné, & sujet à de grandes illusions, suites inévitables de l'humanité, mais non pas qu'ils haïssent la justice, & que par une volonté infectée de corruption ils veulent être injustes."] (XIX, p. 161; *OD* II[*SCPh*], p. 517*b*.)

[81]E é a exigência de Bayle em toda e qualquer contenda. Na *CPD* - ele assevera, por exemplo a respeito do paradoxo do ateísmo virtuoso: "Vindo ao fundo do processo, eu vos peço para considerar que o que chamastes de meu paradoxo e um paradoxo escandaloso é uma proposição que eu não expus sem sustentá-la por muitas provas, que pareceram convincentes a muitos Leitores e que ninguém ainda pensou em atacá-la diretamente. Vós bem as *examinastes*? Tendes algo de sólido para aí responder? Sem isto, vosso escândalo só pode ser mal-fundado." ["Venant au fond de l'affaire, je vous prie de considérer que ce que vous apellez mon paradoxe, & un paradoxe scandaleux, est une preuve que je n'ai avancée sans la soutenir par beaucoup de preuves, qui ont paru convaincantes à plusieurs Lecteurs, & que personne ne

autores como ele[82], seria da maior inconveniência tratar determinadas questões de modo rápido e conciso, sendo tal postura somente aceitável "em um homem de uma grande autoridade entre os doutos." (*OD* III[*CPD*], p. 240*b*.)[83]. Em meio a um debate, é mister estar sempre preparado, expondo ampla e cuidadosamente todas as razões, e sustentá-las firmemente diante dos adversários, não dando a menor margem de possibilidade a objeções ou refutações. (*Id. Ibid*.) Procedendo de tal maneira, tais filósofos fazem ver que "os interesses da verdade, bem ou mal conhecida, são o meio que os tira do grande caminho e é um motivo de consolação ou de uma grande edificação para as pessoas razoáveis que de outro modo poderiam escandalizar-se." (*Id. Ibid*.)[84] Nesse sentido, o filósofo de Carla exige um critério mais rigoroso quando se trata do esclarecimento de alguma opinião, já que

> [...] é uma péssima prova da verdade de uma coisa dizer que uma infinidade de pessoas a afirmaram. Temeis que isso seja de uma perigosa consequência em relação à doutrinas que nos devem ser infinitamente preciosas. Respondo-vos, Senhor, que nada deveis temer por aí. As grandes e importantes verdades possuem caracteres interiores que as sustentam: são por estes signos que devemos discernir, e não por caracteres exteriores que só podem ser equívocos, se eles convêm tanto à falsidade como à verdade. (*Id. Ibid*., p. 193)[85]

Em outros termos, Bayle associa a opinião à pura probabilidade e depois de bem examinada, o percentual de chance de estar correta diminui drasticamente, pois, na questão da simetria entre ateísmo e moralidade, por exemplo, os que "creem que o Ateísmo é o estado mais execrável que o homem se possa encontrar, ultrapassam o número dos que afirmam o contrário." (*OD* III[*CPD*], p. 304*b*.)[86] São esses raros

---

s'est encore avisé d'attaquer directement. *Les avez-vous bien examinées*? Avez-vous quelque chose de solide à y répondre? Sans cela votre scandale ne peut être que mal fondé."](*OD* III[*CPD*], p. 296*a*, grifos meus.)

[82]"Mas para pequenos autores como eu, nada saberia ser mais inconveniente que o estilo lacônico em semelhantes encontros." ["Mais pour de petits Auteurs comme moi, rien ne sauroit être messéant, que le style laconique dans de semblables rencontres."] (*OD* III[*CPD*], p. 240*b*).

[83]"[...] dans un homme d'une grande autorité parmi les doctes."

[84] "Ils font voir par-là que les intérêts de la vérité, bien ou mal connue, sont le ressort qui les tire du grand chemin, & est un sujet de consolation, ou d'une grande édification pour les personnes raisonnables que autrement eussent pû se scandaliser."

[85] "[...] c'est une très-mauvaise preuve de la verité d'une chose que de dire qu'une infinité de gens l'ont affirmée. Vous craignez que cela ne soit d'une dangereuse conséquence par rapport à des doctrines, qui nous doivent être infiniment précieuses. Je vous réponds, Monsieur, que vous ne devez rien craindre de ce côté-là. Les grandes & les importantes verités ont des caractères interieurs qui les soûtiennent: c'est à ces signes que nous les devons discerner, & non par des caractères extérieurs qui ne peuvent être qu'équivoques, s'ils conviennent tantôt à la fausseté, tantôt à la vérité.".

[86]"Vous ne manquerez pas de me répliquer que le nombre des Auteurs, qui croient que l'Athéisme est l'état le plus execrable où l'homme se puisse trouver, surpasse le nombre de ceux qui affirment le contraire."No mesmo parágrafo, Bayle critica os que, já em uma primeira impressão, acreditam em algo, ou seja,

“espíritos filósofos” que vão tratar de fazer uma investigação acurada acerca da verdadeira causa da emissão, propagação e consequentemente a consolidação de uma opinião. Bayle insiste neste ponto nevrálgico: a ilusão de uma tradição fortalecida em pensar que está isenta de falsidade. Segundo o filósofo de Carla, a imposição do nome e título de sábio de nada serve para fazer com que se aceite que a verdade está na tradição, mas, ao contrário, só alimenta ainda mais a suspeita de que aquela precisa ser explorada mais a fundo, ser desmistificada. A opinião de um homem só terá mais validade do que outra de acordo com seu grau de certeza, uma vez que se instruiu realmente a respeito do que está sendo colocado em questão. Bayle diz:

> Por aí, parece que os sábios estão algumas vezes, em uma tão perigosa suspeita quanto o povo, e que uma tradição fortificada por seu testemunho não é por isso isenta de falsidade. Não é preciso então que o nome e o título de sábio nos sejam impostos. Que sabemos nós se esse grande doutor que expõe alguma doutrina anunciou mais de modo a se convencer que um ignorante que acreditou nele sem examinar? Se o doutor o fez igualmente, sua voz não tem mais autoridade que a de outro, visto que é certo que o testemunho de um homem só deve ter força à proporção do grau de certeza que se adquiriu instruindo-se plenamente de fato. (2007, p. 137; *OD* III[*PD*], p. 35*a*.)[87]

Equiparando o peso das duas opiniões, ou seja, o do povo e a dos sábios, ambas, sem um exame minucioso prévio do que sustentam, não têm valor algum.

---

tocando no problema da evidência de um julgamento acerca de um determinado objeto: “Uma outra coisa pode servir de obstáculo a uma justa escolha. Não se imprime muito fortemente esta consideração que há em cada partido um forte e um fraco, e que é preciso somente decidir após comparar exatamente o forte de um ao forte de outro, e o fraco de um ao fraco de outro.; porque se somente se compara o forte ao fraco como se faz ordinariamente quando uma paixão secreta inspira preconceitos, expõe-se a mil ilusões. Não é preciso mais se limitar a seus primeiros movimentos, há objetos que nos arrebatam ou que nos assustam à primeira vista. Julgando sobre esta primeira impressão, podereis aí estar enganado. Vale mais então deixá-la passar e esperar o que dirá nosso espírito após ter feito o giro do objeto e aí ter bem considerado pela parte anterior e por trás. Não está fora de propósito colocá-lo sob um outro ponto de vista.”[“Une autre chose peut servir d'obstacle à un juste choix. On ne s'imprime pas assez fortement cette considération, qu'il y a dans chaque parti un fort & un faible, & et le faible de l'un au faible de l'autre; car si l'on compare que le fort au faible, comme l'on fait ordinairement lorsqu'une passion secrète inspire des préjugés, on s'expose à cent illusions. Il ne faut point non plus s'arrêter à ses premiers mouvements; il y a des objets qui nous ravissent, ou qui nous effraient à la première vue. Jugez-en sur cette première impression, vous y pourrez être fort trompé. Il vaut donc mieux la laisser passer, & attendre ce que dira notre esprit après avoir fait le tour de l'objet, & avoir bien consideré par devant & par derrière. Il n'est pas hors de propos de le mettre sous un autre point de vue.”] (*Id. Ibid*., p. 305*b*.) Ver também o parágrafo LXXX da mesma obra intitulado *Porque se pode crer que aqueles que preferiram o Paganismo ao Ateísmo, não* examinaram *bem a questão*. (grifo meu)

[87]“Il paraît de là que les savants sont quelques fois une aussi méchante caution que le peuple, et qu'une tradition fortifiée le leur témoignage n'est pas pour cela exempte de fausseté. Il ne faut donc pas que le nom de le titre de savant nous impose. Que savons-nous si ce grand docteur qui avance quelque doctrine a apporté plus de façon à s'en convaincre qu'un ignorant qui l'a crue sans l'examiner? Si le docteur en a fait autant, sa voix n'a pas plus d'autorité que celle de l'autre, puisqu'il est certain que le témoignage d'un homme ne doit avoir de force qu'à proportion du degré de certitude qu'il s'est acquis en s'instruisant pleinement du fait.”

Contudo, há justamente uma espécie de "transferência" do saber para os sábios. Entretanto, a despeito dos títulos, daí não se obtém convencimento algum do que é proferido sem conhecimento algum do que está sendo debatido. Bayle fala em graus de certeza, ou seja: mesmo não estando certo de se alcançar uma verdade absoluta, é mais provável ter uma opinião mais vigorosa e fundamentada instruindo-se mais a fundo, ou seja, situando-se nos antípodas de uma pseudo sapiência mais considerada pelo que aparenta saber do que realmente por ter conhecimento de causa. Nas palavras de Delpla, "esta extensão da autoridade intelectual em prol do personagem social do sábio decorre da credulidade, da ausência de espírito crítico e de uma preguiça que dispensam de verificar o alcance de um saber." (2003, p. 155)

Segundo Bayle, um sentimento só pode se tornar provável uma vez que se apresentou como verdade àqueles que sequer empregaram um esforço mínimo em empreender um exame acurado do que sempre lhes é mostrado, até mesmo imposto, seja por meio de discursos, livros e todo veículo de informação possível e digno de suspeita. Não tendo um conhecimento mais aprofundado das coisas, a multidão não ultrapassará os limites do que lhe parece a verdade:

> Eu disse-vos antes e ainda repito-vos: um sentimento só pode se tornar provável pela multidão daqueles que o seguem igualmente ao que pareceu verdadeiro a muitos, independentemente de toda prevenção e pela força única de um exame judicioso, acompanhado da exatidão e de uma grande inteligência das coisas; e como bem foi dito que um testemunho que viu é mais crível que dez que falam por ouvir-dizer, pode-se também assegurar que um homem hábil que só debita o que ele meditou extremamente e que encontrou à prova de todas as suas dúvidas dá mais peso a seu sentimento que cem mil espíritos vulgares que seguem como carneiros e depositam tudo na boa fé de outrem. (2007, p. 137; *OD* III[*PD*], p.35*b*.)[88]

A insistência do filósofo é para reforçar justamente seu argumento de que exame, meditação e um vasto conhecimento das coisas são elementos imprescindíveis para, pelo menos, se outorgar o direito de discutir sobre um determinado tema proposto. Além de todos esses fatores, Bayle valoriza mais um testemunho ocular, ou seja, que viu

[88]"Je vous l'ai déjà dit et je le répète encore: un sentiment ne peut devenir probable par la multitude de ceux qui le suivent qu'autant qu'il a paru vrai à plusieurs indépendamment de toute prévention et par la seule force d'un examen judicieux, accompagné d'exactitude et d'une grande intelligence des choses; et comme on a fort bien dit qu'un témoin qui a vu est plus croyable que dix qui parlent par ouï-dire, on peut aussi assurer qu'un habile homme qui ne débite que ce qu'il a extrêmement médité et qu'il a trouvé à l'épreuve de tous ses doutes donne plus de poids à son sentiment que cent mille esprits vulgaires qui se suivent comme des moutons et se reposent de tout sur la bonne foi d'autrui."

o que se passou, contrariamente a inúmeros que apoiaram seus julgamentos temerários em outras opiniões já proferidas também arbitrariamente, e que fizeram da pretensa boa fé dos outros a depositária de sua cegueira. A denúncia de um certo espírito de rebanho característico em um contexto que o espírito crítico de sondagem das opiniões se situa à margem, serve para constatar a inércia de um círculo social que sempre entende que a *quantidade* e não a *veracidade* das opiniões obtém estatuto de verdade[89]. Nesse contexto, é mister "se servir do método de pesar as vozes e não contá-las." (*OD* III[*CPD*] pp. 194*b*-195*a*.)[90]

Bayle é pontual: em filosofia, é preciso afastar o julgamento do vulgo e analisar os fatos e fenômenos naturais tanto pela experiência como pela razão. Fazer da oscilante multiplicidade opinativa um método para julgar uma contenda, é querer incorrer em uma série de equívocos os quais podem comprometer sua legitimidade:

> [...] sempre lembro, que não é preciso contar as vozes, que é preciso pesá-las, e que o método de decidir uma controvérsia pela pluralidade das vozes, está sujeito a tantas injustiças, que só há a impossibilidade de fazer de outro modo que o torne legítimo em certos casos. (2007, p. 138; *OD* III[*PD*], p.

---

[89]Quanto à insustentabilidade do seu paradoxo do ateu virtuoso, Bayle diz na *CPD*: "Crede-vos, Senhor, que com a pluralidade de tais sufrágios se possa tornar superior a probabilidade da tese oposta ao meu paradoxo? Penseis aí bem, encontrareis que esta pluralidade vem de uma fonte que enfraquece extremamente a decisão."["Croïez-vous, Monsieur, qu'avec la pluralité de tels sufrages on puisse rendre supérieure la probabilité de la these oposée à mon paradoxe? Songez-y bien, vous trouverez que cette pluralité vient d'une source que afoiblit extrêmement la décision."] (*OD* III, p. 306*b*.).

[90]"[...]se servir de la méthode de peser les voix, & non pas de les compter." Entretanto, para não aceitarmos acriticamente essa varredura das falsas opiniões exigida por Bayle, vale lembrar que o filósofo abre exceções para tal postura, como por exemplo, em assuntos de jurisprudência e política, pois entende que uma assembleia é necessária para decisões governamentais e uma única opinião contrária colocaria em descrédito toda e qualquer decisão, causando mal-estar. A prudência, neste caso, é necessária em prol da conservação do corpo político. Bayle afirma na *CPD*: "Se a jurisprudência e a política têm deixado a decisão dos processos é porque não foi possível se servir do método de pesar as vozes e não contá-las. O método que foi preciso empregar com toda a necessidade está sujeito a grandes inconvenientes. A justiça, a razão e a prudência estão do lado do pequeno número em cem ocasiões, tal como é o único de seu parecer, opina mais sabiamente que todo o resto da companhia. As mais sábias cabeças de uma assembleia têm frequentemente o desprazer de ver que a cabala de jovens dominados e pouco esclarecidos obtém na pluralidade das vozes uma decisão iníqua, temerária e perniciosa. Mas é preciso passar por isso, porque se fosse estabelecida a necessidade do concurso de todos os sufrágios e se, como nas Dietas da Polônia, a oposição de um único deputado pudesse tornar nulas todas as deliberações, lançar-se-ia em um abismo muito mais funesto." ["Je vous dirois en deuxième lieu que si la Jurisprudence, & la politique ont laissé la décision des affaires au jugement du plus grand nombre, c'est à cause qu'il n'a pas été possible de se servir de la méthode de peser les voix, & non pas de les compter. La méthode qu'il a fallu emploïer de toute necessité est sujette à de grands inconvénients. La justice, la raison & la prudence sont du côté du petit nombre en cent occasions, & tel qui est seul de son avis opine plus sagement que tout le reste de la compagnie. Les plus sages têtes d'une assemblée ont très-souvent le déplaisir de voir que la cabale des jeunes gens emportez, & peu éclairez obtient à la pluralité des suffrages une décision inique, téméraire & pernicieuse. Mais il faut passer par-là, car si l'on établissoit la nécessité du concours de tous les suffrages, & si comme dans les Dietes de Pologne, l'oposition d'un seul Député pouvoit rendre nulles toutes les déliberations, on se jetteroit dans une abîme beaucoup plus funeste."] (*Id. Ibid*.)

35*b*.)[91]

A impossibilidade consiste na incerteza de saber qual sufrágio vale mais que outro, uma vez que não se tem nem a competência nem as "luzes necessárias" para estabelecer a validade de cada parecer, precisando que se tolere que uma opinião valha tanto quanto outra em determinadas situações.[92] Contudo, Bayle inverte os termos: visto que os embates filosóficos não são dessa estirpe, é preciso reduzir a nada os pontos de vista dos crédulos e supersticiosos, levando em conta o pequeno número de filósofos. Nesse sentido, vai de encontro à velha máxima "a voz do povo é a voz de Deus" a qual é a fonte dos pensamentos mais absurdos:

> Mas, visto que as Controvérsias de Filosofia não são desta espécie, nos é deveras permitido computar como nada os sufrágios[93] de uma infinidade de pessoas crédulas e supersticiosas, e antes, aquiescer às razões de um pequeno número de Filósofos. Assim, Mr., sem ter consideração ao vosso *Vox populi, vox Dei*, que autorizaria os pensamentos mais ridículos, se aí o seguissem, eu seria muito da opinião que se examinasse primeiramente se é verdadeiro que os anos que acompanharam de perto os cometas foram sempre notáveis pelos fatos mais trágicos do que aqueles que se vê acontecer em outros tempos. (2007, p. 138; *OD* III[*PD*], p.36*a*.)[94]

---

[91]"Je n'approuve pas ces manières, mais j'en reviens toujours là, qu'il ne faut pas compter les voix, qu'il faut les péser, et que la méthode de décider une controverse à la pluralité des voix est sujette à tant d'injustices qu'il n'y a que l'impossibilité de faire autrement qui la rende légitime en certains cas."

[92]"[...] não há ninguém no mundo que possa determinar exatamente quanto um sufrágio vale mais que outro, não possuindo nem a jurisdição nem as luzes necessárias para reduzir as opiniões dos membros de uma companhia, cada uma a seu justo preço, de modo que é mister necessariamente tolerar que um valha tanto quanto o outro em certos casos." ["C'est qu'il n'y a personne sur la terre qui puisse déterminer au juste combien un suffrage vaut que l'autre, qui ait ni la juridiction ni les lumières nécessaires pour réduire les opinions des membres d'une compagnie chacune à son juste prix, de sorte qu'il faut nécessairement tolérer que l'une vaille autant l'autre dans certains cas."](2007, p. 138, *OD* III[*PD*],pp.35*b*-36*a*.)

[93] O significado do termo sufrágio atualmente tem o mesmo sentido jurídico e eleitoral como era utilizado no século XVII. Ver DUBOIS, Jean; LAGANE, René; LEROND, Alain. *Dictionnaire du français classique:* XVIIe siècle. Paris: Larousse, 1988, p.518 (Références Larousse).

[94]"Mais puisque les controverses de philosophie ne sont pas de cette espèce, il nous est fort permis de compter pour rien les suffrages d'une infinité de gens crédules et superstitieux, et d'acquiescer plutôt aux raisons d'un petit nombre de philosophes. Ainsi, Monsieur, sans avoir égard à votre vox populi, vox Dei, aphorisme qui autoriserait les pensées plus ridicules si on le suivait, je serait fort d'avis qu'on examinât premièrement s'il est vrai que les années qui ont suivi de près les comètes aient toujours été remarquables par des événements plus tragiques que ceux qu'on voit arriver dans d'autres temps." Bayle mostra o filósofo como o agente esclarecedor dos verdadeiros fundamentos de uma opinião. Opõe a clareza da razão às obscuras proposições pela tradição. Hume aqui é fiel ao filósofo francês. A razão, desde que seja clara, é o antídoto contra a corrupção das opiniões humanas: "A razão, quando clara, previne tais corrupções; quando abstrusa, mantém os princípios inteiramente afastados do conhecimento das pessoas comuns, que só são propensas a corromper um princípio ou opinião." HUME, *História da religião natural*, seção 1, p. 28. Vale atentar também para a importante distinção entre um combate entre ideias, estando sob os auspícios da razão, e o propriamente físico e moral, fomentado desmedidamente pelos religiosos. Tal distinção encontra-se na *Republique des Lettres* de Bayle. Segundo J.-M. Gros, "com efeito, a diferença é dupla: é que, antes de tudo, no combate intelectual, existem critérios – argumentos conclusivos, experiências cruciais, o testemunho de documentos irrefutáveis,etc. Contrariamente, no conflito religioso, como a fé, por definição, não é de ordem discursiva, a violência não tem limite,

O descrédito do vulgo é claro e Bayle não mede esforços em fulminar a "legitimidade" dos sufrágios. Em oposição ao pequeno número de pregadores que foram os arautos da superstição, Bayle evoca o restrito círculo dos filósofos que justamente tem a incumbência de investigar as apreciações dos crédulos. E ainda vai mais longe, mostrando que opiniões em nada condizem com as *ações*. Levando em conta a capacidade humana das mais gritantes aberrações no que concerne a outrem, em relação a si próprios estabelecem inúmeras exceções. Bayle afirma: não são opiniões especulativas que são o móbil das ações, e sim as paixões que se encontram no coração do homem[95]. Muito raramente os homens agem de acordo com seus princípios. Mesmo hábeis em matérias de ordem especulativa, pecam pela facilidade que têm de assimilarem falsas inferências, do que por suas conclusões das mesmas. Em relação aos costumes, o quadro ainda é mais nefasto: mesmo tendo em suas consciências todas as ideias da equidade natural, concluem sempre a favor de sua extravagante concupiscência. A questão é: se reinam no espírito do homem todos os preceitos religiosos – entre os quais o da equidade – como na *prática* o que prevalece são as paixões?

> De onde vem tudo isso, por favor, ainda que exista entre os homens uma prodigiosa diversidade de opiniões no tocante ao modo de servir a Deus, e viver segundo as leis da decência, contudo, vemos certas paixões reinarem constantemente em todos os Países e em todos os séculos? (*PD*, 2007, p. 293; *OD* III[*PD*], p. 88*a*).[96]

Teoricamente, são perfeitos todos os mandamentos religiosos. Uma vez inculcados na consciência, o mais natural seria efetivá-los na prática, independente das maneiras de se venerar uma divindade. Mas, na concretude dos fatos, não é o que acontece, pois as paixões falam mais alto nos homens, tornando-se a regra absoluta de

---

carecendo de uma conclusão de ponto de apoio para um acordo comum. O conflito aí não faz ninguém progredir e degenera em uma guerra tanto cruel e absurda, como sem razão. A segunda diferença decorre da primeira: na guerra religiosa, não podendo convencer por um argumento ou uma experiência irrefutável, dirigem-se à pessoa, seja física ou moralmente." "Pierre Bayle et la Republique des Lettres", In: MCKENNA, Antony & MOREAU, Pierre-François. *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Saint-Étienne: Presses Universitaires de Saint-Étienne, 2002, p. 138.

[95]"O que há então a fazer é nos atermos ao que acontece com mais frequência, a saber, *que não são as opiniões gerais do espírito que nos levam a agir, mas as paixões presentes no coração."*["Ce qu'il y a donc à faire, c'est de s'en tenir à ce qui arrive le plus souvent, savoir *que ce ne sont pas les opinions générales de l'esprit qui nous déterminent à agir, mais les passions présentes du coeur."*](2007, p.297; *OD* III[*PD*], p. 89*b*, itálicos de Bayle.)

[96]"D'où vient, je vous prie, qu'encore qu'il y ait parmi entre les hommes une prodigieuse diversité d'opinions touchant la manière de servir Dieu et de vivre selon les lois de la bienséance, on voit neanmoins certaines passions régner constamment dans les tous les pays et dans tous les siècles?"

suas respectivas condutas. Tais paixões são traduzidas por toda sorte de malefícios e sacrilégios que um homem pode cometer contra seu próximo, visto que o objetivo principal é agir de acordo com seu temperamento. Bayle reduz a condição humana a tal estado de coisas. Para satisfazer seus desejos, todos os homens são iguais. Copiam-se uns aos outros no que concerne às opiniões, na prática não é diferente:

> [...] o Judeu e o Maometano, o Turco e o Mouro, o Cristão e o Infiel, o Indiano e o Tártaro, o habitante de terra firme e o das Ilhas, o Nobre e o Plebeu, todos esses tipos de pessoas que, no resto, só concordam, por assim dizer, na noção geral de homem, são tão parecidos a respeito dessas paixões, que diríamos que eles copiam uns aos outros? (*PD*, 2007, p. 293; *OD* III[*PD*], p. 88*a*).[97]

Sem exceção alguma, todos os homens buscam saciar suas paixões por diversos modos, seja pela "avareza, ambição, o desejo de se vingar, a impudicícia." (*Id. Ibid.*;*Id. Ibid.*)[98] O verdadeiro princípio das ações é o temperamento, uma disposição que emerge do fundo da natureza humana, em qualquer lugar que tenha nascido e devido aos seus conhecimentos adquiridos. Segundo Bayle, tudo isso é resultado das diversas superstições reinantes entre os povos, que, querendo apaziguar a ira de seus deuses, inventavam uma série de prodígios, os quais imaginavam serem os promotores dos infortúnios terrenos. Mas por essas vias, também ocorreram os crimes mais atrozes.[99] Dessa forma, se erige um enorme contra-senso: nesse panorama sombrio de crimes religiosos, como é possível que os cristãos, que conhecem com tanta clareza, mediante uma verdade revelada, tantos milagres, ainda precisem abandonar seus vícios com vistas a adquirirem a felicidade eterna?:

> Se assim não fosse, como seria possível que os Cristãos, que conhecem tão claramente por uma revelação sustentada por tantos milagres, que é preciso

---

[97]"[...]le juif et le mahométan, le Turc et le Maure, le chrétien et l'Infidèle, l'Indien et le Tartare, l'habitant de la terre ferme et l'habitant des îles, le noble et le roturier, toutes ces sortes de gens qui dans la notion générale d'homme, sont si semblables à l'égard de ces passions que l'on dirait qu'ils se copient les uns les autres?"

[98]"[...]que l'ambition, l'avarice, l'envie, le désir de se venger, l'impudicité et tous les crimes qui peuvent satisfaire ces passions se voient partout?"

[99]"É preciso que assim seja, visto que os antigos Pagãos, acabrunhados por uma multiplicidade inacreditável de superstições, perpetuamente ocupados em apaziguar a cólera de seu Deus, apavorados por uma infinidade de prodígios, imaginando que os Deuses eram os Dispensadores da adversidade e da prosperidade segundo a via que se tomava, não deixaram de cometer todos os crimes imagináveis."["Il faut bien que cela soit, puisque les anciens païens, accablés d'une multitude incroyable de superstitions, pérpétuellement occupés à apiser la colère de leurs idoles, épouvantés par une infinité de prodiges, imaginant que les dieux étaient les dispensateurs de l'adversité et de la prospérité selon la vie que l'on menait, n'ont pas laissé de commettre tous les crimes imaginables."](2007, pp. 293-294; *OD* III[*PD*], p.88*a*.)

> renunciar ao vício para ser eternamente feliz, e para não ser eternamente infeliz;ue tem tantos excelentes pregadores pagos para aí lhes fazerem as mais vivas e prementes exortações do mundo; que se encontram em toda parte tantos Diretores de Consciência zelosos e sábios e tantos livros de devoção; como, afirmo, seria possível entre tudo isso, que os Cristãos vivessem, como o fazem, nos maiores desregramentos do vício? (2007, p. 294; *OD* III[*PD*], p. 88*a*.)[100]

Mesmo com tudo que possa impedir atitudes desmedidas na prática tomadas pelos religiosos, Bayle entende que isso é inevitável porque: 1) o homem, sendo capaz de cometer ações as mais atrozes, "jamais vai impor uma regra a seu respeito que não admita mil exceções" (*Id. Ibid.*, p. 297; *Id. Ibid.*, p. 89*a*.)[101]; e também porque o móbil principal que leva os homens a agir são "*as paixões presentes do coração*" (*Id. Ibid.*; *Id. Ibid*, p. 89*b*.,itálicos de Bayle.)[102] Dessa forma, o argumento de que religiosos que não se comportem de acordo com seus princípios é por causa de seu "ateísmo escondido"(*Id. Ibid.*,p. 298.; *Id. Ibid*.)[103] torna-se implausível, já que justamente mandamentos religiosos não surtem efeito algum quando se trata de impedir que crimes sejam cometidos, seja contra partidários de uma doutrina contra outra, seja de uma nação contra outra. Bayle se questiona: se um determinado indivíduo sabe que matar ou roubar é proibido por um deus e se sua índole não vê nenhuma bondade em cometer tais ações, ou se o temor pela má reputação e castigo poderia impedi-lo, por que, a despeito de todos esses fatores, se é levado ao crime? Ou em outros termos, "se as luzes da consciência fossem a razão que

---

[100]"Et si cela n'était pas, comment serait-il possible que les chrétiens, qui connaissent si clairement par une révélation soutenue de tant de miracles qu'il faut renoncer au vice pour être éternellement heureux et pour n'être pas éternellment malhereux; qui ont tant d'excellents prédicateurs payés pour leur faire là-dessus les lus vives et les plus pressantes exhortations du monde; qui trouvent partout tant directeurs de conscience zélés et savants, et tant de livres de dévotion; comment, dis-je, serait-il possible, parmi tout cela, que les chrétiens vécussent, comme ils le font, dans les plus énormes dérèglements du vice?"

[101]"[...] Ce serait un travail infini que de s'amuser à éclaircir toutes les objections que l'on peut faire contre cette doctrine; car l'esprit humain étant capable de toutes les bizarreries imaginables, on ne posera jamais de règle sur son sujet qui ne souffre mille exceptions."

[102]"Ce qu'il y a donc à faire, c'est de s'en tenir à ce qui arrive le plus souvent, savoir *que ce ne sont pas les opinions générales de l'esprit qui nous déterminent à agir, mais les passions présentes du coeur.*"E a história, segundo Bayle, mostra o oposto: os ateus tinham as claras noções – na teoria e na prática – de honestidade, sensibilidade, bom temperamento: "[...]se Deus não nos tivesse deixado sem testemunho perante os próprios Ateus; se quis eles tivessem ele pelas ideias de honestidade civil, pela sensibilidade para o louvor, por um bom temperamento; se, em uma palavra, a história nos dá como um fato certo que seus costumes foram regrados, invejar-lhe-íamos esse pequeno bem? Escrutinar-lhe-íamos por uma fraude piedosa?"[...si Dieu ne s'est point laissé sans témoignage envers les Athées mêmes; s'il a voulu qu'ils tinssent à lui par les idées de l'honnêteté civile, par la sensibilité pour la louange, par un bon tempérament; si en un mot l'Histoire nous donne comme un fait certain que leurs moeurs ont été réglées, leur envierons-nous ce petit bien? Les en dépouillerons-nous par une fraude pieuse? (*OD* III[*APD*], p. 178*a*.)

[103]"On ne peut pas me répondre que les chrétiens qui ne vivent pas conformément aux principes de luer religion ne sont pas persuadés de nos nystères, et que sont autant d'athées cachés."

nos determina, os cristãos viveriam tão mal como o fazem?"[104](*PD*, 2007, pp.297-298; *OD* III[*PD*], p. 89*b*.)[105] O que o filósofo de Carla quer dizer é que, se as persuasões do espírito de forma geral não são o motor das ações humanas, mas as paixões particulares – como por exemplo, o costume e o temperamento – pode ocorrer uma descontinuidade enorme entre o que se crê e o que se faz.[106] Podendo parecer anormal, em termos conjecturais, que alguém que não creia em nada possa ter uma vida imaculada moralmente, contudo, é digno de mais estranheza ainda *ipso facto* que o homem, criatura racional por excelência, aja somente esporadicamente de acordo com o que crê.[107]

Segundo Bayle, o princípio que faz com que ateus e idólatras sejam levados a fazer o mal ou o bem não é a crença ou descrença na existência de uma providência divina que puna os maus e recompense os bons. Tais princípios das ações humanas são de cunho externo e interno, a saber, a propensão do temperamento e pela influência dos hábitos adquiridos:

> Pois, se a persuasão que há uma providência divina que castiga os maus e que recompensa as pessoas de bem não é o princípio das ações particulares do homem, como eu venho a mostrar, segue-se que um ateu e um idólatra

[104]"Encore um coup, si les lumières de la conscience étaient la raison qui nous détermine, les chrétiens vivraient-ils aussi mal qu'ils font?"

[105] No *CPh*, Bayle diz: "E esta regra não pôde ser outra coisa que a luz natural, que os sentimentos de honestidade impressos na alma de todos os homens; em uma palavra, que esta razão universal que esclarece todos os espíritos e que não falta jamais àqueles que a consultam atentamente, e sobretudo, nesses intervalos lúcidos, onde os objetos corporais não preenchem a capacidade da alma, seja por suas imagens, seja pelas paixões que elas excitam em nosso coração." ["Et cette règle n'a pu être autre chose que la lumière naturelle, que lessentiments d'honnêteté imprimés dans l'âme de tous les hommes; en un mot que cette raison universelle qui éclaire tous les esprits et qui ne manque jamais à ceux qui la consultent attentivement, et surtout dans ces inervalles lucides, où les objets corporels ne remplissent pas la capacité de l'âme, soit paer leurs images, soit par les passions qu'ils excitent dans notre coeur."] (1992, I, i, p. 92; *OD* II[*CPh*], p. 369*b*.)

[106]Daí, Bayle reverte a argumentação, isto é, do mesmo jeito que um ateu pode agir corretamente por seu temperamento, um idólatra pode agir desregradamente: "Então é tão fácil que um ateu se prive de seus prazeres em favor de um outro como é fácil que um idólatra faça um falso sermão. Assim, se vê que de um homem que não tenha religião alguma, não se segue necessariamente que ele se entregue a toda espécie de crimes ou a toda espécie de prazeres." ["Donc il est facile qu'un athée se prive de ses plaisirs en faveur d'un autre qu'ils est facile qu'un idolâtre fasse un fausse serment. Ainsi, l'on voit que, de ce qu'un homme n'a point de religion, il ne s'ensuit pas nécessairement qu'il se porte à toute sorte de crimes ou à toute sorte de plaisirs."](2007, p. 371; *OD* III[*PD*], p. 113*b*.)

[107]"Concebo que é uma coisa bem estranha que um homem que viva bem moralmente e que não creia nem no Paraíso nem no inferno. Mas eu retorno sempre aí, que o homem é uma certa criatura que, com toda a sua razão, não age sempre conforme a sua crença Os cristãos nos fornecem muitas provas."["Je conçois que c'est une chose bien étrange qu'un homme qui vit bien moralement et qui ne croit ni Paradis ni Enfer. Mais j'en reviens toujours là, que l'homme est une certaine créature qui, avec toute sa raison, n'agit pas toujours conséquemment à sa créance. Les chrétiens nous fournissent assez de preuves.](BAYLE, 2007, p. 370; *OD* III[*PD*], p. 113*a*.)

> governam-se por um mesmo princípio no tocante aos costumes, isto é, pelas inclinações de seu temperamento e pelo peso dos hábitos que eles contraíram. De sorte que, para saber qual dos dois deve ser pior do que o outro, somente é preciso investigar as paixões às quais eles sujeitaram-se. (*PD*, 2007, p. 308; *OD* III[*PD*], p. 93*a*.)[108]

Isto é, agir bem ou mal não é mais questão de crença ou descrença. Diversos fatores podem influenciar a motivação de uma determinada ação, seja para ateus seja para idólatras. Tanto o temperamento, isto é, a propensão a fazer certas coisas como os hábitos que foram assimilados são o que o mobilizam o homem a concretizar as mais diversas ações. Nesse sentido, o critério da crença em uma providência divina reguladora do curso da natureza e julgadora das ações humanas para saber os motivos que levaram um homem a agir de uma forma ou de outra dá lugar à necessidade de uma investigação sobre os móbeis de caráter interno – fisiológicos ou psicológicos – e de caráter externo – sociais e educacionais. Análises genéricas sobre o que impulsiona os homens a agirem, isto é, somente afirmar que se age mediante as paixões é superficial, perdendo-se a complexidade do problema. Bayle dá um exemplo:

> Quando se examina essas coisas com uma visão geral, imagina-se que desde que um ateu pense que podendo embriagar-se impunemente, ele embriaga-se todos os dias. Mas aqueles que sabem a máxima *trahit sua quemque voluptas* [cada um é impulsionado por sua paixão], e que examinaram mais exatamente o coração do homem não vão tão rápido. Eles informam-se antes de julgar a conduta deste ateu, qual é seu gosto. Se eles veem que ele gosta de beber, que é bastante sensível a este prazer, que ele gosta mais do que da reputação de homem honesto, julgam efetivamente que ele bebe o tanto que puder. Mas eles não julgam por isso que ele o faz mais que uma infinidade de cristãos que são bêbados por quase toda a sua vida. (*PD*, 2007, pp.308-309; *OD* III[*PD*], p.93*a*.)[109]

---

[108] "Car si la persuasion qu'il y a une providence qui châtie les méchants et qui recompense les gens de bien n'est pas le ressort des actions particulières de l'homme, comme jê viens de le faire voir, il s'ensuit qu'un athée et qu'un idolatre se gouvernent par um même príncipe pour ce qui regarde les moeurs, c'est-à-dire par les inclinations de leur tempérament et par le poids des habitudes qu'ils contractées. De sorte que, pour trouver lequel des deux doit être plus méchant que l'autre, il ne faut que s'enquérir des passions auxquelles leur tempérament les assujettit."

[109] "Quando n n'examine ces choses que d'une vue générale, on se figure que dês qu'un athée fait réfléxion qu'il peut s'enivrer impunément, il s'enivre tous les jours. Mais ceux qui savent la máxime trahit sua quemque voluptas et qui ont examine plus exactement le coeur de l'homme ne von pás si vite. Ils s'informent, avant que de juger de la conduite de cet athée, quel est son goût. S'ils trouvent qu'il aime à boire, qu'il est fort sensible à ce plaisir-là, qu'il en est plus friand que de la réputation d'honnête homme, ils jugent qu'effectivement il boit autant qu'il peut. Mais ils ne jugent pás pour cela qu'il en fait

Eis a lição bayleana deste curioso exemplo: em todo e qualquer assunto que exija reflexões mais complexas e acuradas, é preciso informar-se minimamente a respeito, isto é, examinar antes de julgar. O exemplo aqui do apreço de um ateu aos prazeres da bebida, por si só, não permite julgar temerariamente ou moralmente acerca dos motivos que o levam a tal postura. Faz-se necessário, Bayle diz, no mínimo saber sobre suas preferências, isto é, ter conhecimento das condições prévias que o levaram à compulsão por beber e, da mesma forma, a respeito de toda ação que ele viria a fazer. A ironia no final da passagem é evidente: somente em ver um ateu mergulhado na embriaguez, críticos mais apressados esqueceriam da grande quantidade de cristãos que permanecem ébrios por uma vida inteira, sem levar em conta o que fez com que chegassem à tal condição. Mas o mais importante é a conclusão de Bayle, pois isto é uma "grande prova que o espírito de deboche não depende das opiniões que se tem ou não no tocante à natureza de Deus [...]" (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)[110]

Bayle desenvolve mais sua argumentação. Se quisessem lançar-lhe uma objeção, isto é, que esse princípio poderia mais facilmente e melhor corrigido nos idólatras do que nos ateus, o filósofo de Carla recorre à experiência. Ele questiona porque os idólatras mais supersticiosos não conseguiram ou pouco avançaram em extirpar esse erro de si mesmos:

> Que me objetem tanto quanto queiram que o temor a um Deus é um meio infinitamente apropriado para corrigir esta corrupção natural, eu apelarei sempre à experiência e sempre perguntarei porque então os pagãos que levavam o temor a seus deuses até superstições tão excessivas tão pouco corrigiram esta corrupção que não há vício abominável que não tenha reinado entre eles. (*PD*, 2007, p. 309; *OD* III[*PD*], p. 93*b*.)[111]

---

plus qu'une infinite de chrétiens qui sont saouls presque toute leur vie."

[110] "Grande preuve que l'esprit de débauche ne dépend pas des opinions que l'on a ou que l'on n'a pas touchant la nature de Dieu[...]"

[111] "Qu'on m'objecte tant qu'on voudra que la crainte d'un Dieu est un moyen infiniment propre à corriger cette corruption naturelle, j'en appellerai toujours à l'expérience et jê demanderai toujours pourquoi donc les païens qui portaient la crainte de leurs dieux jusqu'à des superstitions excessives ont si peu corrige cette corruption qu'il n'y a point de vice abominable qui n'ait régné parmi eux."

Consultando a experiência, parece que o recurso a um deus fictício como repressor e freio das paixões humanas surtiu um efeito contrário: tal artifício culminou e desencadeou as mais absurdas superstições, engendrando e disseminando toda sorte de vícios. Contudo, se Bayle afirma que tal corrupção é natural, não seria natural a todos os homens, isto é, a idólatras e a ateus? Uma possível resposta seria a seguinte: no caso de cometerem um perjúrio, os ateus fariam sem o hesitar, não temendo punição alguma de uma justiça invisível. Os idólatras, ao contrário, se o fizessem, sê-lo-ia com medo de uma represália celeste, imaginando que a vingança os persegue por toda parte, mas por outro lado, mesmo a despeito deste temor, continuariam blasfemando desde que a ocasião se apresentasse. Não haveria contradição alguma na postura do ateu, pois para ele não há instância divina alguma que o condene e o faça arrepender-se de uma determinada ação cometida, em outras palavras, ele nada deverá e nem incorrerá em contradição com seus preceitos morais. Contrariamente, para o idólatra, tendo conhecimento desde sempre de que suas ações são condenáveis pelo deus que crê, continua agindo temerariamente conduzido por suas paixões.[112] Para Bayle, isto é uma questão de fato:

> Vemos reinar ainda por toda parte esta espécie de espírito que encerra os homens no pecado, não obstante o temor dos infernos e os remorsos da consciência. [...] Se é então verdadeiro, como a história e o curso da vida comum o justificam, que os homens podem mergulhar em toda sorte de crimes enquanto estão persuadidos da verdade de sua religião que lhes ensina que Deus castiga severamente o pecado e que recompensa magnificamente as boas obras; é preciso concordar que para os que nos dão esta persuasão como uma prova e como uma justificação de boa vida enganam-se necessariamente, e que, assim, é mal raciocinar concluir que um homem que é idólatra viva melhor do que um ateu. (*PD*, 2007, pp.310-311; *OD* III[*PD*], p. 93*b*.)[113]

[112] É o que afirma Holbach, citando Bayle: "O ateu, quando comete crimes, não pode ao menos pretender que foi o seu deus que o ordena e que o aprova. É a desculpa que, todos os dias, o supersticioso dá para a sua maldade, o tirano para as suas perseguições, o sacerdote para a sua crueldade e para a sua sedição, o fanático para os seus excessos e o penitente para a sua inutilidade. 'Não são', diz Bayle, 'as opiniões gerais do espírito que nos determinam a agir, mas as paixões.' O ateísmo é um sistema que, de um homem honesto, não fará nunca um perverso e que, de um homem perverso, não fará um homem de bem." HOLBACH, Barão de. *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral*. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010, II, xii, p. 797.

[113] "Nous voyons régner encore partout cette sorte d'esprit qui entraîne les hommes dans le péché, nonobstant la crainte des enfers et les remords de la conscience.[...] S'il est donc vrai, comme l'histoire et le train de la vie commune le justifient, que les hommes se peuvent plonger dans toute sorte de crimes pendant qu'ils sont persuades de la vérité de luer religion qui leur enseigne que Dieu châtie sévèrement le péché et qu'il recompense magnifiquement les bonnes oeuvres; il faut tomber d'accord que pour ceux qui nous donnent cette persuasion pour une preuve et pour un titre justificatif de bonne vie se trompent

A história e a vida ordinária o confirmam. È manifesta a discordância entre os temores internos dos idólatras e sua extravagância nas ações. Por vezes, o que uma religião ensina é irrelevante quando as paixões falam mais alto, fazendo com que o indivíduo enverede pelo caminho dos atos mais violentos e desmedidos. E o pior, tentar fazer com que essa postura paradoxal dos idólatras sirva tanto de fundamento e justificativa para uma vida boa, como tentar fazer de argumento contra a moralidade dos ateus. A esse falso raciocínio, Bayle opõe a experiência: é só dar uma consultada historicamente dos feitos dos idólatras para chegar à conclusão de que eles, ao invés de se sentirem impedidos pelo temor e respeito aos seus deuses e à sua justiça, eles os desprezaram, fazendo tudo que seja contrário aos seus preceitos religiosos. Bayle volta ao argumento inicial: a tendência a fazer o mal – ou o bem – nada tem a ver com o conhecimento ou desconhecimento, com a presença ou ausência da noção de um deus no espírito do homem. É a sua natureza, fortalecida pelas paixões as quais têm sua origem no temperamento, que compelem o homem à ação, suscetíveis de serem modificadas conforme circunstâncias externas e fortuitas:

> Resulta daí manifestamente que a inclinação a fazer o mal não se encontra mais em uma alma destituída do conhecimento de Deus do que em uma alma que conhece Deus; e que uma alma destituída do conhecimento de Deus não é mais despojada do freio que reprime a maldade do coração do que uma alma que tem esse conhecimento. Daí ainda resulta que a inclinação a fazer o mal vem do fundo da natureza do homem e que ela fortifica-se pelas paixões que, saindo do temperamento como de sua origem, em seguida modificam-se de diversas maneiras, segundo os diversos acidentes da vida. Enfim, daí resulta que a inclinação à piedade, à sobriedade, à mansidão, etc., não vem do que se conheça que há um Deus (pois, de outra maneira, precisar-se-ia dizer que jamais existiu pagão cruel e bêbado), mas de uma certa disposição do temperamento, fortificada pela educação, pelo interesse pessoal, pelo desejo de ser louvado, pelo instinto da razão, ou por semelhantes motivos que se encontram em um ateu tanto como nos outros homens. Assim, não temos nenhum direito de sustentar que um ateu deva necessariamente ser mais desregrado em seus costumes do que um idólatra. (*PD*, 2007, pp. 311-312; *OD* III[*PD*], p. 94*a*.)[114]

---

nécessairemente, et qu'ainsi c'est mal raisonner que de conclure de ce qu'un homme est idolatre qu'il vit moralement mieux qu'un athée."

[114] "Il resulte de là manifestement que l'inclination à mal faire ne se trouve pás plus dans une ame destituée de la connaissance de Dieu que dans une ame qui connaît Dieu; et qu'une ame destituée de la connaissance de Dieu n'est pás plus dégagée du frein qui reprime la malignité du coeur qu'une ame qui a cette connaissance. Il resulte encore de là que l'inclination à mal faire vient du fonde de la nature de l'homme et qu'elle se fortifie par les passions qui, sortant du tempérament comme de leur source, se modifient ensuite de plusieurs manières, selon les divers accidents de la vie. Enfin il resulte de là que

Sendo o temperamento o *leitmotiv* das ações humanas, que faz com que o homem cometa o mal, tendo em consideração fatores externos que possam influenciar na execução de um determinado ato, isso também vale no tocante a fazer o bem. Segundo Bayle, os mesmos motivos que fazem tender para os maus sentimentos fazem tender para os bons. Uma disposição do temperamento que, fortalecida por fatores de ordens diversas, pode ser encontrada tanto no ateu, como em qualquer outro homem, Bayle desvalida de vez o argumento que uma ação boa ou má dependa da crença ou descrença de quem a executa. A natureza humana é tão propensa ao mal como ao bem, dependendo da intensidade ou da calmaria das paixões e da direção que elas tomem, pois em todos os homens – inclusive o ateu - há o que Bayle chama de instinto da razão. Nesse sentido, se o "freio" dos idólatras é o seu deus regulador dos pensamentos e das ações – nem sempre eficaz - o do ateu é o apreço à bondade, à virtude, à retidão nas ações, isto é, a sentimentos que independem da crença em uma divindade. A corrupção da natureza humana aqui, de certa forma, é atenuada à medida que Bayle assume que o temperamento aliado a outros motivos pode também levar a agir retamente. Logo, é impossível sustentar que ateus sejam mais depravados do que os idólatras em matéria de costumes.

Bayle estabelece a comparação da disposição do coração dos idólatras com a dos ateus. Estes últimos, não sendo inpedidos pelo medo de um castigo divino e tampouco movidos pela esperança de uma recompensa dos céus, não se entregam absolutamente à sedução proporcionada por suas paixões. Ele diz nos *Pensées diverses*:

> Se observarmos os ateus na disposição de seu coração, vemos que, nem sendo retidos pelo medo de nenhum castigo divino nem animados pela esperança de nenhuma bendição celeste, eles devam abandonar-se a tudo que lisonjeia suas paixões. É tudo que podemos dizer, não tendo os anais de nenhuma nação ateia. Se tivéssemos, saberíamos até que excesso de crimes chegam os povos que não reconhecem nenhuma divindade, se eles vão mais longe do que aquelas que reconheceram um número inumerável. Creio que esperando uma relação bem fiel dos costumes, das leis e hábitos desses povos

---

l'inclination à la pitié, à la sobriété, à la débonnaireté, etc., ne vient pás de ce qu'on connaît qu'il y a un Dieu (car autrement il faudrait dire que jamais il n'y a eu de païen cruel et ivrogne), mais d'une certaine disposition du tempérament, fortifiée par l'éducation, par l'intérêt personnel, par le désir d'être loué, par l'instinct de la raison, ou par de semblables motifs que se rencontrent dans um athée aussi bien que dans les autres hommes. Ainsi nous n'avons aucun droit de soutenir qu'un athée doit être nécessairement plus déreglé dans seus moeurs qu'un idolatre."

> que se diz que não professam nenhuma religião, pode-se assegurar que os idólatras fizeram em matéria de crimes tudo o que saberiam fazer os ateus. (2007, p. 279; *OD* III[*PD*], p. 83*a*.)[115]

Equiparadas as disposições ou móbeis que levam tanto ateus como idólatras a agirem, Bayle mostra que nem sempre os ateus são guiados por suas paixões, mesmo na falta de estudos e descrições mais detalhadas a respeito das leis e costumes dos habitantes de uma sociedade ateia e até que ponto chegariam as suas atrocidades – relatos antropológicos dos quais Bayle se valerá na *Continuation*. Contudo, se ainda é obscuro o conhecimento a respeito de uma nação em que a crença na existência de um deus é insignificante, é fato que o "número inumerável" citado por Bayle de crimes que foram reconhecidos no decorrer dos tempos é atribuído aos idólatras. Sendo certo que idólatras cometeram toda espécie de crimes no decorrer dos tempos, em relação aos ateus tal postura ainda é algo condicional, ou seja, não se sabendo nada ainda sobre eles, não é possível nada afirmar ou negar quanto à sua potencialidade criminal: o que "fizeram" os idólatras, "saberiam" fazer os ateus. No mesmo parágrafo, Bayle recorre à história e arremata:

> E se lermos as histórias profanas e os outros monumentos que nos restam da Antiguidade, ver-se-á evidentemente tudo o que a mais brutal e a mais desnaturada luxúria, a mais desenfreada ambição, o ódio e o mais negro desejo, a avareza mais insaciável, a crueldade mais feroz, a perfídia mais estranha podem fazer executar a um ateu professo foi efetivamente executado pelos antigos pagãos, adoradores de quase tantas divindades como tinha de criaturas. (*PD*, 2007, p.279; *OD* III[*PD*], p. 83*a*).[116]

---

[115] "Se l'on regarde les athées dans la disposition de leur coeur, on trouve que, n'étant ni retenus par la crainte d'aucun châtiment divin, ni animes par l'espérance d'aucune bénédiction celeste, ils doivent s'abandonner á tout ce qui flatte leurs passions. C'est tout ce que nous en pouvons dire, n'ayant point les annales d'aucune nation athée. Si nous en avions, on saurait jusqu'à qul excès de crimes se portent les peoples qui ne reconnaissent aucune divinité, s'ils vont beaucoup plus loin que celles qui en ont reconnu un nombre innombrable. Je crois qu'en attendant une relation bien fidèle des moeurs, des lois et des coutumes de ces peoples que l'on dit qui ne professent aucune religion, on peut assurer que les idolâtres on fait en matière de crimes tout ce qu'auraient su faire les athées."

[116] "Et si on lit les histoires profanes et les autres monuments qui nous restent de l'Antiquité, on verra évidemment que tout ce que la plus brutale El la plus denature paillardise, la plus effrénée ambition, la haine et l'envie la plus noire, l'avarice la plus insatiable, la cruauté la plus féroce, la perfidie la plus étrange peuvent faire executer à un athée profess a été effectiovement execute par les anciens païens, adorateurs de Presque autant de divinités qu'il y avait de creatures."

A recorrência de Bayle aos fatos históricos não deixa dúvida a respeito de quem cometeu mais atrocidades, movidos pelas paixões. Desde os tempos mais remotos, registrados nos mais diversos escritos da antiguidade, a constatação de que os idólatras sempre foram criminosos implacáveis salta à vista. Basta fazer uma incursão no passado para ver o quanto de crimes foram permitidos e consumados por paixões desenfreadas dos adoradores de ídolos, valendo-se dos meios mais absurdos para efetivá-los e para alcançar fins mais repugnantes ainda. Todavia, a mesma história nada mostrou acerca da consequência desse fervor das paixões em relação aos ateus. Prestemos atenção nos termos e expressões usados por Bayle: se esses mesmos móbeis desencadeadores de ações temerárias "podem fazer", isto é, hipoteticamente, com que um ateu faça uma ação hedionda, "efetivamente", isto é, pelos próprios fatos, os idólatras fizeram tudo o que há de mais inconcebível devido às suas paixões. Segundo Bayle, um argumento poderia lhe ser objetado, a saber, que esses idólatras criminosos, na verdade, eram ateus na alma, contudo, "seria absurdo pretender que eles não reconheçam nenhum deus. Isto pode ser verdadeiro de alguns, mas é muito falso no maior número, como eu provar-vos-ei invencivelmente" (*PD*, 2007, p. 280; *OD* III[*PD*], p. 83*b*.)[117] Bayle cita o exemplo de Nero que, segundo o historiador Suetônio, tinha medo e reconhecia uma justiça divina que supostamente viria a ter com ele quando desprezava certas cerimônias religiosas. Era atormentado por remorsos na consciência e aterrorizado com sonhos de mau agouro, e, por outro lado, ele fazia reverência piamente aos céus quando era contemplado. Seu comportamento sendo oscilante quanto a outras superstições, ele ficava até o fim cultuando uma pequena imagem de uma criança a qual ele sacrificava periodicamente e que, pouco antes de morrer, ele ficava mexendo nas entranhas das vítimas. Daí a conclusão de Bayle: "Ele não era ateu." (*Id Ibid.*)[118] O segundo exemplo é o de Heliogábalo. Este era tão ferrenho em seu culto ao deus que ele tinha sido consagrado padre, que levou ao templo que ele tinha abatido em Roma tudo o que tinha de mais sacro nos outros. Chegou mesmo a mencionar que era preciso levar todas as religiões existentes a este templo para que o culto ao seu deus englobasse o de todos os outros. Da mesma forma, imolava todas as manhãs um considerável número de vítimas, sacrificava as mais belas crianças que pudesse encontrar na Itália, e durante a imolação das vítimas, ele orava a seus ídolos e ele mesmo observava as hóstias por

[117]"il serait absurde de prétendre qu'ils ne reconnaisent aucun dieu. Cela peut être vrai de quelques-'uns, mais il est très faux de plus grand nombre, comme jê vous prouverai invinciblement."
[118] "Il n'était pás athée."

dentro para aí entrever os presságios de seus êxitos. Sendo assim, Bayle infere: "Tudo isso prova tão fortemente que esse detestável monstro não era ateu como não é necessário alegar que a credulidade que ele teve para com os que predizeram-lhe que morreria de morte violenta." (*Id. Ibid*., p. 281; *Id. Ibid*.)[119]

E, em se tratando de assuntos de ordem factual, visando a desmistificar o valor consensual de uma opinião, é primordial o recurso à *história*, por meio de fatos, exemplos, razões *a posteriori*. Na *Continuation*, Bayle diz, por exemplo, que um exame da história antiga fará perceber que é "muito pouco verossímil que a religião tenha servido de freio aos maiores perturbadores da paz pública,"[120](*OD* III[*CPD*], p.357*b*.) já que "se imagina falsamente que um homem aja segundo seus princípios, isto é, segundo o que ele crê em matéria de religião."[121] (*PD*, 2007, p. 372;*OD* III[*PD*], p. 113*b*.) Em uma de suas inúmeras respostas às acusações de Jurieu, Bayle, nas *Adittions*, diz que seu algoz não poderia concluir que o ateísmo é sinônimo de vício, sem se "[...] inscrever em falso contra *fatos* que têm todos os caracteres de certeza que se podem exigir nessas matérias."(*OD* III[*APD*], p.182*b*, grifo meu)[122]. A projeção de preconceitos particulares na análise e crítica dos fatos históricos é também um difícil empecilho a ser superado, visto que pela própria história, esses mesmos preconceitos seriam denunciados, trazendo à tona a afetação de quem relata os acontecimentos. No "Esclarecimento sobre os ateus"[123], de seu *Dictionnaire historique et critique*, Bayle diz:

> Para tirar inteiramente as suspeitas de uma afetação viciosa, tive o cuidado de observar[124] todas as vezes que pude os maus costumes dos Ateus. Se eu não o

---

[119] "Tout cela prouve si fortement que ce détestable monstre n'était pás athée qu'il n'est pás besoin d'alleguer la crédulité qu'il eut pour ceux qui lui avaient prédit qu'il mourrait de mort violente."

[120] "Si nous parcurions les plus notables morceaux de l'histoire ancienne, nous trouverions qu'il est très-peu vraisemblable que la Religion ait servi de frein aux plus grands perturbarteurs du repos public."

[121] "C'est qu'on s'imagine faussement qu'un homme agit toujours selon ses principes, c'est-à-dire selon ce qu'il croit en matière de religion."

[122]"[...]sans vous inscrire en faux contre des *faits* qui ont tous les caracteres de certitude qu'on peut demander en ces matières."

[123]Ver a minha tradução do texto na íntegra in: *Revista Conatus: Filosofia de Spinoza*. Fortaleza: Ed. da UECE, julho 2009, vol. 3, nº 5, pp. 109-113.

[124]Um estudo mais detalhado acerca da definição de observação bayleana, ver BIANCHI, L. "Do Dictionnaire de Bayle à Encyclopédie de Diderot" In: *SKEPSIS*. São Paulo: Unifesp, 2009, volume III, nº5, pp. 183-200. (tradução de minha autoria) Quanto à influência das paixões no relato de fatos históricos, o destinatário da crítica de Bayle é Jurieu, uma vez que recusar que ateus viveram corretamente é agir em nome de um utilitarismo religioso jamais comprometido com a verdade dos fatos: "Queriam então que eu diga que os costumes dos Ateus jamais foram segundo as regras? Queriam então que eu debitasse uma falsidade e que eu opusesse uma ficção de meu cérebro a *testemunhos irreprováveis*. Queriam então que eu me enrede sobre esses fatos, com medo de diminuir o horror que se

> fiz com mais frequência, foi devido somente à falta de matéria. O Público soube que exigi que me indicassem exemplos; ninguém se deu a esse trabalho e eu ainda não pude nada descobrir por minhas buscas.[125] (1740, XIII, p. 111; 2010, p. 18.)

Bayle assevera que suas investigações históricas não deram o aval para se poder afirmar que o ateísmo sempre foi acompanhado de atrocidades no decorrer dos tempos. O filósofo exigira exemplos de tal associação, e, não obtendo resposta, ficou impossibilitado de dar uma tintura ortodoxa à imagem dos ateus na história.[126] Nesse sentido, relatar que existiram ateus virtuosos em nada denigre a religião, porém, "omitir-se de falar não teria sido conforme ao dever do historiador." (BOST, 2006, p. 451) Nos *Pensées diverses,* Bayle aponta para algo mais além do que propriamente como o historiador deva proceder perante aos fatos históricos: ele toca na *jugulum causae* da questão, ou seja, desconstruir a opinião de que a religião é a base das relações sociais[127], trabalho a ser feito tanto através da filosofia, como por meio de uma investigação crítica da história. Ora, se Bayle tanto insistiu sobre a fragilidade da opinião no que concerne à apreciação sobre questões de fato, é porque a contra-prova cabal é a história. Bayle diz na *Continuation*: "Não tenho necessidade de nenhum lugar comum, os fatos bastam-me."(*OD* III[*CPD*], p. 305*a*.)[128] Frase incisiva, pois se o lugar-comum é a opinião, um olhar minucioso sobre os acontecimentos factuais permite desconstruir o aparato argumentativo e impositivo de uma tradição interessada em permanecer nos meandros da pluralidade dos sufrágios, e, através desse critério, denegrir a imagem dos ateus. Aliada à crítica, a história torna-se o instrumento de revista, com a tarefa de investigar cada detalhe e dispensando hipóteses que não levem em conta a experiência. Verdades de fato não podem ser omitidas nem substituídas por artifícios de retórica, elucubrações metafísicas ou por opiniões advindas da pluralidade das vozes. Dessa forma, essa é a exigência de Bayle: a necessidade de uma investigação incessante e crítica da validade e

---

tem pelo Ateísmo?"["Vouloit-on que je dise que jamais les moeurs d'un Athée n'ont été selon les règles? On vouloit donc que je débitasse une fausseté, & que j'opposaisse une fiction de mon cerveau à *des témoignages irréprochables*. Vouloit-on que je me tusse sur ces faits, de peur de diminuer l'horreur que l'on inspire de l'Athéisme?"] (*OD* III[*APD*], 177*b*., grifos meus.)

[125]"Pour ôter entièrement les soupçons d'une affectation vicieuse, j'ai eu soin de remarquer toutes les fois que je l'ai pu les mauvaises moeurs des athées. Si je ne l'ai pas fait plus souvent, ce n'est qu'à cause que la matière m'a manqué.Le public a su que j'ai demandé qu'on m'indiquait des exemples; personne n'a pris cette peine, & je n'ai pu encore rien déterrer par mes recherches."

[126]Na *CPD*, Bayle retorque a argumentação daqueles que usam de argumentos de autoridade para refutar a honestidade dos ateus, isto é, ele usa das mesmas autoridades para refutar seus opositores. Cf. precisamente os parágrafos LXXVI-LXXVII.

[127]Cf. *CPD*, CXXIV.

[128]"Je n'ai besoin d'aucun lieu commun, les faits me suffisent."

legitimidade de opiniões que, em todos os lugares e épocas, surgiram e se disseminaram ganhando estatuto de verdade. Nessa empreitada, história e crítica coadunam-se, pois se a primeira é a ciência dos fatos, a última é que vai por à prova a veracidade e consistência dos relatos desses mesmos fatos.

1.2 *História e crítica*

Na *Continuation des Pensées diverses*, o filósofo de Carla faz uma reflexão a respeito das matérias históricas: se todos resolvessem entrar em acordo em falar e escrever as mesmas coisas sobre os mesmos fatos, supostamente estes seriam verdadeiros. (*OD* III[*CPD*], p. 219*a*). Mas tal proposição é questionada por Bayle por dois motivos: primeiro, é preciso saber se todos os historiadores que relataram um determinado acontecimento ainda estão vivos, mas, se fosse o caso, o consenso não exclui a dúvida, "porque se pode presumir provavelmente que os autores que se perderam falaram de uma outra maneira do que aquelas nos restam."[129] (*Id. Ibid.*); a segunda hipótese seria se todos aqueles que relataram um fato viveram muito tempo depois de tê-lo acontecido e se partilhavam da mesma opinião, sem que os últimos se preocupassem em corrigir seus predecessores, tornando-se verdadeiros copistas. Mas também aí "a uniformidade não prova nada, isto é visível, sendo supérfluo alegar razões."[130](*Id. Ibid.*)[131]

Bayle diz: "O mesmo homem que vem a apontar a espada para se vingar

[129]"[...]car on peut présumer vraisemblablement que les auteurs que l'on a perdus parloient d'une autre manière que ceux qui nous restent."

[130]"[...]l'uniformité ne prouve rien, cela est visible, il seroit superflu d'en alleguer des raisons."

[131]A autoridade popular, em relação às verdades históricas, ainda se torna mais fraca devido à sua imprecisão: "Vós não saberíeis negar-me que um grande número de fábulas sobre a fundação das cidades e dos Estados, sobre as ações e sobre as vitórias dos antigos Reis, etc., não passam entre o povo por verdades certas. Muitos historiadores debitaram-nas, alguns as contradisseram e desenganaram muitas pessoas, mas se fossem reunidos todos os habitantes para perguntar a cada um o que pensam, ter-se-ia aí mil vozes do lado da afirmativa contra uma do lado da negativa."["Vous ne me sauriez nier qu'un très-grand nombre de fables sur la fondations des villes & des États, sur les actions & sur les victoires des anciens Rois, &c. ne passent parmi le peuple pour des véritez certaines. Plusieurs historiens les ont debitées; quelques-uns les ons contredites, & en ont désabusé beaucoup de personnes: mais si l'on assembloit tous les habitants pour demander à un chacun ce qu'il pense, il y auroit mille voix du côté de l'affirmative, contre une du côté de la négative."](*Id.Ibid*., p. 205*b*.)

de um desmentido, conta as circunstâncias de seu duelo com mil dissimulações."[132] (*Id. Ibid*., p.401*b*.) Através dessa metáfora, nas entrelinhas Bayle define qual é o dever do historiador. Este não deve se valer de afetações, opiniões particulares e elementos sobrenaturais no relato e na análise de acontecimentos históricos:

> Não se pode negar, em geral, que não seja de seu dever sustentar seus leitores contra a credulidade e de ajudá-los em seu sufrágio, e é, sem dúvida, de um grande proveito ver um Historiador pôr a nota de reprovação sobre uma coisa pouco provável que ele relatou. (*OD* III[*CPD*], p. 281*a*.)[133]

Segundo Labrousse, o filósofo, no tocante à própria história, "está persuadido que nada ensina melhor que a disciplina da crítica" (1996, p. 9).[134] Se a história é tida como "ciência positiva dos fatos" (BOST, 2006, p. 189), a tarefa consiste no discernimento e na triagem entre o que verdadeiramente se passou e o que há de fabuloso em determinadas interpretações, uma vez que é levada em consideração tanto a tendência à mentira por parte de quem relata, como a postura passiva de quem acredita em tais relatos. Se o assunto é a passagem de cometas e seus signos benéficos ou maléficos posteriores, urge a diferenciação entre *relatar* o fato e *interpretá-lo* arbitrariamente, mostrar "a parcialidade tendenciosa que está na origem das piores falsificações" (LABROUSSE, *op. cit*., p. 35). Um outro aspecto é a presença de um certo cartesianismo na ciência histórica, isto é, somente fatos autênticos são relevantes, exigindo uma interpretação clara e distinta de tais fatos, "isenta de pressupostos religiosos" (DELPLA, 2003, p. 143).

Logo no início dos *Pensées diverses*, Bayle tece duras críticas aos

---

[132]"Le même homme qui vient de tirer l'epée pour se venger d'un démenti, raconte les circonstances de son duel avec mille déguisements."

[133]"On ne peut nier em géneral qu'il ne soit de son devoir de soûtenir ses lecteurs contre la credulité, & de les aider de son sufrage, & c'est sans doute un grand profit que de voir un Historien mettre la note de réprobation sur une chose peu croïable qu'il a rapporté."

[134]Contudo, discordo quando a comentadora entende que mesmo Bayle consagrando uma parte de sua obra à crítica da historiografia católica – como por exemplo, na *Crítica geral da história do Calvinismo do Padre Maimbourg* – 1682 - e nos *PD* -1682 – toda a obra do filósofo estaria limitada a uma "polêmica anti-romana": "Aliás, a história recente, por excelência, serviu de ilustração aos controversistas e Bayle consagrou uma parte considerável de suas investigações a contestar a imagem que a historiografia católica dava das guerras de Religião; de fato, a obra de Bayle em seu todo poderia ser considerada como uma polêmica anti-romana". (*Ib. Ibid*., p. 10) Vale lembrar a aparição de seu panfleto incendiário intitulado *l'Avis important aux refugies sur leur prochain retour en France*, datado de 1690, que suscita justamente a ira de Pierre Jurieu, calvinista fervoroso, acusando Bayle de ter traído os protestantes, e fomentando um debate filosófico, moral e teológico, mas também de política internacional. Os textos de Bayle causam polêmica tanto entre católicos como entre protestantes.

historiadores. Estes - pelo menos em sua maioria - admitindo abertamente que a passagem de um cometa foi um sinal da cólera divina, no máximo manifestam seus próprios juízos acerca de assuntos de cunho unicamente factual, cometendo graves equívocos e comprometendo até mesmo a própria moralidade.[135] Nesse sentido, o pensador de Carla mostra que não é da competência do historiador se valer de confusas reflexões e digressões em seus relatos sobre um acontecimento particular. Manipulando os fatos a bel-prazer, com vistas a formar e fortalecer um determinado ponto de vista, a única intenção do historiador seria, nessa ótica, querer se tornar o guia da consciência do vulgo. Nesse sentido, Bayle define a tarefa do historiador: ao invés de contestar precipitadamente a explicação sobrenatural de um prodígio que asseguram ter visto, ele verificará a exatidão de tal relato. Contudo, os erros não se resumem às narrativas de fatos miraculosos os quais devem passar pelo crivo da crítica histórica. Para fazer vir à tona outras imprecisões mais arraigadas, é mister "'pesar' um testemunho, submetê-lo a uma análise crítica meticulosa, antes de recebê-lo." (LABROUSSE, 1996, p. 16)

Este princípio metódico Bayle aplica diretamente aos historiadores antigos e modernos. Estes admitem abertamente que os cometas foram o prelúdio de diversos reveses mundanos, e que em decorrência disso, sua autoridade se eleva às alturas[136], resultado direto de interpretações arbitrárias dos acontecimentos históricos. Nesse sentido, uma investigação mais acurada fica em segundo plano uma vez que o historiador se perde quando quer dar voos maiores do que a sua competência permite,

> [...] porque eles gostam muito de fazer reflexões e levam algumas vezes tão

[135]Bayle se reporta à afetação da parte de alguns oradores na explanação de algum relato, como por exemplo, dos poetas, que em vez de irem à questão de fato, perdem-se em sua eloquência e giros de retórica: "[...] geralmente falando, não é um bom preparativo à profissão de Historiador ter empregado muitos anos em fazer versos e arengas. É contrair hábitos que não convém ao caráter histórico, e que se impede penosamente de envenená-lo com suas influências contagiosas. Mas para espíritos superiores que se tornam mestres a seu respeito, de duas forças e que entendem o regulamento dos limites, nada pode ser mais vantajoso quando eles escrevem uma história, do que serem bem nutridos do suco da poética e da eloquência dos Oradores."["...généralement parlant ce n'est point un fort bon préparatif à la profession de Historien que d'avoir emploïé plusieurs années à faire des vers, ou à prononcer des Sermons & des Harangues. C'est contracter des habitudes qui ne conviennent pas au caractère hitorique, & que l'on empêche malaisément de l'empoisonner de leurs influences contagieuses. Mais pour des esprits supérieurs qui se rendent maîtres de leur sujet, & de leurs forces, & qui entendent le réglement des limites, rien ne peut être plus avantageux quand ils écrivent une histoire, que de s'être bien nourris du suc de la poëtique, & de l'éloquence des Orateurs."](*OD* III [*CPD*], p. 191*b*.) Cf. também a respeito *PD*, §7.

[136]"Dir-me-eis, sem dúvida, que os Historiadores observam positivamente que os Cometas foram os signos ou mesmo as causas das devastações que os seguiram e, por consequência, que sua autoridade vai bem mais longe do que afirmo."["Vous me direz sans doute que les historiens remarquent positivement que les comètes ont été les signes, ou même les causes, des ravages que les ont suivies, et par consequént que leur autorité va bien plus loin que je ne dis."] (2007, p. 71; *OD* III[*PD*], p. 171*b*.)

> longe a moralidade, que um Leitor, mal satisfeito em vê-los interromperem o fio da História, dir-lhes-iam de bom grado, se pudessem, *riservate questo per la predica*. A vontade de parecerem sábios, inclusive nas coisas que não são de sua alçada, os levam também a fazer, algumas vezes, digressões muito incompreensíveis. (*PD*, 2007, p. 71; *OD* III[*PD*], p. 11*b*.)[137]

Não é incumbência do historiador se adentrar em obscuras e complexas reflexões ou emitir opiniões particulares no tocante aos fatos históricos. Não é porque emitiu seu parecer pessoal que servirá de amparo para a opinião comum. Indo para além de sua jurisdição, o historiador trata os acontecimentos da maneira que quiser, e o mais grave, seu relato arbitrário tornando-se o guia da consciência do vulgo.[138] Entretanto, estar informado e informar sobre o contexto de determinado acontecimento é de sua alçada:

> [...]um Historiador que relata o terror que um Cometa, um eclipse, uma inundação excitaram em um país devido a terem sido pregados como presságios sinistros, e que não esquece as procissões e as outras cerimônias religiosas que foram ordenadas para desviar esses presságios, não saem de forma alguma da esfera do Historiador, porque são fatos tão curiosos, tão instrutivos como as batalhas, os sítios, os tratados de aliança. (*OD* III [*CPD*], p. 282*a*.)[139]

---

[137]"[...] car ils aiment fort à faire des réflexions et ils poussent quelquefois si loin la moralité qu'un lecteur mal satisfait de les voir interrompre le fil de l'histoire leur disait volontiers, s'il les tenait, riservate per la predica. L'envie de paraître savant jusque dans les choses qui ne sont pas de leur métier leur fait aussi faire quelquefois des digressions très mal entendues."] Na continuação da passagem, Bayle dá um exemplo:"Como quando Ammian Marcelin, no episódio de um tremor de terra que ocorrera no Império de Constantino, nos relata todo seu Aristóteles e seu Anaxágoras; raciocina a perder de vista; cita Poetas e Teólogos, e no episódio de u.m eclipse do sol ocorrido sob o mesmo Império, se lança completamente nos segredos da Astronomia, dá lições sobre Ptolomeu e se perde inclusive em filosofar sobre a causa dos parélios. Mas não se segue, por isto, que as observações dos historiadores devam autorizar a opinião comum, porque elas não são sobre coisas que sejam da competência do historiador." ["Comme lorsque Ammian Marcelin, à l'occasion d'un tremblement de terre qui arriva sous l'empire de Constance, nous débite tout son Aristote et tout son Anaxagore, raisonne à perdre de vue, cite des poètes et des theólogiens; et, à l'occasion d'une éclipse de soleil arrivée sous le même Constance, se jette à corps perdu dans les secrets de l'astronomie, fait des leçons sur Ptolomeé et s'écarte jusqu'à philosopher sur la cause des parélies. Mais ne s'ensuit pas pour cela que les remarques des historiens doivent autoriser l'opinion commune, parce qu'elles ne sont pas sur des choses qui soient du réssort de l'historien."] (*Id. Ibid.*; *Id. Ibid.*)

[138]Segundo Bayle, mesmo nos livros dos maiores historiadores sempre será possível detectar erros: "Convir-se-á facilmente que existe uma infinidade de faltas nos livros, se considerarmos que os Escritos dos maiores homens não estão isentos, e que a menor Crítica aí descobre muito."[On conviendra facilement qu'il y a une infinité de fautes dans les livres, si l'on considere que les Écrits des plus grands hommes n'en sont exemts, & que le moindre Critique y en découvre beaucoup."](*Projet et fragments d'un Dictionnaire Critique* – doravante *PDC*. Genève: Slatkine Prints, 1692[1970], p. 8.)

[139]"[...]un Historien qui raconte le terreur qu'une Comète, qu'une éclipse, qu'une inondation exciterent dans un païs, à cause qu'on les prenoit pour des présages sinistres, & qui n'oublie pas les processions, & les autres cérémonies religieuses qui furent ordonnés pour détourner ces présages, ne sort nullement de la sphère d'Historien; car ce sont des faits aussi curieux, aussi instructifs que des batailles, que les sièges, que les traitez d'alliance."

O filósofo de Carla entende que se fosse o caso de pormenores políticos, aí o historiador desempenharia papel fundamental, uma vez que fosse às fontes mais precisas da veracidade dos fatos.[140] Todavia, quando se trata de fenômenos naturais ou de investigações acerca de infundadas influências sobrenaturais dos corpos celestes, o historiador no máximo arrisca às cegas suas conjecturas, sendo preciso considerar sua opinião de acordo com seu grau de conhecimento no assunto.[141] Nesse sentido, para Bayle o relato dos historiadores "então se reduz a pouca coisa, visto que, comumente, são muito maus Físicos." (2007, p. 72; *OD* III[*PD*], pp.11*b*-12*a*.)[142]

Quanto à associação entre história e crítica[143], logo nas primeiras páginas de seu *Projeto e fragmentos de um Dicionário Crítico* – 1692 - em um primeiro momento, Bayle contenta-se que seu público "queira conhecer exatamente todas as falsidades que correm, e que faça caso dessas descobertas." (1692[1970], p. 26).[144] Todavia, o pensador de Carla vê que esse tipo de esforço intelectual pode ser entendido por esse

---

[140]"Se se tratasse de um Conselho de Estado, de uma Negociação de paz, de uma batalha, de um estado de sítio, etc., o testemunho da História poderia ser decisivo, porque pode ocorrer que os Historiadores tenham folheado (n)os Arquivos e (n)as instituições mais secretas e ido buscar nas mais genuínas fontes da verdade dos fatos."["S'il s'agissait d'un conseil d'État, d'une négociation de paix, d'une bataille, d'un siège de ville, etc., le témoignage de l'histoire pourrait être décisif, parce que qu'il se peut faire que les historiens aient fouillé dans les archives et dans les instructions les plus secrètes, et puisé dans les pures sources de la vérité des faits."] (2007, p. 71; *OD* III[*PD*], p. 171*b*.) Contudo, esse "pode ocorrer" mencionado por Bayle põe em xeque a própria honestidade do historiador. É necessária a absoluta transparência em um relato factual: "[...] é preciso que consideremos, que o interesse do público deva sobrepor o dos particulares e que um Autor não mereça complacência, quando é bastante injusto para achar melhor que suas faltas permaneçam ocultas, que ver o público desiludido."["Enfin il faut que l'on considere que l'interêt du public doit l'emporter sur celuy des particuliers, & qu'un Auteur ne merite de complaisance lorsqu'il est assez injuste pour aimer mieux que ses fautes demeurent cachées, que de voir le public desabusé."] (*PDC*, p. 23.) Cf. também a respeito *OD* II[*SPCh*] pp.535-539.

[141]"Mas se tratando da influência dos Astros, e das forças invisíveis da natureza, os Senhores Historiadores não têm mais nenhum caráter que os autorize, e devem ser entendidos somente como um simples particular que arrisca sua conjectura, a qual é preciso considerar segundo o grau de conhecimento que seu Autor adquiriu em Física."["Mais s'agissant de l'influence des astres et des ressorts invisibles de la nature, messieurs les historiens n'ont plus aucun caractère autorisant et ne doivent être plus regardés que comme um simple particulier qui hasarde sa conjecture, de laquelle il faut faire cas selon le dégré de connaissance que son auteur s'est acquis dans la physique."](2007, p. 72; *OD* III[*PD*], p. 11*b*.)

[142]"Or, sur ce pied-là, Monsieur, avouez-moi que le témoignage des historiens se réduit à bien peu de chose, parce que ordinairement ils sont mauvais physiciens." Ver sobre o mesmo assunto os parágrafos dos *PD*, §94, §§97-98, §213 e §239.

[143]Crítica sob um duplo aspecto: 1) como exame de um princípio ou de um fato, visando a proferir sobre o mesmo um juízo de apreciação, isto é, rejeitando toda e qualquer asserção que não seja antecedida por um questionamento acerca do valor de tal asserção, seja pelo seu conteúdo – crítica interna – seja pela sua origem – crítica externa, sendo a crítica histórica uma de suas aplicações particulares; 2) como uma objeção ou uma desaprovação que visem a um ponto específico ou a uma obra em seu todo, refutando ou condenando uma obra.

[144]"[...] veüille conoître exactement toutes faussetez qui courent, & qu'il fasse cas de ces découvertes." Mas, segundo Labrousse, "a curiosidade ávida que os livros inspiram em Bayle são acompanhadas de um cuidado minucioso de precisão que, por si só, lhe confere antes um certo estatuto intelectual e o orienta decisivamente para a discriminação crítica." (1996, I, p. 4)

mesmo público como algo *démodé* ou erudição pedante, sem um propósito definido. Nesse sentido, sob essa ótica o próprio espírito crítico cai em desuso, uma que não dão a menor importância aos "escritos daqueles que corrigem as falsidades de fato, concernentes ou à História particular dos grandes homens, ou ao nome das cidades, ou a tais outras coisas."[145](*PDC*, 1692[1970], p. 26)[146] Só que esse tipo de investigação está bem nos moldes de sua época, já que "não tinha sido cultivada como ela o é atualmente." (*Id. Ibid*.)[147] Esse conhecimento específico é caracterizado por 2 duas coisas: 1) a exigência de *precisão* no relato e na correção das falsidades factuais, abundantes em quase todos os tratados de história que se pretendem críticos, pois visa "a melhor estabelecer o tempo o qual certos fatos particulares aconteceram". (*Id. Ibid*.)[148]; 2) direcionar o espírito crítico para o discernimento dos fatos, passando sob revista a exatidão do que está sendo relatado, procedimento rigoroso e imparcial verdadeiramente científico de "suas reflexões metodológicas e da severidade de suas exigências em matéria de prova" (LABROUSSE, 1996, I, p. 22). Nesse sentido, Bayle opõe mesmo dois modos de se fazer filosofia: o matemático, que se é apoiado nos "teoremas mais abstratos da Álgebra são muito úteis à vida porque eles tornam o espírito do homem mais apropriado a aperfeiçoar certas artes", em contrapartida "a investigação escrupulosa de todos os fatos históricos é capaz de produzir muitos grandes bens." (*PDC*, 1692[1970], p. 28)[149]

Bayle menciona que o que há de mais abstrato e abstruso nos saberes matemáticos supostamente poderia ter a vantagem, em relação à história, de levar o homem ao conhecimento claro e evidente das coisas, não deixando o menor resquício de dúvida. Todavia, tanto a investigação como a crítica histórica poderia suscitar obscuridades e inúmeras contestações. Contudo, o filósofo de Carla inverte o raciocínio: uma vez separados tais campos do saber, a história pode obter o mesmo grau de certeza que qualquer saber matemático, ou até mesmo mais do que os próprios axiomas

---

[145]"[...]les Écrits de ceux qui corrigent les faussetez de fait, concernant ou L'Histoire particulière des grands hommes, ou le nom des villes, ou telles autres choses."

[146]Como por exemplo Diderot, entendendo que o estilo de Bayle no século das Luzes não tem mais serventia, o *Dictionnaire* de Bayle estando nos antípodas dos propósitos da *Encyclopédie*. CF. BIANCHI, L.., *op. cit*.

[147]"[...] n'avoit été cultivée comme elle l'est presentement."(*PDC*, p. 26)

[148]"À mieux établir le temps où certains faits particuliers sont arrivez."Lembrando que, inicialmente, o *DHC* foi somente uma obra que objetivava corrigir os erros do *Grande Dicionário Histórico* de Louis Moréri, mas a obra tomou vastas proporções, sendo reeditada várias vezes, inclusive levando Bayle à fadiga devido a tantas correções de sua obra máxima.

[149]"[...]la recherche scrupuleuse de tous les faits historiques, est capable de produire de très-grands biens."

matemáticos:

> Dir-se-á que, talvez, que o que parece mais abstrato e mais infrutífero nas Matemáticas leva ao menos esta vantagem, que elas nos conduz a verdades as quais não se saberia duvidar, ao lugar que as discussões históricas e as investigações nos deixam sempre nas trevas e sempre algumas sementes de novas contestações. Mas que há pouca prudência em tocar esta corda! Eu sustento que as verdades históricas podem ser levadas a um grau de certeza mais indubitável, que não é o grau de certeza a que fazem chegar as verdades Geométricas; certamente que considerar-se-á essas duas espécies de verdades segundo o grau de certeza que lhe é próprio.(*PDC*, 1692[1970], p. 29)[150]

Todo saber está no grau de certeza que lhe convém, e a história não foge à regra, uma vez que não é possível forçar a transição de um gênero de coisas a outro, incorrendo em uma *petitio principii*. A *demonstração* histórica consiste em relatar com precisão a falsidade e incerteza de vários fatos, algo que é de muito mais serventia e interesse a um maior número de pessoas do que a um pequeno círculo de geômetras. Bayle aponta que passou despercebido a muitos um aspecto inerente à investigação histórica, isto é, que ela pode servir para a reforma dos costumes. (*Id. Ibid.*, p. 30) Em termos de moral, é bem mais proveitoso ler uma compilação – ainda que deveras extensa – devidamente crítica de erros históricos bem averiguados, uma vez que seu objetivo é fazer com que o público leitor seja mais prudente no julgamento acerca de determinados assuntos.[151] Logo, "não é nada mais correto corrigir a má inclinação que temos para fazer julgamentos temerários?" (*Id. Ibid.*, p. 31)[152] Para Bayle, se basta à crítica histórica obter a certeza que lhe é cabível, fazendo uma verdadeira clivagem do que é falso e verdadeiro dos grandes tratados históricos, e fazendo com que o público leitor seja mais propriamente crítico, vai ser um trabalho inútil buscar "essas utilidades morais em uma compilação de quintessências de Álgebra." (*Id. Ibid.*)[153]

---

[150] "On me dira, peut-être, que ce qui semble le plus abstract & le plus infructueux dans les Mathematiques aporte au moins cet avantage, qu'il nous conduit à des veritez dont on ne saurait douter, au lieu que les discussions historiques, & les recherches des faits humains nous laissent toûjours dans les tenébres & toûjours quelques semences de nouvelles contestations. Mais qu'il y a peu de prudence à toucher à cette corde! Je soutiens que les veritez historiques peuvent être pousées à un degré de certitude plus indubitable, que ne l'est le degré de certitude à quoy l'on fait parvenu les veritez Geometriques; bien entendu que l'on considera ces sortes de veritez selon le genre de certitude qui leur est propre."

[151]"Não é nada aprender a não crer ligeiramente no que imprimem? Não é o nervo da prudência ser difícil a crer?"["N'est-ce rien que d'aprendre à ne pas croire legerement ce qui imprime? N'est-ce pas le nerf de la prudence que d'être difficile à croire?" (*PDC*, p. 31)

[152]"Or n'est ce rien que de corriger la mauvaise inclination que nous avons à faire des jugemens teméraires?"

[153]" En vain chercheoit-on ces utilitez morales dans un recueil de quintessences d'Algebre." Bayle ironiza

Gianluca Mori entende que na análise feita por Bayle das obras seja de seus contemporâneos, seja de autores antigos, o filósofo é fiel a um método de leitura que longe de ser uma abstração, é uma prática incessante de interpretação. (1999, p. 28). Não é nem a ortodoxia tampouco as passagens citadas demasiadamente por outros autores que lhe interessam, mas sua investigação é voltada para as passagens mais polêmicas e suscetíveis de perturbarem os leitores, instigando nos mesmos o espírito crítico. Segundo o comentador italiano, é o critério do anti-conformismo de Bayle que fundamenta o seu método histórico, pois o verdadeiro historiador é aquele que pondo "em segundo lugar os interesses de seu partido pode sempre ser suspeito de má fé; em compensação, só um homem de boa fé ousa relatar os fatos que arriscam ser prejudiciais à sua religião, à sua nação, à sua família." (*Id.Ibid*). Um exemplo disso é a crítica de Bayle à Jurieu nas *Additions*, quando o último "vê *com grande escândalo* que lhe provem uma verdade. Ele então não ama a verdade por ela mesma. Ele a odeia quando ela não é conforme a seus preconceitos." (*OD* III[*APD*], p.173*ab*, grifos de Bayle). E, de acordo com o mesmo texto, Bayle dá uma outra definição de seu método de investigação, ou seja, o amortecimento das paixões, pois "buscamos a hora do torpor das paixões; não queremos que se odeie a falsidade por prevenção, mas por um *conhecimento exato*."(*Id. Ibid*., p. 178*a*, grifos meus)[154]. Nesse sentido, o historiador é o agente combatente dos preconceitos, e as suas armas são a probidade e a imparcialidade,

---

neste ponto: "*César e Pompeu existiram e não foram modificações da alma dos que escreveram a sua vida*: mas para o que é objeto das Matemáticas, é não somente muito penoso provar que existe fora de nosso espírito, é ainda mais fácil provar que ele só pode ser uma ideia de nossa alma. Com efeito, a existência de um círculo quadrado fora de nós parece quase mais impossível, que a existência fora de nós igualmente do circulo o qual os Geômetras nos dão tantas belas demonstrações; eu quero dizer de um círculo da circunferência do qual se possa tirar ao centro tantas linhas retas, que há pontos na circunferência. Sente-se manifestamente que o centro é somente um ponto, não pode ser o sujeito comum o qual terminam tantas linhas diferentes, que há pontos na circunferência. Em uma palavra, o objeto das Matemáticas sendo pontos absolutamente indivisíveis, linhas sem largura nem profundidade, superfícies sem profundidade, é bastante evidente que não saberia existir fora de nossa imaginação." [*"Cesar & Pompée ont existé & n'ont pas été une simple modification de l'âme de ceux qui ont écrit leur vie:* mais pour ce qui est de l'objet des Mathematiques, il est non seulement très-mal-aisé de prouver qu'il existe hors de nôtre esprit, il est encore fort aisé de prouver qu'il ne peut être qu'une idée de nõtre âme. En effet l'existence d'un cercle quarré hors de nous ne paroit pareillement du cercle dont les Géometres nous donnent tant de belles demonstrations; je veux dire d'un cercle de la circunference duquel on puisse tirer un autre autant de lignes droites, qu'il y a de points dans la circonference. On sent manifestement que le centre qui n'est qu'un point, ne peut être le sujet commun où se terminent autant de lignes differentes, qu'il y a de points na circonference. En un mot l'objet des Mathematiques étant des points absolument indivisibles, des lignes sans longueur ni profondeur, des superfices sans profondeur, il est assez évident qu'il ne sauroit exister hors de notre imagination."](*Id. Ibid*., pp. 31-32., grifos de Bayle.)

[154]"[...]Ce n'est pas notre méthode; nous cherchons l'heure de l'assoupissement des passions, nous ne voulons pas qu'on hasse la fausseté par prevention, mais par une *connaissance exacte*; ni que l'on represente les gens plus criminels qu'ils ne sont. [...] De tels vacarmes font mille fois plus de tort au bon parti que notre méthode Philosophique, qui veut que l'on rende justice à tout le monde sans exception, & que l'on préfere la verité à toutes choses."

uma vez que é crítico de métodos equivocados em história. É o que estabelece regras de explicação e investigação apropriadas dos fatos, sempre buscando a objetividade e principalmente recorrendo à *experiência*. O filósofo de Carla entende que é necessário recorrer ao "tribunal da experiência" (*PD*, 2007, p. 115; *OD* III[*PD*], p. 27*a*.) para desmistificar determinadas opiniões que se propagaram ao longo dos tempos, passando de geração a geração, como por exemplo, a clássica associação entre ateísmo e degeneração dos costumes. Assevera que não é possível discutir sobre a autoridade da experiência, mas investigar se a mesma favorece ou desfavorece seus opositores e nisso, em relação aos mesmos, o filósofo é categórico, pois "*pretendo que ela nada faz por vós*" e "assim que ele põe seus adversários fora dos eixos, e é o que se chama abatê-los até sobre seu próprio estrume." (2007, p. 48; *OD* III[*PD*], p.4*ab*., itálicos de Bayle.)[155] Dessa forma, se história e crítica operam juntas com o escopo de minar pela raiz a suposta legitimidade de lugares-comuns outrora intocáveis, Bayle aprofunda mais a sua reflexão mostrando o papel fundamental da experiência. Se esta agora é o critério de verdade – ou, ao menos, mais próximo da verdade - acerca de quaisquer acontecimentos, uma vez que urge a necessidade de investigar os próprios eventos históricos, os espaços para opiniões baseadas sobre a maioria dos sufrágios tendem a estreitarem-se. Quando o filósofo francês define por qual via seguirá e apoiar-se-á a sua argumentação, mostra que relatos fantasiosos e repletos de preconceitos e irreflexão ficam diante de seus próprios limites uma vez postos à prova pela concretude dos fatos. O que foi omitido ou aumentado pelos porta-vozes da tradição não passará incólume sob a pena de Bayle, pois a validade das opiniões vai ser submetida minuciosamente à experiência.

1.3 *O papel da experiência*

Mas, para o próprio Bayle, o que é a experiência?[156] É tudo que está oposto a

---

[155]"*Hé bien,* leur dit cet auteur, *tenons-nous-y, ne disputons plus sur l'autorité de l'expérience; voyons seulement si elle fait pour vous ou contre vous, je pretends qu'elle ne fait point pour vous.* C'est ainsi qu'il met ses adversaires hors des gronds, et c'est ce qu'on appelle battre les gens jusque sur leur propre fumier."

[156]Verificar-se-á alguma influência ou não de outros autores sobre o conceito de experiência definido por Bayle, como, por exemplo, as concepções de Bacon e Locke? Quanto ao primeiro, em sua *Redargutio Philosophiarum*, - utilizo aqui a tradução francesa. BACON, Francis. *Récusation des doctrines philosophiques et autres opuscules*. Trad. de Georges Rombi et Didier Deleule. Paris: PUF, 1987 - a experiência aparece em vários momentos, definida como: 1) como conhecimento do mundo, isto é, a experiência (*experientia*) a serviço das descobertas geográficas. Bacon vale-se de uma metáfora: "A

experiência é como a água, mais ela é abundante, menos ela se corrompe."(p.95); 2) experiência como tudo o que é contrário a lugares-comuns, opondo-se ao que "preconiza o abandono dos trabalhos de pesquisa e de experimentação (*experiendi*) ao lugar de recomendar esta desconfiança que acompanha a sabedoria."(p.101); 3) experiência equiparada à história e à evidência proporcionada pelos fatos particulares, pois há o iminente risco de ser envolvido por ilusões e equívocos quando são abandonadas "inoportunamente as luzes da natureza, isto é, a história (*historia)* e a evidência dos fatos particulares."(p.113.) Na mesma obra, ver o conceito de experiência em outros contextos nas páginas 105, 109, 111, 115, 119, 121, 125, 127, 135, 139 e 141. Sobre a importância da história no pensamento de Bacon, ver URBACH, Peter. *Francis Bacon's philosophy of sicence*. Illinois: Open & Court, 1987, pp.150-164. Em seus *Pensées et vues* (*Pensamentos e opiniões*)Bacon é categórico: a filosofia tem de ter as suas raízes na experiência: "É porque toda filosofia, separada das raízes da experiência(*experientia*) que lhes permitiram prosperar e crescer, é um cadáver."(p.205) Ver também p. 189. No *Novum Organum*. - utilizo a tradução francesa. BACON, Francis. *Novum Organum.* Trad. de Michel Malherbe et Jean-Marie Pousseur. Paris: PUF, 1986 – a experiência tem um campo de definições mais vasto ainda, sendo entendida como: 1) algo que experimenta (*in ipso experimento*); 2) modo de experiência (*modus experiendi*);3)experiência comum (*experientia mera*); 4) como uma via certa e bem organizada(*certa et munita via*)5) como uma experiência guiada (*experientia litterata*). Ver os aforismos no livro I do *NO* que tais definições são expostas: 18, 22, 25, 62, 70, 80, 82,101 e 102 em particular e ver também a "Introduction" da edição mencionada, pp.24-30. Bayle não faz uma única alusão a essas concepções baconianas de experiência. No seu verbete "Bacon", do *DHC* (1740, I, p. 417), há mais registros de segunda mão e ouvir dizer sobre dados biográficos do autor do que propriamente indícios que aproximem seu conceito de experiência ao de Bacon. Por outro lado, se este eleva a noção de experiência ao *status* mesmo de verdadeira filosofia, Bayle utiliza a experiência em prol das suas teses positivas sobre ateísmo e moralidade, indo mais além do que o filósofo inglês. Bacon recusa categoricamente em seus *Essays* a possibilidade da existência de um ateísmo virtuoso, valendo-se de argumentos muito mais de ordem psicológica e religiosa do que propriamente guiando-se pela experiência, que é o mote de todo o seu pensamento filosófico.Vejamos quanto à Locke. Em suas obras, mais propriamente em seu *An Essay Concerning Human Understanding* a experiência aparece, como em Bacon, sob inúmeras vestes e em diversos contextos. Segundo Yolton, "o conceito de experiência para Locke foi amplo, geral e diversificado." Ver o verbete "Experience", in: YOLTON, John Y. *A Locke Dictionary.* Cambridge: Blackwell Philosophers, 1993(The Blackwell philosopher dictionaires), pp.73-75. Mas, para Vienne, mesmo exposta por meio de diversas definições, "a experiência é em Locke não somente a origem, mais também o fundamento do conhecimento", sendo que o "*Essai* não modificará esta posição. O termo fundamento é empregado em múltiplas retomadas para caracterizar a experiência, mas não se trata nada mais do que manutenção do conhecimento utilizado como princípio, isto é, como ponto de partida."Ver VIENNE, Jean-Michel. *Expérience et raison. Les fondements de la morale selon Locke*. Paris: Vrin, 1991, pp.129-136 em particular. Mas o fundamental é ver as passagens do próprio Locke quanto à experiência no *Essay* – utilizo aqui a edição inglesa de Peter H. Nidditch. LOCKE, John. *An Essay Concerning Human Understanding*.Oxford: Clarendon Press, 1975. Vejamos algumas: 1) experiência como critério de verdade: "Tudo o que eu vou dizer para os Princípios que procedem em é que eu só posso apelar a própria *Experiência* preconceituosa do homem e observação sejam elas verdadeiras ou não."(I, iv, §25, grifo de Locke.); 2) experiência como origem e fundamento do conhecimento: "Onde tem todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo em uma palavra, a partir da *Experiência,* em que se baseia todo o nosso conhecimento, e da qual, finalmente, é derivado."(II, i, §62, p. 104, grifo de Locke.); 3)experiência como algo que ensina: "*Experiência aqui pode ensinar-me* o que a Razão não pode."(IV, xii, §9, p. 644, grifos de Locke.) Cf. o conceito de experiência em outros contextos no *Essay*: em relação à investigação dos eventos naturais: II, i, §1; sobre a origem das ideias: II, i, §62; hábitos da percepção resultantes de experiências: II, ix, §8; a experiência e as crianças:I, iv, §2, II, i, §21, e xix, §4; experiência e limitações da linguagem: II, iv, §6 e xviii, §5, III, iii, §10 e iv, §10; em relação às verdades gerais: III, vi, §8, IV, iii, §28 e ix, §3; experiência em outros contextos: II, xxi, §4, xxii, §9, xxiii, §§28-29, xxiv, §3 e IV, x, §29. Ver também a carta à Molyneaux de 18 de abril de 1693, in: GOLDIE, Mark. (Éd.)*John Locke: Selected Correspondance.* Oxford: University Express, pp.182-183. Após esta exposição das passagens e das diferentes significações do conceito de experiência em Locke, é possível entrever alguma associação entre o significado de experiência para Bayle? É claro que quando Locke fala de experiência, ele o faz sempre tendo em vista a sua teoria do conhecimento, o homem sendo uma espécie de *tabula rasa* e sendo nula toda e qualquer ideia inata. Já para Bayle, a despeito de suas discussões metafísicas, como sobre a questão da natureza das substâncias e sobre o conceito de extensão com o próprio Locke (*OD* III[*RQP*], pp.941*b*-942*ab* e *OD* IV[*Lettres*], "Letrre à Mr. Coste"(Tradutor francês das obras de Locke), p.835a*b*.), a experiência bayleana seria de outra natureza, a saber, experiência é tudo que concerne à ordem do factual,

lugares comuns, tudo que repudia a "pluralidade das vozes".[157] Experiência é tudo que esteja ligado à prática[158], a exemplos[159], fatos[160], razões *a posteriori*[161], configurando-se

---

dos acontecimentos da história. Para Bayle, "Mr. Locke" era "um dos mais profundos Metafísicos destes últimos tempos"["Mr. Locke, l'un des plus profonds Métaphysiciens de ces derniers temps."](*OD* III[*RQP*], p. 941*b*; IV[*Lettres*], p. 700*a*.) Segundo Bayle, a metafísica de Locke era tributária da escolástica: "[Locke] não acreditava que nós conhecêssemos a natureza das substâncias. Ele confessava que a extensão impenetrável, a divisibilidade, a mobilidade eram propriedades da matéria corporal; mas não a essência ou o atributo constitutivo da substância da matéria. Então, ele acreditava que essas propriedades subsistiam em um sujeito que não conhecemos. Parece-me então que, segundo isto, deve-se dizer que a extensão é só um acidente da matéria, & é o sentimento comum dos Católicos Romanos, & o que eles foram obrigados a sustentar devido à sua doutrina da Transubstanciação.[...] E, em uma palavra, esta doutrina do Mr. Locke leva-nos a admitir só uma espécie de substância, que por um de seus atributos aliar-se-á com a extensão, & pelo outro com o pensamento; o que uma vez sendo posto, não poder-se-á mais concluir que se uma substância pensa ela é imaterial. Poder-se-ia fazer outras objeções ao Sr. Locke, porque parece que ele queira conduzir-nos ao antigo caos dos Escolásticos, à edução das formas, à distinção real entre a substância & seus acidentes, & a tais outros dogmas absolutamente inexplicáveis."["(Locke), ne croyoit pas que nous connussions la nature des substances. Il avoüoit que l'étendue impénétrable, la divisibilité, la mobilité, étoient des propriétez de la matière ou de la substance corporelle; mais non pas l'essence ou l'atribut de la matière. Il croïoit donc que ces propriétez-là subsistoient dans un sujet que nous ne connoissons pas. Il me semble que selon cela l'on doit dire que l'étendue n'est qu'un accicdent de la matière, & c'est-là le sentiment ordinaire des Catholiques Romains, & ce qu'ils ont été obligez de soûtenir à cause de leur doctrine de la Transubstantiation.[...]Et un mot cette doctrine de Mr. Locke nous mène tout droit á n'admettre qu'une espèce de substance, qui par l'un de ses attributs s'alliera avec l'étendue, & par l'autre avec la pensée; ce qui étant une fois posé, on ne pourra plus conclure que si une substance pense il est immatérielle. On pourroit faire d'autres objections à Mr. Locke; car il semble qu'il veuille nous ramener à l'ancien cahos des Scholastiques, à l'éduction des formes, à la distinction réelle entre la substance & ses accidents, & à tels autres dogmes inexplicables."](*OD* III[*RQP*], pp.941*b*-942*a*.) Quanto ao direcionamento e ao objetivo da experiência dados por Bayle, a sua distância em relação à Bacon é a mesma em relação à Locke: se o filósofo de Carla sempre recorre à experiência para tentar demonstrar a existência de ateus virtuosos na história, Locke recua quanto à questão, não valendo-se da experiência que é tão cara ao seu pensamento filosófico. Valendo-se de argumentos em nome da religião, condena com duras palavras o ateísmo. Eis a clássica passagem de sua *Carta à Tolerância*: "[...]enfim, aqueles que negam a existência não devem ser tolerados de modo algum. A palavra, o contrato, o juramento de um ateu não podem formar qualquer coisa de estável e de sacro, e, entretanto, elas formam os laços de toda sociedade humana; ao ponto que, a própria crença em Deus suprimida, tudo dissolve-se. Além disso, ninguém pode reivindicar em nome da religião o privilégio da tolerância, se elimina completamente toda religião professando o ateísmo."*Letrre sur la tolérance*. Paris: PUF, 1965[2006], p. 83.

[157]Cf. *PD*, parágrafos §§47-48 e *CPD*, IV, XI,-XII, e LXXIX.

[158] Bayle respondendo às nove ríspidas observações aos seus *Pensées diverses* feitas por um membro da Sociedade Real inglesa, Mr. Harris, associa a experiência à prática: "I. Minha resposta à primeira dessas nove observações é que para mostrar que o Ateísmo não conduz necessariamente aos maus costumes, não há de modo algum prova mais curta nem suficiente do que as que me servi, porque é uma prova fundada sobre a *experiência* ou sobre a *prática*." ["Ma réponse à la première de ces neuf remarques est que pour montrer que l'Athéisme ne conduit pas nécessairement aux mauvaises moeurs, il n'y a point de preuve plus courte ni plus suffissante que cette dont je suis me servi; car c'est une preuve fondée sur l'*expérience* ou sur la *pratique*."](*OD* III [*CPD*], p. 411*a*, grifos meus.)

[159]Cf. o parágrafo §46 dos *PD*, intitulado "Exemplos de algumas opiniões gerais que são falsas", no qual Bayle diz: "O que se tem o costume de dizer de certos remédios, que é preciso ter fé se querem que eles façam efeito, se pode aplicar à quantidade de tradições. Vós não quereis ser desenganado? Credes sem examiná-los, porque se vós vos distraírdes em esclarecê-los por si mesmo com um espírito difícil, logo verás que a *experiência* não concorda com a voz pública."["Ce qu'on a coutume de dire de certains remèdes, qu'il faut y avoir de la foi si l'on veut qu'ils fassent leur effet, se peut apliquer à quantité de traditions. Voulez-vous n'en être pas desabusé?Croyez-les sans les examiner, car si vous vous amusez à vous en éclaircir par vous-même avec un esprit difficile, vous trouverez bientôt que *l'expérience* ne s'accorde pas avec la voix publique."] (2007, pp. 134-35; *OD* III[*PD*], p.33*b*, grifo meu). Cf. também *CPD*, LXXIX, p. 402.

[160]Por exemplo, Bayle recorre aos fatos para mostrar os erros dos paganismo assimilados pelo

como uma "maneira de refutar que confunde todas as razões" (*OD* III[*APD*], p. 179*b*.)[162] Em uma das respostas às objeções[163] aos seus *Pensées diverses*, Bayle, quando cita uma extensa relação de autores que entendiam que um ateu poderia muito bem discernir entre o que seja um bem e um mal moralmente, define a experiência como o recurso imprescindível para fazer desmoronar suposições, impropérios, giros de retórica proferidos por opositores que sequer se atêm a provas de fato:

> Se vós me objetardes que os testemunhos que eu relato no capítulo precedente[164], não significa outra coisa que, se muitas pessoas erram como eu, poderia bastar-me remetendo-vos às observações que eu já fiz acima, mas, por mais capazes que elas sejam de formar a minha apologia completa e arruinar esta nova chicana, [...] refutando-vos por *testemunhos de fato*. As verossimilhanças mais plausíveis se degeneram em visões e ilusões desde que elas se encontram desmentidas pela *experiência*. Isso seria o forte de vossa sétima objeção, porque vou combatê-la por *fatos* que têm uma certeza plena. (*OD* III [*CPD*], p. 395*b*, grifos meus)[165]

Experiência nesta única passagem remete à: 1) *ir aos fatos*, uma vez que conjecturas sobre assuntos polêmicos são deveras insuficientes para se adquirir a certeza ou um maior grau de certeza a respeito do que está sendo discutido; 2) a um aspecto moral, uma vez que ir à experiência significa desmentir, ou seja, fazer vir à tona uma

---

cristianismo: "Se as observações que fiz não bastam para provar que os pagãos conservaram diversos erros entrando no cristianismo, os quais em seguida perpetuados pela tradição, eu trarei uma prova contra a qual não há palavra a dizer, visto que *é uma prova fundada sobre fatos incontestáveis*."["Si les remarques que j'ai faites ne suffisent pas pour prouver que les païens ont conservé diverses erreurs en entrant dans le christianisme, lesquelles ensuite se sont perpetués par tradition, je m'en vais apporter une preuve contre laquelle il n'y a pas le mot à dire, puisque *c'est une preuve fondée sur des faits incontestables*."](*PDC*, 2007, p. 209;*OD* III[*PD*], p. 59*b*., grifos meus.)

[161]No último parágrafo dos *PD*, Bayle, mais uma vez enumerando as razões pelas quais ele provou que cometas jamais poderão ser sinais de mau agouro, precisamente na segunda e na terceira ele afirma: "2)Porque não há nenhuma razão *a priori*, como falam os filósofos, que prova que os cometas tenham a virtude de produzir fisicamente a fome, a mortalidade ou alguma coisa parecida; 3)Porque é falso que possa provar por *razões a posteriori*, isto é, por razões tiradas da *experiência*."["2) Parce qu'il n'y a aucune raison *a priori*, comme parlent les Philosophes, qui prouve que les comètes aient la vertu de produire physiquement la famine, la mortalité, ou quelque chose de semblable; 3)parce que est faux, qu'on le puisse prouver par des raisons *a posteriori*, c'est-à-dire, par des raisons tirées de *l'expérience*." (2007, p. 510; *OD* III[*PD*], p. 159*a*, grifo meu).

[162]"[...] manière de réfuter qui confond toutes les raisons."

[163] Cf. *CPD*, CXLII.

[164]Ou seja, o capítulo CXLIII das *CPD*, intitulado "resposta à objeção precedente. Citação de alguns autores que reconheceram que os ateus não ignoram de modo algum a diferença entre o bem e o mal moral."

[165]"Si vous m'objectiez que les témoignages que je rapporte dans le chapitre precédent, ne signifient autre chose si ce n'est que plusieurs personnes errent comme moi, il me pourroit suffire de vous renvoïer aux observations que j'ai faites ci-dessus. Mais quelques capables qu'elles soient de former mon apologie complete, & de ruiner cette nouvelle chicane, je vous veux combler la mésure, en vous réfutant par des *témoignages de fait*. Les vraisemblances les plus plausibles dégénerent en visions & en illusions dès qu'elles se trouvent démenties par *l'expérience*. Ce sera le forte de votre septième objection, car je m'en vais la combattre par *faits* qui ont une pleine certitude."

verdade que foi ocultada propositadamente, seja por má-fé de quem a omitiu, seja por um utilitarismo em nome da religião, uma vez que defender que a tese de que ateus viveram e vivem sob os auspícios da virtude e da reta razão é criticar no âmago toda uma tradição religiosa que justamente pensava e propagava o contrário.[166] E tudo isso, segundo Bayle, "sem lançar na incerteza as mais sensíveis noções do senso comum, que a experiência põe ao alcance dos espíritos mais limitados." (*OD* III[*APD*], p. 182*b*.)[167]

Bayle utiliza a noção de experiência no capítulo XXIII do *Suplemento ao Comentário Filosófico* – 1688 - em um contexto de discussão bastante complexo, concernente à questão da *graça*, isto é, se quem é persuadido das verdades evangélicas, necessariamente dotado da graça divina, seja agraciado por um "favor especial do Espírito Santo" (*OD* II[*SCPh*], p. 523*b*.)[168], ainda que tenha uma vida absolutamente desregrada e correndo o risco de ser "condenado." E isso por meio de três argumentos: 1) praticamente todas as seitas partilham deste mesmo lugar-comum: entendem que são favorecidas ou influenciadas pela graça e que as outras, estando mergulhadas na concupiscência, são heréticas.(*Id. Ibid.* p. 524*a*.) Nesse sentido, mesmo sendo educado desde a infância em determinados princípios religiosos, e estando bem persuadido disso em uma certa idade e durante toda a sua vida, "é contra o bom senso recorrer a um princípio sobrenatural e espiritual pela simples persuasão de qualquer religião que seja." (*Id. Ibid.*)[169]; 2) mesmo a fé sendo uma das virtudes cristãs e sendo uma via abertura para a caridade, essa hipótese também não se sustenta, pois a mera persuasão das verdades de fé "que se vê em uma infinidade de pessoas sensuais e perversas, e que morrem impenitentes, não é de modo algum a graça do Espírito Santo." (2002, p. 186; *Id. Ibid.*)[170]; 3) mesmo esses dois fatores ainda são insuficientes para pôr termo à questão, já que o problema se situa justamente na conduta de quem julga o que é heresia

---

[166]Nas *APD*, Bayle diz: "Eis aí o fato, *rem açu tetigi*. Teriam quisto que eu tivesse deixado a mundo na persuasão onde ele está, que um Ateu está necessariamente mergulhado em toda espécie de crimes: porque esta persuasão, *ainda que pouco conforme à história*, é de um grande uso para a Religião."["Me voilà au fait, rem acu tetigi. On auroit voulu que j'eusse laissé le monde dans la persuasion où il est, qu'un Athée est nécessairement plongé dans toutes sortes de crimes: car cette persuasion, *quoique peu conforme à Histoire*, est d'un grand usage à la Religion."](*OD* III[*APD*], pp.177*b*-178*a*, grifos meus).

[167]"[...]sans jetter dans l'incertitude les plus sensibles notions du sens commun, que l'expérience met à la portée des esprits les plus bornez."

[168]"Et comment pourroit-on prétendre, que tous ceux qui sont persuadés des mystères de la Religion Chrétienne, le sont par une faveur spéciale du S. Esprit, vû que la plupart de ces persuadés-là vivent très-mal, & sont enfin damnés?"

[169]"[...]il est contre le bon sens de recourir à un principe spirituel & surnaturel pour la simple persuasion, de quelque Religion que ce soit."

[170]"Mas la simple persuasion des verités qu'on en une infinité de gens spirituels & pervers, & que meurent impénitents, n'est point la grâce du S. Esprit."

ou não, isto é, a necessidade de clareza e de conhecimento por parte de quem julga. Segundo Bayle, não se pode acusar sem as devidas provas, sem um exame prévio, sólido e maduro dos prós e dos contras das argumentações. Após proceder dessa forma, os juízes "regrados pelas provas que lhes pareceram mais sólidas, farão prudentemente uns e outros, ainda que suas sentenças sejam contrárias. Não diferiram em nada quanto ao moral, mas, no máximo, quanto às qualidades naturais do espírito." (2002, p. 187; *OD* II[*SCPh*], p. 524*a*.)[171] Mas por que Bayle afirma que provas que *pareçam* sólidas são mais suficientes do que provas sólidas propriamente ditas? Porque aí o critério é outro: quando se trata das ações dos homens, não é preciso utilizar a regra que é utilizada para julgar a natureza das coisas, isto é, que as acusações de heresia, de ateísmo ou de qualquer heterodoxia que seja, estão no âmbito da probabilidade e não no âmbito da certeza.[172]

Mas Bayle vai mais além e aí ele recorre à experiência. Mesmo auxiliado pela graça, não seria possível a quem vai proferir um determinado julgamento obter bom êxito, pois "não saberia discernir melhor por isso os objetos, as provas, a força das

---

[171]"[...] reglés par les preuves qui leur ont paru plus solides, ils auront fait prudemment les uns & les autres, quoique leurs sentences soient contraires. Ils ne differeront en rien quant au moral, mais tout au plus quant aux qualités naturelles de l'esprit."] Isto é, não é nem as paixões tampouco a esperança de recebimento de um favor de uma das partes que deverá ser o fator decisivo na decisão de um julgamento. Bayle afirma no *CPh*: "Mas não há aparência que me possam negar os princípio que eu suponho, e de onde concluo necessariamente que não haveria nada de mais falível, nada de mais irregular, nada de mais indigno de uma inteligência medíocre que de ter estabelecido como um meio legítimo de encontrar a verdade disputada, de examiná-la precisamente no tempo que várias paixões seriam excitadas no coração, e saber-se-ia que no caso de que se achasse verdadeira uma das partes da questão, estar-se-ia exposto às últimas ignomínias e misérias, e que no caso que se achasse verdadeira a outra parte, seria honrado e recompensado com muitos favores. Todas as ideias da ordem, todas as luzes do bom senso, tudo o que *a experiência das coisas humanas* nos dá de julgamento, eleva-se contra isto."["Mais il n'y a pas apparence qu'ils me puissent nier les principes que je suppose, et d'où je conclus nécessairement qu'il n'y aurait rien de plus fautif, rien de plus irrégulier, rien de plus indigne d'une in telligence mediocre, que d'avoir étebli comme um moyen légitime de trouver la vérité disputée, de l'examiner précisément dans le temps que plusieurs passions seraient excitées dans le coeur, et que l'on saurait qu'au cas que l'on trouvât véritable l'autre partie, on serait honoré et récompensé de plusieurs faveurs. Toutes les idées de l'ordre, toutes des lumières du bon sens, tout ce que *l'expérience des choses humaines* nous donne de jugement, s'élève contre cela."; (1992, II, i, p. 181; *OD* II[*CPh*], p. 394*b*., grifos meus.)

[172]"Para confirmação disto, eu desejo que bem se lembrem de minha observação precedente, que é que as provas de Heresia ou de Ortodoxia particular não vão jamais além de uma grande probabilidade; assim, os juízes não podem recorrer à via de se desculpar de qualquer temeridade que os novos Filósofos nos apresentam, a saber, de somente afirmar que o que se concebe clara e distintamente não poder ser falso, após tê-lo maduramente examinado sem prevenção e muito tempo."["Pour confirmation de ceci, je souhaite qu'on se souvienne bien de ma rémarque précedente, qui est que les preuves d'Héresie ou d'Orthodoxie particulière, ne vont jamais au-dessus d'une grande probabilité; ainsi les Juges ne peuvent pas recourir à la voie de se disculper de toute témerité, que les nouveaux Philosophes nous présentent, savoir de ne rien affirmer que ce que l'on conçoit clairement & distinctement ne pouvoir être faux, après l'avoir mûrement examiné sans prévention & long-temps."] (*SCPh*, XXIII, p. 187; *OD* II[*SCPh*], p.524*ab*.)

objeções e das soluções. A experiência é aí incontestável." (*Id. Ibid.*, p. 188; *OD* II[*SCPh*], p. 524*b*.)[173] Segundo Bayle, uma vez instaurada a ortodoxia em uma determinada comunhão, a maioria, quase sempre propensa a suportar os reveses do que abjurar, não saberia explicar as razões de sua crença a um controversista hábil em retórica que em poucas palavras refutaria os fundamentos de uma determinada crença. E aqui o filósofo de Carla desfere o golpe contra a graça, ou seja, ser um "predestinado" em nada contribui nem para o aprendizado, muito menos para que amplie o conhecimento:

> É um ponto confesso por todo mundo (e quem poderia negá-lo contra a *experiência cotidiana*?) que a graça mais eficaz não aumenta de modo algum o nosso espírito, a memória, a imaginação, não nos ensina nem o hebreu e o grego, nem as regras do raciocínio, nem as soluções dos sofismas, nem os Fatos Históricos. (*Id. Ibid.*; *Id. Ibid.*, grifos meus.)[174]

Opondo a graça ao conhecimento propriamente dito, Bayle mostra a fragilidade desse amparo sobrenatural já que ela não permite, mas entrava, o esclarecimento de uma determinada discussão, julgamento, proposição ou objeção. Um indivíduo que não seja um agraciado, destituído de piedade, porém, sendo um estudioso e tendo um espírito arguto, adquire "em um ano mais luzes, conhecimentos, e força para fazer recuar o Adversário de sua religião, que o mais santo que viva nesta Religião sem ler, nem estudar, sem muito espírito nem memória." (*SCPh*, 2002, p. 188; *OD* II[*SCPh*], p. 524*b*.)[175] Nas *Additons*, o raciocínio é o mesmo: devido ao furor religioso de Jurieu em

---

[173]"[...] ne conoîtroit pas mieux pour cela les objets, les preuves, la force des objections, & des solutions. L'expérience est là-dessus incontestable."

[174]"C'est un point avoué de tout le monde, (& qui le pourroit nier contre *l'expérience quotidienne*?) que la grace la plus efficace ne nous augmente point l'esprit, la mémoire, l'imagination, ne nous aprend point l'Hebreu ni le Grec, ni les règles du raisonnement, ni les solutions des Sophismes, ni les Faits historiques."

[175]"[...] dans un an plus de lumières, de connaissance & de force pour repousser l'Adversaire de sa Religion, que le plus saint qui vive dans certe Religion, sans lire, ni étudier, sans beaucoup d'esprit, ni de mémoire."] O conhecimento empírico, neste sentido, é fundamental. Na continuação da passagem, Bayle afirma que, caso algum juiz, mesmo consultando as obras originais proferiu um julgamento errôneo, pelo menos o fez e boa fé: "Por conseguinte, um Juiz que tivesse a graça e pronunciasse que uma tal passagem deve ser tomada em sentido literal, e que um juiz sem a graça determinasse pelo sentido figurado da mesma passagem; esses dois Juízes, digo, seriam ou igualmente culpados de temeridade, se eles tivessem pronunciado sem ter bem consultado os Originais, e adquirido todas as luzes de um bom estudo, ou igualmente isentos de temeridade, se eles tivessem cada um seguido de boa fé o que suas luzes lhe mostrassem, como mais certo e razoável."["Par conséquent un Juge que auroit la grace, & qui prononceroit qu'un tel passage de l'Écriture doit être pris en sens litteral, & un Juge qui sans la grace détermineroit pour le sens figuré du même passage; ces deux Juges, dis-je, seroient um également coupables de témerité, s'ils avoient prononcé sans avoir bien consulté les Originaux, &, acquis toutes les lumières d'une bonne étude, ou également exempts de témerité, s'ils avoient suivi chacun de bonne foi ce que ses lumières lui montroient, comme plus certain & raisonnable."] (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)

seus ataques desmedidos às teses bayleanas nos *Pensées diverses*, o que deu o tom tanto da arguição quanto da escrita do algoz de Bayle foram justamente a temeridade e a falta de um exame mais minucioso da obra.[176] Em suas apreciações repetidas a esmo, mas em nada provando a falsidade dos argumentos do filósofo de Carla, Jurieu não se ateve às "máximas mais evidentes da *experiência*, do senso comum e todos os fundamentos do sistema da graça."(*OD* III[*APD*], p. 166*b*, grifo meu)[177]. Experiência aqui é ir à fonte, isto é, efetivar uma crítica interna de uma obra específica para poder erigir uma argumentação consistente e com conhecimento de causa, e não redigir uma cópia de trechos recortados, que mostram o quão tendenciosa pode ser uma acusação apoiada em leituras *en passant* e sob afetação. Segundo Bayle, depende tão e somente de que seus acusadores irem à própria obra para constatarem a sua inocência, pois só assim ela "aparecerá a todos os que julgarão após ter bem examinado maduramente de uma ponta a outra todo o livro dos Cometas."(*OD* III[*APD*], p. 166*b*.)[178]

Bayle afirma que abstrações metafísicas encontrando seu porto seguro em deduções, sistemas, teoremas e axiomas, perdem seu valor quando seu pretenso estatuto de verdade "não se encontra conforme à experiência." (2007, p.290; *OD* III[*PD*], p. 87*a*).[179] Bayle assevera que, quando um indivíduo elabora uma proposição que não esteja de acordo com os princípios que lhe são mais caros, ele se preocupa menos em refletir sobre o que lhe foi dito do que em imaginar alguma resposta para combater uma objeção. A razão disso é a dificuldade em propor alguma nova ideia a um espírito empedernido por hábitos enraizados de longa data, ao passo que seria menos difícil

[176]"Se as proposições que foram extraídas de meu livro fossem simples posições semelhantes a esses corolários sobre os quais se disputam nas Escolas, confesso que eu teria sido obrigado a publicar vários esclarecimentos contra as chicanas do Delator: mas são proposições acompanhadas de tantas provas e conciliadas com tantas observações com os princípios mais fundamentais da Religião que, visto que se for considerado de onde eu as tiro, a que eu as fiz servir e como eu respondo às dificuldades, só se pode ter desprezo pelas objeções de minha parte."["Si les propositions que l'on a extraites de mon Livre étoient de simples positions semblables à ces corollaires, sur quoi on dispute dans les Écoles, j'avoue que j'aurois été obligé de publier plusieurs éclaircissements, contre les chicanneries du délateur: mais ce sont des propositions accompagnées de tant de preuves, & conciliées par tant de remarques avec les principes les plus fondamentaux de la Religion, que pourvu que l'on considere d'où je les tire, à quoi je les fais servir, & comment je réponds aux difficultés, on ne peut qu'avoir du mépris pour les objections de ma partie."](*OD* III[*APD*], p.166*b*.)

[177]"[...]les plus évidentes maximes de *l'expérience* & du sens commun, & tous les fondements du Système de la grace."

[178]"[...]elle paroîtra à tous ceux qui n'en jugeront qu'après avoir examiné mûrement d'un bout à l'autre le Livre des Comètes."

[179] "Tout cela beau & bon à dire, quand on regarde les choses dans leur idée, & qu'on fait des abstractions metaphysiques. Mais le mal est que cela ne se trouve pas conforme à l'expérience."

discutir e sugerir novos pensamentos a alguém mais flexível e aberto a novidades.[180] Um exemplo dado pelo filósofo francês é a alusão às perseguições sofridas pelos primeiros cristãos, entendendo que surgiram de um princípio de fanatismo idólatra, de um falso zelo que foi o estopim da ação dos imperadores contra seitas de pensamento divergente, alimentando o ódio por toda a parte. Nesse sentido, a denúncia da ortodoxia dos idólatras aliada à sua propensão belicosa é manifesta, e, simultaneamente , a necessidade de um esclarecimento radical acerca da imagem do ateu no decorrer da história, maculada por esses mesmos idólatras, pois para Bayle "o bom senso quer isso, e a experiência o confirma."(*Id. Ibid.*, p. 264; *Id. Ibid.*, p.78*a*.).[181] E a experiência confirma o mesmo com o cristianismo. Bayle examina a objeção feita aos cristãos, que, se em vez de seus princípios pregarem como modelo de conduta e zelo pela conservação da paz pública, não estariam tendo o efeito contrário, isto é, instigando nos homens ódio, volúpia, fanatismo e vontade de combater o próximo. Se na prática, os cristãos vivem na mais absoluta assimetria com o que predicam, disseminando sua cultura de guerra como uma empreitada de devoção, então tal objeção não é tão desprezível, pois se "consultar a experiência, [...] ver-se-á que não há nações mais belicosas do que as que fazem profissão de cristianismo." (*PD*, 2007, p. 300; *OD* III[*PD*], p.90*ab*.)[182] Se tanto o paganismo como o cristianismo são religiões idólatras por excelência, aqui se desenha a crítica de Bayle: se a idolatria surgiu como uma conversão com zelo demasiado tanto por uma crença, como por ídolos propriamente ditos, o ateísmo seria

[180]Não é gratuita essa argumentação. Nas entrelinhas, ironicamente quer dizer que o ateu, de postura mais ponderada, flexível e heterodoxa, é mais propenso a rever seus erros e assimilar novas ideias do que um religioso ortodoxo, de visão estreita, guiado tão e somente por seus hábitos: "É então razoável pensar que os Apóstolos teriam convertido mais pessoas a Jesus Cristo se eles tivessem pregado a povos sem religião, que eles não teriam convertido anunciando o Evangelho a nações engajadas por um zelo cego e obstinado aos cultos supersticiosos do paganismo." ["Il est donc très raisonnable de penser que les Apõtres eussent converti plus de gens à Jésus-Christ s'ils eussent prêché à des peuples sans religion qu'ils n'en ont converti annonçant l'Évangile à des nations engagées par un zèle aveugle et entêté aux cultes superstitieux du paganisme."](2007, p. 264; *OD* III[*PD*], p. 78*a*.)

[181] "Le bon sens veut cela et l'expérience le confirme." Segundo Isabelle Delpla, trata-se aqui de uma oposição de métodos feita por Bayle, a qual se apóia em dois pilares: "1) A verdadeira oposição entre idolatria e ateísmo residiria então menos em um tipo de sociabilidade e de ações civis do que em uma atitude crítica combatendo a projeção dos preconceitos não somente na natureza física, mas também no curso da história. [...] Em segundo lugar, a verdadeira oposição da idolatria e do ateísmo nas práticas e as ações seria a dos métodos e das práticas de interpretação, no sentido o qual o historiador respeitando um ateísmo metodológico não projetaria seus preconceitos nos fatos humanos e na história." (2003, p. 163)

[182]"Mais je dirai bien qu'on ne peut pas y répondre plus mal qu'en disant, comme font plusieurs, qu'on n'a qu'à consulter l'expérience et qu'on verra qu'il n'y a point de nations plus belliqueuses que celles qui font profession de christianisme." Nesse sentido, "seria preciso ter perdido o senso para suspeitar de ateísmo de pessoas como essas, que, entretanto, cometiam as mais assustadoras desordens que jamais se ouviu falar." ["Il faudrait avoir perdu le sens pour soupçonner d'athéisme des gens comme cela, qui cependant commettaient les plus effroyables désordres dont on ait jamais ouï parler."](2007, p. 299; *OD* III[*PD*], p. 90*a*.)

uma espécie de indiferença, seja em relação a ídolos, seja em relação aos próprios deuses. Mas Bayle estabelece uma espécie de escala de perniciosidade entre idólatras e ateus, sendo o zelo de um idólatra muito mais funesto do que a descrença, "porque, geralmente falando, um homem repleto de beatice e obstinado em seus princípios se rende com mais dificuldade à verdade do que um homem que não sabe no que crê."(*Id.Ibid*., p. 263; *Id. Ibid*., p. 77*b*.)[183] E, segundo Bayle, "não me saberiam me negar isto, visto que tenho a experiência do meu lado." (*PD*, 2007, p. 369; *OD* III[*PD*], p.113*a*.)[184] Bayle, estabelecendo a experiência como recurso fundamental para desconstruir determinadas opiniões cristalizadas e disseminadas em todas as épocas e lugares, começa a utilizá-la de modo mais específico, como por exemplo, em sua crítica à idolatria. Esta tem por característica peculiar a reverência demasiada e fervorosa a pessoas e a objetos, culminando em representações as mais absurdas de deuses e sendo praticada através de cultos, rituais e orações não menos problemáticos e contraditórios. Logo, se é a tônica dos *Pensées diverses* a comparação entre o ateísmo e a idolatria em diversos aspectos e sendo sopesados seus prós e contras, Bayle vai mais uma vez à esfera da experiência, com o intuito de mostrar que, no decorrer dos tempos, a postura do idólatra foi muito mais assimétrica em relação a seus princípios do que a postura do ateu. Um olhar mais acurado sobre os próprios fatos permitirá chegar a conclusão que idolatria e moral ou ateísmo e imoralidade são associações deveras ultrapassadas e passíveis de reavaliação.

1.4. A crítica à idolatria

[183]"[...] parce que, généralement parlant, un homme rempli de bigoterie et entêté de ses faux principes se rend avec plus de peine à la vérité qu'un homme qui ne sait ce qu'il croit." Na continuação da passagem: "E sobre este móbil, parece que valeria mais ser ateu do que mergulhado nas abomináveis idolatrias dos Gentios, porque há muita aparência que os predicadores do Evangelho explicam nossos mistérios e os apoiando com muitos milagres magníficos abririam antes os olhos de pessoas que ainda não teriam tomado seu partido, quero dizer que seriam estariam sem religião, do que pessoas enfatuadas da antiguidade de suas cerimônias e enraizadas na fé e culto de seus ídolos."["Et sur ce pied-là, il semble qu1il vaudrait mieux être ateu que plongé dans les abominables idolâtries des Gentils, parce qu1il y a beaucoup d'apparence que les prédicateurs de l'Èvangile expliquant nos mystéres et les appuyant de beaucoup de miracles éclatants ouvriraient plutôt les yeux à des personnes qui n'auraient pas encore pris leur parti, je veux dire qui seraient sans religion, qu'à des gens infatués de l'antiquité de leurs cérémonies et enracinés dans la foi et le culte de leurs idoles."](2007, pp. 263-64;*OD* III[*PD*], p.78*a*.)

[184]"[...]l'on ne sauroit me nier cela, puisque j'ai l'expérience de mon côté."

A palavra idolatria vem do grego, mais precisamente dos radicais *eidolon*, que significa corpo e *latréia*, que quer dizer adoração. Neste sentido, idolatria significa mais uma adoração às aparências corporais do que adoração a imagens simplesmente, caracterizada por uma paixão cega e excessiva.[185] Mas, para Bayle, o termo idolatria tem um campo de alcance mais extenso, já que o identifica seja aos cultos dos povos selvagens, seja às religiões antigas, como a grega e a romana, por exemplo.[186] Segundo Gianluca Mori, o filósofo de Carla tomando o modelo do deus cristão, e rejeitando as concessões tendenciosas de apologistas que entreviam um resquício de religião dentre as crenças, cultos e ritos pagãos, ele "pode reduzir ao ateísmo todos os cultos idólatras, que ele tem (desde 1682) por verdadeiras negações de Deus." (1999, p. 213)[187]

Contudo, a despeito da amplitude das significações da noção de idolatria bayleana, todas gravitam em torno de um denominador comum, isto é, todas são relacionadas à adoração de coisas, de corpos animados ou inanimados, adoração que é alimentada pela imaginação, "pois adorar o que se imagina falsamente ser um Deus é um ato de idolatria." (*PD*, 2007, p. 262; *OD* III[*PD*], p. 77*b*.)[188] Uma projeção afetada sobre determinados objetos, hiperbolizada através de rituais e cultos, faz com que a

---

[185]Um dos autores que tratou mais pormenorizadamente a questão da idolatria foi Francis Bacon, com a sua teoria dos ídolos no *Novum Organum* - 1620. Nesta obra, o filósofo inglês estabelece uma tipologia dos ídolos, mas todos com um denominador comum, isto é, são falsas noções que se instauram e preenchem o espírito do homem, dificultando o acesso à verdade e, ainda que eles sejam desestruturados e destituídos de legitimidade, "poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam." (2000, §38, p. 39) Mais precisamente 4 categorias: 1) *Idola tribus*: que tem sua raiz na natureza humana, na própria tribo ou espécie humana, sendo "falsa a asserção de que os sentidos do homem são a medida das coisas."(§41); 2) *Idola specus*: que concerne aos homens enquanto indivíduos, "à natureza própria e singular de cada um". (§42); 3) *Idola fori*: que são os ídolos provenientes da inter-relação e reciprocidade dos indivíduos do gênero humano, "devido ao comércio e consórcio entre os homens". (§43); 4) *Idola theatri*: que são os ídolos que adentraram nos espíritos dos homens através de filosofias supersticiosas que "são outras tantas fábulas, produzidas e representadas, que figuram mundos fictícios e teatrais." (§44). Entretanto, no seu magro verbete "Bacon (François)", do *DHC*, Bayle nada comenta a respeito da demolição baconiana dos ídolos. (Cf. I, p. 417.)

[186]Mori aponta uma definição de idolatria mais específica e polêmica em Bayle, a saber, quando o filósofo de Carla a associa "às degradações modernas do cristianismo, em particular as que os protestantes imputavam à Igreja Católica (adoração de santos, da Virgem, das espécies eucarísticas)". (1999, p. 213).

[187]Ver, entretanto, no parágrafo LXXXIII da *CPD*, intitulado "Que o Paganismo era propriamente um ateísmo, provado por razões", que na verdade a diferença fundamental é a seguinte: se o pagão nega um deus verdadeiro honrando um falso, o ateu nega tanto o falso como o verdadeiro.

[188] "Adorer ce que l'on s'imagine faussement être Dieu est un acte 'idolâtrie." Na *CPD* Bayle dá uma definição similar: "Não entendo esta idolatria que consiste na adoração do verdadeiro Deus sob simulacros: entendo a que consiste no culto dos falsos Deuses."["Je n'entends pas cette idolatrie qu'on fait consister dans l'adoration du vrai Dieu sous des simulacres: j'entends celle qui consiste dans le culte des faux Dieux."](*OD* III, p.223*b*.).De acordo com Isabelle Delpla, a idolatria, "[...]desde os *Pensées diverses*, aparece tanto como um todo de crenças falsas e supersticiosas como o cimento da sociedade idólatra." (2003, p. 150).

imaginação se inflame e caracterize determinadas imagens ou determinados corpos como deuses.[189] Bayle discute a respeito de como se deve honrar uma divindade, isto é, "da maneira que a reta razão nos ensina, [...] renunciando ao vício e praticando a virtude."(*Id. Ibid*., p. 168; *Id. Ibid.*, p. 46*a*.)[190] A aplicação direta de tal princípio consiste em mostrar que, se fosse o caso de algum fenômeno natural ser um aviso da cólera divina, sê-lo-ia para os homens serem mais firmes contra o desregramento dos costumes e não para efetuarem sacrifícios e fazerem cerimônias, guiados por suas paixões e sem se preocuparem em corrigir seus vícios. O culto aos ídolos, em vez de honrar ofende, e assim o "crime dos idólatras ultrapassa todos os outros" (*PD* 2007, p. 172; *OD* III[*PD*], p. 47*b*.)[191], à medida que "o crente age por motivos moralmente impuros." (MORI, 1999, p. 200).

Bayle primeiramente faz várias considerações a respeito da idolatria *pagã*, definindo-a como "a ruína da moral." (*OD* III[*CPD*], p. 349*b*.)[192] Aos olhos da tradição cristã, o retorno às formas de cultuar pagãs – não de todo, mas parcialmente – seria uma espécie de protótipo mais sofisticado do que supostamente seria uma autêntica religião. Contudo, Bayle trata de "demonstrar que os pagãos jamais conceberam a unidade de Deus, senão sob a forma de 'alma do mundo' e que seus cultos destroem a ideia do ser

[189]Nessa definição, a idolatria é "um fenômeno projetivo e essencialista, derivando de uma confusão entre natureza e espírito. O princípio geral da idolatria consiste em uma projeção de nós mesmos, de nossas ideias, de nossas paixões e interesses no que cremos ser uma ordem das coisas, que se trata do livro da natureza onde estaria escrito nosso destino ou de uma natureza específica dos lugares, dos nomes ou dos dias maléficos ou talismã." (*Id. Ibid*., p. 152)

[190]"[...]de la manière que la droite raison nous enseigne, c'est-à-dire, en renonçant au vice et en pratiquant la vertu[...]".

[191]"[...]le crime des idolâtres surpasse tous les autres[...]". Bayle recorre à Patrística, isto é, à própria tradição, para confirmar a perniciosidade da idolatria: "Quando os Padres asseguraram sem nenhuma exceção que a idolatria era o maior de todos os crimes, eles não se fizeram muito a entender que eles a achavam pior do que o Ateísmo? Cite a esse respeito Tertuliano, São Cipriano e São Gregório de Nazianzo e depois o que nomearam o Anjo da Escola. Eu poderia aí acrescentar São Cirilo de Jerusalém que não pôde aí haver doença mais perniciosa do que a idolatria."["Quand les Pères ont assuré sans nulle exception que l'Idolâtrie étoit le plus grand de tous les crimes, n'ont-ils pas fait assez entendre qu'ils la croïoent plus mauvaise que l'Athéisme?J'ai cité sur ce sujet Tertullien, Saint Cyprien & Saint Grégoire de Nazianze, & puis celui que l'on l'Ange de l'École. Je pouvois y joindre Saint Cyrille de Jérusalem qui a dit qu'il n'a point pû y avoir de maladie plus pernicieuse que l'Idolâtrie."] (*OD* III[*CPD*], p. 297*b*.) Cf. também o parágrafo §116 dos *PD* e quando Bayle evoca a mesma tradição para condenar a perseguição religiosa no *CPh*, I, viii.

[192]"Vous pourrez faire cette observation quand vous lirez ce que j'aurai à vous dire, pour vous montrer que la Religion païenne étoit le renversement de la Morale." À respeito especificamente da idolatria pagã, ver os parágrafos dos *PD*, §124, §131, §186, §§195-196, §§202-203. Cf. também o parágrafo LXXV da *CPD*, intitulado "Que não pretendo falar aqui da idolatria da Igreja Romana". Mas é um artifício retórico de Bayle, uma vez que usa aí o termo "idolatria papística" (*OD* III, p. 295*a*.) e já nos próprios *PD*, §84 "Porque os cristãos estão na mesma prevenção que os pagãos a respeito dos cometas", Bayle aponta quais os vícios do paganismo herdados pelo cristianismo no tocante à idolatria.

infinitamente perfeito." (MORI, *op.cit*., p.213). Citando os habitantes do Peru, México, Indianos, Chineses e Japoneses[193], Bayle afirma que os mesmos estão nos "mais espantosos desregramentos que se pode dizer sobre o capítulo da religião". (2007, p. 174; *OD* III[*PD*], p.48*a*).[194] Segundo o filósofo, são povos que se comportam com demasiado zelo e idolatria, inspirados por uma superstição desmedida.[195] Bayle estabelece uma conexão direta entre crer que um deus adorado pode ser encolerizado e a necessidade do devoto de venerar-lhe com mais ardor pelo culto instaurado pelo costume. E, dessa forma, fica "impossível querer que uma nação idólatra saiba que o Céu está em cólera sem querer que ela exerça com um zelo redobrado os exercícios de sua religião." (*Id. Ibid.*, p. 175; *Id. Ibid*.)[196] Por conseguinte, se um deus enviasse um cometa com a intenção de informar à humanidade que ele está encolerizado contra ela e que, se não recebesse as devidas honrarias, valer-se-ia de uma punição devastadora, sua vontade seria que todos os infiéis se portassem ainda com mais devoção por meio de cerimônias e sacrifícios[197]. Mas para Bayle isso é "falso e ímpio, nós somos obrigados por princípios de religião a dizer que, na intenção de Deus, os cometas não podem pressagiar nenhum mal." (*PD*, 2007, p. 175; *OD* III[*PD*], p. 48*a*.)[198]

---

[193]Contudo, no *CPh*, Bayle pensa diferente. Apesar da alegada idolatria dos povos citados, os mesmos não são obrigados a aceitar, por exemplo, que missionários cristãos se instaurem de má fé em seus territórios fomentando - à luz da interpretação literal de certas passagens dos textos sagrados - conversões à força em vez de somente predicar ou debater sobre sua religião. Cf. I, v.

[194]"[...]sont dans les plus effroyables égarements qui se puissent dire sobre le chapitre de la Religion."

[195]Para Bayle, quem não sabe "[...] que eles se dirigem, enfim, a todos os excessos que uma cega e furiosa superstição pode inspirar?"["...qu'ils se portent enfin a tous les excès qu'une aveugle et furieuse superstition peut inspirer?"] (2007, p. 175; *OD* III[*PD*], p. 48*a*.) Note-se que aqui Bayle afirma que a superstição inspira a idolatria, ou seja, uma é efeito direto da outra. Por outro lado, todo idólatra pode ser supersticioso, mas nem todo supersticioso é necessariamente idólatra, uma vez que superstição possui um caráter mais amplo de crendices, como por exemplo, não cruzar com um gato preto ou não passar embaixo de uma escada.

[196]"[...]impossible de vouloir qu'une nation idolâtre connaisse que le Ciel est en colère sans vouloir qu'elle exerce avec un zèle redoublé les exercices de sa religion."

[197]O que não seria preocupação de um ateu, por exemplo: "Eis o que não fez a maior parte daqueles que tomaram partido pelo Paganismo no problema o qual tratamos. A primeira ideia de Ateísmo os chocou de tal forma, que eles acreditaram que sem esperar mais poderiam seguramente preferir a idolatria Pagã. Eles se limitaram a essas duas noções que se apresentam antes de tudo, e que impõem muito, uma que o ateu, não sendo retido como o idólatra pelo medo de uma justiça invisível, abandonar-se-á sempre à torrente de suas paixões, a outra que não deixa, como o idólatra, algumas aberturas à doutrina do verdadeiro deus."["Voilà ce que n'ont pas fait la plupart de ceux qui ont pris parti pour le Paganisme dans le problème dont nous traitons. La première idée d'Athéisme les a tellement effarouchez, qu'ils ont crû que sans attendre davantage ils pouvaient sûrement lui préférer l'Idolatrie Païenne. Ils se sont arrêtez à ces deux notions qui se présentent d'abord, & qui imposent beaucoup; l'une que l'Athée n'étant pas retenu comme l'Idolâtre par la crainte d'une justice invisible s'abandonnera toujours au torrent de ses passions; l'autre qu'il ne laisse point comme l'Idolâtre, quelques ouvertures à la doctrine du vrai dieu."](*OD* III[*CPD*], pp.305*b*-306*a*.)

[198]"Ce qui étant faux et impie, nous sommes obligés par des principes de religion à dire que, dans l'intention de Dieu, les comètes ne peuvent présager aucun mal."

Na *Continuation*, Bayle convoca seus opositores para um exame, a saber, "se o Paganismo não era pior que a irreligião." (*OD* III, p. 308*a*).[199] A religião pagã se caracteriza por um lado, incorrer em blasfêmia contra a natureza divina e, por outro, solapando a distinção entre vício e virtude, fazer o mal tomando como exemplo seus próprios deuses. Bayle cita o exemplo da guerra de Tróia, episódio triste que arruinou uma cidade inteira, matando milhares de pessoas. O episódio se dá numa noite de núpcias, onde todas as deusas estavam presentes, com exceção da deusa da discórdia, Éris, que ocasionou a guerra por motivos de vingança, segundo a mitologia grega.[200] Desse exemplo, o filósofo francês extrai algumas características típicas dos idólatras como esperança de recompensa, conivência, adultério, perjúrio e vingança principalmente.[201] O cerne do argumento é que os maus exemplos dos deuses refletem diretamente nas ações dos idólatras, tornando-se até mesmo seu modelo de conduta. Observando-se o "original" que deveria ser sinônimo de retidão, ponderação e bondade, ele mostra o contrário: apreço desmedido pelas paixões, crimes e desregramento dos costumes.[202] Segundo Bayle, a inobservância desse exemplo pelos partidários do paganismo deveria ser motivo dos mesmos retratarem-se e mesmo aprovarem aqueles que colocaram o paganismo em um grau mais inferior do que o ateísmo. (*OD* III[*CPD*], p. 308*b*.)

Bayle analisa a objeção que lhe fora dirigida, se a anarquia é pior que a tirania, valeria mais crer em falsos deuses do que não crer em divindade alguma. E, por conseguinte, em tal objeção ele faz uma observação, isto é, se é possível provar aos ateus que de seus princípios necessariamente resulte a anarquia. (*OD* III[*CPD*], CVIII-

---

[199]"[...]si le Paganisme n'étoit point pire que l'irreligion[...]"

[200]Éris, cujo nome latino é Discórdia: "Na tradição mais corrente, figura como uma das divindades primordiais, filha da Noite. Engendrou numerosos seres malfazejos como a Cobiça, o Tormento, a Negligência. Em outras versões, é mencionada como filha ou irmão de Marte, o deus da guerra. Acompanhava-os aos campos de batalha, suscitando ódio entre os combatentes. Ofendida por não ter sido convidada para as núpcias de Peleu e Tétis, a Discórdia lançou entre as deusas um pomo destinado à 'mais bela'. Paris, chamado para decidir a quem caberia o fruto, viria, por causa dessa arbitragem, a dar origem à guerra de Tróia." ABRÃO, Bernadette Siqueira/COSCODAI, Mirtes Ugeda (orgs.) *Dicionário de mitologia*. São Paulo: Best Seller, 2000, p. 102.

[201]Cf. mais a respeito do sentimento de vingança que caracteriza a religião pagã *CPD*, CXXVII-CXXIX.)

[202]"Há algo de mais próprio que todo o fio desta história a inspirar nos homens muita estima por suas paixões e por seus crimes, visto que eles vêem o original na conduta dos Deuses?Isso não deveria fazer esperar a benção celeste a todos que copiaram esses divinos originais? Logo, não seria abrir a porta ao desregramento dos costumes?"["Y a-t-il rien de plus propre que tout le fil de cette histoire à inspirer aux hommes beaucoup d'estime pour leurs passions, & pour leurs crimes, attendu qu'ils en voient l'original dans la conduite des Dieux? Cela ne devoit-il pas faire esperer la bénédiction céleste à tous ceux qui copieroient ces divins originaux? Or, n'étoit-ce pas ouvrir la porte au déréglement des moeurs? (*OD* III[*CPD*], p. 308*b*.)

CIX) A análise dessa proposição é caracterizada por uma denúncia de Bayle a respeito de um certo utilitarismo social em fazer com que se entenda ser melhor que os homens estejam persuadidos da existência de falsos deuses do que se eles não acreditem em nada. Se os homens não tivessem esse freio que é "o temor de uma divindade verdadeira ou falsa" (*Id.Ibid*., p. 338*a*.), eles não respeitariam as leis, e que assim "o gênero humano tombaria na anarquia". (*Id. Ibid*.)[203] Nesse sentido, é de interesse de um estado tirânico que, mesmo sendo verdadeiro que não exista deus algum, as pessoas ignorem esse fato e que sejam persuadidas do contrário. Retoricamente, tal opinião poderia significar que sendo falsa tanto a opinião de que não há deus algum, como também seria falsa a opinião de que existem inúmeros deuses, esta última seria um "mal menor" do que o ateísmo visto que "a sociedade humana pode muito bem se conservar sob a falsa persuasão da existência de várias divindades e não o pode de forma alguma sob a falsa rejeição de toda divindade." (*Id. Ibid*.)[204]

Entretanto, Bayle reverte a objeção, isto é, a religião pagã é que se configurava como um princípio de anarquia, e não o ateísmo.(*OD* III[*CPD*], pp.348-351.) Segundo o filósofo de Carla, a religião pagã não levava em consideração duas hipóteses concernentes à regularidade dos corpos: uma, que seria a "verdadeira", faz com que tudo gravite em torno de um espírito, sabedoria e potência infinita. A outra, que seria "muito absurda", que subjugaria tudo a uma virtude que não tivesse conhecimento algum e, consequentemente, não tivesse a capacidade de se eximir das leis da ordem. O Paganismo desconsiderava tanto uma hipótese como a outra,

---

[203] Neste ponto, Bayle cita e critica Jean Bodin: "Il est clair que la pensée de Bodin ne se réduit qu'à ceci, qu'il est plus utile aux Societez humaines que les hommes soeint persuadez de l'existence de plusieurs faux dieux, que s'ils ne croïoient l'existence de aucune divinité, & qu'il se fonde sur la raison, qu'en cas que les hommes ne fussent pas retenus par la crainte de quelque divinité vraie ou fausse, ils se moqueroient des Magistrats, & qu'ainsi le genre humain tomberoit dans l'anarchie."(*OD* III[*CPD*], p. 338*a*.) Bodin diz em *Da República*: "E, assim, como a mais forte tirania não é tão miserável como a anarquia, quando não há nem Príncipe nem Magistrado, também a mais forte superstição do mundo não é [...] tão detestável como o ateísmo." (IV, vii)

[204]"[...]la Societé humaine se peut très-bien conserver sous la fausse persuasion de l'existence de plusieurs Divinitez, & ne le peut aucunement sous la fausse réjection de toute Divinité." Não faltaram críticos das posições de Bayle. Por exemplo, para Montesquieu seria um sofisma, já que ele prima pelo utilitarismo de se crer em algo: "É apenas um sofisma, fundado no fato de que não há nenhuma utilidade para o gênero humano que se acredite que um certo homem existe, ao passo que é muito útil que se acredite que Deus é." (*O espírito das leis*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2000, V, ii, p. 466). Nas *APD*, Bayle afirma: "Ele [Jurieu] crê que ela foi útil ao mundo: e eu digo mais uma vez que ela foi uma fonte inesgotável de abominações; que tem sido o horror de Deus e a vergonha do gênero humano." ["Il(Jurieu) croit donc qu'elle a été fort utile au monde: & moi je diz encore une fois qu'elle a été une source inépuisable d'abominations, qui ont été l'horreur de Dieu, & la honte du genre humain."](*OD* III[*APD*], p. 176*b*.)

espalhando por toda parte uma multiplicidade de falsos deuses, e então "eis aí um princípio de anarquia, porque como esses Deuses estavam sujeitos às mesmas paixões que os homens, a guerra era certa entre eles."(*Id. Ibid.*, p. 348*a*.)[205] Segundo Bayle, nesse verdadeiro panteão de divindades na terra instaurado pelos pagãos, o caos era reinante, devido à sujeição dos homens "às más paixões: são invejosos uns dos outros; a avareza, a volúpia, a vingança os dominam." (*OD* III[*CPD*], p.349*a*.)[206] Os que têm a incumbência de comandar, o fazem mal; os que têm de obedecer, ainda pior. A imposição de limites às autoridades políticas é a ocasião para o surgimento de poderes arbitrários, visto que toda e qualquer proibição inflama os desejos, uns abusando da autoridade, outros da liberdade. Nesse contexto, surgem inevitavelmente "os germes de anarquia os quais os maus frutos morrem cedo ou tarde e transtornam algumas vezes as sociedades mais florescentes. A história é repleta dessa espécie de coisas." (*Id. Ibid.*, p.349*b*.)[207] Nesta passagem, Bayle mostra que a crença e a idolatria da religião pagã tem um efeito direto nas sociedades, à medida que seus deuses, possuindo as mesmas paixões dos homens, fazem com que estes guerreiem, violem, e matem no mesmo grau, devastando territórios inteiros em nome de uma devoção.[208] Nesse sentido, é incorrer no erro sustentar, depois de tantas provas e exemplos, que ateísmo seja equivalente à anarquia, ou que um seja decorrente do outro, já que, dentre outras abominações condenáveis, "a anarquia universal, a pilhagem geral [...] teria sido inevitavelmente o efeito da religião Pagã, se outros princípios aí não tivessem colocado obstáculos." (*Id. Ibid*., p. 363*b*.)[209]

Entretanto, a crítica bayleana à idolatria não se limita ao paganismo. O filósofo francês, nos *Pensées diverses*, entende que os cristãos incorrem nos mesmos

---

[205]"Voilà un principe d'anarchie; car comme ces Dieux étoient sujets aux mêmes passions que l'homme, la guerre étoit immanquable entre eux."

[206]"C'est que les hommes sont sujets à de mauvaises passions: ils sont envieux les uns des autres; l'avarice, l'ambition, la volupté, la vengeance les possedent."

[207]"Ce sont des germes d'anarchie dont les mauvais fruits meurrissent ou tôt ou tard, & bouleversent quelquefois les Societez les plus flotissantes. L'histoire est toute remplie de cette sorte de choses."

[208]O diagnóstico de Bayle é sombrio: "As desordens da guerra que se fazem os homens, mudam somente alguns lugares da superfície da terra: transformam em pastagens os lugares onde tinham grandes cidades, dissipam, dispersam uma nação, fazem de um país povoado e bem cultivado um deserto medonho." ["Les désordres de la guerre se font les hommes, changent seulement quelques endroits de la surface de la terre: ils changent en pâturages les lieux où il y avoit de grandes villes, ils dissipent, ils dispersent une Nation, ils font d'un païs peuplé & bien cultivé un désert affreux."(*OD* III[*CPD*], p. 349*b*.)

[209]"L'anarchie universelle, le brigandage général que l'on dit à tort être la suite nécessaire de l'irreligion, eût été inévitablement l'effet de la Religion Païenne, si d'autres principes n'y eussent mis des obstacles. La séduction ou l'enlevement des personnes de l'autre sexe, & même des beaux garçons, auroit passé pour une copie des actions des Dieux: le vol, l'inceste, la fraude, le sortilège, auroient eu la même prérogative."

erros, uma vez que o modo de cultuarem seus deuses foi uma espécie de herança pagã ou uma transposição dos procedimentos pagãos no seio do cristianismo. A equivalência do cristianismo ao paganismo, empreendida por Bayle, vai de encontro radicalmente à leitura da tradição cristã: o paganismo não seria o precursor do monoteísmo cristão nas seitas antigas, mas o que ocorreu foi "uma contaminação substancial do cristianismo por esquemas conceituais – e então aporias teoréticas – que eram próprias dos teólogos antigos." (MORI, 1999, p. 213-214) Nesse sentido, se o cristianismo também é "corrompido, fonte de superstições e de violências em todas as seitas" (*Id. Ibid.*, p. 205), segundo Bayle, não é preciso ficar estarrecido com o fato de que os cristãos procedam da mesma forma que seus antecessores, já que "eles são a posteridade dos pagãos, e que, na idolatria, [...] eles caem nas mesmas fraquezas que os pagãos." (*PD*, 2007, p. 197; *OD* III[*PD*], p.55*b*.)[210] O pensador de Carla aponta que na transição do paganismo para o cristianismo, os preconceitos do primeiro também passaram para o último seja "a respeito das coisas da natureza, ou em geral a respeito de tudo o que não destrua as verdades de fé." (*Id. Ibid.*; *Id. Ibid.*)[211] O que Bayle quer dizer é que é pouco provável que os convertidos ao cristianismo, que outrora acreditavam em signos de mau agouro advindos dos céus, tenham deixado suas crendices de lado mudando de religião. Aqui retorna a crítica à opinião: se os crédulos, à medida que atribuem seus erros a seus pecados ou à ira dos deuses, em vez de os atribuírem à sua devoção idólatra, é por aí "que a sociedade dos fiéis se encontra de geração em geração imbuídas dos erros populares que se estabeleceram no paganismo."(*PD*, 2007, p.198; *OD* III[*CPD*], p.56*a*.)[212]

---

[210]"Maintenant il ne faut plus s'étonner que les chrétiens soient dans la même prévention, puisqu'ils sont la postérité des païens et qu'à idolâtrie près ils donnent dans les mêmes faiblesses que les païens."

[211] "Si bien qu'on peut dire que les païens sont passés dans la religion chrétienne avec tous les préjugés qu'ils avaient eus dans le paganisme à l'égard des choses de nature, ou en général à l'égard de tout ce qui ne détruit point les vérités de la foi."

[212]"Par ce moyen, la société des fidèles s'est trouvée de génération en génération imbue des erreurs popoulaires qui s'étaient établies dans le paganisme[...]". Quando uma determinada opinião não é vista como polêmica, a tendência é de ser adotada às cegas: se "[...] uma opinião não era condenada como herética, seguiram sem cerimônia a torrente daqueles que estavam preocupados. Poucas pessoas ocupam-se em examinar se as opiniões gerais são verdadeiras ou falsas."["Car dès qu'on vu qu'une opinion n'était pas condamnée comme héretique, on a suivi sans façon le torrent de ceux qui en étaient preoccupés. Peu de gens s'amusent à examiner si les opinions générales sont vraies ou fausses."](2007, p. 198; *OD* III[*PD*], p. 56*a*.) Raciocínio similar de Bayle no *SCPh*, mas apontando que os próprios historiadores disseminavam opiniões sem fundamento entre seus leitores: "Eu digo que somente há pessoas cegas por preconceitos pueris, onde Historiadores da mesma têmpora nutrem ordinariamente seus Leitores que não viram o perigo, e que não estão ainda desembaraçados."["Je dit qu'il n'y a que des gens aveuglez par des préjugez puériles, où des Historiens de même trempe nourrisent ordinairement leurs Lecteurs qui n'ont pas vû le loup, & qui ne sont pas encore déniasez."](*OD* II[*SCPh*],p.538*a*.)

Bayle, para além da constatação dos erros pagãos herdados pelo cristianismo, vai ao âmago da questão, isto é, os cristãos procedem da mesma forma que seus predecessores devido à própria natureza humana ser propensa a crer em coisas sobrenaturais, e aí "o homem é sempre homem". (2007, p. 215; *OD* III[*PD*], p. 61*b*.)[213] Todos os homens, em todos os lugares e épocas, tendo como móbil de suas ações as paixões mais vis e inimagináveis, sendo "na noção geral de homem, tão semelhantes a respeito dessas paixões, dir-se-ia que eles copiam uns aos outros." (*Id. Ibid*., p. 293; *Id. Ibid*., p.88*a*.)[214] Segundo Bayle, quando se trata de bons costumes, a questão é mais complexa, já que o homem, limitando-se a deixar as ideias de equidade natural somente em sua consciência, "entretanto, ele conclui quase sempre a favor de seus desejos desregrados."(*Id.Ibid.*;*Id. Ibid*.)[215] Longe de qualquer moralismo asceta ou de ser o algoz das paixões, Bayle detecta a origem da superstição em suas diversas formas, sendo uma delas a idolatria: no contexto desta "antropologia pessimista e desencantada" (MORI, 1999, p. 191). Nesse sentido, Bayle levanta a questão:

> De onde vem tudo isto, senão de que o verdadeiro princípio das ações do homem (excetuo aqui aqueles em que a graça do Espírito Santo implanta-se com toda a sua eficácia)não é outro senão o temperamento, a inclinação natural para o prazer, o gosto que se contrai por certos objetos, o desejo de agradar alguém, um hábito ganho no comércio de seus amigos, ou qualquer outra disposição que resulta do fundo de nossa natureza, em qualquer país que se nasça et de alguns conhecimentos que nos preencha o espírito?(*PD*, 2007, p.293; *OD* III[*PD*], p. 88*a*.)[216]

Se a natureza humana é constituída e repleta de todo tipo de ilusões, preconceitos, paixões e vícios, os quais sempre subsistem e que são o *leitmotiv* das ações humanas; se dessa natureza humana se origina uma multiplicidade "inacreditável de superstições perpetuamente ocupadas em apaziguar a cólera de seus ídolos" (*Id. Ibid*., pp. 293-294; *Id.Ibid*.)[217], é então "moralmente impossível que os cristãos com todas as luzes que

---

[213]"Mais hélas! L'homme est toujours homme."

[214]"[...]dans la notion générale d'homme, sont si semblables à l'égard de ces passions que l'on dirait qu'ils se copient les uns les autres?"

[215]"Ne donnant presque jamais dans des faux principes, retenant presque toujours dans sa conscience les idées de l'équité naturelle, il conclut néanmoins presque toujours à l'avantage de ses désirs déréglés."

[216] "D'où vient tout cela, sinon de ce que le véritable principe des actions de l'homme (j'excepte ceux en qui la grâce du Saint-Esprit se déploie avec toute son efficace) n'est autre que le tempérament, l'inclination naturelle pour le plaisir, le goût que l'on contracte pour certains objets, le désir de plaire à quelqu'un, une habitude gagnée dans le commerce de ses amis, ou quelque autre dispostion qui résulte du fond de notre nature, en quelque pays que l'on naisse et de quelques connaissances que l'on nous remplisse l'esprit?"

[217]"[...]incroyable de superstitions, perpetuéllement occupés à apaiser la colère de leurs idoles[...]"

todas as graças que Deus espalham sobre eles, não caiam nas mesmas desordens onde caem os outros homens." (*PD*, 2007, p. 215; *OD* III[*PD*], p.61*b*.)[218]Se Bayle faz reflexões e críticas bem pontuais a respeito da postura, moral, política e religiosa dos idólatras, ele amplia o debate e vai no cerne da problemática, pois a idolatria é, na verdade, uma superstição. Se uma das características da idolatria é atribuir causas sobrenaturais ao que é de ordem puramente natural, o idólatra pode ser considerado como um supersticioso em seu mais alto grau, pois projeta a sua devoção em objetos animados e inanimados, desconsiderando mesmo o que seja a própria religião. Nesse sentido, mesmo sendo descreditada pela experiência e pela própria razão, a superstição é um fenômeno que, além de explicação acerca da origem e da frequência de eventos naturais por meio de fábulas e crendices, é um discurso interessado e calculado. Dependendo de quem o profere, adquire forte eficácia psicológica e social uma vez que é motivado por interesses políticos e religiosos.

1.5. A crítica à superstição

Superstição é, por definição, a propensão do homem a atribuir razões ocultas ou sobrenaturais a fatos explicáveis, ou possíveis de serem explicados por causas naturais. Em termos teológicos, significa toda crença e prática que vai de encontro com a própria religião – seja ela qual for – por meio de cultos, rituais privados, magias e toda sorte de devoções. (ABBATE, 1993, p. 18) Quanto à etimologia, a palavra deriva do latim *superstitio*[219], cuja origem era ignorada pelos antigos. O primeiro autor a usar o vocábulo superstição teria sido Cícero em seu *De natura deorum*, relacionando-o à devoção excessiva nas orações dos pais para que seus filhos sobrevivessem e faziam

[218]"Mais comme le fond de notre nature, sujette à une infinité d'illusions, de préjugés, de passions et de vices, subsiste toujours, il est moralement impossible que les chrétiens, avec toutes les lumières et toutes les grâces que Dieu répand sur eux, ne tombent dans les mêmes désordres où tombent les autres hommes."

[219]Sendo seu correspondente grego *deisidaimonìa*, vocábulo que significa "temor a um deus", de *deido*, temor e *daimon*, divindade, temor que em sua origem excluía na *deisidaimonìa* a idéia de superstição. Ver mais a respeito do uso do termo por autores antigos como Políbio e Aristóteles, por exemplo, no texto de Mario Scaffidi Abbate "Il fato e la superstizione", in: PLUTARCO, *Il fato e la superstizione*. Trad. de Mario Scaffidi Abbate. Roma: Tascabili Economici Newton, 1993, pp. 18-19 em particular.

sacrifícios aos deuses a fim de continuar a linhagem de superstição por seus filhos, dando assim um sentido mais amplo a esse termo.[220] Nesse sentido, superstição torna-se tudo o que é "estranho à pura racionalidade, como a fé nos milagres, no poder das imagens divinas, na sobrevivência individual após a morte, [...] como uma invenção para entreter o povo ignorante, o 'ópio do povo', e assim vai." (*Id. Ibid.*, p. 19) A superstição também é a constatação de que mesmo com a utilização de todos os meios para rebatê-la – a experiência, a ciência, a reflexão crítica – visando a analisá-la e regulá-la, ainda permanecem alguns resquícios que são verdadeiros empecilhos a qualquer apreciação crítica em relação às origens, intenções e práticas supersticiosas, persistindo ainda "a tentação de admitir poderes ocultos do gênero de forças naturais e de recorrer a receitas mágicas segundo modos de ver interessados." (LALANDE, p. 1094).[221]

Recorrendo à história da filosofia, textos propriamente ditos sobre a superstição ou a crítica da mesma são poucos ou quase nulos. Há o texto de Plutarco *O fato e a superstição*, obra na qual o filósofo entende que a superstição tem sua origem em uma interpretação errônea da divindade e das suas leis, causadora de paixões desenfreadas que levam a práticas temerárias, e o supersticioso por sua vez seria uma figura anti-social, pois sendo escravo de seus próprios temores, tende ao isolamento.[222] Também há o verbete "superstição" dos *Ensaios* de Francis Bacon, no qual ele faz eco às teses de Plutarco – inclusive cita-o – entendendo que as causas da superstição são os excessos dos cultos religiosos, os quais ocasionam uma confusão perniciosa entre

---

[220]Ver LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Trad. de Fátima de Sá Correia, Maria Emília V. Aguiar *et alli*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, verbete "Superstição", onde o autor vê como controversa a própria etimologia da palavra superstição, sendo o *supersticiousus* como aquele que: 1) orava sempre para que seus filhos sobrevivessem; 2) que se mantinha de pé sobre ou perto de qualquer coisa, perplexo, inquieto, com temor; 3) que se apegava a crenças já relegadas ao ostracismo; 4) valia-se de uma devoção excessiva; 5) que seria um profeta, supostamente superior aos homens comuns, uma vez que tinha o "dom" de prever coisas futuras, sendo tomado por uma espécie de delírio. (pp. 1093-1094). Quando à amplitude do termo, ver também ASKEVIS-LEHERPEUX, Françoise. *La superstition.* Paris: PUF, 1988("Que sais-je?"): A superstição, devido ao "seu caráter irracional, pode estender-se a outros domínios além do sacro." (p.6.)

[221]Um dos alvos específicos da crítica de Bayle será a *astrologia*. Esta, ao lado da poesia e da própria história, é vista como um amálgama de erros e charlatanismos, mas com forte eficácia social e política. O episódio da passagem do cometa não poderia passar incólume, pois inúmeras predições foram feitas em cima de tal episódio, e as crenças no poder particular de nomes, lugares, dias e números se fortaleceram cada vez mais. Nesse sentido, o método histórico-crítico bayleano terá um papel crucial, pois submeterá a exame "todas as predições e preconceitos projetados sobre os fatos estudados." (DELPLA, 2003, p. 166) E do caso particular da astrologia, Bayle erigirá a sua corrosiva denúncia da superstição. Ver a respeito nos *PD* os parágrafos §§17-22 e §31-32, e nas *CPD* XXXIX-XLVI em particular.

[222]Bayle nos *PD* dedica o parágrafo §193 para refletir sobre esse escrito de Plutarco.

assuntos divinos e humanos, ou tratar o que é humano como divino e vice-versa. E, da mesma forma, no "Prefácio" do seu *Tratado teológico-político* Espinosa afirma categoricamente que as duas fontes da superstição são o medo e a esperança, e os homens, na maioria das vezes, ora pendem para um, ora para outra.[223]

Primeiramente, vamos à obra de Plutarco. N'*O fato e a superstição*, o autor entende que a ignorância e a estupidez do homem acerca da divindade bifurca-se em dois caminhos: o ateísmo e a superstição, "em caracteres duros – como em um terreno árido – o ateísmo, a outra, em caracteres moles – como em um terreno úmido – a superstição." (PLUTARCO, 1993, p. 65). Erros de juízo em questões dessa importância são um mal que pode tomar proporções inimagináveis quando aí entra o sentimento, uma vez que este podendo ser arrebatador, torna-se uma chaga ou mesmo uma doença: "como a luxação de uma articulação a qual se acrescenta uma ferida, assim a distorção do ânimo acompanhada da paixão é ainda mais grave." (*Id. Ibid.*) Plutarco menciona que se alguém cometesse o equívoco de defender que o princípio de todas as coisas fossem os átomos, por exemplo, em nada isso ocasionaria alguma ferida ou dor em alguém; entender que a riqueza é o bem mais precioso da vida, juízo o qual perturba a alma e que não dá um só momento de trégua, também seria um erro sem consequência concreta alguma; pensar que a virtude e o vício são de natureza corpórea[224] também é um equívoco, mas não merecedor de lamentações. (*Id. Ibid.*) Porém, entender que a injustiça é a fonte das riquezas e que a licenciosidade é a matrona dos prazeres são opiniões equivocadas as quais "merecem ao mesmo tempo indignação e piedade, porque geram no ânimo daquele que o cultiva inúmeras paixões e males, símiles a vermes e larvas."(*Id. Ibid.*)

Plutarco põe na balança qual erro seria mais funesto: não crer em uma divindade ou cultuá-la sem escrúpulos, impulsionado pelas paixões. Se o ateu tem uma

---

[223] Ver também os *Caracteres* de Teofrasto. Precisamente no capítulo XVI intitulado "O supersticioso", ele define a superstição. Esta é "manifestamente a expressão de uma espécie de covardia diante da divindade." THÉOPHRASTE. *Caractères*. Trad. de Nicolas Waquet. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2010, p. 51.

[224]Curioso Bayle ter deixado passar esse trecho, porque o próprio Plutarco já entendia que assuntos concernentes à moral – a virtude e o vício – não podem ser limitados à ordem do puramente corporal. Nesse sentido, não procede a crítica do filósofo de Carla. Nos *PD*, ele diz que Plutarco "[...] não entendeu bem a questão nem raciocinou: porque não se trata de comparar o bem físico do ateísmo com o bem físico da superstição, trata-se de compará-los um com o outro em relação à moral." (2007, p. 401) Ver também as referências de Bayle ao mesmo texto de Plutarco na *CPD*, LXXVI-LXXVII e LXXXIV, e nas *APD*, VI em particular.

falsa opinião de que não existe deus algum em prol da sua falta de fé, "parece conduzir a uma sorte de indiferença e crê-lo a ponto de que Deus não exista finda em não temê-lo."(1993, p. 67). Contudo, o supersticioso é o que é contaminado pelas emoções, que lhe causa um temor que o destrói "enquanto se crê que Deus exista, mas que seja hostil e danoso." (*Id. Ibid.*) Nesse sentido, ateísmo é sinônimo de impassibilidade perante os deuses, ao passo que superstição significa excitação e entrega aos impulsos mais extravagantes. A ignorância no ateu resume-se à negação de um ser benevolente, no supersticioso a ignorância é a sua fé na hostilidade dos deuses. Desse paralelo, Plutarco entende que "o ateísmo é só um raciocínio distorcido, enquanto que a superstição é um estado de ânimo que nasce de um raciocínio errado." (*Id. Ibid.*, p. 65.) Em poucas palavras, o ateísmo configura-se como uma atitude de frieza ou desinteresse em relação à existência de uma ou diversas divindades, porém, a superstição é uma torrente de paixões cegas, que sempre trazem consigo a desconfiança de que um bem seja, na verdade, um mal. O supersticioso é aquele que simultaneamente teme e se refugia em um deus, acolhem-no e insultam-no, acolhem-no e desaprovam-no. O filósofo chega à conclusão que o ateísmo não é responsável pelo surgimento da superstição, mas ao contrário, é ela que dá margem para o surgimento de ateus, já que "enquanto esta [a superstição] tem fornecido ao ateísmo uma razão para nascer e em seguida, uma vez que aquele [o ateísmo] cresceu, é uma justificação, que se não é válida e bela, não é sem motivo." (*Id.Ibid*., p. 89)[225]

Francis Bacon, no seu curto verbete "superstição" dos *Ensaios*, seguindo o raciocínio de Plutarco, entende que pesando ambas as opiniões, a saber, se é melhor negar ou não proferir opinião alguma sobre a existência de um deus ou ter uma concepção extravagante do que seja uma divindade, o filósofo britânico não hesita: "É melhor não ter opinião alguma de Deus, a ter opinião indigna dele. Pois um é incredulidade e o outro é insolência; e certamente superstição é ofensa a Deus." (2007, p. 60). Aludindo a Plutarco, Bacon argumenta que seria melhor para um homem afirmar a inexistência de uma divindade do que ser acusado, por meio de cultos e rituais

[225]Contudo, ao final da obra, Plutarco afirma que há uma justa medida entre a superstição e o ateísmo, a saber, a verdadeira religiosidade. O filósofo diz que não se pode fugir da superstição dando "saltos", ou seja, aderir diretamente ao ateísmo: "É assim, de fato, que ninguém, para se salvar da superstição, termine por cair em um ateísmo rígido e obstinado, saltando com um pulo a verdadeira religiosidade, que está no meio." (PLUTARCO, 1993, p. 93)

sangrentos, de ser injurioso para com os deuses.[226] E da mesma forma, empreende o paralelo entre o ateísmo e a superstição: o primeiro tem todas as possibilidades de estar em consonância com a virtude e a reta razão. O ateu pode seguir estritamente as leis estatais, ser piedoso e solícito para com o próximo e gozar de uma boa reputação, ainda que seu modelo de conduta não tome como parâmetro preceitos religiosos. Contrariamente, a superstição é o que subverte a mente dos homens, instaurando seu reinado na coletividade e arruinando todo um corpo social e político. É o agente causador de toda sorte de balbúrdias dentre os Estados, que aniquila a paz e solapa na base qualquer chance de ordem e prosperidade.[227] Daí Bacon infere: "E vemos que o tempo inclinado ao ateísmo (como o de Augusto César) era tempo de paz. Mas a superstição tem sido a confusão de muitos Estados, ao trazer novo *primum mobile*, a subverter todas as esferas do governo." (BACON, 2007, p. 60)

O detentor e fomentador máximo da superstição é o povo, pois "em toda superstição, os sábios seguem os tolos e os argumentos são postos em prática, numa ordem invertida." (*Id. Ibid*.) Segundo Bacon, no tempo dos escolásticos – ele cita mais especificamente o concílio de Trento – estes elaboravam teorias físicas e astronômicas, supostamente descreviam os movimentos dos corpos celestes visando a salvar suas teses, mesmo sabendo que tais teorias não tinham fundamento científico algum. Faziam giros de retórica, criavam teoremas ininteligíveis tão e somente com o objetivo de preservar as práticas eclesiásticas. (*Id. Ibid*.) O filósofo inglês escalona as causas da superstição: ritos e cultos que aprazam aos devotos, fingimento em demasia, reverências desnecessárias e indevidas a tradições obsoletas, artimanhas de eclesiásticos gananciosos, favorecimento sem limites de intenções supostamente boas que são a porta de entrada de novidades concernentes à religião. Da mesma forma, "tratar assuntos divinos como humanos, o que cria mistura de imaginações; e por último, os tempos bárbaros, especialmente os ligados a calamidades e desastres." (*Id. Ibid*., p. 61) Bacon diz que a superstição é *deformadora*, ou seja, ela distorce a religião para poder se fazer passar por uma, degradando o que outrora era bom em obediências e execuções

[226]"Plutarco disse bem a esse propósito: seguramente (disse ele) preferiria que muitos grandes homens dissessem que não havia nenhum homem chamado Plutarco, a que dissessem que havia um Plutarco quem comia suas crianças assim que nasciam; como os poetas falam de Saturno. E como a insolência é maior a Deus, assim o perigo é maior aos homens." (BACON, 2007, p. 60)

[227]"O ateísmo deixa o homem aos sentidos, à filosofia, à piedade natural, às leis, à reputação; tudo que pode ser guia para uma virtude moral externa, ainda que não seja religiosa; mas a superstição desmonta tudo, e ergue uma monarquia absoluta na mente dos homens. Então o ateísmo nunca perturbou Estados; porque faz os homens cautelosos de si, como se não olhassem além."(*Id.Ibid.*)

tacanhas e sem sentido.[228] Bacon conclui – como Plutarco - que é necessário ter em consideração que, para evadir-se da superstição, não se pode rejeitar de todo as tradições antigas, mas reter o que ainda há de bom nas mesmas e somente expelir o que há de pernicioso de uma determinada doutrina em termos práticos, - e aqui mais uma vez Bacon critica o povo - "cabendo então o cuidado (como se faz expurgo em doente) de não rejeitar o bom junto com o ruim, que é comumente feito quando o povo for o reformador." (*Id. Ibid.*, p. 61)[229]

Espinosa, no prefácio de seu *Tratado teológico-político*, afirma o que faz com que os homens estejam sempre sujeitos aos grilhões da superstição: "Se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas da superstição." (ESPINOSA, 2003, p. 5). Logo no início da passagem, o filósofo submetendo ao condicional o poder de decisão do homem pelo correto e o favorecimento da fortuna em todos os momentos, constata que a dificuldade de se decidir sobre algo e a inconstância das benesses da fortuna fazem com que os homens fiquem às vezes temerosos ou às vezes confiantes, ou são tomados ao mesmo tempo tanto pelo medo como pela esperança.[230] Não é difícil ver que a maioria dos homens, quando a fortuna conspira ao seu favor, supõem-se detentores de um saber que não é de sua competência e jamais aceitam uma segunda opinião, mas se estão em uma situação adversa e sem qualquer chance de superá-la, agarram-se a qualquer predicação seja de quem for e, por mais estúpida que seja, a veem como uma luz no fim do túnel. (ESPINOSA, 2003, p. 5.) Sempre por qualquer

---

[228]"Superstição sem véu é algo disforme, pois deforma um macaco para torná-lo parecido com um homem; assim a semelhança da superstição e religião a torna mais deformada. E assim como a carne sadia é corrompida por vermes, boas formas e ordens degradam em várias observâncias mesquinhas."(BACON, 2007, p. 61)

[229]Todavia, é bom frisar que a mesma crítica destinada à superstição, Bacon não a poupa contra o ateísmo: "Os que negam Deus arruínam a nobreza do homem, porque inquestionavelmente o homem aparenta-se aos animais pelo corpo, e se não aparenta-se a Deus por sua alma, é um ser vil e miserável. O ateísmo destrói igualmente a grandeza da alma, e a elevação da natureza humana.[...]É porque o ateísmo, detestável em todos os aspectos, o é igualmente no que ele priva a natureza humana dos meios de se elevar acima das fraqueza humana."*Essais.* Trad. de Maurice Castelain. Paris: Aubier Montaigne, 1979(Aubier Collection Bilingue), p. 87.

[230]Espinosa menciona que a hesitação do homem faz com que ele fique com medo e esperança ao mesmo tempo, mas se está confiante, fica cheio de si e manifesta a sua arrogância: "Mas como se encontram freqüentemente perante tais dificuldades que não sabem que decisão hão de tomar, e como os incertos benefícios da fortuna que desenfreadamente cobiçam os fazem oscilar, a maioria das vezes, entre a esperança e o medo, estão sempre prontos a acreditar seja no que for: se têm dúvidas, deixam-se levar com a maior das facilidades para aqui ou para ali; se hesitam, sobressaltados pela esperança e pelo medo simultaneamente, ainda é pior; porém se estão confiantes, ficam logo inchados de orgulhos e presunção. Julgo que toda a gente sabe que é assim, não obstante eu estar convicto de que a maioria dos homens se ignoram a si próprios." (ESPINOSA, 2003, p. 5)

coisa mínima que ocorra, eis os medos e as esperanças alimentadas novamente em suas imaginações, o temor de algo que é entendido como um anúncio de algo maléfico que acontecerá futuramente, ou alguma coisa que faça vir à memória uma boa lembrança e hiperbolizada pelo aguardo de algo bom que possa vir a acontecer, não levando nunca em consideração a quantidade de vezes que não aconteceu nem uma coisa nem outra, a despeito das fixações dos homens.[231] A obsessão em ver prodígios é a mesma em todos os tempos e lugares, e, da mesma forma, a tentativa de erradicá-los, ou ao menos minimizá-los com sacrifícios, oferendas e orações. Para Espinosa, ela é típica de homens "submergidos na superstição e adversários da religião que inventam mil e uma coisas e interpretam a natureza da maneira mais extravagante, como se toda ela delirasse ao mesmo tempo em que eles." (*Id. Ibid.*, p. 6)[232] O delírio oriundo e característico dos supersticiosos a respeito dos fenômenos naturais é sinônimo de escravidão, uma vez que a torrente de paixões avassaladoras é o móbil do anseio desmedido dos homens por benefícios improváveis, implorando aos céus por alguma dádiva, e "os devaneios da imaginação, os sonhos e as extravagâncias infantis, parecem-lhes respostas divinas."(*Id. Ibid.*)

Espinosa fornece o diagnóstico da superstição, a saber, o *medo*[233]: "O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição." (*Id. Ibid.*) Um exemplo de quanto o homem oscila em suas crenças supersticiosas é o de Alexandre, que só se tornara supersticioso quando temera por sua sorte, e obtendo êxito em uma disputa, logo deixou de lado a necessidade de consultar adivinhos. Mas logo depois perante uma

---

[231]"Depois, sempre por motivos insignificantes, voltam de novo a esperar melhores dias ou a temer desgraças ainda piores. Se acontece, quando estão com medo, qualquer coisa que lhes faz lembrar um bem ou um mal por que já passaram, julgam que é o prenúncio da felicidade ou da infelicidade e chamam-lhe, por isso, um presságio favorável ou funesto, apesar de já se terem enganado centenas de vezes." (ESPINOSA, 2003, p. 6)

[232]Espinosa aqui chega à mesma conclusão de Plutarco e Bacon, isto é, a superstição é inimiga da verdadeira religiosidade. Cf. a nota de Diogo Pires Aurélio em relação à dificuldade e a necessidade de precisar a oposição feita pelo filósofo entre o que é a *vera religio* e a *vana religio*. Cf. mais a respeito, *TT-P*, p. 313, nota 3. Segundo Homero Santiago, "todo dia a experiência sugere a incoerência do código supersticioso e, decorrentemente, das explicações do mundo que a sustentam." "Superstição e ordem moral no mundo", in: *O mais potente dos afeto*s: *Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 188. Na mesma linha de raciocínio, Askevis-Leherpeux afirma que a superstição é "um meio de reduzir a angústia resultante seja de um sentimento de impotência, seja de um estado de incerteza: dando ao homem a ilusão de controlar os acontecimentos importantes de sua vida, ela permitir-lhe-ia adaptar-se ao seu meio físico e social." (*Op.cit.*, pp. 32-33.)

[233]Cf. com Plutarco: "Só o *medo* [paura], sendo privado de coragem e de racionalidade une a irracionalidade à incapacidade de agir, de escapar e de encontrar uma via de saída: por isso chamam temor [timore] e assombro [spavento] o que ao mesmo tempo prende e perturba a alma." (*Il fato e la superstizione*, 1993, p. 67, grifo meu).

situação adversa, abandonado por seus aliados, vítima de motins de seus inimigos e ferido gravemente, recorrera a um amigo de confiança para, através de sacrifícios, investigar o decorrer dos acontecimentos futuros. [234] Desse exemplo histórico, Espinosa infere que "os homens só se deixam dominar pela superstição enquanto têm medo" (ESPINOSA, 2003, p. 7) e que é nos momentos em que o Estado se encontra em uma situação limite que os adivinhos, disseminando suas previsões, obtêm tanto o controle absoluto do povo como fazem que os reis fiquem mais temerosos. Espinosa mostrando a causa da superstição, chega a três constatações: 1) que "todos os homens lhe estão naturalmente sujeitos" (*Id.Ibid.*), não valendo como justificativa que todos os homens têm mais ou menos uma ideia vaga do que seja uma divindade; 2) que a superstição "deve ser variável e inconstante" (*Id. Ibid.*), à proporção da variabilidade e inconstância das ficções produzidas pela mente, as quais não têm correlato e regularidade alguma no

[234]"Se depois do que já dissemos, alguém quiser ainda exemplos, veja-se Alexandre, que só se tornou supersticioso e recorreu aos adivinhos quando, às portas de Susa, começou pela primeira vez a temer pela sua sorte (ver Q. Cúrcio, *Livro V*, §7); assim que venceu Dario, desistiu logo de consultar os adivinhos e arúspices. Até o momento em que, uma vez mais aterrado pela adversidade, abandonado pelos bactrianos, atacado pelos citas e imobilizado devido a uma ferida, *recaiu* (como diz o mesmo Q. Cúrcio, *Livro VII*, §7) *na superstição, esse logro das mentes humanas e mandou Aristandro, em quem depositava uma confiança cega, explorar por meio de sacrifícios a evolução futura dos acontecimentos*." (ESPINOSA, 2003, pp.6-7, grifos no original) Bayle no parágrafo §154 dos *PD* utiliza o mesmo exemplo de Espinosa e inclusive a mesma fonte – Quinto Cúrcio – só que a abordagem do filósofo de Carla é outra: muitos entendiam que Alexandre seria ateu ou ímpio quando, querendo se passar por um deus vingador, arrasou templos inteiros para vingar a morte de um ente querido. Mas longe de ser um ateu, Alexandre foi um dos conquistadores mais supersticiosos da história, recorrendo a adivinhos em momentos críticos e dispensando-os em momentos favoráveis: "Se o espírito de corte jamais mostrou o ateísmo em uma alma, é sem dúvida no de Alexandre O Grande, que deveria mostrar esse efeito, porque ele era o mais ambicioso de todos os homens, e ao mesmo tempo, o mais audacioso e o mais feliz. Também se pode dizer que ele fez cem coisas que testemunham um desprezo horrível pelos deuses. Não falo de suas conquistas, ainda que, considerando bem, não há nada de mais injusto nem de mais ímpio do que caçar à viva força de seu país os que o possuem de boa fé. Falo da audácia que ele de se fazer adorar como um deus e de abater templos de Esculápio para vingar a morte de seu favorito. Tudo isso, entretanto, não impede que Alexandre não tenha sido o homem do mundo mais afastado do ateísmo. Eu disse antes em alguma parte que em sua infância ele foi censurado por seu preceptor de que ele era muito pródigo de louvor perante os deuses; eu disse nesse momento que ele tinha sempre em seu séquito seu grande adivinho Aristandro para saber dele se os presságios das vítimas iam bem todas as vezes que ele precisasse empreender alguma coisa." ["Si jamais l'esprit de la cour a dû produire l'athéisme dans une âme, c'est sans doute dans celle d'Alexandre le Grand qu'il a dû produire cet effet, parce que c'était le plus ambitieux de tous les hommes, et en même temps le plus hardi et le plus heureux. Aussi peut-on dire qu'il a fait cent choses qui témoignent un mépris horrible des dieux. Je ne parle point de ses conquêtes, quoique, à le bien prendre, il n'y ait rien de plus injuste ni de plus impie que de chasser de vive force de peur pays ceux qui le possèdent de bonne foi.Je parle de la hardiesse qu'il eut de se faire adorer comme un dieu et d'abattre les temples d'Esculape pour venger la mort de seu favori. Tout cela néanmoins n'empêche pas qu'Alexandre n'ait été l'homme du monde le plus eloigné de l'athéisme. J'ai déjà dit quelque part que dans son enfance il fut censuré par son gouverneur de ce qu'il était trop prodigue d'encens envers les dieux; je dis à cette heure qu'il avait toujours à sa suite son grand devin Aristandre pour savoir de lui si les présages des victimes allaient bien toutes les fois qu'il fallait entreprendre quelque chose."](2007, pp.328-329;*OD* III[*PD*], p.99*b*.) Ver a respeito, GRELL, Chantal. "Alexandre le Grand au XVIIe siècle. In: *MÉTIS: anthropologie des monds grecs anciens*. DAEDALUS-EDITIONS EHESS. Paris/Athènes, 2004, pp.297-308. Sobre a imagem de Alexandre traçada por Bayle ver em particular pp.301-302 e *DHC*, 1697, "Alexandre".

âmbito da experiência; 3) que as paixões são enganadoras, isto é, são as que fazem com que sempre subsista a superstição, pois tais equívocos "não provêm da razão, mas unicamente da paixão, e da paixão mais eficiente" (*Id. Ibid.*) Nesse sentido, todos os fatores acima citados não fazem somente que os homens se prendam a uma única superstição, mas percam-se em inúmeras, devido ao vulgo sempre estar intranquilo, entretendo-lhe somente o que é novo e o que ainda não o fez incorrer em erro, "inconstância essa que tem sido a causa de inumeráveis tumultos e guerras atrozes."(*Id. Ibid.*) Ao final do "Prefácio", Espinosa recomenda a obra unicamente a leitura de sua obra ao "leitor filósofo", considerando a relevância e a serventia do assunto abordado, uma vez que espíritos mais afetados possam apressadamente censurá-la, ou sequer mesmo entendê-la.[235] O filósofo justifica o porque dessa triagem de leitores de sua obra: primeiro, o preconceito enraizado nas mentes, obstáculo quase que insuperável para uma leitura sóbria da obra. Em segundo lugar, e em um tom de certo pessimismo, que "é impossível libertar o vulgo da superstição e do medo"(ESPINOSA, 2003, p. 14) e, finalmente, constatando que a única invariável em comum entre os homens é a obstinação, não é a razão que lhes serve de guia e juiz, mas a sua propensão natural tanto ao encômio como à ignomínia.[236]

Segundo Hubert Bost, desde a estada de Bayle em Sedan, o filósofo "tinha um interesse particular pelas questões da crença em geral, e pela superstição em particular" (2006, p. 182), que o leva "a uma reflexão que se volta às manifestações mais *diversas* da crença." (*Id. Ibid.*, grifo do autor) Quanto às contribuições de Bayle na reflexão sobre a questão da superstição, na "Introdução" de seu artigo intitulado "Bayle et la superstition" Mckenna alude às definições do que propriamente seja a superstição: sob um enfoque teológico, superstição comportaria uma interpretação da natureza de um deus e como ele deve ser cultuado, o que suscitaria um duplo problema ao seu ver, isto é, em que uma determinada divindade se distinguiria das outras e em quê os cultos

[235]"É isso, leitor filósofo, o que submeto aqui à tua apreciação, na esperança de não ser mal acolhido, tendo em conta a importância e utilidade do tema, quer da obra, quer até de cada um dos capítulos. [...] Quanto aos outros, não tento sequer recomendar-lhes este tratado, pois nada me leva a esperar que ele, por qualquer razão, lhes possa agradar." (ESPINOSA, 2003, p.14.)

[236] Mesmo Bayle e Espinosa sendo críticos agudos da superstição, é conveniente ter em conta que a relação entre ambos "está longe de ser unívoca. Analisando-a, é preciso considerar mais uma vez as restrições retóricas que sobrecarregam a escrita bayleana, sobretudo, quando se trata de examinar uma doutrina filosófica heterodoxa e contrária à opinião dominante." (MORI, 1999, p. 156).Entretanto, a crítica de Bayle é concernente ao suposto ateísmo de sistema de Spinoza, e não referente à sua crítica à superstição.

também se diferenciariam. Nesse sentido, essa definição seria tautológica, pois "a superstição seria a fé dos outros" que não permitiria "apreender o ato psicológico pelo qual se persuade da verdade ou do erro".(1996, p. 1) Não seria possível distinguir o ato de fé, "o ato de adesão 'ortodoxa' do ato de adesão heterodoxa."(*Id. Ibid.*) Contra Bernard Dompnier, Mckenna sustenta que a associação entre atos de fé ortodoxos e superstição é obnubilada pela suposta clareza da definição teológica daquela, que é ligada ao dogma. Do século XVII ao século XVIII, - Mckenna cita Baptiste Thiers e Pierre Le Brun - ocorre uma evolução do termo, agora a superstição ganhando uma definição cultural, traduzida pelo engajamento o fanatismo, e evoluindo "com a definição do estatuto da razão no domínio da fé." (*Id. Ibid.*) O comentador entende que é com Voltaire que a denúncia da superstição alcança seu pico máximo, e a tolerância aparecendo como uma conquista das *Lumières*. (*Id. Ibid.*)[237] Contudo, segundo McKenna, nesse debate Bayle ocupa um lugar à parte no que concerne tanto à sua postura sobre o papel da razão na esfera religiosa como sobre sua postura sobre a tolerância. Perpassando pelas diversas obras do filósofo de Carla, o comentador mostra que quando o pensador de Carla denuncia a superstição, o faz tendo como motes "os princípios da razão e do bom senso." (*Id. Ibid.*) Tanto que o filósofo de Carla argumenta através da evidência das razões para demolir o arsenal das crenças supersticiosas[238], mas de forma puramente não-sistemática, investigando minuciosamente fatos históricos que deem respaldo a suas teses. Mas o que importa é que o fio condutor da argumentação não se perde em momento algum, pois por trás de suas digressões, subjaz "a evidência da razão, bastando-lhe mostrar a absurdidade de tal crença sob o crivo da razão para crer refutá-la e ridicularizá-la." (1996, p. 3)[239]

Todavia, faz-se necessário entender o que seria a superstição para o próprio

[237]Afirmação bastante problemática, pelo fato de a tolerância pregada por Voltaire ser restrita unicamente às seitas fanáticas. Contudo, se consultarmos as apreciações do filósofo sobre os ateus, - cf. o verbete "ateu, ateísmo" de seu *Dicionário filosófico*, a sua publicação do *Testamento* de Jean Meslier e as anotações sobre *O Bom Senso*, de Holbach, dentre outros exemplos - veremos um outro Voltaire, tão dogmático e fervoroso quanto os padres de sua época.

[238]Cf. mais especificamente, nos *PD* os parágrafos §3, §9, §§16-17, §23, §24, §45, e §79.

[239]Entretanto, as conclusões de Mckenna em seu artigo estão deveras longe das minhas: à esteira da tradição francesa, o comentador, baseando-se em alguns trechos controversos da obra de Bayle, sugere que ele seja um fideísta, ou seja, o que é assunto de fé a razão não pode intervir e vice-versa. O autor defende que Bayle conduz o leitor "a uma contradição grosseira: o fideísmo que permite salvar a fé destrói sua própria doutrina da tolerância, ou então o racionalismo moral que fundou a doutrina da tolerância funda também a denúncia do escândalo e da fé. Observemos também – na perspectiva que é a nossa neste seminário – que, pela mesma ocasião, o fideísmo destrói o critério racional que fundou a denúncia da superstição nos *Pensées diverses* como no *Dictionnaire*." (1996, p. 10)

Bayle. Precisar a definição bayleana de superstição é um trabalho difícil já que, nos *Pensées diverses*, na *Continuation* e na *Addition*, o filósofo emprega o termo em diversas passagens dentre tais obras.[240] Por exemplo, nos *Pensées diverses*, Bayle define-a como uma tendência natural dos homens a se subjugarem, pois à ela "eles são inclinados naturalmente" sendo a superstição "um germe de corrupção na alma do homem que pode ser muito bem comparado a um fogo ateado a um material combustível." (2007, p.464;*OD* III[*PD*], p.144*a*.)[241] Nas *Additions*, Bayle reafirma essa propensão inerente à constituição humana, pois dizendo que "o homem sendo naturalmente supersticioso"(*OD* III[*APD*], p.171*b*.)[242], ele ironicamente argumenta que assim não há perigo algum do surgimento do ateísmo dentre os homens, já que é fato "o espírito do homem voltar-se facilmente à superstição" (*OD* III[*APD*], p.170*b*.)[243] e não somente o indivíduo, mas povos inteiros têm "a tendência natural à superstição."(*Id. Ibid*. p. 183*b*.)[244] E na *Continuation* ele a define como algo que "se apresenta por todos os lados para perturbar-nos e para perseguir-nos pelo grande número de presságios que ela introduziu."(*OD* III[*CPD*] p. 235*a*)[245]. Mas Bayle aprofunda mais a sua reflexão acerca do fenômeno da superstição, analisando-a em seus aspectos psicológico, político e pedagógico.

Nos *Pensées diverses*, Bayle reflete sobre um aspecto inerente à superstição, a saber, seu aspecto psicológico ou constituinte da natureza humana. Ironicamente, Bayle afirma que os demônios não encontrariam muitos obstáculos para

---

[240]Ver nos *PD* os parágrafos §31, §§50-51, §61, §§66-69, §73, §§79-82, §§89-90, §§153-154, §193 e §238, na *C.P.D*, III, XXVIII, XXXI-XXXII, XLVI, XLVIII-XLIX, L, LIII-LIV, LVII-LVIII, LXIV, LXXI, LXXVI-LXXVII, LXXXIV, LXXXVII, CIV, CVIII, CXXI e CXXXIII, e nas *APD*, III-VI.

[241]"Ce que je viens de dire de la superstition se doit entendre des autres vices. Il y a un germe de corruption dans l'âme de l'homme qui peut être fort bien comparé à un feu attaché à une matière combustible."

[242]"Ce paradoxe est incomparablement moins dangereux, que de dire que l'Idolâtrie Païenne est un moindre mal que le dogme d'Epicure; car l'homme étant naturellement superstitieux, il n'est point à craindre qu'il tombe dans l'Athéisme, mais il est toujours dans un pas glissant vers le culte des Idoles."

[243]"Car dès-là que je suppose que l'on tourne aisement l'esprit de l'homme du côté de la superstition, & qu'il n'est nullement à craindre qu'on puisse le touner du côté de l'Athéisme, je supose de toute nécessité que l'esprit & coeur de l'homme sont tout penetrez de l'idée de Divinité, & que cette idée les remplit de crainte, & se conserve & se fortifie à la vue des productions de la Nature, & des merveilles de la Providence."

[244]"Que vû le penchant des peuples vers la superstition, & vigilance du Diable, celle des Magistrats & celle des Prêtres à fomenter l'Idolâtrie, vû aussi les phénomenes peu communs que la providence de Dieu a mênagez dans la suite des loix générales de la Nature, il n'a pas été necéssaire de produire des miracles, afin de prévenir l'extinction de l'idolâtrie, & l'introduction de l'Athéisme."

[245]"Car elle se présente de tous côtez pour nous troubler, & pour nous persécuter par le grand nombre de présages qu'elle a introduits."

levar os homens a alimentarem a ilusão de que há mistérios e prodígios em tudo que se encontre, já que a natureza do homem, "é preciso confessar, para vergonha de nossa espécie, [...] ela tem uma tendência natural a isto."(*PD*, 2007, p. 161;*OD* III[*PD*], p. 43*b*.)[246] O filósofo de Carla associa a superstição à corrupção inata e sempre em potência no homem, que somente espera algo que a faça eclodir e se propagar por todas as direções. Nesse sentido, se os astros celestes não são e nunca foram o estopim das paixões humanas, não passam de meros espectros que são usados como depositários de vícios e ilusões, destituídos de qualquer fundamento e atribuídos à fortuna quando na verdade, a sua origem reside na imprudência do homem.[247] Bayle aponta para a confusão deveras corriqueira entre o que é um prodígio e o que é natural. Argumenta que, por exemplo, se um animal gerar outro, sendo-lhe semelhante ou parecendo uma aberração, em nada isso deve ser entendido como um "desvio" do curso da natureza, pois "o autor da natureza vai sempre seguir seu caminho e segue a lei geral que ele estabeleceu." (*PD*, 2007, p. 162;*OD* III, p.44*a*.)[248] A produção de um monstro é somente a manifestação da imutabilidade da ordem da lei que foi estabelecida, não sendo possível alterar a mesma para fazer milagres. (*Id. Ibid*., p. 163; *Id. Ibid*.)[249] Dessa forma, se todas as manifestações naturais são o resultado direto de uma ordem estabelecida – ou pré-estabelecida – por um suposto autor da natureza, o que interessa aqui é a conclusão de Bayle, isto é, desconhecendo as causas naturais dos fenômenos o próprio

---

[246]"Car il faut avouer, à la honte de notre espèce, qu'elle a un penchant naturel à cela." No parágrafo §238, o raciocínio é o mesmo: "Eu repito o que já dissera antes no tocante à superstição: ainda que o diabo aí não tenha se imiscuído, os homens não deixaram de ceder, pois são *inclinados naturalmente*."[Je répète ce que j'ai déjà dit touchant la superstition: c'est qu'encore que le diable ne s'en fût pas mêlé, les hommes n'eussent pas laissé d'y tomber, tant ils y sont *enclins naturellment*."](*Id. Ibid.*, p. 463;*OD* III[*PD*], p. 144*a*, grifos meus)

[247]"Mas, ao menos, é preciso que confessemos que os astros não são, de maneira alguma, a causa de nossas paixões. São fantasmas, sobre os quais os homens se esforçam em descarregar as suas faltas com tão pouco fundamento como quando eles atribuem à fortuna os maus sucessos que só vêm de sua imprudência."["Mais à tout le moins faut-il que nous avouions que les astres ne sont nullement la cause de nos passions. Ce sont des fantômes, sur lesquels les hommes tâchent de décharger leurs fautes avec aussi peu de fondement que lorsqu'ils attribuent à la fortune les mauvais succès qui ne viennent que de leur impriudence."(*Id. Ibid.*, p. 464;*OD* III[*PD*], p.144*b*.)

[248]"Ceux qui savent cela se tirent aisément d'affaire et voient bien que, soit qu'un animal produise un monstre, soit qu'il produise son semblable, l'auteur de la nature va toujours son grand chemin et suit la loi générale qu'il a établie."

[249]Argumento similar ao de Espinosa em seu *Tratado Teológico-Político*. No capítulo VI, intitulado dos milagres, ele diz: "O homem comum chama, portanto, milagres ou obras de Deus aos fatos insólitos da natureza e, em parte, por devoção, em parte pelo desejo de contrariar os que cultivam as ciências da natureza, prefere ignorar as causas naturais das coisas e só anseia por ouvir falar do que mais ignora e que, por isso mesmo, mais admira. Isso, porque o vulgo é incapaz de adorar a Deus e atribuir tudo ao seu poder e à sua vontade, sem elidir as causas naturais ou imaginar coisas estranhas ao curso da natureza. Se alguma vez ele admira a potência de Deus, é quando a imagina como que a subjugar a potência da natureza."(2003, p. 96)Quanto às definições e às críticas do milagre feitas por Bayle e Spinoza, cf. LAGRÉE,Jacqueline. *Spinoza et le débat religieux*. Rennes: Presses Universitaires, 2004, pp.162-176.

povo se deixou levar por seus erros e, consequentemente, cair nas teias da superstição, "vendo efeitos da natureza menos comuns do que outros." (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)[250]

A forte propensão do homem para acreditar que os fenômenos naturais são avisos de maus infortúnios futuros é o fator determinante para que se fortaleça a crença de que há um mistério em todas as coisas e lugares. Assim sendo, é preciso que

> [...] se considere a propensão natural do homem a se atormentar com o porvir e o costume que ele tem de encontrar o maravilhoso e o mistério em tudo que não acontece frequentemente. Esta insaciável curiosidade do porvir fez nascer não sei quantas maneiras de adivinhação, todas quiméricas e ridículas, as quais, entretanto, os homens não deixaram de comprar para si. Quando alguém foi bastante malicioso para querer aproveitar-se da fraqueza do homem e que teve bastante espírito para inventar alguma coisa que pudesse servir a esse desígnio, não deixou de aí enganar, isto é, de tirar vantagem do conhecimento das coisas futuras. (*PD*, 2007, p. 184; *OD* III[*PD*], p.51*b*.)[251]

Além da inclinação natural humana a crer que tudo que acontece de bom ou de ruim seja do âmbito do sobrenatural, Bayle ainda acrescenta três elementos que reforçam tal inclinação, a saber: a curiosidade de saber os acontecimentos futuros, móbil insaciável que possibilitou o surgimento de múltiplas formas de adivinhação, que mesmo sendo vulgares e enganosas, sempre seduziram os mais crédulos; o costume bastante comum do homem em inquietar-se com seu próprio futuro, vivendo em função do que lhe predizem justamente por sua curiosidade; e o terceiro fator, mais grave, que é a malícia ou má-fé daqueles que se aproveitam da fragilidade dos homens, inventando previsões e crendices sobre "o que é, o que foi e o que será."(*PD*, 2007, p. 185;*OD* III[*PD*], p.51*b*.).[252] Nesse sentido, fica difícil aceitar uma interpretação reducionista dos

---

[250]"Mais comme il faut de la philosophie pour s'elever à ces sortes de connaissances, je comprends aisément que le peuple se fût porté de lui-même à l'erreur et à la superstition en voyant des effets de la nature moins communs que les autres."

[251]"[...]si l'on considère le penchant naturel de l'homme à se tourmenter pour l'avenir et la coutume qu'il a de trouver du merveilleux et du mystère dans tout ce qui n'arrive pas souvent. Cette insatiable curiosité de l'avenir a fait naître je ne sais combien de manières de divination, toutes chimériques et ridicules, dont néanmoins les hommes n'ont pas laissé de de payer. Quand quelqu'un a été assez malicieuxpour vouloir profiter de la faiblesse de l'homme et qu'il a eu assez d'esprit pour inventer quelque chose qui pût servir à ce dessein, il n'a pas manqué de donner là-dedans, c'est-à-dire de se vanter de la connaissance des choses futures."

[252]Contudo, Bayle pondera que, em seu início, a astrologia não aspirava propriamente a ser um conhecimento das coisas futuras, mas depois surgiram homens desonestos que a transformaram em uma panaceia que predizia e ensinava sobre tudo: "Os que começaram a estudar os movimentos dos céus não tinham outra coisa em vista do que instruírem-se com um efeito tão admirável; e como eram, aparentemente, espíritos mais tocados pelo amor das ciências do que os bens do mundo, não pretendiam fazer da astrologia uma arte de patife. Mas encontraram-se pessoas desonestas por conseguinte, que tendo observado a fraqueza do homem, quiseram aproveitar-se; e, com efeito, eles debitaram por toda a parte que a ciência dos astros ensina o que é, o que foi e o que será."["Ceux qui commencèrent à étudier les mouvements des cieux n'avaient autre chose en vue que de s'instruire d'un effet aussi admirable; et

Pensées diverses como um arsenal contra a superstição – mais especificamente sobre os cometas – em prol da questão de saber somente quais autores ainda mantém resquícios de superstição em suas obras.[253] Pelo contrário, Bayle se vale do episódio do cometa de 1680 como pretexto para a redação da obra, questão que ele vai desdobrar investigando obras de autores – sejam físicos, historiadores e filósofos – e ver quais ainda sustentam que cometas ou quaisquer fenômenos naturais são sinais de mau agouro. Ou seja, se fosse tão óbvio entrever que a interpretação de eventos naturais não pode ser pautada por argumentos e critérios sobrenaturais, Bayle nem se daria ao trabalho de escrever uma obra deveras exaustiva contra toda uma tradição de pensadores que ainda estavam, em grau maior ou menor, nas amarras da superstição.[254]

---

comme c'étaient apparemment des esprits plus touchés de l'amour des sciences que de celui des biens du monde, ils ne prétendaient pas faire de l'astrologie un art de filou. Mais il s'est trouvé de mal-honnêtes gens dans la suite, qui, ayant remarqué le faible de l'homme, en ont voulu profiter; et pour cet effet ils on débité partout que la science des astres apprend ce qui est, ce qui a été et ce qui sera.”] (2007, p. 184-85; *OD* III[*PD*], p. 51*b*.)

[253]È o argumento de Eric Jorink. E o comentador vai mais além, afirmando que nem evidências empíricas, tampouco os debates filosóficos no tempo de Bayle serviriam para resolver as questões científicas sobre o cometa, “mas os virtualmente transparentes, até mesmo relevantes escritos da Antiguidade.” (2008, p. 57)

[254]No parágrafo §25, Bayle se insurge contra Jean Bodin, por exemplo, a respeito do debate se em certas estações são afetadas devido a grandes acontecimentos: “Bodin, que, malgrado seu espírito, sua vasta literatura e seu pouco de religião, fez aparecer muita credulidade em diversas coisas, distraiu-se por esse princípio em fornecer-nos um amontoado de diversas revoluções advindas no mês de setembro. Só há uma palavra a dizer contra ele e contra todos aqueles que perdem tempo em semelhantes investigações, por exemplo, em recolher o que se passou nos anos climatéricos dos Estados, ou sob o 21º, 49º, ou o 63º rei de uma monarquia, 7º ou 9º de um certo nome: é que eles, rebuscando-se com a mesma diligência as outras estações do ano, os outros reinos e os outros períodos dos Estados, aí encontrarão indiferentemente revoluções semelhantes, visto que eles se desfazem de seu preconceito ao menos durante a investigação que farão; porque é seu preconceito que os engana. São persuadidos, antes de consultar a história, que há meses e números afetados pelos grandes acontecimentos. Sobre isso, eles não consultam tanto a história para saber se a sua persuasão é verdadeira do que para ver que ela é verdadeira; e não se saberia dizer a ilusão que isso causa aos sentidos e ao julgamento. Com efeito, acontece daí que se observa muito melhor os fatos que se deseja encontrar que outros, que se aumenta ou diminui a qualidade dos acontecimentos segundo sua preocupação.”[“Bodin, qui malgré son esprit et sa vaste littérature, et son peu de religion, a fait paraître beaucoup de crédulité superstitieuse en diverses choses, s'est amusé par ce principe à nous donner un ramas de plusieurs révolutions advenues au mois de septembre. Il n'y a qu'un mot à dire contre lui et contre tous ceux qui perdent le temps à de semblables recherches, par example à recueillir ce qui s'est passé dans les années climatériques des États, ou sous le 21º, 49º, ou 63º roi d'une monarchie,7º ou 9º d'un certain nom: c'est que s'ils épluchent avec la même diligence les autres saisons de l'année, les autres règnes et les autres periodes des États, ils y trouveront indifférement des révolutions toutes semblables, pourvu qu'ils se défassent de leur préjugé à tout le moins pendant la recherche qu'ils feront; car c'est leur préjugé qui les trompe. Il sont persuadés, avant que de consulter l'histoire, qu'il y a des mois et des nombres affectés aux grands événements. Là-dessus ils ne consultent pas tant l'histoire pour savoir si luer persuasion est véritable que pour trouver qu'elle est véritable; et l'on ne saurait dire l'illusion que cela fait aux sens et au jugement. En effet, il arrive de là qu'on observe beaucoup mieux les faits que l'on désire de trouver que les autres, que l'on grossit ou que l'on diminue la qualité des événements selon sa préoccupation.”] (2007, pp. 102-103;*OD* III[*PD*], p.23*a*.) Bayle estabelece as premissas da questão: a história é uma ciência investigativa de caráter empírico, logo sendo contra toda espécie de relato supersticioso, que não permite ser recortada ou distorcida para servir de amparo a conclusões tendenciosas e que repudia todo e qualquer preconceito ou pré-julgamento. Somente depois ele cita diversos exemplos, em meio a suas digressões, de autores que ainda não conseguiram livrar-se do sobrenatural em suas apreciações sobre os fatos históricos, sejam autores antigos ou contemporâneos a

A segunda característica da superstição apontada por Bayle é a sua associação com a *política*. Ele aborda mais detalhadamente a instrumentalização política da superstição, ou seja, como as autoridades de Estado se valem de determinados presságios para aterrorizar seus súditos ou para deixá-los confiantes. (*PD*, 2007, p. 186; *OD* III[*PD*], p.52*a*.)[255] Na *Continuation*, ele diz:

> A superstição aí é tão excessiva, e de tal modo e propalada não somente sobre a conduta dos particulares, mas também sobre a conduta pública, [...] e eu penso que os Romanos fizeram isso por causa do povo. Porque se pudessem formar uma República onde houvesse somente pessoas sábias, todas essas cerimônias de religião seriam talvez supérfluas, mais visto que o povo é inconstante e cheio de paixões injustas, que se irrita subitamente e que a cólera o leva à violência, só resta refreá-lo com terrores invisíveis e com ficções assustadoras.(*OD* III[*CPD*], p.292*ab*.)[256]

Roma é somente um dos vários exemplos que Bayle cita de chefes políticos da Antiguidade para mostrar o quanto fenômenos naturais, potencializados pelo seu terror pânico e crença desenfreada, alteraram seu temperamento, levando-os a hesitar em determinadas batalhas ou serem surpreendidos por motins de ordem política.[257] Nesse sentido, para o filósofo francês não é difícil constatar que "as mesmas máximas de Estado que fomentaram a superstição dos povos a respeito dos outros prodígios também fomentaram a respeito dos cometas." (*PD*, 2007, p. 188; *OD* III[*PD*], p.52*b*.)[258] E por quê? Por exemplo, se coincidisse o surgimento de um cometa nos céus com a vontade de uma determinada nação declarar guerra a algum reinado vizinho, ela levaria a cabo tal empreitada movida pela predição de algum astrólogo de plantão, entendendo que esse episódio era uma ameaça ao príncipe. Contudo, tal postura não é privilégio unicamente dos grandes chefes de Estado. Segundo Bayle, os povos também têm sua parcela de contribuição no conúbio entre política e superstição, pois os homens veem naturalmente "como presságios as menores coisas" (*Id. Ibid.*, p. 190; *Id. Ibid.*, p.

Bayle. Ver também a respeito *CPD*, CXVI.

[255]"La politique s'est aussi mêlée du soin de faire valoir les présages afin d'avoir de bonnes ressources, ou pour intimider les sujets ou pour les remplir de confiance."

[256]"La superstition y est si outrée, & tellement répandue non-seulement sur la conduite des particuliers, mais aussi sur la conduite publique, que l'on n'y sauroit rien ajouter, & je pense que les Romains ont fait cela à cause du peuple.Car si l'on pouvoit former une République où il n'y eût que des gens sages, toutes ces cérémonies de religion seroient peut-être superflues, mais puisque le peuple est inconstant, & plein de passions injustes, qu'il s'irrite subitement, & que la colère le pousse à la violence, il ne reste que de le réfréner par des terreurs invisibles, & par sortes de fictions épouvantables."

[257]Cf. mais precisamente o parágrafo §81.

[258]"Il est aisé de comprendre que les mêmes maximes d'État qui ont fomenté la superstition des peuples à l'égard des autres prodiges l'on aussi fomentée à l'égard des comètes."

53*a*.)[259], mas a política, por sua vez, escolheu os piores recursos para a prevenção dos povos, já que "falsamente se imaginou que os cometas ameacem sobretudo os reis e os príncipes." (*PD*, 2007, p. 190; *OD* III[*PD*], p. 53*a*.)[260]

A argumentação subjacente a essa constatação de utilização política tendenciosa de superstições de todo tipo é que, na verdade, Bayle rebate a proposição de que o medo inculcado em uma determinada coletividade possa ser um freio para ações que vão de encontro ao Estado.[261] O filósofo de Carla até concede que o medo seja um sentimento de amplo poder e ativo, mas discorda que seja um sentimento que faça com que os homens obtenham méritos, boas qualidades ou pensem antes de agir temerariamente. (*OD* III[*CPD*], p.375*a*.) Pelo contrário, o medo fez com que surgisse e se multiplicasse uma infinidade de cultos e sacrifícios, demolição de templos, oferendas e honrarias a ídolos, não servindo de nada para tornar os homens mais próximos dos deuses, e sim "[...] mais desagradáveis do que eles não tivessem reconhecido nenhuma Divindade." (*Id. Ibid.*,pp.375*b*-376*a*.)[262] Nesse contexto, a consequência direta é o aumento dos crimes de lesa-majestade cometidos muito mais por supersticiosos do que por ateus, pois "uma superstição é tão capaz de fazer obter um mau desígnio, por exemplo, o de alguns facciosos que conspiram contra a sua pátria, do que fazê-los fracassar." (*Id. Ibid.*, p.357*a*.)[263] Para Bayle, o fundamental é saber qual contribuição a superstição pode dar no tocante à bondade e à prosperidade das nações, enquanto esta depender dos bons costumes. Todavia, é mínima, senão nula a sua contribuição, pois

---

[259]"Mais si les grands ont contribué à faire croire que les comètes sont des présages de mauvais augure, les peuples y ont contribué aussi de leur côté: non seulement parce qu'ils se portent de leur naturel à traiter de présages les moindres choses, mais aussi par une certaine malignité qui les porte à s'imaginer facilement que ceux qui gouvernent ne s'en acquittent pas au contentement de Dieu."

[260]"De sorte qu'il est arrivé enfin que la politique a trouvé de méchants côtés dans la prévention des peuples, parce qu'on s'est enfin faussement imaginé que les comètes menaçaient surtout les rois et les princes."

[261]Bayle ironiza com tal proposição: "Qual violência eles não cometem quando se trata de evitar um mal maior? Visto que os idólatras atribuíam a seus falsos Deuses a força de castigar neste mundo e no outro, e que eles os faziam mestres do raio, do granizo, das tempestades, da peste, da fome, dos tormentos do inferno, eles deviam em mil momentos determinarem-se ou a isso ou àquilo pelo medo da justiça divina. Logo, é um freio, uma espora que teria faltado a Ateus."[Quelle violence ne se sont-ils pas lorsqu'il s'agit d'éviter un plus grand mal? Puis donc que les Idolãtres attribuoient à leurs faux Dieux la force de châtier & dans ce monde, & dans l'autre, & qu'ils les faissoient les maîtres de la foudre, de la grêle, des tempêtes, de la peste, & de la famine, & des tourments de l'enfer, ils devoient en mille rencontres se déterminer ou à ceci, ou à cela par la crainte de la justice divine. Or c'est un frein, c'est un éperon qui auroient manqué à des Athées."](*OD* III[*CPD*], p.375*b*.)

[262]"Cela ne servoit de rien à rendre les hommes plus agréables à Dieu, & les lui rendoit au contraire plus desagréables, que s'ils n'eussent reconnu aucune Divinité."

[263]"Une superstition est aussi capable de faire réussir un mauvais dessin, celui par exemple de quelques factieux qui conspirent contre leur patrie, que de le faire échouer."

suas supostas utilidades somente são a resultante da "destreza com a qual a política se faz prevalecer das superstições do vulgar." (*Id. Ibid.*, p.376*a*.)[264]

A terceira faceta da superstição é o seu caráter *pedagógico*. Na *Continuation*, Bayle reflete acerca da dificuldade da diferenciação entre o que é oriundo da natureza e o que se é adquirido pela educação, pois, por exemplo, pode ser certo que todas as nações tiraram o dogma da existência de um deus através das impressões da natureza, mas não através das impressões da educação, pois teria sido preciso em cada país estudar pormenorizadamente o estágio inicial da infância. Seria imprescindível:

> aí ter observado os primeiros raios de luz que saem da alma das crianças e bem distinguir nelas o que precede a instrução do que é o seu resultado. Onde está o homem que tenha bastante lazer ou que viva o bastante para fazer todas essas experiências? (*OD* III[*CPD*], p.209*a*.)[265]

Diante dessa impossibilidade hercúlea de empreender uma análise de todas as fases da infância em cada país para poder discernir o que é propriamente da natureza e o que é fruto da educação, Bayle desenvolve o segundo movimento de sua argumentação: mesmo que fosse possível alguém precisar com exatidão o que é natural em uma criança e o que ela aprendeu pela educação, "assegurar-se-ia que tivesse encontrado vestígios de religião nas crianças às quais jamais se falou que haja um Deus?"(*Id.Ibid.*)[266] Isto é, já nos momentos iniciais da educação das crianças, o filósofo de Carla sustenta que a superstição vem junto ao processo, pois desde o começo "é ordinariamente por aí que se começa a instruí-los, desde que elas sejam capazes de distinguir alguns sons e de balbuciar."(*Id. Ibid.*)[267] Segundo o filósofo francês, esse é o maior obstáculo a esse tipo de pedagogia para se poder saber, unicamente pelas impressões da natureza, se uma

---

[264]"Car pour ce qui est des utilitez dont la Religion n'est cause que par accident, & qui n'en résultent que par l'adresse avec laquelle la Politique se fait prévaloir des superstitions du vulgaire, nous en parlerons plus à propos dans un autre lieu."Daí o a conclusão cabal de Bayle: "Se percorrêssemos os mais notáveis trechos da história antiga, veríamos que é muito pouco verossímil que a religião tenha servido de freio aos maiores perturbadores do repouso público."[Si nous parcourions les plus notables morceaux de l'histoire ancienne, nous trouvérions qu'il est très-peu vraisemblable que la Religion ait servi de frein aux plus perturbateurs du repos public."(*OD* III [*CPD*], p. 357*b*.)

[265]"Il faudroit y avoir observé les premiers raïons de lumière qui sortent de l'âme des enfants, & distinguer bien en eux ce qui précéde l'instruction d'avec ce qui n'est que la suite. Où est l'homme qui ait assez de loisir; ou qui vive assez pour faire tous ces expériences?"

[266]Voudriez-vous bien répondre, après y avoir bien pensé, qu'un homme qui les auroit faites exactement, assureroit qu'il auroit trouvé des vestiges de religion dans des enfants à qui l'on n'auroit jamais dit qu'il y a un Dieu?

[267]"C'est ordinairement par là qu'on commence à les instruire, dès qu'ils sont capables de distinguer quelques sons & de bégaïer."

criança chegaria a louvar um deus, já que sua crença está desde o berço moldada por influências externas, isto é, por influência não-naturais.

Bayle já descarta de antemão a infalibilidade dos instintos da natureza, sendo "um princípio que me parece falso, para não dizer nada de pior." (*OD* III[*CPD*], p. 220*a*.)[268] O equívoco do senso comum é somente entrever defeitos nas crianças e não na própria natureza, pois aqueles que as educam sempre constatam erros a serem corrigidos, seja através de promessas, ameaças e boas instruções. Os progenitores sendo incapazes de perceberem "as faltas da Natureza, todos os filhos tornar-se-iam malandros e incapazes de nada valer em toda a sua vida." (*Id. Ibid*.)[269] Segundo Bayle, tanto o espírito como o coração das crianças estão em iguais condições de fragilidade. Julgando todas as coisas somente por meio de seus sentidos, e não examinando o que lhes é transmitido por seus pares, elas assimilam facilmente crendices, fábulas, prodígios e toda sorte de superstições.[270] Esses embustes têm tanta capacidade de se instaurar nas mentes infantis que elas vêm a rejeitar tudo o que vá de encontro com suas concepções, como por exemplo, o que seja um deus ou algum acontecimento natural, "pois o que o povo crê, elas retêm por toda a sua vida." (*Id. Ibid*.) Entretanto, segundo Bayle, é mister abrir uma exceção a um *minimum* de pessoas que por meio de um temperamento bom, por meio de um gênio e razão acima da média, por meio da aplicação às ciências, "corrigem as faltas da Natureza e se elevam dos preconceitos da infância. Somente se é um homem honesto e bem esclarecido enquanto pôde curar as doenças naturais da alma e seus efeitos."(*Id. Ibid.*, p.220*ab*.)[271]

---

[268]"C'est un principe qui me semble fort douteux, pour ne rien dire de pis."

[269]"Ceux qui les élevent trouvent toujours quelque vice à corriger, & si par les menaces & par les promesses, & par de bonnes instructions, on ne réparoit les défauts de la Nature, tous les enfants deviendroient des garnements, & incapables de rien valoir de toute leur vie."

[270]"Eles creem cegamente em todos os relatos que lhes fazem: os contos da pele de burro, contos da carochinha, das fadas, as tradições mais fabulosas, tudo o que sente o prodígio e o maravilhoso, as histórias romanescas agradam-lhes infinitamente que a simples e cândida verdade."["Ils croïent aveuglèment tous les récits qu'on leur fait: les contes de peau d'âne, de ma mère l'oie, des fées, les traditions les plus fabuleuses, tout ce qui sent le prodige & le merveilleux, les histoires romanesques leur plaisent infiniment davantage que la simple & le naïve vérité."](*Id.Ibid.*) E no parágrafo XXV, Bayle afirma que "estou certo que os filhos dos Cristãos receberiam sem nenhuma dificuldade a opinião que cada rio e cada montanha são Deuses, se lhes assegurasse isso na idade de 5 a 6 anos."["...je suis sûr que les enfants des Chrétiens recevroient sans aucune difficulté l'opinion que chaque rivière, & chaque montagne sont des Dieux, si on le leur assûroit à l'âge de 5 ou 6 ans."] (p. 223*a*.)

[271]"Exceptons un petit nombre de personnes qui par une superiorité de raison & de génie, ou par l'aplication aux sciences, ou par la faveur du ciel corrigent les défauts de la nature, & se relevent des préjugez de l'enfance. On n'est honnête homme, & bien éclairé, qu'autant qu'on a pû guérir les maladies naturelles de l'âme & leurs suites."Para um debate atual dos argumentos de Bayle acerca da nocividade da superstição em relação à pedagogia infantil, ver o livro do casal de argentinos ROZITCHNER, Alejandro/ IANANTUONI, Ximena. *Filhos sem deus: ensinando à criança um estilo ateu de viver*. Tradução de

Nos *Pensées diverses*, Bayle afirma que uma educação recebida numa corte em nada previne os príncipes de incorrerem em comportamentos e atitudes supersticiosas. E também não é porque não levem à risca religiosamente tratados de paz, alianças com outras nações, ou privem suas paixões de algo, que eles deixam de reconhecer um deus.[272] E Bayle vai mais além:

> Eu o digo mais uma vez, os grandes do mundo são ordinariamente mais supersticiosos que os outros homens a respeito de certas coisas. Imagina-se que basta ser nascido em uma grande mansão e de ter sido educado na corte de um príncipe para ter um espírito grande e sublime. Mas os que imaginam isso confundem o espírito com o coração. (2007, p. 327; *OD* III[*PD*], p. 99*a*.)[273]

Inversão absoluta de valores empreendida por Bayle. Uma educação refinada não faz com que as grandes figuras políticas se libertem de suas superstições, pois suas atitudes na prática demonstram justamente o oposto. Se determinadas paixões que estão à prova de qualquer educação adquirida foram no decorrer da história o móbil das ações políticas, então a superstição sempre estará presente nas cortes e reinos onde prevalece a polidez. É provável que um local privilegiado de nascimento e benefícios de uma educação polida pode elevar o coração, tornando alguns poucos indivíduos mais

---

Teodora Freire. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Dentre os vários argumentos expostos pelos autores, um deles é a questão acerca de saber o que tem de ser dito aos seus filhos quando os mesmos lhes perguntam o que é um deus, já que eles tendo pais ateus, porém, o mundo que os cerca está longe de sê-lo. O cerne do argumento seria o pleno respeito à criança e a abertura de espaço para a sua opinião pessoal. Nesse sentido, Robert Paul Wolff afirma em relação aos Estados Unidos: "Os indivíduos que se situam fora de qualquer grupo importante – digamos, os não-religiosos – são tratados como exceções e relegados, na prática, a um *status* de segunda classe. Os discordantes agnósticos por questão de consciência, por exemplo, são obrigados a servir nas Fôrças Armadas, enquanto aqueles que podem reinvidicar até mesmo a base religiosa mais bizarra para a recusa são tratados com tolerância ritual e isentados pelos tribunais. Similarmente, os orfanatos são tão completamente dominados pelas três principais religiões que um casal religioso ou em que cada cônjuge tenha uma fé diferente não pode adotar uma criança em diversos Estados. O efeito líquido consiste em preservar a imagem oficial de três grandes religiões na sociedade muito tempo depois de ter deixado ela de corresponder à realidade social e em desestimular o indivíduo a romper oficialmente os seus laços religiosos." WOLFF, Robert Paul. "Além da Tolerância", in: *Crítica da tolerância pura*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, pp.47-48.

[272]"É então uma pura ilusão imaginar que, porque os príncipes que não observam religiosamente os tratados de paz, nem as alianças mais solenemente juradas, ou recusam alguma coisa a suas paixões, eles não creiam que Deus não exista."[C'est donc une illusion toute pure de s'imaginer que, parce que les princes ne se font pas une religion d'observer les traités de paix, ni les alliances les plus solennellement jurées, ou de refuser quelque chose à leurs passions, ils croient qu'il n'y a point de Dieu."](*PD*, 2007, p. 327; *OD* III[*PD*], p. 99*a*.)

[273]"Je le dis encore un coup, les grands du monde sont pour l'ordinaire plus superstitieux que les autres hommes à l'égard de certaines choses. On s'imagine qu'il suffit d'être né dans une grande maison et d'avoir un esprit grand et sublime. Mais ceux qui s'imaginent cela confondent l'esprit avec le coeur."

serenos, mas na maioria das vezes, eles se transformam em pessoas mais intrépidas e gananciosas. Todavia, segundo Bayle, o mesmo não se passa com o espírito. Ele diz:

> Mas não ocorre do mesmo modo com o espírito. É preciso convir que ele é polido extremamente na corte; mas ele não adquire a grandeza, quero dizer, esta força que o eleva acima dos preconceitos da infância e que o põe em condição de penetrar até a origem da verdade através de mil erros os quais ela está ou coberta ou rodeada. (*PD*, 2007, p.327; *OD* III[*PD*], p. 99*a*.)[274]

A superstição aqui se associa ao preconceito, mas especificamente, aos preconceitos da infância que impedem o espírito de chegar à verdade no emaranhado de erros que ela está mergulhada. Essa "grandeza" que falta ao espírito só poderá ser adquirida uma vez que se ultrapasse e abandone a todo custo os obstáculos impostos pela superstição, já que ser educado em um meio abastado e polido está longe de ser suficiente. Bayle conclui que a pompa de quem adquiriu um aprendizado em um meio polido e abastado não erradica preconceitos incutidos de longa data, no que concerne a preceitos religiosos e às verdades naturais.[275] Nesse sentido, Bayle afirma que uma boa educação pode estar para além dos limites de uma corte, pois "se o ar do grande mundo curasse impressões de religião que são comunicadas aos filhos, não veríamos tanta superstição como vimos nos primeiros homens da República romana." (*Id. Ibid.*, 327-28; *Id. Ibid.*).[276]Uma educação ainda presa aos grilhões da superstição fica reduzida

---

[274]"Mais il n'en va pas de même de l'esprit. Il faut convenir qu'il se polit extrèmement à la cour; mais il n'y acquiert pas de la grandeur, je veux dire de cette force qui l'élève au-dessus des préjugés de l'enfance et qui le met en état de pénétrer jusqu'à la source de la vérité au travers de mille erreurs dont elle est ou couverte ou environnée."

[275]"Assim, Senhor, convenhamos de boa fé que os grandes, com toda a pompa que os rodeia, não deixam de permanecer nos preconceitos da educação tal qual os outros homens, seja a respeito dos dogmas de religião, seja a respeito das verdades naturais."["Ainsi, Monsieur, convenons de bonne foi que les grands, avec toute la pompe qui les environne, ne laissent pas de demeurer dans les préjugés de l'éducation tout de même que les autres hommes, soit à l'égard des dogmes de la religion, soit à l'égard des vérités naturelles."](*PD*, 2007, p. 327; *OD* III[*PD*], p.99*a*.)

[276]"En effet, si l'air du grand monde guérrisait des impressions de religion que l'on communique aux enfants, nous ne verrions pas autant de superstition que nous en voyons dans les premiers hommes de la République romaine." No final do capítulo, Bayle associando a superstição dos romanos à política dos mesmos, mostra que eles poderiam ser acusados de qualquer coisa, menos de serem ateus: "Parece, por uma infinidade de exemplos, que seus cônsules e seus ditadores, e pessoas semelhantes de primeira ordem, foram bastante supersticiosos. Os reis e os imperadores do paganismo o foram furiosamente, e poder-se-ia dar cem exemplos muito capazes de convencer que não era a política que agia, mas a doença do coração – ainda que eu confesse que é preciso frequentemente imputar sua superstição à sua política.[...] Um dos principais cúmplices de Catilina, a saber, Lentulo, engajou-se nessa conspiração porque imaginou que os livros das Sibilas e as respostas dos haruspícios prometiam-lhe o império de Roma: prova evidente que ele estava bem afastado do ateísmo, visto que ainda não reconhecera a vaidade dos augúrios."["Il paraît par une infinité d'exemples que ses consuls et ses dictateurs, er semblables personnes du premier ordre, ont été fort superstitieux, Les rois et les empereurs du paganisme l'ont été furieusement, et l'on en pourrait donner cent exemples très capables de convaincre que ce n'était pas la

ainda aos preconceitos adquiridos de longa data, não podendo avançar no que concerne ao esclarecimento das origens dos fenômenos naturais e dos móbiles das ações humanas. A insuficiência de uma educação adquirida em um meio que proporcione tudo o que seja necessário para elevar-se espiritualmente é ainda um entrave para uma sólida pedagogia, pois a superstição aí está imiscuída. O futuro príncipe não passará de um carola, estando submetido tanto às suas crendices como às crendices de quem o cerca. E a consequência fatal será a tomada de decisões políticas que, longe de levar em conta a dinâmica dos acontecimentos concretos, será motivada por superstições que, na maioria das vezes, não tem correspondência na prática.

Por tudo que foi argumentado nos tópicos acima, tentei estabelecer o nexo entre todos eles para mostrar a argumentação de Bayle para a desmistificação, através da história e da experiência, da imagem do ateísmo. Até aqui, podemos rever os passos de Bayle, através da sua crítica à idolatria e à superstição, em direção à sua tese principal, isto é, o ateísmo e a moral podem ser perfeitamente compatíveis e os próprios fatos mostram tal associação, mesmo em que momentos isolados da história. 1) O primeiro momento é a sua crítica à opinião. Bayle reflete acerca de todos os aspectos da pluralidade dos sufrágios: sua suposta autoridade: quando uma opinião é disseminada e inoculada na mentalidade coletiva, a reflexão fica em segundo plano, podendo ser admitido qualquer ponto de vista, por mais obscuro e contraditório que seja; o papel da filosofia: esta será de papel fundamental no que concerne ao questionamento, exame, crítica e desvalidação de opiniões que são fundadas em critérios quantitativos e não qualitativos. 2) Aqui Bayle vê a importância da história e de uma devida apreciação crítica a respeito da transmissão dos fatos históricos e por aí delineia-se o segundo momento e a extensão de seu aparato crítico: a esfera histórica, sendo sinônimo da esfera do factual, faz-se necessário ir à ordem do concreto para uma consistente verificação da legitimidade de supostos presságios, superstições e da própria imagem do ateu. 3) Nesse sentido, o filósofo francês entende que o critério de decisão é tão e somente a experiência. Esta, sempre considerada em primeiro lugar para a confirmação

---

politique qui agissait, mais la maladie du coeur – quoique j'avoue qu'il faut imputer souvent leur superstition à leur politique."[...] L'un des principaux complices de Catilina, savoir Lentulus, s'engagea dans cette conspiration à cause qu'il s'imagina que les Livres des Sybilles et les réponses des haruspices lui promettaient l'empire de Rome: preuve évidente qu'il était bien éloigné de l'athéisme puisqu'il n'en était pas encore à reconnaître la vanité des augures."](*Id.Ibid*., p. 328; *OD* III[*PD*], 99*b*.)

ou desvalidação de certas premissas e proposições, não dá margem a argumentos que somente se apoiem em giros de retórica de caráter interessado, que visam mais a confundir o interlocutor do que a esclarecê-lo. História, crítica e experiência aqui se conjugam, com a incumbência de passar em revista toda e qualquer argumentação que não leve em conta os próprios acontecimentos; 4) E será o caso da crítica à idolatria: será pela experiência que Bayle vai constatar o que é mais espantoso: se um ateu pode ser virtuoso ou se um idólatra pode ser um depravado. Se a primeira premissa o filósofo francês entende que é mais complicada devido à dificuldade de mostrar exemplos de ateus virtuosos nos anais da história – ao menos nos *Pensées diverses* - em contrapartida, a segunda premissa é mais notória, pois historicamente, nem sempre idolatria e comedimento nas crenças e nas ações andaram juntos. Políticos idólatras, guerras de religião e conflito entre as seitas: todos esses fatores permitem a Bayle erigir a sua dura crítica aos partidários da idolatria, entendendo-os como a pior espécie de supersticiosos; 5) Precisamente neste ponto que Bayle chega à problemática da superstição. Esta tem um caráter mais amplo, manifestando-se de diversas maneiras e sempre voltada para determinados interesses. O filósofo francês, refletindo sobre a superstição em seu caráter psicológico, pedagógico e político, mostra a sua instrumentalização e como está longe de ser somente uma mera propensão a crer em coisas de ordem sobrenatural. Uma vez propagada em um meio social, ela ganha força dentre o coletivo e torna-se um fenômeno onipresente. A crítica à opinião, à idolatria e à superstição é o preâmbulo da reflexão bayleana a respeito das relações entre ateísmo e virtude: se esta é definida como um a excelência de um bem ou uma disposição permanente para querer um tipo específico de atos morais na práxis, o ateu, independentemente de qualquer crença ou mandamento religioso, pode se comportar e agir de acordo com a reta razão, respeitar o seu próximo e as instituições políticas e sociais, não pautando seus procedimentos pela existência de algum deus ou deuses. Assim sendo, não é mais possível conceber que seja "uma coisa estranha que um ateu possa viver virtuosamente."(BAYLE, 2007, p. 362; *OD* III[*PD*], p. 110*b*.)[277] e mais difícil ainda conceber que "uma sociedade de ateus seria semelhante a uma sociedade de idólatras a respeito dos costumes e das ações civis." (DELPLA, 2003, p. 159); 2) ateísmo e moral, pois uma vez associando-os, Bayle, na verdade, mostra que uma interpretação moralizadora ou moralista de textos ditos sagrados, nas palavras de David.

[277]"Je réponds qu'il n'est pas plus étrange qu'un athée vive vertueusement qu'il étrange qu'un chrétien se porte à toute sorte de crimes."

O. Brink, só faz ver que "a religião depende da moralidade, e não que a moralidade depende da religião." (BRINK, 2010, p. 210)[278]. Se o ateu tem como escopo último de suas ações a justiça, a amizade, o respeito, dentre outras virtudes morais, Bayle daí infere que a relação entre o desconhecimento de um deus e a negação da moral está deveras distante de ser algo fixo e necessário, pois o ateu sabe "que há coisas honestas, que é belo e louvável fazê-las, não devido à sua utilidade [...] mas porque isto é conforme à razão" (BAYLE, 2007, p. 375; *OD* III[*PD*], p.114*b*.)[279], sendo o próprio ateísmo o resultado de uma "escolha intelectual e desinteressada." (MORI, 1999, p. 207.) ; 3) ateísmo e ética, já que uma vez separadas sob a pena do filósofo francês as esferas da moral e da religião, o filósofo afirma as possibilidades de uma autonomia da ética, isto é, permitindo ao ateu "reconhecer valores morais objetivos" (BRINK, *op. cit*, p.198) e tentando mostrar que a própria objetividade da ética só será possível com a sua autonomia.

CAPÍTULO SEGUNDO

O PARADOXO DO ATEU VIRTUOSO

> "Reconheçamos que mesmo os incrédulos, os livres pensadores, logo, os que buscavam elevar a oprimida força da razão, foram os que revelaram novamente à humanidade a diferença entre o justo e o errado, entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal!"
>
> Ludwig Feuerbach, *Pierre Bayle*: *Uno contributo alla Storia della Filosofia e dell'Umanità.*.

[278]Ver mais a respeito em seu artigo "A autonomia da ética", in: MARTIN, Michael. (org.) *Um mundo sem Deus: ensaios sobre o ateísmo*. Trad. de Desidério Murcho. Lisboa: Edições 70, 2010, pp. 197-217.

[279]"Cela me fait croire que la raison sans la connaissance de Dieu peut quelquefois persuader à l'homme qu'il y a des choses honnêtes qu'il est beau et louable de faire, non pas à cause de l'utilité qui en revient mais parce que cela est conforme à raison."

Neste segundo capítulo, tratarei do percurso de Bayle que começa da sua crítica ao *consensus universalis* até a questão do ateísmo virtuoso. E as etapas serão as seguintes: 1) Bayle, opondo-se ao critério do consenso universal, exigirá e efetivará um acurado exame acerca da veracidade das opiniões concernentes ao ateísmo. Valendo-se principalmente de argumentos filosóficos e históricos, o filósofo francês mostrará que os argumentos da pluralidade das vozes, de caráter eminentemente quantitativo, não tem sustentação filosófica e muito menos empírica; 2) Bayle aprofunda mais a sua argumentação, citando exemplos do relatos de viagens acerca dos povos ateus existentes. Daí surgindo a questão: dada a existência de tais povos, a própria existência de um deus passa de fato consumado a algo questionável, uma vez que a experiência mostra o contrário, isto é, nem sempre a crença ou a existência de um deus esteve presente em determinados círculos sociais; 3) Da constatação da existência desses ateus especulativos nos povos de outros continentes, surge a indagação sobre a própria possibilidade de um ateísmo especulativo. Bayle argumenta acuradamente a respeito, mostrando que o ateísmo pode dar sua contribuição, em termos especulativos, a diversas discussões de ordem teórica, como a questão do livre-arbítrio, da providência e do mal, por exemplo; 4) Se Bayle se pronuncia a favor do ateísmo especulativo, ele vai mais além e afirma uma moral natural, a qual, apoiada em princípios comuns a todos os homens, permite vislumbrar e dar solidez a sua tese fundamental: a associação entre ateísmo e virtude. Se todos possuem e conhecem os mesmos princípios que levam a agir de acordo com a reta razão, o ateu é o maior exemplo, pois *naturalmente* ele é impelido a agir virtuosamente; 5) Da questão da moral natural, chego à questão do paradoxo do ateu virtuoso: na verdade, é um suposto paradoxo, visto que o ateísmo empreendido por Bayle entre o ateísmo e a idolatria é um falso paralelo, e seu paradoxo é tão e somente uma consequência de seu princípios sobre a moral.

2.1 As imagens do ateísmo: o problema do consensus universalis

Desde a sua primeira obra, os *Pensées diverses sur la comète*, Bayle volta a sua preocupação para uma sólida reflexão sobre as possibilidades de se estabelecer uma relação positiva entre ser ateu e ser moral.[280] Se já não era pouco sustentar sem nuance

[280]É o que indica Gianluca Mori: "Esta atenção prestada à questão do ateísmo é muito precoce em Bayle. Ela se encontra sua primeira expressão em seus Pensamentos diversos sobre o cometa, através da comparação celebre entre os ateus e os idólatras, que abre o caminho à afirmação da possibildade de um ateísmo virtuoso e socialmente inofensivo. Em uma época a qual 'ateísmo' era sinônimo de imoralidade, de perversão e de deboche, a tese da virtude dos ateus parecia escandalosa, em razão também da clareza

alguma tal binômio chocante para a sua época, desqualificando as objeções de seus adversários, na *Continuation des Pensées diverses*, Bayle retoma com mais consistência e radicalidade a problemática do critério sempre utilizado pela tradição, a saber, o argumento do *consensus universalis*, mais especificamente sobre o ateísmo. Entretanto, o filósofo muda seu alvo: se nos *Pensées diverses*, a crítica à opinião era mais direcionada ao suposto peso da opinião em geral, agora é preciso avaliar a autoridade da pluralidade das vozes a respeito de que o conúbio entre ateísmo e moralidade nem sempre foi possível no decorrer dos tempos.[281]Segundo Élisabeth Labrousse, "a querela do ateísmo oferece assim um exemplo típico da intervenção ilegítima de conjecturas e teorias em uma questão de fato."(1964[1996], p. 104). Se em tal questão de fato, Bayle exaustivamente alude à ideia de que o peso e não a contagem das opiniões é de mais solidez, é justamente para reforçar a necessidade de lembrar que descartar a experiência e aderir *a priori* à primeira marca exterior que excite a imaginação e que impeça um exame acurado dos prós e dos contras de um determinado assunto polêmico, é somente se deixar levar por preconceitos e paixões perniciosas.[282] Bayle se vale de uma metáfora irônica, a saber, não bastando ingerir um remédio para que o mesmo faça efeito, mas tendo fé para que isso aconteça, isso se dá de maneira análoga à multiplicidade de tradições. Se alguém não quer se informar melhor sobre um assunto em particular, basta

---

ao mesmo tempo sóbria e firme com a qual Bayle a apresentava." "Athéisme et fidéisme", In: MORI, Gianluca. *Bayle philosophe*. Paris: Honoré Champion, 1999, p. 189.

[281] Para Hubert Bost, esse deslocamento da questão, mas sem perder de vista as ideias iniciais dos *Pensées diverses*, mostra a fidelidade de Bayle em relação às teses iniciais de seus primeiros textos filosóficos. Eis a importância da *Continuation*: "Mais reveladora ainda por sua importância é a edição, ao final de sua vida, da *Continuação dos Pensamentos diversos* na qual ele aproveitou a oportunidade de aprofundar e radicalizar suas intuições de juventude: notadamente, encontra-se aí a ideia central segundo a qual a verdade religiosa não deve ser refém do poder político, corolário dela, igualmente fundamental, segundo a qual a religião não saberia pretender governar os homens sem desviar-se." Cf. "Introduction", in: BAYLE, Pierre. *Pensées diverses sur la comète*. Paris: Flammarion, 2007, p. 27.

[282] Bayle reduz tal postura acrítica perante determinados acontecimentos a seduzir-se pelo "ouvir dizer", antecipando mesmo a concepção nietzscheana de rebanho, isto é, aqueles que se deixam levar pelo primeiro que lhes prega ou profetiza algo: "Eu disse-vos já e ainda repito: um sentimento não pode se tornar provável pela multidão dos que o seguem enquanto tenha parecido verdadeiro à vários independentemente de toda prevenção e pela força única de um exame judicioso, acompanhado de exatidão e de uma grande inteligência das coisas; e como muito bem disseram que um testemunho que viu é mais crível que falam por ouvir-dizer, pode-se também assegurar que um homem hábil que debita somente o que extremamente meditou e que o viu à prova de todas as suas dúvidas, dá mais peso a seu sentimento que cem mil espíritos vulgares que se conduzem como ovelhas e repousam tudo sobre a boa fé de outrem."["Je vous l'ai déjà dit et je le répète encore: un sentiment ne peut devenir probable par la multitude de ceux qui le suivent qu'autant et qu'il a paru vrai à plusieurs indépendamment de toute prévention et par seule force d'un examen judicieux, accompagné d'exactitude et d'une grande intelligence des choses; et comme on a fort bien dit qu'un témoin qui a vu est plus croyable que dix qui parlent par ouï-dire, on peut aussi assurer qu'un habile homme qui ne débite que ce qu'il a extrêmement médité et qu'il a trouvé à l'épreuve de tous ses doutes donne plus de poids à son sentiment que cent mille esprits vulgaires que se suivent comme des moutons et se reposent de tout sur la bonne foi d'autrui."] (*PD*, §47, p. 137; *OD*, III[*PD*] p. 35*b*.)

não empreender nenhum tipo de exame a respeito, pois querer aventurar-se a dissipar dúvidas com um espírito esclarecido, logo será possível descobrir que a experiência e a multiplicidade das vozes estão nos antípodas:

> O que se tem o costume de dizer de certos remédios, que é preciso ter fé se quer que eles façam efeito, pode-se aplicar à quantidade de tradições. Querei-vos não ser desiludido? Crede-vos sem examiná-los, porque se vós vos divertistes em esclarecer por vós mesmo com um espírito difícil, vereis logo que a experiência não concorda com a voz pública.(*PD*, §46, p. 134; *OD* III[*PD*] p.33*b*.)[283]

Nas entrelinhas dessa metáfora, é possível ver o seguinte: do mesmo jeito que tomar uma medicação sem ao menos saber o que está sendo ingerido, tendo apenas fé em seu êxito, a lógica é a mesma entre a relação completamente assimétrica entre opiniões gerais e o exame filosófico, noção fundamental no pensamento de Bayle. Não examinar significa enveredar pelo caminho da fé, esta entendida aqui como uma confiança acrítica, até mesmo cega nos relatos de outrem, uma preguiça do espírito que contamina as pessoas de geração a geração e que contrasta absolutamente com os dados da experiência. Nesse contexto, a adesão demasiado crédula tanto à antiguidade quanto à generalidade de uma opinião só poderia ser oriunda da inércia reflexiva característica da maioria dos homens. Segundo Bayle, "visto que os homens se levam facilmente pelo que lhes é mais fácil, eles se alinham sempre ao lado o qual eles veem essas marcas exteriores." (*PD*, §100, p.236; *OD*, III[*PD*], p. 68*b*.)[284]

Sendo assim, faz-se necessária a análise da extensiva crítica empreendida por Bayle na *Continuation* contra os frágeis limites argumentativos de uma tradição – a qual

---

[283]"Ce qu'on a coutume de dire de certains remèdes, qu'il faut avoir de la foi si l'on veut qu'ils fassent luer effet, se peut appliquer à quantité de traditions. Voulez-vous n'en être pas désabusé? Croyez-les sans les examiner, car si vous vous amusez à vous éclaircir par vous-même avec un esprit difficile, vous trouverez bientôt que l'experience ne s'accorde pas avec la voix publique."

[284] "De sorte que, comme les hommes se portent aisément à ce qui leur est plus facile, ils se rangent presque toujours du cotê où ils voient ces marques exterieures."Na passagem, Bayle diz que os homens pendem sempre para o que lhes é mais fácil, mas em uma passagem anterior no mesmo parágrafo, ele abre uma exceção para os filósofos. Estes não se deixariam levar pelas opiniões: "Confessar-me-ão sem dúvida que é fácil persuadir o povo com certas opiniões falsas que concordam com os preconceitos da infância ou com as paixões do coração, como são todas as pretensas regras dos presságios. Eu não peço mais, porque isto basta para tornar essas opiniões eternas; porque, à exceção de alguns espíritos filósofos, ninguém pensa em examinar se o que se ouve dizer por toda parte é verdadeiro."[On m'avouera sans doute qu'il est facile de persuader au peuple certaines opinions fausses qui s'accordent avec les prejugés de l'enfance ou avec les passions du coeur, comme sont toutes les prétendues règles des présages. Je n'en demande pas davantage, car cela suffit pour rendre ces opinions éternelles; parce qu'à la réserve de quelques esprits philosophes, personne ne s'avse d'examiner si ce que l'on entend dire partout est véritable."](*PD*, §100, p.235; *OD*, III[*PD*], p.68*a*.) Ver sobre a autoridade dos filósofos *PD*, §8.

engloba filósofos, teólogos, historiadores, poetas, físicos, astrólogos – que não mede esforços para mergulhar o ateísmo nos mais profundos abismos da depravação. A tarefa crítica de uma sondagem das opiniões comprometida com a verdade, entendendo verdade não em um sentido dogmático, e sim como um esclarecimento do que se passa sob as premissas de um argumento que não foi testado, como um exame do que subjaz de contraditório em falácias impostas por uma tradição estritamente interessada em não refletir sobre seus próprios limites. *A contrario*, seu único escopo é justamente impor em termos teóricos e práticos opiniões que entendem como dispensáveis uma reflexão mais aprofundada acerca de suas intenções almejadas, uma vez que, atentando aos caracteres internos da verdade, como diz Bayle, tal procedimento desvalida todo e qualquer argumento tido como universal. A aparência de verdade aqui é sinônimo de erro[285], mas são justamente os erros – propositais – que são o *leitmotiv* da tradição, não deixando mostrar o seu reverso.[286] A conclusão de Bayle só poderia ser esta: "Em uma palavra, a verdade perderia muito sua causa se ela fosse decidida pela pluralidade das vozes."(*OD*, III[*CPD*], p. 193*b*.)[287]

Na sequência do mesmo parágrafo, Bayle mostra a facilidade do erro em progredir seja em questões de fato, seja em questões especulativas. A causa de tal progresso é justamente o exemplo, isto é, este é seguido por uma pessoa, imitado por outras, indo de uma geração a outra e sucessivamente elas "gostam mais de crer do que examinar" (*Id. Ibid.*, p. 194*a*)[288]. Assim sendo, o exemplo é a marca característica e resultado direto do erro, pois é seguido mecanicamente, uma vez que contraria a razão e a experiência, já que ambas desmentem tudo que não passar sob seu crivo[289]. Segundo

---

[285] Ver a respeito as passagens de Gianni Paganini a respeito das noções de verdade e de erro em Bayle. Segundo o comentador italiano, nesta discussão é preciso levar em consideração o contexto filosófico e cultural da época de Bayle, mais precisamente a época do surgimento dos *PDC*. Notórias são as influências de La Mothe Le Vayer e Malebranche. Cf. PAGANINI, G. *Analisi della fede critica della ragione nella filosofia de Pierre Bayle*. Firenze: La Nuova Italia, 1980, em particular, cap. I, §2, pp. 28-47. Contudo, se tais influências são inegáveis, no que concerne às aplicações das noções de verdade e erro acerca do ateísmo Bayle distancia-se das breves e tímidas sugestões de seus predecessores a respeito da possibilidade da junção entre ateísmo e moral. Cf. a respeito, MORI, *op.cit*., p. 190, n. 3; LABROUSSE, *op.cit.*, p. 108, n. 22; FOUCAULT, Didier. "Vertu des païens? Vertu des athées? Héritages humanistes et libertins et position de Bayle dans les *Pensées diverses sur la comète*". In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012, p.110.

[286] Cf. os parágrafos §§ 7-8 dos *PD*.

[287]"En un mot, la vérité perdroit hautement sa cause, si elle étoit décidée à la plurarité des voix."

[288]"Une infinité de gens y tombent les uns à l'exemple des autres, ils aiment mieux croire que d'examiner."

[289]Bayle dá um exemplo da propagação de um erro, que é negligenciado justamente por comodismo e vergonha:"Um único homem que adquiriu uma grande consideração persuade em pouco tempo em toda uma cidade e em toda uma Província o que ele honra de seu Testemunho. Os Magistrados Romanos que

Bayle, o maior erro que pode ser cometido é tomar como parâmetro de verdade a suposta autoridade de quem ensina determinados exemplos, já que somente adotando este critério, o preconceito se cristaliza e o exame da veracidade de tal exemplo fica em segundo plano:

> Não há nada de mais perigoso que ter muita deferência pela autoridade daquele que nos ensina; porque o preconceito de seu mérito faz adotar todos os seus dogmas, sem que se incomode em examinar se os prova por sólidas razões. (*OD*, III[*CPD*], p. 194*a*.)[290]

O preceptor aqui é o mero transmissor de seus próprios preconceitos para quem está ensinando, apoiado em sua questionável autoridade e desprovido de qualquer intenção de instigar ao menos a verve crítica daquele a quem passa seus conhecimentos. É possível traçar aqui mesmo elementos de uma pedagogia bayleana: para se transmitir algo, é mister que prove por razões sólidas, que se esclareça a origem, o conteúdo e a finalidade de tais exemplos, que se critique o que há de errôneo nos mesmos por meio da razão e experiência, juízes inexoráveis e erradicadores de qualquer dogmatismo imposto. Bayle fala mesmo da periculosidade de confiar demais em preceptores preocupados somente em repassar seus preconceitos, pois esse tipo de transmissão do conhecimento não passa disso: fazer com que o interlocutor adote indireta ou diretamente inverdades disseminadas em historietas, crendices, superstições e toda espécie de devaneios que mais desnorteiam do que ensinam. Logo, Bayle afirma que é evidente tanto pela razão como pela experiência que a maioria das vozes, seus sequazes a amplitude e a duração de uma tradição não equivalem à verdade:

> O principio que eu segui, que a multidão de sectários, o julgamento popular, a extensão e a duração de uma tradição não são um signo da verdade, tem por ele não somente o sufrágio de vários grandes homens, mas também a experiência; porque além das razões que o sustentam, demonstramos por

---

estiveram na Mauritânia fizeram acreditar em uma coisa que a experiência desmentiu. Os últimos não querendo se incomodar em informarem-se da verdade e tendo vergonha de reconhecer a sua ignorância, confirmaram os falsos relatos dos primeiros. A autoridade de seu caráter dá mais curso ao erro e lhe serve de um bom passaporte." ["Un seul homme qui s'est acquis une grande considération persuade en peu de temps à toute une ville, & à toute une Province, ce qu'il honore de son témoignage. Les Magistrats Romains qui avoient été en Mauritanie, avoient fait accroire une chose que l'éxperience dementit. L'autorité de leur caractere donna plus de cours à l'erreur, & lui servit d'un bon passeport."] (*OD*, III, p. 194.)

[290][Il n'y a rien de plus dangereux que d'avoir trop de déférence pour l'autorité de celui qui nous enseigne; car le préjugé de son mérite fait adopter tous ses dogmes, sans que l'on se donne la peine d'examiner s'il les prouve par de solides raisons.]

exemplos brilhantes e incontestáveis.(*OD*, III[*CPD*], p. 194*b*.)[291]

Bayle aponta uma outra debilidade da autoridade popular, a saber, se a mesma não dá conta nem das verdades históricas, tampouco dará das verdades dogmáticas. Se as provas a respeito do mérito das pessoas que relatam é claudicante, "ela prova pior ainda a verdade das opiniões, seja em relação aos fatos históricos, seja em relação aos dogmas filosóficos."(*Id. Ibid.*, p. 205*b*.)[292]

No que concerne aos fatos históricos, Bayle afirma que são meras fábulas tudo o que se relatou sobre a fundação de cidades, de Estados, sobre suas ações, batalhas e acontecimentos de toda ordem, mas que adquiriu estatuto de verdade entre o povo em geral:

> Vários historiadores debitaram-nos; alguns os contradisseram e desiludiram muitas pessoas: mas se reunissem todos os habitantes para perguntar a cada um o que pensa, teriam mil vozes do lado da afirmativa, contra um do lado da negativa. É o que teria feito a experiência em Atenas, se tivessem coletado as vozes sobre as ações de Teseu, e em Roma, se tivessem as coletado sobre o nascimento de Rômulo e sobre a maneira que ele foi alimentado por uma loba. (*OD* III[*CPD*] p. 205*b*.)[293]

Seguindo o mesmo raciocínio crítico da fraqueza argumentativa da maioria dos sufrágios, Bayle é sutil nessa passagem: muitos dos historiadores foram desmentidos por alguns mais perspicazes e mais comprometidos com os próprios fatos e esclarecendo pessoas, mas mesmo assim fazendo um levantamento em meio aos auditores, a maioria esmagadora pende para a tradição.[294] No tocante aos relatos sobre

---

[291]"Le principe que j'ai suivi qui est que la multitude de sectateurs, le jugement populaire, l'étendue & la durée d'une tradition, a pour lui ne sont-seulement le sufrage de grands hommes, mais aussi l'experience; car outre les raisons qui le soûtiennent, on le démontre par exemples éclatants & incontestables."

[292]"Mais si la plurarité des voix prouve très-mal le mérité des personnes, elle prouve encore plus mal la vérité des opinions, soit par rapport aux faits historiques, soit par rapport aux dogmas philosophiques."

[293]"Plusieurs historiens les ont débitées; quelques-uns les ont contredites, & en ont désabusé beuacoup de personnes: mais si l'on assembloit tous les habitans pour demander à un chacun ce qu'il en pense, il y auroit mille voix du côté de l'affirmative, contre une du côté de la négative.C'est de quoi l'on eût fait l'expérience dans Athènes, si l'on eût recüeilli les voix sur les actions de Thesée, & dans Rome, si on les eût recüeillies sur la naissance de Romulus, & sur la manière dont il fût nourri par une louve."

[294]Cf. com o parágrafo §5 dos *PD*, sobre a autoridade dos historiadores: "No que concerne aos historiadores, eu confesso que eles não se dão a liberdade de supor assim de fenômenos extraordinários. Mas aparece na maioria uma vontade tão grande de relatar todos os milagres e todas as visões que a credulidade dos povos permitiu que não seria prudente crer em tudo o que eles nos debitam nesse gênero."["Pour qui est des historiens, j'avoue qu'ils ne se donnent pas la liberté de supposer ainsi des

os cultos a divindades, a lógica é a mesma: se todos os habitantes de uma localidade em particular pudessem dizer impunes o que acreditaram dos relatos fabulosos sobre os cultos religiosos, a proporção dos que negariam tais relatos em relação aos que os afirmariam seria absurda. Inúmeras falsidades religiosas seriam inoculadas na mentalidade coletiva, e assim "ganhariam sua causa, se comprometessem os interesses da verdade entre as mãos do vulgar." (*Id. Ibid*., p. 206*a*.)[295]

Bayle tratará em seguida do erro em relação aos dogmas filosóficos. O filósofo francês é categórico: o povo sequer pode pensar em julgar acerca de questões dessa estirpe, uma vez que não entende e não aceita nada que não esteja de acordo com a sua imaginação e seus sentidos:

> Quanto aos dogmas filosóficos, é evidente que o povo não pode julgar de modo algum: ele entenderia tudo errado, condenaria tudo o que não é conforme à sua imaginação e a seus olhos. Ele negaria os antípodas e o movimento da terra. Ele sustentaria que as cores estão nos objetos, que as pedras caem sem que nada as empurre, e ele gabar-se-ia daqueles que dizem que há tanta matéria no tonel, depois que o vinho saiu, que quando o vinho aí estava. (*OD* III[*CPD*], p. 206*a*.)[296]

A evidência que Bayle aponta para a incapacidade da maioria das pessoas se debruçarem sobre questões filosóficas pode parecer taxativa, uma vez que sugere que somente poucos iniciados podem se adentrar neste tipo de reflexões – e o próprio Bayle incluir-se-ia nesse grupo seleto – contudo, está de pleno acordo com as suas teses iniciais: não seria possível atribuir a todas as pessoas o poder crítico para raciocinar, pesar, discernir sobre o certo e o errado em assuntos de maior complexidade. Se é da natureza da pluralidade das vozes seguir sempre seus preconceitos e suas paixões perniciosas, a consequência desta atitude é enveredar pelo caminho contrário à razão, isto é, imperativamente permanecerão em uma condição acrítica, sem vontade, sem capacidade e mesmo sem interesse em questões teóricas e factuais que lhe são

---

phénomènes extraordinaires. Mais il paraît une si grande envie de rapporter tous les miracles et toutes les visions que la credulité des peuples a autorisées qu'il ne serait pas de la prudence de croire tout ce qu'ils nous débitent em ce genre-là."] (p. 68; *OD*, III[*PD*], p. 10*b*). Cf. também o parágrafo §6.

[295]"Soyez assuré, Monsieur, qu'une infinité de faussetez de religion gagneroient leur cause, se l'on comprometoit les intêrets de la verité entre les mains du vulgaire."

[296]"Quant aux dogmes philosophiques, il est évident que le peuple n'en peut point juger: il prendroit tout de travers, il condamneroit tout ce qui n'est pas conforme à son imagination, & à ses yeux. Il nieroit les antipodes & le mouvement de la terre. Il soutiendroit que les couleurs sont dans les objets, que les pierres tombent sans que rien les pousse, & il se moqueroit de ceux qui disent qu'il y a autant de matiere dans le tonneau, après que le vin en est sorti, que quand le vin y étoit."

apresentadas.[297] Problema que é transportado para a questão do ateísmo, a saber, é latente a impossibilidade de erradicar a religião da esfera social, uma vez que a religião está tão enraizada na mentalidade e no comportamento coletivo, que é absolutamente nula de toda uma nação deixar de ser religiosa para se tornar ateia.[298]

Entretanto, a despeito da impossibilidade real de toda uma nação passar de um estágio a outro, isto é, da religião ao ateísmo, em nada isso compromete a reflexão de Bayle sobre a possibilidade de um ateísmo virtuoso, pois o que está em questão não é a erradicação absoluta de doutrinas religiosas da esfera social, mas provar que ser ateu e ser moral é perfeitamente plausível. No plano da moralidade, Bayle mais uma vez ataca ideias genéricas sobre essa problemática: justamente pela comparação dos costumes de quem crê com suas respectivas ações, não é e nunca foi de se espantar o quão destoam crenças e ações práticas.[299]

Segundo Bayle, uma ideia genérica que é mencionada dos costumes de um homem devoto é a que ele tem de crer em um deus, em punições eternas e dádivas divinas, e fazer tudo para agradar à divindade e repudiar tudo que lhe desagrade. Contudo, em termos práticos, tudo que ele faz contradiz totalmente as suas crenças. (*PD*, 2007, p. 291; *OD*, III[*PD*], p. 87*ab*.) Bayle afirma a causa dessa postura do devoto, isto é, praticar o que não está de acordo com seus princípios religiosos:

> Querei-vos saber a causa dessa incongruência? Ei-la: é que o homem não se determina a uma ação antes que a uma outra pelos conhecimentos gerais que ele tem do que deve fazer, mas pelo julgamento particular que ele tem de cada coisa quando está ao ponto de agir. Logo, esse julgamento particular pode bem ser conforme às ideias gerais que se tem do que deve fazer, mas frequentemente ele não é. Ele acomoda-se quase sempre à paixão dominante do coração, à inclinação do temperamento, à força dos hábitos contraídos e ao

[297]O que, segundo Gianluca Mori, torna delicada a leitura de um Bayle democrata do conhecimento "Viram em Bayle uma tentantiva de 'democratização do saber'. Isto pode ser verdadeiro, mas convém nuançar esse julgamento. Porque Bayle é convencido […] que só uma pequena minoria de homens é capaz de compreender o sentido completo de uma obra filosófica (ou, em geral, de toda obra contendo raciocínios encadeados entre eles.) É então uma democratização seletiva, fortemente meritocrática, que pressupõe no leitor uma atitude crítica notável, sendo esperado que o autor não faça nada para lhe facilitar a tarefa." (1999, p. 23)

[298] *OD* III, p. 197*a*.

[299] É o que Bayle diz de maneira irônica: "Eis o verdadeiro resultado desta dificuldade. Quando se compara os costumes de um homem que tem uma religião com a ideia geral que se forma dos costumes deste homem, é surpreendente não encontrar nenhuma conformidade entre essas suas coisas." ["Voilà le véritable dénouement de cette difficulté. Quand on compare les moeurs d'un homme qui a une religion avec l'idée générale que l'on se forme des moeurs de cet homme, on est tout surpris de ne trouver aucune conformité entre ces deux choses."](*PDC*, §135, p. 291; *OD*, III[*PD*], p. 87*a*.)

gosto ou à sensibilidade que se tem por certos objetos. (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)[300]

Eis o contraste estabelecido por Bayle: não é o conhecimento geral de uma coisa que impulsiona o homem a agir, e sim o conhecimento particular da mesma. Há uma possibilidade teoricamente de adequação dos julgamentos particulares às ideias gerais do que se deve fazer em termos práticos, mas na vida, na experiência tal adequação simplesmente não procede. O particular é adequado e motivado por fatores de outra ordem e Bayle os aponta, fatores de ordem emocional e psicológica – as paixões do coração e a inclinação ao temperamento - de ordem educacional – hábitos contraídos no decorrer dos tempos – e de ordem fisiológica – o gosto ou a sensibilidade tida por determinados objetos. Se o conjunto desses fatores faz com que o homem incorra na contradição de aprovar o bem e fazer o mal – Bayle parafraseia uma passagem das *Metamorfoses*, de Ovídio – é nessa incoerência entre o que se crê e o que se faz que se erige o a diferença entre as luzes da consciência e o julgamento particular.[301]

Se a consciência é definida por Bayle, nos *Pensées diverses*, como a instância conhecedora da ideia geral da "beleza da virtude e nos força a cair de acordo que não há nada mais louvável que os bons costumes"(*PD*, §135, pp. 135-136; *OD*, III[*PD*], p. 87*b*.)[302], quando o coração é desvirtuado por uma paixão da ordem do particular, e querendo satisfazer tal paixão, não há como as luzes da consciência impedirem esse arrebatamento, "não se consulta mais que a paixão e julga que é preciso agir *hic et nunc* contra a ideia geral que tem de seu dever." (*Id.Ibid.; Id. Ibid*)[303] Ora, o que é possível concluir daí? Se uma paixão particular faz com que o homem esqueça da ideia ou do conhecimento geral do que ele tem o dever de fazer, logo se desfaz o argumento de que

---

[300]"Voulez-vous savoir la cause de cette incongruité? La voici: c'est que l'homme ne se détermine pas à une certaine action plutôt qu'à une autre par les connaissances générales qu'il a de ce qu'il doit faire, mais par le jugement particulier qu'il porte de chaque chose lorsqu'il est sur le point d'agir. Or ce jugement particulier peut bien être conforme aux idées générales que l'on a de ce qu'on doit faire, mais le plus souvent il ne l'est pas. Il s'accommode presque toujours à la passion dominante du coeur, à la pente du tempérament, à la force des habitudes contractées et au goût ou à la sensibilité que l'on a pour certains objets."

[301] Cf. com o primeiro capítulo da segunda parte do *Commentaire philosophique* – doravante *Cph* – a respeito das paixões impedirem de fazer um bom exame. (BAYLE, 1992, II, p. 177; *OD* II, p. 393*ab*-394*a*.)

[302]"La conscience connoît en génerale la beauté de la vertu et nous force de tomber d'accord qu'il n'y a rien de plus louable que les bonnes moeurs"

[303]"[...]on ne consulte plus que la passion et l'on juge qu'il faut agir *hic et nunc*, contre l'idée générale que l'on a de son devoir."

o homem age de acordo com os seus princípios, ou em outros termos, se ele não pratica o que ele crê, então agir conforme à reta razão e à ideia geral do que seja bons costumes nada tem a ver com crença. Nesse sentido, fica notoriamente inválida a infundada, porém, tantas vezes repetida a cantilena de que um ateu não seria um indivíduo social respeitador dos costumes e das leis vigentes, uma vez crer e agir, na maioria das vezes segundo a experiência, estão em vetores contrários.[304] Assim para Bayle isso"[...] mostra que não há nada mais sujeito à ilusão que julgar os costumes de um homem pelas opiniões gerais as quais ele está imbuído." (*Id. Ibid.*, p. 292; *Id. Ibid.*)[305]

Bayle dá continuidade a seu raciocínio, apontando para a diferença abismal que há entre a condição racional do homem e o antagonismo entre a sua crença e prática. Se em assuntos especulativos, quando ocorre o erro, a consequência é menos perniciosa, uma vez que é mais grave errar recebendo falsos princípios do que incorrer em conclusões lógicas equivocadas. Contudo, se tratando de bons costumes, acontece totalmente o oposto, e Bayle é pessimista: nesse campo, o homem sempre é vítima de seus falsos princípios, deixando as ideias que tem de equidade, bondade, justiça e outras, sempre nos limites da consciência, e agindo sempre ou quase sempre em prol de seus desejos dominantes.[306] (*PD*, §136, p. 293; *OD*, III[*PD*], p. 87*b*.) Segundo Bayle, mesmo havendo uma diversidade de opiniões no tocante à maneira de como servir a um deus e de viver conforme às leis da decência, ainda é evidente a presença de várias paixões perniciosas que levam o homem a agir, em todos os lugares e em todas as épocas.[307] Se Bayle mais uma vez indica os motivos que levam o homem a agir contrariamente a seus princípios, ele faz vir à tona um elemento comum entre a religião dos antigos e a religião cristã: se ambas eram tão repletas de superstições, tão idólatras e

---

[304] Ver a definição bayleana de perturbador da paz pública no *Cph* [*OD* II, pp. 446*b*-447*a*].

[305] Ce qui montre qu'il n'y a rien de plus sujet à l'illusion que de juger des moeurs d'un homme par les opinions générales dont il est imbu."

[306] Segundo Gianluca Mori, "é no quadro desta antropologia pessimista e desencantada – mas não agostiniana, parece-nos, em vista de seu fundo mecanista e naturalista – que Bayle sustenta nos *Pensamento diversos sobre o cometa* a tese da virtude dos ateus." (*Op. cit.*, p. 191) Ao contrário, Labrousse vê o pessimismo de Bayle como dependente de um "hiper-augustinismo. (Cf. 1999, p. 122.)

[307] "De onde vem, por favor, que ainda que tenha entre os homens uma prodigiosa diversidade de opiniões no tocante à maneira de servir Deus e de viver segundo as leis da decência, entretanto, vemos certas paixões reinarem constantemente em todos os países e em todos os séculos? Que a ambição, a avareza, a vontade, o desejo de se vingar, a impudicidade de todos os crimes que podem satisfazer essas paixões, vemos em toda parte?"[D'où vient, je vous prie, qu'encore qu'il y ait parmi entre les hommes une prodigieuse diversité d'opinions touchant la manière de servir Dieu et de vivre selon les lois d la bienséance, on voit néanmoins certaines passions régner constamment dans tous les pays et dans tous les siècles? Que l'ambition, l'avarice, l'envie, le désir de se venger, l'impudicité e tous les crimes qui peuvent satisfaire ces passions se voient partout? (*PDC*, §136, p. 293; *OD*, III[*PD*], p. 88*a*.)

tão preocupadas em apaziguar a ira de seus deuses por meio de sacrifícios e oferendas, horrorizadas com os prodígios, a ponto de imaginar que as punições e recompensas aconteceriam conforme à vida que levavam, nem por isso deixaram de cometer os crimes mais atrozes. A constatação desse fato não é sobre uma doutrina particular da antiguidade, tampouco sobre uma religião cristã em especial, e sim sobre a perpétua incoerência entre o que se crê, o que se predica e o que é praticado dentre as religiões em sua totalidade:

> É preciso que assim o seja, visto que os antigos pagãos, repletos de um monte inacreditável de superstições, perpetualmente ocupados em apaziguar a cólera dos seus ídolos, assustados por uma infinidade de prodígios, imaginando que os deuses eram os dispensadores da adversidade e da prosperidade segundo a vida que se levava, não deixaram de cometer todos os crimes imagináveis. E se não era assim, como seria possível que os cristãos, que conhecem tão claramente por uma revelação sustentada por tantos milagres que é preciso renunciar ao vício para ser eternamente feliz e para não ser eternamente infeliz; que tem tantos excelentes predicadores pagos para lhe fazer em seguida as mais vivas e as mais prementes exortações do mundo; que encontram por toda parte tantos diretores de consciência zelosos e sábios e tantos livros de devoção; como, digo, seria possível, entre tudo isto, que os cristãos vivessem, *como eles o fazem*, nos maiores desregramentos do vício?(*Id Ibid.*, pp.293-294; *Id. Ibid.*, p. 88*a*, grifos meus.)[308]

Nesta passagem extensa, mas fundamental, se desenha o *tour de force* argumentativo de Bayle. O filósofo menciona que é necessário que tenha acontecido assim, pois se a crença nos deuses com todas as suas exigências em termos de dogma – não matar, não perseguir, etc – fosse verdadeiramente um impeditivo que evitasse a desolação mundana em nome da religião, não teria razão de ser a idolatria, a superstição e a moral de interesse.[309] A ironia bayleana conduz a denúncia: a despeito de tantos

---

[308]"Il faut bien que cela soit, puisque les anciens païens, accablés d'une multitude incroyable de superstitions, perpétuellement occupés à apaiser la colère de leurs idoles, épouvantés par une infinité de prodiges, imaginant que les dieux étaient les dispensateurs de l'adversité et de la prosperité selon la vie que l'on menait, n'ont pas laissé de commettre tous les crimes imaginables. Et si cela n'était pas, comment serait-il possible que les chrétiens, qui connaissent si clairement par une révélation soutenue de tant de miracles qu'il faut renoncer au vice pour être éternellement heureux et pour n'être pas éternellement malhereux; qui ont tant d'excellents prédicateurs payés pour leur faire là-dessus les plus vives et les plus pressantes exhortations du monde; qui trouvent partout tant directeurs de conscience zélés et savants, et tant livres de devotion; comment, dis-je, serait-it possible, parmi tout cela, que les chrétiens vécussent, *comme ils le font*, dans les plus énormes dérèglements du vice?"

[309] Para Jean-Michel Gros, é justamente neste ponto que Bayle se distancia dos libertinos de sua época, sendo ainda mais radical: "Bayle vai simplesmente reverter o argumento libertino, nos liberando pelo próprio fato de muitas aporias teológico-políticas: com efeito, ele vai nos dizer que é *porque* os homens não agem segundo os seus princípios, morais ou religiosos, e são então descrentes e imorais em sua vida cotidiana, que uma sociedade pode dispensar a religião." (grifo do autor). "Bayle et la banalisation de l'athéisme". In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012, p.

livros, de tantos belos retóricos e predicadores e do dever de renunciar ao vício, este sempre comanda os homens e as suas ações tem como fim último satisfazê-lo. O *como o fazem* não é uma mera hipótese, mas é simplesmente a constatação factual de que o vício pode estar e está do lado da religião, dando a prova cabal que o pleno conhecimento e o cumprimento à risca de preceitos religiosos fica restringido unicamente ao plano teórico. Como Bayle outrora mencionara, o amálgama de fatores fisiológicos, psicológicos e educacionais é o verdadeiro motivador das ações do homem, fazendo com que ele desconsidere na primeira oportunidade o que ele entende por deveres, agir de acordo com a reta razão e conforme às luzes da consciência. Nesse contexto, a assimetria não é mais entre ateísmo e virtude, mas entre religião e virtude, entre crer e agir de acordo com os princípios religiosos característicos de uma crença, entre ser devoto e ser moral.[310] Ora, então não seria nenhuma novidade a confirmação da contradição entre opiniões especulativas e o comportamento na vida cotidiana, já que "o espírito humano sendo capaz de todas as esquisitices imagináveis, jamais colocarão uma regra a seu respeito que não sofra mil exceções." (*PD*, 2007, p. 297; *OD*[*PD*], III, p. 89*a*.)[311]

2.2. *Os povos ateus e a questão da existência de um deus*

Preparando o solo para sua argumentação subsequente, Bayle, à luz de sua crítica ao *consensus universalis*, examinará se todos os povos realmente consentiram se existe um deus. Ou em outros termos, verificará se o reconhecimento de uma divindade pela pluralidade das vozes é uma prova irrefutável de sua existência. Sem dúvida, à esteira de Montaigne e seu capítulo clássico sobre o modo de vida dos canibais no

---

255.

[310] Fico com as palavras de É. Labrousse: "É a esse propósito que Bayle introduz as análises psicológicas de onde resulta que a conduta dos homens é singularmente independente de suas opiniões especulativas: por aí se encontra arruinada a ligação necessária que se pretendia descobrir entre o ateísmo e o vício, de sorte que nenhuma ideia pré-concebida nos impeça de acolher com docilidade que eles merecem, os testemunhos nos falam de ateus virtuosos. Os vícios dos cristãos são assim a obervação preliminar que nos prepara para admitir o fato simétrico que constituem as virtudes civis de certos ateus."(*Op. Cit*., p. 107)

[311]"[...]l'esprit humain étant capable de toutes les bizarreries imaginables, on ne posera jamais de règle sur son sujet qui ne souffre mille exceptions."

segundo volume de seus *Ensaios* – apesar de o filósofo de Bordeaux não chegar nem perto das conclusões extremas de Bayle, isto é, que existiram povos que não acreditavam em deus algum - a reflexão de Bayle é uma crítica absoluta ao eurocentrismo e à pretensa universalidade da religião e dos costumes cristãos.[312] Sob a pena do filósofo de Carla, os povos ateus ultrapassam o status de pura hipótese, e passam a ser considerados com mais seriedade, uma vez que a abundância de relatos de viagem no século XVII dá todo o amparo necessário à Bayle para poder desenvolver a sua tese, lançando mão de uma estratégia de relativização das perspectivas a respeito dos habitantes de continentes recém-descobertos.[313]

Entretanto, Bayle admite que é uma questão difícil e ele o diz na *Réponse aux questions d'un provincial*, respondendo a uma objeção de Jacques Bernard:

> É entender que Sr. Bayle tomou por certo o que eles continham [os relatos de viagens] no tocante ao Ateísmo de diversos povos; mais se vê o contrário em sua disputa contra o argumento em questão; porque ele não supõe que o Sr. Fabrício, que discordou contra a evidência desses viajantes, se engane; ele conclui somente que o conflito dos Escritores, os quais asseguram que existem Povos Ateus e os outros o negam, forma um problema que é preciso esclarecer antes de determinar. (*OD* III[*RQP*], p. 695*a*.)[314]

---

[312] Ver a respeito o precioso livro de Joy Charnley, *Pierre Bayle reader of travel literature*. Berne: Peter Lang, 1998.

[313] Cf. DELPLA, I. "Bayle- Le paradoxe de l'athée citoyen". In: CATTI ;N; JAFFRO, L.; PETIT, A.(éd.) *Figures du théologico-politique*. Paris: Vrin, 1999. Contudo, não é pelo fato de Bayle estar muito atento a esses relatos de viagens que ele vai aceitá-los acriticamente: "Esse exercício de antropologia racional visa, na intenção ao menos, a evitar as duas armadilhas que seriam a credulidade nos fatos relatados e a construção de uma antropologia *a priori* e dedutiva que seria somente a projeção de nossos preconceitos. Concernente ao primeiro ponto, Bayle exprime uma distância crítica dos relatos de viagem, a qual não hesita em sublinhar as contradições quando possível, precisando que não recorre aí como fatos indiscutíveis, mas somente para introduzir a dúvida sobre o liame intrínseco entre religião e sociedade." (p. 135) Ver também RACAULT, Jean-Michel. "Voyages et utopies", in: DEMON, Jean-Charles/DELON, Michel. *Histoire de la France littéraire*: classicismes XVIIe et XVIIIe. Paris: PUF, 2006: "Antes mesmo da 'crise da consciência europeia' diagnosticada por Paul Hazard opera-se uma tomada em questão dos valores filosóficos, religiosos, sociais, políticos das sociedades europeias pela abertura ao Alhures e ao que ele implica: uma aceitação relativista da diversidade dos costumes, das leis, dos governos, das crenças, substituindo a inencontrável verdade pela infinita diversidade das verdades locais."(p. 298.) Por outro lado, não faltaram críticas às teses bayleanas, como a de Giambattista Vico, por exemplo. Na conclusão de sua *Ciência Nova*, ele afirma categoricamente: "Se a religião se perde entre os povos, não lhe resta mais como viver em sociedade; eles perdem, ao mesmo tempo, o liame, o fundamento, o baluarte do estado social, a forma mesma de povo sem a qual não podem existir. Que Bayle veja agora se é possível que existam realmente sociedades sem nenhum conhecimento de Deus! E veja Políbio, se é verdadeiro, como ele diz, que não ter-se-á mais necessidade de religião quando os homens forem filósofos. Ao contrário, só as religiões podem excitar os povos a fazerem por sentimento ações virtuosas. As teorias dos filósofos concernentes à virtude fornecem somente motivos à eloquência para inflamar o sentimento e levá-lo a seguir o dever." VICO, Giambattista. *La scienza nuova e altri scritti*. (A cura de di Nicola Abbagnano.) Torino: Unione tipográfico-editrice torinese, 1976, p. 747. ("Classici della filosofia.") Ver também I, iii, pp.355-356 em particular.

[314]"C'est faire entendre que Mr. Bayle a pris pour certain ce qu'elles contiennent touchant l'Athéïsme de plusieurs peuples; mais on voit tout le contraire dans sa dispute contre l'argument em question; car il n'y

De acordo com a sua própria filosofia, Bayle não tomando nenhuma posição antes de verificar suas possibilidades, em uma questão tão delicada como a da existência de povos ateus não poderia ser diferente. O conflito existente entre os relatos sobre os costumes, crenças e organização social dos habitantes de outras partes do globo só mostra o quão é difícil se ater a uma opinião tradicional quanto à sua inexistência. Se Bayle não aceita de antemão os relatos favoráveis ao fato de que entre os povos selvagens que simplesmente não conheciam a noção de divindade haveria uma possibilidade rudimentar dentre eles de um *minimum* de coesão social, também não vai aceitar observações oriundas de opiniões temerárias do que sejam esses povos, já que os que negam sua existência não o comprovaram *in loco*. É por meio da dúvida que se instaura e se aprofunda o debate: se o preconceito europeu dava o tom da descrição exótica entendendo que era selvagem tudo que estava além de sua jurisdição, sob a pena de Bayle bárbara seria mais a maneira de como certos autores heterodoxos tratavam a questão, perdendo-se pelas veredas de uma antropologia *a priori*, omitindo e distorcendo fatos para seu ganho de causa.[315] Se o filósofo de Carla não perde a oportunidade de ridicularizar os preconceitos proferidos por seus opositores, é porque "toda informação provém dele com o objetivo de atacar a Europa e os preconceitos europeus."(CHARNLEY, 1996, p. 12.)

Contudo, antes de chegar a considerações de caráter antropológico, a questão já estava posta na *Continuation*, isto é, Bayle tratará de investigar se o consentimento dos povos em reconhecer uma divindade é garantia certa de sua existência. (*OD*, III[*CPD*], §5). Nessa relação supostamente lógica entre uma maioria assentir sobre algo e daí deduzir a sua certeza, Bayle vai na direção contrária: é justamente no que não se

---

suppose point que Mr. Fabrice qui s'inscrit en faux contre la déposition de ces voyageurs, se trompe; il em conclut seulement que ce conflict des Ecrivains, dont les uns assurent qu'il y a des peuples Athées, & les autres le nient, forme um problème qu'il faut éclaircir avant que de se determiner."

[315] Segundo Bayle, mesmo sob a hipótese de que seria vantajoso à ortodoxia que um viajante mencionasse que existiram povos que mantiveram a noção de um deus, ele faria o mesmo se tivesse encontrado povos ateus. O que está em jogo é a imparcialidade dos relatos: "Um viajante que será persuadido que é necessário ou vantajoso à ortodoxia que as nações mais ignorantes & as mais brutais tenham conservado a ideia de Deus, não fara ele um escrúpulo de inserir em seus relatos que encontrou povos Ateus? Fará ele um escrúpulo de alterar a verdade por uma mentira oficiosa ou por uma fraude piedosa?" [Un voyageur qui sera persuadé qu'il est necessaire ou avantageux à l'orthodoxie, que les nations les plus ignorantes & les plus brutales ayent conservé l'idée de Dieu, ne se sera-t-il pas un scrupule d'inserer dans ses relations qu'il a trouvé des peuples Athées? Se fera-t-il un scrupule d'alterer la verité par un mensonge officieux, ou par une fraude pieuse?"(*OD*, III [*RQP* II] p. 695*b*.)

pode acreditar, isto é, não é possível instituir um *criterium veritatis* tomando como parâmetro o sufrágio das opiniões gerais, uma vez que as mesmas dispensam o mais importante em um debate, a saber, um exame rigoroso dos argumentos adversários por meio de razões e provas empíricas e, consequentemente, um exame mais acurado de seus próprios argumentos. Adotar o consenso imposto pela pluralidade das vozes é o pior caminho para se chegar à verdade, ou ao menos esclarecer o quanto de falácia estão impregnadas determinadas premissas argumentativas, visando unicamente ao convencimento do interlocutor e que consideram como dispensáveis a necessidade de provas concretas.[316]

Bayle começa a sua reflexão questionando a respeito de um suposto inatismo, sustentado desde a Antiguidade, da ideia de um deus em todos os homens.(*Id. Ibid.*) O filósofo francês cita as cadeias de raciocínio do personagem epicurista Velleius do *De natura deorum*, de Cícero, que entende que na alma de todos os homens existe uma divindade, sendo tal ideia impressa pela natureza já que todos os povos são detentores de uma noção de divindade independentemente de fatores externos, sem ao menos tê-la recebido de outrem. Nesse sentido, o argumento ganha ares de universalidade, não se restringindo a dizer que somente em alguns povos a noção de um deus está presente. A dedução lógica seria que, os homens em sua totalidade estando firmemente persuadidos da certeza da existência de um ente sobrenatural, daí decorreria que eles têm uma ideia inata dos deuses, pois se a natureza a imprimiu neles e se todos entraram em acordo nesse sentido, logo, essa ideia seria verdadeira.(*Id. Ibid.*) Segundo Bayle, esse raciocínio é tributário de Epicuro[317], a qual tem por base três princípios: 1) todos os homens possuem uma ideia inata de uma divindade; 2) que não é uma ideia advinda da

[316] "Mas não é de se temer, disseste-me, que dada a liberdade de preferir às opiniões gerais o sentimento de alguns particulares, não se obtém uma boa prova da existência de Deus, isto é, ao argumento que fundamos que todos os povos da terra reconhecem a divindade?É aí, Senhor, vosso principal escrúpulo. Tratar-vos-ei de curá-lo e aí me aplicarei tão mais cuidadosamente, que eu vejo-vos mais alarmado como se Aníbal estivesse às portas."["Mais n'est-il pas à craindre, me dites-vous, que si l'on se donne la liberté de préférer aux opinions générales le sentiment de quelques particuliers, on ne donne atteinte à une très-bonne preuve de l'existence de Dieu, c'est-à-dire, à l'argument que nous fondons sur ce que tous les peuples de la terre reconnoissent la divinité? C'est là, Monsieur, votre principal scrupule. Je vais tâcher de vous en guérir, & je m'y apliquerai d'autant plus soigneusement que je vous en trouve aussi alarmé que si Annibal étoit aux portes."](*OD*, III[*CPD*], p. 195*b.*)

[317] E não de Cícero. Vale mencionar que Bayle classifica as provas da ideia inata de um deus como uma invenção de Epicuro atribuída por Cícero, e não uma prova factual.. O argumento do consentimento universal a sujeito da veracidade da existência de uma divindade é, "sem dúvida, o exato fiel da passagem onde Cícero expôs o argumento que sede-vos tão caro, e o qual ele atribui a *invenção* à Epicuro."[...sans doute, le précis fidéle du passage où Cicéron a exposé l'argument qui vous est si cher, &dont il donne *l'invention* à Epicure."(grifo meu)](*Id. Ibid.*)

educação, e sim gravada pela natureza na alma dos homens; 3) que o *consensus universalis* estabelecido por e entre os homens é um caráter indelével da verdade. Bayle observando mais de perto as premissas epicuristas, entrevê o seguinte: entendendo que o último princípio é concernente à questão de direito, enquanto que os dois primeiros são relacionados à questões de fato propriamente ditas, uma vez que se a prova do primeiro dar-se-ia pelo segundo princípio, a eles faltariam uma prova mais consistente. Uma vez que os defensores do inatismo sustentam que é tão evidente a sua posição, Bayle, *a contrario*, entende que é mais evidente ainda que para provar que a ideia inata de um deus foi gravada pela natureza na alma dos homens e não oriunda da educação, é preciso ir aos domínios da história para verificar a veracidade dessa opinião geral:

> Desses três princípios, só o último relaciona-se às questões de direito; os dois outros são uma matéria de fato, pois visto que provam o segundo pelo primeiro, é visível que para estar seguro que a ideia do Ser divino é inata, que ela não vem da educação, mas da Natureza, é preciso buscar na história se todos os homens estão imbuídos da opinião que há um Deus. (*OD* III[*CPD*], p. 196*a*.)[318]

O recurso à história exigido por Bayle é a manifestação absoluta da necessidade de se provar factualmente que em todas as nações e épocas a ideia da existência inata de um deus nos homens sempre esteve presente. Se a educação não teve parte alguma na transmissão dessa opinião, cabe a quem defende que desde o nascimento o homem já traz consigo a concepção de uma divindade, provar não por giros de retórica, mas pela experiência. Não é cabível nesta contenda deduções lógicas,

[318]"De ces trois principes il n'y a que le dernier qui se raporte aux questions de droit; les deux autres sont une matière de fait, car puisque l'on prouve le second par le premier, il est visible que pour être sûr que l'idée de l'Être divine est innée, qu'elle ne vient pas de l'éducation, mais de la Nature, il faut chercher dans l'histoire se tous les hommes sont imbus de l'opinion qu'il y a un Dieu." Sobre a questão do ateísmo de Epicuro, trabalharei mais detalhadamente no capítulo seguinte, mas a seguinte passagem permite antecipar alguma reflexão. Se Bayle em algum momento "pensa" em Epicuro e em outros ateus antigos para dar mais força à sua tese positiva entre ateísmo e moral, como afirma Gianluca Mori, Bayle já toca em um ponto nevrálgico, isto é, dada a existência de um deus de antemão concebida por Epicuro, este não pode ser ateu. Mas, por outro lado, Bayle na verdade se atém à questão propriamente dita, isto é, ateus podem ser virtuosos, o que faz pensar que, se alguma vez entenderam que Epicuro seria ateu justamente por negar uma intervenção divina no comportamento e nas ações humanas, negar a providência divina não é o maior erro que pode ser cometido por alguém,como Bayle já afirmara no parágrafo §197 dos *PD*. Cito a passagem de Mori: "Mesmo se os ateus modernos não são mencionados – Bayle pensa sobretudo em Epicuro e nos outros ateus da Antiguidade -, é, de fato, a mesma posição que ele desenvolverá mais longamente posteriormente, quando ele sustentará formalmente que os ateus podem seguir a lei moral de forma coerente com a sua posição filosófica." (1999, p. 192) Cf. também a respeito dos bons costumes de Epicuro no *Eclaircissement sur les athées*, §VIII, p. 92. In: BOST, Hubert/McKENNA (orgs.) *Les 'Éclaircissements' de Pierre Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2010 [*DHC*, 1740, IV, pp. 627-629, versão fac-símile disponível em: http://artfl-project.uchicago.edu/node/74.]

não-verificáveis por critérios empíricos, já que a questão *per se* exige um algo mais, isto é, adentrar-se nos estudos factuais, nas observações dos relatos de viagens, em suma, é preciso ir além da teologia, e até mesmo de uma certa filosofia, para poder verificar o grau de consistência dos argumentos favoráveis ao inatismo da ideia de deus dentre os homens. A observação dos fatos históricos - analogamente à observação dos fenômenos naturais, como no exemplo do cometa de 1680, o qual em nada significou um presságio de maus acontecimentos – é a pedra de toque bayleana que significa que para demonstrar uma tese sustentada, para ter certeza do que se profere é mister ir ao domínio da história, que aqui é sinônimo de experiência.[319] Segundo Bayle, uma objeção que poderia ser feita é que tanto teólogos como filósofos que acreditassem na ideia inata de um deus poder-se-iam valer de outras provas além da indução ou do deveras questionável consentimento dos povos. Entretanto, tais provas não sendo demonstrativas e tão suscetíveis de serem refutadas devido à sua fragilidade, que mesmo entre a tradição há aqueles que rejeitam absolutamente as ideias inatas, somente mostra que não é nada fácil encontrar um denominador comum sobre a questão. [320] Assim sendo, se os dois primeiros princípios epicuristas são relacionados a questões de fato, então torna-se imperativo "buscar as provas nos monumentos que nos restam dos costumes das nações."(*OD* III[*CPD*], p. 196*a.*)[321]

A alusão às premissas de Epicuro retomadas por Cícero dá ensejo à crítica de Bayle, pois a própria história desmente a pretensa universalidade do inatismo da idéia de deus. O filósofo de Carla coloca em cena o personagem chamado Cotta, um

[319] E é aqui que o papel da história e o dever dos que recorrem a ela se situa nos antípodas da maioria dos sufrágios, já que "é preciso que, em todas as sociedades, o que passou por tempo imemorial e pelo consentimento unânime do público como uma regra de decoro & de pudor seja um primeiro princípio contra o qual seja proibido abrir a boca."["Il faut que, dans toutes sociétez, ce qui a passé de tems immémorial & du consentiment unanime du public pour une regle de bienséance & de pudeur soit un premier principe contre lequel il soit défendu d'ouvrir la bouche."] *Éclaircissement sur les obscénités*, in: BOST, McKENNA, *op.cit*., p. 105[*DHC*, IV, p. 656, versão fac-símile].

[320] "Ireis dizer-me que os Teólogos & e os Filósofos, que creem que a ideia de Deus é inata, possuem ainda outras provas que a da indução, ou a que tiram do consentimento dos povos. Eu concedo-vos, mas como as outras provas não são demonstrativas & que, ao contrário, elas estão sujeitas a tantas dificuldades, que há seitas inteiras & muitos grandes filósofos que, em meio ao próprio Cristianismo, rejeitam tudo o que afirmam no tocante às ideias inatas, o segundo princípio de Epicuro será sempre um problema, se ele não é bem provado pelo princípio precedente."["Vous m'allez dire que les Théologiens & les Philosophes, qui croient que l'idée de Dieu est inée, ont encore d'autres preuves que celle de l'induction, ou que celle que se tire du consentemente des peuples. Je vous l'accorde, mais comme les autres preuves ne sont point démonstratives, & qu'au contraire elles sont sujettes à tant de difficultez, qu'il y a des sectes entières & de très-grands Philosophes, qui au milieu même du Christianisme, rejettent tout ce qu'on avance touchant les idées innées, le second principe d'Epicure sera toujours um problême, s'il n'est bien prouvé par le principe précédent."(*OD*, III[*CPD*], p. 196*a.*)

[321]"[...]chercher les preuves dans les monumens qui nous restent des moeurs des nations."

interlocutor de Velleius, que justamente vai discordar das teses do último no que concerne ao consenso dos povos em relação à existência de uma divindade. A tônica do argumento consiste em que muitos ateus - ou mesmo que foram punidos por simplesmente duvidarem de que um deus existe - não se revelaram como tais por temerem punições severas quanto à sua posição não-religiosa. E esse silêncio imposto por sanções foi o suposto aval à tradição para entender que sempre todos acreditavam que os deuses existiam:

> Imagino que o Epicurista Velleius tinha bem se assegurado que as pesquisas históricas não lhe seriam contrárias, mas Cotta, um dos outros interlocutores de Cícero não julgava desse modo. Como você aprendeu os sentimentos dos povos, pergunta-lhe, os sentimentos das nações? Ele acrescenta que acredita que há muitos povos bastante brutais por não ter nenhuma tintura de religião; ele nomeia alguns Filósofos que foram Ateus, & ele conjectura que a pena de Protágoras condenado ao banimento pela simples dúvida da existência dos Deuses, impedira que vários outros Ateus declarassem seu sentimento. (*OD* III[*CPD*], p. 196*a*.)[322]

Bayle é meticuloso: a intervenção do personagem citado é o ponto de viragem da argumentação contra o epicurista que defende as ideias inatas. Se outros que não acreditaram em tais ideias não manifestaram a sua oposição, foi unicamente pela força das circunstâncias, filósofos que, impedidos de proferirem suas posições quanto à validade da unanimidade de uma opinião tida como onipresente em todas as épocas e lugares, resignaram-se ao silêncio para preservarem as suas vidas. Contra a convicção do epicurista de que os fatos históricos estariam a seu favor, seu interlocutor evoca a própria história para retorquir o seu argumento. O poder persuasivo e principalmente de caráter prático do *consensus universalis*, uma vez que alguns poucos não o aceitam faz Bayle tocar em um assunto de caráter fundamental: a impossibilidade da liberdade de pensamento em um contexto no qual alguém não aderindo por sólidas razões a uma ideia preponderante, corre o risco de ser vencido não pelos ditames e instrumentos da razão, mas da força.[323]

---

[322]"Je m'imgine que l'Epicurien Velleius se tenoit fort assuré que les recherches historiques ne lui seroient pas contraires, mais Cotta l'un des autres interlocuteurs de Cicéron n'en jugeoit pas de la sorte; Comment avez-vous apris, lui demande-t-il les sentimens des nations? Il ajoûte qu'il croit qu'il y a beaucoup de peuples assez brutaux pour n'avoir aucune teinture de religion; il nomme quleques Philosophes qui ont été Athées & il conjecture que la peine de Protagoras pour le simple doute de l'existence des Dieux, empêcha que plusieurs autres Athées ne déclarassent leur sentiment."

[323] Nesse sentido, Élisabeth Labrousse diz: "Se alguns teólogos [e filósofos] colocam tanta obstinação em negar a possibilidade do ateísmo, é que esta negação é solidária da demonstração da existência de Deus pelo *consensus* universal ao qual eles se atêm obstinadamente." (1964[1996], p. 105)

Uma aporia é apresentada por Bayle: para ser legítimo o argumento da onipresença da ideia de deus entre os homens em todos os momentos da história é necessário "conhecer todas as nações do mundo." (*OD* III[*CPD*], p. 196*a*) Diante dessa impossibilidade, surge uma outra, a saber, não seria suficiente saber se todos os povos detinham o conhecimento de uma divindade, e sim demonstrar se somente existiram esses mesmos povos conhecedores dessa ideia sobre a terra. (*Id. Ibid*.). Segundo Bayle isso não passaria de uma ilusão, pois somente bastaria um exemplo contrário para fazer desmoronar a tese adversária:

> Logo, é do que Velleius não podia estar seguro, & e se ele tinha acreditado, estaria em uma ilusão pueril. Os Romanos só conheciam uma pequena parte do mundo habitável, & hoje mesmo após tantas descobertas no Oriente e no Ocidente, quanto há de povos os quais ignoramos as leis & os costumes? Se Cotta tivesse alegado dois exemplos de nações Ateias, uma na Espanha, a outra na África, ele teria derrubado o raciocínio de seu adversário. (*Id. Ibid*., p. 196*b*.)[324]

Conforme a passagem citada, não precisa muito para refutar solidamente as premissas dos defensores do consentimento universal. Um único exemplo concreto, que o interlocutor não cita, mas Bayle cita diversos exemplos, faria com que a legitimidade do argumento inatista sofresse um duro golpe à medida que desconsidera provas de cunho empírico que possam comprometer seu estatuto de verdade. A indagação a respeito de quantos povos eram desconhecidos na época de Bayle mostra o desconhecimento e os limites de um eurocentrismo propagador de valores religiosos, sociais e políticos bastante questionáveis, desprezando toda uma documentação que mostra o contrário do que eles pensavam acerca dos povos não-europeus.[325] Como lhe é peculiar, Bayle vale-se da ironia para descreditar de vez os argumentos de seus adversários:

> Porque se ele [Cotta] encontrasse povos que só tivessem um olho, & que o tivessem no meio da fronte, como disseram dos Ciclopes, poder-se-ia

[324]"Or c'est de quoi Velleius ne pouvoit pas être assuré, & s'il l'avoit cru il auroit été dans une illusion puerile. Les Romains ne connoissoient qu'une petite partie du monde habitable, & aujourd-hui même après tant de découvertes à l'Orient & à l'Occident,combien y a-t-il de peuples dont nous ignorons les loix & les moeurs? Si Cotta eût allegué deux exemples de nations Athées, l'une en Espagne, l'autre en Afrique, il eût renversé le raisonnement de son adversaire."

[325] Neste sentido, Bayle está na direção contrária, sendo um verdadeiro "promotor" dos *récits* de viagens. Nas palavras de Charnley: Fatos *versus* Religião, experiência *versus* autoridade, a separação de fé e moralidade, crença no progresso e métodos comparativos, o abalo da certeza em um mundo já não fixo, todas essas eram as mensagens transmitidas pelos *récits* e promovidas pelos filósofos."(1998, p. 16)

> somente pretender que ter dois olhos seja uma propriedade que emana necessariamente da natureza do homem, & pode ser mesmo que bastaria para refutar essa pretensão, que nasce de tempos em tempos em diversos países do mundo alguns Ciclopes.Vede-vos então que Velleius não batia com pedra e cal: tinha contra ele alguns particulares que Cotta lhe articulara, & e pôde contradizê-lo pelo exemplo de algumas nações inteiras. Os relatos desses últimos tempos fornecem uma quantidade de outros exemplos. Jean de Leri não é o único que tem falado de certos povos Ateus. [326](*OD* III[*CPD*], p. 196*b*.)

Um único episódio que vá de encontro a argumentações tidas como perenes e não suscetíveis de retorsão desvalida toda a sua lógica. Se há proposições de evidência inegável, como, por exemplo, o todo é maior que a sua parte ou todos os homens almejam ser felizes, não é preciso temer que o que foi descoberto em outras partes do mundo contradiga tais axiomas, pois isso pode ser proferido "sem temeridade, ainda que não se tenha feito nenhuma viagem."(*Id. Ibid*.)[327] Contudo, por mais evidência que um axioma possua, sua certeza deveria ser questionada e, por conseguinte, abandonada, quando "descobrissem em algum canto da terra um todo menor que a sua parte, & alguns homens que amariam seu infortúnio enquanto infortúnio."(*OD*, III[*CPD*], p. 196*b*)[328] Isso significa que uma proposição afirmada em seu caráter geral não possui per se evidência alguma, uma vez que sempre será refutada pela história.[329]

---

[326] "Car s'il se trouvoit des peuples qui n'eussent qu'un œil, &qui l'eussent sous le milieu du front, comme on l'a dit des Cyclopes, on ne pourroit plus prétendre qui émane necéssairement de la nature de l'homme, & peut-être même qu'il naquit de tems en tems en divers païs du monde quelques Cyclopes. Vous voïez donc que Velleius ne bâtissoit à pierre & à chaux: il avoit contre lui l'exemple de quelques particuliers que Cotta lui articula, &l'on eût pu le contredire par l'exemple de quelques nations entiéres. Les relations de ces derniers tems fournissent quantité d'autres exemples. Jean de Leri n'est pas le seul qui ait parlé de certains peuples Athées."Esses "certos povos ateus" mencionados por Leri segundo Bayle, dentre os quais está o Brasil. Leri,que era Ministro em Genebra em 1558, foi em uma expedição ao Brasil em 1555. Bayle utiliza uma tradução de sua *Histoire d'un voyage fait au Brésil*. Nesta obra, consta, nas palavras de Bayle: "Prestam muita atenção em uma coisa que o Autor [Leri] observa é que *ao olhar do que se nomeia religião entre os outros povos, pode-se dizer abertamente que não somente esses pobres selvagens não a tendo, mas também que, se há nação que esteja & viva sem Deus no mundo, verdadeiramente são eles*." [On a fait beaucoup d'attention à une chose que l'Auteur [Leri] c´'est *qu'au regard de ce qu'on nomme Religion parmi entre les autres peuples, que não somente esses pauvres sauvages n'en ont point, mais qu'aussi s'il y a nation qui soit & vive sans Dieu au monde, ce sont vraiment eux.*"(itálicos de Bayle)]. (*DHC*, 1740, III, p. 94, remarque A.) Cf. também CHARNLEY, *op.cit*., p. 36, onde a autora defende que Bayle está mais interessado sobre a contenda catolicismo-protestantismo do que propriamente interessado nos selvagens brasileiros. Mas ainda vale o argumento inicial, isto é, a existência documental ou documentada de povos que viviam sem noção de deus alguma. Ver também MORISOT, Jean-Claude. "'L'Histoire d'un voyage fait em la terre du Brésil' de Jean de Léry", In: *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, 1975, n. 27. A argumentação do autor é a seguinte: Lery, fascinado pelos costumes dos selvagens brasileiros, é por meio de suas observações do *outro*, que ele reavalia criticamente os costumes europeus. Sobre a questão do ateísmo, ver em particular pp. 36-37.

[327]"Il ne faut point craindre que les relations du nouveau monde nous démentent sur cela; on le peut affirmer sans temerité, quoiqu'on n'ait fait aucun voïage."

[328]"[...]si l'on découvroit dans quelque coin de la terre un tout plus petit que sa partie, & quelques hommes qui aimeroient leur malheur entant que malheur."

[329] Este é o erro no qual Velleius incorreu, isto é, não se aperceber que argumentações de cunho geral

Segundo Bayle, os povos que viviam sem a ideia de um deus jamais tiveram religião devido à impossibilidade de um povo inteiro passar de tal situação ao ateísmo. A religião uma vez instaurada em uma nação, aí perdura para sempre por motivos de interesse seja pela felicidade terrena ou espiritual:

> Cotta poderia opor-lhe uma instância que o incomodaria. Um e outro ignoravam o que a palavra de Deus nos ensina sobre a origem do gênero humano. É porque Cotta poderia objetar a Velleius que os povos que viviam sem Deus na Espanha & na África jamais tiveram religião, pois não parecia possível de forma que um povo inteiro passe da religião ao Ateísmo. A religião é uma coisa que sendo uma vez estabelecida em um país, aí deve durar eternamente. Atêm-se aí por motivos de interesse, pela felicidade temporal & e pela felicidade eterna. (*OD*, III[*CPD*], p. 197*a*.)[330]

Passagem complexa, que possibilita extrair algumas reflexões. A primeira coisa é que, em seu estado original, tais nações eram atéias, uma vez que não tinham a menor ideia do que seria um deus, nem do que seria uma religião. A segunda coisa é que a religião, não sendo natural aos povos selvagens, só veio posteriormente, por meio de missões e expedições, com seu corpus de dogmas, crenças, costumes e rituais. Bayle aponta para a dificuldade de toda uma nação passar de um estágio religioso ao ateísmo, justamente porque quando uma doutrina aparece e se estabelece, não há como mais retirá-la de um determinado lugar, devido à conformidade da religião com à mentalidade popular.[331] Contudo, eis uma questão: se a religião foi tão inoculada durante todas as épocas e lugares nas mentes e nos corações dos homens, vale ressaltar que essa conformidade é posterior ao estabelecimento de uma religião e não anterior, como se a religião ou um sentimento religioso fosse parte constituinte da natureza humana. O próprio Bayle diz na *Réponse*:

---

sempre serão submetidas à provas empíricas, neste caso, a história: "Velleius aqui não encontraria sua vantagem: a proposição que ele afirmava no sentido mais geral, não tem nela mesma a evidência dessas duas outras, & encontra-se desmentida pelos relatos dos historiadores." ["Velleius ne trouveroit pas ici son compte: la proposition qu'il afirmoit dans le sens le plus général, n'a point en elle-même l'évidence de ces deux autres, & se trouve démentie par les relations des historiens."] (*OD*, III[*CPD*], p. 196*b*.)

[330]"Cotta eût pû lui opposer une instance qui l'eût mis en peine. Ils ignoroient l'un & l'autre ce que la parole de Dieu nous aprend de l'origine du genre humain. C'est pourquoi Cotta eût pû objecter à Velleius, que les peuples que vivoient sans Dieu en Espagne & en Afrique, n'avoient jamais eu de religion, car il paroît nullement possible qu'un peuple entier passe de la religion à l'Athéisme. La religion est une chose qui étant une fois établie dans un païs, y doit durer éternellement. On s'y attache par des motifs d'intérêt, pour la félicité temporelle, & pour la felicité éternelle."

[331] Segundo Gianluca Mori, "diferentemente de Voltaire, Bayle não quer esmagar a infame. Ele crê que a religião é tão conforme à mentalidade dos homens, e notadamente do povo, que é impossível que uma nação inteira passe de uma religião (seja qual for) à incredulidade."(1999, p. 24)

> Se a religião fosse um atributo essencial à espécie humana, não ter-se-ia necessidade nem de viagens, nem de relatos de viagens para poder dizer verdadeiramente que todos os povos do mundo reconhecem a divindade, sempre reconheceram & a reconhecerão sempre. Só precisaria, para estar bem seguro desta proposição universal, considerar a ideia que se tem do homem. (*OD*, III[*RQP* II] p. 693*b*.)[332]

Esta proposição nada tendo de universal não poderia escapar à crítica de Bayle em meio a tantas provas de seu oposto. Ora, se é inválida, como diz Mori, toda investida contra a religião para erradicá-la de uma vez por todas da esfera política e social, porque "ela pareceu útil aos políticos para conservar a ordem da sociedade" (1999, p. 24), parece-me que que o problema se situa em outro plano: se Bayle reconhece que é impossível extinguir a religião da sociedade[333], em nada isso desvalida seu argumento inicial, a saber, que a religião e tampouco a ideia de deus são naturais ao homem. Se a religião está "tão enraizada na cultura humana" ao ponto de um ateu confessar isso (*Id. Ibid.*), isto não passa dos limites da obviedade. O que importa é que o estágio inicial dos povos não era religioso e não possuía a concepção de divindade. Em termos voltairianos, a "infame" a ser esmagada aqui não seria a religião institucionalmente com seus templos e igrejas, e sim a proposição mais do que desgastada que consiste ainda em defender que religião e natureza se equivalem, ou melhor dizendo, que um sentimento religioso e toda concepção de deus seriam naturais ou inerentes à espécie humana. Em uma palavra, *não* é da essência, ou por definição, do homem ser religioso.[334]

---

[332]"Si la religion étoit un attribut essentiel à l'espece humaine, on n'auroit besoin ni de voyages, ni de relations de voyages, pour pouvoir dire veritablement que tous les peuples du monde reconoissent, & l'ont toujours reconnue, & la reconnoîtront toujours. Il ne faudroit pour être bien assuré de cette proposition universelle, que considerer l'idée que l'on a de l'homme."

[333] "De tais sentimentos que se nutre com o leite o espírito de uma nação nunca se afasta; eles podem modificar-se de diversas maneiras; quero dizer que se pode mudar de cerimônias ou de dogmas, seja pela veneração de um novo doutor, seja pelas ameaças de um Conquistador; mas elas não saberiam desaparecer completamente, visto que, sobretudo, as pessoas que querem forçar os povos em matéria de religião, não o fazem jamais para conduzi-las ao Ateísmo."[De tels sentimens que l'on suce avec le lait ne s'effacent point de l'esprit d'une nation; ils peuvent se modifier em plusieurs manières; je veux dire que l'on peut changer de cérémonies ou de dogmes, soit par la vénération d'un nouveau docteur, soit par les menaces d'un Conquérant; mais ils ne sauroient disparoître tout-à-fait, vû sur-tout que les personnes qui veulent contraindre les peuples en matière de religion, ne le font jamais pour les porter à l'Athéïsme."](*OD* III[*CPD*], p. 197*a*)Ver também *Id. Ibid.*[*RQP* II], p. 703*a*.

[334] "Ver-se-ia claramente esta verdade, sem servir-se da indução, como aí se vê sem esta via que todos os homens são animais racionais. Mas, porque a religião é acidental à nossa espécie, como pareceria do que se supõe que um homem é privado de religião, não se deixa de conhecer que a essência, ou que a definição de homem convém-lhe ainda totalmente; não se pode estar assegurado sem se servir da indução, que todos os povos da terra dão seu consentimento à existência divina."[On y verroit clairement cette verité, sans s'être servi de l'induction, comme l'on voit sans cette voye que tous les hommes sont des animaux raisonnables. Mais parce que la Religion est acidentelle à notre espece, comme il paroît de ce que si l'on suppose qu'un homme est privé de religion, on ne laisse pas de connoître que l'essence, ou que

Aparentemente concedendo a seus adversários, Bayle vai investigar a origem das religiões, isto é, qual foi o momento propício para que elas fossem estabelecidas, propagadas e cristalizadas entre os povos selvagens. Estando em seu estágio originário, o de desconhecimento da ideia de um deus, tais povos saíram de tal condição quando uma suposta providência divina fez com surgissem pessoas distintas por suas qualidades e capacidade de predicar, dando origem às repúblicas e formaram sábias leis. E, segundo Bayle, principalmente pela introdução do culto a uma divindade, foi possível fazer com que se interessassem pelas artes e pelas ciências:

> Como então há povos que não admitem nenhuma divindade, é preciso concluir que estavam nesse estado desde sua primeira origem, & que eles jamais saíram desta antiga & bárbara condição a qual o gênero humano apodreceu, até que a Providência suscitasse algumas pessoas distintas por sua virtude & por seu espírito, que formaram repúblicas, & e ornaram-nas com belas leis. Seus cuidados civilizaram os homens selvagens, & deram-lhes um novo gosto pela introdução das artes & das ciências, & principalmente pela introdução do culto dos Deuses; mas alguns povos foram privados desta vantagem, seja que eles não tenham encontrado um hábil legislador, seja que sua estupidez feroz os tornou muito incapazes de cultura. É certo que se põe a religião entre as coisas que foram estabelecidas por aqueles que retiraram do estado selvagem o gênero humano. (*OD* III[*CPD*], p. 197*a*.)[335]

Bayle mostra como se deu o processo de saída de um povo de sua condição inicial, a saber, ateu, para uma outra etapa, a da civilização, por meio de pessoas "eleitas" pelos deuses para a tarefa de elevarem os selvagens a um nível mais racional, fazendo com que abandonem seus costumes primevos. Se esses povos eram bárbaros, estando na pior condição do gênero humano, necessitando serem introduzidos nos domínios das ciências e das artes para cultivarem o gosto por ambas, Bayle vai no ponto crucial: o processo civilizatório teve como escopo principal estimular nos selvagens o culto aos deuses. Mesmo tendo exceções, ou seja, alguns desses povos não

---

la définition de l'homme lui convient encore totalement; on ne peut être assuré, sans se servir de l'induction, que todos os peuples de la terre donnent leur consentement à l'existence divine."](*OD* III[*RQP* II], p.693*b*.)

[335]"Comme donc il y a des peuples qui n'admettent aucune divinité, il faut conclure qu'ils ont été dans cet état dès leur première origine, & qu'ils ne jamais sortis de cette ancienne & barbare condition oú le genre humain a croupi, jusques à ce que la Providence suscitât quleques personnes distinguées par leur vertu & par leur esprit, qui ont formé des républiques, & les ont ornées de belles loix. Leurs soins ont civilisé les hommes sauvages, & leur ont donné un nouveau goût par l'introduction des arts & des sciences, & principalement par l'introduction du culte des Dieux; mais quelques peuples ont été privez de cet avantage, soit qu'ils n'aient point rencontré un habile législateur, soit que leur stupidité féroce les rendît trop incapables de culture. Il est certain que l'on met la religion parmi les choses qui ont établies par ceux qui ont retiré de l'état sauvage le genre humain."

desenvolveram esse gosto por sua ignorância invencível ou pela ausência de um legislador que fosse capaz de fomentá-lo, seria hipoteticamente inquestionável que a religião teve papel fundamental para retirar esses povos de seu estado original.[336] Mas se Bayle reduz as proposições de seus opositores a uma questão de fato, urgindo a necessidade de provar empiricamente que todos os homens possuem naturalmente a ideia de que há um deus, é aí que reside toda a dificuldade, pois tais princípios são incompatíveis com a experiência: "Mostrei-vos que eles se reduzem a um ponto de fato, que a experiência, o grande meio da decisão, lhe é contrário."(*OD* III[*CPD*], p. 197*b*.)[337]

Na *Réponse*, respondendo às objeções de Jacques Bernard, a questão ganhará um contorno mais preciso e um maior aprofundamento à medida que Bayle vai verificar se os argumentos de Bernard são válidos tanto sob o crivo da lógica como vai examinar se são válidos pela experiência, "após ter comparado no todo as razões do pró & do contra."(*OD*, III[*RQP* II] p. 691*a*.)[338]Eis o início da questão: Bayle examinará a proposição que consiste em jamais rejeitar uma opinião quando ela é aceita por todos, pois refutar tal opinião suscitaria tantas dificuldades que seria quase que impossível confrontá-la. (*Id. Ibid*.) Bayle expõe a analogia que Bernard faz de seu argumento principal aos axiomas matemáticos, que a certeza de uma opinião tradicional é tão certa quanto três ângulos de um triângulo equivalem a duas retas, não dando margem alguma a possíveis contestações a respeito. Daí a conclusão de seu adversário: se uma opinião tem como fundamento razões claras e evidentes, ela torna-se inquestionável mesmo em seu âmago acarretando diversas dificuldades oriundas da estreiteza do espírito humano, e que não ocorrendo dessa forma, a consequência fatal seria o pirronismo. Em um primeiro momento, Bayle parece estar de acordo com seu opositor, ao pirrônico seria

---

[336] Segundo Bayle, seria um possível argumento, mas quando um exemplo contrário é comprovado pela experiência, o que era argumento se transforma em pura retórica: "Eis, Senhor, uma instância que Velleius teria então dificuldade de sair, se ela tivesse-lhe sido proposta como poderia sê-lo em tempo. Mas não tendo nenhuma consideração por esta dificuldade, podereis compreender alhures quanto é fraco & caduco o raciocínio desse filósofo. Poque dos três princípios que lhe servem- de fundamento, os dois primeiros caem já que eles não estão à prova das luzes históricas."["Voilà, Monsieur, une instance dont Velleius auroit eu bien de la peine à se tirer, si elle lui eût été proposée comme elle pouvoit être en ce tems-là. Mais sans avoir nul égard à cette difficulté vous pourrez comprendre d'ailleurs combien est foible & caduque le raisonnement de ce philosophe. Car des trois principes qui lui servent de fondement, les deux premiers tombent dès-là qu'ils ne sont point à l'épreuve des lumières historiques."] (*OD* III[*CPD*], p. 197*ab*.)

[337]"Je vous ai montré qu'ils se réduisent à un point de fait, que l'expérience, le grand moïen de la décision, leur est contraire."

[338]"[...]après avoir comparé ensemble les raisons du pour & du contre."

necessário admitir a força da argumentação em determinados casos, pois dentre as suas dúvidas, surge a necessidade de pelo menos reter em seu espírito algo de certo:

> Esta conclusão me parece verdadeira, & e eu creio mesmo que a maior parte dos Pirrônicos a admite em certos casos. Podem eles impedirem-se de crer, que visto que hoje exista alguma coisa, há algum ser que não tenha tido um começo? Não parece evidentemente possível que tenha hoje alguma coisa se nada fôra eterno? Então é forçoso convir como uma verdade necessária que nós fomos precedidos de uma eternidade. Se essa eternidade é sucessiva, ela é combatida por objeções intransponíveis: se ela é somente um instante, as dificuldades que ela encerra são ainda mais insolúveis e mais incompreensíveis. Há então algum dogma que os Pirrônicos mesmos devem reter, ainda que eles não possam resolver as objeções que os combatem. (*OD* III[*RQP* II], p. 691*b*.][339]

Valendo-se de analogias com os saberes matemáticos, Bernard tenta assentar a veracidade de sua premissa, isto é, toda opinião consentida pela maioria no decorrer dos tempos que não admite objeção alguma equivale à evidência de um axioma geométrico que uma vez postulado, o máximo que podem objetar-lhe são contra-argumentos improcedentes. Neste sentido, os pirrônicos, para além de sua característica peculiar que é a de colocarem em dúvida a força de premissas argumentativas, teriam de admitir um *minimum* de veracidade em determinadas proposições que lhes são apresentadas. Contudo, Bayle faz uma consideração: não é a suposta insolubilidade de um debate que vai impedir um cético de lançar as mais difíceis objeções contra quem apresenta um argumento que tem a pretensão de ser aporético. Neste sentido, sob a pena do filósofo de Carla é traçado o mais corrosivo ceticismo, já que a legitimidade de uma disputa é fazer com que os adversários enredarem-se com os problemas e os limites de suas afirmações:

---

[339] "Cette conclusion me paroît fort veritable, & je crois même que la plupart des Pyrrhoniens l'admettent en certains cas. Peuvent-ils s'empêcher de croire, que puisqu'aujourd'hui existe quelque chose, il y a quelque être qui n'a point eu de commencement? Ne paroît-il pas évidemment impossible qu'il ait aujourd'hui quelque chose, si rien n'a été éternel? On est donc forcé à convir como d'une verité necessaire, que nous avons été precedez d'une éternité. Si cette éternité est sucessive, elle est combattue par des objections insurmontables: si elle n'est qu'un instant, les dificultez qu'elle entraine sont encore plus insolubles & plus incomprehensibles. Il y a donc quelque dogme que les Pyrrhoniens mêmes doivent retenir, quoiqu'ils ne puissent resoudre les objections qui les combattent."A necessidade de, em última instância, reter algo de certo em meio a objeções levantadas, é o limite do pirronismo, mesmo estes sendo pessoas que "fazem profissão de não admitir nenhum signo certo de distinção entre o verdadeiro & o falso: de sorte que se por acaso a verdade se mostrasse a eles, não poderiam jamais assegurarem-se que fosse a verdade."["...font profission de n'admettre aucun signe certain de distinction entre le vrai & le faux: de sorte que si par hazard la vérité se montroit à eux, ils ne pourroient pas jamais s'assûrer que ce fût la vérité."] *Éclaircissement sur les pyrrhoniens* – doravante *ESP* – in: BOST/McKENNA, *op.cit.*, p. 62 [*DHC*, 1740, IV, p. 642.]

> Mas isto não impede que, no método legítimo de disputar, seja permitido reduzir seus adversários, se possível, à infeliz tarefa de reconhecer que eles não saberiam sair das objeções que lhes propõem. Todos os que se unem à polêmica, buscam ardentemente a obter uma tal vantagem; eles não poupam nada para aí alcançar, & arruínam por esta via uma infinidade de erros; porque aí não existem pessoas tão expostas ao desgosto de não poder satisfazer às objeções que aqueles que ensinam dogmas absurdos.(*OD* III[*RQP* II], pp. 691*b*-692*a*.)[340]

Contra os lugares-comuns dogmáticos, o ceticismo mostra os seus recursos. Bayle mostra que uma autêntica disputa exige que exponha objeções contundentes ao adversário, que faça ele se perder dentre as contradições internas de seus argumentos, que o faça ver os limites do que afirma peremptoriamente. Fazer vir à tona as absurdidades discursivas em um debate filosófico é o maior desconforto que poderia ser proporcionado àqueles que as defendem, convencidos de que são capazes de resolver todos os problemas de ordem lógica que suas proposições apresentam. Ora, se Bayle diferencia entre solucionar uma questão levantada e expô-la à problemas, este último procedimento é deveras fundamental e característico do cético, pois apontar as limitações de uma tese é o *leitmotiv* de um debate. Sem dúvida, seria infrutífero limitar-se somente a expor os contrários de uma proposição, sendo que esta etapa é somente um começo, uma propedêutica à tentativa de resolver um problema, já que entender *a priori* que uma questão já está resolvida sem desdobrá-la, examiná-la e esgotá-la – se possível - não passa do mais cego e empedernido dogmatismo.[341]

Bayle ataca os argumentos de Bernard no que concerne à questão de direito, isto é, se tudo que a pluralidade das vozes acreditou e deu aval é verdadeiro, e também examina a questão de fato, se todos os povos acreditaram em um deus. Segundo Bayle, a primeira proposição não é evidente *per se*, podendo ser descartada ou aceita "quando se tem conhecimento do mundo, seja por ter viajado, seja por ter lido diversos relatos de viagens."(*OD*, III[*RQP* II], p. 692*a*.)[342] Constatando-se que em cada nação existe uma considerável quantidade de erros e que esses mesmos são encontrados em diversas

---

[340] "Mais cela n'empêche pas que dans la méthode la plus legitime de disputer, il ne soit permis de reduire ses adversaires, si on le peut, à la fãcheuse necessité de reconnoître qu'ils sauroient se tirer des objections qu'on leur propose. Tous ceux que se mêlent de la polemique, cherchent ardemment à se procurer un tel avantage; ils n'épargnent rien pour y parvenir, & ils suïvent par cette route une infinité d'erreurs; car il n'y a point de gens aussi exposez au chagrin de ne pouvoir satisfaire aux objections, que ceux que enseignent des dogmes absurdes."

[341]"Visto que é ordinário & útil servir-se deste método, ninguém saberia ser racionalmente culpado de empregá-lo, quando mesmo fosse contra dogmas geralmente recebidos."["Puis donc qu'il est ordinaire, & qu'il est utile de se servir de cette méthode, personne ne sauroit être raisonnablement blâmé de l'employer, quand ce seroit même contre des dogmes generalement reçus."](*OD*, III[*RQP* II], p. 692*a*.)

[342]"[...]lorsqu'on a beaucoup de connoissance du monde, soit pour avoir voyagé, soit pour avoir lû plusieurs relations de voyages."

nações, logo, é provável que todas elas possam estar mergulhadas no erro. Nesse sentido, "se a proposição a qual se trata não é evidente por ela mesma, tem a necessidade de ser provada."(*Id. Ibid.*)[343] Uma vez apresentada uma premissa que não seja evidente por si mesma, isto é, que falta clareza em sua cadeia de raciocínio e imaginando que somente sua conclusão lógica dará conta de resolver um problema, ela necessitará de uma prova mais sólida. Bayle indagar-se-á como será essa prova, a saber, basta somente afirmar uma opinião já proferida por toda uma tradição ou é mister aplicar a via do exame?

> Mas como a provarão? Será dizendo que uma coisa adotada por todos os povos é de uma tal proporção com a alma humana, que nós podemos discernir facilmente a verdadeira imagem & encontrar em nós bastante recursos para evitar toda sedução; de modo que nenhum dos motivos que fazem-nos errar sobre outras matérias, a falta de exame, a obscuridade dos objetos, a estupidez, cupidez, a credulidade, a prevenção & etc não podem aqui prejudicar-nos? Tudo isso é tão provável como o que alegar-se-ia para refutá-lo. Dirão então que, quando todos os povos creem em uma coisa, é um signo que ela está em nossa alma por ideias inatas? (*Id. Ibid*., p.692*ab*.)[344]

Bayle aponta uma série de fatores que, ao invés de confirmar a evidência de uma opinião, colocam-na em xeque. Não é deveras suficiente os homens tentarem buscar em si mesmos recursos, uma vez que existe toda uma torrente de motivos de ordem interior – a estupidez, cupidez, credulidade, prevenção – e de ordem exterior – a obscuridade dos objetos – que influem decididamente em determinados julgamentos, que na verdade não passam de pré-julgamentos. Ora, somente limitar-se a dizer uma proposição e daí inferir a sua certeza, só mostra que a sua negação também pode ser possível, justamente pelo caráter *relativo* da evidência.[345] Bayle descarta a concepção

---

[343]"[...] si la proposition dont il s'agit n'est point évidente par elle-même, elle a besoin qu'on la prouve."

[344]"Mais comment la prouvera-t-on? Sera-ce en disant qu'une chose adoptée par tous les peuples, est d'une telle proportion avec l'ame humaine, que nous pouvons discerner facilement la vraye image & trouver en nous assez de resources pour éviter toute seduction; de sorte qu'aucun des motifs qui nous font errer sur d'autres matières, le défaut d'examen, l'obscurité des objets, la stupidité, la cupidité, la credulité, la prevention, &c, ne peuvent ici nous nuire? Rien de tout cela n'est aussi probable que ce que l'on allegueroit pour le refuter. Dira-t-on que quand tous les peuples croyent une chose, c'est un signe qu'elle est dans notre ame par des idées innées?"

[345] Argumento que Bayle expôs há oito anos antes em seu *Commentaire philosphique*: "[...] porque além de que é ir longe demais dizer que as matérias controversas são claras como o dia, todo mundo sabe ou deve saber que a evidência é uma qualidade relativa; é porque dificilmente podemos responder, senão a respeito das noções comuns, que o que nos parece evidente, também deva parecer a um outro. Esta evidência que encontramos em certos objetos pode vir ou do viés segundo o qual nós os contemplamos, ou a proporção que se encontra entre nossos órgãos e eles, ou a educação e o hábito, ou algumas outras causas; assim, não há consequência de nós a nosso próximo, porque um outro homem não contempla as coisas do mesmo viés que nós, não tem os órgãos que servem à compreensão modificada como nós, não

naturalista da certeza de uma opinião, isto é, o consentimento geral não é natural e sim adquirido e transmitido perpetuamente em um determinado contexto social, religioso e político. Por outro lado, se as opiniões comuns fossem a "voz da Natureza" não seria menos complicado valer-se desse argumento, pois a natureza humana não passa de um amálgama de corrupção, equívocos e vícios de toda espécie:

> Dirão que as opiniões comuns a todos os povos só podem ser a voz da Natureza? Mas que se poderia ganhar por aí, visto que a natureza humana é um fundo tão corrompido, & uma fonte de tantos vícios & de tantos erros, que é mais provável concluir de que uma coisa enquanto ela seja falsa que ela é má, que concluir que é verdadeira, que é boa?Depois então que seria constante que é uma voz da Natureza, tratar-se-ia de examinar se é uma verdade ou um erro. É então inútil estabelecer que é uma voz da Natureza. (*OD*, III[*RQP* II] p. 692*b*.)[346]

O pessimismo antropológico de Bayle se traduz nessa passagem. Se naturalismo e inatismo tem alguma equivalência, consultando a experiência, tal equação é reduzida a nada perante a fonte inesgotável de vicissitudes que é a natureza humana.[347] É somente um princípio vulnerável e sempre passível de ser desmentido, uma vez comparado a outras razões e a outros critérios empregados, sucumbindo aos próprios fatos. Se uma opinião entendida como algo que emana da natureza fosse verdadeira, precisaria ser dito que sê-lo-ia não enquanto *vox natura*, mas algo absolutamente distinto, pois "se fosse um fundamento necessário da verdade, tudo que

---

foi educado como nós, e assim de resto. Várias pessoas observam um mesmo quadro, obra-prima de um Michelângelo, e aí fazem mil julgamentos diferentes."["...car outre que c'est trop s'avancer que de dire que les matières controversées sont claires et évidentes comme le jour, chacun sait, ou doit savoir, que l'évidence est une qualité relative; c'est pourquoi nous ne pouvons guère répondre, si ce n'est à l'égard des notions communes, que ce qui nous semble évident le doit paraître aussi à un autre. Cette évidence que selon lequel nous les envisageons, ou de la proportion qui se trouve entre nos organes et eux, ou de l'éducation et de l'habitude, ou de quelques autres causes; ainsi il n'y a point de conséquence de nous à nôtre prochain, parce qu'un autre homme n'envisage pas les choses du même biais que nous, n'a pas les organes qui servent à la compréhension modifiée comme nous, n'a pas été élevé comme nous, et ainsi du reste. Plusieurs personnes regardent un même tableau, chef-d'oeuvre d'un Michel-Ange, et en font mille jugements différents."] (*Cph*, 1992, II, i, pp. 188-189; *OD* II[*CPh*], p. 396*b*.]

[346] "Dira-t'on que les opinions communes à tous les peuples ne peuvent être que la voix de la Nature? Mais que pourroit-on gagner par-là, puisque la nature humaine est un fond si corrompu, & une source de tant de vices & de tant d'erreurs, qu'il est plus probable de conclure de ce qu'une chose en sort qu'elle est fausse, qu'elle est mauvaise, que de conclure qu'elle est véritable, qu'elle est bonne? Après donc qu'il seria constant que c'est une voix de la Nature, il s'agiroit d'examiner si c'est une verité ou une erreur. Il est donc inutile d'établir que c'est une voix de la Nature." Cf. também *Id. Ibid*., §§CIV-CV; *Id. Ibid*., [*CPD*, §XVII].

[347] Contudo, o pessimismo de Bayle não tem fundamento divino algum, mas constatado pela experiência. Segundo Mori, "Na realidade, se Bayle reconhece o *fato* da miséria humana, ele a explica de maneira muito diferente em relação à Santo Agostinho e a seus discípulos católicos e protestantes. Porque o pessimismo antropológico de Bayle é inteiramente independente, quanto a seus fundamentos filosóficos, de toda doutrina revelada."(1999, p. 327, grifo do autor.)

emana da natureza do homem seria bom e verdadeiro." (*OD* III[*RQP* II] p. 692*b*)[348]

Em seguida, Bayle vai mostrar que a *mineure* do argumento de Bernard é um ponto de fato, a saber, que os povos em sua totalidade admitiram a existência de um deus. Entretanto, essa proposição não é fundada sobre uma noção evidente, mas sobre uma verdade histórica, que só pode chegar à evidência por meio daqueles que deram a volta no globo terrestre, ou por aqueles que entendem como confiáveis o relato de autores que afirmaram que todas as nações possuem uma religião[349]. Entretanto, muitos séculos se passaram e não foi possível constatar a presença de uma religião em determinados povos, já que houve tempos que muitos povos selvagens passaram despercebidos por escritores e viajantes. Bayle atenta para as futuras descobertas a serem feitas em sua época, instaurando um ponto de dúvida na superada opinião da onipresença da religião em todas as nações, pois uma prova contundente ainda não foi apresentada:

> Quantos séculos se passaram, a respeito dos quais não puderam testemunhar a Religião dos povos? Quantas nações existiram que, mesmo durante os séculos históricos não foram conhecidas de nenhum Escritor? Não resta ainda, após tantas descobertas no Ocidente & no Oriente muitos povos a descobrir? Sabe-se nada das terras Austrais? Então, não é possível dar uma boa prova desta proposição, *todos os povos da terra sempre acreditaram na Divindade.* (*Id. Ibid*., p. 693*a*., itálicos de Bayle.)[350]

Relativizando a generalidade característica da pluralidade das vozes, Bayle exige provas de fato. Inúmeros *peuplades* sequer foram registrados pelos viajantes da época, não sendo possível inferir se sempre houve religião e crença em deuses nas mais diversas épocas históricas. As descobertas geográficas possibilitaram enxergar o quanto há de diversidade há para além de determinados domínios, mesmo à revelia de alguns autores mais conservadores, que mesmo sabendo dessas descobertas e de seu registro, ainda insistem na velha cantilena da existência universal de divindades.[351] Segundo

---

[348]"[...]si c'étoit un fondement necessaire de verité, tout ce qui émane de la nature de l'homme seroit bon & véritable."]

[349] "Somente se pode então chegar à evidência por este meio."[" On ne peut bien parvenir à l'évidence par ce moyen-lá."](*OD* III[*RQP* II], p. 693*a*.)

[350]"Combien s'est-il passé de siècles, à l'égard desquels on n'a pû rendre témoignage de la Religion des peuples? Combien y a-t-il eu de nations qui même durant les siècles historiques n'ont été connues d'aucun Écrivain? Ne reste-t-il pas encore après tant de nouvelles découvertes en Occident & en Orient beaucoup de peuples à découvrir? Sait-on rien des terres Australes? Il n'est donc point possible de donner une bonne preuve de cette proposition, *tous les peuples de la terre ont toûjours cru la Divinité*."

[351] A leitura de tais relatos por Bayle é simultânea à redação das *CPD*. Contra generalizações perniciosas

Bayle, Bernard ainda tenta valer-se de um giro de retórica, entendendo que provas de fato as quais ele denomina como destituídas de importância, na verdade são amparadas em possibilidades e não em evidências factuais. Se a impossibilidade de se afirmar que nem todos os povos acreditaram em divindade se manifesta por falta de provas, seria somente o caso de esperar outras descobertas para poder dar ganho de causa à premissa de Bernard. Contudo, Bayle vai por à prova esse argumento: as possibilidades que podem ser objetadas por ambos os lados da questão não se equivalem, pois os que afirmam que jamais houve uma nação destituída da noção de divindade não atentam que sua posição não pode ser provada factualmente, como pode ser refutada por um caso único que seja.(*OD* III[*RQP* II], p. 693*a*.) A necessidade de provar não está do lado de quem recusa, e sim de quem afirma:

> Os que recusam seu consentimento a essa menor, não têm necessidade de provar que há certas nações que ignoram Deus. Basta-lhes dizer que eles não estão seguros de que não tenha tais nações; mas aqueles que afirmam a tese de que se trata, são obrigados a mostrar positivamente & definitivamente que não há nenhuma nação no mundo destituída do conhecimento de Deus. (*Id. Ibid*.)[352]

O ceticismo perante assertivas que se passam por verdades inabaláveis lança o germe da incerteza acerca do que se está sendo proferido e não baseado em meras contra-provas verbais, isto é, em afirmações dogmáticas destituídas de fundamento. Uma vez questionada uma sentença, tal indagação exige da tese inicial que ela se confirme não somente em argumentos, mas em provas empíricas que façam com que ela se torne, ao menos, convincente. Segundo Bayle, eis o papel da experiência: longe de incorrer em pura metafísica a respeito da possibilidade da existência de povos ateus, o filósofo de Carla abre o campo da discussão valendo-se de provas factuais, uma vez que toda uma literatura surgida oriunda da observação *in loco* desse fenômeno lhe permite mostrar que nunca foi consensual no decorrer dos tempos o reconhecimento da

---

e dogmáticas, o filósofo de Carla aponta para a diversidade existente nos povos de além-mar. Segundo Charnley, "o grande número de páginas de referências dado por Bayle indica que ele pretende impressionar o leitor com o peso das evidências disponíveis, trabalhando na *Continuation des Pensées diverses* o enorme número de exemplos para apoiar o que ele está dizendo. Ao mesmo tempo, ele insiste que generalizações podem ser perigosas e se esforça para mostrar que a diversidade é um fator importante." (1998, p. 132.)

[352] "Ceux qui refusent leur consentiment à cette mineure, n'ont pas besoin de prouver qu'il y a certaines nations qui ignorent Dieu. Il leur suffit de dire qu'ils ne sont pas assurez qu'il n'y ait point de telles nations; mais ceux qui affirment la these dont il s'agit, sont obligez de faire voir positivement & certainement, qu'il n'y a nulle nation au monde destituée de la connoissance de Dieu."

existência de um deus.[353]

Bayle afirma que se faz necessária uma boa informação a respeito de como a religião surgiu e se instaurou em uma nação, pois se o argumento do *consensus universalis* almeja obter algum êxito, é necessário "saber de que maneira a religião começou em cada uma delas, ou se ela é tão antiga quanto à própria nação."(*OD* III[*CPD*], p. 207*b*.)[354] Segundo Bayle, comparando as duas possibilidades, a prova sendo melhor no concernente ao último caso, isto é, se o surgimento de uma religião foi coexistente com o surgimento de um povo, daí surgiria uma outra questão, a saber: "A religião foi abraçada sem nenhum exame, ou com um exame severo de seus motivos de credibilidade?"(*Id. Ibid*.)[355] Nos meandros da questão, já é possível entrever que no momento de seu surgimento e visando a obter e agregar cada vez mais adeptos, dispensou qualquer exame prévio a respeito tanto da sua utilidade quanto à da necessidade de sua permanência. Se tal reflexão é bem mais importante, ou seja, se um povo que ainda não tinha uma religião adotara alguma na ausência de um exame prévio, por meio de conquistadores ou legisladores, e posteriormente, a maioria das pessoas professando tal doutrina, a importância se dá no sentido de ter conhecimento de que esses argumentos em prol da religião não tem fundamento algum.[356]

Uma religião, por mais falsa que ela seja e sendo transmitida de geração a geração sem nada que o impeça, é aqui que Bayle desfecha um duro golpe na concepção naturalista da religião. O único meio de propagar uma religião é por meio da educação, seja somente em relação a uma pessoa, seja em relação a diversas:

---

[353] É o argumento de Delpla: "A existência de povos ateus ou religiosos é um problema de indução e não de dedução. Daí o apelo à experiência dos defensores dos povos ateus. Este método indutivo manifesta que a sociedade de ateus não é uma simples experiência de pensamento, uma hipótese puramente lógica e deductiva, mas que ela é também uma possibilidade antropológica e empírica que requer prestar atenção aos relatos de viagens e a encarnação desta conjectura."(1999, p. 136)

[354]"Car afin que le consentement de tous les peuples puisse servir d'un bon argument, il faut savoir de quelle manière la religion a commencé dans chacun d'eux, ou si elle est aussi ancienne que la nation même."

[355]"La religion a-t-elle embrasée sans aucun examen, ou avec un examen sévére de ses motifs de credibilité?"

[356] "Esta questão é infinitamente mais necessária, no caso de um povo tendo estado algum tempo sem religião, tenha abraçado alguma; porque se ele a abraçou sem examiná-la, mais por uma deferência cega ou por algum legislador, ou por algum conquistador, a multidão de pessoas que a professaram depois, de nada serve para provar a verdade de seus dogmas." ["Cette question est infiniment plus nécessaire, au cas qu'un peuple aïant été quelque tems sans religion, en ait embrassé quelqu'une; car s'il l'a embrassé san l'examiner, mais par une déférence aveugle ou pour quelque législateur, ou pour quelque conquérant, la multitude des personnes qui l'ont professé depuis, ne sert de rien à prouver la vérité de ses dogmes."](*OD*, III[*CPD*], p. 207*b*).

> Sabemos bem que uma religião, por mais falsa que ela seja, passa dos pais aos filhos sem nenhum obstáculo, & que ela se comunica pela via da educação tão facilmente a mil pessoas como a uma: de modo que a educação é o único meio de propagá-la, a razão pela qual uma religião só tem cem mil Sectários, enquanto outra tem aí duzentos mil, é unicamente que existiram menos crianças nesta do que naquela. (*OD* III[*CPD*], pp. 207*b*-208*a*.)[357]

Se a religião nunca foi parte constituinte da natureza humana, então seu surgimento se deu externamente, isto é, uma vez disseminados preceitos religiosos mediante uma pedagogia que, desde o berço, visava a ensinar a suposta necessidade da noção de uma divindade e da utilidade de fazer parte de uma doutrina. A educação tendo um papel fundamental nesse processo, não teve muitas dificuldades em trazer para o seio da religião uma multiplicidade de adoradores, pois moldava seus futuros adeptos desde seu estágio inicial, quando os mesmos ainda estavam em seu processo de formação, sendo frágeis alvos de uma pedagogia enviesada. Contudo, se a educação é a instância formadora religiosamente falando da opinião geral, é também o instrumento que permitiu que fosse utilizada uma lógica do constrangimento contra a cultura de outros povos, amparada em conversões forçadas e a imposição do abandono de cultos e ritos contrários à religião dominante. Em outros termos, Bayle quer dizer um consentimento forçado da parte de outros povos a uma determinada doutrina jamais poderá ser um critério consistente a favor da validade de tal consentimento. Tampouco a adesão de inúmeros devotos a uma religião dominante também o será, pois se os filhos dos conversores estão persuadidos do peso de um dogma, tal persuasão está deveras longe de ser sinônimo de verdade. Em suma, a persuasão confundida com a obstinação é o resultado direto de um processo educacional contínuo que se esparge e se acentua por meio da barbárie, estando nos vetores contrários do esclarecimento e do convencimento. [358]

---

[357]"On sait assez qu'une religion, quelque fausse qu'elle soit, passe des peres aux enfans, sans aucun obstacle, & qu'elle se communique par la voie de l'éducation aussi aisément à mille personnes qu'à une: de sorte, que si l'éducation est le seul moïen de la répandre, la raison pourquoi une religion n'a que cent mille Sectateurs, pendant qu'une autre en a deux cents mille, est uniquement qu'il y a eu moins d'enfans dans celle-là que dans celle-ci."

[358] "Pergunto-vos se seria um bom meio de aliviar a religião Cristã, alegando o consentimento que deram-lhe os Saxões, ou os habitantes do Norte, ou os povos da América que foram forçados barbaramente a receber o batismo, & a renunciar seus ídolos, sem ter nem convencido, nem esclarecido seu espírito? A multidão de semelhantes Sectários forçados de nada serve para provar que uma religião seja verdadeira & e se seus filhos encontram-se persuadidos, não é um signo da verdade, é o resultado perpétuo da educação, qualquer que seja o Catolicismo nacional. Assim, para ter o peso da aprovação dos povos, é necessário estar informado de qual maneira eles abraçaram a religião." ["Je vous demande si ce seroit un bon moïen de donner un grand relief à la religion Chrétienne, que d'alleguer le consentement que lui ont donné ou les Saxons, ou les habitants du Nord, ou les peuples de l'Amérique que l'on a contraints barbarement à recevoir le batême, & à renoncer à leurs idoles, sans avoir ni convaincu, ni éclairé leur

Nesse sentido, Bayle aponta para a necessidade de se informar se existiram pessoas que negaram a existência de um deus. O filósofo de Carla não se esquiva da dificuldade, entendendo que a tarefa estaria incompleta, pois além de investigar como foi necessária a crença de todos os povos em uma divindade, "restaria ainda examinar se alguém ocasionalmente negou esta existência." (*OD* III[*CPD*], p. 208*a*).[359] Os dados necessários para auxiliar tal investigação seriam de diversas ordens: o número desses ateus[360], se eram pessoas esclarecidas, se eram punidos por sua postura. Já na Antiguidade, na Grécia em Particular, o ateísmo já existia e já tinha sido sancionado pelas leis gregas, o que mostra que outros manifestariam a sua descrença, caso pudessem proferi-la sem censura alguma.[361] Se a negação atéia ocorre em um duplo aspecto, a saber, a negação tanto da existência de uma divindade como da existência de uma providência divina, daí urge a necessidade de saber se em outras nações existiram pessoas que tinham essa visão de mundo dessacralizada:

> Dever-se-ia então buscar se em cada um dos outros povos tiveram tais exemplos; porque sem essas informações não se poderia dar ao consentimento geral seu justo peso; aí lhe deram muito, visto que aí não se rebatia o que lhe privam as exceções particulares. Se essas perquisições contêm muito trabalho & muitas dificuldades, não se encontraria pouco menos em colocar na balança a autoridade do maior número & e a do menor. Não se poderia servir-se da proporção aritmética, como na justiça comutativa; seria preciso recorrer à proporção geométrica, como na justiça distributiva. Nada seria mais enganador do que deferir tudo sobre matérias filosóficas à opinião de uma camponesa, que a de um filósofo. (*Id. Ibid.*, p. 208*b*.)[362]

---

esprit? La multitude de semblables Scetateurs forcez ne sert de rien à prouver qu'une religion soit véritable, & si leurs enfans se trouvent persuadez, ce n'est point un signe de vérité, c'est le résultat perpétuel de l'éducation, quel que puisse être le Catéchisme national. Ainsi pour savoir le poids de l'aprobation des peuples, il est necessaire d'être informé de quelle manière ils ont embrassé la religion."](*OD* III[*CPD*], p. 208*a*.) À respeito da obstinação, ver *Cph*, 1992, II, i, pp. 177-192; *OD* II[*CPh*]pp. 393-397.

[359]"Il resteroit encore à examiner si quelqu'un de tems en tems a nié cette existence."

[360] O próprio padre Mersenne fizera o seu levantamento. Ele estimava que existia 60000 ateus na França e 50000 somente em Paris. Ver sua *Correspondance*, I, p. 131.

[361] Segundo Bayle, é o que levou Platão à necessidade de redigir em suas *Leis* provas tanto da existência de uma divindade como a da existência de uma providência divina: "Quando Platão aplica-se tão cuidadosamente em provar a existência & a providência dos Deuses, ele confessa que aí tinha um bom número de Atenienses que rejeitavam o primeiro desses dois dogmas, & que outros contentavam-se em rejeitar o segundo."["Lorsque Platon s'aplique avec tant de soin à prouver l'existence & la providence des Dieux, il avoue qu'il y avoit un bon nombre d'Athéniens qui rejetoient le premier de ces deux dogmes, & que d'autres se contentoient de rejetter le second."](*OD* III[*CPD*], p. 208*b*.)

[362]"On devroit donc rechercher si dans chacun des autres peuples il y avoit eu de tels exemples; car sans ces informations on ne pourroit pas donner au consentement général son juste poids; on lui em donneroit trop, vû qu'on n'en rabattroit point ce que lui ôtent les exceptions particulières. Si ces perquisitions renferment beaucoup de travail & beaucoup de difficultez, on n'en trouveroit guère moins à mettre en balance l'autorité du plus grand nombre, & celle du petit. On ne pourroit point se servir de la proportion

O exemplo dado da existência de ateus na Antiguidade seria o ponto de partida para a busca de outros exemplos em épocas posteriores, pois como Bayle indica, na ausência dessas informações, fica comprometido o argumento do consentimento universal. As exceções à regra de uma opinião geral permitem refletir as possibilidades da presença do ateísmo em determinados círculos políticos e sociais, a despeito das sanções legislativas que são voltadas para conter e punir toda e qualquer forma de descrença. Se Bayle mais uma vez restringe a poucos a capacidade de levantar e refletir sobre uma questão filosófica, no caso, a existência de ateus, é preciso levar em conta os critérios que em um debate são exigidos: se há a necessidade de um exame minucioso, seja por meio das viagens ou pela leitura dos relatos de autores que foram às mais longínquas terras e constataram que nem sempre religião e sociedade formam um par necessário, não será pelo sufrágio da maioria que uma investigação mais cuidadosa da questão será possível. Em outros termos, não é do *métier* da pluralidade das vozes dar um parecer mais consistente filosoficamente sobre a questão do ateísmo.[363] Neste ponto, Bayle é categórico: em todos os campos do saber, um julgamento é mais crível oriundo daqueles poucos que são mais aptos a julgarem sobre questões de maior complexidade: "Em uma palavra, Senhor, em todas as artes, & e em toda espécie de profissão, o julgamento de um pequeno número de experts é preferido ao julgamento de

---

arithmétique, comme dans la justice commutative; il faudroit recourir à la proportion géométrique, comme dans la justice distributive. Rien ne seroit plus trompeur que de déférer autant sur des matieres philosophiques à l'opinion d'une païsane, qu'à celle d'un philosophe."

[363] "É evidente & e a prática de todos os povos aí concorda, que em matéria de Jurisprudência o parecer de três ou quatro Advogados famosos é preferível ao de três mil pagãos. É questão de um dogma de Astronomia? Sr. Cassini será mais crível ele somente do que duzentas mil pessoas que não sabem A nem B. Copérnico, que a hipótese triunfa atualmente, não tinha contra ele só ou quase só todas as escolas e todos os povos? Não foi estabelecido por princípio que cada um deve ser cultivado em sua arte, & que as artes fariam felizes, se só tivessem os conhecedores que julgassem-nas & que é preciso que cada um envolva-se com a sua profissão? Quando alguém faz uma obra-prima para ser recebido no corpo de um comércio, ele não é julgado somente pelas pessoas do comércio, & seu testemunho, fossem eles somente dois, contrapesariam o de duas mil pessoas que não entenderiam nada nas regras, & nos estatutos do comércio. Um jardineiro é mais crível em uma questão de jardinagem, do que cem críticos munidos de Grego, & que todos os sábios do mundo que jamais viram nada, nem nada leram concernente à agricultura."["Il est évident, & la pratique de tous les peuples s'y accorde, qu'en matiere de Jurisprudence l'avis de trois ou quatre fameux Avocats est préférable à celui de trois mille païsans. Est-il question d'un dogme d'Astronomie? Mr. Cassini sera plus croïable lui seul que deux cents mille personnes qui ne savent ni A ni B. Copernic dont l'hypothese triomphe présentement, n'avoit-il pas contre lui seul ou presque seul toutes les écoles & tous les peuples? N'établit-on pas pour principe qu'un chacun doit être crû en son art, & que les arts feroient heureux s'il n'avoit que les connaisseurs qui en jugeassent, & qu'il faut que chacun se mêle de sa profession? Lorsque quelqu'un fait chef-d'oeuvre pour être reçu au corps d'un métier, il n'est jugé que par les gens du métier, & leur témoignage, ne fussent-ils que deux, contrepeseroit celui de deux milles personnes qui n'entendroient rien dans les règles, & dans les statuts de ce métier. Un jardinier est plus croïable dans une question de jardinage, que cent critiques hérissez de Grec, & que tous les savants du monde qui n'auroient jamais rien vû, ni rien lû concernant l'agriculture."] (*OD* III[*CPD*], p. 208*b*.)

uma multidão de ignorantes." (*OD* III[*CPD*], p. 208*b*.)[364]

Invertendo a posição tradicional de caráter naturalista e inatista sobre a questão da existência de um deus, ele mostra que, na verdade, são fatores de cunho externo que levam ao surgimento da noção de uma divindade dentre os homens. Segundo Bayle, se as impressões da natureza, e não por meio da educação, tivessem mesmo impresso nas mentes e nos corações dos homens a ideia de um deus, seria necessário aos defensores desta hipótese estudarem o homem desde o estágio inicial, desde "o primeiro estado da infância."(*OD* III[*CPD*], p. 209*a*.)[365] Mais do que isso, impor-se-ia a necessidade de saber discernir claramente nele "o que precede a instrução do que somente aí é o resultado."(*Id. Ibid*.)[366] Seria preciso àquele que quisesse dedicar-se a essa empreitada colossal mais de uma vida para dar conta de todas essas experiências, e mesmo que fosse o caso, nada garantiria a constatação de resquícios de religião em crianças que jamais souberam o que seria um deus:

> Onde está o homem que tenha bastante lazer ou que viva bastante para fazer todas essas experiências? Queríeis então responder, após aí ter bem pensado, que um homem que tendo-as feito exatamente, assegurar-se-ia que teria encontrado vestígios de religião em seus filhos os quais jamais teria dito que há um Deus? É ordinariamente por aí que se começa a instrui-los, desde que eles sejam capazes de distinguir alguns sons e de gaguejarem. Este costume é muito louvável, mas ele impede que se verifique se por eles mesmos e & só pelas impressões da Natureza, eles honrariam a Deus. (*Id.Ibid.*)[367]

Bayle precisa o ponto onde começa a ser inoculada na infância a noção de um deus, isto é, a partir do momento quando se *fala* a criança que ele existe. A

[364]"En un mot, Monsieur, dans tous les arts, & dans toute sorte de professions, le jugement d'un petit nombre d'experts est préferé à celui d'une multitude d'ignorans."

[365]"[...] car pour s'assurer pleinement que tous les peuples de la terre ont puisé leur dogme de l'exitence de Dieu dans les impressions de la Nature & non pas celles de l'education, il faudroit avoir étudié en chaque pays le premier état de l'enfance."

[366]"[...]ce qui précéde l'instruction d'avec ce qui n'en est que la suite."

[367]"Où est l'homme qui ait assez de loisir ou qui vive assez pour faire toutes ces experiences? Voudriez-vous répondre, après y avoir bien pensé, qu'un homme qui les faites exactement, assureroit qu'il auroit trouvé des vestiges de religion dans ses enfans à qui l'on n'auroit jamais dit qu'il y a un Dieu?C'est ordinairement par là qu'on commence à les instruir, dès qu'ils sont capables de distinguer quelques sons, & de begaïer. Cette coûtume est très-loüable, mais elle empêche qu'on ne vérifie si d'eux mêmes, & par les seules impressions de la Nature, ils se porteroient à honorer Dieu." Cf. com essa passagem da *RQP*: "Mas […] aqueles que filosofam exatamente confessar-me-ão que para se estar bem assegurado que uma tal e tal coisa nos são inspiradas pela Natureza, precisar-se-ia saber que jovens as conhecessem sem o auxílio de nenhuma instrução."["Mais...ceux que philosophent exactement m'avouëront, que pour être bien assuré qu'une telle & telle chose nous sont inspirées par la Nature, il faudroit savoir que des jeunes gens les connoissent, sans le secours d'aucune instruction."](*OD* III[*RQP* II], p. 713*a*.)

educação, por sua vez, erradica o que na infância permanecia de natural, a saber, a mais completa ausência da concepção de um ser criador, que originou e ordena todas as coisas no mundo. Essa pedagogia desnaturalizante é o maior impeditivo para poder estabelecer um discernimento entre o que é natural ao homem e o que é adquirido posteriormente, por meio do costume e da educação. Bayle mostra a aporia do argumento naturalista: diante da plena impossibilidade de alguém investigar se em todas as nações a ideia de um deus foi impressa pela natureza, logo, fica difícil sustentar a universalidade, e consequentemente, a validade de tal posição. Se é por meio da fala, do discurso, da transmissão oral determinados preceitos sucessivamente são inculcados, o que há de natural vai se esvanecendo, isto é, a noção de divindade que é ensinada no primeiro estágio da infância faz com que se esmoreça o que havia de inato, a saber, a mais completa ignorância de uma entidade divina. Uma vez estabelecida a distinção abismal entre natureza e educação, Bayle conclui: "Mas eu quero que a duração e que a universalidade desse sentimento sejam uma obra da natureza, seguir-se-á que é verdadeiro? Absolutamente."(*OD* III[*RQP* II], p. 713*b*.)[368]

2.3. *A questão do ateísmo especulativo*

Das considerações bayleanas a respeito da existência de povos ateus e a respeito de seu estado original, isto é, a ausência e ignorância completas de uma concepção de divindade, surge no horizonte a problemática do ateísmo especulativo. Na verdade, Bayle já trata de tal questão desde os *Pensées diverses* em 1682, em um contexto que somente pressupor alguma ligação entre ateísmo e moralidade era incomum, contrário aos dogmas religiosos vigentes e até mesmo algo subversivo, pois o ateu é o que "sabe renunciar às opiniões comuns e afastar-se das crenças dominantes." (MORI, 1999, p. 206)[369]Não sendo possível, como o próprio Bayle assume, uma nação

[368]"Mais je veux que la durée, & que l'universalité de ce sentiment soit un ouvrage de la Nature, s'ensuivra-t-il qu'il est véritable? Point du tout."

[369] Era o receio de Bayle já nos *PD*, isto é, criticando a opinião comum sobre a passagem do cometa de 1680, poderia ser considerado como um subversivo, já que provara que fenômenos naturais não podem ser tomados como sinais divinos: "De modo que o número de sectários crédulos e preguiçosos aumentando a cada dia foi um novo engajamento a outros homens livrarem-se da dificuldade de examinar uma opinião que eles viam tão geral e que persuadiam-se simplesmente tornar-se tal somente pela solidez das razões das quais serviram-se de antemão para estabelecê-la; e, enfim, viu-se reduzido à necessidade de acreditar no que todo mundo acreditava, com medo de passar por um faccioso, que quer somente saber

inteira abrir mão de suas crenças, ritos e doutrinas para se tornar-se atéia, contudo, o ateísmo sugere o abandono dos preconceitos de infância, ao menos, no plano individual. Se o empreendimento de um *examen* aqui será a pedra de toque do ateísmo especulativo, porque somente ele "encerra uma verdadeira persuasão intelectual"(MORI, 1999, p. 209), ele permitirá ver o seguinte: se o ateísmo é advindo de uma escolha intelectual e sincera, ele é "uma opção puramente filosófica fundada sobre a comparação atenta entre objeções e respostas relacionadas à questão da existência de Deus."(*Id. Ibid.*, p. 208)

Bayle vai analisar os diferentes enfoques dados à questão da possibilidade da existência de um ateísmo especulativo. O ponto de partida de sua reflexão é o exame da seguinte proposição: saber se o ateísmo, supostamente sendo um pecado oriundo da malícia, ofenderia mais a uma divindade que o politeísmo, que supostamente seria uma falta oriunda da ignorância. (*OD* III[*CPD*] p. 322) As premissas da argumentação seriam as seguintes: uma investida maliciosa sempre é mal-intencionada, movida pelo ódio e pelo desprezo, ao passo que um ato advindo da ignorância é sempre involuntário, por vezes movido por boas intenções. Resumindo a questão, os pagãos agiam sempre com sinceridade em relação a seu deus, louvando-o por meio de seus falsos preconceitos e jamais desconfiando que erravam. Por sua vez, o ateu, mesmo tendo no coração e no espírito uma noção de divindade, sufocava-a maliciosamente, opondo-se à sua própria consciência para se livrar de um fardo o qual não permite que eles se atirem a toda espécie de atrocidades. Portando-se assim, eles declarariam guerra aos deuses e, consequentemente, sua injúria a eles seria maior que a dos pagãos. (*Id. Ibid.*)

Entretanto, o primeiro problema de argumentar por esse viés, segundo Bayle, é que isso "reverte todo o estado da questão." (*Id. Ibid.*)[370] Quando nos *Pensées diverses* Bayle fez a comparação entre o paganismo e o ateísmo, ele referiu-se tão e

---

mais que todos os outros e contradizer a venerável Antiguidade."["De sorte que le nombre de sectateurs crédules et paresseux s'augmentant de jour em jour a été un nouvel engagement aux autres hommes de se délivrer de la peine d'examiner une opinion qu'ils voyaient si générale et qu'ils se persuadaient bonnement n'être devenue telle que par la solidité des raisons desquelles on s'était servi d'abord pour l'établir; et enfin on s'est vu réduit à la nécessité de croire ce que tout le le monde croyait, de peur de passer pour un factieux qui veut lui seul en savoir plus que tous les autres et contredire la vénérable Antiquité."] (*PD*, 2007, §7, pp. 72-73; *OD* III[*PD*], p. 12*a*.]

[370]"[...]renverse tout l'état de la question."

somente aos ateus ditos de prática, e estes ele os excluíra da questão. [371] Se de antemão, o filósofo de Carla disse que não falaria nada a respeito de ateus que calculadamente exterminaram em si mesmos a noção de um deus para tudo permitir-lhes sem qualquer peso na consciência, toda e qualquer argumentação que ainda insista sobre esse ponto ficará reduzida a um artifício retórico destituído de sentido, isto é, como "ignorância do que é preciso refutar" (*OD* III[*CPD*] p. 322*b*.)[372] Segundo Bayle, em nada desvalidaria seu argumento apontar todas as faltas dos ateus em relação a dos pagãos e tampouco compará-las uma a uma para saber qual foi mais grave, que suas infrações civis e religiosas foram mais desrespeitosas à verdadeira divindade do que que as dos sectários do paganismo. É suficiente verificar, tanto nos textos sagrados como nos próprios argumentos de autores tradicionais, que longe de ser permitida a postura fanática dos idólatras, mostra que, na verdade, seus erros são o resultado direto da sua malícia e não de sua ignorância. (*Id. Ibid.*)

O segundo problema apontado por Bayle é entender como um fato indubitável que todos os ateus são denominados práticos, isto é, os que aniquilando a ideia de um deus que trazem em si mesmos, aniquilam-na para regojizarem-se em suas luxúrias criminosas. Entretanto, atentemos para as nuances desta extensa passagem:

> Esses Ateus são persuadidos de que há um Deus, mas vivem como se não acreditassem que houvesse, & e tratam de apagar de seu espírito a persuasão

[371] Mas em relação ao ateísmo especulativo, Bayle equipara-o à própria tarefa da filosofia que é investigar e combater os erros de longa data mantidos e transmitidos pela tradição. O ateu especulativo, conhecedor da natureza e indo contra a opinião preponderante, é aquele que busca causas naturais onde a maioria não consegue entrever: "Permita-me que eu observe […] a injustiça dos que censuram a filosofia por ela buscar causas naturais onde o povo quer forçadamente que não tenha. Isso só pode vir de um princípio extremamente falso, a saber, *que tudo o que se concede à natureza é tido como os direitos de Deus*: porque, em boa filosofia, a natureza é somente o próprio Deus agindo, ou segundo certas leis que ele estabeleceu muito livremente ou pela aplicação das criaturas que ele fez e conserva.[...] Mas não se segue por isto que deva-se achar mal que os filósofos atenham-se à natureza o quanto eles possam. Porque, como Plutarco muito bem observou a respeito de Péricles e de Anaxágoras, o conhecimento da natureza livra-nos de uma superstição plena de pânico para encher-nos de uma devoção verdadeira e acompanhada da esperança do bem."["Souffrez que je remarque [...]l'injustice de ceux qui blâment la philosophie en ce qu'elle cherche des causes naturelles où le peuple veut à toute force qu'il n'y en ait point. Cela ne peut venir que d'un principe extrêmement faux, savoir *que tout ce que l'on donne à la nature est autant de pris sur les droits de Dieu*: car en bonne philosophie la nature n'est autre chose que Dieu lui-même agissant, ou selon certaines lois qu'il a établies très librement, ou par l'application des créatures qu'il a faites et qu'il conserve. [...]Mais il ne s'ensuit pas pour cela qu'on doive trouver mauvais que les philosophes s'en tiennent à la nature autant qu'ils peuvent. Car, comme Plutarque l'a fort bien remarqué au sujet de Periclès et d'Anaxagore, la connaisance de la nature nous délivre d'une superstition pleine de terreur panique pour nous remplir d'une dévotion véritable et accompagnée de l'espérance du bien."(*PD*, 2007, pp.212-213; *OD* III[*PD*], pp. 60*b*-61*a*, grifos de Bayle.)

[372]"Ainsi, Monsieur, votre objection est le sophisme que l'on nomme dans l'école, *ignoratio elenchi*, ignorance de ce qu'il faut réfuter."

> da existência divina: ela os incomoda no gozo de seus prazeres criminais. É porque eles queriam acreditar que não há Deus algum & esforçam-se em aí chegar. Eles atordoam-se algumas vezes, & adormecem & endurecem a sua consciência, mas ela revela-se de tempos em tempos & eles jamais conseguem apagar a impressão de Deus que foi gravada em seu coração. Este traço não afrouxa, a despeito da força com que o sacudam para fazê-lo cair: *qualis conjecta serva sagitta...baret laseri lethalis arundo*. Eis o retrato que nos dão ordinariamente dos Ateus de prática.(*OD* III[*CPD*], pp. 322*b*-323*a*.)[373]

Eis a imagem do ateu de prática: um dissimulado, que em seu foro interno está plenamente consciente de que há um deus, mas na práxis age como se não existisse uma vez que tal persuasão o perturba e o atrapalha no desfrute de seus mais pérfidos atos criminosos. O motivo principal seria a vontade deles em não crer que existe uma divindade e o seu empenho em aí convencerem-se, mas por vezes são acometidos de vertigens, e mesmo tentando desviar sua consciência desse sentimento, este sempre aparecerá por mais que se queira dissipá-lo do espírito de uma vez por todas. Uma vez impressa pela natureza no homem a ideia de um deus, esta torna-se inapagável. Contudo, é importante concentrar-se no último parágrafo, pois esta imagem, segundo Bayle, é uma imagem *ordinária*, isto é, corriqueira, banal, do senso comum. O filósofo de Carla aqui dá continuidade à sua crítica do inatismo da ideia de um deus: se ele tanto insistiu na crítica da inerência da noção de divindade no homem com o exemplo dos povos selvagens[374], logo, o ateu de prática ou qualquer ateu que seja, não possui ideia natural alguma do que seja um ser sobrenatural regulador das ações humanas. Segundo o retrato ordinário, esse traço é gravado indelevelmente nos corações dos homens e por mais que um descrente tente eliminar isto dentro de si, jamais obterá êxito. Logo, o que foi entendido como fato pela ótica da maioria, sob a pena de Bayle transforma-se em mera possibilidade, não passando de um sentimento que, propagado perpetuamente, não ultrapassou o âmbito do provável. Na verdade, se ordinariamente e sem prova alguma mostram uma imagem distorcida do ateu de prática, é fato que são as crenças, ritos e cultos desmedidos dos idólatras que consistem em verdadeiras negações de um deus.

---

[373]"Ces Athées-là sont persuadez qu'il y a un Dieu, mais ils vivent comme s'ils ne croïoient point qu'il y en eut, &ils tâchent d'efacer de leur esprit la persuasion de l'existence divine: elle les incomode dans la jouissance de leurs plaisirs criminels: c'est pourquoi ils voudroient croire qu'il n'y a point de Dieu, & ils s'eforcent d'y parvenir. Ils s'étourdissent quelquefois, ils endorment & ils endurcissent leur conscience, mais elle se réveille de tems en tems & ils ne viennent jamais à bout d'éfacer l'empreinte de Dieu que la nature a gravée dans leur coeur. Ce trait ne lâche point prise quelque forcement qu'ils le secouënt afin de le faire tomber: *qualis conjecta serva sagitta...baret laseri lethalis arundo*. Voilà le portait qu'on nous donne ordinairement des Athées de pratique."

[374] Com a diferença de que o ateísmo desses povos não é um exame racional propriamente dito dos ritos religiosos, mas a ignorância da existência de um deus ou uma religião: "O ateísmo dos selvagens é, com efeito, um 'ateísmo negativo', que não procede de um exame racional dos cultos religiosos, mas da simples ignorância da existência de uma religião qualquer."(MORI, 1999, p. 214)

Das considerações sobre o ateísmo de prática, Bayle passa para a questão do ateísmo especulativo, sendo "Ateus especulativos aqueles que não são persuadidos da existência de Deus." (*OD* III[*CPD*], p. 323*a*.)[375] Segundo Bayle, uma boa razão para não supor como certo que existem unicamente ateus de prática, mas somente como fato que tornou-se provável através do sentimento de vários autores, e amparar-se em probabilidades não é um bom caminho para se ganhar uma disputa. No máximo, chegar-se-ia a estendê-la *ad infinitum* no círculo vicioso das probabilidades, por meio de inúmeros artifícios retóricos os quais entediariam leitores ciosos de uma solução para um determinado problema.[376] Bayle aqui retorna à questão da ignorância da noção de um deus entre os povos selvagens, isto é, mostrando que é possível mostrar aos que defendem a possibilidade da inexistência do ateísmo justamente a possibilidade de que exista:

> Tantos Historiadores que dizem que encontraram no novo mundo vários países sem Religião, tantos Autores famosos que sustentam que a ignorância de Deus é alguma vezes invencível, não tornam eles tão provável o que negai-vos, que pode ser o que vos afirmeis?A autoridade de vossos testemunhos seria mais considerável se eles sustentassem que aí há muito poucos Ateus, porque poder-se-ia presumir que eles conheceram esses pequeno número de pessoas, que sondaram-nos ao vivo, & que virando-os de todos os lados, eles certamente descobriram que seu Ateísmo era realmente prático. (*OD* III[*CPD*], p. 323*a*.)[377]

Para não cair no turbilhão das infinitas probabilidades arguidas e apresentadas exaustivamente pelos partidários pró e contra da existência de ateus, Bayle estabelece um critério: faz-se necessário ir diretamente ao encontro desses povos para poder ser possível haurir conclusões mais exatas a respeito da questão. A sutileza do argumento

---

[375]"On nomme Athées spéculatifs ceux qui ne sont point persuadez de l'existence de Dieu."

[376] "Sabei-vos bem, Senhor, que quando opondes a seus adversários somente probabilidades não se ganha mais do que alongar as disputas & torná-las tão prolixas que elas cansam ou desgostam os leitores. Pensei-vos que eu não possa responder-vos com uma probabilidade tão grande como a que vos objetaste-me?" ["Savez-vous bien, Monsieur, que lorsqu'on n'oppose à ses adversaires que des probabilitez, on ne gagne presque autre chose que d'alonger les disputes, & que de les rendre si prolixes qu'elles lassent ou qu'elles dégoûtent les lecteurs. Pensez-vous que je ne puisse vous répondre par une probabilité aussi grande que celle que vous m'avez objectée?"[*OD* III, p. 323].

[377]"Tant d'Historiens qui disent que l'on trouvé dans le nouveau monde plusieurs païs sans Religion, tant d'Auteurs fameux qui soûtiennent que l'ignorance de Dieu est quelquefois invencible, ne rendent-ils aussi problable ce que vous niez, que le sauroit ce que vous afirmez? L'autorité de vos témoins seroit plus considérable s'ils soûtenoient qu'il n'y a que fort peu d'Athées; car on pourroit présumer qu'ils ont connu ce petit nombre de gens, qu'ils les ont sondez jusques au vif, & qu'en les tournant de tous côtez ils ont certainement découvert que leur Athéisme étoit seulement pratique."

de Bayle consiste no seguinte: os historiadores que relatam a plena existência da ignorância da existência de um deus dentre povos ditos bárbaros basearam-se em autores que foram verificar por meio de expedições, aventuras ou qualquer sorte de empreitada etnológica, ou eles mesmos foram lá verificar suas hipóteses e a partir de então, registaram suas pesquisas em forma de escritos, tipo de literatura que não era pouca na época de Bayle.[378] Nesse sentido, o papel da experiência é crucial, pois estando nos antípodas de toda probabilidade, ela permite que se olhe mais de perto o objeto a ser verificado com o escopo de descrever, detalhar e examinar para, *a posteriori*, ser possível tirar conclusões mais contundentes e apresentar argumentos mais convincentes a partir tão e somente do concreto. Para Bayle, o motivo principal de seus opositores deplorarem um número tão significativo de ateus é por serem incapazes de ultrapassarem os limites de suas próprias conjecturas:

> Mas quando os vemos deplorar que o número de Ateus seja tão prodigioso, não saber-se-ia imaginar que eles conheceram-nos pessoalmente, nem mesmo por conjecturas tão pouco circunstanciadas eles tenham desenvolvido o que se passa no coração da maior parte desses ímpios. Temos razão então de acreditar que eles falam em vista do país, o meio então de assegurar-se em sua palavra que, com efeito, não há ninguém que não creia na existência divina, & que aqueles que se nomeiam de Ateus são celerados, que se esforçam, por uma malícia furiosa, em desfazer-se da persuasão de que há um Deus? (*Id. Ibid.*, p. 323*b*.)[379]

Concretamente havendo um número considerável de ateus, não há mais como valer-se de hipóteses absurdas para negar esse fato. Bayle leva o argumento às últimas consequências, exigindo que seus adversários vão conhecer esses povos em seu *habitat* natural, em vez de proceder por antecipação, isto é, somente presumir que não há como existir alguém que desconsidere uma existência divina. Bayle desconstrói uma opinião caduca, porém, sempre vem à tona: uma vez constatada a simples ignorância de um deus por outros povos, e nem por isso eles agem como bárbaros, fica destituída de valor a clássica associação entre ser ateu e ser imoral. O argumento é invertido: a ignorância involuntária é característica do ateísmo do selvagem, ao passo que a

[378] O que, para Charnley, atesta "mais uma vez o interesse contínuo da Bayle em literatura de viagens, o que significava que continuou a coletar e usar o material até a sua obra final." (1998, p. 134)Ver também MORI, 1999, p. 214, e DELPLA, 1999, pp. 140-141.

[379]"Mais quand on les voit déplorer que le nombre des Athées soit si prodigieux, on ne sauroit s'imaginer qu'ils les connoissent personellement, ni même que sur des conjectures tant soit peu circunstanciées ils aïent dévelopé ce qui se passe dans le coeur de la plûpart de ces impies. On a donc lieu de croire qu'ils en parlent à vuë de païs. Le moïen donc d'assurer sur leur parole qu'en effet il n'y a personne qui ne croïe l'existence divine, & que ceux qu'on nomme Athées ne sont que des scelerats, qui s'éforcent par une malice furieuse de se défaire de la persuasion qu'il y a un Dieu?"

vontade calculada de fazer com que desapareça de seu espírito a noção de divindade agora é marca registrada do "ateu de prática", entenda-se, do idólatra.[380] Generalizar acerca do caráter de todos os ateus baseando-se pelo comportamento de uns poucos que agiram em prol de satisfazer seus vícios, é cair no erro, pois, para Bayle "os homens são mais diferentes um dos outros pelo espírito do que pelo rosto. Eles vão ao mesmo fim por mil tipos de caminhos." (*OD* III[*CPD*], p. 324*a*.)[381]

Na distinção entre a ignorância voluntária de um deus e a sua rejeição deliberada, Bayle retoma uma temática já iniciada nos *Pensées Diverses* - §117 - isto é, se em um certo sentido os idólatras foram ateus, e na *Continuation* ele vai investigar mais a fundo se tal comparação procede. Por que, à primeira vista, a idolatria poderia ser comparada ao ateísmo? Segundo Bayle, seria pelo fato de tanto os idólatras como os ateus desconhecerem o que seja uma divindade, contudo, tal desconhecimento seria de ordens bem diferentes:

> A terceira razão é que, se aí tomarmos cuidadosamente, verificar-se-á que os idólatras foram verdadeiros ateus, tão destituídos do conhecimento de Deus como aqueles que negam formalmente a sua existência. Porque, como não seria conhecer o homem imaginando que o homem é de madeira, do mesmo modo, não é conhecer Deus imaginando que é um ser finito, imperfeito, impotente, que tem muitos companheiros. De sorte que, os pagãos tendo somente conhecido Deus por esta ideia, pode-se dizer que eles não o conheceram de todo e que eles destruíam por esta ideia o que estabeleciam por suas palavras, como foi observado sobre Epicuro.[...] E eles estavam perdidos em seus vãos raciocínios e mergulhados em suas extravagâncias, loucuras e trevas prodigiosas, até reduzir a glória do Deus incorruptível à forma de um homem corruptível, de um pássaro, de uma serpente e de uma besta de quatro patas. (*PD*, 2007, pp. 259-260; *OD* III[*PD*], p. 76*b*.)[382]

---

[380] É por meio de tais exemplos etnográficos em suas obras tardias que Bayle reforça a imagem do ateu virtuoso: "Começando por estabelecer a existência de ateus no mundo, Bayle passou para exemplos concretos, concentrando-se em primeiro lugar o exemplo óbvio dos chineses. Depois de argumentar que ateus podem ser virtuosos, e mais morais do que os idólatras ou, talvez, até mesmo do que os cristãos, então ele lida com a informação mais controversa de viajantes no Canadá e na África, que afirmam que as pessoas de lá são ateias e ainda morais. Assim, passo a passo, Bayle nos levou a admitir a possibilidade de encontrar moralidade e ateísmo juntos." (CHARNLEY, 1998, p. 133)

[381] "Les hommes sont plus diferens les uns des autres par l'esprit que par le visage. Ils vont à la même fin par mille sortes de routes."

[382] "La troisième raison est que, si l1'on prend bien garde, l'on trouvera que les idolâtres ont été de vrais athées, aussi destitués de la connaisance de Dieu que ceux qui nient formellement son existence. Car comme ce ne serait point connâitre l'homme que de s'imaginer que l'homme est du bois, de même ce n'est point connâitre Dieu que de s'imaginer que c'est un être fini, imparfait, impuissant, qui a plusieurs compagnons. De sorte que, les païens n'ayant connu Dieu du tout et qu'ils détruisaient par leur idée ce qu'ils établissaient par leurs paroles, comme on l'a remarqué d'Épicure.[...] Ils s'étaient plongés dans des extravagances, des folies et des ténèbres prodigieuses, jusqu'à réduire la gloire de Dieu incorruptible à la forme d'un homme corruptible, d'un oiseau, d'un serpent et d'une bête à quatre pieds."

Se o desconhecimento de um deus é a característica comum entre os ateus e os idólatras, Bayle não poupa críticas quanto aos últimos. Se a reverência a objetos inanimados e a redução da divindade a animais é sinônimo de loucura e de extravagância, o que fazia com que os idólatras incorressem nas mais absurdas contradições entre o que diziam e o que praticavam, não fica difícil perceber que tal postura é muito mais grave e irracional do que simplesmente negar a existência dos deuses. O paralelo empreendido por Bayle entre ateísmo e idolatria, na verdade, pende para o ganho de causa aos que simplesmente ignorando a ideia de um deus por um lado, por outro não têm necessidade alguma de assentarem as suas crenças nas mais estapafúrdias representações de seres divinos, as quais não passam de pleno desconhecimento dos atributos característicos de uma divindade.[383] Dessa forma, no que a idolatria seria semelhante ao ateísmo no sentido de não conhecer o que seja um deus, na verdade, ela é uma crença exacerbada que resulta na antropomorfização de determinados objetos e que, consequentemente, corrompe a ideia de uma divindade incorruptível. Bayle estabelece justamente a diferença entre o ateísmo idólatra e, sendo redundante, o ateísmo de um ateu, isto é, o que os separa é que o desconhecimento de um deus da parte do idólatra, oriundo de sua malícia e não de sua ignorância, jamais minimizou o caráter violento de seus crimes:

> Se há alguma diferença entre o ateísmo de um idólatra e o de um ateu, é principalmente no que o ateísmo de um idólatra não diminui em nada a atrocidade de seus crimes, ao passo que um homem que é ateu por ser nascido entre esses povos que dizem que, de tempo imemorial, não reconhecem nenhuma divindade, terá diminuição de pena por meio de sua ignorância.[384] (*PD*, 2007, pp. 260-261;*OD* III[*PD*], p. 77*a*..)

É por meio da diferença entre o ateísmo do idólatra e o ateísmo *strictu sensu* que Bayle desfecha um duro golpe na idolatria. O móbil psicológico que leva o devoto a

[383] Nesse sentido, segundo Jacqueline Lagrée, trata-se de "elucidar o sentido verdadeiro e o valor relativo dados por Bayle a essas duas posições teóricas e práticas do ateísmo e da idolatria, ver se elas são equivalentes ou se uma é pior que a outra." Cf. "Athéisme et idolâtrie dans l'*Éclaircissement sur les athées*". In: BOST/McKENNA. *Les"Éclaircissements de Bayle."*. Paris: Honoré Champion, 2010, p. 265. Contudo, a comentadora toca em um problema mais delicado, a saber, se a precisão histórica bayleana em detalhar os costumes virtuosos dos ateus seria a manifestação – dissimulada – do próprio ateísmo de Bayle. Cf. *Id.Ibid.*

[384] "S'il y a quelque différence entre l'athéisme d'un idolâtre et celui d'un athée, c'est principalement en ce que l'athéisme de l'idolâtre ne diminue en rien l'atrocité de ses crimes, au lieu qu'un homme qui est athée pour être parmi entre ces peuples que l'on dit qui, de temps immémorial, ne reconnaisent aucune divinité, trouvera quelque diminution de peine par le moyen de son ignorance."

incorrer nas mais absurdas atrocidades, a saber, a malícia[385], é na escala dos crimes muito mais pernicioso que a ignorância do ateu, que até mesmo seria suscetível de uma redução em sua sentença. Se a malícia é característica de uma ação calculada, isto é, se o idólatra sabe o que seu deus prediz-lhe mas age contrariamente e deliberadamente, sua conduta é bem mais passível de uma penitência uma vez que incorre na mais escandalosa assimetria entre o que crê e o que pratica. Dessa forma, não faz mais sentido falar em paralelo entre ateísmo e idolatria, pois Bayle atribui um grau de intensidade comparando-os, entendendo que, por diversos motivos, a malícia idólatra é *mais* nociva que a ignorância ateia. O que era comparação agora torna-se uma relação hierárquica, a saber, a idolatria é *pior* que o ateísmo:

> Então, é um maior crime a um idólatra fazer falsos sermões, pilhar os templos e cometer quaisquer outras ações que ele sabe não serem agradáveis a seus deuses, que não o é a um ateu fazer as mesmas coisas. Então a condição dos idólatras é *pior* que a dos ateus, visto que, uns e outros estando igualmente na mesma *ignorância* do verdadeiro Deus e incapazes igualmente de servi-lo, os idólatras têm em particular certas noções e certas persuasões contra as quais não saberiam agir sem uma *malícia* extrema e sem um visível desprezo de suas divindades. (*PD*, 2007, p. 261; *OD* III[*PD*],p. 77*a*, grifos meus.)[386]

Torna-se evidente por meio desta passagem que Bayle vai além do paralelo inicial entre o ateísmo e a idolatria para concentrar a sua crítica sobre a última e os termos utilizados são cristalinos. Se ambos estão iguais no que concerne à ignorância e à incapacidade de servir a uma divindade, é notória a perniciosidade da malícia idólatra perante a ignorância do descrente, visto que as noções e persuasões de um deus não são desconhecidas a um idólatra – contrariamente, não seria caracterizado como um religioso propriamente dito – agir maliciosamente contra o seu mestre celestial e soberano seria a mais escandalosa das aberrações. Malícia aqui é entendida aqui por

[385] Na continuação da passagem citada, Bayle diz: "[...] porque, em boa teologia, e sobre a expressa declaração de Jesus Cristo, os que sabem a vontade de seu mestre, e, entretanto, não a fazem, serão mais severamente punidos do que aqueles que não a fizeram nem a conheceram."[...car, en bonne théologie, et sur l'expresse déclaration de Jésus-Christ, ceux qui savent la volonté de leur maître et néanmoins ne la font pas seront plus sévèrement punis que ceux qui ne l'ont faite ni connue."](*PD*, 2007, p. 261; *OD*, III[*PD*], p. 77*a*.) Importante também é perceber que Bayle quando menciona por um "ouvir dizer" esses povos que nunca reconheceram um deus, posteriormente nas *CPD* ele consulta os relatos propriamente ditos sobre tais nações para dar vigor à sua crítica do inatismo da ideia de um deus nos homens e a aproximação entre ateísmo e virtude. Cf. *OD*,III, [*CPD*], parágrafos §§LXXXV-LXXXVIII.

[386]"Donc c'est un plus grand crime à un idolâtre de faire de faux serments, de piller les temples et de commettre toutes les autres actions qu'il sait n'être pas agréables à ses dieux, qu'il ne l'est à un athée de faire les mêmes choses. Donc la condition des idolâtres est *pire* que celle des athées, puisque, les uns et les autres étant également dans l'*ignorance* du vrai Dieu et incapables également de le servir, les idolâtres ont en particulier certaines notions et certaines persuasions contre lesquelles ils ne sauraient agir sans une *malice* extrême et sans un mépris visible de leurs divinités."

Bayle como uma desconsideração evidente e oposta ao que deveria ser uma reverência autêntica aos deuses, que dispensa qualquer louvação a objetos, mediadores terrenos e diatribe contra templos e seitas adversárias. Segundo Bayle, entre dois crimes da mesma estirpe, para saber qual foi o mais hediondo, faz-se necessário saber se um foi cometido com mais conhecimento de causa do que o outro e, da mesma forma, qual criminoso deu mais parcela de contribuição à sua ignorância de tal conhecimento através da malícia. Em outras palavras, poderia haver a possibilidade de um homem que, estando ciente de que instruindo-se para não cometer crimes o faria desistir de suas más intenções, a ignorância não poderia eximi-lo de sua culpa:

> Porque para julgar se um crime é mais atroz do que um outro da mesma espécie, é preciso saber não somente se um foi cometido com mais conhecimento do que o outro, mas também qual dos dois criminosos contribuiu mais à sua ignorância por sua malícia: pode ser que um homem ignore certas coisas porque ele recusou a instruir-se, com medo que a instrução o desviasse de seus perniciosos desígnios, caso que a ignorância não de forma alguma desculpar. (*PD*, 2007, p. 262;*OD* III[*PD*], p. 77*ab.*)[387]

Indo nas entrelinhas da argumentação de Bayle, se o crime de um ateu fosse somente a sua descrença, esta sendo entendida como pura e simples ignorância não tendo conhecimento algum do que seria um deus infinito e providencial, por exemplo, seria mais branda a sua pena uma vez que involuntariamente ele incorrera em erro. Entretanto, se o crime do idólatra é justamente a recusa deliberada de saber que pilhando templos, imprecando aos deuses e toda sorte de blasfêmias ele cometeria um crime, sua punição deveria ser mais severa a partir do momento que ele tinha pleno conhecimento do que ele fazia não era de agrado aos deuses. Nesse sentido, a sua malícia fortaleceu ainda mais a sua ignorância, pois, mesmo estando persuadido de sua crença, voluntariamente ele renegou uma instrução que poderia lhe aconselhar a fazer o contrário.[388] Bayle estabelece a diferença entre o que é um ato de idolatria e o que é um

---

[387]"Car pour juger si un crime est plus atroce qu'un autre dans la même espèce, il faut savoir non seulement si l'un a été commis avec plus de connaissance que l'autre, mais aussi lequel des deux criminels a contribué le plus à son ignorance par sa malice: se pouvant faire qu'un homme ignore certaines choses parce qu'il a refusé de s'instruire, de peur que l'instruction ne le détournât de ses pernicieux desseins, auquel cas l'ignorance ne peut aucunement excuser."

[388] Sendo pagão ou cristão, pouco importa, o que conta é o grau de malícia nas ações: "Assim, quando um pagão, permanecendo persuadido que Júpiter e Netuno eram seus deuses, roubava as coisas que lhes eram consagradas e dizia-lhes injúrias, era sacrílego e blasfemador perante Deus; e não era um menor crime a Calígula chamar seu Júpiter em duelo e de lançar-lhe pedras com essas palavras: *Retirai-me do mundo, ou eu retirá-lo-ei*, todas as vezes que ele via cair o relâmpago,que sê-lo-ia a um cristão fazer a mesma coisa a respeito de Jesus Cristo, senão que a persuasão do cristão fosse maior que a de Calígula ou que a falta de

ato de impiedade: o primeiro é definido como a adoração de falsos deuses, e o segundo quando alguém destrói uma imagem a qual erroneamente acreditava ser um deus. Contudo, mesmo tais ações sendo de naturezas diferentes, ambas resultam no mesmo, a saber, culminam na investida aos falsos deuses tidos como verdadeiros.[389] Daí Bayle a chega a uma conclusão: não procede que ateus sejam capazes de fazer injúrias aos deuses de tantas formas e com tanta malícia como os idólatras:

> De onde parece que os ateus não podem ofender Deus de tantas maneiras nem com tanta malícia como os idólatras; e que assim inflamar cometas extraordinariamente a fim que os homens sejam mais idólatras que ateus não é outra coisa que querer fazer os homens mais perversos e mais infelizes. Advirto-vos de uma vez por todas, Senhor, que eu falo desses ateus que ignoram a existência de Deus, não por ter sufocado maliciosamente o conhecimento que eles tiveram a fim de entregarem-se a toda sorte de crimes sem nenhum remorso, mas porque eles jamais ouviram dizer que se deve reconhecer um deus. (*PD*, 2007, p. 263; *OD* III[*PD*], p. 77*b*).[390]

Bayle toca no ponto que o levou a redigir seus *Pensées Diverses*: dentre todas as injúrias, a maior ofensa dirigida a um deus da parte dos idólatras foi justamente pregar que um fenômeno natural surgira no céu com o intuito de reforçar os liames da idolatria e extirpar da face da terra o ateísmo. Na advertência de Bayle dada a seu interlocutor imaginário, a saber, que ele fala especificamente de um tipo de ateu, o que nunca ouviu falar de um deus e não falando uma palavra sobre ateus maliciosos que, mesmo tendo um conhecimento prévio da existência de divindades, não deixaram de ser criminosos, o que está em jogo é a própria definição de ateísmo: na verdade, o ateu

---

persuasão fosse menos indesculpável em Calígula que no cristão.”[“Ainsi quand un païen, demeurant persuadé que Jupiter et Neptune étaient ses dieux, volait les choses qui leur étaient consacrées et leur disait des injuries, il était sacrilège et blasphémateur devant Dieu; et ce n'était pas un moindre crime à Calígula d'appeler son Jupiter en duel et de lui jeter des pierres vers les nues avec ces paroles: *Ôté-moi du monde, ou je t'en ôterai*, toutes les fois qu'il voyait tomber la foudre, qu'il serait à un chrétien de faire la même chose à l'égard de Jésus-Christ, si ce n'est que la persuasion du chrétien fût plus grande que celle de Caligula ou que le défaut de persuasion fût moins inexcusable dans Caligula que dans le chrétien.”](*PD*, 2007, pp.261-262; *OD*, III, p. 77*b*, grifos de Bayle).

[389]“Adorar o que se imagina falsamente ser Deus é um ato de idolatria. Pisar no que se imagina falsamente ser Deus é um ato de impiedade. São duas ações diametralmente opostas, entretanto, elas produzem o mesmo efeito.”[“Adorer ce que l'on s'imagine faussement être Dieu est un acte d'idolâtrie. Fouler aux pieds ce que l'on s'imagine faussement être Dieu est un acte d'impiété. Ce sont deux actions diamétralement opposées, cependant elles produisent le même effet.”](*PD*, 2007, p. 262; *OD*, III, p. 77*b*.)

[390]“D'où il paraît que les athées ne peuvent pas offenser Dieu en tant de manières ni avec tant de malice que les idolâtres; et que ainsi allumer des comètes extraordinairement afin que les hommes soient plus idolâtres qu'athées n'est autre chose que vouloir faire les hommes plus méchants et plus malhereux. Je vous avertis une fois pour toutes, Monsieur, que je parle de ces athées qui ignorent l'existence de Dieu non pas pour avoir étouffé malicieusement la connaissance qu'ils en ont eue afin de s'abandonner à toute sorte de crimes sans nul remords, mais parce qu'ils n'ont jamais ouï dire qu'on doive reconnaître un dieu.”

“idólatra” é o idólatra *ipsis litteris*, é o crente em um deus por excelência – seja em um deus falso ou verdadeiro – que não vê impeditivo físico ou moral algum quando se trata de desprezar suas crenças e preceitos religiosos quando um anseio seu não é concretizado. O seu conhecimento ou crença prévia em um ser divino torna-se inoperante quando a concupiscência e a malícia são as mestras das ações. *A contrario*, jamais um ateu poderia cair nesse paradoxo entre o que crê e o que faz. Primeiro, porque ele difere no principal de um idólatra, a saber, ele não tem e nunca teve ideia alguma do que seja um deus e tampouco a necessidade de reconhecer algum. Essa espécie de tábula rasa ateia, segundo Bayle, constituiria o estado primevo do homem, sendo depois preenchida pelo hábito e pela educação.[391] Em segundo lugar, os mesmos móbiles psicológicos poderiam conduzir o homem ao erro – a malícia, a má-fé, a ganância, o interesse – colocando no mesmo patamar o ateu e o idólatra no mesmo patamar no que concerne à suscetibilidade de, pelos mesmos motivos, cometerem um crime. Todavia, o ateu seria ao menos mais desculpável justamente porque agir de tal forma não estaria em contradição alguma com a sua crença, ou melhor dizendo, com a sua ausência de crença. Bayle admite, sendo as disposições do coração e do entendimento iguais tanto em um como no outro, ambos podem cometer as mesmas ações. Contudo, ao idólatra é mais grave pois o que ele crê na teoria é sempre renegado na prática, suas projeções psicológicas sobre determinados fenômenos, pessoas ou objetos o levam a agir desmedidamente, persuadido piamente de que está honrando os seus deuses.[392] Nesse sentido, fica difícil ainda sustentar que o diferencial das ações humanas está no que se crê ou no que se não se crê.[393] Para Gianluca Mori, “pode-se sustentar que, segundo Bayle, o fato que se possa legitimamente suspeitar de *certos* ateus de terem agido por orgulho não encerra de forma alguma a consequência que *todos* os ateus ajam sempre por móbiles imorais.”(1999, p. 198, grifos do autor)

Bayle dá um contorno mais preciso à sua definição de ateísmo na *Continuation*, isto é, verificando se o paganismo foi propriamente um ateísmo. O pensador de Carla afirma que não foi giro de retórica tampouco uso indevido de alguns

[391] Cf. *OD* III, [*RQP*], §XVI.
[392] Cf. *PD*, §122 e §129.
[393] Cf. *Id*., §135: “Quando se compara os costumes de um homem que tem uma religião com a ideia geral que se forma costumes deste homem, é surpreendente não encontrar nenhuma conformidade entre essas duas coisas.”[“Quand on compare les moeurs d'un homme qui a une religion avec l'idée générale que l'on se forme des moeurs de cet homme, on est tout surpris de ne trouver pas aucune conformité entre ces deux choses.”](p. 291;*OD*, III, p. 87).

termos de sua parte, para sustentar que ele usou o termo ateísmo referindo-se com todas as letras aos idólatras pagãos.[394] Se é certo que negar a existência de um suposto verdadeiro deus seria o maior crime dos ateus, eles não lhe devem honra alguma, mas não é infração alguma se eles não creem nos falsos deuses e muito menos se não destinam-lhe cultos e rituais. Daí Bayle infere que o ateísmo deve ser entendido como um gênero, subdividido em dois tipos:

> Digamos então que o Ateísmo deve ser considerado como um gênero que tem sob si duas espécies: uma é a que não reconhece nem o verdadeiro Deus, nem os falsos Deuses, a outra é a que reconhece somente os falsos Deuses. Sabei-vos a doutrina dos Lógicos, que toda a essência do gênero está em cada uma de suas espécies, concluei daí que toda a essência do Ateísmo se encontra na religião Pagã que só admitia falsos Deuses, & que assim segundo as leis mais severas da Dialética o Paganismo é um Ateísmo propriamente dito. (*OD* III[*CPD*], p. 309*a.*)[395]

Nessa incursão pela lógica e pela dialética, Bayle mostra que em um primeiro momento, levando em consideração somente o que há de comum entre dois subgêneros da mesma espécie, isto é, se o ateísmo engloba em sua definição tanto a negação de verdadeiros e falsos deuses como a somente a adoração de falsos, a consequência lógica seria, em sua essência, que o paganismo e ateísmo são sinônimos. Todavia, Bayle aprofunda mais a questão e vai se deter no que esses subgêneros diferem, nas características específicas que diferenciam um do outro. Faz-se necessário examinar se o atributo particular do paganismo, a saber, a supressão da honra que era devida ao verdadeiro deus para destiná-la a falsas representações, é menos malévolo que o atributo que constitui o ateísmo negador de todos os deuses:

> Eis o meio de conhecer toda a definição das duas espécies de Ateísmo. Tende-vos aí seu atributo *diferencial*, & seu atributo comum. Vede-vos, por favor, se pelo atributo *diferencial*, a Idolatria Pagã merecerá que se tire-lhe a

---

[394]"Acreditai-vos, sem razão alguma, perdoe-me esta frase, que eu empreguei nessa passagem um artifício de Retórico, & que para melhor sustentar minha causa, abusei de certas palavras equívocas que a maioria dos leitores tomam como lhes dão. Eu quero bem que saibas que o termo Ateísmo convém literalmente & apropriadamente à Idolatria Pagã."["Vous croïez sans nulle raison, que j'ai emploïé un artifice de Rhétoricien, & que pour mieux soûtenit ma cause, j'ai abusé de certains mots equivoques que la plûpart des lecteurs prenent comme on les leur donne. Je veux bien que vous sachiez que le terme d'Athéisme convient litéralement, & très-proprement à l'Idolatrie Pagã."](*OD*, III, p. 309).

[395]"Disons donc que l'Athéisme doit être consideré comme un genre qui a sous soi deux espéces: l'une est celle qui ne reconnoît ni le vrai Dieu, ni les faux Dieux, l'autre est celle qui ne reconnoît que les faux Dieux. Vous savez la doctrine des Logiciens, que toute l'essence du genre est dans chacune de ses espéces, concluez de là que toute l'essence de l'Athéisme se trouve dans la religion Païenne qui n'admettoit que de faux Dieux, & qu'ainsi selon les loix les plus sévéres de la Dialetique le Paganisme est un Athéisme proprement dit."

> qualidade de Ateísmo, & lembrei-vos que, mesmo quando este atributo seria melhor que o atributo diferencial do da outra espécie, ela não deixaria de ser nomeada de Ateísmo. Sabei-vos que a qualidade de animal convém ao homem na significação mais restrita filosoficamente falando, &, que, entretanto o atributo *irracional*, que é próprio aos brutos é incomparavelmente mais imperfeito que o atributo *racional*, que é próprio à espécie humana. (*Id. Ibid*., grifos de Bayle.)[396]

Mesmo debruçando-se nas características específicas de cada tipo de ateísmo, Bayle ainda equipara à postura dos idólatras a uma espécie de ateísmo. A idolatria, mesmo que seu atributo diferencial fosse melhor que o atributo diferencial do outro gênero de ateísmo, ainda estaria na mesma condição, ou em outros termos, *estritamente* falando, o paganismo seria um ateísmo. Entretanto, Bayle afirma que a idolatria é deveras pior que o ateísmo: a qualidade específica do ateísmo idólatra, em vez de corrigir o seu atributo geral, faz o inverso, incita-o ainda mais, pois se o ateísmo *strictu sensu*, o que nega a existência divina é caracterizado como uma revolta contra uma divindade, a idolatria é um crime duplo, pois além de ofender os deuses, ainda manifesta por meio de predicações a sua fidelidade aos inimigos de seu deus:

> O Ateísmo geral é um crime de rebelião contra o verdadeiro Deus, sua essência consiste em não reconhecer o dominador de todas as coisas. O Ateu Pagão acrescenta a esse crime de felonia o de prestar juramento de fidelidade aos inimigos de seu legítimo Soberano; ele é então mais culpado que os Ateus da outra espécie que não adoram nenhum inimigo de Deus. (*OD* III[*CPD*], p. 309*a*.)[397]

Se ateísmo em seu significado genérico é a negação de um reconhecimento de um suposto deus onisciente, onipresente e onipotente, providencial e criador de todas as coisas é denominado como um crime, em relação à negação da adoração de falsos deuses representados por imagens animadas e inanimadas de todo tipo, esses ateus são "muito racionais e muito louváveis a esse respeito."(*Id. Ibid.*)[398] Nos antípodas, o idólatra mais uma vez fica acima do ateu na escala de infâmias contra seus

---

[396]"Voilà le moïen de connoître toute la définition des deux espéces d'Athéisme. Vous avez là leur attribut *différentiel*, & leur attribut commun. Voïez, je vous prie, si par attribut *différentiel*, l'Idolatrie Païenne méritera qu'on lui ôte la qualité d'Athéisme, & souvenez-vous que quand même cet attribut seroit meilleur que l'attribut *différentiel* de l'autre espéce, elle ne laisseroit pas d'être nommée proprement un Athéisme. Vous savez que la qualité d'animal convient à l'homme dans la signification la plus étroite philosophiquement parlant, & néanmoins l'attribut *irraisonnable*, qui est propre aux brutes est incomparablement plus imparfait que l'attribut *raisonnable*, qui est propre à l'espéce humaine."

[397]"L'Athéisme géneral est un crime de rébellion contre le vrai Dieu, son essence consiste à ne reconnoître pas le dominateur de toutes choses. L'Athée Païen ajoûte à ce crime de félonie celui de prêter serment de fidelité aux ennemis de son légitime Souverain; il est donc plus coupable que les Athées de l'autre espéce qui n'adorent aucun ennemi de Dieu." Bayle remete a discussão ao parágrafo §132 dos *PD*.

[398]"[...]très-raisonnables, & très loüables à cet égard-là.

deuses, pois suas representações do divino são, ao mesmo tempo, a sua negação. Dessa forma, é evidente a inferência de que determinadas pessoas ou povos que não possuem conhecimento algum de uma divindade, vivem desde os tempos mais primitivos em um ateísmo especulativo, mesmo que seus costumes estando deveras distantes de um ateísmo prático segundo a definição de Bayle, isto é, a renegação intencional da crença em um deus visando a satisfazer desejos licenciosos.[399]

Na *Réponse*, respondendo à Jacques Bernard, Bayle afirma que é um trabalho improfícuo e quixotesco da parte dos teólogos perderem seu tempo na tentativa de provar a inexistência de ateus especulativos.[400] Em relação a seu adversário, Bayle mostra que a quantidade de relatos dos povos ateus no Novo Mundo, tanto como a fidelidade aos fatos da parte dos autores desses mesmos relatos, é um forte contraponto às autoridades teologais utilizadas por Bernard para sustentar a tese contrária.(*OD* III [*RQP* III], p. 925*a*.) É no âmago dessa discussão que o filósofo de Carla vai estabelecer as definições de um ateísmo negativo e um ateísmo positivo:

> O grande número de relatos que asseguram que foram encontrados povos ateus no novo Mundo, & o mérito dos Autores que acrescentam fé a isto causam muita dificuldade aos Teólogos os quais Sr. Bernard adota as hipóteses; mas nada é mais apropriado a afligi-los que os testemunhos concernentes ao Ateísmo dos filósofos da China. Mesmo eles conformando-se, quanto ao exterior, à idolatria do país, as leis do Estado e a sua própria

[399] A essa altura, Bayle indaga seu opositor: "Que dirá Sr. Bernard, que pretendeu que se encontrará uma religião em todos os Povos que resta descobrir; ou que, se há povos que não tem nenhuma ideia de Deus, eles aproximam-se mais da besta que do homem?"["Que dira Mr. Bernard qui a pretendu que l'on trouvera une Religion dans tous les Peuples qui n'ont point l'idée de Dieu, ils approchent plus de la bête que de l'homme?"](*OD* III [*RQP* III], p. 930*a*.)

[400]"Muitos dos que escrevem com mais zelo & e com mais trabalho para a existência de Deus, negam firmemente que possa existir Ateus especulativos. Então, eles não esforçam-se em vão? Por que tantos esforços para provar uma verdade que ninguém pode desconhecer, nem mesmo tentando com todo o seu coração ignorá-la? Não valeria bem mais destinar todo o seu trabalho à combater o pecado enorme que se encontra nos vãos & inúteis esforços em suprimir o conhecimento de Deus? Um ilustre Teólogo Reformado não teve escrúpulo em dizer que aqueles que, sendo persuadidos que não há nenhum Ateu, disputam com calor contra o Ateísmo, parecem com Dom Quixote, que exercia sua bravura contra moinhos, como se fossem os gigantes mais criminosos & os mais dignos adversários de um valente Cavaleiro."["Plusieurs de ceux qui écrivent avec le plus de zele & avec le plus de travail pour l'existence de Dieu, nient fortement qu'il puisse exister des Athées spéculatifs. Ne prennent-ils donc pas une peine très-inutile? Pourquoi tant d'efforts de prouver une verité que personne ne peut méconnoître, non pas même en tâchant de tout son coeur de l'ignorer? Ne vaudroit-il pas bien mieux destiner tout son travail à combattre le peché énorme qui se trouve dans les vains & inutils efforts d'étouffer la connoissance de Dieu? Un illustre Théologien Réformé n'a point fait scrupule de dire, que ceux qui étant persuadez qu'il n'y a aucun Athée, disputent avec chaleur contre l'Athéïsme, ressemblent à Dom Quichot, qui exerçoit sa bravoure contre des moulins comme si ç'eussent été des géans les plus félons, & les plus dignes adversaires d'un preux Chevalier."](*OD* III[*RQP*], p. 925*b*.)

Política aí engajam-nos. (*Id. Ibid*. pp. 925*b*-926*a*.)[401]

Se Bayle já argumentara a favor do ateísmo especulativo utilizando da vasta literatura de viagem que estava a seu dispor, a respeito dos povos encontrados em continentes recém-descobertos, agora se vale de um exemplo mais vigoroso, cita uma nação milenar, que desde a Antiguidade já possuía um corpo de leis laicas e uma política independente da religião. Nesse sentido, o argumento do consentimento universal fica desestruturado: o ateísmo dos chineses desfaz o antigo mito que associava ateísmo e imoralidade.[402] O ateísmo chinês não é somente um ateísmo negativo, isto é, uma descrença que é caracterizada pelo simples desconhecimento e inutilidade do conhecimento de um deus, mas um ateísmo positivo, um ateísmo resultante de um exame racional, filosófico, que compara os termos para se chegar a uma conclusão favorável ou desfavorável a uma determinada proposição[403]. Bayle cita mesmo autoridades religiosas, como os Jesuítas por exemplo, "que falam positivamente do Ateísmo que reina na China entre a seita dos Letrados."(*OD* III [*RQP* III], p. 926*a*.)[404] E mais: os testemunhos dos Jesuítas são confirmados por seus antagonistas mesmo que a contragosto, o que seria uma forte evidência do ateísmo que foi constatado e registrado pelos missionários viajantes.[405] Nesse sentido, Bayle toca em um ponto fundamental: a ótica dos missionários não foi a de um sectário, mas de um observador imparcial, de um historiador:

> Porque esses Missionários não falam como Controversistas, mas como puros Historiadores; eles não se fundam sobre os costumes dessa seita; eles louvam-na muito mais por esse lado que eles não a censuram; eles se fundam sobre a teoria de seu sistema filosófico & assim esta prova da existência dos Ateus de

---

[401]"Le grand nombre de relations qui assurent que l'on a trouvé des peuples athée dans le nouveau Monde, & le mérite des Auteurs qui ajoûtent foi à cela, font beaucoup de peine aux Théologiens dont Mr. Bernard adopte les hypotheses; mais rien n'est plus propre à les chagriner que les témoignages qui concernent l'Athéïsme des Philosophes de la Chine. Ce n'est pas un simple Athéïsme négatif, comme celui des Sauvages de l'Amérique; c'est un Athéïsme positif car ces Philosophes ont comparé ensemble le systême de l'existence de Dieu, & le systême opposé. Ils se conforment même quant à l'extérieur à idolâtrie du pays, les loix de l'État & leur propre Politique les y engagent."

[402] Para Virgile Pinot "assim, Bayle tinha arruinado o argumento do consentimento universal, e, o que é mais, colocando o fato do ateísmo do Chineses, ele tinha mostrado a independência da moral de da política em relação à religião." PINOT, V. *La Chine et la formation de l'esprit philosophique en France (1640-1740).* Genève: Slatkine Reprints, 2011, p. 364.

[403] Segundo Mori, o ateísmo positivo seria "o ateísmo especulativo *strictu sensu*, que resulta de um exame racional, individual e aprofundado das religiões do mundo e dos dogmas da teologia."(1999, p. 214.)

[404]"[...]qui parlent positivement de l'Athéïsme à la Chine parmi entre le secte des Lettrez."

[405] Bayle cita passagens inteiras de relatos de viagens à China, como, por exemplo, o de Père Le Comte, *Nouveaux Mémoires sur l'État présent de la Chine*. Cf. *OD* III [*RQP*] pp. 926-927 e *DHC*, "Spinoza", nota B. Cf. também CHARNLEY, *op.cit.*, pp. 91-111.

> especulação não pode ser evadida, como se tenta evadir a que se tira dos outros relatos de viagens. (*Id. Ibid*., p. 927*b*.)[406]

Na passagem acima, o primeiro ponto importante é que Bayle mostra que toda possível negligência no empreendimento da observação e do exame da doutrina filosófica dos chineses pelos missionários foi descartada. Para chegar a conclusões mais concretas e convincentes a respeito dos que eles relataram sobre a China, seu devido procedimento foi o de um historiador que observa, examina, compara e depois chega a um resultado final do que foi constatado. Bayle nunca perde de vista o escopo dos que pretendem relatar fatos acuradamente, isto é, pautar-se na necessidade absoluta de deixar de lado as paixões quando se trata de fazer um *examen* rigoroso acerca de uma questão polêmica.[407] Bayle já mencionara a importância fundamental dessa característica do historiador, ou do autêntico historiador no *Éclaircissement sur les athées*:"[...]eu não tenho o direito de aí representar as pessoas como quereria que elas fossem, é preciso eu que as represente como elas eram; não posso suprimir nem suas faltas, nem suas virtudes." (*DHC* IV, p.628[1740]; 2010, p. 16)[408]

O segundo ponto, é que Bayle aborda um assunto delicado que é entre sustentar o ateísmo filosoficamente e sustentá-lo publicamente. Ainda detendo-se no exemplo dos chineses, mesmo estes concepções filosóficas de deus e da providência as quais culminam em um ateísmo *strictu sensu*, em se tratando de política, eles agiam conforme às leis e os costumes do país, mesmo submetidos, *exteriormente*, à idolatria. Nas entrelinhas dessa argumentação, Bayle, antes da contenda a respeito das cerimônias chinesas, sustentou por meio de diversos argumentos de ordem filosófica, histórica e religiosa que ateus podem ser virtuosos, e que o ateísmo está longe de ser incompatível

---

[406]"Car ces Missionaires ne parlent pas en Controversistes, mais en purs Historiens; ils ne se fondent pas sur les moeurs de cette secte, ils la louënt beaucoup plus de ce côté-là qu'ils ne la blâment; ils se fondent sur la théorie de son système philosophique; & assim cette preuve de l'existence des Athées de spéculation ne peut pas être éludée, comme l'on tâche d'éluder celle qui se tire des autres relations de voyages."

[407] Segundo Pinot, "As consequências da Querela das Cerimônias Chinesas e a aspereza dos adversários dos Jesuítas tiveram, talvez, ainda consequências mais consideráveis. Os inimigos dos Jesuítas esforçaram-se, com efeito, em provar que os Chineses eram ateus. Logo, de acordo com os teólogos, a afirmação que o ateísmo podia existir tendia a diminuir o horror natural que todos os homens deviam ter ao ateísmo. Além disso, os teólogos eram persuadidos, contrariamente às ideias de Bayle, que o ateísmo não somente é incompatível com a moral mas que ele torna impossível a existência de uma sociedade. Pretender que a China, nação solidamente organizada, visto que durava há milênios, praticava comumente o ateísmo, era dar razão à Bayle."(2011, p. 427).

[408]["...je n'ai point le droit d'y représenter les gens comme on voudroit qu'ils eussent été, il faut que je les représente comme ils étoient; je ne puis suprimmer ni leurs défauts, ni leurs vertus."]

com uma organização social. Por sua vez, os missionários com suas observações forneceram a prova cabal a Bayle para dar dar mais consistência às suas teses. Essa prova foi fator determinante, pois os chineses eram uma nação milenar, com um *corpus* político e social praticamente inalterado, alheio aos vícios e às corrupções que se instauraram e fizeram sucumbir outros impérios da Antiguidade.

Sobre esta questão de sustentar o ateísmo abertamente em um contexto social e político[409]e não perdendo de vista suas reflexões sobre as possibilidades de um ateísmo especulativo, Bayle cita primeiramente o exemplo da Itália, em particular Roma. Segundo Bayle, nesse país falar de religião é problemático e é mister a prudência, pois a desconfiança é generalizada e todos temem ser denunciados às autoridades religiosas. Nesse contexto, se qualquer um torna-se suscetível de pensar como um incrédulo, é crucial tomar cuidado com as palavras. (*OD* III [*RQP* III], p. 927*b*.) Contrariamente, em outras partes do globo distantes de Roma e longe dos domínios da Inquisição, valem-se sem reservas de sua liberdade. Contudo, posteriormente, na mesma Itália, discursos profanos são disseminados com deboche e as imprecações contra o cristianismo, por exemplo, são de fazer tremer qualquer missionário pouco afeito a impiedades dessa estirpe. (*OD* III [*RQP* III], p. 928*a*.) Bayle apoia-se nos relatos de Erasmo e Goropius Becanus para mostrar que mesmo durante as missas, blasfêmias eram ditas sem escrúpulos e os escritos religiosos, sendo vistos como fábulas infantis pelos doutos de Roma, o estudo da Teologia era simplesmente desprezado. Por tal postura, o que teria de ser verificado era se esses doutos eram ateus especulativos, "pois tendo sido educados no Cristianismo, eles ter-lhe-iam dado o privilégio da verdade do que a qualquer outra religião, se eles tinham acreditado em uma Religião." (*Id. Ibid.*)[410] Se todas as estórias contadas nos escritos ditos sagrados não passavam de puras quimeras para esses doutos, sendo a possibilidade de eles entreverem algum teor de verdade em qualquer religião praticamente nula, as noções de providência e da existência de um deus que eles tinham tornaram-se frágeis e desprovidas de fundamento. Assim, seria mesmo uma condescendência chamá-los de deístas e aqui a diferença entre ser deísta e ser ateu é mínima:

[409] Lembre-se aqui o caso de Jean Meslier, que sendo ateu em seu gabinete, era um cura em Etrépigny.
[410]"[...]car ayant été élevez dans le Christianisme ils lui auroient donné plutôt l'avantage de la verité qu'à toute autre Religion, s'ils avoient crû une Religion."

> Isto deveria abalar de tal forma em seu espírito a doutrina da Providência & as melhores provas de Deus, que ter-se-ia talvez muita caridade para com eles se somente chamassem-nos de Deístas, & aliás, a diferença entre os Ateus e os Deístas não é quase nada, quando se examina as coisas a rigor. Creiamos então que eles eram Ateus interiormente, porque eles não podiam ignorar que a reputação de Ateu não os honraria no mundo, & que só era apropriado para fazer-lhe perder a estima do povo & cem tipos de aprovações. Também é certo que eles não se abriam a todo mundo. (*Id. Ibid.*, pp. 927-928*b*.)[411]

Por definição, se o ateu especulativo é o que examina as proposições religiosas para depois negá-las e a sua diferença é mínima em relação a um deísta, porém, crucial, pois, a rigor, a existência de um deus e a noção de providência não têm mais sentido sob o crivo do ateísmo. O outro aspecto levantado por Bayle é se, em seu foro íntimo, eles eram ateus com receio de exprimirem suas convicções filosóficas com medo de represálias morais e políticas. Quando Bayle diz "creiamos" que eles fossem Ateus intimamente, ele é meticuloso e evita fazer casuística, isto é, tentando sondar as consciências e as intenções do indivíduo. Em termos anacrônicos, Bayle evita fazer psicologia, renunciando a pretensão de querer saber realmente se alguém está convicto de ser ateu. O que está em jogo aqui é a discussão filosófica sobre as possibilidades do ateísmo em termos especulativos ou o *status* filosófico do ateísmo.[412] Entretanto, ele toca na questão da reputação do ateísmo perante um determinado contexto social, pois a dificuldade em aceitar que um ateu seja sociável e respeitador das leis políticas ainda é um entrave em todos os aspectos. O medo iminente e permanente de sofrer sanções físicas e morais somente pelo fato de não acreditar nos deuses impostos pelas autoridades religiosas, ou mesmo pelo fato de não crer em deus algum, leva o ateu a falar sobre suas convicções em círculos pessoais minúsculos, dentre seus pares. Se, por meio de exemplos concretos, à Bayle é cristalino desde os *Pensées Diverses* que crença

---

[411]"Cela devoit ébranler de telle sorte dans leur esprit la doctrine de la Providence & les meilleures preuves de l'existence de Dieu, qu'on auroit peut-être trop de charité pour eles si l'on ne les apelloit que Déistes, & d'ailleurs la différence entre les Athées & les Déistes n'est presque rien quand on examine les choses à la rigueur. Croyons donc qu'ils étaient Athées intérieurment; car ils ne pouvoient pas ignorer que la réputation d'Athée ne leur feroit point d'honneur dans le monde, & qu'elle n'étoit propre qu'à leur faire perdre l'estime du peuple, & cent sortes d'agrémens. Aussi est-il certain qu'ils ne s'ouvroient pas à tout le monde."

[412] O principal é discernir entre o caráter psicológico de convicção interior e o caráter especulativo do ateísmo: "Bayle é, sobretudo, cuidadoso em bem separar o aspecto psicológico da persuasão de seu aspecto puramente especulativo: jamais conseguirá estabelecer se um homem é *realmente* persuadido de seu ateísmo, mais isso vale, na verdade, para qualquer outra convicção intelectual."(MORI, 1999, p. 216, grifo do autor.) Em um outro texto, o comentador italiano diz: "Não saberemos jamais se Bayle, La Mothe Le Vayer, Saint-Évremond, Cyrano, foram, sim ou não, ateus, sobre se por esta expressão que se entender um estado de alma particular, comportando um consentimento completo da vontade e do entendimento a respeito da doutrina da negação de Deus." "L'athée qui masque", in: *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Saint-Étienne: Publicatin de l'Université de Saint-Étienne, 2001, n°5, p. 185. Nesse sentido, para Isabelle Delpla, "saber se Bayle tinha o ateísmo como sua própria posição é tão indecidível como desinteressante." (1999, p.143.) Ver também *OD* III [*RQP*], p. 936*a*.

nada tem a ver com agir moralmente e de acordo com a reta razão, essa assimetria entre uma coisa e outra ainda não é tão evidente aos seus opositores. Por sua vez, os doutos italianos dados como exemplo pelo filósofo de Carla "só falavam de seu Ateísmo com alguma precaução, & que nisto eles quase conformavam-se ao culto e à linguagem ordinária."(*OD* III[*RQP*], p. 928*b*)[413]

Bayle empreende uma discussão específica sobre a doutrina de Gisbert Voetius[414], examinando as suas objeções contra a existência de um ateísmo especulativo e tentando mostrar que os que a negam "não diferem muito dos que não a negam. Sua disputa só gira sobre a diferente definição das palavras." (*OD* III[*RQP* III], p. 930*b*.)[415] Basicamente são quatro os argumentos do teólogo holandês: 1) se existem ateus especulativos, eles o são diretamente, caracterizando-se como um sentimento temporário e de profissão externa, porém, não advindo da persuasão do entendimento nem de uma convicção interior de que não existe deus algum; 2) pouco importa se existiram de fato povos que, privados de caracteres divinos, não reconheciam deus algum. Basta somente crer que, em todos os lugares onde se admita um deus, necessariamente há uma religião, e as coisas existindo ou não, somente expressá-las por meio de afirmações seria suficiente; 3) seria necessário aos pensadores acusados de ateus na Grécia Antiga provarem que seu ateísmo não seria somente uma mera opinião, e sim um objeto de ciência ou uma verdade necessária e provada por uma causa necessária; 4) que ateus à beira da morte confessam sua descrença contra as suas próprias consciências e que é impossível saber o que motivou eles a afirmarem o seu ateísmo. (*OD* III[*RQP* III], p. 931*b*.)

Segundo Bayle, a disputa de palavras consistiria justamente no seguinte: a diferença entre as teses de Voetius e as teses dos que defendem a existência do ateísmo especulativo é que o teólogo holandês não nega que existam pessoas que possuem vícios que os outros definem como ateísmo de especulação, mas não admite que tais

---

[413]"[...]ne parloient de leur Athéïsme qu'avec quelque précaution, & qu'à cela près ils se conformoient au culte & au language ordinaire."

[414] Teólogo holandês (1589-1676), professor de faculdade e predicador da Igreja Reformada. Suas obras principais são: *De atheismo* (1639), *Theologia practica* , *Selectae disputationes theologicae* (cinco partes, Utrecht 1648-1669), ensinamento de moral para a Igreja Reformada, *Politica ecclesiatica* (1663-1667), a respeito da vida da Igreja nas comunidades e *Te askètika sive exercitia pietatis* (1664, publicado em1996), um manual para uma vida pia e moral.

[415]"[...]ne different pas beaucoup de ceux qui la nient point. Leur dispute ne roule guères que sur la différente définition des mots."

vícios sejam dignos desse nome.[416] Nesse sentido, seria necessário verificar se Voetius conseguiu dar uma definição convincente do que seja o ateísmo especulativo e daí impor uma aporia a seus adversários, isto é, que eles respondam acerca do que se passa no coração e na consciência de um ateu em um momento crítico, quando as palavras tornam-se limitadas. Bayle ironiza, dizendo que nem vai se dar ao trabalho de examinar a objeção de Voetius, visto que este incorre no erro de propor uma objeção superficial, isto é, se não tem como sondar as consciências de indivíduos à beira da morte, por exemplo, tal objeção vale tanto para quem nega a existência do ateísmo especulativo como para quem a afirma.[417] O principal é "[...] dizer sobre o quê se fundam os adversários de Voetius, para definir de outra forma o ateísmo especulativo." (*Id. Ibid.*, p. 932*a.*)[418]

A questão é desenvolvida por Bayle da seguinte maneira: se os homens fossem divididos entre os que são convictos da existência de um deus e os que não são, surgiriam duas classes que englobariam toda a humanidade, não havendo meio-termo entre duas teses opostas. A primeira seria suscetível de ser dividida em diversas subclasses, de acordo com as diferentes representações da divindade. A segunda, por sua vez, seria dividida entre os que não examinaram a questão e os que a examinaram. Bayle aqui retoma as definições de ateísmo negativo e ateísmo positivo:

---

[416] Bayle faz uma analogia em relação aos giros de retórica de Voetius: "Eu não me enganarei se comparo a disputa a de dois viajantes, o qual um sustentaria que tinha encontrado muitas pessoas ricas em uma certa Cidade; o outro sustentaria que não tinha encontrado pessoas ricas. O primeiro fundar-se-ia sobre que muitos habitantes tinham três ou quatro mil libras de renda: o segundo permaneceria de acordo, mas pretenderia que isto não basta para ser rico. É certo que seu diferendo seria somente uma disputa de palavras."["Je ne me tromperai point si je compare sa dispute à celle de deux voyageurs, dont l'un soûtiendroit qu'il avoit trouvé beaucoup de gens riches dans une certaine Ville; & l'autre soûtiendroit qu'il n'y avoit point trouvé de gens riches. Le premier se fonderoit sur ce que plusieurs habitans avoient trois ou quatre mille livres de rente: le second en demeuroit d'accord; mais il prétendroit que cela ne suffit pas pour être riche. Il est sûr que leur différend ne seroit qu'une dispute de mots."](*OD* III [*RQP* III], p. 932*a.*)

[417]"Restaria examinar se ele pôde fazer a definição de palavra que é colocada, & impor a seus adversários uma condição impossível, que é a de que eles sondassem as mentes e os corações & que respondessem não somente sobre o que há de mais escondido na consciência, mas também do que se passará na alma de certos homens na hora da agonia, durante o intervalo que começará na cessação da palavra e que terminará no último suspiro. Não é de forma alguma necessário examinar esta questão: conhecei-vos bastante de vós mesmos o que se deve julgar."["Il ne resteroit qu'à examiner, s'il a pû se faire la définition de mot qu'il s'est faite, & imposer à ses adversaires une condition impossible, qui est qu'ils sondassent les reins et les coeurs, & qu'ils répondissent non seulement de ce qu'il y a de plus caché dans la conscience, mais aussi de ce se passera dans l'âme de certains hommes au tems de l'agonie, pendant l'intervalle qui commencera à la cessation de la parole, & qui finira au dernier soupir. Il n'est pas nullement nécessaire d'examiner cette question: vous connoîtrez assez de vous-mêmes ce que l'on en doit juger."](*Id. Ibid.*)

[418] "[...] dire sur quoi se fondent les adversaires de Voëtius, pour définir autrement que lui l'Athéïsme spéculatif." Segundo Gianni Paganini, "a classificação do ateísmo proposta por Bayle permite, ao mesmo tempo, responder a critérios de rigor conceitual e descrever um fenômeno que tem contornos e gradações bem mais amplos que as consideradas por Voetius." Cf. "Pierre Bayle et le statut de l'athéisme sceptique". In: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 394.

> Aqueles definham na ignorância, jamais foram instruídos na Religião & é o que se chama de Ateísmo negativo; é a espécie de Ateísmo a qual os Antilhanos, Os Canadenses, &c foram culpados. Quanto aos que compararam o Teísmo & o Ateísmo, eles podem ser subdivididos de muitos modos, ainda que sejam todos culpados de Ateísmo positivo: uns não decidem nada; os outros decidem pelo Ateísmo. Aqueles encontrando dificuldades tanto do lado da negativa como do lado da afirmativa, ficam em suspenso; são Céticos ou Acatalépticos: se são Céticos, continuam a examinar na esperança de encontrar, enfim, alguma certeza: mas se eles são Acatalépticos, cessam de buscar, se persuadem que a questão é impenetrável, & muito acima de seu espírito, & fixam-se na dúvida. Os que decidem pelo Ateísmo, fazem-no ou porque o acham mais provável que o Teísmo, ou porque imaginam ter demonstrações. Spinoza parece estar neste último caso. (*OD* III[*RQP* III], p. 932*a*)[419]

Dentre as definições de ateísmo positivo e ateísmo negativo fica clara a necessidade exigida por Bayle de se ter uma precisão filosófica nos termos que foi negligenciada por Voetius, reclamando "um verdadeiro conteúdo de pensamento e de filosofia os quais o negador de Deus seria o representante justamente enquanto 'ateu de especulação'". (PAGANINI, 2009, p. 394.) As classificações expostas por Bayle mostram que o conceito de ateísmo pode ser restrito ou mais amplo, suscetível de diferentes níveis de significação e de diferentes interpretações: por exemplo, quando o filósofo de Carla diz que tanto teístas como ateus são culpados de ateísmo positivo, torna-se evidente a falta de rigor conceitual, visto que a mínima heterodoxia é entendida como descrença absoluta.[420] Entretanto, Bayle diz que, sem muito esforço, é possível mostrar todas essas categorias são um ateísmo especulativo:

> Não é difícil mostrar que todos esses tipos de pessoas são Ateus especulativos; porque se o caráter ou a diferença específica dos homens da primeira classe é de serem persuadidos da existência divina, o atributo que os

[419]"Ceux-là croupissent dans l'ignorance; ils n'ont jamais été instruits dans la Religion, & c'est-là ce que l'on appele l'Athéïsme négatif; c'est l'espece d'Athéïsme dont les Antillois, les Canadois, &c ont été coupables. Quant à ceux qui ont comparé ensemble le Théisme & l'Athéisme, ils peuvent être subdivisez en plusieurs façons, quoiqu'ils soient tous coupables de l'Athéisme positif: les uns ne décident rien; les autres décident pour l'Athéisme. Ceux-là trouvant des difficultez tant du côté de la négative que du côté de l'affirmative, se tiennent en suspens; ils sont ou Sceptiques ou Acataleptiques: s'ils sont Sceptiques, ils continuent à examiner dans l'esperance de trouver enfin quelque certitude: mais s'ils sont Acaleptiques, ils cessent de chercher, ils se persuadent que la question est impénétrable, & fort au-dessus de leur esprit, & ils se fixent dans la doute. Ceux que décident pour l'Athéisme, le font ou parce qu'ils le trouvent plus probable que le Théisme, ou parce qu'ils s'imaginent avoir des démonstrations. Spinoza paroît être dans ce dernier cas."Cf. essas definições de ateísmo bayleanas esquematizadas por Mori (1999, p. 215).

[420] Por exemplo, Bayle é cauteloso quando usa o termo "teísta": "Eu me sirvo desta palavra imitando os Ingleses, para significar a fé da existência divina em geral."["Je me sers de ce mot à l'imitation des Anglois, pour signifier en général la foi de l'existence divine."](*OD* III[*RQP* III], p. 932*a*, nota l.)

> distingue dos homens da segunda classe é que eles são Teístas especulativos. É preciso então que todos os homens da segunda classe sejam Ateístas especulativos, visto que sua diferença específica é de não serem persuadidos da existência divina, atributo contraditório à diferença específica da outra classe. (*OD* III[*RQP* III], p. 932*ab*.)[421]

Em termos gerais, o que diferencia o teísta do ateu é a sua persuasão da existência divina, logo, trata-se de um teísmo especulativo. E os ateus que, por sua vez, não são persuadidos de uma existência divina, trata-se de um ateísmo de especulação.[422] Contudo, é preciso atentar às nuances da argumentação, pois dentre a subdivisão feita por Bayle entre os que não são persuadidos da existência divina, há os que negam e há os que somente duvidam, não tendo certeza se tal questão terá uma resolução. O filósofo de Carla menciona categoricamente que é necessário que *todas* as pessoas da segunda classe sejam ateus especulativos, mas ele mesmo estabelece diferenças específicas e conceituais nestas subdivisões. Limitar-se à suspender o juízo, ficando somente na "esperança" de obter uma certeza a respeito de uma determinada proposição e negar a certeza de uma proposição por demonstrações, axiomas e escólios - mesmo estando no âmbito da probabilidade - são coisas bem diferentes. Se o acataléptico definido por Bayle é o que tem a convicção que questões dessa estirpe são impenetráveis, se o cético é o que empreende um exame contínuo, almejando obter êxito para poder tomar uma posição, o ateu é o que, duvidando de determinadas premissas que lhe são apresentadas retorque-as não pela dúvida, mas com uma outra certeza filosófica no seu ponto de vista, a saber, a tentativa de demonstrar com argumentos a inexistência de um deus. Em uma palavra, ao ateu não basta somente

---

[421] "Il n'est pas difficile de montrer que toutes ces sortes de gens sont des Athées spéculatifs; car si le caractere ou la différence spécifique des hommes de la première classe, est d'être persuadez de l'existence divine, l'attribut qui les distingue des hommes de la seconde classe, est qu'ils sont Théistes spéculatifs. Il faut donc que tous les hommes de la seconde classe soient Athéistes spéculatifs, puisque leur différence spécifique est de n'être point persuadez de l'existence divine, attribut contradictoire à la difference spécifique des hommes de l'autre classe."

[422] "Sê-lo-ia remeter-vos aos elementos da Lógica, que fazer lembrar-vos que as duas espécies contidas sob um mesmo gênero, são de tal natureza, que o atributo diferencial que se nega de uma deve ser afirmado da outra. Negai-vos que as bestas sejam racionais? Devei-vos afirmar a partir daí que os homens são racionais. Afirmei-vos que as bestas são irracionais? Devei-vos a partir daí negar que os homens sejam irracionais. Por conseguinte, se os homens que creem em um Deus são Teístas de especulação, os homens que não creem são Ateístas de especulação."["Ce seroit vous renvoier aux élements de la Logique, que de vous faire souvenir que les deux espéces contenues sous un même genre, sont de telle nature, que l'attribut différentiel qu'on nie de l'une, doit être affirmé de l'autre. Niez-vous que les bêtes soient raisonnables? Affirmez-vous que les hommes sont raisonnables. Affirmez-vous que les bêtes soient irraisonnables? Vous devez dès-là nier que les hommes soient irraisonnables. Par conséquent, si les hommes que croient un Dieu sont Théistes de spéculation, les hommes que ne croient point de Dieu sont Athéistes de spéculation."](*OD* III[*RQP* III], p. 932*b*).

duvidar ou restringir-se a dizer que certos problemas filosóficos são insondáveis. Se todos esses aspectos possuem em comum um caráter filosófico, suas diferenças específicas fazem com que suas próprias definições tenham significações diferentes.[423]

Bayle afirma que Voetius ignorara a possibilidade de alguém acreditar em inúmeras coisas sem que a dúvida viesse afligir sua crença, ainda que o contrário fosse plausível. Para aderir a alguma posição ou doutrina, bastando crer que seja verdadeira para adotá-la ou, crendo que ela seja falsa, é suficiente apenas duvidar que ela seja verdadeira. Bayle aqui toca em um ponto importante, a saber, que em relação à discussão entre teístas ateus, para estes últimos basta ver o teísmo como um problema:

> Vede-vos por aí que para ser não-Teísta, ou Ateísta, não é necessário afirmar que o Teísmo é falso; basta vê-lo como como um problema. Vai-se mais adiante, se se junta ao outro partido como a uma coisa bastante provável para aí poder aderir sem imprudência. Vai-se ainda mais adiante, se se afirma que o sistema dos Cristãos sobre a natureza de Deus é impossível. É aí o cúmulo da impiedade, mas os graus inferiores àquele não deixam de ser um Ateísmo. (*OD* III[*RQP* III], p. 932*b*.)[424]

Afirmando a falsidade do teísmo poder-se-ia, ao mesmo tempo, manifestar traços de dogmatismo e ser vítima do círculo vicioso característico de uma discussão na qual duas razões são equivalentes. Poderia ser um avanço na resolução do problema aderir ao ponto de vista ateu, uma vez observando-o o como mais provável, mas indo mais além, entendendo que a concepção de natureza divina cristã é impensável é o grau mais alto de impiedade. Contudo, bastando somente duvidar de certas premissas já se configura um ateísmo especulativo, propriamente cético. Juntar-se ao "outro partido", o ateu, é inocular um germe de dúvida em certezas impostas como a última palavra.[425] Bayle chama a atenção para o fato de que ele incluiu os que duvidam da existência de

---

[423] Para Mori, é aí "onde se vê muito bem que, se o estado de dúvida é considerado por Bayle como uma forma de ateísmo, é somente à medida que essa dúvida tem um caráter *filosófico*, dito de outro modo, quando resulta da igualdade perfeita entre razões conceituais que militam respectivamente pelo ateísmo e pelo teísmo (ou, antes, quando deriva da equivalência exata das objeções que atingem esses dois sistemas.)"(1999, p. 216, grifo do autor.)

[424]"Vous voyez par-là que pour être non Théiste, ou Athéiste, il n'est pas necessaire d'affirmer que le Théisme est faux; il suffit de le regarder comme un problème. On va plus avant, si l'on attache à l'autre parti comme à une chose assez probable pour y pouvoir adhérer sans imprudence. On va encore plus avant, si l'on affirme que le système des Chrétiens sur la nature de Dieu est impossible. C'est-là le comble de l'impiété, mais les dégrez inférieurs à celui-là ne laissent pas d'être un Athéisme."

[425] Trata-se aqui, segundo Paganini, "de ver como ele [Bayle] introduziu no debate de sua época uma figura intelectual relativamente nova, a do ateísmo cético. Com efeito, vemos, na *Réponse*, o surgimento de um 'ateu' 'positivo' e 'especulativo' de novo tipo, que utiliza o ceticismo como um instrumento crítico e não-dogmático, que visa antes à minar certezas recebidas do que construir sistemas alternativos."(2009, p. 405.)

um deus entre os ateus especulativos porque ele somente quis falar "daqueles que afastam-se igualmente da afirmação e da negação deste grande artigo."(*Id. Ibid.*)[426]

Bayle atenta para a possibilidade do surgimento da seguinte questão, a saber, se os que acreditam que na existência de pessoas culpadas de ateísmo positivo e especulativo, creem que a maioria dessas mesmas pessoas, na verdade, "aí só fazem simplesmente duvidar, sem chegar à afirmação real, que não há Deus."(*Id. Ibid.*, p. 933*a*)[427]. O autor da *Réponse* entende que aí se faz necessário estabelecer uma diferença, pois isso concerne a pessoas que, crescidas e educadas na religião cristã e assimilando preceitos dessa doutrina até uma certa idade, é evidente que, quando a persuasão da existência de um deus neles se esvanece, a maioria envereda pelo caminho da incerteza.[428] Vejamos esta passagem:

> Desde que suponheis que uma pessoa perdeu pela via do exame a fé que tinha sugado com o leite no tocante à existência Divina, sereis obrigado a supor que não pôde responder às objeções. Mas, se por causa disso, ela cessou de afirmar mentalmente que há um Deus, é preciso crer que ela evita negá-lo mentalmente; porque as objeções contra o Ateísmo deveram-lhe parecer insolúveis. Ela deve então permanecer como um pedaço de ferro entre dois imãs de mesma força. Que se trate dos Ateus da China, há aparência que a maior parte nega a existência da Divindade. Eles aprendem desde a infância um sistema de filosofia que é um Ateísmo puro. (*OD* III[*RQP* III], p. 933*a*.) [429]

Um exame acerca da crença é um caminho que se bifurca: pode conduzir à descrença absoluta, como pode conduzir a ficar em suspenso acerca da veracidade da existência divina, nem negando ou afirmando-a. Ambas as proposições possuem o mesmo grau de persuasão sobre o indivíduo. Bayle afirma que tanto as objeções contra

---

[426]"Remarquez bien, s'il vous plaît, que quand on place parmi entre les Athées spéculatifs ceux qui doutent de l'existence de Dieu, on ne prétend parler que de ceux qui s'éloignent également de l'affirmation &de la négation de ce grand article."

[427]"[...]là ne font simplement douter, sans en venir à afirmation réelle, qu'il n'y a point de Dieu."

[428] Segundo Bayle, "[...] a maioria imita o Filósofo Protágoras, que começa assim um de seus livros: *No que concerne aos Deuses, não sei se existem ou não, nem o que são*."["...la plupart imitent le Philosophe Protagoras. *Pour ce qui est des Dieux, je ne sai s'il y en a, ni s'il n'y en a point, ni ce qu'ils sont*."](*OD* III[*RQP* III], p.933*a*, grifos de Bayle).

[429]"Dès que vous supposerez qu'une personne a perdu par la voie de l'examen la foi qu'il avoit succée avec le lait, touchant l'existence Divine, vous serez obligé de supposer qu'il n'a pû résoudre les objections. Mais si à cause de cela il a cessé d'affirmer mentalement qu'il y a un Dieu, il faut croire qu'il s'abstient de le nier mentalement; car les objections contre l'Athéisme lui ont dû paroître insolubles. Il doit donc se tenir comme une piece de fer entre deux aimans de même force. Que s'il s'agit des Athées de la Chine, il y a de l'apparence que la plûpart nient l'existence de la Divinité. Ils apprennent dès l'enfance un système de Philosophie qui est un Athéisme tout pur."

o teísmo como as objeções contra o ateísmo não têm solução alguma, o máximo que se pode fazer é *crer* que um deus não esteja sendo negado ou afirmado mentalmente. Logo, Bayle não está preocupado em verificar a sinceridade do ateísmo, mas com a tentativa de inseri-lo em um debate filosófico com as suas respectivas exigências, isto é, se uma determinada proposição é conforme aos princípios que estabeleceu, se as premissas de uma prova são verdadeiras e se é adequada a consequência daí tirada.[430]

Bayle ainda se detém em mais uma observação sobre a doutrina de Voetius. Este se limitou a argumentos inconsistentes a fim de negar que exista o ateísmo, pois valendo-se de uma palavra – isto é, "deus" - e pensando que uma vez sendo admitida a crença nesta palavra, isso seria suficiente para concluir que não se é ateu. Em contrapartida, Bayle afirma que há uma diferença abismal entre as palavras e coisas, ou, em outros termos, é um grave equívoco aplicar uma mesma palavra a coisas diferentes:

> Tenho ainda uma observação a fazer sobre a disputa de Voëtius. Ele se contenta com pouca coisa a fim de poder negar que tenham pessoas que não creem em Deus. Ele se vale de uma palavra, e visto que saiba que se admitem Deuses, isso lhe basta para concluir que não se é Ateu. Mas de quê serve convir com os outros quanto aos nomes, se se diferem quanto às coisas? As Naturezas que os Epicuristas nomearam Deuses, não eram elas as mais afastadas da natureza divina como o Céu é da Terra? Era então falso que eles afirmassem a existência de Deus. (*OD* III[*RQP* III], p.933*b*.)[431]

A nomenclatura dada aos deuses por diversas civilizações e doutrinas filosóficas é o argumento de Bayle para desvalidar o argumento contra a existência do ateísmo. Não basta apoiar-se em uma palavra de um contexto particular para deduzir que uma crença em um deus ou deuses seja fato consumado. Bayle mostra como um problema linguístico impede que se confira o estatuto de universalidade a uma palavra: não adiantando nada adotar um termo somente tomando como critério o seu uso por todos, a sua aplicabilidade em determinados contextos torna-se inviável devido às

[430] Nesse sentido, para Isabelle Delpla, "saber se Bayle tinha o ateísmo como sua própria posição é tão indecidível como desinteressante." (1999, p.143.) E Gianluca Mori diz: "Bayle é, sobretudo, cuidadoso em separar o aspecto psicológico de seu aspecto puramente especulativo: jamais chegarão a estabelecer se um homem é *realmente* persuadido de seu ateísmo, mas isso vale, na verdade, para qualquer outra convicção intelectual [...]."(1999, p. 216, grifo do autor.) Ver também *OD* III [*RQP* III], p. 936*a*.

[431] "J'ai encore une observation à faire sur la dispute de Voëtius. Il se contente de peu de chose afin de pouvoir nier qu'il ait dês gens qui ne croient point de Dieu. Il se paie d'un mot. & pourvû qu'il sache qu'on admet des Dieux, cela lui suffit à conclure qu'on n'est point Athée. Mais de quoi sert de convenir avec les autres quant aux noms, se l'on en differe quant aux choses? Les Natures que les Epicuriens nommoient des Dieux, n'étoient elles plus eloignées de la nature divine que le Ciel ne l'est de la Terre?Il étoit donc faux qu'ils affirmassent l'existence de Dieu."

próprias definições do que seja crer ou descrer. O exemplo dos Epicuristas mostra que a noção de um deus ou a crença em um deus único, válido para todos, é frágil a partir do momento em que se constata que, na verdade, está longe de ser unívoca tal concepção, mesmo tendo seus problemas em, *a contrario*, afirmar que epicurismo e ateísmo sejam equivalentes.[432] Na verdade, o que importa é entrever que as nomeações diferentes aos deuses proferidas pelos mais diversos povos ou doutrinas liquida de vez a pretensão de universalidade de uma palavra, no caso aqui, "deus."

Aqui Bayle faz vir à tona novamente o problema do *consensus universalis*: nunca será possível deduzir a verdade de uma palavra do seu caráter consensual, isto é, somente porque uma noção, sendo aceita por todos sem exame prévio, não seja suscetível de erro. Bayle dá exemplos de posturas religiosas bem mais graves do que negar a existência dos deuses, ou seja, diversos "ateísmos" bem piores que um ateísmo *strictu sensu*:

> Provamos que o Paganismo era, propriamente falando, um Ateísmo; e é certo que os que atribuem a Deus somente qualidades que minam todos os fundamentos da Religião, podem justamente passar por Ateus. É minar todos os fundamentos da Religião representar Deus como um ser que não se intrometa em nossos negócios, ou como uma causa que age sem nenhuma liberdade; porque as orações e as oferendas não podem servir de nada de uma causa que só segue a impetuosidade de sua natureza. Que se viva bem, ou que se viva mal, não será nem mais nem menos: a necessidade fatal, à qual a ação de Deus é submetida segundo esse sistema, não permite que tenha respeito ou a nossas virtudes, ou a nossos vícios. (*OD* III[*RQP* III], p.933*b*.)[433]

Nesse *tableau* dos diversos "ateísmos" que poderiam ser cometidos devido às posturas mais extravagantes de louvar os deuses, Bayle vai ao cerne da questão: é muito pior do que negar a existência de um deus tirar o seu poder de intervir nas ações humanas, suprimir a sua liberdade colocando-o sob o fatalismo do curso da natureza, ou reverenciá-lo por meio de rituais que não vão retirá-lo da submissão à ordem necessária das coisas. Segundo Bayle, é preciso levar em conta que muitas pessoas não negaram que haja uma providência divina ou suprimiram de todo a liberdade atribuída à divindade, daí surgindo a questão de qual seria a

[432] Tratarei a respeito no terceiro capítulo, quando Bayle dá o exemplo de Epicuro como um ateu virtuoso.
[433] "On a prouve que le Paganisme étoit proprement parlant um Athëisme; & il est certain que ceux qui n'attribuent à Dieu que des qualitez qui sappent tous les fondements de la Religion, que representer Dieu comme un être qui ne se mêle point de nos affaires, ou comme une cause qui agit sans aucune liberté; car les prières & les offrandes ne peuvent servir de rien auprès d'une cause que ne fait que suivre l'impétuosité de as nature. Qu'on vive bien, qu'on vive mal, Il n'en sera ni plus ni moins: la necessite fatale, à laquelle l'action de Dieu est assujettie selon ce système-là ne permet qu'il ait égard ou à nos vertus, ou à nos vices."

diferença entre elas e os ateus.[434] Bayle, valendo-se ironicamente de um argumento de Jacques Bernard, menciona que alguns povos da América faziam vários elogios a seus deuses, fazendo deles os autores de suas benesses, porém, entendendo que não seria necessário render-lhes culto algum.[435] Ora, aqui a sutileza de Bayle na crítica a Bernard e também a Voetius: se esses povos entendiam que seus deuses eram os autores de seus bens, mas estes procedendo deles de forma natural e indiferente, que não havia intervenção divina alguma no curso das ações humanas, fazendo tudo o que quisessem e sendo trabalho inútil homenagear os céus com cultos e oferendas, a interrogação do filósofo de Carla é cabal: "Pode-se dizer com razão que esses povos conservaram a ideia de Deus & que os Ateus são os maiores monstros?"(*OD* III[*RQP* III], p. 934*a*.) Aqui Bayle reforça a tese já erigida em seus *Pensées diverses sur la comete*: desconstrói a imagem "monstruosa" do ateu: ele muda o tom dos discursos acerca daquele que descrê, seja entre os apologistas de sua época, seja entre os libertinos[436]. Segundo Jean-Michel Gros, "para dizê-lo em seu próprio estilo, Bayle mudou o que poderíamos chamar o 'gosto' pelo ateísmo." (2012, p.239). O ateísmo em seu tempo era simultaneamente objeto de atração e de repulsa, que não viabilizava uma análise mais comedida a seu respeito e, nesse sentido, quando Bayle vai de encontro com os seus opositores, sua crítica consiste na banalização do fenômeno do ateísmo, isto é, desfazer a clássica associação entre ser ateu e ser uma espécie de "monstro", cuja postura é "inconcebível para todo ser dotado de razão." (*Id. Ibid.*)

Vejamos então, nas palavras do próprio Bayle, quem na verdade seria um monstro desprovido de qualquer racionalidade: "Seja o que for, dir-me-ão, seria uma coisa estranha um ateu que vivesse virtuosamente. É um *monstro* que ultrapassa as forças da natureza. Respondo que não é mais estranho que um ateu viva virtuosamente do que um cristão se entregue a toda sorte de crimes. Se vemos todos os dias esta última espécie de *monstro*, porque acreditaríamos que o outro seja impossível?" (2007, p.362, *OD* III[*PD*], p.110*b*, grifos meus) Se conjecturalmente o ateu é um monstro nos antípodas da natureza, na prática, cristianismo e

[434] Bayle tem o cuidado em diferenciar o ateu daquele que negam a providência divina: "Par quelle raison mettriez-vous de la différence entre les Athées, & ceux qui font agir Dieu fatalement, nécessairement? Les Athées refuseroient-ils à la Nature le titre de Dieu, si l'on s'accordoit avec eux surtout le reste?"(*OD* III[*RQP* III], p. 933*b*.)

[435] *OD* III[*RQP* III], pp.933*b*-934*a*.

[436] Como La Bruyère, em seus *Caractères*:"Eu sinto que há um Deus, e não sinto que não há; isto me basta, todo o raciocínio do mundo me é inútil: concluo que Deus existe. Esta conclusão está em minha natureza; Recebi meus princípios muito facilmente em minha infância, e os conservei depois muito naturalmente em uma idade mais avançada, para suspeitá-los de falsidade. - Mas há espíritos que se desfazem desses princípios. – É uma grande questão se se encontra tais; e quando o fosse, isto prova somente que há *monstros*."(XVI, §15, p.541, grifo meu.) Ver também Boileau em sua crítica à Juvenal: "Entretanto, não vá, perigoso gracejador/Fazer de Deus o motivo de uma terrível bricandeira./Ao final, todos esses jogos que o ateísmo exalta/ Conduzem tristemente o prazeroso à Grève./É preciso, mesmo em canções, bom senso e arte." "Art poétique", II, pp.97-98, In: *Oeuvres Complètes* II. Paris: Garnier Flammarion, 1969.

monstruosidade se equivalem. O *tour de force* empreendido por Bayle em relação ao retrato do ateu torna possível o perfeito conúbio entre descrença e virtude, em uma época onde o preconceito não dava a menor margem para a possibilidade do ateísmo e seus partidários representando um perigo constante. Entretanto, Bayle avança mais na argumentação, não querendo limitar-se a hipóteses, mas mostrar que os poucos que manifestaram abertamente serem ateu nem sempre enveredaram pelo desregramento dos costumes: "Mas, para dizer algo de mais forte e que não fique nos termos de uma simples conjectura, o que eu expliquei no que concerne aos costumes de uma sociedade de ateus, observarei que o pouco de pessoas que fizeram profissão aberta de ateísmo entre os Antigos, um Diágoras, um Teodoro, [...] e alguns outros, não viveram de uma maneira que tenham feito reclamar contra a libertinagem de seus costumes. Não vejo que os acusam por distinguirem-se pelos desregramentos de sua vida tanto como pelas aberrações terríveis de sua razão." (*Id. Ibid*.; *Id. Ibid*., pp.110*b*-111*a*) Bayle toca em um ponto crucial, a saber, o conhecimento de um deus só serve para tornar o crime de um devoto ainda mais hediondo, não para minimizá-lo. No seu paralelo entre o ateísmo e a idolatria que dá o tom de seus *Pensées diverses*, o filósofo de Carla menciona que o ateu, por ter nascido entre os povos que, segundo os relatos de viagem, desde os primórdios nunca reconheceram deus algum, seus crimes poderiam ser atenuados justamente pela ignorância da existência de uma divindade.[437] Logo, na escala de crimes, o idólatra está acima do ateu, pois cometer crimes mesmo sabendo que tais ações não agradariam os deuses é pior do que negar a sua existência: "Então, é um crime maior a um idólatra fazer falsos sermões, pilhar templos e cometer quaisquer outras ações que ele sabe não serem agradáveis a seus deuses, que não é a um ateu fazer as mesmas coisas. Então, a condição dos idólatras é pior que a dos ateus, visto que, uns e outros estando igualmente na ignorância do verdadeiro Deus e incapazes igualmente de servi-lo, os idólatras têm, em particular, certas noções e certas persuasões contra as quais eles não saberiam agir sem uma malícia extrema e sem um visível desprezo de suas divindades." (*Id. Ibid*., p.261; *Id. Ibid*., p.77*a*).

A malícia atribuída ao ateísmo agora muda de lugar: o idólatra tendo pleno conhecimento das ações que desagradariam à divindade e mesmo assim as comete, não pôde fazê-lo sem desconsideração de seus próprios preceitos religiosos. Nesse sentido, a impiedade maior parte do devoto, pois uma vez não contemplado pelos céus, não hesita em concretizar algum crime monstruoso mesmo tendo em conta, *maliciosamente*, que o que está fazendo não apraz a seus deuses. Bayle nos dá um exemplo: "Assim, quando um pagão, permanecendo persuadido que Júpiter e Netuno eram seus deuses, roubava as coisas que lhe eram consagradas

[437] *PD*, §118.

e dizia-lhe injúrias, era sacrílego e blasfemador perante Deus; e não é um menor crime à Calígula chamar seu Júpiter em duelo e lançar-lhe pedras para as nuvens com essas palavras: *Tirai-me do mundo, ou eu tirá-lo-ei*, todas as vezes que ele via cair o relâmpago, do que seria a um cristão fazer a mesma coisa a respeito de Jesus Cristo, se a persuasão do cristão fosse maior que a de Calígula ou que a falta de persuasão fosse menos desculpável no Calígula que no Cristão."(*PD*, 2007, 261; *OD* III[*PD*], p. 77*a*.) Segundo Bayle, para julgar se um crime é mais monstruoso que outro, é mister saber se um foi cometido com mais conhecimento do que outro tanto como faz-se necessário saber qual dos dois criminosos contribuiu mais à sua ignorância com a sua malícia. Ora, um homem pode ter ignorado determinadas coisas porque simplesmente se recusou a instruir-se, com receio de que esta instrução o desviasse de seus maliciosos desígnios, os quais ignorância alguma pode desculpar.[438] Bayle daí infere: "De onde parece que os ateus não podem ofender Deus de tantas maneiras nem com tanta malícia que os idólatras; e que, assim, inflamar cometas extraordinariamente a fim que os homens sejam mais idólatras que ateus é somente querer fazer os homens mais maldosos e mais infelizes. Advirto-vos, uma vez por todas, Senhor, que eu falo desses ateus que ignoram a existência de Deus, não por ter sufocado maliciosamente o conhecimento que eles tiveram a fim de entregar-se a toda sorte de crimes sem nenhum remorso, mas porque eles jamais ouviram falar que se deva reconhecer um deus." (*Id. Ibid.*, p.263; *Id. Ibid.*, p.77*b*) Assim, Bayle reverte a imagem "monstruosa" do ateu aos olhos de seus adversários e vislumbra uma *moral natural*: não se trata aqui de conjecturar ou saber se um ateu terá um comportamento melhor do que outro em sua conduta prática, e sim verificar se por ele mesmo pode alcançar o conhecimento dos mais elevados princípios morais, independentemente de qualquer religião ou doutrina.[439] Antes de tudo, se o ateu é capaz de uma retidão moral, ele também seria o único capaz de uma moral no sentido amplo do termo. Nas palavras de Jean-Michel Gros, "[...] com efeito, só há pureza moral para o ateu, o crente, podendo sempre ser suspeito de subordinar sua boa ação a considerações de interesses, que seriam somente os da salvação."(2012, p. 260)

2.4 *A moral natural*

[438] "De sorte que, se Calígula se levou a este excesso de furor contra Júpiter ainda que o reconhecesse como o deus que lança o relâmpago e que governa o mundo, há tanta malícia em seu feito, *caeteris paribus*, como no de um cristão que, reconhecendo Jesus Cristo como Deus, entretanto, chegaria a um excesso semelhante de brutalidade contra ele" (*PD*, 2007, p.262; *OD* III[*PD*], p. 77*b*.)

[439] Gros levanta a questão: "Dito de outro modo, a questão é: não é ela uma simples emanação de uma tradição particular, e, através dela, de uma religião qualquer que seja, ou, ao contrário, é ela autônoma face a toda doutrina religiosa?"(2012, p.258)

Desde 1675 em seu *Cours* de filosofia sobre a moral, Bayle já formulara o conúbio ou, nas palavras de Mori, o "oximoro", que se trata de "uma moral sem Deus" (1999, p.194) depois retomado e radicalizado em seus *Pensées diverses*, na *Continuation* e na *Réponse*. Bayle tratara mais especificamente sobre o que é a moral e qual seu respectivo objeto:

> Como há duas coisas as quais a posse torna o homem feliz, a saber, o conhecimento da verdade e o amor do que é honesto, e que o espírito humano tem necessidade de diversos recursos para adquirir esses dois bens, não basta que ele tenha uma Lógica para conduzir o entendimento à verdade, mas é preciso ainda uma outra ciência que conduza a vontade, e é o que nós chamamos de Moral, a qual se define a arte de conduzir as ações humanas para o bem. (*OD* IV [*Cours*, "Morale"], p. 258*a*.)[440]

Definido o conceito e o objeto desta ciência que é a condutora das ações humanas para o bem, Bayle define o que seja uma ação humana, isto é, não como uma ação qualquer efetivada pelo homem, mas "somente as que ele produziu pela deteminação de sua vontade, as quais sendo feitas com liberdade & resultante da razão, podem ter o caráter do vício ou de virtude." (*Id. Ibid.*)[441] O amor a um deus ou pela virtude, o ódio ao pecado, o afastamento da desordem são ações que "chamam de costumes ou morais."(*Id. Ibid.*)[442] Bayle precisa mais o que seriam os costumes, isto é, hábitos ou modos de agir a respeito de um objeto honesto, e se tais modos "são conformes à reta razão, eles são bons, e se eles são contrários, eles são maus."(*Id. Ibid.*)[443] Quando se diz que alguém vive bem ou mal em termos morais, entende-se que tal indivíduo tem o costume de fazer ações virtuosas ou viciosas, pois se se trata de um hábito que não tem o vício ou a virtude como escopo, mesmo que se aja com total liberdade, não é agir bem ou mal moralmente falando.[444] Logo, para Bayle "é uma prova que os atos da vontade são o objeto da moral, enquanto se os relaciona a um

---

[440] "Comme Il ya deux choses dont la possession rend l'homme heureux, savoir la connoissance de la verité, & l'amour de ce qui est honnête, & que l'esprit humain a besoin de plusieurs secours pour acquérir ces deux biens, ce n'est pas assez qu'il y ait une Logique pour conduire l'entendement à la vérité, mais Il faut encore une autre science qui dirige la volonté, & c'est ce que nous appellons la Morale, laquelle on définit l'art de diriger les actions humaines vers le bien."

[441] "Par actions humaines, on entend, non pás toutes sortes d'actions produites par l'homme, mais seulement celles qu'il produit par la determination de sa volonté, lesquelles étant faites avec liberte & du sçu de la raison, peuvent Porter le caractere du vice ou de vertu."

[442] "[...] "Ce sont actions qu'on appelle moeurs ou morales."

[443] "Si ces habitudes d'agir sont conformes à la droite raison, elles sont bonnes, & si elles sont contraíres, elles sont mauvaises."

[444] Bayle dá um exemplo: "Assim, um pintor que pinta livremente, muitas vezes não é censurado por agir bem ou mal moralmente, seja que ele siga as regras de sua arte ou que não as siga."["Ainsi un peintre que peint librement, souvent n'est point censé agir bien ou mal moralementm soit qu'il suive les règles de son art ou qu'il ne les suive pas".] *OD* IV[*Cours*, "Morale"], p. 259*b*.

objeto honesto."(*Id. Ibid*., p. 259*b*.)

Bayle dá um contorno mais preciso na sua definição dos princípios da moral, apontando para a necessidade do reconhecimento de alguns axiomas morais, mesmo sendo evidente a corrupção do homem que entende "que os princípios da Metafísica têm mais evidência para ele que os da moral. Mas isso não impede que esses últimos sejam princípios verdadeiros universalmente e evidentemente." (*Id. Ibid*., p.259*b*.)[445] Mesmo em seu tom pessimista a respeito do homem no que concerne à moral, Bayle reconhece que ainda existem no homem alguns resquícios de uma justiça universal, que faz com que ele reconheça o que é justo e honesto e que permite-lhe diferenciar do que é injusto e vergonhoso, pois "há uma certa lei da natureza que todos os homens entendem sem regras e sem preceitos, e que põe a diferença entre o bem e o mal."(*OD* IV[*Cours*, "Morale"], p. 259*b*.)[446] Contudo, Bayle admite que se a reta razão dita ao homem seguir os axiomas morais, é necessário ter em conta que toda regra tem a sua exceção: se um mandamento exige que é necessário, por exemplo, honrar e amar os pais, tal exigência se esvai a partir do momento que eles ensinam más coisas aos seus filhos ou dando-lhes maus exemplos em sua conduta moral, já que "a mesma razão do homem que conhece a certeza de uma regra conhece também as exceções que aí é preciso fazer."(*Id. Ibid*.)[447] Para Bayle, não há povo que seja tão bruto para desconhecer a honestidade de fazer bem ao seu benfeitor, de cumprir à risca as promessas e os contratos estabelecidos por ambas as partes, prezar a amizade de outrem, de não causar o mal a quem não fez mal algum. E esses mesmos povos também reconhecem que toda ação contrária ao bem é desprovida de honestidade e virtude. Logo, "resta em todos os homens alguma noção da bondade moral." (*Id. Ibid*., p.260*a*.)[448]

---

[445] "J'avouë que telle est la dépravation de l'homme, que les príncipes de la Métaphysique ont plus d'evidence pour lui que ceux de la morale. Mais cela n'empêche point que ces derniers ne soient des príncipes vrais universellement & évidemment."

[446] "Il y a une certaine loi de la nature, que les hommes entendent tous sans règles & sans preceptes & qui met de la difference entre le bien & le mal."

[447] "La même raison de l'homme qui connoît la certitude d'une règle connoît aussi les exceptions qu'il y faut faire."

[448] "Donc Il reste dans tous les hommes quelque notion de la bonté naturale." Se Bayle menciona a existência de povos ateus, e se todos os povos reconhecem as noções da bondade moral, logo, ao ateu não é possível desconhecer as noções de bondade moral, independente da existência de um deus. Nesse sentido, não procede a crítica de Locke aos ateus quando afirma que eles seriam quebradores de promessas, por exemplo. Na sua *Carta acerca da tolerância* ele diz inequivocamente: "Por último, os que negam a existência de Deus não devem ser de modo algum tolerados. As promessas, os pactos e os juramentos, que são os vínculos da sociedade humana, para um ateu não podem ter segurança ou santidade, pois a supressão de Deus, ainda que apenas em pensamento, dissolve tudo. Além disso, uma pessoa que solapa e destrói por seu ateísmo toda religião não pode, baseado na religião, reinvidicar para si

Bayle estabelece a divisão da moral entre natural e adquirida. Primeiramente ele define o que é a moral natural, esta sendo "uma certa luz natural que brilha na alma pela força da qual não há homem que não reconheça os primeiros princípios gerais dos costumes."(*Id. Ibid*.)[449] Nesse sentido, se há uma lei natural que delimita o que é agir bem ou agir mal, um exemplo desta lei seria no caso de um réu culpado absolvido por seu juiz, mas que posteriormente ficará atormentado com remorsos na consciência, mesmo cometendo um crime sem testemunho algum e nada tendo a temer da justiça humana. Curiosamente, Bayle aqui evoca um consentimento geral no tocante à louvação das boas ações e o repúdio às ações criminosas, "o que os celerados não fariam, se a luz natural não os advertisse que o bem é louvável e o mal censurável." (*OD* IV[*Cours*, "Morale"], p.260*a*.)[450] Esta luz natural é denominada por Bayle de consciência, isto é, um julgamento de ordem prática do entendimento, que dita quando e como fazer uma coisa sendo honesta, como quando é preciso evitar uma coisa má: "em uma palavra, é um conhecimento da lei natural, pelo qual cada um julga qual coisa é honesta e fazê-la, e alguma outra que é vergonhosa e evitá-la."(*Id. Ibid*., p. 261*a*.)[451] e

---

mesma o privilégio da tolerância." LOCKE, John. *Carta acerca da tolerância.* Trad. de Anoar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1978, 2ª edição, pp.23-24.

[449] "[...] une certaine lumière naturelle qui brille dans l'âme par la force de laquelle il n'y a point d'homme qui ne reconoisse les premiers géneraux des moeurs."Sobre a luz natural definida como uma razão universal, ver *OD* II[*CPh*], p. 369*b*.

[450] "Je ne dis rien du consentement general à louër les bonnes actions, & à blâmer les crimes, ce que les scelérats ne feroient pas, si la lumière naturelle ne les avertissoit que le bien est loüable, & le mal blâmable."

[451] "En un mot, c'est une connoissance de la loi naturelle, par laquelle chacun juge quelle chose est honnête, & à faire, & quelque autre est honteuse, & à fuir." Comparemos essa passagem ao que Bayle afirma na *Réponse*: "Mas se por consciência entendeis como um julgamento de espírito que nos excita a fazer certas coisas porque elas são conformes à razão & que nos afasta de de algumas outras coisas porque elas são contrárias à razão, não é de forma alguma impossível que um Ateu tenha consciência, e mesmo encontrar-se-á isso possível se se acrescenta à definição de consciência esse caráter ordinário, é que ela causa prazer ou desgosto segundo o que se conformou às ideias do dever, ou o que se afastou.["Mais se par la conscience vous n'entendez qu'um jugement de l'esprit qui nous excite à faire certaines choses parce qu'elles sont conformes à la raison, & qui nous détourne de quelques autres parce qu'elles sont contraires à la raison, Il n'est nullement impossible qu'um Athée ait de la conscience; & l'on trouvera même cela possible si l'on joint à la définition de la conscience ce caractere ordinaire, c'est qu'elle donne ou du plaisir ou du chagrin selon qu'on s'em conforme aux idées du devoir, ou que l'on s'en est écarté."] *OD* III, p. 986*b*. Compare-se com o que Bayle diz no *Commentaire*: "Eu não creio que ninguém me conteste a verdade deste princípio: *Tudo o que é feito contra o dictamen a consciência é um pecado*; porque é tão evidente que a consciência é uma luz que nous diz que uma tal coisa é boa ou má, que não há aparência que ninguém duvide desta definição de consciência. Não é menos evidente que toda criatura que julga que uma ação é boa ou má, suponha que há uma lei ou uma regra no tocante à honestidade ou a torpeza de uma ação. E se não for ateu, se crê em uma religião, supõe necessariamente que esta lei e esta regra esta em Deus."["Je ne crois pás que personne me conteste la vérité de ce príncipe: *Tout ce qui est fait contre le dictamen de la conscience est un peché*; car Il est si évident que la conscience est une lumière qui nous dit qu'une telle chose est bonne ou mauvaise, qu'il n'y a pás apparence que personne doute de cette définition de la conscience. Il n'est moins évident que toute créature qui juge

os que se conduzem somente por ela "levam uma vida conforme à equidade," supondo-se "ter a moral natural". (*Id. Ibid.*)[452] Da moral natural é oriunda a moral adquirida, definida como uma "arte composta de preceitos" (*Id. Ibid.*), que os homens, auxiliados por fatores de diversas ordens como pela experiência e pelo raciocínio, foram "construídos sobre a lei natural, após ter examinado com mais atenção e exatidão os deveres que a virtude impõe, e as doenças de nossa alma."(*Id. Ibid.*)[453] E qual seria a diferença entre uma moral e outra? Segundo Bayle a principal distinção seria que a moral natural "é a mesma em todas as Nações" (*Id. Ibid.*) ao passo que a adquirida "varia segundo os povos e as nações e segundo as seitas." (*Id. Ibid.*) A relatividade da moral adquirida consistiria no fato de que uma coisa sendo boa a uma nação, poderia ser perniciosa à outra, indo para além da universalidade dos preceitos da moral natural, pois "o que parecia honesto aos Gregos, parecia desonesto aos Romanos, e os Estóicos falam de outra maneira da virtude do que os Epicuristas." (*Id. Ibid.*)[454] Bayle ainda empreende uma divisão da moral adquirida, a saber, a habitual, "a que está na alma do Moralista" (*Id. Ibid.*, p. 264*a*.) e a sistemática, a "que se ensina, segundo um certo método, ou de viva voz, ou por escrito."(*Id. Ibid.*) E nesta divisão há uma outra, a divisão entre moral teórica, que é de caráter geral, proporcionando "princípios gerais de conduta, fazendo abstração das circunstâncias particulares" (*Id. Ibid.*) e a moral prática, que aplica tais preceitos "seguindo as circunstâncias nas quais é preciso fazer uma ação de temperança ou justiça."(*Id. Ibid.*). Segundo o filósofo de Carla, é certo que a moral teórica ensina como é preciso agir em determinadas ocasiões, contudo, as mesmas variando *ad infinitum*, torna-se algo impossível prever todas, de tal forma que os preceitos podem ser observados como gerais e independentes das circunstâncias particulares. Nesse sentido, é mister "uma prudência perfeita para bem aplicar as

---

qu'une action est bonne ou mauvaise, suppose qu'il y a une loi ou une règle touchant l'honnêteté ou la turpitude d'une action. Et si l'on n'est pás athée, si l'on croit une religion, on suppose nécessairement que cette loi et cette règle est en Dieu."] 1992, II, viii, p.283; *OD* II[*CPh*], p. 422*b*., grifos de Bayle.) Logo, se toda criatura é capaz de conceber uma lei ou regra que permita discerner entre o que honesto ou desonesto, Bayle reafirma as bases de uma moral ateia ou a autonomia da moral em relação à religião. Ver a respeito a nota 3 à esta mesma passagem na edição de 1992, p.283 [J.-M. Gros), do *Commentaire* e PRIMO, Marcelo de Sant'anna Alves. *O ateísmo na filosofia de Pierre Bayle*. São Cristóvão: UFS, 2012, pp.77-78 em particular.

[452] "Cette lumière naturelle par laquelle nous approuvons les principes des moeurs est appellée conscience, & ceux qui conduits par elle seule menent une vie conforme à l'équité, sont censez avoir la morale naturelle."

[453] "C'est de cette morale naturelle que derive la morale acquise, qui n'est rien autre chose qu'un art composé de préceptes, que les hommes aidez par l'étude, par l'expérience, & par le raisonnement, ont bâtis sur la loi naturelle, après avoir examiné avec plus d'attention & d'exactitude les devoirs qu'impose la vertu, & les maladies de nôtre ame."

[454] "[...] car ce qui paroît honnête aux Grecs, paroît deshonnête aux Romains, & les Stoïciens parlent autrement de la vertu que les Epicuriens."

regras." (*Id. Ibid.*).

Bayle afirmando que sendo comum dizer que uma ação boa moralmente é quando é feita de acordo com a reta razão, aponta para a necessidade de verificar qual é o seu significado:

> Mas, como se diz ordinariamente que uma ação é boa moralmente quando ela é conforme à reta razão, é preciso ver o que é a reta razão. Os Filósofos chamam assim o julgamento que a alma tem naturalmente sobre conclusões práticas ou pertencentes aos costumes, tiradas de princípios práticos. (*OD* IV [*Cours*, "Morale"], p. 261*a*).[455]

O que estaria em sintonia com a reta razão seria definido como algo bom, pois a razão humana não seria tão corrompida e tampouco a luz da razão seria tão fraca para a alma chegar ao ponto de não ter um discernimento sobre o que é honesto ou desonesto. Como ainda subsiste no homem uma luz natural, através da qual ele julga sem se equivocar em relação às verdades conhecidas por si mesmas, a ele é possível julgar a respeito de conclusões hauridas dessas mesmas verdades. Assim sendo, quando um preceito é conhecido *per se*, ou que é decorrente de um princípio conhecido por ele mesmo, "então se pode dizer que esse princípio é conforme à reta razão, e que as ações feitas por esse princípio também lhe são conformes." (*Id. Ibid.*)[456] Nessa tomada de posição claramente racionalista em seus primeiros escritos, Bayle já lança as bases de uma moral ateia: se todos os homens reconhecem os princípios da moralidade, logo, tal reconhecimento é atribuído aos ateus e seus argumentos, estando em "consonância com seus escritos seguintes impede de considerá-los como tomadas de posições contingentes." (MORI, 1999, p.192.)[457] Em uma palavra, os axiomas morais são

---

[455] "Mas, comme on dit d'ordinaire qu'une action est bonne moralement, lorsqu'elle est conforme à droite raison, il faut voir ce que c'est que la droite raison. Les Philosophes appellent ainsi le jugement que l'âme porte naturellement sur des conclusions pratiques ou appartenantes aux moeurs, tirées de príncipes pratiques."

[456] "Lors donc qu'um précepte est connu par lui même, ou qu'il est tire d'um príncipe connu par lui même par une conséquence evidente, alors on peut dire que ce príncipe est conforme à la droite raison, & que les actions faites par ce príncipe lui sont aussi conformes."

[457] Bayle afirma na *CPD*: "A mais geral destas regras é que é preciso que o homem queira o que é conforme à reta razão e que todas as vezes que ele quer o que não é conforme, ele se afasta do seu dever. Não há verdade mais evidente que dizer que é digno da Criatura racional conformar-se à razão e que é indigno da Criatura racional não conformar-se à razão." ["La plus générale de ces règles-ci est qu'il faut que l'homme veuille ce qui est conforme à la droite raison, & que toutes les fois qu'il veut ce qui n'y est pás conforme, Il s'écarte de son devoir. Il n'y a point de vérité plus evidente que de dire qu'il est digne de la Créature raisonnable de se conformer à la raison, & qu'il est indigne de la Créature raisonnable de ne se conformer à la raison."] *OD* III, p. 406*a*.

oriundos tão e somente da natureza das coisas, constituindo-se como um *corpus* de leis sem a necessidade de um legislador, ou de um juiz divino distribuidor de benefícios ou sanções.

Em um parágrafo da *Continuation*, Bayle toca em um ponto que remete, de certa forma, às suas teses do *Cours* de moral no tocante às ações humanas ou a respeito do móbil de tais ações. Ele questiona se um ateu poderia imaginar que há uma diferença tanto natural quanto moral entre o vício e a virtude. Segundo Bayle, somente haveria duas maneiras de o ateu confundir um com o outro:

> A primeira é que, não crendo que uma inteligência infinitamente santa tenha ordenado nada nem proibido nada ao homem, eles devem se persuadir que nela mesma nenhuma ação é boa ou má, e o que se nomeia bondade moral ou falta moral só depende da opinião dos homens. De onde se segue que de sua natureza a virtude não é preferível ao vício, e que se pode indiferentemente preferi-la, ou adiá-la segundo o que o coração diz. A segunda é, que não crendo na Providência eles devem se persuadir que não há outras recompensas nem outras penas que as que podem vir do homem, e que assim é completamente indiferente ater-se antes à virtude do que ao vício, ou antes, ao vicío do que à virtude, significando que se tome bem suas medidas em relação às leis humanas. (*OD* III[*CPD*], p. 405*b*).[458]

Na primeira parte da passagem, se uma inteligência divina é descartada, que nada ordenou e também tudo permitiu ao homem, este entende que se nenhuma ação pode ser denominada como boa ou má, as noções de bondade ou maldade à luz da moral tem unicamente como parâmetro a opinião de outrem. Por sua natureza, a virtude não seria melhor que o vício e vice-versa, e a preferência por um ou outro ficaria limitada ao âmbito da indiferença, não tendo motivos propriamente ditos para uma escolha deliberada e consciente. Quanto à segunda parte o raciocínio é o mesmo: se uma providência divina é negada e junto com tal negação a recusa em acreditar que existam

[458] "La premiére est que ne croïant pás qu'une intelligence infiniment sainte ait rien ordonné, ni rien défendu à l'homme, ils doivent se persuader qu'en elle-même aucune action n'est ni bonne, ni méchante, & que ce qu'on nomme bonté morale ou défaut moral, ne dépend que de l'opinion des hommes; d'où Il s'ensuit que de sa nature la vertu n'est préferable au vice, & qu'on peut indifférement la préférer, ou la postposer selon que le coeur dit. La seconde est, que ne croïant point de Providence: ils doivent se persuader qu'il n'y a point d'autres recompenses, ni d'autres peines que celles qui peuvent venir de l'homme, & qu'ainsi est tout-à-fait indifférent de s'attacher à la vertu plutôt qu'au vice, ou plutôt au vice qu'à la vertu, moïennant que l'on prenne bien sés mesures par raport aux loix humaines."

recompensas para boas ações e castigos para as más ações, e sendo indiferente preferir a virtude ou o vício, a justa medida das ações seriam as leis estabelecidas pelo homem. Entretanto, Bayle muda o lócus da questão, afirmando que é provável e não fato consumado que houve certos ateus que pensaram de tal forma, como é também provável que os ateus viram que louvaram a virtude *per se* e execraram o vício por si mesmo:

> Eu convenho que é bastante provável que vários Ateus raciocinem assim, e não são os piores de todos, porque eles conservam motivos de preferência pela virtude, no caso em que a educação, o temperamento, o amor aos louvores e à bela glória, o medo da censura e tais outras considerações os ajudem a reprimir os atrativos do vício. Mas é muito possível que então Ateus filosofem diferentemente, e que eles encontrem na virtude uma honestidade natural e no vício uma desonestidade natural. (*Id. Ibid.*.)[459]

Esta passagem é fundamental, pois mostra o quanto Bayle não dá um ganho de causa cego aos ateus, mas vê a problemática em todos os seus aspectos. Claramente, ele menciona que podem existir ateus que, simplesmente por motivos de interesse próprios e por fatores diversos de ordem interna e externa, – o temperamento, a educação e outros – eles podem pender para a virtude a partir do momento que tal propensão os favorece de alguma forma, quando possibilita alguma vantagem de cunho material, uma boa reputação em um determinado meio ou o temor de ser censurado de alguma forma. Entretanto, o contrário também é plausível, pois podem existir ateus que simplesmente põem em segundo plano seus interesses pessoais e prezam a virtude por si mesma, isto é, por sua própria natureza a virtude é algo louvável e digna de ser cultivada. E o vício, por sua vez, entendido como algo naturalmente desonesto, é suscetível de ser descartado uma vez que é o pilar e o móbil de uma certa moral de interesse denunciada por Bayle, quando o vício toma ares de amor à virtude motivado pela vontade de se obter algo em proveito próprio, ou seja, fazendo da virtude um meio e não um fim. Se o cultivo da virtude por si mesma é perfeitamente concebível para os ateus, na *Continuation*, Bayle diz:

[459] "Je conviens qu'il est fort probable que plusieurs Athées raisonnent ainsi, & ce ne sont pas les pires de tous; car ils conservent des motifs de préferénce pour la vertu, en cãs que l'éducation, le tempérament, l'amour des loüanges, & de la belle gloire, la crainte du blâme, & Telles autres considérations les aident à réprimer les attraits du vice. Mais il est très-possible que bien des Athées philosophent autrement, & qu'ils trouvent dans la vertu une honnêteté naturelle, & dans le vice une dès-honneteté naturelle."

> Que nos impede de supor uma parecida conduta nos Ateus? Eles devem imaginar segundo seus princípios que a ignorância e a ciência, que o vício e a virtude são coisas tão perfeitas nelas mesmas umas como as outras tendo em conta o universo. Mas eles não sentem evidentemente que elas pareçam tão perfeitas tanto umas como outras em relação ao homem. Não ter espírito, ser tolo, ser desprezado são coisas que parecem completamente hediondas: o contrário parace belo e agradável. A virtude parece bela e honesta, o vício parece feio e desonesto. Por que quereis que essas aparências tenham menos atividade sobre os Ateus que sobre os Pirrônicos, e que elas não sejam o móbil e o recurso de suas ações como a dos Céticos? (*OD* III[*CPD*], p. 405*a*.)[460]

Bayle separa os termos da discussão: se vício e virtude podem ser equivalentes cosmologicamente, antropologicamente e moralmente estão nos antípodas. Tudo o que é bom, belo e honesto é atribuído à virtude, e tudo o que é de pernicioso, desonesto e bizarro é característico do vício. Se o filósofo de Carla supõe a existência de ateus corrompidos e viciosos, os quais têm como imperativo moral seus regozijos, de forma alguma é possível associar tal imagem ao ateísmo em sua totalidade. Mesmo Bayle fazendo uma "discreta apologia do ateísmo" (GROS, 2012, p. 260) sua reflexão filosófica é equilibrada: dentre os ateus, existindo os que agem em nome de seus próprios interesses, também há os que abdicam absolutamente de seus próprios anseios, visando ao bem e a retidão em suas ações. Bayle não é um apologeta dogmático do ateísmo – pois era protestante – mas o que interessa aqui, não é a sua crença, mas a sua perspicácia filosófica, estabelecendo o nexo perfeitamente concebível entre ateísmo e virtude. O suposto "paradoxo" entre ser ateu e ser moral sob sua pena foi desfeito, deslocando e situando do outro lado tal paradoxo, isto é, nem sempre crer em um deus e ser devoto de uma religião foi sinônimo de retidão moral e comedimento nas ações.[461]

---

[460] "Qui nous empêche de suposer une pareille conduite dans les Athées? Ils doivent s'imaginer selons leurs príncipes que l'ignorance & la science, le vice & la vertu sont des choses aussi parfaites en elles-mêmes les unes et les autres, eu égard l'univers; mais ils sentent evidemment qu'elles ne paroissent pás aussi parfaites les unes que les autres par raport à l'homme. Ne avoir point d'esprit, être sot, être méprisé, sont des choses qui paroissent tout-à-fait hideuses: le contraire paroît beau & agreeable. La vertu paroît belle & honnête, le vice paroît laid & deshonnête. Pourquoi voulez-vous que ces aparences aïent moins d'activité sur les Athées que sur les Pyrrhoniens, & qu'elles ne soient pás le móbile & le ressort de leurs actions, comme celles des Sceptiques?"Nesse sentido, ficamos com as palavras de Mori: "Pode sustentar que, segundo Bayle, o fato que se possa legitimamente suspeitar de *certos* ateus de terem agido por orgulho não resulta de forma alguma que *todos* os ateus ajam sempre por móbeis imorais."(1999, p.198, grifos do autor.)

[461] Bayle cita Marco Aurélio em sua associação do ateu com o homem de bem: "Não duvideis que o livro de Marco Aurélio esteja repleto da mais sólida moral que a Filosofia pagã pôde fornecer. Sê-lo-á então citar-vos uma autoridade de grande peso dizendo-vos que este Imperador Filósofo observa que ser conduzido pela Razão às coisas que pareçam deveres é uma qualidade comum aos Ateus com os homens de bem." ["Vous ne doutez pás que le livre de Marc-Auréle rempli de la plus solide morale, que la

2.5 *Ateísmo e virtude: falso paradoxo?*

O medo de "maus" presságios proporcionado pela passagem de cometas foi mais um pretexto do que propriamente um motivo para Pierre Bayle redigir seus *Pensées diverses sur la comète*, uma vez que o filósofo atacará com firmeza toda sorte de superstições, bruxarias, adivinhações e presságios no decorrer da obra.[462] Nesse sentido, de uma crítica contundente à superstição, o filósofo de Carla faz com que a questão do ateísmo entre realmente a sério no pensamento moderno, empreendendo a sua tarefa subterrânea de corrosão na esfera da religião e da transcendência[463]. Circunscrevendo o âmbito no qual o ateísmo pode ser compreendido, a saber, na esfera dos costumes, convenções religiosas, políticas e teológicas, e até mesmo no campo dos temperamentos e caracteres, desde os *Pensées diverses* até a *Continuation* e a *Réponse* Bayle erige, fundamenta e radicaliza o vínculo entre ateísmo e virtude, entendendo aqui ateísmo sob um enfoque de caráter prático, ou seja, em relação à atitude daqueles que vivem como se um deus não existisse, minimizando o valor de sua eficácia sobre a conduta humana. Porém, tal postura não é menos dotada de virtude, uma vez que se entenda tal termo como uma perpétua disposição para cumprir determinados atos morais e tendo como objeto os atos da vida prática, como por exemplo, justiça, honestidade, coragem, amizade, entre outros. De tais definições, surge no horizonte a figura do *ateu virtuoso* em meados do século XVII, ou seja, aquele que estabelecendo uma relação

---

Philosophie païenne put fournir. Ce sera donc vous citer une autorité de grand poids que de vous dire que cet Empereur Philosophe remarque que d'être conduit par la Raison vers les choses qui parroissent des devoirs, est une qualité commune aux Athées ace les hommes de bien."] *OD* III[*CPD*], p. 405*a*.

[462] Para Pierre-François Moreau, ao constatar o resultado do acontecimento, isto é, da passagem do cometa, Bayle "vai substituir sua explicação supersticiosa por uma antropologia da superstição." MOREAU, Pierre-François, "Les sept raisons des *Pensées diverses*", In: *Pierre Bayle: la foi dans le doute*. Génève: Labor et fides, 1995, p.22. Por sua vez, para Alain Niderst, a redação dos *Pensées diverses* poderia ser mais que um mero pretexto: "O cometa é somente um pretexto ao qual o autor recorreu após ter terminado a sua obra, ou é o ponto de partida do qual ele se afastou sem escrúpulos?" In: BAYLE, Pierre. *Oeuvres diverses*. Paris: Éditions Sociales, 1971, p. 53.

[463] Ver a metáfora do próprio Bayle do poder corrosivo da razão, no verbete "Acosta", nota G, do *Dictionnaire*. Segundo Delpla e Robert, "a metáfora médica e biológica das partículas corrosivas exprime esta ambivalência da razão aos olhos de Bayle: antes de tudo, ele reconhece nela uma função terapêutica, a de um instrumento crítico indispensável à busca da verdade, recusando todo argumento de autoridade, todo preconceito, toda solução de complacência, escrutando e dissecando cada argumento de uma demonstração." DELPLA, I. e DE ROBERT, P. "Introduction", in: DELPLA, Isabelle, ROBERT, Philippe de. *La raison corrosive: études sur la pensée critique de Pierre Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2003.

imediata entre razão e virtude, não crendo em uma providência nem na imortalidade da alma, tampouco em recompensas *post-mortem*, deposita sua confiança nas próprias leis que promulgou, e fazendo das mesmas a única condição para viver e para a sua felicidade. Daí duas conclusões cabais: primeiramente, a moral natural é absolutamente suficiente para assumir a virtude e a vida social; a outra, decorrente da primeira, é que o ateísmo não é prejudicial à vida civil.[464]

Tais considerações preliminares permitem agora adentrar no núcleo duro da questão: o paradoxo ou o suposto paradoxo do ateu virtuoso[465]. Bayle diz nos *Pensées diverses*:

> Assim sendo, posso passar a fazer o paralelo da idolatria e do ateísmo e mostrar que a idolatria é, pelo menos, tão abominável como o ateísmo, porque não tenho necessidade que este paradoxo seja verdadeiro. Eu o ouvi sustentado por um dos mais hábeis homens da França e que é tão bom cristão quanto eu o conheço. Permiteis relatar-vos uma parte de suas razões e parafraseá-las ou comentar segundo o que julgarei a propósito. (2007, p. 257; *OD* III [*PD*], p. 75*b*.)[466]

Eis o ponto de partida: a comparação da idolatria com o ateísmo, apurar equilibradamente e passo a passo seus prós e contras e ver qual dois é o menos aberrante. [467] Bayle é prudente, pois afirma que o conúbio entre ateísmo e virtude pode

---

[464] Tese que escandalizara Frédéricde Dohna. Ao final de uma carta à Bayle, de junho de 1683, ele diz: "Mas eu estou perdido aí onde bastaria repetir que estou muito persuadido que a idolatria é ainda mais criminosa perante Deus do que o ateísmo, mas que, entretanto, é um obstáculo muito grande à integridade da vida, mesmo se não tivesse o cristianismo." [Mais jê me suis bien egaré là ou il suffisoit de redire que jê suis trop persuade que l'idolatrie est encore plus criminosa devant Dieu que l'atheïsme, mais que pourtant l'atheïsme est um três grand obstacle à l'integrité de la vie, quand meme, il n'y auroit point de christianisme."] In: BAYLE, Pierre. *Correspondance*, Tome III. Publiées et annotées par Élisabeth Labrousse, Hubert Bost *et alli*. Oxford: Voltaire Foundation, 2004, lettre 223, p. 367.

[465] Para Mori, o que por vezes é chamado "o paradoxo do ateu virtuoso não é de todo um paradoxo para Bayle, mas uma consequência de seu racionalismo moral." "Baruch de Spinoza: athée vertueux, athée de système", In: *Critique, savoir et érudition à la veille des Lumières*: le *Dictionnaire historique et critique* de Pierre Bayle. Amsterdam & Maarssen: APA-Holland University Express, 1996, p.345.

[466] "Cela étant, jê puis me passer de faire le parallèle de l'idolãtrie et de l'athéisme et de montrer que l'idolâtrie est pour le moins aussi abominable que l'athéisme, car jê n'ai besoin que ce paradoxe soit vrai. Je l'ai ouï soutenir à un dês habiles hommes de France et qui est aussi bom chrétien que j'en connaisse. Permettez-moi de vous rapporter une partie de sés raisons et de les paraphraser ou commenter selon que je le jugerai à propos."

[467] Isto é, procedimentos de investigação que, segundo Pierre Rétat, seriam um verdadeiro deleite para Bayle: "É uma prazer para ele [Bayle] imaginar provas, paradoxos, aí tentar a sua fecundidade, de lançá-los ao público oara colocá-los à prova do pró e do contra. Somente a este respeito, os *Pensées* dariam lugar a um estudo apaixonante da retórica e da argumentação, que, antes de tudo, manifestaria a felicidade tão particular de jogar com o leitor e encerrá-lo em digressões, de fazer alternar os 'cursos' e as 'pausas',

ser hipotético, não se preocupando com a sua veracidade, porém, escandaliza, pois diz que ouviu tal afirmação de um religioso irreprovável em sua conduta. Caberia a ele somente "parafrasear" uma parte dos motivos que levou o religioso a sustentar a figura do ateu virtuoso e tecer algum comentário a respeito.[468]Após fazer inúmeras considerações sobre a natureza dos cometas, Bayle dá um contorno mais preciso ao seu propósito de investigar se o ateísmo pode ser execrado e a idolatria digna de ser louvada, uma vez que os céus deram um "aviso" para a concretização de tal empreitada. Entretanto, se é fato, se é comprovado pela experiência que religiosos cometem todo tipo de crimes em nome de uma crença, de uma doutrina ou de seus anseios particulares, o ateu virtuoso é uma figura conjectural, sendo vista como um paradoxo sem correspondente algum na ordem dos fatos. Em um primeiro momento, a associação entre ateísmo e virtude parece não ultrapassar a condição de pura hipótese:

> Eu já o disse: não há anais que nos ensinem os costumes e hábitos de uma nação mergulhada no ateísmo. Assim, não se pode refutar por experiência a conjectura que foi feita antes a este respeito, a saber, que os ateus não são capazes de nenhuma virtude moral e que são bestas ferozes entre as quais há mais a temer por sua vida que entre os tigres e os leões. Mas não é difícil ver que esta conjectura é muito incerta. Porque, visto que a experiência nos mostra que aqueles que creem em um Paraíso e em um Inferno são capazes de cometer toda sorte de crimes, é evidente que a inclinação a fazer o mal não vem do que ignora a existência de Deus e que ela não é corrigida pelo conhecimento que se adquiriu de um Deus que pune e que recompensa.(*PD*, 2007, p. 311; *OD* III[*PD*], pp. 93*b*-94*a*.)[469]

---

de agregar os desvios, e de mostrar repentinamente que se está perto do alvo." "Avertissement de la deuxième édition (1984-1994)", In: *Pensées diverses sur la comète*. Paris: Société dês Textes Modernes, 1994, p. 21.

[468] Segundo Isabelle Delpla, o caráter, "hipotético" da figura do ateu virtuoso passa a ter um caráter mais concreto nos escritos posteriores de Bayle: "Se nos *Pensées diverses*, o paradoxo surge da experiência de pensamento, de uma ficção metafísica ou de uma simples possibilidade lógica no todo complexo de disjunções que estruturam a argumentação geral, nas obras ulteriores, o apelo à experiência e aos relatos de viagens dão corpo a esta conjectura. Na *Continuation des pensées diverses* e *Les Réponses aux questions d'un provincial* , o ateísmo social passa de um mundo logicamente possível a um mundo antropologicamente possível, de uma possibilidade psicológica no nível individual a uma possibilidade social no nível de uma comunidade."(1999, p.121.) Entretanto, Bayle está longe de deixar de recorrer à experiência já nos próprios *Pensées diverses*. Ver em particular os parágrafos §46, §84, §89, §§107-108, §120, §134, §141, §145, §153, §§174-175, §180 e §263.

[469] "Je l'ai déjà dit: Il n'y a point d'annales qui nous aprennent les moeurs et les coutumes d'une nation plongée dans l'athéisme. Ainsi on peut pás réfuter par l'expérience la conjecture que l'on fait d'abord sur ce sujet-là, savoir que les athées NE sont capables d'aucune vertu morale, et que ce sont dês bêtes féroces parmi lesquelles Il y a plus à craindre pour as vie que parmi les tigres et les lions. Mais Il n'est pás difficile de faire voir que cette conjecture est três incertaine. Car, puisque l'expérience nous montre que ceux que croient um Paradis et un Enfer sont capables de commettre toute sorte de crimes, Il est évident que l'inclination à mal faire ne vient pás de ce qu'on ignore l'existence de Dieu et qu'elle n'est point corrigée par la connaissance que l'on acquiert d'un Dieu qui punit et qui recompense."

Retomando a reflexão antes levantada a respeito do caráter conjectural da figura do ateu virtuoso[470], Bayle aqui o reafirma, entendendo que o recurso à História não permite que possa ser sustentado o laço indissolúvel entre ateísmo e virtude. Contudo, um olhar mais acurado nesta passagem fará ver que a experiência, já nos *Pensées diverses*, permite sustentar a imagem positiva do ateísmo em termos concretos. Se por um lado, Bayle concede que não é possível recorrendo aos fatos provar que ser ateu e ser moral não é inconcebível, ele mostra pela própria experiência que ser crente e cometer más ações é o que há de mais ordinário. A incerteza da conjectura de tal paradoxo é trazida à tona a partir do momento que é verificado e provado que fazer o mal independe do que se crê ou descrê, e tampouco sendo corrigida tal inclinação pelo conhecimento que se tem de uma divindade. Vejamos uma passagem do *Eclaircissement sur les athées*:

> Não há nada mais fácil que encontrar na história certos celerados, os quais as ações abomináveis fazem quase tremer os leitores: mas eram pessoas as quais mesmo as impiedades & as blasfêmias são uma prova que eles acreditavam na divindade. Eis uma decorrência natural da doutrina constante dos teólogos, que o demônio, a mais maldosa de todas as criaturas, mas incapaz de ateísmo, é o promotor de todos os pecados do gênero humano; porque, assim sendo, é preciso que a mais ultrajante maldade do homem tenha o caráter da do Diabo, isto é, que ela esteja cojunta com a persuasão da existência de Deus. (2010, p. 19)[471]

Mesmo havendo uma certa distância entre a publicação dos *Pensées diverses* e do *Éclaircissement*, Bayle mantém o mesmo ponto de vista sobre o ateísmo, mas agora afirma que não há dificuldade alguma em constatar através dos fatos históricos que as maiores aberrações humanas e a crença em um deus sempre estiveram lado a lado. Em outros termos, em Bayle a experiência é um *examen*, uma verificação para desconstruir determinadas opiniões enviesadas propagadas e cristalizadas em todos os

[470] Ver *PD*, §129.

[471] "Il n'y a rien de plus facile que de rencontrer dans l'histoire certains scélérats dont les actions abominables font presque trembler les lecteurs: mais néanmoins c'étoient dês gens dont même les impietez & les blasphêmes sont une preuve qu'ils croioient la divinité. Voilá une suíte naturelle de la doctrine constante dês thélogiens, que le démon, la plus méchante de toutes les créatures, mais incapable d'athéisme, est le promoteur de tous les péchez du genre humain; car cela étant, il faut que la plus outrée méchanceté de l'homme ait le caractere de celle du Diable, c'est-à-dire qu'elle soit conjointe avec la persuasion de l'existence de Dieu."Ver também *PD* §113.

tempos e lugares. Se pela experiência não é possível mostrar que existiram ateus virtuosos, é a própria experiência que mostra que tudo o que foi afirmado sobre o ateísmo é totalmente equivocado em termos[472]: 1) históricos, pois se não há provas concretas da existência de ateus virtuosos, tampouco existem provas de seu contrário, ou seja, a existência de ateus depravados, ou que todos incorreram pelo caminho do vício; 2) filosóficos, a partir do momento que Bayle põe à prova tanto por meio da razão como pela experiência, os argumentos de seus opositores contra o ateísmo, empreendendo um exame de seus argumentos, premissas e proposições; 3) morais, a partir do momento em que afirma que moralidade nada tem a ver com o que se crê, empreendendo uma reflexão filosófica sobre diversos acontecimentos históricos para mostrar que crença religiosa e retidão nas ações nem senpre estiveram em plena consonância; 4) políticos , quando mostra que, a despeito de fenômenos naturais ocorrerem em contextos de decisões políticas importantes, em nada tais fenômenos influenciaram no curso dos fatos. Na verdade, Bayle mostra a projeção de uma crença particular que ocorre sobre certos fenômenos naturais que, uma vez entendidos como avisos divinos, dá ensejo a toda sorte de superstições e à sua instrumentalização política.

E é sob um ponto de vista político que desde os *Pensées diverses* até a *Continuation* e a *Réponse* Bayle vai refletir sobre a possibilidade de uma sociedade de ateus, reflexão decorrente do seu paralelismo entre o ateísmo e a idolatria e entre sociedades ateias e sociedades idólatras. À luz de suas conjecturas, Bayle estabelece uma separação entre a esfera religiosa e a esfera política, pensando "uma ordem política autônoma e propriamente humana distinta da anarquia." (DELPLA, 1999, p. 124.) Nesse sentido, em vez de entender uma sociedade de ateus como uma mera ficção ou utopia da parte de Bayle, é mais interessante e profícuo pensar com o autor sobre as viabilidades concretas de um contexto político que não visa exterminar a religião, mas instaurar-se e consolidar-se independente dela. Desde os tempos mais antigos religião e política sempre agiram juntas, a primeira sendo com um instrumento de temor

[472] Bayle diz na *Réponse*: "Por mais espantosa que possa ser a multidão dessas seitas, ela é o infinitamente menos do que a qualidade monstruosa de suas opiniões, que espalham no espírito uma desordem abominável, completamente vergonha à espécie humana e no coração uma corrupção abominável." ["Quelque étonnante que puísse être la multitude de ces sectes, elle l'est infiniment moins que la qualité monstrueuse de leurs opinions, qui répandoeint dans l'esprit un désordre tout-à-fait honteux à l'espece humaine, & dans le coeur une corruption abominable."(*OD* III [*RQP* III], p. 953*b*.) Sobre a alusão de Bayle a autores que sustentaram que o ateísmo não é a pior das opiniões,ver *CPD*, §§LXXVI-LXXVII e §CXLIII.

espiritual, que inculca o medo e a esperança nos homens, e a outra, por sua vez, é que faz com que tais sentimentos sejam impostos ordinariamente dentre os homens e por meio de diversos artifícios visando à eficácia e o cumprimento dos preceitos religiosos na sociedade. Em suma, a religião é uma invenção humana colocada em prática pela política. Para tal constatação, Bayle recorre à história, isto é, à experiência:

> Com receio de ser muito longo, não citar-vos-ei todos aqueles que disseram que os Políticos inventaram o culto aos Deuses a fim de manter os povos na dependência necessária. As pessoas que vós faleis que dizem em voz alta que a religião está entre as mãos dos Magistrados como o arreio nas mãos de um Cavaleiro que faz no cavalo todos os exercícios de manejo, têm aí aparaentemente uma reflexão que se encontra em Políbio. Esse famoso Historiador declara que não há nada em que a República Romana pareça-lhe ultrapassar os outros povos do que na opinião que ela tinha dos Deuses: de modo, ele continua, que isto que é censurado pelos outros homens, quero dizer, a superstição, é, o que me parece, o que mantém esta República. A superstição aí é tão ultrajante e de tal modo espalhada não somente sobre a conduta dos particulares, mas também sobre a conduta pública, que não se saberia nada acrescentar, e penso que os Romanos fizeram isso por causa do povo. Porque se se pudesse formar uma República onde somente tivesse pessoas sábias, todas essas cerimônias de religião talvez seriam supérfluas, mas visto que o povo é inconstante e repleto de paixões injustas, que irrita-se subitamente e que a cólera o leva à violência, só resta freiá-lo por terrores invisíveis, e por esses tipos de ficções terríveis.[473] (*OD* III[*CPD*], p. 292*a*.)

[473] "De peur d'être trop long jê ne vous citerai pás tous ceux qui ont dit, que les Politiques ont invente le culte aux Dieux, afin de tenir les peuples dans la dépendance nécessaire. Les personnes dont vous me parlez qui disent tout haut que la religion est entre les mains d'un Ecuier qui fait faire à un cheval tous les exercices du manege, ont là aparemment une réflexion qui se trouve dans Polybe. Ce fameux Historien declare qu'il n'y a rien en quoi la République Romaine lui paroisse mieux surpasser les autres peuples, que dans l'opinion qu'elle avoit dês Dieux: de sorte, continue-il, que cela même qui est blâmé par les autres hommes, jê veux dire la superstition, est ce me semble, ce qui maintient cette République. La superstition y est si outrée, & tellement répanduë non-seulement sur la conduite dês particuliers, mais aussi sur la conduite publique, que l'on n'y auroit rien ajouter, & je pense que les Romains ont fait cela à cause du peuple. Car si l'on pouvoit former une République ou il n'y eût que des gens sages, toutes ces cérémonies de religion seroient peut-être superfluës, mais puisque le peuple est inconstant, & plein de passions injustes, qu'il s'irrite subitement, & que la colére le pousse à la violence, il ne reste que de le réfréner pás dês terreurs invisibles, & par sortes de fictions épouvantables." A religião como algo inútil, reduzida a um freio das paixões humanas era inaceitável, por exemplo, à Montesquieu: "Bayle pretendeu provar que era melhor ser ateu do que idólatra; ou seja, em outros termos, que é menos perigoso não ter nenhuma religião do que ter uma ruim. 'Eu prefereria', diz, 'que dissessem de mim que eu não existo a que dissessem que sou um homem mau.' É apenas um sofisma, fundado no fato de que não há nenhuma utilidade para o gênero humano que se acredite que um certo homem existe ao passo que é muito útil que se acredite que Deus é. Da ideia de que ele não é segue-se a ideia de nossa independência; ou, se não pudermos ter essa ideia a de nossa revolta. Dizer que a religião não é um motivo repressor, porque nem sempre ela reprime, é dizer que as leis civis tampouco sejam um motivo repressor. É pensar mal contra a religião reunir numa grande obra uma longa enumeração dos males que ela produziu, se não fizer o mesmo com os bens que trouxe. Se eu quisesse contar todos os males que as leis civis, a monarquia, o governo republicano produziram no mundo, eu diria coisas horríveis. Ainda que fosse inútil que os súditos tivessem uma religião, não o seria que os príncipes a tivessem e que mordessem o único freio que

O que seria a religião neste contexto? Uma invenção dos homens, que tem como único intuito freiar ou limitar as paixões humanas, devido à oscilação das mesmas, sempre suscetíveis de se aflorarem e culminar na violência. Recorrendo aos fatos históricos, Bayle afirma que a religião é um sério obstáculo para o estabelecimento de uma República sólida, independente de temores fictícios e apoiada unicamente em leis humanas. Equiparando a religião à superstição, Bayle mostra que houve um motivo especial para o seu surgimento: a volubilidade das paixões humanas[474]. Estas sempre instáveis, podem dar ensejo a ações deveras perniciosas à esfera social e precisam ser contidas. Por meio de cerimônias, rituais, orações, oferendas e sacrifícios, a religião se dissemina e cristaliza seus preceitos tanto no âmbito do particular, como tem a sua influência na esfera pública. Nesse sentido, há uma diferença no que concerne às ações civis entre o ateu e o idólatra: se o primeiro, para agir retamente, não tem como parâmetro de conduta instância e mandamentos supraterrenos, tampouco tendo algo a esperar ou temer, o último tem como imperativo moral ficções invisíveis de inquestionável eficácia social e política, levando o indivíduo às últimas consequências. Na verdade, se a religião era pra ser um freio, na prática é o móbil dos comportamentos e das ações mais hediondas. Por isso, a "semelhança" entre uma sociedade de ateus e uma sociedade de idólatras esvai-se, mesmo se Bayle intentou em seus *Pensées diverses*, em somente comparar o que teria de parecido entre ambas:

> Após todas essas observações, não terei dificuldade em dizer, se querem saber minha conjectura no tocante a uma sociedade de ateus, que me parece, a respeito dos costumes e das ações civis, que ela seria tal como uma sociedade de pagãos. Na verdade, precisaria de leis muito severas e muito bem executadas para a punição dos criminosos. Mas não é preciso em toda parte?[475](2007, p.161; *OD* III[*PD*], p.103*b*.)

---

aqueles que não temem as leis humanas podem ter. [...] Para diminuir o horror do ateísmo, ataca-se demais a idolatria. Não é verdade que quando os antigos erguiam altares a algum vício isso significasse que amavam aquele vício; significava, pelo contrário, que o odiavam. Quando os lacedemônios ergueram uma capela ao Medo, isso não significava que aquela nação belicosa pedisse a ele que tomasse os corações dos lacedemônios durante os combates. Havia divindades para as quais se pedia que não inspirassem o crime, e outras a que se pedia que o afastassem." *Op. cit.*, pp. 466.467.

[474] Segundo Delpla, "a superstição aparece, nos *Pensées diverses*, como a essência mesma do teológico-político, como a confusão de um pensamento que não distingue entre diferentes ordens. A crítica das práticas idólatras de divinização dos príncipes no Império romano, das cerimônias e das instituições pagãs é a de uma política que cede sua legitimidade a uma ordem religiosa."(1999, p. 124.)

[475] "Après toutes ces remarques, je ne ferai pás difficulté de dire, si l'on veut savoir ma conjecture touchant une société d'athées, qu'il me semble qu'à l'égard des moeurs et dês actions civiles elle serait toute semblable à une société de païens. Il y faudrait à la vérité dês lois fort sévères et fort bien exécutée pour la punition dês criminels. Mais n'en faut-il pás partout?"

Ora, se a conjectura é a respeito da existência e viabilidade de uma sociedade de ateus, é fato que as leis humanas, seja em qual sociedade for, são o melhor artifício para a punição de crimes. A necessidade de um *corpus* de leis consistentes e eficazes é o que garante o bom funcionamento das relações sociais, deixando de lado imperativos de ordem metafísica ou religiosa que, ao invés de conterem as paixões humanas as inflamam ainda mais levando à transgressão das leis, e o pior, minimizam – ou mesmo suprimem - a legitimidade e a autonomia da política. Dessa forma, o que era semelhança torna-se uma distinção fundamental e o simples paralelismo fica para trás: aos ateus são suficientes as leis humanas, sendo dispensáveis recursos a superstições, crendices e a instâncias supraterrenas supostamente reguladoras dos mecanismos sociais. *A contrario*, aos idólatras, além das leis estabelecidas pelos homens, são necessários imperativos de ordem religiosa que nem sempre estão de acordo com as leis estatais. Bayle afirma: "Pode-se dizer sem bancar o declamador que a justiça humana é a eficácia da maior parte do mundo, porque desde que ela afrouxa o arreio a algum pecado, poucas pessoas se garantem." (*PD*, 2007, p. 341; *OD* III[*PD*], p. 104*a*.)[476]

Na *Continuation*, Bayle desenvolve um pouco mais essa questão. Ele afirma que por meio das leis humanas conservou nos indivíduos "as ideias de honestidade e o desejo de boa reputação." (*OD* III, p. 370*a*.)[477] Uma vez ausentes as leis humanas, o caos se instalaria, pois os indivíduos exigiriam ou fariam justiça por si mesmos e sem se submeter a ordem alguma, o que provaria a necessidade de elegerem alguém para conter e punir perturbadores da ordem vigente. Entretanto, as leis não podem ter como espelho os deuses, mas serem estabelecidas e sancionadas unicamente pelos homens. Fazer leis tomando como exemplo entidades supraterrenas seria a ruína das noções de dever e de moralidade:

> Os Filósofos, os Legisladores, os Magistrados, todas as pessoas esclarecidas entre os Gregos, entre os Romanos sabiam muito certamente que essas ações eram opostas aos deveres da moral e da vida civil, e que para bem educar a

[476] "On peut dire sans faire le déclamateur que la justice humaine fait la vertu de la plus grande partie du monde, car dês qu'elle lâche la Bride à quelque péché, peu de personnes s'en garantissent." Na Continuation, Bayle afirma: "As leis civis e as ideias da honra pararam as desordens que a Religião fazia transbordar e as impediram de tudo perder." ["Les loix civiles, & les idées de l'honneur arrêterent les désordres que la Religion faisoit déborder, & les empêcherent de tout perdre."]*OD* III, p. 370*b*.
[477] "[...] les idées de l'honnêteté, & le désir d'une bonne réputation."

> juventude não precisaria propor-lhe como exemplo as Divindades que se adorava publicamente, mas os homens sábios e virtuosos. Nada era mais próprio para arruinar as Sociedades pela corrupção dos costumes que a imitação desta espécie de Divindades.[478] (*Id. Ibid.*, p. 370*b*.)

Bayle mostra que leis tendo como fundamento as ações dos deuses serão somente frágeis e imorais, e uma pedagogia também apoiada sobre preceitos religiosos também seria infrutífera. Se há a necessidade de basear-se em exemplos para que seja instaurado um corpo jurídico capaz de fazer leis e aplicá-las justamente aos transgressores, da mesma forma que, para educar os jovens, é mister separar o que é divino do que é humano em seu processo pedagógico, então que tais exemplos sejam humanos, da ordem do real, concretos. Bayle diz que os dois pilares sustentadores de qualquer sociedade são o pudor e a justiça (*Id. Ibid*.) e, ao mesmo tempo, ambos são repressores de qualquer ação maléfica. Se essas duas coisas são o que conservam a paz pública e reprimem o que há de injusto na sociedade, não é possível mais sustentar que a religião seja um agente limitador das paixões humanas:

> Se elas bastam a isto, são, com a mais forte razão, suficientes para manter as Sociedades irreligiosas; porque se se comete mais violentamente um crime quando aí se é levado, não somente como os Ateus pela segurança de que não irrita nenhum Deus, mas também como os Pagãos pela esperança da bendição dos Deuses os quais se tornam os imitadores, e que creem serem os árbtitros de todos os bens da fortuna. (*OD* III[*PD*], p. 370*b*.)[479]

Sob os auspícios das leis humanas e das noções de pudor e justiça, ateus e idólatras regrariam suas respectivas condutas e também seriam penalizados caso infrigissem as leis estipuladas na esfera social. O critério da crença individual não é mais cabível, pois o que será tido como justo ou injusto, honesto ou desonesto, bom ou ruim será avaliado de acordo com o cumprimento ou descumprimento de uma legislação vigente e válida para todos, sejam ateus ou idólatras. Em suma, um direito propriamente

---

[478] "Les Philosophes, les Magistrats, toutes les personnes éclairées parmi entre les Grecs, parmi entre les Romains, savoient très certainement que ces actions-là étoient opposes aux devoirs de la morale & de la vie civile, & que pour bien éléver la jeunesse il ne faloit point lui proposer en exemple les Divinitez que l'on adoroit publiquement, mais les hommes sages & vertueux. Rien n'étoit plus propre à ruiner les Sociétez par la corruption dês moeurs, que l'imitation de cette espéce de Divinitez."

[479] "Si elles suffisent à cela, elles sont à plus forte raison suffisantes à maintenir les Sociétez irreligieuses; car se on porte plus violemment au crime lorsque l'on y est poussé, non-seulement comme les Athées par l'assurance que l'on n'irrite aucun Dieu, mais aussi comme les Païens par l'espérance de la bénédiction dês Dieux dont on se rend les imitateurs, & que l'on croit être les arbitres de tous les biens de la fortune."

humano e concreto só terá a sua legitimidade, autoridade e eficácia quando deixar de lado critérios que nada têm a ver com a ordem dos fatos, isto é, não podendo limitar-se a ser uma ciência mimética, reprodutora da vontade e dos exemplos dos deuses.[480]

Por inúmeros exemplos, Bayle vai desconstruindo o que seria o paralelo entre o ateísmo e a idolatria. Nos *Pensées diverses*, quando ele indaga se uma sociedade de ateus poderia promulgar, para si mesma, leis de conveniência e honra, ele retoma a questão. O seu paralelo entre ateus e idólatras, por sua vez, é classificado como algo aparente, ilusório:

> Vê-se a esta hora o quanto é aparente que uma sociedade de ateus praticaria as ações civis e morais tanto como as outras sociedades as praticam, visto que ela punisse severamente os crimes e que atribuísse honra e infâmia a certas coisas. Como a ignorância de um primeiro ser criador não impediria os membros desta sociedade de serem sensíveis à glória e ao desprezo, à recompensa e à pena, e a todas outras paixões que se vêem nos outros homens, e não sufocaria todas as luzes da razão, ver-se-ia entre eles pessoas que teriam boa fé no comércio, que assistiriam aos pobres, que opor-se-iam à injustiça, que seriam fieis a seus amigos, que desprezariam as injúrias, que renunciariam às volúpias do corpo, que não fariam nada a ninguém, seja porque o desejo de serem louvados levá-los-ia a todas essas belas ações que não deixam de ter a aprovação pública, seja porque o desígnio de se poupar dos amigos e dos protetores no caso que a necessidade aí os levasse. (2007, p. 359; *OD* III[*PD*], p. 109*a*.)[481]

---

[480] Neste sentido, Bayle menciona que o gênero humano deve muito à Filosofia, pois ela que inculcou e fortaleceu a ideia de honestidade nos legisladores: "Não quero terminar este capítulo sem fazer-vos ter em conta que o gênero humano teve grandes obrigações com a Filosofia. É ela que forneceu os Legisladores e que fortificou e estendeu as ideias da honestidade: confesso que sés preceitos não regravam as devoções populares, mas eles conservaram no espírito dos Magistrados o conhecimento da doutrina dos costumes, e se prevenia por aí as furiosas desordens que a Teologia fabulosa devia levar naturalmente. Não se podia reformá-la: a empreitada era périlleuse e poderia derrubar a República: precisar-se-ia contentar-se em prevenir o contágio do mau exemplo dos Deuses." ["Je ne veux pás finir ce chapitre sans vous faire prendre en garde que le genre humain a eu de grands obligations à la Philosophie. C'est elle qui a fourni les Législateurs, & qui a fortifié & étendu les idées de l'honnêteté: j'avouë que sés préceptes ne régloient point les dévotions populaires, mais ils conservoient dans l'esprit des Magistrats la connoissance de la doctrine des moeurs, & l'on prévenoit par-là les furieux désordres que la Théologie fabuleuse devoit amener naturellement. On ne pouvoit pás la réformer: l'entreprise étoit périlleuse, & auroit pû renverser la République: il se faloit contenter de prevenir la contagion du mauvais exemple dês Dieux."] *OD* III[*CPD*], p. 370*b*. Sobre a comparação entre as leis humanas e divinas, iato é, qual impõe mais medo nos homens, ver *Id. Ibid.*, §CXXXVIII.

[481] "On voit à cette heure combien il est apparent qu'une société d'athées pratiquerait les actions civiles et morales aussi bien que les pratiquent les autres sociétés, pourvu qu'elle fît sévèrement punir les crimes et qu'elle attachât de l'honneur et de l'infamie à certaines choses. Comme l'ignorance d'un premier être createur et conservateur du monde n'empêcherait pas les members de cette société d'être sensible à la gloire et au mépris, à la recompense et à la peine, et à toutes les passions qui se voient dans les autres

Aqui é claro o quanto Bayle eleva o ateísmo acima da idolatria. Longe de somente compará-los em seus aspectos filosóficos, morais e políticos, agora ele aponta as claras diferenças entre um e outro. Ignorar a existência de um deus não priva o ateu de fazer boas ações e Bayle cita algumas delas na passagem citada. Se os mesmos móbeis que levam um crente a fazer boas ações podem fazer com que o ateu faça as mesmas ações, então a existência de uma divindade moralizadora, que pune ou que recompensa, é irrelevante para a conduta humana.[482] Entretanto, Bayle entrevê também o outro lado do problema: pois em uma sociedade de ateus também poderia ocorrer diversas atrocidades, já que são os mesmos móbeis de ordem interna e externa que o levam a agir:

> Cometer-se-ia aí crimes de todas as espécies, eu não duvido; mas não faria mais do que nas sociedades idólatras, porque tudo o que fez agir os pagãos, seja para o bem seja para o mal, encontar-se-ia em uma sociedade de ateus, a saber, as penas e as recompensas, a glória e a ignomínia, o temperamento e a educação. (*Id. Ibid.*, pp. 359-360; *Id. Ibid.*, p. 110*a*.)[483]

Os mesmos tipos de intempéries podendo ser constatadas em uma sociedade de ateus a coloca lado a lado com uma sociedade de idólatras: medo de ser punido, desejo de ser recompensado, fatores psicológicos e culturais. Contudo, em nada essa objeção desvalida o argumento de Bayle a favor do ateísmo, pois se a imagem clássica em sua época daquele que não crê é a de um monstro irracional, incapaz de agir pela reta razão, o filósofo de Carla simplesmente reverte tal opinião e coloca o ateu no patamar de um homem qualquer, não sendo melhor ou pior, mas um indivíduo que também pode agir movido por anseios e interesses, seja para o bem seja para o mal.[484] Vejamos essa passagem da *Continuation*:

---

homens, et n'étoufferait pás toutes les lumières de la raison, on verrait parmi eux dês gens qui auraient de la bonne foi dans le commerce, qui assisteraient les pauvres, qui s'opposeraient à l'injustice, qui seraient fidèles à leurs amis, qui mépriseraient les injures, que renunciariam aux voluptés do corpo, que ne feraient tort à personne, soit parce que le désir d'être loués les pousserait à toutes ces belles actions qui ne sauraient manquer d'avoir l'apporbation publique, soit parce que le dessein de se ménager dês amis et dês protecteurs en cas de besoin les y porterait."

[482] Pois trata-se da "acessibilidade dos valores morais do ponto de vista do ateu."(MORI, 1996, p.344)

[483] "Il s'y ferait dês crimes de toutes les espèces, jê n'en doute point; mais il ne s'y en ferait pás plus que dans les sociétés idolatres, parce que tout ce qui a fait agir les païens, soit pour le bien, soit pour le mal, se trouverait dans une société d'athées, savoir les peines et les recompenses, la gloire et l'ignomínia, le tempérament et l'éducation."

[484] Cf. *PD*, §144: "E estejais certo que, se o idólatra se encontra fornecido de um corpo que o torne

> Eu refutei isso, mostrei-vos que independentemente da Religião há no gênero humano um princípio suficiente para manter as Sociedades segundo a miscelânea de confusão que a experiência nos mostra. A Idolatria não tem nenhuma vantagem sobre o Ateísmo a este respeito, e assim, bem longe de ter merecido ser preferida, ela mereceria ser substituída. (*OD* III [*CPD*], p. 355*b*.)[485]

Bayle é claro: se em todas as sociedades há um principio que as mantêm e as faz prosperar, não dependendo da religião, mais uma vez Bayle endossa a superioridade do ateísmo sobre a idolatria. A argumentação prudente dos *Pensées diverses* ganha agora um tom mais radical, colocando os termos da questão: se a religião nunca foi o principio unificador das sociedades, sendo um fenômeno que surgiu *a posteriori*, logo, a idolatria é algo inútil, dispensável em certas sociedades – senão em todas – e suscetível de ser substituída. Na verdade, a hipótese da sociedade de ateus é um *factum*, visto que "as sociedades são todas ateias e desde sempre. Em outros termos, que vivemos em sociedades ateias, isto é, que a religião jamais é constitutiva da vida social." (GROS, 2012, p. 256.)

Bayle toca em um ponto específico nos *Pensées diverses*, a questão dos crimes de lesa-majestade. Neste tipo de crime, o idolatra supera de longe o ateu, já que só é conveniente ao devoto louvar sua divindade quando esta lhe contempla. E, por outro lado, o idólatra não hesita em imprecar contra os céus quando uma vontade sua não é efetivada. Nesta manifesta moral de interesse, o ateísmo não toma parte já que o ateu, não crendo em nada, não cometeria esta infração. Bayle assevera:

---

extremamente sensível à boa carne, impudico, violento e orgulhoso, será incomparavelmente maior pecador do que um ateu de temperamento frio e pacífico." ["Et soyez assuré que, si l'idolâtre se trouve pourvu d'un corps que le rende extrêmement sensible à la bonne chère, impudique, violent et fier, il será incomparablement plus grand pêcheur qu'un athée d'un tempérament froid et pacifique."] 2007, p. 308; *OD* III[*PD*], p. 93*a*.

[485] "'J'ai refute cela, je vous ai montré qu'independamment de la Religion il y a dans le genre humain un príncipe suffisant à maintenir les Sociétez selon le mélange de confusion que l'expérience nous montre. L'idolâtrie n'a donc aucun avantage à cet égard-là sur l'Athéïsme, & ainsi bien loin de d'avoir mérité d'être préferée, elle auroit mérité d'être postposée."

> Mas se os idólatras somente igualam-se aos ateus na maior parte dos crimes, é certo que eles ultrapassaram no de lesa-majestade divina principalmente. Porque, além dos modos de falar insolentemente contra os deuses que se veem em seus livros sem que se veja que elas tenham feito negócios com o autor; que se vendo, digo, em grande número, não somente nos poetas, mas também nas obras em prosa, não se sabe que os pagãos degradaram suas divindades quando eles estavam descontentes? (*PD*, 2007, p.284; *OD* III[*PD*], p. 84*b*.) [486]

Falando injuriosamente aos deuses e não ficando contente quando suas divindades não o agradam, o temperamento do idólatra varia de acordo com o seu grau de satisfação com a dádiva celeste. Bayle menciona que tal postura é mostrada tantos nas obras dos poetas como nos escritos em prosa e menciona alguns exemplos – Alexandre, o Grande, Augusto, os japoneses, os chineses - para mostrar que a idolatria muda de época e de lugar, mas continua com a mesma característica, isto é, elogiar ou execrar os deuses é questão de conveniência para quem crê. Segundo Bayle, quando um idólatra, por exemplo, demole um templo porque uma divindade deixou morrer um homem não fazendo justiça, ele entende que seu deus é injusto e uma vez não sendo contemplado com o julgamento divino, age por contra própria. (*Id. Ibid*.) Bayle compara tal ação do idólatra como a de um político que tenha afastado seus ministros de seus cargos sem motivo algum, isto é, outorgar-se o direito de fazer algo por sua própria vontade. A questão de Bayle é a seguinte: se o idólatra agisse coerentemente com seus princípios, não ficaria insatisfeito quando seu deus não agiu da forma que lhe fosse desejável, pois

> [...] se ele não o faz, o homem está em direito de castigá-lo pela supressão das honras que lhes rendiam, como quando um príncipe pune seus servidores despojando-os de seus cargos? Não é crer que Deus é injusto e que se pode fazer-lhe afrontas impunemente? Em uma palavara, não é levar o desprezo e a insolência mais longe que jamais um ateu o fez? Um ateu não rende honras a Deus porque ele não é persuadido que ele existe. Se ele abate um templo, ele não crê ofender nenhuma divindade. Mas um idólatra que faz a mesma

[486] "Mais si les idolatres n'ont fait qu'égaler les athées dans la plupart des crimes, il est certain qu'ils les ont surpasées dans celui de lese-majesté divine au premier chef. Car outre les façons de parler insolemment contre les dieux qui se voient dans leurs livres sans qu'on voie qu'elles aient fait dês affaires à l'auteur; qui se voient, dis-je, en grand nombre, non seulement dans les poetes mais aussi dans des ouvrages en prose, ne sait-on pás que les païens ont dégradé leurs divinités quand ils en étaient mécontents?"

> coisa recusa honras a um deus que ele reconhece, e as recusou-lhes a fim de ofender. (*Id. Ibid.*, p.286; *Id. Ibid.*, p. 85*b*.)[487]

Na escala de injúrias a um deus, o idólatra é infinitamente mais propenso a cometer crimes de lesa-majestade, pois, ao mesmo tempo em que crê, depsreza seus deuses quando destrói um reduto de homenagem ou quando profere declamações questionando o desígnio das ações divinas. A incoerência é manifesta, pois a recusa deliberada em conceder honrarias, motivada por sua insatisfação e revolta contra a sua divindade, faz com que o idólatra se eleve muito acima do ateu em termos de profanação e desprezo em relação aos deuses. Na mesma linha de raciocínio, Bayle dá um exemplo de caráter político:

> Suponhamos dois franceses o qual um não obedeceria nem a Luís XIV nem a qualquer rei que fosse, e o outro, desconhecendo o grande príncipe que Deus nos deu, reconheceria como o rei da França um homem de pouco mérito. Em vossa opinião, qual desses dois homens antes ofenderia o rei? Seria sem dúvida o último, porque, em caso de rebelião, o primeiro não é de recusar a obediência a seu príncipe legítimo, mas o cúmulo da felonia é colocar outro em seu lugar; e mais aquele que lhe substitui é destituído de mérito, mais ofende o príncipe a que se deve obedecer. Um rei que se vê destronar por seus súditos porque eles querem viver como republicanos se consola mais facilmente do que se vê-los escolher um outro monarca: porque, no segundo caso, eles testemunham que não é o ódio pela monarquia que os fez agir, mas o ódio particular que eles têm por seu soberano. Não é difícil por estas considerações conhecer os idólatras que, ao lugar de adorar o verdadeiro rei do universo, substituíram-lhe por um número inumerável de divindades quiméricas, foram mais injuriosos a Deus do que os ateus. (*PD*, 2007, p. 287; *OD* III[*PD*], p.86*a*.)

O exemplo de cunho político dado por Bayle mostra o quanto seria mais injurioso reverenciar um outro rei ao invés do legítimo, do que simplesmente negar a sua autoridade por divergências de ordem política, como por exemplo, não aceitar determinado regime governamental. A analogia feita por Bayle com o exemplo do rei é

[487] "[...]s'il ne le fait pás, l'homme est en droit de le chattier par la suppression des honneurs qu'on lui rendait, comme quand un prince punit ses serviteurs en les dépouillant de luers charges? N'est-ce pas croire que Dieu est injuste et qu'on peut lui faire des affronts impunément? En un mot, n'est-ce pas porter le mépris et l'insolence plus loin que jamais athée n'a fait? Un athée ne rend point d'honneurs à Dieu parce qu'il n'est point persuade qu'il existe. S'il abat un temple, il croit n'offenser aucune divinité. Mais un idolâtre qui fait la meme chose refuse des honneurs à un dieu qu'il reconnaît, et les lui refuse afin de l'offenser."

claramente alusiva ao exemplo da postura dos idólatras: se um rei é rejeitado por simplesmente não ser reconhecido por seus súditos, seria na escala de crimes algo menor, pois o que está em questão é o sistema de governo, não o governante em particular. Quanto ao segundo caso, constitui uma verdadeira incongruência. Se o rei e o regime monárquico são reconhecidos pelos súditos e estes se rebelam não contra o regime político propriamente dito, mas contra a *persona* do rei mesmo reconhecendo a sua autoridade soberana, simplesmente revoltam-se tentando colocar no trono alguém de menor capacidade para comandar um reino. Em outros termos, este último caso é o caso do idólatra: a recusa deliberada de uma autoridade reconhecida de antemão em nome de seus desejos e fins individuais. Se o ateu é criminoso por somente ignorar a existência dos deuses e não os tendo como modelo de conduta e imperativo moral, o idólatra está nos antípodas, pois mesmo crendo em suas divindades e homenageando-as com honrarias, age por interesse próprio quando lhe convém e despreza seu deus quando não é agraciado.

Na *Réponse*, Bayle volta à questão: a religião é a base das sociedades? Segundo o filósofo, uma objeção poderia lhe ser levantada, a saber, que é comum os políticos entenderem como uma "primeira verdade nas máximas do Estado, que a religião é a base da segurança pública e a coluna ou o fundamento das Sociedades."(*OD* III[*RQP* III], p. 952*b*.)[488] Entretanto, à sua resposta já dada a tal objeção nas *Additions*, em 1694, Bayle acrescenta algo novo: os políticos não falaram dessa forma no tocante à religião em geral, mas somente em relação a que lhes pareceu boa, pois as outras doutrinas eram vistas como um câncer no seio do Estado, e somente "toleram-nas por pura necessidade ou por toda sorte de precauções."(*Id. Ibid*.)[489] Faz-se necessário que eles entendam que a religião que eles adotaram, estabeleceram e que supuseram ser o liame indissolúvel da sociedade não seria suscetível de ser fragmentada, corroída internamente por inúmeras divisões, pois tal cisão acarretaria drásticas consequências políticas, pois não há "situação mais perigosa ao Estado, nem mais capaz de perturbá-lo do que quando se eleva das Seitas."(*Id. Ibid*.)[490] Segundo Bayle, sempre haverá inconvenientes: se determinadas religiões são toleradad com uma condição privilegiada,

[488] Vous me pourrez objecter que les Politiques suposent ordinairement comme une premiére vérité dans les maximes d'État, que la Religion est la base de la sûreté publique, & la colomne ou le fondement des Societez."
[489] "[...] ils ne les tolerent que par purê necessite, ou par toute sorte de précautions."
[490] "car ils sont très-persuadez qu'il n'y a guéres de situation plus dangereuse à l'État, ni plus capable de le bouleverser, que lorsqu'il s'éleve des Sectes."

surgirá o risco iminente dela querer se tornar igual ou superior às outras, culminando em diversos confrontos e dissidências. Se outras são absolutamente privadas de qualquer benefício do Estado, a tendência é se revoltarem contra os governantes, sempre tratando com rispidez algum estrangeiro quando seus dogmas são prepoderantes em algum país vizinho. Sendo vítimas de um massacre, o ódio é instigado nessas religiões, deixando frágil o Estado e expulsando-as do território, o enfraquece mais ainda, pois sempre o sentimento de vingança será iminente da parte rechaçada. E forçando-os a professar exteriormente a religião vigente do Estado, o resultado é o aparecimento de inimigos em seus próprios domínios. (*Id. Ibid.*, p. 953*a*). Daí Bayle infere: "Seria fácil provar que a maior parte dos Políticos sustentando de um lado que o Estado não pode prescindir da Religião, sustentam, por outro, que só deve ter uma Religião."(*Id. Ibid.*)[491] Os teólogos, por sua vez, facilmente aceitam tal ideia, entendendo que a diversidade de religiões é tanto um mal eclesiástico como um mal político, que tem de ser evitado quando e como puder.

Entretanto, a adoção por parte dos políticos de uma religião única dá margem à intolerância. Isto é, doutrinas menores nos Estados são proibidas de exercícios de religião exteriores, tornando-se enclausuradas em seus redutos de culto e não sendo toleradas pelos partidários da religião dominante. Nessa perspectiva, a tolerância nada mais é do que algo pernicioso ao Estado, não podendo sequer ser mencionada em contextos políticos de caráter ortodoxo.[492] E quais seriam os motivos da recusa em tolerar uma multiplicidade de doutrinas? Segundo Bayle, os políticos temem as lutas intestinas causadas pelos inovadores em religião, cujas divisões causariam uma ordem deveras devastadora sem proveito algum ao Estado. Cada seita se vira contra a outra, e o governante tem de voltar suas preocupações para sanar tais conflitos, deixando de lado forçadamente coisas mais importantes a fazer no que concerne à prosperidade de seu país. Daí Bayle retoma uma questão que lhe foi feita por Jurieu – seu preceptor e depois algoz implacável – e a lança para Jacques Bernard, isto é, era melhor viver em um Estado com uma parte considerável de papistas ardorosos comandadas por monges, ou

[491] "Il seroit aisé de prouver que la plûpart des Politiques en soûtenant d'un cote que l'État ne peut se passer de Religion, soûtiennent de l'autre qu'il doit avoir qu'une Religion."
[492] Bayle cita o exemplo dos Presbiterianos na Escócia.

por pessoas indiferentes à religião? Citando o exemplo da intolerância religiosa no Reino Unido, Bayle lança uma curiosa indagação à Bernard:

> Proporei uma questão semelhante ao Sr. Bernard. Se a peste tornasse desertas algumas províncias da Inglaterra, e que precisasse escolher para repovoá-las ou uma colônia de espinosistas ou uma colônia de Papistas, bem provida de Missionários pela Congregação de *Propaganda*, credes que o Parlamento da Inglaterra prefereria esta a aquela? Estou certo de que me responderá que não, e que seria o primeiro a condenar um Parlamento que ordenasse uma tal preferência. Não há Protestante na Inglaterra que não temesse mais problemas e mais desordens no governo, se a nova tribo fosse muito zelosa pelo Papismo, do que ela não se preocupasse nem com o Papismo, nem com nenhuma outra Religião. (*OD* III[*RQP* III], p. 954*a*, grifo de Bayle.)[493]

Bayle não hesita em dizer qual "tribo" o parlamento inglês escolheria: sem dúvida, a dos espinosistas. Podem ser cogitados seus motivos: eles não temeriam punições nem recompensas, não se dividiriam em uma diversidade de seitas e não fomentariam guerras de religião. A alusão de Bayle ao papismo não é gratuita: o papismo é uma das religiões mais intolerantes, empreendendo conversões à força, devastando doutrinas menores e por que não, devido à sua própria condição de huguenote. Entretanto, Bayle desfecha também um duro golpe no protestantismo, mostrando a intolerância dos protestantes em relação às religiões pouco expressivas, mostrando que o elo comum em todas as doutrinas é a lógica da dominação, uma vez dominantes em um território qualquer.[494] Prosseguindo em sua argumentação, Bayle chega a cogitar que os protestantes franceses prefereriam um rei espinosista a um rei católico, mas as razões são óbvias, pois a revogação do edito de Nantes em 1685 que quebrou o cumprimento de uma série de concessões feitas aos protestantes pelos católicos, somente instigou o ódio nos refugiados. Logicamente, eles aceitariam um rei

[493] "Je proposerai une semblable question à Mr. Bernard. Si la peste rendoit desertes quleques Provinces d'Angleterre, & qu'il falût necessairement choisir pour les repeupler ou une colonie de Spinozistes, ou une colonie de Papistes bien pourvuë de Missionaires par la Congrégation de *Propaganda*, croit-il que le Parlement d'Angleterre préféroit celle-ci à celle-là? Je suis sûr qu'il me répondra que non, & qu'il seroir le premier à condamner un Parlement qui ordonneroit une telle préférence. Il n'y a point de Protestant en Angleterre qui ne craignît plus de troubles & plus de désrodres dans le gouvernement, si la nouvelle peuplade étoit fort zelée pour le Papisme, que si elle ne se soucioit ni du Papisme, ni d'aucune autre Religion."

[494] Bayle perde seu irmão Jacob, devido a este se recusar a se converter ao catolicismo. Quanto à crítica ao papismo, ver *CPh*, II, v, em particular, e sobre a crítica ao protestantismo *SCPh*, cap. XXXI, ao final.

que fosse ateu ou indiferente à religião do que serem governados por um rei de uma religião diretamente oposta e inimiga:

> Estou certo que de todos os Protestantes Franceses que foram banidos de sua Pátria não há, nem mesmo entre aqueles que foram menos maltratados pelos dragões, que não estejam prontos para assinar que valeria mais às Igrejas Reformadas da França ter um rei Espinosista, e o qual todos os outros Súditos teriam sido espinosistas, do que ter um Monarca cheio de zelo pelo Papado, e o qual a maior parte dos Súditos fossem animados do mesmo espírito. Efetivamente, se o Rei da França e todos seus outros súditos não tivessem tido nenhuma Religião, eles estariam pouco preocupados que os Huguenotes tivessem uma, visto que, no resto, eles fossem vistos afeitos ao Estado e perfeitamente submetidos às leis civis. (*OD* III[*RQP* III], p. 954*a*)[495]

A preferência mencionada por Bayle dos protestantes franceses por um Estado no qual um rei fosse ateu e com súditos ateus a um Estado governado por um papista ardoroso e dogmático e acompanhados de súditos com a mesma verve, nas entrelinhas, mostra uma coisa: o governo mais tolerante seria o regido pelo ateísmo. Em tal Estado, pouco importaria qual doutrina o cidadão faria parte, qual deus reverenciasse, qual dia fosse à igreja. O fundamental, e isso Bayle diz claramente, é que ele fosse obediente às leis estabelecidas pelo governante. Conforme a passagem citada, *efetivamemente* seria mais benéfico aos refugiados estarem sob os auspícios de um regime ateu, pois poderiam exercer seu direito de professar a sua religião e não se preocupar com oposições políticas temperadas por um sentimento religioso oposto e que está no poder. Bayle cita a religião protestante, mas todas as religiões que respeitassem os limites estipulados pelo Estado, seriam toleradas não no sentido de serem meramente suportadas, mas com o pleno direito civil de optar por uma religião qualquer e exercê-la sem maiores preocupações de caráter doutrinal. Todavia, Bayle diz:

> Primeiramente, deveis considerar que quando há em um Estado duas Religiões as quais cada uma crê que a outra é inimiga de Deus e o grande caminho da condenação eterna, as animosidades se tornam tão grandes, que cada Seita imputa à outra de atrair sobre toda a Sociedade as maldições de

[495] "Je suis sûr que de tous les Protestans François qui se sont banis de leur Patrie il n'y a en point, non pas même parmi ceux qui ont été le moins maltraitez par les dragons, qui ne soient prêts de signer qu'il eût mieux valu aux Églises Reformées de France d'avoir un Roy Spinoziste, & dont tous les autres Sujets auroient été Spinozistes, que d'avoir un Monarque rempli de zele pour la Papauté, & dont la plûpart des Sujets étoient animez du même esprit. Effectivement si le Roy de France & tous les autres Sujets n'avoient eu nulle Religion, ils se seroient peu souciez que les Huguenots en eussent une, pourvû qu'au reste ils les eussent vus affectionnez à l'État, & parfaitement soûmis aux lois civiles."

> Deus: a peste, a fome, as inundações, as tempestades, a perda das batalhas, etc. Então, a Seita que tem a orelha do Soberano não deixa de fazer-lhe protestos e de dizer-lhe que para fazer cessar esses flagelos de Deus, ele deve impedir que a heresia não seja mais pregada em seus Estados ou que a Idolatria aí não seja mais suportada. Ele render-se-á mais facilmente a esses protestos como será persuadido, com todos os Teólogos, que os Heréticos ou os Idólatras não estão, de forma alguma, de boa fé no erro, mas por um efeito de sua malícia. De modo que não é mais preciso desculpar suas blasfêmias e suas impiedades sob pretexto dos pretensos direitos da consciência, como os homicídios que cometidos por pessoas que estão ébrias. Que problemas, que desordens são a consequência de uma tal preocupação que jamais cairá no espírito de um Espinosista! (*OD* III[*RQP*], p.955*ab*)[496]

Bayle não deixa muita coisa para as religiões: toda e qualquer seita verá a outra como sua opositora direta, e o resultado inevitável é a desolação entre os homens em nome de um deus que não consegue ser definido por doutrina alguma. E se alguma seita dominante está próxima de um soberano influenciável, começará a conspirar contra tudo que lhe seja um entrave à sua dominação. A sociedade, por sua vez, ficará refém de infindáveis contendas religiosas de ordem teórica e prática, não conseguindo encontrar um apoio seguro que garanta a sua liberdade de consciência. Aqui, a crítica de Bayle não é restrita a uma seita em particular, mas todas passaram sob seu crivo: nenhum adepto de qualquer religião que seja erra inocentemente, mas é um erro calculado, visando a dominar e a aniquilar o opositor, caso seja necessário. O outro é um "flagelo", um errante, um idólatra ou um herético, todos incorrendo nos mesmos equívocos e todos carregando consigo mesmos o ódio e a vontade de dominação. E o espinosista? Este é a figura paradigmática do ateu virtuoso forjada por Bayle: é o que não destina suas preocupações a querelas de cunho doutrinário, é o *esprit fort* por excelência que sempre age pela reta razão, defendendo o direito da coexistência de seitas tão opostas umas às outras, o seu exercício é o da tolerância e que permite vislumbrar o binômio, agora longe de ser inconcebível, entre ateísmo e virtude.

---

[496] "Premièrement vous devez considerer que lorsqu'il y dans un État deux Religions dont chacune croit que l'autre est ennemie de Dieu, & le grand chemin de la damnation éternelle, les animositez deviennent si grandes, que chaque Secte impute à l'autre d'attirer sur toute la Société çes malédictions de Dieu; la peste, la famine, les inondations, les tempêtes, la perte des batailles, &c. Alors la Secte qui a l'oreille du Souverain, ne manque pás de lui faire ses remontrances, & de lui dire que pour faire cesser ces fléaux de Dieu, il doit empêcher que l'hérésie ne soit plus prêchée dans ses États, ou que l'Idolâtrie n'y soit plus soufferte. Il se rendra d'autant plus facilement à ces remontrances, qu'il será persuade avec lesThéologiens, que les Hérétiques, ou les Idolâtres ne sont nullement de bonne foi dans l'erreur, mais par un effet de leur malice; de sorte qu'il ne faut pas plus excuser leurs blasphêmes & leurs impiétez sous pretexte des prétendus droits de la conscience, que les homicides commis par des gens qui se sont enivrez. Quels troubles, quels désordres sont la suíte d'une telle préocupation, qui ne tombera jamais dans l'esprit d'un Spinoziste!"

Bayle reduz ao âmbito do senso comum entender que uma sociedade não poderiar durar sem alguma religião, culto ou crença em uma divindade. E qual o suposto fundamento dessa opinião? Seria que uma vez erradicada o temor a uma providência divina e onisciente, punidora das más ações e recompensadora dos bons atos, todo tipo de atrocidades aconteceria no seio dessa sociedade. Todavia, Bayle apela à experiência:

> Mas que dizem eles quando lhes é alegada experiência incontestável, que nos ensina que os maiores crimes e que o abandono o mais extremo ao desregramento dos costumes reinaram entre os povos mais idólatras e, do mesmo modo, entre os Cristãos; o que prova que a Religião não reprime a perversidade do homem, e que é preciso atribuir a outros princípios a barreira que mantém as Sociedades? (*OD* III[*RQP* IV], p. 1057*a*.)[497]

Contra a hipótese de que somente a religião poderia ser um freio em potencial para conter as mais inflamadas paixões humanas, Bayle recorre aos fatos: ao contrário, a religião foi justamente o estopim de tais paixões nas nações mais supersticiosas, que, imersas em sua depravação, não hesitaram em levar a cabo as ações mais abomináveis em nome de sua crença. Acreditar em uma providência divina é o que leva à instauração do verdadeiro caos no seio social, propagado pelo fanatismo e pela intolerância. A afirmação de Bayle é o diagnóstico absurdo, porém, verdadeiro, de uma sociedade que ainda insiste – e até hoje – em crer que a ameaça da intervenção dos deuses sobre a terra mudará a ordem das coisas e, daí, inferindo que a permanência de uma religião seja benéfica e de cunho inquestionável. Contudo, o suposto freio espiritual dos homens, sob a pena de Bayle, transforma-se no *leitmotiv* de intenções e de atos os mais inconcebíveis: conversões forçadas, obter riquezas materiais em troca de riquezas espirituais[498], edificação de igrejas por todos os cantos do globo, combate às seitas de opiniões contrárias e aos ateus, fomentação da idolatria e da superstição. Bayle lança as objeções de seus adversários contra eles mesmos: os que se dizem religiosos enveredam pelo caminho do vício por não estarem persuadidos das verdades de suas

[497] "Mais que disent-ils quand on leur allegue l'expérience incontestable, qui nous apprend que les crimes les plus enormes, & que l'abandon le plus extreme au déreglement des moeurs ont regné parmi entre les peoples plus idôlatres, & meme parmi les Chrétiens; ce qui prouve que la Religion ne réprime pas la méchanceté de l'homme, & qu'il faut attributer à d'autres príncipes la barrière qui maintient les Societez?"
[498] Ver *AAR* (*OD* II), p. 608*a*.

religiões, não crendo em uma providência e justiça celestes, e, por conseguinte, trilhando pelo ateísmo. Daí a conclusão: então não há fé que freie as paixões perniciosas e que assegure a moralidade dos costumes em uma sociedade, logo, não podendo ser designada como um liame social imprescindível. Nesse sentido, o filósofo de Carla mais uma vez fazendo vir à tona a experiência, arremata:

> Eis aí uma doutrina que se sustenta somente por respostas que estabelecem o dogma contrário; porque se os homens viciosos são Ateus, as Sociedades as quais a maior parte dos membros são Ateus podem muito bem manterem-se. A experiência nos ensina que as Repúblicas e os Reinos onde a corrupção dos costumes foi mais prodigiosa durou por muitos séculos. Logo, é visível que se uma Sociedade onde há cem Ateus contra um homem que teme Deus pode manter-se, uma Sociedade toda composta de Ateus também pode manter-se. (*OD* III [*RQP* IV), p. 1057*ab*.)[499]

Os próprios adversários de Bayle fornecem-lhe as próprias armas para refutá-los. Se os mais ortodoxos equivalem o ateísmo ao vício, a objeção pode ter o seu reverso, pois a experiência sempre mostrou que nas repúblicas e reinos – entenda-se, de religião católica, protestante, hebreus e maometanos - perduraram os maiores vícios e, ainda assim, conseguiram manterem-se firmes. Nesse sentido, eis a lógica de Bayle: se os ateus são viciosos, mas se os vícios sempre estiveram presentes nas sociedades religiosas, logo, uma sociedade composta somente de ateus poderia perdurar sem obstáculo algum. Evidentemente, Bayle não cede ao binômio ateísmo/vício formulado e tão defendido e disseminado pelos mais ortodoxos, mas somente seguiu as premissas de seus adversários e delas extraiu sua consequência lógica, voltando-as para eles mesmos. Todavia, o importante é que em todos os momentos diante de uma objeção, Bayle recorre tão e somente à experiência: esta mostra inquestionavelmente que a religião e a crença em um deus providencial jamais tiveram o poder de impedir, e mesmo de erradicar, o livre curso e as consequências funestas das paixões humanas dentre os homens.

[499] "Voilá donc une doctrine que ne se soûtient que par des réponses qui établissent le dogme contraire; car si les hommes vicieux sont Athées, les Sociétez dont les plus grande partie des membres sont Athées, se peuvent fort bien maintenir. L'expérience nous apprend que les Républiques & les Royaumes où la corruption des moeurs a été la plus prodigieuse, ont dure pendant plusieurs siècles. Or il est visible que si une Société ou il y a cent Athées contre un homme qui craint Dieu, se peut maintenir, une Société toute composée d'Athées se peut aussi maintenir."

Repassando os argumentos desenvolvidos acima, tentei demonstrar o esforço de Bayle em fundamentar solidamente o nexo entre ateísmo e virtude, e, para isso, dividi tal capítulo em cinco tópicos: 1) primeiramente, exponho a crítica bayleana às imagens feitas do ateísmo por seus opositores, mostrando como Bayle as refuta através da filosofia e da história. O argumento do consenso universal, passando sob o crivo de ambas não mais se sustenta, devido a estar fundamentado tão e somente na quantidade e não no peso das opiniões. Nesse sentido, a pluralidade das vozes não pode ser tida como um *criterium* consistente para verificar se o ateísmo pode ser concebido tanto na teoria como na práxis; 2) o segundo ponto, mostro os argumentos de Bayle quando tenta exemplificar que nem sempre em todos os tempos e lugares a existência de deus foi consensual. O filósofo de Carla faz uma incursão nos *récits* de viagem, e abordando-os criticamente, coloca em xeque a opinião de que todos os povos acreditaram em uma divindade. Nesse sentido, Bayle tenta dar provas empíricas de seus argumentos, pois recorre mesmo à uma certa antropologia e também a uma certa literatura para dar mais força à tese do ateísmo virtuoso; 3) decorrente do segundo ponto, passo à questão do ateísmo especulativo em Bayle. Querendo dar um *status* propriamente filosófico ao ateísmo, Bayle mostra que a partir do momento em que o consenso da existência de um deus torna-se questionável, questões como a do problema do mal, da liberdade, do livre-arbítrio e outras não fogem às malhas do ateísmo. Nesse sentido, Bayle faz uma reflexão e empreende uma tipologia acerca dos diversos tipos de ateísmo especulativo, detalhados minuciosamente na *Continuation des pensées diverses*; 4) da questão do ateísmo especulativo surge a questão da moral natural. Desde seus primeiros escritos, Bayle entende que é possível uma moral sem deus, afirmando que existem princípios em comum em todos os homens, como a consciência e a reta razão. Nesse sentido, se todos possuem móbeis que façam agir virtuosamente, os ateus com a sua moral natural, não seriam exceção à regra; 5) no quinto e último tópico, trato da questão do ateísmo virtuoso. Partindo da questão da passagem do cometa em seus *Pensées diverses*, Bayle chegará à questão do suposto paradoxo entre ateísmo e virtude. Mudando o lócus da discussão, ele dará uma outra veste à figura do ateu: este pode perfeitamente louvar a virtude sem necessariamente crer em deus algum. Em seus escritos posteriores, o filósofo de Carla radicalizará mais seus argumentos em favor da sua tese, mostrando a sinonímia entre ateísmo e moralidade. Das considerações sobre a viabilidade de um ateísmo especulativo e sobre a viabilidade de uma sociedade de ateus em Bayle, passo aos exemplos específicos citados pelo autor de ateus virtuosos: Diágoras, Epicuro,

Vanini, Spinoza. Bayle os tratará mais sucintamente ou mais demoradamente, de acordo com o grau de dificuldade da argumentação de cada um. A tarefa aqui será a de verfiicar se são sustentáveis os exemplos dados por Bayle, ou seja, se o pensamento desses autores citados é compatível com a tese bayleana do ateísmo virtuoso.

CAPÍTULO TERCEIRO

ATEÍSMO E MORAL: OS EXEMPLOS DE BAYLE

> "Se o ateu nega a existência de um deus, ele não pode negar a sua própria existência, nem a dos seres semelhantes pelos quais ele se vê rodeado. Ele não pode duvidar das relações que subsistem entre esses seres e ele; não pode duvidar da necessidade dos deveres que decorrem dessas relações. Ele não pode, portanto, duvidar dos princípios da moral, que nada mais é do que a ciência das relações subsistentes entre os seres vivendo na sociedade."
>
> Barão de Holbach, *Sistema da natureza*, II, xii.

Das considerações bayleanas a respeito da existência de um ateísmo especulativo, da sua crítica ao argumento inatista da ideia de um deus gravada nos corações e nos espíritos dos homens e da sua desmistificação do suposto paradoxo entre ateísmo e virtude, passamos ao tema do terceiro capítulo: surgindo no horizonte a problemática do ateísmo especulativo e sua articulação com a moral, Bayle dá exemplos de alguns pensadores antigos e modernos que foram ateus virtuosos no seu entender, tentando mostrar pela experiência que o vínculo entre ateísmo e moral foi possível individualmente. Diante da inviabilidade, como o próprio Bayle assume, de uma nação inteira abrir mão de suas crenças, ritos e doutrinas para se tornar-se ateia, contudo, o ateísmo sugere o abandono dos preconceitos de infância, ao menos, no plano individual. Em primeiro lugar, o empreendimento de um *examen* acerca da coerência e consistência das proposições favoráveis a uma existência divina será a pedra de toque do ateísmo especulativo, porque ele significa uma autêntica persuasão em termos intelectuais. O embate proposto pelo ateísmo não visa a substituir meramente uma prova por outra, mas enfrentar seus opositores sistematicamente, expondo seus pontos fracos e fortes, em seus limites e contradições, verificando pormenorizadamente seus níveis argumentativos e confrontando-os com a experiência. Nesse sentido, se o ateísmo é advindo duma escolha eminentemente intelectual, ele é um ponto de vista filosófico *par excellence*, baseado na mais acurada reflexão e comparação entre premissas e réplicas no que concerne à indagação sobre a ideia de um deus e a sua onipresença em todos os tempos e lugares no decorrer da história. E em segundo lugar, o que está em jogo, além da discussão filosófica sobre as possibilidades do ateísmo teoricamente, é a sua consonância e implicações no âmbito da moralidade. O filósofo de Carla toca na questão da reputação do ateísmo perante um determinado contexto social, pois a dificuldade em aceitar que um ateu seja sociável e respeitador das leis políticas ainda é

um entrave em todos os aspectos. O medo iminente e permanente de sofrer sanções físicas e morais somente pelo fato de não acreditar nos deuses impostos pelas autoridades religiosas, ou mesmo pelo fato de não crer em deus algum, leva o ateu a falar sobre suas convicções em círculos pessoais minúsculos, dentre seus pares. Nesse contexto, torna-se evidente à passagem de um plano a outro, isto é, o ateísmo, de opinião filosófica heterodoxa *ad extremum* torna-se um grave problema de moral para os seus detratores: se ser ateu já era inconcebível em termos teóricos, sê-lo-á inaceitável moralmente, uma vez que ainda se acreditava que opinião pessoal e conduta na práxis formavam um par necessário, ou que uma era consequência direta da outra. Um ponto de vista filosófico que dispensa a intervenção de um deus criador e providencial como explicadora da dinâmica dos acontecimentos mundanos não passará incólume diante dos porta-vozes sempre a postos para execrar o ateísmo. Contudo, Bayle está nos antípodas dos lugares-comuns sobre a imagem dos ateus e inverte o lócus do debate: se, por meio de exemplos concretos, como da Antiguidade: 1) Diágoras: Bayle primeiramente toma como exemplo o poeta de Melos para mostrar que ateísmo e virtude nunca foram coisas excludentes. Valendo-se de dados biográficos e históricos sobre o autor, o filósofo de Carla constrói a sua própria imagem, isto é, desvencilhando-se de opiniões sobre Diágoras que sequer preocuparam-se em fundamentar-se historicamente para estabelecer um relato verdadeiro sobre a sua doutrina e o seu caráter. Isto é, indo a fontes fidedignas à exaustão, Bayle mostra que o ateísmo de Diágoras não o desviou do caminho da moral; 2) Em seguida, Bayle passa ao exemplo de Epicuro: filósofo grego tradicionalmente rechaçado por ser um apologista do prazer desmedido e da depravação, supostamente devido à sua descrença em uma providência divina e em um deus que interfira no curso das ações humanas. Nos antípodas dessas apreciações superficiais da doutrina de Epicuro, Bayle cita inúmeros exemplos de que os termos epicurista e debochado nunca tiveram uma correlação necessária. Se Bayle dá uma nova veste na Modernidade à própria concepção de ateísmo, da mesma forma, fornece um novo retrato do epicurismo: se este se constitui como um ateísmo negador radical de todo providencialismo celeste, porém, não é negador de uma moral tampouco dos valores fundamentais para poder se viver em sociedade; 3) Dos exemplos da Antiguidade, Bayle passa aos da Modernidade, sendo o primeiro de les Giulio Cesare Vanini: filósofo italiano acusado de ateísmo e morto com a língua arrancada em Toulouse, 1619. Bayle o classifica como um autêntico “mártir” do ateísmo, devido à sua postura inflexível diante do cadafalso, em nenhum momento hesitando sobre suas

convicções filosóficas. Contudo, mesmo sendo problemática a imagem de mártir erigida por Bayle a respeito de Vanini, nem por isso ambos os autores deixaram de tem certos aspectos em comum, sendo evidente o maior deles, a saber, depurar o ateísmo das opiniões infundadas de seus detratores; 4) Espinosa: este é o maior exemplo do ateísmo virtuoso para Bayle. À primeira vista, em termos metafísicos Bayle repudia Espinosa, devido ao seu naturalismo, levado às últimas consequências, culminar no ateísmo mais radical já visto. Entretanto, o que supostamente seria uma opinião definitiva de Bayle sobre Espinosa, na verdade, é necessário recorrer aos outros escritos do filósofo de Carla para ser possível mostrar que não há contradição alguma entre o Espinosa ateu especulativo e o Espinosa ateu virtuoso. Na verdade, Bayle mostra pelas biografias do filósofo de Amsterdam e, mesmo em suas próprias obras, que Espinosa não nega a moral a despeito de sua metafísica, ao contrário, seu ateísmo decorre da sua própria filosofia a qual, negando a livre intervenção de uma providência divina, não repudiou a virtude em si mesma. Nesse sentido, a tônica deste terceiro capítulo conecta-se com os outros demais capítulos do presente trabalho: para Bayle é cristalino, desde os *Pensées Diverses*, que crença nada tem a ver com agir moralmente e de acordo com a reta razão, a experiência mais uma vez virá à tona para confirmar essa assimetria. Nesse sentido, se foi necessário recorrer aos próprios fatos para desvalidar a autoridade da opinião, da idolatria e da superstição, Bayle não abandonará tal recurso para tentar provar que a doutrina filosófica dos autores que ele menciona em nada contribuiu para os desviarem do caminho da virtude.

3.1. *Diágoras de Melos*

Diágoras foi um poeta grego nascido em Melos (465 a.C.[?]) e morto em Corinto (410 a.C.[?]).[500] O conteúdo de seu pensamento, mais especificamente no que concerne ao seu ateísmo, foi transmitido por fontes posteriores, e os textos que são ditos de sua autoria são questionáveis por alguns estudiosos do pensamento sofístico.[501]

[500] Segundo a tradição, ele morre em Corinto. Ver a respeito JOHANSEN, Mariela Wibert. *Belief, fear and manipulation: the intersection of religion and the Athenian legal system in the second half of the 5th century BCE*. Burnaby: Simon Fraser Universtiy Library, 2009, p. 92, nota 64.

[501] É o que diz Untersteiner, por exemplo. "Segundo a tradição, [Diágoras] tinha exposto a sua teoria no *Apopyrgitzontes logoi*, o qual a genuinidade não é todo segura: talvez um segundo título de *Phrygioi*

Contudo, a despeito da discussão sobre a autenticidade de seus textos, um epíteto era inseparável do nome de Diágoras, isto é, o de ateu, sendo sua suposta doutrina ou concepção sobre os deuses e religião somente conhecida por alusões ou anedotas, um *constructo* feito tardiamente pela tradição.[502]

A questão então delineia-se: se ele tentou defender seu ateísmo com argumentos filosóficos, os quais sendo desconhecidos à maioria dos estudiosos e somente trazidos à tona e transmitidos – fielmente ou não – por fontes posteriores, o problema é de ordem estritamente moral e prática e não teórica ou filosófica. (GUTHRIE, 1995, p. 220).[503] Especificamente, são dois os motivos que conduziram Diágoras ao ateísmo: primeiramente, sendo um poeta ditirâmbico e temente à divindade, a partir de uma ofensa que foi feita a ele próprio, persuadiu-se da inexistência dos deuses pela prevalência da injustiça sobre a justiça dentre os homens; o segundo motivo foi a sua condenação por impiedade, ou *asebeia*, sendo oferecida uma recompensa para quem o capturasse ou o matasse devido à sua fuga da pólis.[504] Tendo profanado os

---

logoi." UNTERSTEINER, Mario. *Sofisti: testimonianze e frammenti*. Milano: Edizione Bompiani, 2009 (Bompiani Testi a fronte), p. 394, nota 5. Ver também GOMPERZ, Theodor. *Greekthinkers: a History of a Ancient Philosophy*. Bristol: Thoemmes Press: 1996, vol. I, pp. 407- 408 e a nota referente.

[502] Entretanto, os fragmentos do pensador grego foram reunidos por M. Winiarczyk, em *Diagorae Melii et Theodori Cyrenai Reliquiae*, Coll. *BT*, Leipzig 1981. In*: Diogène Laërce: vies et doctrines des philosophes illustres*. Trad. par Marie-Odile Goulet Gazé. Paris: La Pochotèque, 1999, II, p. 305, nota 1. Para Burkert, "o mais proeminente ateu do quinto século parece ter sido Diágoras de Melos, não um filósofo ou um teórico, mas um poeta. Mais tarde tornou-se uma brincadeira filológica citar os hinos 'devotos' aos deuses tirados de suas 'obras'. No entanto, o seu ateísmo só pode ser apreendido através de anedotas." BURKERT, Walter. *Greek religion*. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1985, p. 316. Ver a anedota a respeito das placas comemorativas da Samotrácia, a qual Diógenes Laércio atribuíra a Diógenes, mas "outros relacionam a palavra à Diágoras de Melos." *Op. Cit*., VI, p. 730, e Bayle, *DHC*, "Diagoras", nota I. Ver também a respeito NAVIA, LUIS E. *Diógenes, o cínico*. Trad. de João Miguel Moreira Auto e Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, p. 258, nota 59, e TARANTO, Pascal. *Du déisme à l'athéisme: la libre-pensée d'Anthony Collins*. Paris: Honoré Champion, 2000, pp. 248-253 e nota 16 em particular. Segundo Guthrie, o parco conhecimento sobre o pensamento de Diágoras para a posteridade seria o motivo de desinteresse pelo autor grego: "Uma vez que nada se conhece da mente de Diágoras a não ser o fato de sua descrença nos deuses, não pode pretender muito espaço numa história da filosofia.". GUTHRIE, W.C.K. *Os sofistas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995, p. 221. Cf. também BRUNSCHWIG, Jacques/LLOYD, Geffroy. *Le savoir grec: dictionnaire critique*. Paris: Flammarion, 1996, p. 533.

[503] Para Untersteiner, o ateísmo de Diágoras "teve origem de uma amarga experiência de vida." *Op. cit*., p. 394, nota 5.

[504] Sobre a definição de *asebeia*, ver LEÃO, Delfim, F. "Matéria religiosa: processos de impiedade (*asebeia*)." In: LEÃO, D.F.; ROSSETTI, L. *et alli*.(Eds.) *Nomos, Direito e sociedade na Antiguidade Clássica/Derecho y sociedad en la Antigüidad Clásica.* Coimbra e Madrid: Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas, 2004, I.1, p. 2 em particular. Ver também DRACHMANN, A.B. *Atheism in Pagan Antiquity*. In: http://www.gutenberg.org/license, release date, March 11 2009, [Ebook 28312], pp.7-13, e também a breve alusão – mas sem dizer o motivo – de Aristófanes n*'As Aves* a tal processo e a respectiva recompensa: "Aquele que matar Diágoras receberá a recompensa de um talento."

mistérios de Elêusis, Diágoras foi submetido ao júri ateniense, tendo "excedido os limites da tolerância e despertado a ira do público." (JOHANSEN, 2009, p. 92). O julgamento de Diágoras surgira em um contexto que o clima em Atenas estava tenso um pouco antes da expedição siciliana, estando sempre a postos para qualquer imprecação proferida aos deuses e que conotasse maus presságios. Em outros termos, independente do motivo que fez com que fosse perseguido implacavelmente pelos atenienses, "não se pode duvidar do fato de seu completo ateísmo." (GUTHRIE, 1995, p. 221.)

Todos os testemunhos históricos convergem para um único ponto: o pensador grego repudiava todo e qualquer conceito de um deus e o fazia *ad extremum*.[505] Segundo a acusação, o ateísmo de Diágoras divulgando e denegrindo os mistérios de Elêusis teria desencorajado aqueles que queriam ser iniciados nos assuntos divinos. Tido como um fora-da-lei, o Meliano buscou refúgio fora dos domínios de Atenas, e os atenienses, por sua vez, tentaram sem êxito a sua extradição para poder fazê-lo cumprir a pena que lhe fora imposta. Entretanto, qual a relação de seu ateísmo com a sua moralidade? Diágoras estava bem ciente da eficácia social da religião, isto é, crer em deuses "instila no homem um medo do qual a sociedade pode fazer uso." (GOULET-CAZÉ/BRANHAM, 2007, p. 86.) Se o seu ateísmo foi oriundo de um descontentamento com uma experiência pessoal – foi acusado de roubar uma ode e de recitá-la como se fosse sua - percebendo que a providência divina somente recompensa

---

ARISTÓFANES. *As vespas*; *As aves*; *As rãs*. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 157. Sobre o processo de Diágoras, há controvérsias quanto à sua data. Ver a respeito, GOMPERZ, *op.cit*., p. 578, e BURKERT, p.466, nota 35. Ver também ROMER, F.E. "Atheism, impiety and the *Limos Mélios* in *The Birds*", *in*: *American Journal of Philology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994, n°115, p. 355 em particular.

[505] Guthrie assumir que é necessário levar em consideração três coisas: "[...] a necessidade de distinguir a rejeição do politeísmo tradicional da negação de toda idéia de divindade, e, em segundo lugar, o caráter fragmentário e às vezes inconfiável de nossas autoridades para este período, e, em terceiro lugar, a tendência de usar a acusação de ateísmo como arma contra qualquer figura pública que por outros motivos se desejava descreditar." (1995, pp.219-220.) Segundo Goulet-Gazé, "conceber-se-á facilmente que em um tal clima tenha podido desenvolver-se o ateísmo no sentido o qual entendemos esta palavra hoje. Na Antiguidade, a palavra *atheos* tinha, com efeito, dois sentidos: antes de tudo, significava 'ímpio' e designava toda pessoa que não respeitava a religião do Estado ou queria introduzir o novo no domínio religioso. Sob este ângulo, Protágoras, Aristodemo e Sócrates eram *atheoi*. De outra parte, havia seu sentido moderno e servia para qualificar aquele que nega a existência dos deuses. Assim foram declarados *atheoi* ateus notórios como o poeta do século V Diágoras de Melos ou o filósofo cirenaico dos séculos IV e III Teodoro, que foi o mestre do Cínico Bion de Borístenes." GOULET-CAZÉ, Marie-Odile. *Le cynisme ancien et ses prolongéments*. Actes du colloque International du CNRS (Paris 22-25 juillet 1991). Paris: PUF, 1991, pp.125-126. Ver também HOWATSON, M.C. *Dictionnaire de l'antiquité: mythologie, littérature, civilisation*. Trad. par Jeanne Carlier *et alli*. Oxford: Robert Lafont, 1993, p.1142, em particular; LECLANT, Jean. *Dictionnaire de l'antiquité*. Paris: Quadrige/PUF, 2005, p. 264; e LACARRIÈRE, Jacques. *Dictionnaire de la Grèce antique*. Paris: Albin-Michel, 2000, p. 1296.

os injustos e condena os justos, tal constatação - suas chamadas "considerações destrutivas", tradução literal do título em grego de sua obra - em nada o desviam do caminho da moral, pelo contrário, chegou mesmo a ser cogitado para revisar a constituição de Mantinéia, cidade do Peloponeso[506]. Mas, por outro lado, se seu ateísmo foi resultante de sua profanação à divindade[507], esse episódio mostra, por um lado, como a sociedade grega levava a sério as questões religiosas, não dando margem mínima a um crime de impiedade; mas, por outro, mostra que os tribunais gregos - formados por pessoas comuns e não por quem tinha capacidade para julgar justamente - conduziam os processos sem muito rigor judicial e influenciados por questões pessoais ou políticas.[508] Dessa forma, são desses poucos episódios históricos que Bayle se valerá para tecer a sua imagem de Diágoras no *Dictionnaire Historique et Critique*, nos *Pensées diverses* e na *Continuation*: o filósofo de Carla colocará o pensador grego no seu escalão dos ateus virtuosos, uma vez que seu ateísmo não foi equivalente à imoralidade.

Façamos uma incursão no verbete "Diágoras" do *Dictionnaire*. Bayle, como de costume em todos os verbetes desta vasta obra, compila todos os dados históricos possíveis sobre o autor comparando as fontes e vendo aí o que há de exato ou inexato. Em suas doze notas – de A à M - Bayle discute a respeito dos mais variados aspectos concernentes à biografia de Diágoras traçada e transmitida pela tradição, desde a data e

---

[506] Bayle cita esse episódio no verbete dedicado à Diágoras no *DHC*, nota H.

[507] É o que Drachmann afirma: o ateísmo de Diágoras não foi advindo de uma experiência pessoal, mas de sua impiedade aos mistérios de Elêusis, chegando, devido a uma incongruência de datas históricas, a cogitar que existiram dois Diágoras (!) *Op. Cit*., p. 28.

[508] . Sobre o prêmio oferecido a quem prendesse ou exterminasse Diágoras, ver BURKERT, *op.cit*., p. 316. O comentador afirma que os processos por *asebeia* "tomaram uma nova dimensão quando confrontados com o ateísmo. Do desamparo daqueles que se mantêm ligados à tradição surge uma irritação que pode ser perigosa, especialmente se motivos políticos ou pessoais intervêm como catalisadores." Sobre os limites do sistema judiciário ático, Leão diz: "Por conseguinte, mantém-se a dúvida básica em relação aos limites legais precisos em que se poderia aplicar este processo, cenário que tem levado a maioria dos estudiosos a admitir que a multiplicidade dos casos puníveis por *asebeia* é uma consequência natural da elasticidade e vagueza do próprio conceito. Esta interpretação afigura-se ainda pertinente e encontra um paralelo, de resto, nas dificuldades para definir o alcance legal de um processo por hybris ('insolência'), destinado a punir atentados contra a dignidade de outra pessoa. No entanto, a não definição clara da natureza de um crime para qual são estipuladas determinadas penas é uma limitação característica do sistema legal ático, bem como de outros códigos antigos (com a usual exceção de homicídio). Esta circunstância, aliada ao fato de, em Atenas, os tribunais serem conduzidos por cidadãos comuns e não por especialistas, deixava um maior espaço de manobra à intervenção reguladora da comunidade, representada pelo coletivo de juízes, em cujo consciente entrariam em linha de conta posições semelhantes às enunciadas por Platão e Aristóteles nos passos que abrimos esta reflexão. Seria a partir deles que era avaliada a justeza legal de uma acusação de *asebeia*." *Op. cit.*, pp.3-4.

o local de nascimento[509] até as interpretações mais tardias do pensamento do poeta grego. Contudo, o que nos interessa aqui são as reflexões de Bayle sobre as argumentações, sobre o que há certo ou errôneo nos relatos a respeito daquele que foi um "dos mais francos e dos mais determinados ateus do mundo." (*DHC*, 1969, V, p. 494).[510]

Na nota C, Bayle cita o primeiro motivo que levou Diágoras a ser ateu: ele adorava fazer versos e compôs um poema o qual um poeta lhe roubara. Ele levantou um processo contra o ladrão e este, por sua vez, mesmo negando que tinha o feito publica a obra, rendendo-lhe grande reputação. Diágoras entendendo que o poeta tinha sido injusto, não sendo punido pelo plágio e tirando-lhe a glória, afirmou que não há providência divina alguma e a inexistência de deuses, escrevendo livros para prová-lo. (*DHC*, 1969, V, p. 496).[511] Contudo, Bayle acrescenta uma reflexão que problematiza tal episódio: o poeta de Melos, tendo perdido a glória esperada devido à obra que lhe fora arrematada, qual seria a necessidade e de que lhe valeria retirar à natureza o seu criador, regulador e conservador celeste? Vejamos a resposta:

> Que não digam que a minha reflexão é forçada: convenho que há falsidade nisto e alguma coisa de exagerado. Mas mantenho que Diágoras não raciocinou como o fez se não tivesse uma estima muito particular e uma afeição muito íntima pelo bem que tinha perdido. Eu não sei se a prosperidade de um homem desonesto fez duvidar da providência aqueles que se ressentiam dessa prosperidade ou que, ao menos, não recebiam nenhum mal. (*Id. Ibid.*)[512]

Mesmo Bayle entrevendo que há algo que não é compatível com os próprios fatos, ele atesta: Diágoras só enveredou pelo ateísmo devido à injustiça que sofreu e que tinha uma grande estima por suas obras. Bayle, mesmo questionando se o ressentimento surgido da prosperidade de outrem pode fazer com que se duvide da existência de

---

[509] Ver as notas A e B.
[510]" Ce fut l'un des plus francs, et des plus determines athées du monde."
[511] Até aqui, Bayle baseia-se em Hésychius Illustrius, parecendo conceder aos argumentos do historiador.
[512] "Qu'on ne me dise pas que ma réflexion est forcée: jê conviens qu'il y a du faux dans ce tour-là, et quelque chose d'outré; mais jê mantiens que Diagoras n'eût point raisonné commme il fît, s'il n'eût eu une estime très-particulière, et une affection très-intime pour le bien qu'il avait perdu. Je ne sais si jamais la prosperité d'un malhonnête homme a fait douter de la providence à ceux qui se ressentaient de cette prosperité, ou qui du moins n'en recevaient aucun mal."

deuses ou de uma providência divina, lendo a passagem nas entrelinhas, pode-se daí inferir duas coisas: 1) afirmar a inexistência de um deus em nada impede o discernimento do que é justo ou injusto; 2) da mesma forma, não é impeditivo algum para afeiçoar-se ao que é belo e ser sensível à perda de algo que muito se estimava.[513]

Tal questão Bayle a aborda em seu aspecto político. Na nota H do verbete, discorre e reflete sobre o episódio da elaboração de leis por Diágoras ao legislador de Mantinéia, região do Peloponeso, não havendo "nada nesta observação que não seja digno de atenção." (*DHC*, V, p. 500.)[514] Bayle, criticando como o fato foi relatado na *História Variada* de Eliano, menciona que as leis dos manteneus eram muito justas e tão boas quanto as de qualquer cidade grega.[515] E, de acordo com o mesmo historiador, a opinião vigente na época tais leis foram redigidas por Diágoras, destinando-as a um amigo seu chamado Nicodoro. Segundo Bayle, afirma que Eliano dissera que poderia perfeitamente louvar Nicodoro pelo feito, mas que não o faria já que os elogios que lhe seriam feitos poderiam correr o risco de serem atribuídos à Diágoras. E qual seria o fato digno de atenção apontado por Bayle logo no início do verbete? Ele diz:

> Eis alguma coisa de notável. Um ateu sem desvio nem reserva, que fornece leis a um Estado tão justas como as de Sólon e como as de Licurgo. Do outro lado, eis um padre que se erige como historiador, e que suprime os louvores que Nicodoro muito justamente mereceu; que os suprime, digo, porque a glória repercutiria sobre Diágoras. Não que Diágoras não fosse digno de participar desses elogios, mas ele negava a divindade e, por conseguinte, não precisaria que o historiador fosse imparcial em sua passagem. Precisaria ser prevaricador das leis da história, pois isto roubaria de um ateu o bem que lhe é devido. Espantar-se-ia menos com uma moral tão depravada, se não pensasse que é um padre pagão que a debita. Pobres pessoas! Veem-se como necessárias a Deus: creem que têm necessidade do uso político que fazem de suas injúrias e de seus louvores. (*Id. Ibid*.)[516]

---

[513] Cf. com os parágrafos §179 e §182 dos *PD*, e *CPD*, §CXLIV.

[514] "Il n'aura rien dans cette remarque qui ne soit digne d'attention".

[515] *A contrario*, Drachmann sustenta que era impossível a uma cidade grega da época consultar um ateu notório para revisar a sua constituição. (2009, p. 28)

[516] "Voilà quelque chose de remarquable. Un athée sans détour ni reserve, qui donne des lois à un état aussi justes que celles de Solon, et que celles de Licurgue. D'autre côté, voilà un prêtre qui s'érige en historien, et qui supprime les louanges que Nicodoro a très-justement méritées; qui les supprime, dis-je, parce que la gloire en rejaillirait sur Diagoras, Ce n'est pas que Diagoras ne fût digne de participer à ces éloges, mais il niait la divinité, et par conséquent il ne fallait pas que l'historien fût équitable en son endroit; il fallait être prévaricateur aux lois de l'histoire, puisque cela dérobait à un athée le bien qui lui était dû. On s'étonnaneirait moins d'une morale si dépravée, si l'on ne songeait que c'est un prêtre païen qui la debite. Pauvres gens! Vous vous regardez comme nécessaires à dieu; vous croyez qu'il a besoin de

Eis o paradoxo: como é possível que um ateu supostamente licencioso e sem escrúpulos pôde tornar-se um conselheiro político, sendo equiparado aos maiores legisladores da história? Bayle é pontual: o elogio de tal feito que seria destinado à Diágoras simplesmente foi repudiado pelo fato de ele ser ateu. A descrença do poeta grego foi o motivo da omissão e da arbitrariedade da parte de um religioso, que querendo declamar-se o historiador, projetou seu preconceito empedernido sobre uma questão de fato. Bayle associa tal procedimento a uma questão de ordem moral: não relatar fielmente o bem proporcionado por alguém, além de violar as leis históricas, é roubar o mérito de quem o obteve por uma determinada ação. O filósofo de Carla vai mais além: o que motiva a omissão de certos fatos históricos é justamente o seu uso político, isto é, uma instrumentalização apoiada tanto pela religião como pela política, que tem como móbil e fim último unicamente seus interesses particulares e que elogia ou denigre de conforme suas conveniências.[517]

Bayle não deixa de levar em conta que quando um ateu que exerce a justiça, por meio de editos ou leis, é movido por paixões que vão de encontro à piedade e à virtude, seria melhor viver em plena ausência de leis do que viver sob o domínio de um governo dessa espécie. Entretanto, se um ateu chefe de governo estabelece leis e as aplica sempre tendo em conta a paz e o bem do Estado, não há motivo algum para censurá-lo ou temê-lo devido à sua descrença nos deuses:

> Se aqueles que exercem a justiça, seja pelo estabelecimento das leis seja pela execução dos editos e das ordens do legislador estavam totalmente nos princípios do ateísmo e animados da paixão que contra tudo o que pertence à piedade e à virtude, é certo que valeria mais viver sem leis e sem tribunais do que viver submetido a uma tal jurisdição. Mas se, não obstante seu ateísmo, eles tinham zelo pelo bem público, e esforçavam-se em fazer valer os regulamentos que julgassem os mais apropriados para reprimir os malfeitores, em prevenir as chicanas, manter os direitos das viúvas e dos órfãos, a boa fé no comércio, a concórdia nas famílias, etc., quem duvida que

---

l'usage politique que vous faites de vos injures et de vos louanges." Ver também *ESA*, XIII.

[517] Para Holbach, "a associação da religião com a política necessariamente introduziu uma dupla legislação nos Estados." *Il bon senso*. Trad. di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985, §173, p. 171.

> não fosse incomparavelmente mais vantajoso viver sob tais legisladores ou sob tais juízes do que sem nenhuma jurisdição?(*DHC*, 1969, V, p. 501.)[518]

Ora, o estabelecimento de boas leis e a primazia absoluta pela paz pública e pela prosperidade dos cidadãos jamais dependeu do que um legislador crê ou não crê. Bayle traz à tona mais uma vez a questão das paixões como *leitmotiv* das ações humanas: isto é, seria melhor viver em uma condição na mais absoluta ausência de leis a partir do momento que o temperamento de um governante ou de um legislador prevaleça sobre questões mais importantes à conservação do corpo estatal. Fazer leis e cumpri-las à luz de paixões perniciosas que façam com que se perca o foco a respeito do que realmente interessa à manutenção do Estado é a *causa mortis* da própria política, sendo o fator principal para a derrocada de qualquer sistema de governo. Bayle diz claramente: Diágoras teve êxito na incumbência que lhe foi atribuída de redigir leis que tivessem em vista unicamente a conservação e a prosperidade do Estado, mesmo rejeitando "absolutamente e sem nenhuma restrição a existência da divindade." (*DHC*, 1969, V, p. 503).[519] Opondo provas de fato a conjecturas errôneas e arbitrárias, Bayle arremata na *Continuation*:

> Querei-vos Ateus da primeira classe? Vamos indicar, a fim de que não tenhais motivos de lamentardes que em questões de fato propõem-vos uma simples prova de raciocínio, isto é, uma consequência especulativa tirada de um fato. Dir-vos-ei então que Diágoras, que foi chamado O Ateu por excelência, ditou muitas belas leis ao Legislador de Mantinéia. Ele o fez sem ser capaz de discernir o que é justo do que é injusto? (*OD* III[*CPD*], p. 396*b*.)[520]

---

[518] "Si ceux qui exercent la justice, soit par l'établissement des lois, soit par l'éxécution des édits et des ordonnances du législateur, étaient tout ensemble dans les principes de l'athéisme, et animes de passion contre tout de qui appartient à la piété et á la vertu, il est certain qu'il vaudrait mieux vivre sans lois et sans tribunaux, que d'être soumis à une telle juridiction; mais si, nonobstant leus athéisme, ils avaient du zele pour le bien public, et se piquaient de faire valoir les règlemens qu'ils jugeraient les plus propres à reprimer les malfaiteurs, à prevenir les chicanes, à maintenir les droits des veuves et des orphelins, la bonne foi dans le commerce, la concorde dans les familles,etc., qui doute qu'il ne fût incomparablement plus avantageux de vivre sous de tels législateurs ou sous de tels juges, que sans aucune juridiction?" Ver Plutarco: "Não seria mais útil aos Cartagineses ter desde o início um Crísias ou um Diágoras como legisladores e não crer em nenhuma divindade do que fazer sacrifícios como os oferecidos a Cronos?" (1993, p. 91).

[519] "[...] absolument et san nulle restriction l'existence de la divinité."

[520] "Voulez-vous des Athées de la première classe? On vous en indiquera, afin que vous n'aiez point sujet de vous plaindre, que dans ces questions de fait on vous propose une simple preuve de raisonnement, c'est-à-dire, une conséquence spéculative tirée d'un fait. Je vous dirai donc que Diagoras qui fut surnommé l'Athée par excellence, dicta de três-belles loix au Législateur de Mantinée. Le fît-il sans être capable de discerner ce qui est juste d'avec ce qui est injuste?"

Bayle assevera que é fato que, no caso de Diágoras, além de ter a mais perfeita noção de honestidade e retidão foi capaz de propor sensatas leis às autoridades políticas de sua época. Não faltou à Diágoras o mais perfeito discernimento entre justiça e injustiça para estabelecer e dar solidez a uma legislação, que é fator fundamental para uma sensata execução das leis. Nesse sentido, se o poeta grego foi o "mais proeminente ateu do quinto século" (BURKERT, 1985, p. 16), suas convicções a respeito da inexistência dos deuses e de uma providência divina em nada o impediram de ser um de conselheiro político, preocupado unicamente com questões importantes para os cidadãos. Nesse sentido, o epíteto de ateu jamais implicou o de ser imoral, e se Bayle o retrata como um ateu virtuoso, o faz por meio de todas as fontes e testemunhos históricos que estavam à sua disposição, investigando incessantemente os fatos e, consequentemente, desvalidando a fama de depravado que Diágoras obteve ao longo da história.[521]

3.2 *Epicuro*

Nos *Pensées diverses*, Bayle aponta para a difamação no decorrer da história da doutrina de Epicuro: segundo a tradição, sua filosofia seria uma apologia do deboche, mergulhada na depravação e incapaz de se pautar pelos bons costumes.[522] Bayle questiona: se supostamente Epicuro equivocou-se em sua concepção de divindade, isto é, um deus que em nada intefere no curso das coisas, qual diferença faria?

> [...] Epicuro raciocinava melhor que os outros filósofos. Ele era obrigado a crer que o cuidado com o mundo teria fatigado muito os Deuses, e teria perturbado a sua bem-aventurança. Eles não poderiam corrigir as faltas da matéria, e, por conseguinte, eles não teriam feito tudo o que queriam fazer. [...] Epicuro estando uma vez enganado com a ideia de felicidade dos Deuses, poderia crer que eles intereferissem na conduta das coisas? (*OD* III[*CPD*], p.

[521] Guthrie afirma: "Diágoras, em particular, nunca aparece sem o rótulo de 'o ateísta' afixado ao seu nome. Todavia, se ele defendia o seu ateísmo por argumentos filosóficos, não sabemos nada absolutamente quais eram eles. A única razão alegada pra ele, e que está nas fontes tardias, é moral." (2007, p. 220).

[522] Segundo Gianluca Mori, "Bayle pensa sobre tudo em Epicuro e nos outros ateus da Antiguidade – é, de fato, a mesma posição que ele desenvolverá mais longamente em seguida, quando sustentará formalmente que os ateus podem seguir a lei moral em toda coerência com a sua posição filosófica." 1999, p. 192. Sobre a reabilitação de Epicuro ver PAGANINI, Gianni. *Analisi della fede e critica della ragione nella filosofia de Pierre Bayle.* Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1980, p. 278.

295*a*.)[523]

Bayle toca em um ponto fundamental: uma concepção heterodoxa de um deus, a qual nega a intervenção divina nos acontecimentos humanos e tampouco entendendo que a alma seja imortal, em nada tais fatores foram um obstáculo para se erigir uma moral sólida, que primasse pela virtude, honra, equidade e sabedoria. Ora, a denúncia de Bayle é clara: o epicurismo foi distorcido e difamado por uma tradição filosófica – a estoica, em particular – que traçou uma imagem bastante infundada tanto de Epicuro como de seus discípulos.[524] Entretanto, se a negação de uma providência divina nas relações entre os homens não pode ser denominada como um ateísmo *strictu sensu* e se o próprio Epicuro afirma claramente a existência e a sua crença nos deuses,

---

[523] "Epicure, raciocinava melhor que os outros filósofos. Ele era obrigado a crer que le soin du monde eût fatigué les Dieux, & eût troublé leur beatitude. Ils n'auroient pû corrigir les défauts de matière, & par conséquent ils n'auroient point fait tout ce qu'ils auroient voulu. [...] Épicure s'étant une fois trompe dans l'idée du bonheur des Dieux, pouvoit-il croire qu'ils se mélassent de la conduite des choses?" Comparemos esta passagem com a apreciação de Diderot a respeito da difamação do Epicurismo ao longo dos tempos: "A seita eleática deu nascimento à seita epicurista e nunca uma filosofia foi menos entendida e mais caluniada do que a de Epicuro. Acusou-se o filósofo de ateísmo, embora ele admitisse a existência de deuses, frequentasse templos e se prosternasse aos pés dos altares. Foi visto como um apologista da devassidão, logo ele cuja vida era uma prática contínua de virtudes, sobretudo a da temperança. O preconceito generalizou-se tão largamente que é preciso confessar, para a vergonha dos estoicos, que o difundiram em suas obras, que os epicuristas foram pessoas muito honestas de má reputação. Mas com o intuito de fazermos um julgamento mais claro da doutrina de Epicuro, apresentaremos o próprio filósofo, cercado por seus discípulos, e lhes dando lições à sombra das árvores que ele plantou. É ele, pois, quem falará ao longo deste artigo e esperamos da equidade do leitor que ele bem desejará lembrar-se dele."DIDEROT, Denis. *Obras VI: O enciclopedista – História da Filosofia I*. Trad. de J. Guinsburg e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. 204-205. E. Joyau afirma: "Nada é mais errôneo do que o quadro delineado por vários escritores que representam o jardim de Epicuro como uma espécie de local mal frequentado, como o teatro de encontros obscenos." "Introdução". *In*: *Epicuro: Antologia de textos*. Tradução e notas de Agostinho da Silva e estudo introdutório de E. Joyau. São Paulo: Abril Cultural, 1980, 2ª edição (Coleção "Os Pensadores"), p. 7.

Quanto à existência dos deuses, Epicuro afirma categoricamente no parágrafo §123 da Carta a Meneceu: "Em primeiro lugar, considerando que o deus é um ser vivo incorruptível e bem-aventurado, assim que a noção comum de deus lhe traçou um esboço, não lhe acrescenta nada de estranho à sua incorruptibilidade nem nada de inapropriado à sua beatitude. Em compensação, tudo o que pode preservar nele a beatitude que acompanha a incorruptibilidade, julga que isto lhe pertence. Porque os deuses existem. Com efeito, é evidente o conhecimento que se tem deles." "Lettre à Ménécée", in: ÉPICURE. *Lettres, maximes et autres textes*. Traduction et présentation par Pierre-Marie Morel. Paris: GF Flammarion, 2011, pp. 97-98. A crítica de Epicuro destinava-se especificamente às opiniões proferidas sobre os deuses que, a seu ver, eram falsas. Ver SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus: 2013, p. 229 em particular, e GIANNESCHI, Horacio. *Dioses, religión y piedad*. Buenos Aires: Jorge Baudino, 2004, pp. 114-115. Sobre a crítica dos estoicos ao epicurismo, ver GUYAU, J.-M. "Introduction". *In*: *La morale d'Épicure et ses rapports avec les doctrines contemporaines.* Paris: Librairie Félix Alcan, 1927, 7e édition, pp. 10-17.

[524] Segundo Bayle, Sêneca – em seu escrito *Da vida feliz*, XIII, 2 - foi obrigado a admitir a falta de fundamento de mostrar o epicurismo como uma filosofia do deboche e da licenciosidade: "Eles não se tornaram debochados porque eles tinham abraçado a doutrina de Epicuro, mas tinham abraçado a doutrina de Epicuro mal-entendida porque eles eram debochados. É assim que fala Sêneca, ainda que fosse de uma seita repleta de animosidade contra a memória de Epicuro, e não teve dificuldade de protestar que é muito bem persuadido que a volúpia desse filósofo era bem sóbria e bem seca." ["Ils n'étaient donc débauchés parce qu'ils avaient embrassé la doctrine d'Épicure, mais ils avaient la doctrine d'Épicure mal entendue parce qu'ils étaient débauchés. C'est ainsi qu'en parle Sénêque quoiqu'il fût d'une secte remplie d'animosité contre la mémoire d'Épicure, et il ne fait pas difficulté de protester qu'il est fort persuade que la volupté de ce philosophe était fort sobre et fort sèche."(*PD*, 2007, pp. 364-365; *OD* III[*PD*], p. 111*b*.)

como entender que tanto Epicuro como o epicurismo sejam exemplos de um ateísmo virtuoso?[525] Para aumentar ainda mais a dificuldade, na nota C do verbete "Epicuro" do *Dictionnaire*, Bayle diz:

> Esse filósofo, não crendo que os deuses se misturassem com os nossos negócios, era suspeito de irreligião: isto o tornava odioso e o expunha à infâmia. Não há nada então mais apropriado para lhe conservar a reputação, do que dizer que desde a sua mais tenra juventude, ele ia ler orações nas casas à serviço de seu próximo. Era um ato de piedade supersticiosa. (1740, p. 364*b*.)[526]

Se a suspeita sobre a crença de Epicuro nos deuses era infundada, levando os leitores mais temerários a formarem e fomentarem as mais estapafúrdias apreciações sobre a sua doutrina, Bayle dá esse primeiro ganho de causa ao pensador grego – Bayle baseia-se em uma obra de M. Rondel sobre Epicuro – isto é, desde jovem, ele era apegado à religião e a transmitia a seus pares, estando "longe de negar a existência dos deuses ou o valor da religião, segundo os concebia." (GIANNESCHI, 2004, p. 28). Todavia, se à esteira das demais correntes filosóficas de sua época, a moral de Epicuro buscava fundamentar em uma concepção adequada de uma ordem cósmica um modelo de conduta mais viável à felicidade, distinguia-se em um ponto fundamental, principalmente dos estoicos: o cosmos era um puro mecanicismo, isto é, um entrechoque mecânico dos átomos o qual rejeitava toda e qualquer concepção que erigisse a vida em princípio eterno e incriado, e, por conseguinte, repudiava "toda e qualquer intervenção divina na trama da física universal." (DE MORAES, 1998, p. 63).[527] Nesse sentido, as angústias a respeito da morte e o temor aos deuses são oriundas

---

[525]Segundo Spinelli, "O fato de Epicuro não questionar a existência dos deuses se impõe por uma razão aparentemente simples: porque os deuses não são objeto de ciência, mas de crença ou boa-fé pública. Que os simples creem nos deuses, isso é fato, e não cabe aos sábios (aos cultores do saber e da ciência) desqualificá-los em suas crenças, mas qualificá-los: elevá-los para além dos mitos e das perniciosas superstições."(2013, pp. 167-168).

[526] "Ce Philosophe ne croiant pas que les Dieux se mêlassent de nos affaires, il étoit suspect d'irreligion: cela le rendoit odieux & l'exposoit à l'infâmie. Il n'y a donc de plus propre à lui conserver la reputation, que de dire que dès de sa plus tendre jeunesse il alloit lire des prières dans les maisons pour le service de son prochain. C'étoit un acte de piété supersticieuse." Contudo, Joyau diz: que tal episódio foi "sem dúvida, o que lhe deu a oportunidade de conhecer de perto as superstições populares e os males que causa a credulidade dos homens." *Op. Cit.*, p. 3.

[527]Para Pierre-Marie Morel, "quando se fala de 'atomismo' concernente à física epicurista, entretanto, convém não perder de vista dois pontos cruciais: de um lado, somente há átomos na natureza, e, por outro lado, não é somente uma teoria da composição material, mas ainda uma teoria da geração dos corpos, quer se trate de corpos compostos, como os seres vivos, ou dos mundos." "Introduction", *in*: *Épicure*, *op. cit.*, p. 12. Na nota S do verbete do *DHC*, Bayle se adentra em uma densa discussão a respeito das teses atomistas de Epicuro e Demócrito, preferindo a deste último. Para tal discussão, ver SOLÈRE, Jean-Luc.

unicamente das infundadas opiniões que o homem tem da divindade, isto é, a incapacidade de se aperceber que aí está em jogo uma outra imagem do que seja divino: uma imagem independente, que livra da angústia e que serve de orientação, sendo os deuses imortais não em um sentido temporal, mas como atemporais, autosuficientes, não dependendo dos homens e estes, da mesma forma, não dependendo deles.[528] Se Epicuro busca na física as bases da ética, se a fonte de todo conhecimento é a sensação, e se a fonte de todos os significados também e a sensação, saber o que uma palavra quer dizer – no caso aqui, o divino – é indicar a sensação da qual ela é advinda. Da mesma forma, se Epicuro insiste que o erro do julgamento advém de apreciações errôneas dos dados da sensação, a sua principal preocupação era tirar o homem dos grilhões dessas falsas explicações alimentadas pela superstição. Em outras palavras, "o essencial não era o conhecimento per se, "mas sim aquele conhecimento que libertasse o homem dos temores e terrores." (DE MORAES, 1998, p. 35.)[529] Epicuro afirma na *Carta à Heródoto*:

> É preciso [...] preservar toda a majestade do divino nos termos que se aplica a tais noções, se não se quer que delas derivem opiniões contrárias a esta majestade. Se nós não o fazemos, esta contradição mesma instalará a maior perturbação nas almas. [...] No mais, é preciso admitir que examinar de perto a razão dos fatos verdadeiramente fundamentais é a própria tarefa da ciência da natureza, e que a beatitude, nos conhecimento dos fenômenos celestes, encontra-se aí, assim como no fato de saber, quando se trata desses fenômenos, quais são as naturezas que se observa e tudo o que é aparente, e a qual o conhecimento concorre no exame preciso levado em vista deste fim. (2011, §§77-78, pp.76-77.)

Epicuro estabelece o critério para o verdadeiro conhecimento da natureza, isto é, a minuciosa observação dos acontecimentos realmente dignos de importância para o estudo dos fenômenos celestes, para conseguir chegar ao discernimento do que

---

"Bayle historien et critique du matérialisme dans le *Dictionnaire*", in: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, pp. 423-436. Ver também LABROUSSE, Élisabeth. *Pierre Bayle: Hétérodoxie et rigorisme.* Paris: Albin Michel, 1996, p. 188 em particular.

[528]Para J.-F. Balaudé, "começando por restaurar, desde o início de sua apresentação da ética, a verdadeira imortalidade dos deuses, sendo compreendida fora da linearidade temporal, Epicuro tranquiliza o homem, e lhe fornece um verdadeiro modelo do que poderíamos ser, se nos comportássemos de acordo com esta representação autêntica do divino." "Introduction", *in*: *Diogène Laërce*, op.cit., p. 1213. Cf. os parágrafos §§124-125 da *Carta à Meneceu*. Joyau, no mesmo sentido, diz: "Assim não devemos atribuir aos deuses nem a primeira origem do mundo, nem a manutenção da ordem geral, nem as desordens gerais que a perturbam. Epicuro não cessou de insultar a providência a qual os Estóicos eram os campeões." *Épicure.* Paris: Félix Alcan, 1910, p. 139.

[529] Balaudé afirma: "Erradicar a perturbação da alma, garantir que ela não possa mais ressurgir em certas ocasiões, tal é provavelmente o alvo principal de Epicuro."*Op. cit.*, p. 1214.

seja verdadeiro e do que esteja no âmbito das aparências. Quando Epicuro fala em conservar a majestade de algo divino, é em termos de se aplicar ao estudo da natureza para poder entender e saber o que é da alçada de uma divindade e o que não é. As falsas opiniões estão nos antípodas, isto é, são justamente o resultado direto da ausência de tais reflexões, impedindo de entrever qual é o verdadeiro fim de uma ciência natural. O problema é quando o homem afirma o caráter incorruptível dos deuses, e, simultaneamente, que eles têm vontades e desígnios como qualquer criatura mortal:

> A principal perturbação que conhecem as almas humanas deve-se ao fato de elas julgarem que esses seres são, ao mesmo tempo, bem-aventurados e incorruptíveis, e que eles têm vontades, ações e responsabilidades, o que está em contradição com seus atributos. Reside também no fato de sempre esperar ou suspeitar alguma coisa de eterno e de terrível fiando-se aos mitos, ou então por medo da ausência mesma de sensibilidade que implica o fato de estar morto, como se fosse aí alguma coisa que nos concerne. Deve-se ainda a isto que elas experimentam essas afecções em seguida, não de julgamentos, mais de uma disposição irracional pela qual, na falta de definir o que é terrível, elas estão em uma igual perturbação, até mesmo em uma perturbação mais intensa do que a que elas teriam experimentado se tivessem formado julgamentos sobre esses assuntos. Logo, a ausência de perturbação é o fato de estar livre de tudo isto, e de guardar continuamente na memória a totalidade do que verdadeiramente fundamental.
> Por conseguinte, é preciso aplicar nossa atenção às afecções do momento e às sensações – às comuns segundo o que é comum e às particulares segundo o que é particular – e à toda evidência do momento conformando-se a cada um dos critérios. (*Carta à Heródoto*, 2011, §§81-82, p.78.)

A confusão dos atributos concedidos a um deus é o que faz com que a perturbação surja nas almas e as impede de entender que os deuses não têm parte alguma no que acontece na ordem dos fatos mundanos. Epicuro afirma que a falta de definição acerca do que se entenda, por exemplo, o que seja algo terrível é o que alimenta e reforça o medo no homem, mais do que o afligiria se ele tivesse uma definição clara do que seja um infortúnio. À racionalidade de uma definição advinda das sensações, das afecções momentâneas e da evidência de um dado, que conduz a uma pré-noção – *prolépsis* – do que está sendo evidenciado, Epicuro opõe uma disposição irracional a qual entrava a reflexão, não permitindo que se forme um julgamento adequado e coerente a respeito de determinados assuntos.[530] Nesse sentido,

[530] Segundo Spinelli, "do fato de podermos disponibilizar em nossa mente noções que cabem aos deuses, ou, se quiser, a Deus, não se segue que tais noções nasceram com a nossa mente, como se tivessem sido colocadas aí pelos deuses ou por Deus: apenas dá para dizer que elas são originadas, mediante algum esforço ou exercício racional, em nossa mente, e que podemos em sentido próprio aplicá-las aos deuses ou a Deus..." *Op.cit.*, p. 207.

a *ataraxia* epicurista consiste no seguinte: por meio das sensações é possível diferenciar quais características ou atributos podem ser aplicáveis ou não a um deus, e é nessa diferenciação que toda e qualquer perturbação será erradicada. Não há nenhuma providência ou finalidade que sirvam de justificativa para uma ordem tão estéril na qual estão os homens. Nada na natureza está ou se situa devido a uma *outra* coisa, isto é, nada está arranjado por causa de um desígnio divino ou uma causa final imanente, de modo que somente é possível daí inferir que a natureza não está aí para os homens. *Per se*, a natureza não é portadora de sentido algum, é absolutamente neutra. O conhecimento científico da natureza permite que se descubra as causas ocultas dos fenômenos, o que não aparece, cujos efeitos frequentemente aterrorizam os mais crédulos. Ele nos livra das ilusões comuns, de medos infundados e da superstição. Assim, "a física abreviada da *Carta a Heródoto* participa então da terapia da alma. Ela contribui diretamente para ter em conta o fim prático, revelando um *telos* sem teleologia." (MOREL, 2011, p. 29).[531] Aqui se delineia a tarefa do sábio, a saber, ter aprendido a "aplicar os elementos colhidos em todas as circunstâncias, a desenvolvê-los em conformidade com as evidências." (BALAUDÉ, 1999, p. 1204.)

Epicuro negando a providência, mas, ao mesmo tempo, recusando a acusação de ateu[532], em sua *Carta a Meneceu*, estabelece a diferença entre uma opinião que retire os deuses à multidão e uma opinião falsa sobre os atributos de uma divindade. O filósofo grego afirma que o conhecimento dos deuses não é partilhado pela maioria que o concebe:

> Mas não são tais, como a maior parte dos homens os concebem. Estes, com efeito, não os preservam tais como os concebem. De outro lado, não é ímpio

[531] É importante salientar que "nada mais estranho a seu pensamento, entretanto, do que identificar *ciência* a *poder sobre a natureza e sobre os homens*. Nada mais oposto à serena beatitude do Jardim que a 'civilização' material construída por séculos de frenético desenvolvimento capitalista. O poder sobre a natureza concretizou-se em poder da destruição da natureza."(DE MORAES, 1998, p. 80, grifos do autor.)

[532]João Quartim de Moraes diz que "Epicuro, coerente com a sua canônica, leva a sério a constatação de que todos os povos, em todas as regiões, possuem uma prenoção dos deuses. Uma tal universalidade prova que ela não é ilusória."(1998, p. 63) Joyau, por sua vez, diz: "O deísmo, o qual ele [Epicuro] fazia profissão não era, como dissemos, menos contrário às crenças populares do que ao ateísmo mais franco."(1910, p. 144.) Lembremos que esse *consensus universalis* defendido por Epicuro sobre a crença e a existência de deuses em todas as épocas e lugares será radicalmente criticado por Bayle, principalmente na *CPD*. Para Gianluca Mori, "Bayle tentaria defender Epicuro da acusação de ateísmo. Na realidade, Bayle limita-se a afirmar que Epicuro *podia* ser de boa fé quando admitia a existência dos deuses. Entretanto, o ateísmo de Epicuro não decorre, segundo Bayle, de sua posição (mais ou menos sincera) sobre esta questão, mas de sua negação (totalmente explícita) da providência." 1999, p. 211, nota 107, grifo do autor.

> aquele que abole os deuses da multidão, mas aquele que acrescenta aos deuses a opinião da multidão, porque as declarações da multidão a propósito dos deuses não são pré-concepções, mas suposições falsas. Resulta que os deuses estão na origem dos principais motivos de infortúnios para os maus, e benefícios para os homens bons. Com efeito, viciados em todas as circunstâncias em suas próprias virtudes, os deuses são favoráveis àqueles que se lhes assemelham e consideram como estranho tudo o que não é. (2011, §124, p. 98.)

Sendo muito mais funesto caricaturar, difamar e propagar a imagem de um deus baseada em julgamentos auto-referentes, isto é, projetar preconceitos e opiniões particulares visando a formar uma ideia do que seja a divindade, Epicuro fala com todas as letras na passagem acima citada: aquele que rejeita e erradica tais suposições, isto é, aquele que elimina a noção de um deus dentre a multidão não incorre em impiedade. Se, por ventura, existisse uma população somente de equinos, a consequência lógica seria a de o deus deles assemelhar-se a um equino, isto é, se um deus é baseado naquilo que lhe seja semelhante em um determinado povo, e se existem inúmeros povos diferentes implicando em inúmeras imagens diferentes dos deuses, logo, o que seria semelhante a um pareceria estranho a outro. Nesse amálgama do que Epicuro chama de falsas suposições, advindas de um consenso duvidoso e amparado em uma opinião majoritária e autoritária, sutilmente sobressai-se a figura do ateu, ou seja, não formando concepção ou imagem alguma dos deuses, mas nem por isso trilhando pelo caminho da imoralidade. Situa-se nos antípodas daqueles que, supondo que uma divindade seja de uma forma ou de outra, responsável pelos infortúnios e pelas benesses dentre os homens, mais a distorcem do que propriamente chegam a uma definição adequada.[533] Entretanto, há sempre o risco de confundir a teoria atomista com um materialismo vulgar, pois a inovação da teoria atomista foi justamente a superação absoluta dos elementos antropomórficos na explicação do Universo, já que tudo ocorre devido a causas mecânicas - exceto o que acontece por acaso[534] - e enfatizando a escolha humana. A erradicação da finalidade da natureza força o homem a perseguir

[533] Nesse sentido, fica inviável concordar com Gianneschi, quando diz que "para Epicuro os deuses tinham forma humana, parece não caber a menor dúvida." (2004, p. 70). Ver *a contrario* Spinelli, *op.cit*., p. 168, e João Quartim de Moraes, *op.cit.*, p. 76.

[534] Contudo, Epicuro equipara a fortuna ao que é fortuito e irregular. Na *Carta a Meneceu*, ele diz: "Quanto à fortuna, vê-se que ela é incerta, enquanto que o que está no nosso poder é sem mestre e que a culpa e o seu contrário são a decorrência natural – visto que valeria mais seguir o mito sobre os deuses, do que se sujeitar ao destino dos físicos. [...] Vale mais, em todo caso, que, em nossas ações, o que decidimos com razão não seja recompensado pela fortuna, antes do que ver, graças a ela, coroado de sucesso o que decidimos erradamente." (§§134-135, pp.102.) Ver também Balaudé, "Introduction", *op.cit*., pp. 1228-1229.

sobriamente seus próprios fins, e, principalmente, o maior de todos eles, a felicidade. E a originalidade da teoria atomista epicurista, por sua vez, consiste em negar que os astros são deuses, "instaurando a ciência natural da consciência de si, ou seja, erigiu o conhecimento dos princípios do Universo como fundamento da autoconsciência filosófica." (DE MORAES, 1998, p. 80.)[535]

Logo no primeiro parágrafo do *Éclaircissement sur les athées*, Bayle, quase equiparando o epicurismo ao ateísmo, quer atenuar o espanto causado pela sua tese que consistia em afirmar que ateus e epicuristas tiveram uma vida regrada, pautada pelos bons costumes e pelos princípios da moral:

> Os que se escandalizaram com o que eu disse que existiram ateus e epicuristas que ultrapassaram em bons costumes a maior parte dos idólatras são solicitados a bem refletir sobre todas as considerações que eu proponho. Se o fizerem, seu escândalo esvanecer-se-á e desaparecerá inteiramente. (2010, p. 14; 1740, p. 627.)[536]

Convocando seus leitores a um exame de suas proposições já expostas em seus *Pensées diverses* sobre o paralelo entre o ateísmo e a idolatria, Bayle afirma que uma boa e acurada reflexão sobre cada um de seus argumentos favoráveis à figura do ateu virtuoso, afastará todo o espanto causado por sua tese supostamente extravagante. Bayle resume suas teses no *Éclaircissement*: não é só o medo e o amor pela divindade que são os móbeis das ações humanas (§I) e nem sempre são princípios mais ativos do que outros (§II). O que era um paradoxo deveras escandaloso tornou-se sob a sua pena algo possível, sendo que mais espantoso é ver frequentemente pessoas persuadidas de seus

---

[535] Sobre a originalidade de Epicuro, José Vara assevera: "Em definitivo, Epicuro teve a suficiente inteligência para dar corpo unitário às várias explicações parciais com as quais esbarrou, corpo doutrinal que revela a natureza do todo e, logo, a compreensão global do todo lhe forneceu a base para cimentar sobre o eu uma vida feliz, livre de cuidados. Isto é o que o concerne à sua originalidade." "Epicuro o El destino del hombre es la felicidad." *In*: *Epicuro: Obras completas*. Edición e Tradución de José Vara. Madrid: Ediciones Cátedra, 2005, p. 24. Afirmação diretamente contrária à tese de Joyau, que reduziu à importância do estudo das ciências naturais na filosofia de Epicuro à medida que ela ajudasse a estabelecer uma moral, questionando mesmo a sua originalidade: "Epicuro não é um filósofo original: nenhuma das suas teorias deixou de ser bem antes dele ensinada por algum outro; e, no entanto, se não imaginou uma teoria própria sobre os princípios das coisas, não nos apressemos a concluir que o seu gênio não era bastante poderoso para que o fizesse; não dava, conforme dissemos, grande importância ao estudo das ciências naturais e não lhes reconhecia valor senão na medida em que elas trazem à moral um auxílio necessário."(1980, p. 10.)

[536] "Ceux qui se sont scandalisez de ce que j'ai dit qu'il a eu des athées & des épicuriens qui ont surpassé en bonnes moeurs la plupart des idolatres sont priez de bien réfléchir sur toutes les considérations que jê m'en vais proposer. S'ils le font, leur scandale s'évanouïra & disparoîtra entiérement."

preceitos religiosos, mas cometendo os crimes mais atrozes. (§§III e IV). Da mesma forma, a estranheza em ver ateus com bons costumes, em termos hipotéticos, pode ser constatada em idólatras que tenham praticado boas ações, em termos concretos. (§V) E se houve idólatras que viveram honestamente, guiados pelas ideias da razão e da honestidade, tais princípios podem perfeitamente ser encontrados nos ateus. (§VI). Nesse sentido, Bayle inverte os termos da problemática: se alguns ateus viveram virtuosamente e se religiosos viveram mergulhados numa vida criminosa, o ateísmo, considerado *splendida peccata* segundo Agostinho, se eleva acima da idolatria, e não mais podendo ser equiparado àquela. (§VII). E é precisamente no parágrafo VIII do que Bayle evoca a figura de Epicuro e sua vida regrada, a despeito de não ter religião alguma:

> Se aqueles que se escandalizaram pretenderam que não se pode louvar os bons costumes de Epicuro sem pretender que em relação à boa vida é tudo a mesma coisa, não ter religião alguma ou professar uma religião qualquer que seja; eles ignoraram a arte das consequências e não compreenderam qual era a questão. Eu somente coloquei em paralelo o ateísmo com o paganismo. Assim, a verdadeira religião é inigualável e de interesse. Somente se trata das religiões introduzidas pelo demônio; trata-se de ver se os que professaram um culto tão infame em sua origem e em seus progressos como aquele foram mais regulares na prática dos bons costumes do que os ateus. (*ESA*, 2010, VIII, p. 16; 1740, pp.627-628.)[537]

Bayle diferencia e separa os termos da questão: para se constatar e admirar os bons costumes de alguém, não é e nunca foi preciso levar em conta o que o indivíduo crê ou não crê, qual religião professa ou se não tem religião alguma. Por um artifício retórico, Bayle diz que não é a "verdadeira" religião que está em jogo, mas saber – e Bayle ainda insiste em dizer que se trata somente de um paralelo – mas saber qual dos dois, o ateu ou o idólatra, regraram mais a sua conduta à luz dos bons costumes. No parágrafo XII, Bayle enfatiza que não foi por capricho que ele mostrou que existiram ateus virtuosos, mas os fatos e a razão o levaram a fazê-lo:

> Não foi então por, ou por alegria do coração, ou por audácia, que eu debitei

[537] "Si ceux qui se sont scandalisez ont prétendu qu'on ne peut louer les bonnes moeurs d'Épicure sans prétendre que par rapport à la bonne vie c'est toute la même chose, n'avoir point de religion, ou professer une religion, quelle qu'elle soit; ils ont ignore l'art des conséquences & n'ont nullement compris de quoi il étoit question. Je n'ai jamais mis en parallêle l'athéïsme qu'avec paganisme. Ainsi la vraie religion est hors de pair & hors d'intérêt. Il ne s'agit que des religions introduites & fomentées par le démon; il s'agit de voir si ceux qui ont professe un culte aussi infame dans son origine & dans ses progrès que celui-là ont été plus réguliers dans la pratique des bonnes moeurs que les athées."

> fatos que tendiam a persuadir que os ateus não são necessariamente mais desregrados em seus costumes do que os idólatras. As leis da disputa e do direito que cada um tem de repelir as objeções a que vê sua tese exposta me impuseram indispensavelmente esta conduta. Muito se bradou contra essa passagem de minha obra, e trataram de fazê-la passar por perigosa. Eu então fui obrigado a sustentá-la enquanto a razão e a verdade me puderam permitir; e, por conseguinte, ninguém deve se chocar se advirto meus leitores quando a ocasião se apresenta, que a história ensina que tais ou tais pessoas que negavam a existência ou a providência de Deus ou a imortalidade da alma, não deixaram de viver como pessoas honestas. (*ESA*, 2010, XII, p. 18; 1740, p. 628.)[538]

A passagem é clara. Se Bayle investigou através da história e mostrou que existiram ateus que tiveram bons costumes, tal recurso foi absolutamente necessário para fundamentar seus argumentos, e, da mesma forma, devido ao escândalo causado por suas teses, para retratar-se devido às inúmeras omissões e recortes tendenciosos que fizeram de certas passagens dos *Pensées diverses*.[539] A parte específica sobre os autores que negaram a providência ou a imortalidade da alma[540] – que é o caso de Epicuro especificamente – tiveram uma conduta reta e virtuosa foi tida como subversiva, o que levou Bayle a alertar seus leitores a respeito de determinados argumentos. Ora, mas se o filósofo de Carla apresentou tais argumentos, foi porque a razão e a história necessariamente o levou a relatar que a negação de um deus intervencionista nem sempre foi equivalente à licenciosidade. Nesse sentido, é sobre a questão da providência que Bayle vai se debruçar na nota D do verbete "Epicuro" do seu *Dictionnaire*, ou mais precisamente, afirmará que os que negam a providência podem perfeitamente viver em

---

[538] "Ce ne fut donc point, ou de gaieté du coeur, ou par audace, que je debitai des faits qui tendoient à persuader que les athées ne sont pas necéssairement plus déréglez dans leurs moeurs que les idolatres. Les loix de la dispute & le droit que chacun a de repousser les objections à quoi il voit que as these est exposée m'imposoient indispensablement cette conduite. On a fort crie contre cet endroit de mon ouvrage, & l'on a tâché de le faire passer pour dangereux. J'ai donc été obligé de le soutenir autant que la raison & la vérité me l'ont pu permettre; & par conséquent personne ne se doit choquer si j'avertis mes lecteurs, quand l'occasion s'en presente, que l'histoire nous apprend que telles ou telles personnes qui nioient ou l'existence, ou la providence de Dieu, ou l'immortalité de l'âme, n'ont pas laissé de vivre en honnêtes gens."

[539] E foi o que fez Pierre Jurieu, levando Bayle a aparecer no consistório de Roterdam. Em agosto de 1695, o filósofo de Carla exigiu que fosse tomada uma posição sobre a declaração de Jurieu, que ele abandone sua queixa contra as opiniões religiosas de Bayle. O consistório deseja começar seu exame do caso pela análise da doutrina de Bayle nos *Pensées diverses* e na *Addition*. Bayle exige que o exame do caso seja retomado pelo consistório segundo os termos iniciais e que se examine o mérito das acusações de ateísmo proferidas por Jurieu. Cf. BOST, Hubert. *"L'Affaire Bayle": la bataille entre Pierre Bayle et Pierre Jurieu devant le consistoire de l'Église wallone de Roterdam*. Saint-Étienne: Institut Claude Longeon, 2006. A cronologia completa dos "casos Bayle" ver pp. 101-109, em particular. Sobre as acusações de ateísmo, ver pp. 141-142 e nota 13. Em uma carta ao Sr. ***, de 8 de março de 1694, Bayle diz: "É certo que o livro dos Cometas é a única causa ou o único pretexto do qual meus inimigos serviram-se."["Il est certain que le livre des Comètes est la seule cause ou le seul pretexte dont mes ennemis se sont servis."](*OD* I[*NRL*], p. 171*b*.) Ver também *CCR*[*OD* II], pp.724-726.

[540] Sobre a refutação da incorporeidade da alma ver *Carta a Heródoto*, §67.

sociedade, sendo isso constatado *ipso facto*:

> Que nos venham dizer após isto que pessoas que negam a Providência e que estabelecem como fim último sua própria satisfação, não são de forma alguma capazes de viver em sociedade, que são traidores, enganadores, envenenadores, ladrões, etc. Todas essas belas doutrinas não são elas confundidas por essa única passagem de Cícero? Uma *verdade de fato* como a que Cícero vem a atestar não reverte cem volumes de raciocínios especulativos? Eis a seita de Epicuro a qual a moral prática sobre os deveres da amizade não é de forma alguma desmentida por alguns séculos: e veremos que, em lugar das Seitas mais devotas que eram repletas de querelas e parcialidades, a de Epicuro gozava de uma paz profunda. (1740, p. 365*a*, grifos meus.)[541]

Sempre recorrendo às verdades de fato – porém, a dita "verdade de fato" é atestada por Cícero textualmente – Bayle traça uma outra imagem de Epicuro: longe de sua doutrina significar tudo que há de pior unicamente tendo como lei e fim último a satisfação dos prazeres culminando em um hedonismo vulgar, é o maior exemplo da paz reinante em um círculo social.[542] Bayle preocupa-se com o aspecto prático e não especulativo da moral epicurista: valores como o da amizade[543], virtude[544] e paz – *ataraxia*[545]- eram as palavras de ordem vigentes no seio do jardim de Epicuro.[546] Dessa forma, negar a providência não é sinonímia de se entregar inteiramente à luxúria e à devassidão, muito pelo contrário, pode ser também privação de algo, pois

---

[541] "Qu'on nous viennent dire après cela que des gens que nient la Providence, & qui établissent pour leur dernière fin sa propre satisfaction, ne sont nullement capables de vivre en societé, que ce sont necéssairement des traîtres, des fourbes, des empoisonneurs, des voleurs, &c. Toutes ces belles doctrines ne sont-elles pas confondues par ce seul Passage de Ciceron? Une vérité de fait celle que Ciceron vient d'attester ne renverse-t-elle cent volumes de raisonnements spéculatifs? Voici la secte d'Épicure dont la morale pratique sur les devoirs de l'amitié ne s'est nullement démentie pendant quelques siècles: & nous allons voir qu'au lieu des Sectes plus devotes qui étaient remplies de querelles et de partialitez, celle d'Èpicure jouissoit d'une paix profonde." Sobre as razões de Epicuro ter negado a providência, ver *DHC*, "Épicure", nota R.

[542] "Quando dizemos que o prazer é o fim, não falamos dos prazeres dos debochados nem daqueles que consistem nos gozos – como certos creem que, ignorando o que falamos, estão em desacordo com nossos propósitos ou os tomam em um sentido que eles não têm – mas do fato, para o corpo, de não sofrer e, para a alma, de não ser perturbada." (*Carta a Meneceu*, §§131-132, p. 101.) Ver também a nota H do verbete do *DHC*.

[543] Sobre a amizade, Epicuro assevera: "De tudo aquilo que a sabedoria proporciona para a felicidade de nossa vida, de longe o mais importante é a posse da amizade." *Máximas Principais*. Texto, tradução e notas de João Quartim de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2010, XXVII, p. 44.

[544] Sobre a virtude, ver *Carta a Meneceu*, §132.

[545] Ver *Carta a Meneceu*, §§81-82.

[546] Segundo Fernando Bahr, "os *Pensées diverses* e mais ainda o *Dictionnaire* dão a impressão que a escola epicurista é um exemplo único de êxito moral: certamente, pode-se encontrar casos excepcionais de pagãos ou cristãos virtuosos, mas em Epicuro e seus discípulos a virtude parece a regra e não a exceção." "Bayle et l'éthique épicurienne", *in*: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 415.

> [...] se é certo que negando a Providência de Deus e a imortalidade da alma, se priva de mil doçuras e de mil consolações, não é de modo algum por motivos de interesse, por amor próprio, por apego à volúpia que Epicuro escolheu a Hipótese Filosófica que ele ensinou. Ele teria antes escolhido outra se fosse determinado por semelhantes motivos. (*DHC*, "Épicure", R, p. 372*a*.)[547]

Nesta passagem, Bayle mostra que a correlação entre uma crença em um deus interventor no curso das ações humanas e a prática da virtude é frágil e duvidosa. Negar uma providência é, na verdade, livrar-se das malhas da superstição à medida que os epicuristas não estavam subjugados ao temor de um deus ou da morte. À esteira dos *Pensées diverses*, Bayle retoma a problemática dos móbeis que levam o homem a agir e o exemplo cabal é o de Epicuro: não foi por sua negação da providência divina que ele escolheu ensinar o que ensinou, mas transmitiu seu saber e seus preceitos tendo em cultivar nos seus discípulos vista a moderação dos prazeres, a amizade, a ataraxia e a felicidade. Bayle não poderia ser mais claro: se Epicuro fosse movido por prazeres meramente carnais e desmedidos, ele teria ensinado *outra* coisa, e não a mortalidade da alma e a indiferença dos deuses em relação aos homens,[548] pois, se "o epicurista não tinha nada a temer de seus deuses, tampouco tinha nada o que esperar que provenha de uma decisão tomada por eles." (GIANNESCHI, 2004, p. 115.) Para reforçar tal ideia, na *Continuation*, Bayle apoia-se justamente nos testemunhos de Diógenes Laércio, Lucrécio e Gassendi para enfatizar a moralidade de Epicuro:

> Querei-vos provas mais eloquentes. Resta-nos fragmentos das Obras de Epicuro. Leia-vos em Diógenes Laércio, e para uma mais ampla instrução percorrei o que Gassendi reuniu no tocante à vida e no tocante aos costumes desse Filósofo, vereis que não há nada de mais sensato do que seus cânones de moral e que ele tinha máximas que merecem nossa admiração. O amor puro, o amor desinteressado no serviço divino não lhe foi desconhecido. Eu falo nos Pensamentos diversos. O poeta Lucrécio semeara em sua obra tantas sentenças requintadas e tantas belas moralidades se lhe tivesse faltado ideias que fazem discernir o que é vicioso do que é honesto? (*OD*

[547] "[...] s'il est certain qu'en niant la Providence de Dieu & l'imortalité de l'âme, on se prive de mille douceurs & de mille consolations, ce n'est point par des motifs d'intêret, par amour propre, par attachement à la volupté, qu'Épicure a choisi l'Hypothèse Philosophique qu'il a enseignée. Il auroit plutôt choisi l'autre, s'il se fût determine par des semblables motifs."

[548] Aqui, Bayle leva em conta a crítica de Epicuro à moral estoica. Segundo Bahr, "em todo caso, é claro que, aos olhos de Bayle, os estoicos ignoraram a condição humana e elaboraram um sistema moral e extravagante." *Op. cit.*, p. 419. Sobre a distorção dos preceitos de Epicuro pelos estoicos, ver Joyau, *op.cit.*, p. 159. Segundo Morel, "os adversários do epicurismo aí não estão enganados: o que ameaça no mais alto grau a Providência, quer seja ela estóica ou cristã é o poder de engendramento e de organização que Epicuro atribui aos próprios átomos." *Op.cit.*, p. 16.

III[*CPD*], p. 396*ab*.)[549]

No caso de não terem sido suficientes os testemunhos anteriores favoráveis à doutrina de Epicuro, Bayle vale-se de três autores que praticamente mantiveram vivo o legado epicurista e o transmitiram através dos tempos: Diógenes Laércio, em sua *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*, dedica o último livro a Epicuro, permeado de notas que esclarecem e polemizam pontos de ordem biográfica e doutrinária do autor[550]; Lucrécio, em seu *De natura rerum*, obra composta de poemas que, longe de ser uma paráfrase inautêntica das teses epicuristas, desenvolve por conta própria algumas das ideias mais importantes de Epicuro[551]; e Gassendi, que praticamente promoveu o "renascimento" das obras de Epicuro na Modernidade com seu *Animadversiones in decimum librum Diogeni Laertii qui est de vita, moribus, placitisque Epicurii*, em 1649. O texto possui explicações e comentários que mostram o essencial da obra de Epicuro que chegou até hoje.[552] São essas fontes que permitem Bayle mostrar que a doutrina do próprio Epicuro e o epicurismo posterior sempre mantiveram seus preceitos, a despeito das inúmeras distorções textuais efetivadas por detratores que não viam com bons olhos a doutrina do pensador grego, entendendo-a como um perigo iminente à moralidade e aos bons costumes, já que " Epicuro, que o Poeta Lucrécio, Plínio negaram a Providência. Mas como se pode dizer isso? Não eram eles mais virtuosos que a maior parte dos Pagãos mais crédulos?" (*OD* III[*CPD*], p. 324*a*.)[553]

---

[549] "Voulez-vous des preuves plus parlantes. Il nous reste des fragmens des Oeuvres d'Épicure. Lisez-les dans Diogéne Laërce, & pour une plus ample instruction parcourez ce que Gassendi a rassemblé touchant la vie & touchant les moeurs de ce Philosophe, vous verrez qu'il n'y a rien de plus sense que ses canons de morale, & qu'il avoit des maxims qui méritent notre admiration. L'amour pur, l'amour desinteresse dans le service divin ne lui fut pas inconnu. J'en parle dans les Pensées diverses. Le poëte Lucrèce auroit-il semé dans son Ouvrage tant de sentences exquises & tant de belles moralitez, s'il avoit manqué des idées qui font discerner ce qui est vicieux d'avec qui est honnête?" Sobre Gassendi, ver *Vie et moeurs d'Épicure*. Traduction, introduction, annotations par Sylvie Taussig. Paris: Les Belles Lettres, 2006. Sobre a canônica de Epicuro, ver Spinelli, *op. cit*., parte I, pp.17-110, De Moraes, *op.cit.*, pp. 29-31, Diógenes Laércio, X, 30.

[550] Todavia, Morel faz uma ressalva: "Sem dúvida, Diógenes tem a tendência, por vezes, à suavizar e até mesmo à deformar a filosofia de Epicuro. Ele aplica ao Mestre do Jardim uma tripartição da filosofia que deve provavelmente mais ao ambiente geral do período helenístico, e notadamente à concepção estoica das partes da filosofia do que às intenções do próprio Epicuro." *Op.cit.*, p. 6.

[551] Mas o ponto mais controverso é o do clinâmen, isto é, o desvio ou declinação dos átomos, cujo termo – e nenhum outro equivalente - não aparece em nenhum dos escritos de Epicuro que restaram até hoje. Ver de Moraes, *op.cit*., pp.72-73.

[552] Segundo João Quartim de Moraes, "Em 1549, exatamente um século antes de Gassendi editar Epicuro, as edições gregas de obras dos autores latinos e gregos, somadas às dos humanistas, ultrapassaram em Paris, na proporção de quase quatro para um (204 títulos contra 56), aquelas consagradas à religião." *Id. Ibid.*, p. 79.

[553] "[...] Épicure, que le Poëte Lucréce, Pline ont nié la Providence. Mais comment cela se peut-il dire?

Segundo Gianluca Mori, desde o *Dictionnaire*, Bayle estabelece uma viragem no conceito de ateísmo, isto é, não é mais preciso uma negação formal da existência de um deus, pois não será mais "a palavra 'Deus' que faz a diferença entre ateus e crentes." (1999, p. 210).[554] Nesse sentido, mesmo Epicuro admitindo abertamente a existência dos deuses pelo critério do *consensus omnium*, contudo, negando as noções comuns e atributos extravagantes concedidos a uma divindade, o ateísmo epicurista é derivado da sua crítica aos deuses e a seu suposto "poder real de intervenção no mundo, para mudar o curso dos acontecimentos e para harmonizá-los com um desígnio geral sábio e previdente." (MORI, 1999, p. 210.) Nesse sentido, Bayle afirma na *Continuation*:

> Que se reconheça tanto quanto quiser um primeiro ser, um Deus supremo, um primeiro princípio, não é bastante para a fundação de uma Religião: eu já disse-vos e repetirei mais amplamente: é preciso estabelecer que o primeiro ser por um ato único de seu entendimento conheça todas as coisas e que por um ato único de sua vontade ele mantenha uma certa ordem no Universo, ou a mude segundo seu bel-prazer. Daí a esperança de ser atendido quando se ora; o medo de ser punido quando se governa mal; a confiança de ser recompensado quando se vive bem; toda a Religião em uma palavra e sem isto nada de Religião. (*OD* III[*CPD*], p. 329*b*.)[555]

De acordo com a passagem, ser ateu significa negar um deus que escuta as preces de seus devotos e que pode recompensar quem leva uma vida incólume moralmente ou pode punir quem viveu desregradamente. Segundo Bayle, não é possível dizer que os epicuristas consultaram alguma ideia de alguma qualidade ou atributos de seus deuses, porque se o fizessem, seria mais provável desconhecerem do que conhecerem os princípios da moral (*Id. Ibid.*, p. 396*a*.) Eles não puderam propor a si mesmos as qualidades de seus deuses sem acreditar estarem livres de qualquer obrigação em relação às suas famílias ou à sua pátria, por exemplo. Eles "encontraram

---

N'étoient pas plus vertueux que la plûpart des Païens les plus crédules?"

[554] Paganini também diz : "Os epicuristas são os campeões de uma ética *praticamente* ateia, ainda que continuem a admitir a existência dos deuses: esta, de fato, sem a doutrina da providência, torna-se privada de todo influxo sobre a moral." (1980, p. 298, grifo do autor.)

[555] "Qu'on reconnoisse tant qu'on voudra un premier être, un Dieu supreme, un premier principe, ce n'est pas assez pour le fondement d'une Religion: je vous l'ai dit, & je le répeterai plus amplement: il faut de plus établir que ce premier être par un acte unique de son entendement connoît toutes choses, & que par un acte unique de sa volonté il maintient un certain ordre dans l'Univers, ou le change selon son bom plaisir. De-là l'esperance d'être exaucé quando on le prie; la crainte d'être puni quand on se gouverne mal; la confiance d'être recompense quando on vit bien; toute la Religion en un mot, & sans cela point de Religion."

unicamente nas ideias da razão e sem nenhuma relação a Deuses inativos as ideias dos deveres." (*Id. Ibid.*)[556] Logo, a despeito das referências de Epicuro à divindade, a negação de sua intencionalidade e finalismo divinos é notória, e, de nada adiantando afirmar a existência de deuses, já que estes não tem interferência alguma nos acontecimentos naturais, "a respeito da moral, é precisamente a mesma coisa negar a Providência ou crer que não há Deus algum."(*Id. Ibid.*)[557] Nesse sentido, o ateísmo é definido como a absoluta ruptura comunicativa entre uma divindade e os homens, quando a devoção do crente se torna um pavor, ou quando o dedo divino no curso dos acontecimentos torna-se imperceptível. Por outro lado, o ateísmo aparece em Bayle, em termos epicuristas ou neo-epicuristas[558], "quando se reduz a divindade a uma sorte de arquétipo moral, desprovido de toda influência real sobre as ações humanas, exceto a de constituir 'um motivo à virtude'". (MORI, 1999, p. 211.) Assim, Bayle faz uma consideração sobre os "ateus da providência":

> Não ireis temer que eu não confunda todas as diversas classes do Ateísmo, quero bem ater-me à divisão do Sr. Bosc, e distinguir como ele os Ateus da existência de Deus dos Ateus da Providência. Mas isto não me impede de sustentar muito justamente que as ideias de honestidade que foram encontradas na alma dos Epicuristas são uma prova de fato, que elas são muito compatíveis com o Ateísmo da existência de Deus; porque o que os epicuristas ensinaram dessa existência não podia em nada contribuir às suas ideias dos bons costumes. (*OD* III[*CPD*], 395*b*.)[559]

Sob a pena do filósofo de Carla surge uma nova classe de ateus, os da providência, isto é, os que repudiam absolutamente a ideia de uma interferência divina no decorrer dos acontecimentos mundanos. Entretanto, suas concepções cosmológicas não os impediram de primarem pela ideia de honestidade, e isso, segundo Bayle, é um fato irrefutável. Se tais ideias são bastante similares a de ateus que negam a existência de um deus, nas entrelinhas da argumentação, tanto a negação de uma providência quanto à negação de uma divindade convergem para o mesmo ponto, a saber, em

---

556 "Il ont donc trouvé uniquement dans les lumiéres de la raison & sans nul rapport à des Dieux oisifs les idées des devoirs."

557 "[...] à l'égard de la morale c'est précisement la même chose ou de nier la Providence ou de croire qu'il n y a point de Dieu."

558 Utilizo aqui o termo de Pascal Taranto. Cf., 2000, p. 234.

559"N'allez pas craindre que je ne confunde pas les diverses classes de l'Athéïsme, je veux bien m'en tenir à la division de Mr. Du Bosc, & distinguer comme lui les Athées de l'existence de Dieu d'avec les Athées de la Providence. Mais cela ne m'empêche pas de soutenir très justement que les idées d'honnêteté qui se sont trouvés dans l'âme des Epicuriens sont une preuve de fait, qu'elles sont très-compatibles avec l'Athéïsme de l'existence de Dieu; car ce que les Épicuriens enseignoient de cette existence, ne pouvoit rien contribuer à leurs idées des bonnes moeurs."

nenhum momento deixaram de guiar-se pelos preceitos da moral, como viverem honestamente, por exemplo. Dessa forma, à Bayle é permitido pôr Epicuro no panteão dos ateus virtuosos, na medida em que estabelece uma nova concepção de ateísmo, isto é, um ateísmo crítico de toda e qualquer definição finalista e intervencionista de uma divindade, mas que jamais se desvia do caminho da moral e da ética.[560]

No parágrafo XIV do *Éclaircissement sur les athées*, Bayle vai extrair dos argumentos da própria teologia um ganho de causa para a sua tese sobre o ateísmo virtuoso. O filósofo francês afirma que depois de tudo que foi argumentado, se for capaz de apaziguar as consciências daqueles que se assustaram com o estabelecimento do nexo entre ateísmo e moral, assevera que tudo o que ele propôs e defendeu está na mais perfeita consonância com os preceitos da teologia e não dará a menor margem de crítica da parte de seus opositores. Bayle dá um contorno mais preciso ao seu argumento: se ateus nem sempre foram depravados e que a maior parte deles, os quais os nomes e a fama chegaram até nós, foram pessoas honestas segundo o que se relatou deles, e isso é uma marca da infinita sabedoria divina, sendo um motivo de admirar a sua providência. (1740, p. 629.) Ela quis impor limites à corrupção humana a fim de fazer com que surgisse sociedades sobre a terra e se tal providência favoreceu com uma graça santificadora somente um pequeno número de eleitos, ela espalhou entre os homens uma graça repressora, que refreou os ânimos do pecado. (*Id. Ibid.*) Comumente, é dito que o recurso do qual a divindade se valeu para alcançar o seu fim foi de preservar na alma do homem as ideias de virtude e de vício e o sentimento de uma providência que concerne a todos, castigando o mal e recompensando o bem, isto é, são lugares comuns da teologia e em uma infinidade de obras ortodoxas. Daí Bayle opera uma viragem em seu argumento e indaga-se sobre qual seria a decorrência natural de tal proposição:

> Qual seria a consequência natural desta proposição? Não é dizer que se há pessoas que Deus não abandona até o ponto de os deixar precipitarem-se no sistema de Epicuro ou no dos ateus, são principalmente essas almas ferozes as quais a crueldade, a audácia, a avareza, o furor, a ambição seriam capazes de arruinar rápido todo um grande país? Não é dizer que se ele abandona certas pessoas até permitir que elas neguem sua existência ou sua providência, são pessoas principalmente a quem as disposições do temperamento, a educação, a vivacidade das ideias da honestidade, o amor da bela glória, a sensibilidade para a desonra servem de um freio bastante forte

[560]Assim, "de um ponto de vista puramente formal, devem ser considerados como ateus todos os que negam de maneira mais ou menos raciocinada a existência de Deus, ou que privam Deus de, ao menos, um atributo essencial, como a providência, a bondade, a sabedoria, a unidade." (MORI, 1999, p. 212.)

> para retê-los em seu dever? Eis duas consequências que emanam naturalmente do princípio de teologia que eu relatei acima. (*Id. Ibid.*)[561]

Se um deus abandona pessoas até enveredarem pela doutrina epicurista ou mesmo tornarem-se ateias, o fez devido a elas serem movidas por toda sorte de sentimentos nocivos à sociedade, que poderiam levar à derrocada uma nação inteira; se um deus abandona pessoas até elas chegarem ao ponto de negarem a existência divina ou o poder de intervenção divino nas ações humanas, é que nunca o fizeram devido às suas crenças ou descrenças, mas devido a todas as disposições do temperamento e devido a todos os sentimentos que são comuns tanto a ateus como a devotos. Bayle indica o freio das ações humanas, e, com certeza, não é a religião: são fatores de ordem interna e externa que conduzem a determinadas ações, sejam elas boas ou más. Aderir ao sistema epicurista ou tornar-se ateu não é a causa determinante de uma ação, mas um acidente ou coincidência, pois o verdadeiro móbil do agir é ou inerente ao próprio homem ou que ele adquiriu posteriormente. O discernimento do que é bom ou mau, do que é honesto ou desonesto é totalmente desvinculado da noção da existência ou inexistência de um ser divino.

Nos *Pensées diverses*, Bayle reflete sobre o episódio de Horácio, um epicurista que se tornou um idólatra e a ineficácia de tal conversão. Ele ironiza o episódio, dizendo que o fato é tão insignificante que não valeria a pena estender-se a respeito, mas olhemos mais de perto os argumentos de Bayle. Ele se pergunta ironicamente se Horácio se convertera para ficar mais perto dos céus, para ser acolhido pela igreja, ou se foi um milagre tal conversão. Seja qual for o motivo, Horácio não tinha se tornado um homem de bem tampouco abdicou de seus prazeres funestos quando enveredou pela idolatria. Na verdade, o que aconteceu foi uma mudança em sua concepção da divindade: o que ocorreu foi que ele passou a acreditar que, ao invés de os deuses não se importarem com os homens, eles governam todas as ações humanas, e,

[561] "Quelle est la suíte naturelle de cette proposition? N'est-ce pas de dire que, s'il y a des gens que Dieu n'abandonne pas jusques au point de les laisser précipiter dans le systême d'Épicure ou dans celui des athées, ce sont principalement ces ames féroces dont la cruauté, l'audace, l'avarice, la fureur & l'ambition seroient capables de ruïner bientõt tout un grand païs? N'est-ce pas de dire que s'il abandonne de certaines gens jusques à permettre qu'ils nient, ou son existence, ou sa providence, ce sont principalement des personnes à qui les dispositions du tempérament, l'éducation, la vivacité des idées de l'honnêteté, l'amour de la belle gloire, la sensibilité pour le deshonneur, servent d'un frein assez fort pour les retenir dans leur devoir/Voilà deux consequénces qui émanent naturellement du príncipe de théologie qui j'ai rapporté ci-dessus."

por isso, rendia-lhes cultos com outros idólatras. (*PD*, 2007, p. 405; *OD* III[*PD*], p. 124*b*.) No mais, ele entregava-se ao divertimento ordinário, somente incorrendo em uma opinião acerca dos deuses tão equivocada quanto a que tinha anteriormente, pois entendia que era permitido saciar seus prazeres, seja sob a vigília de um deus governante do mundo, seja sob deuses indiferentes à esfera mundana. (*Id. Ibid.; Id. Ibid*.) Porém, se Horácio agia da mesma forma, a despeito de sua mudança de opinião, Bayle afirma:

> De modo que, considerando tudo, após o pretenso milagre, Horácio convertido do epicurismo tornou-se e pior do que era (porque a persuasão que há uma providência torna os crimes mais maliciosos) e mais ignorante da natureza divina. Porque enganar-se-ia muito se acreditasse que o maior erro onde se possa estar, no tocante à natureza divina, é negar a providência. (*Id. Ibid.; Id. Ibid*..)[562]

Os parênteses feitos por Bayle já dizem tudo. Se em um primeiro momento ele afirmou que acreditar em uma divindade reguladora e vigilante de tudo o que se passa entre os homens, como negar o poder intervencionista de um deus são coisas equivalentes, agora ele toma uma posição e salva de alguma forma o epicurismo: a escolha de Horácio não poderia ter sido mais errônea, pois crer em uma providência significa incorrer em dois erros: 1) ficar mais ignorante ainda do que seja a natureza divina, pois a idolatria mais a confunde do que a esclarece; 2) o mais grave, pois entender que o curso dos acontecimentos está subjugado a uma providência faz com que os crimes sejam mais maliciosos, isto é, mesmo se estando consciente que há um ser previdente que condena as más ações, isso não será um impeditivo para a concretização de uma má ação. Bayle concede que a negação de uma providência "é um erro muito grosseiro e que vai contra todas as noções do bom senso. Mas eu sustento que há ainda mais absurdos." (*PD*, 2007, p. 405; *OD* III[*PD*], p. 124*b*.)[563]

Nos *Pensées diverses* sobre a questão da providência Bayle diz de forma clara: *que há erros mais grosseiros do que negar a providência* (§197). Bayle o

[562]"De sorte qu'il se trouvera tout bien compté qu'après le miracle prétendu, Horace converti de l'épicurisme est devenu et plus méchant qu'il n'était (parce que la persuasion qu'il y a une providence rend les crimes plus malicieux) et plus ignorant de la nature divine. Car on se tromperait fort si l'on croyait que la plus grande erreur ou l'on puisse être touchant la nature divine est de nier la providence."
[563] "J'avoue que c'est une erreur très grossière et qui va contre toutes les notions du bon sens. Mais je soutiens qu'il y en a encore de plus absurdes."

estrutura em sete tópicos, mostrando as contradições na prática dos partidários de uma divindade previdente: 1) esse foi o erro dos gregos e dos romanos, que demoliram templos, promoveram festas e fizeram inúmeros sacrifícios a seus deuses – Bayle cita diversos exemplos – e permitiam crimes de impudicícia. Nesse sentido, o filósofo de Carla arremata: "Quem não vê que é conceber os deuses sob uma ideia mais baixa e mais indigna do que aquela que lhes tiram a conduta do universo?" (*PD*, 2007, p. 406; *OD* III[*PD*], p. 125*a*.)[564]; 2) a crença em uma providência em vez de refrear, dava ensejo a todo tipo de opiniões ensandecidas a respeito da natureza dos deuses, motivadas pela malícia dos homens, fazendo-os crer que em tudo que faziam, ou entendiam que estavam agradando aos deuses, ou os desprezavam, pouco se importando se eles viam suas más ações como algo bom ou mau. Para Bayle, tal postura é muito mais perniciosa perante a uma divindade do que "crer com Epicuro que ele gozava em repouso de sua felicidade sem embaraçar-se com os casos de outrem, visto que é mil vezes mais vergonhoso interferir no governo de uma cidade e de aí suportar toda sorte de confusões do que não interferir de todo." (*Id. Ibid., Id.Ibid.*)[565]; 3) Bayle cita exemplos das contradições de se crer em uma providência divina constatados no Alcorão e no Talmude, apoiado nos relatos da marquesa de Pianesse e Hugo Grócio; 4) Bayle menciona o exemplo dos judeus de sua época, que pensam agradar a seu deus enganando os cristãos indo às missas para burlar os censores e, por outro lado, os roubando em seus mercados fraudulentos, por ganância e falta de palavra. Se aqueles que os defendem, dizendo que as calúnias que lhes foram dirigidas eram para torná-los mais odiosos, não têm razão alguma de se queixar, "os judeus têm aí um princípio pior que os erros de Epicuro." (*PD*, 2007, p. 406; *OD* III[*PD*], p. 125*a*.)[566] Entretanto, se eles têm razão em sua defesa, seus caluniadores "seguem um princípio mais detestável que o desse filósofo. Porque nada pode ser mais herético do que crer que pode agradar a Deus violando as noções comuns de equidade."(*Id. Ibid.; Id. Ibid.*, p. 125*b*.)[567]; 5) o exemplo do imperador Marco Aurélio, que acreditava que os deuses possuíam corpos que necessitavam ser alimentados por exalações, como os estoicos acreditavam que o sol se

[564] "Qui ne voit que c'est concevoir les dieux sous une idée plus basse et plus indigne que celle qui lui ôte la conduite de l'univers?"
[565] "[...] que de croire avec Épicure qu'il jouit en repôs de son bonheur sans s'embarrasser des affaires d'autrui, puisq'il est mille fois plus honteux de se mêler du gouvernement d'une ville et d'y souffrir toute sorte de confusions que de ne s'en point mêler du tout."
[566] "[...] les juifs ont là un príncipe qui est pire que les erreurs d'Épicure."
[567] "Mais s'il a raison, leurs calomniateurs suivent un príncipe plus detestable que celui de ce philosophe. Car rien ne peut être plus hérétique que de croire qu'on peut plaire à Dieu en violant les notions communes de l'équité."

nutria dos vapores do oceano. Bayle ironiza, dizendo que se Marco Aurélio acreditava na necessidade dos deuses de alimentar-se, ele "levava os homens a reduzirem os deuses à dura necessidade de morrer de fome." (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)[568]; 6) a representação supersticiosa dos deuses como implacáveis, aos quais os Cartagineses sacrificavam seus próprios filhos (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*) e, finalmente, Bayle menciona as doutrinas cristãs que louvam e sustentam ardorosamente todas as superstições pagãs. Assim, Bayle assevera: são mais coerentes aqueles que concebem que os deuses não fazem leis de modo algum, do que os que creem que um deus governa o mundo, estipulando leis criminosas e absurdas, ou os que entendem que está em poder do homem elevar-se acima das leis divinas, pervertendo-as com as suas interpretações, o que é, sem dúvida, "mil vezes mais chocante do que Deus deixar as coisas ao acaso." (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)[569]

Se para Bayle, o epicurismo não era uma doutrina para ser sustentada, mas sua força ou fraqueza variando de acordo com as posições argumentativas dos adversários (BAHR *apud* PAGANINI, 2009, p. 408), é inegável a importância que o filósofo de Carla atribui às teses de Epicuro em várias de suas obras, a despeito da exposição assistemática de seus argumentos. A dispersão das reflexões bayleanas sobre o epicurismo, sobre a questão da providência em particular, não impede de nos atermos ao foco principal deste capítulo: se Bayle reabilita Epicuro, é para dar-lhe uma nova veste, equiparando à sua crítica do intervencionismo divino a um ateísmo virtuoso, que permite "quebrar o liame tradicional entre religião e moral." (*Id. Ibid.*) Por um lado, a virtude epicurista é um dos motes que instigaram a reflexão bayleana sobre o que era verdadeiro ou falso sobre a doutrina de Epicuro, mostrando nas entrelinhas de sua argumentação a perene contradição entre o que se crê e o que se faz, isto é, a ruptura entre a esfera da razão e o âmbito dos desejos. Sob outro aspecto, se Bayle não nos fornece nenhuma novidade em sua interpretação e na sua defesa do epicurismo, entrevendo os mesmos mal-entendidos que distorceram tanto essa doutrina, ele é original no seguinte: traz à tona a "pureza moral" (*Id. Ibid.*, p. 415) do epicurismo para fazer da mesma um poderoso arsenal crítico da superstição e da violência que ele observa no contexto histórico e cultural cristão de sua época. O "neoepicurismo"[570] de

[568] "[...] il ne tenait qu'aux hommes de réduire les dieux à la dure necessite de crever de faim."
[569] "[...] mille fois plus choquant que de croire que Dieu laisse aller les choses à l'aventure."
[570] A expressão é de Pascal Taranto.

Bayle consiste na reavaliação crítica e exaustiva da doutrina de Epicuro, contrapondo-a às objeções de seus opositores antigos e modernos, mostrando que conceber um deus que simplesmente não tem parte nos afazeres e problemas mundanos não destituiu o pensador grego das noções da moralidade e dos fins os quais os homens podem alcançar no exercício da filosofia e na moderação dos prazeres, abrindo caminho a um ateísmo virtuoso advindo da crítica e da negação de uma providência divina na natureza das coisas.

3.3 *Giulio Cesare Vanini*

São raríssimas as alusões de Bayle a Vanini, e as citações diretas dos próprios textos vaninianos é praticamente nula.[571] Tal fato dá ensejo a diversas complicações sobre a interpretação bayleana no que concerne ao ateísmo virtuoso de Vanini, pois Bayle fala de "Vanini, mas *qual* Vanini?" (FOUCAULT, 1999, p. 229, grifo meu). Ou seja, Bayle não citando em parte alguma as próprias passagens dos textos do filósofo italiano, fiou-se em fontes deveras suspeitas sem preocupar-se com sua veracidade histórica, erigindo uma imagem de Vanini mesmo faltando-lhe provas contundentes,[572] ignorando "os textos de um autor que ele erige, porém, como figura edificante." (I*d. Ibid.*, p. 240).[573] Entretanto, se um autor tão erudito e acurado como Bayle simplesmente não se preocupa com a autenticidade histórica de seus argumentos

[571] Quanto às passagens das obras de Bayle sobre Vanini, ver *PD*, §§174, 182; *RQP* [*OD* III], XIII, p. 931*b*, *EMT* [*OD* IV], p. 104*b*, *NLC* [*OD* II], p. 330*a* e p. 332*a* e *NRL* [*OD* I], p. 66*b*. Em relação aos estudos entre os dois autores, ver BIANCHI, Lorenzo. "Un dibatto sull'ateismo agli inizi del XVIII secolo: la polemica de D. Durand- P.Bayle sul caso Vanini", in: *Tradizione libertina e critica storica da Naudé a Bayle*. Milan: Franco Angeli, 1988, cap. 5; PAPULI, G. "La fortuna del Vanini", in: *Le interpretazioni de G.C. Vanini*.Galatina (Lecce): Congedo, 1975 e FOUCAULT, Didier. "Pierre Bayle e Vanini", in: *Pierre Bayle, citoyen du monde: De l'enfant du Carla à l'auteur du* Dictionnaire. Actes du Colloque du Carla-Bayle (13-15 septembre 1996) reunis par Hubert Bost et Phillippe de Robert. Paris: Honoré Champion, 1999, pp. 227-241. Quanto às limitações dos argumentos de Bayle, Didier Foucault levanta três problemas: 1) Bayle nunca leu Vanini; 2) Vanini teria sido ateu, mas não do tipo virtuoso; 3) Vanini não teria permanecido firme em seu ateísmo perante seus juízes no momento de sua sentença em Toulouse.

[572] Sobre a imagem que Bayle faz de Vanini de "mártir dos ateus", ver DURAND, David. *La vie et les sentimens de Lucilio Vanini*, Roterdam, 1717, em particular pp. 5-6. Na verdade, esta obra é uma tentativa de resposta à Bayle sobre a questão do ateísmo virtuoso, ou seja, condenar Vanini seria somente um pretexto para criticar Bayle e a sua imagem do ateu virtuoso tendo como exemplo o filósofo italiano. Ver também MORI, 1999, p. 204, FOUCAULT, 1999, p. 237 e SERAFINI, Cesare. *Giulio Cesare Vanini.* Roma: Editoriale Galileu Galilei, 1914, pp. 70 e 90-94 em particular.

[573] Ver FOUCAULT, Didier. *Un philosophe dans l'Europe baroque: Giulio Cesare Vanini (1585-1619).* Paris: Honoré Champion, 2003, p. 626, nota 2.

para dar força à sua tese de que Vanini foi um ateu virtuoso *tout court*, longe de tal falta ser um obstáculo à imagem que ele forjou sob sua pena, "este tropeço a propósito de Vanini, contudo, não manchou a reputação de Pierre Bayle, a qual, no conjunto da obra, é verdade, pende a seu favor." (*Id. Ibid.*, p. 238.) Em outras palavras, as breves alusões de Bayle, além de proporcionar uma nova imagem do pensador napolitano para a posteridade, dá uma verdadeira dignidade filosófica e moral ao ateísmo.[574]

Bayle em suas *Entretiens de Maxime et Thémiste ou réponse à l'examen de la théologie de Mr. Bayle par Mr. Jacquelot* – 1705 – na boca de Thémiste afirmou que Jacquelot fez duras críticas à Bayle sem necessidade alguma movido pela sua má fé, todavia, seu mérito teria sido provar que o que o filósofo de Carla falou de Vanini não se sustenta quando se recorre aos fatos. Bayle supostamente teria a vontade de estender-se mais sobre o assunto e corrigir o seu erro em um artigo dedicado ao filósofo italiano em seu *Dictionnaire*:

> Se ele [Jaquelot] conseguiu alguma coisa, foi ter provado que Sr. Bayle falou de Vanini sem se informar do fato. Foi nos Pensamentos diversos sobre os Cometas, obra composta em 1681, quando Bayle tinha pouco lazer e poucos livros. Em seguida, ele conheceu esta falta no tocante à Vanini, e, entretanto, ele a deixou em todas as edições seguintes: ele não quis nem corrigi-las, nem aumentá-las, porque querendo mudar, na data de 1681, as cartas que a Obra é composta, ele acreditou que agiria mais sinceramente com seus leitores, se neste ano ela não fosse feita com conhecimento que ele então não tinha e que os adquiriu durante os anos: uma razão particular o obrigava a não corrigir a falta concernente à Vanini: é que ele tinha o projeto de conceder um longo artigo a esse homem em seu Dicionário. (*OD*

[574] Na verdade, imagens já foram feitas de Vanini, só que em sentido negativo, como a de Mersenne, que o rotulou de "o César dos ímpios", François Rosset, que disse que Vanini era "mais ímpio do que a impiedade" e Garasse que o chamou de "O patriarca dos ateus". Ver DURAND, *op.cit.*, pp.48-50. Sobre as investidas de Garasse contra Vanini, ver *La doctrine cvrievse des beavx esprits de ce temps, ov pretendus tels contenant plvsievrs maximes pernicieuses à la Religion, à l'Estat & aux bonnes Moeurs, combattue et renversée,* Paris: 1623, em particular I, v, pp. 31-35; III, xvii, pp.301-306; IV, iii, pp.343-348; VII, ix, pp.815-821, 865-869; VIII, ix, pp.1003-1010. Sobre os ataques de Rosset a Vanini ver suas *Histoires memorables et tragiqves de ce temps, ou sont contenves les morts funestes et lamentables de pluvsievrs personnes, arrivés par leurs ambitions, moeurs desreglées, sortileges, vols, rapines, et par avtres accidens divers.* Paris: Pierre Chévalier, 1612, cap. V em particular. Segundo J.-P. Cavaillé, "É da mais alta importância, para compreender o fenômeno Vanini, sublinhar que a imagem apresentada nos documentos contemporâneos é fundamentalmente negativa. Virá o tempo o qual Bayle ousará falar de ateísmo virtuoso, depois outros, mais perto de nós, saudarão o herói do livre pensamento." "Jules-César Vanini: la langue arrachée", in: *Dis/simulations: Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Réligion, morale et politique au XVIIe siècle.* Paris: Honoré Champion, 2008, p. 42. Ver também a respeito Id. "Une pensée de la transgression: politique, religion et morale chez Jules- César Vanini", in: *Revue de philosophie (Vanini).* Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1998, pp. 133-134 em particular. Cf. também BOITEAU, Pierre. "Au temps de l'Inquisition: J.-.C. Vanini et la notion d'évolution au début du XVIIe siècle." In: *La Pensée.* Paris: Fondation Gabriel Péri, 1996, n^o^27, p. 100 em particular. Ver também SALEM Jean, "Sens et fortune d'une page de Vanini", in: MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes* (II). Paris: Éditions Anthropos, 1970, pp. 577-581, nota XVIII.

IV[*EMT*], p. 104*b*.)[575]

Ora, é sabido que este artigo supramencionado nunca veio à tona, limitando-se à vontade de Bayle redigi-lo com maiores detalhes acerca da doutrina, costumes e condenação de Vanini[576]. *Nos Pensées diverses*, o filósofo napolitano é tratado como o "mártir do ateísmo", o protótipo do ateu virtuoso, resistindo bravamente à sua sentença e levando seu ateísmo até o fim, incondicionalmente[577]:

---

[575] "Si quelque chose lui a réussi, c'est d'avoir prouve que Mr. Bayle parlade Vanini sans s'être informe du fait. Ce fut dans les Pensées diverses sur les Comètes, Ouvrage composé l'na 1681, lorsque Mr. Bayle avoit très-peu de loisir, & três-peu de livres. Il a connu dans la suíte cette faute touchant Vanini, & néanmoins il l'a laisée dans toutes les editions suivantes: il n'a voulu ni les corriger, ni les augmenter, parce que ne voulant point de faire de changement à date de 1681, des lettres dont l'Ouvrage est composé, il a cru qu'il agiroit plus sincèrement avec ses lecteurs, se sous cette année-là il ne se produisoit point avec des connoissances qu'il n'avoit point alors, & qu'il n'a acquises que par le cours des années: une raison particulière l'obligeoit à ne pas corriger la faute concernant Vanini: c'est qu'il avoit dessein de Donner um long article de cet homme-là dans son Dictionnaire." David Durand cita a possibilidade de aparição deste artigo dedicado a Vanini: "Sr. Bayle, que era tão curioso, e que permanecera em Toulouse mais de 18 meses, não nos ensina, entretanto, nada, das circunstâncias da Vida de VANINI, parece mesmo que ele não as soube, ou que duvidou das que tinha encontrado em seus Livros. Talvez nos ensinando alguma coisa no suplemento de seu Dicionário no qual ele trabalha, porque me asseguraram que aí tinha um artigo de nosso VANINI." (pp.60-61.) Note-se que, em relação aos livros que Durand mencionou que Bayle tinha em mãos e o seu ceticismo em relação as fontes das quais dispunha, contradiz com o próprio relato de Bayle que diz que ele não tinha absolutamente nada de ou sobre Vanini. Quanto às fontes usadas por Bayle, Durand supõe que ele tenha lido passagens de Garasse e Gramond, e ele mesmo cita a passagem que citamos das *EMT*. Contudo, a despeito das razões particulares que Bayle teve para não corrigir ou alterar certas passagens sobre Vanini, Durand entende que era um dever de Bayle corrigir tudo o que era relacionado ao episódio da sentença do filósofo italiano, como a respeito da sua imagem de ateu virtuoso. Ver *Id. Ibid*., pp. 218-219. Voltaire, por sua vez, entende que Bayle fez de Vanini um mártir dos ateus só para dar força à sua tese da sociedade de ateus: "O próprio Bayle, em seus *Pensamentos diversos*, fala de Vanini como um ateu: ele se serve deste exemplo para apoiar seu paradoxo que *uma sociedade de ateus pode subsistir*; ele assegura que que Vanini era um homem de costumes muito regrados, e que foi o mártir de sua opinião filosófica. Ele se engana igualmente sobre esses dois pontos. O padre Vanini nos ensina em seus *Diálogos* feitos à imitação de Erasmo que tivera uma senhora chamada Isabelle. Ele era livre em seus escritos como em sua conduta; mas não era ateu." *Dictionnaire philosophique*. Paris: Garnier Flammarion, 1964, pp. 53-54. (grifos de Voltaire.)

[576] Sobre isso, ver BIANCHI, Lorenzo. "Bruno e Bayle: naturalismo e spinozismo." In: *Studi filosofici*. Napoli: Bibliopolis, 2004, XXVII, p. 131, nota 8.

[577] Didier Foucault ironiza o ateísmo nobre que Bayle atribuiu à Vanini, dizendo que nos escritos de Vanini tem "mais de *Neveu de Rameau* do que severas dissertações de Gassendi." (1999, p. 236.), entendendo que Bayle possuia somente uma "informação oral sobre Vanini", não vendo "de onde poderia provir a documentação escrita que teria incitado o autor dos Pensées diverses a se servir de argumentos tão discutíveis em um lugar tão crucial de sua teoria sobre o ateísmo." (*Id. Ibid*., p. 237) Para Cavaillé, "essas interpretações, começando então pela de Bayle, que crê poder livrar desta morte, como do todo da biografia, a figura do ateu virtuoso, possuem sem nenhuma dúvida, enquanto interpretações, sua própria verdade, se se quer então considerar elas mesmas em seus contextos, mas elas são historicamente falsas (e induzem uma leitura enviesada das obras), pela simples razão que não tinha nenhum lugar para tais representações na paisagem sócio-cultural ao qual Vanini pertencia. Suas próprias obras, aliás, estão aí para atestá-lo." (2008, p. 46) Victor Cousin também diz: "Para apreciar imparcialmente Vanini, é preciso colocá-lo entre seus contemporâneos, em seu país e em seu século." "Vanini, ses écrits, as vie et sa mort", in: *Revue des deux mondes*. Paris, 1843, p. 673. Ver também PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII*[e] *siècle*. Genève: Éditions Slaktine, 2000, p. 61 e seg. Sobre a obstinação em permanecer ateu, retomo aqui as palavras de Sartre em sua autobiografia: "A ilusão retrospectiva está reduzida a migalhas; martírio, salvação, imortalidade, tudo se deteriora, o edifício cai em ruínas, catei o Espírito Santo nas *caves* e o expulsei delas; o ateísmo é uma empresa cruel e de longo fôlego: creio tê-la levado até o fim." *As palavras*. Trad. de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 2ª edição, p. 181.

> Quando considero que o ateísmo teve mártires, eu não duvido mais que os ateus não tenham uma ideia de honestidade que tem mais força sobre seu espírito do que o útil e o agradável. Pois, de onde vem que Vanini indiscretamente divetiu-se em dogmatizar diante das pessoas que podiam levá-lo à justiça? Se ele buscasse somente a sua utilidade particular, devia contentar-se de desfrutar tranquilamente de uma perfeita segurança de consciência sem se preocupar em ter discípulos. É preciso então que ele tivesse vontade de tê-los, e isto ou a fim de se tornar chefe de partido ou a fim de livrar os homens de um jugo que, a seu ver, os impedia de se divertirem à vontade. (2007, p. 383; *OD* III[*PD*], p. 117*a*.)[578]

Conforme a passagem citada, o que teria levado Vanini a proferir abertamente as suas convicções ateias foi a ideia de honestidade que predominava em seu espírito, acima de qualquer anseio particular, não temendo ser levado às autoridades por impiedade. Se ele quisesse somente tivesse agido em prol de sua vontade ou utilidade individual, poderia perfeitamente guardar para si seu ateísmo, não tendo vontade alguma de disseminá-lo e obter pupilos para a sua doutrina. Mas das duas uma, segundo Bayle: ele agira temerariamente ou para tornar-se chefe de partido, mártir[579] e obter discípulos para manter vivo o seu pensamento[580], ou o fizera para livrar os homens dos grilhões do dogmatismo que os impedia de levar uma vida mais humana. Insistindo mais sobre o suposto martírio de Vanini, Bayle afirma que se o mesmo teve a intenção de ser o porta-voz do ateísmo, ele o fez não devido aos prazeres corporais tampouco por motivos financeiros, mas pela esperança de obter a glória por seu ato:

> Se ele quis se tornar chefe de partido, é um sinal de que ele não observava os prazeres do corpo nem as riquezas como seu único fim, mas que trabalhava pela glória[581]. Se ele quis livrar os homens do medo dos Infernos

---

[578] "Quand jê considere que l'athéisme a eu des martyrs, jê ne doute pas que les athées ne se fassent une idée d'honnêteté qui a plus de force sur leur esprit que l'utile et l'agréable. Car d'où vient que Vanini s'est indiscrètement amusé à dogmatiser devant les personnes qui le pouvaient déférer à la justice? S'il ne cherchait que son utilité particulière, il devait se contenter de jouir tranquillement d'une parfaite sécurité de conscience sans se soucier d'avoir des disciples. Il faut donc qu'il ait eu envie d'en avoir, et cela ou afin de se rendre chef de parti, ou afin de délivrer les hommes d'un joug qui, à son avis, les empêchait de se divertir tout à leur aise."

[579] Na verdade, segundo Cavaillé, Vanini ironizou com a figura do mártir em sua época, isto é, tal ironia impede de classificá-lo como um mártir dos ateus: "Acontece exatamente o inverso, com Vanini, desses personagens do teatro barroco que se tornam autênticos mártires representando sobre a cena, por escárnio, a máscara do mártir: o mártir ateísta, que quer ser o que parece, enrijece-se contra o opróbrio e os tormentos redobrando as blasfêmias contra a divindade, só é uma caricatura distorcida do mártir cristão."(2008, *Op. cit*., p. 52)

[580] O caráter iniciático ou pedagógico do ateísmo vaniniano, Cavaillé descarta: "E [Bayle] supondo que ele [Vanini] tenha quisto dar algum valor didático à sua atitude, o que não cremos, é preciso simplesmente se lembrar que Pompeo Usciglio recitava sua tragédia na praça de Salin em 1619 diante de Gramond, Catel e Saint-Pierre, e não em outros tempos e lugares e para outro público." (*Id. Ibid.*, p. 47.)

[581] Entretanto, o próprio Vanini dispensava tal glória. Chegando ao final do último diálogo, o personagem

> os quais ele acreditava que eram importunados erradamente, é um signo de que ele se acreditou obrigado a render serviço a seu próximo e que julgou honesto trabalhar por nossos semelhantes não somente em nosso prejuízo, mas também em perigo de nossa vida.[582] (*PD*, 2007, p. 383; *OD* III[*PD*], p.117*ab.*)[583]

Se a crítica à Bayle é que ele não foi fiel nem ao texto nem à biografia de Vanini, se olharmos melhor a passagem, ele sempre põe uma partícula condicional, isto é, "se" Vanini quis agir de tal ou tal forma, e não por afirmações categóricas. Não sendo possível – e isso devidamente mostrado pelos estudiosos de Vanini, contudo, não sendo especialistas em Bayle e, por vezes, negligentes em aproximar os dois autores em termos de crítica à religião e à sua instrumentalização política, à superstição, aos milagres, à opinião vigente, etc. – enquadrar o filósofo italiano na categoria de "mártir" do ateísmo, é possível entrever os pontos comuns em ambos os autores: 1) a subversão textual, à medida que seus textos contêm teses escandalosas para sua época, valendo-se de simulações e, consequentemente, de dissimulações, para apresentarem seus argumentos; 2) Vanini com seu ateísmo oriundo de seu racionalismo naturalista[584] e Bayle com a sua tese da perfeita associação entre ateísmo e virtude; 3) a crítica do erro, isto é, se a intenção de Vanini foi de livrar os homens do erro por meio da filosofia, foi devido a estar situado em um contexto ortodoxo, que não hesitava em censurar obras que tivessem o menor resquício de ateísmo ou heterodoxia; 4) se o final de Bayle não foi trágico como o de Vanini, seus *Pensées diverses* não foram de bom grado aceitos

---

Giulio Cesare – isto é, o próprio Vanini - responde ao seu interlocutor Alessandro a respeito de se obter a glória depois da morte. (Sigo aqui a tradução italiana de sua obra *I meravigliosi segreti della natura, regina e dea dei mortali*, redigida em 1616.): "G.C. – Se a minha alma morre junto com o corpo, como supõem os ateus, qual doçura poderá conseguir da fama depois da morte?"VANINI, Giulio Cesare. *Tutte le Opere*. Traduzione de Francesco Paolo Raimondi e Luigi Crudo. Milano: Bompiani, 2010, p. 1551. ("Il Pensiero Occidentale")

[582] Cavaillé argumenta que não se encontra em nenhuma passagem dos escritos de Vanini esse solidarismo político mencionado por Bayle, apesar de o comentador conceder que se falar a verdade é indissociável da subersão assim como a vocação filosófica o é, logo, a verdade é necessáriamente subversiva: "A obra de subversão é, entretanto, inseparável da vocação filosófica. Em um mundo regido por 'leis' do erro, a verdade é necessariamente subversiva. Certamente, é em nome dessa coerência filosófica (nisto, sem nenhuma dúvida, é como filósofo que se pode sê-lo) que Vanini se recusa a se por no lugar dos governantes ou a seu serviço, pela produção de um discurso de justificação política e moral das razões de Estado. Mas, muito manifestamente, para ele, os outros homens, escravos das crenças (e dos príncipes por suas crenças), não merecem e não valem mais. Não se encontra em suas linhas nenhuma compaixão pela humanidade sofredora, nenhuma 'solidariedade' com o povo 'oprimido'."(1998, *op.cit*., p. 130)

[583] "S'il a voulu se rendre chef de parti, c'est une marque qu'il ne regardait pas les plaisirs du corps ni les richesses comme sa dernière fin, mais qu'il travaillait pour la gloire. S'il a voulu délivrer les hommes de la crainte des Enfers dont il croyait qu'ils étaient impotunés mal à propôs, c'est un signe qu'il s'est obligé à rendre service à son prochain et qu'il a jugé qu'il est honnête de travailler pour nos semblables non seulement à notre préjudice, mais aussi au péril de notre vie."

[584] Ver RAIMONDI, F. P., "Note all'*Amphitheatrum*", in: VANINI, *Tutte le Opere*, p. 1563, nota 25.

pela comunidade acadêmica tampouco por seus compatriotas de refúgio. Lembremos que Jurieu estava no seu encalço, fazendo-o comparecer ao consistório de Roterdam e permanecer em uma longa contenda sobre suas afirmações favoráveis ao ateísmo. O equívoco cometido por Bayle foi claro, isto é, não fundar suas argumentações sobre os próprios textos de Vanini, e isso seus críticos souberam com erudição e afinco constatar. Entretanto, aproximar ambos no que concerne a uma imagem positiva do ateísmo, e mais ainda, ver o esforço intelectual de Bayle em praticamente resgatar Vanini do ostracismo e erigi-lo como um exemplo de que o ateísmo é uma posição filosófica tão consistente como qualquer outra.

Na continuação do mesmo parágrafo, Bayle afirma que se um ateu tivesse como móbil de suas ações somente a sua utilidade particular, teria melhor reputação entre bons devotos do que entre depravados, já que aqueles têm tão pouca disposição para ludibriar os outros e apropriar-se de seus bens, ao passo que os licenciosos não hesitam na primeira oportunidade que têm de fraudar e proferir seus absurdos de qualquer maneira. (*PD*, 2007, p.383; *OD* III[*PD*], p. 117*b*.) Sendo assim, seria de mais interesse para o ateu que quisesse prosperar que somente tivesse boas almas sobre a terra, "e Vanini aí não entendia nada, se quisesse pescar em água agitada, de querer estabelecer o ateísmo."(*Id. Ibid.; Id. Ibid*.)[585] Bayle vai mais longe: indaga porque Vanini não enganou seus juízes, achando melhor morrer sucumbindo às mais duras provações do que retratar-se de sua acusação. Pergunta por que ele simplesmente não dissimulou, fingindo arrepender-se de seu ateísmo. Segundo Bayle, Vanini se portou como tal devido a ideia de honestidade que o fez entender que seria indigno de um homem disfarçar seus sentimentos perante a morte. (*Id. Ibid.*, p. 384; *Id. Ibid*.)[586] Daí o filósofo de Carla infere:

[585] [...] et Vanini n'y entendait rien, s'il voulait pêcher en eau trouble, de vouloir établir l'athéisme." E Bayle continua: "Ele precisaria trabalhar para tornar o mundo devoto. Aliás, ele sabia que há pena de morte contra aqueles que ensinam o ateísmo: se bem que trabalhando para espalhar suas impiedades, ele arriscava-se e as ocasiões de aproveitar da boa consciência dos outros homens, e, ao mesmo tempo, sua própria vida. É preciso então que uma falsa ideia de generosidade lhe tenha feito acreditar que ele devia sacrificar seus interesses aos do próximo." ["Il fallait plutôt travailler à rendre le monde dévot. Il savait d'ailleurs qu'il y a peinde de mort contre ceux qui enseignent l'athéisme: si bien qu'en travaillant à répandre ses impiétés, il risquait et les occasions de profiter de la bonne conscience des autres hommes, et sa propre vie en même temps. Il faut donc qu'une fausse idée de générosité lui ait fait accroire qu'il devait sacrifier ses intérêts à ceux du prochain."] (*Id. Ibid.*, pp.383-384; *Id. Ibid*.)

[586] Sobre as últimas horas antes do suplício, ver FOUCAULT, 2003, pp. 480-482, ROSSET, *op.cit*., p. 209 e seg., e CAVAILLÉ, 2008, p. 45.

> Não se saberia negar que a razão sem o conhecimento expresso de Deus possa virar os homens para o lado do honesto, tanto bem ou mal conhecido. E, em todo caso, o exemplo de Vanini é uma prova incontestável do que eu disse tantas vezes, a saber, que os homens não agem conformemente à sua crença. (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)[587]

Se Vanini escandalizou por seu ateísmo professo, Bayle não escandalizou menos: à razão é dispensável a noção de um deus para poder agir honestamente. Ela pode perfeitamente fazer com que os homens possam discernir entre o que é honesto e desonesto, partindo do fato de que nem sempre uma ação é conforme a uma determinada crença. Para a exasperação dos críticos de Bayle, ele diz que o exemplo de Vanini é uma "prova incontestável" da associação entre ateísmo e virtude, pois o filósofo de Carla sequer apoia-se nos próprios textos do pensador italiano para confirmá-lo, pois se em relação a outros pensadores "Bayle tinha a autoridade de seu artesanato erudito em que se apoiar" (GRAFTON, 1998, p. 166), não foi no caso de Vanini. Todavia, se é, *a contrario*, bastante contestáveis[588] os argumentos de Bayle sobre a postura de Vanini em seus últimos momentos antes da morte, longe de querer resolver alguma contenda a respeito do filósofo italiano, é mais impotante apreender a ideia bayleana: se a crença não é, na maioria das vezes, o fator determinante das ações, não é por ser ateu que alguém vai ser desregrado ou incorrer em um crime atroz. Segundo Bayle, ao invés de Vanini desculpar-se por seu ateísmo perante as autoridades religiosas, ele simplesmente resistiu a todos os tormentos que lhe foram infligidos, o que mostra que "com uma obstinação dessa natureza ele era capaz de morrer pelo ateísmo ainda que tivesse sido muito persuadido da existência de Deus." (*PD*, 2007, p. 385; *OD* III[*PD*], p. 117*b*.)[589] Bayle citando o exemplo de Mahomet Effendi – que ele cita de uma fonte de segunda mão, de Mr. Ricaut, *Estado atual do Império otomano* – e equiparando-o ao exemplo de Vanini, ironiza: ambos os autores poderiam salvar as suas vidas, abjurando de suas impiedades confessando seus erros, mas entenderam que era melhor prosseguirem firmes em suas concepções justamente por coerência, pois sendo

---

[587] "On ne saurait donc nier que la raison sans une connaissance expresse de Dieu ne puisse tourner les hommes du côté de l'honnête, tantôt bien connu, tantôt mal. Et en tout cãs, l'exemple de Vanini est une preuve incontestable de ce que j'ai dit tant de fois, savoir que les hommes n'agissent pas conformément à leur créance."

[588] Ou seja, a leitura "daqueles que veem na firmeza diante da morte uma vontade manifesta de se erigir um modelo ao mesmo tempo moral e filosófico, a realização de uma vida inteira dedicada ao enfraquecimento do homem, e, ao mesmo tempo, a verdadeira chave de suas obras." (CAVAILLÉ, 2008, p. 46) Ver também p. 85.

[589] "Ce qui fait voir qu'avec une opiniâtreté de cette nature, il était capable de mourir pour l'athéisme quoiqu'il eût été persuade de l'existence de Dieu."

ateus, não esperavam nenhuma recompensa futura, sendo que o amor à verdade os obrigou a sofrerem todas as penas impostas. (*Id. Ibid.; Id. Ibid*.) Daí a conclusão de Bayle:

> Um homem que fala assim necessariamente tem uma ideia da honestidade; e se ele leva sua obstinação até morrer pelo ateísmo, é preciso que ele tenha uma tão furiosa vontade de ser o mártir do ateísmo que seria capaz de se expor aos mesmos tormentos mesmo se não fosse ateu. (*Id. Ibid.; Id. Ibid*.)[590]

O amor à verdade estando *pari passu* com o ateísmo, inclusive levando os seus defensores a exporem-se até à morte, pode-se entender que Bayle, a despeito de suas imprecisões sobre Vanini e sobre seu suposto martírio, deixa claro: as ideias de honestidade, de virtude, de retidão podem e são os elementos norteadores da conduta moral seja do devoto, seja do ateu. Se o filósofo italiano não tinha uma moral austera à esteira dos estoicos, por exemplo, não foi assim que seus opositores o viram, pelo contrário, pois "para os contemporâneos de Vanini não há ateu virtuoso, ou ao menos, esta figura só começa a germinar muito lentamente, com a ideia de uma moral natural liberada das religiões instituídas." (CAVAILLÉ, 2008, p. 134.)[591] Todavia, há uma passagem no *Éclaircissement sur les athées*, onde Bayle afirma que confundiram o foco da questão, pois ele não se interessou pelos ateus de prática, isto é, aqueles que não têm medo de um deus, mas sua reflexão foi sobre os ateus de teoria ou de sistema como Diágoras, Spinoza e Vanini, e seus costumes:

> Sobre esses profanos mergulhados na glutonaria, que no julgamento do Padre Garasse e de vários outros escritores são francos ateus, eu não os tive em conta; porque não se tratava dos que se chamam ateus de prática, pessoas que vivem sem medo algum de Deus, mas não sem nenhuma persuasão de sua existência. Somente se tratava dos ateus de teoria, como Diágoras, por exemplo, Vanini, Spinoza, etc. pessoas as quais o ateísmo é atestado ou pelos historiadores, ou por seus escritos. A questão é unicamente sobre os costumes desta classe de ateus, é a respeito desses que eu desejei que me indicassem exemplos de má vida. (2010, p. 19; 1740, p. 629.)[592]

---

[590] "Un homme qui parle ainsi a nécessairement une idée de l'honnêteté; et s'il pousse son obstination jusqu'à mourir pour l'athéisme, il faut qu'il ait une si furieuse envie d'en être le martyr qu'il serait capable de s'exposer aux mêmes tourments quand même il ne serait pas athée." Nas palavras de Paul Hazard, parafraseando Bayle: "Enfim, se é preciso, para que uma doutrina mereça respeito, que ela tenha seus mártires, à doutrina da descrença não faltam: Vanini, que foi capaz de morrer pelo ateísmo; e mais recentemente, um certo Mahomet Effendi, que foi executado em Constantinopla por ter dogmatizado contra a existência de Deus." *La crise de la conscience européenne*. Paris: Fayard, 1961, pp. 270-271.

[591] Cavaillé continua sua argumentação dizendo que "antes de tudo, há o fato que, longe de buscar impor novas normas à vida moral, Vanini, ao contrário, vira as costas a toda normação e regulamentação dos costumes, adotando um discurso deliberadamente transgressivo. Nele, mais do que em todos os outros libertinos eruditos, a libertinagem moral é atrelada à impiedade e é parte integrante do ateísmo." (*Id. Ibid*.)

[592] "Pour ce qui est de ces profanes plongez dans la goinfrerie qui au jugement du Pere Garasse & de plusieurs autres écrivains sont de francs athées, jê n'ai point dû les mettre en ligne de compte; car il ne

Esclarecendo o foco de sua reflexão, Bayle afirma que sobre os costumes dos autores citados, são mencionados ou por historiadores ou pelos livros dos próprios autores. Quanto à Vanini especificamente, ele não fala aqui se soube de sua vida e costumes ou por fontes de segunda mão, isto é, de autores que falaram sobre ele, ou se soube das coisas que afirmara sobre Vanini baseando-se nos próprios escritos do pensador italiano. Nesse sentido, será mesmo que Bayle não teria tido o mínimo contato com as obras de Vanini? E, por outro lado, no caso de Bayle ter conhecido tudo o que soube sobre Vanini por meio de fontes como os escritos do ortodoxo Garasse, por exemplo, ele teria se deixado levar pelas investidas desse autor o qual foi ele mesmo ironizado por seus pares? Tudo leva a pensar que não, pois a imagem de Vanini erigida por Bayle ficou incólume. (FOUCAULT, 1999, p. 235.) Bayle põe Vanini no patamar de ateu virtuoso, se ele não sabia que o pensador italiano jamais fôra um virtuoso *à la lettre*, em contrapartida, não conseguiu obter informação alguma sobre algum desregramento de seus costumes, ou seja, nas entrelinhas, Bayle aponta para o equívoco em confundir o caráter de *libre penseur* ou *esprit fort* de um filósofo com licenciosidade sem limites ou libertinagem de baixo calão.[593] No parágrafo §174 dos *Pensées diverses* – intitulado justamente "Exemplos que mostram que os ateus não se distinguem pela impureza de seus costumes" – Bayle evoca mais uma vez Vanini, ironicamente chamando de "o detestável" para justamente realçar os seus bons costumes:

> O detestável Vanini, que foi queimado em Toulouse por seu ateísmo no ano de 1619, tinha sido sempre bastante regrado em seus costumes, e ainda que tivessem empreendido fazer algum processo contra ele sobre qualquer outra coisa senão seus dogmas, teria corrido grande risco de ser convencido de calúnia. (2007, p. 365; *OD* III[*PD*], p. 110*b*.)[594]

---

s'agissoit point de ceux qu'on appelle athées de pratique, gens qui vivent sans nulle crainte de Dieu, mais non pas sans aucune persuasion de son existence. Il ne s'agissoit que des athées de théorie, como Diagoras, par exemple, Vanini, Spinoza, &c., gens dont l'athéisme est attesté ou par les historiens, ou par leurs écrits. La question roule uniquement sur les moeurs de cette classe d'athées, c'est à l'égard de ceux-là que j'ai souhaité que l'on m'indiquât des exemples de mauvaise vie."

[593] É o que admite Cavaillé, quando diz que "portanto, não se pode, ao mesmo tempo, fazer uma apologia do cinismo e do imoralismo. Ao contrário, é preciso então reconhecer o engajamento moral que supõe esta raiva e esta agressividade em declarar a verdade, por todos os meios, e até ao perigo de sua vida. Deste ponto de vista, a figura negativa hiperbólica do ateu dissimula e designa a do filósofo que segue a pura lei de natureza." (2008, p. 137.)

[594] "Le détestable Vanini, qui fut brûlé à Toulouse pour son atheism l'an 1619, avait toujours été assez reglé dans ses moeurs, et quiconque eût entrepris de lui faire un procès criminel sur tout autre chose que sur ses dogmes aurait couru grand risque d'être convaincu de calomnie."

O episódio de Vanini mostra, em primeiro lugar, que falar de ateísmo em pleno século XVII, mesmo com dissimulações textuais utilizadas pelos autores, era sinônimo de processo judicial, e, dependendo do caso – o caso de Vanini - seguido de pena de morte.[595] O segundo ponto é a ironia de Bayle: se Vanini pautava sua conduta sobre seus bons costumes, qual seria a razão de ser em processá-lo? Qualquer um que o fizesse, seria no mínimo acusado de difamador, já que não se pode julgar moralmente alguém somente por suas concepções filosóficas.[596]

Tendo feito o percurso pelas passagens de Bayle sobre Vanini mais pontuais em relação ao ateísmo, ou melhor, dizendo, no tocante à imagem elaborada por Bayle do filósofo italiano como um ateu virtuoso, trataremos de fazer o que o próprio filósofo de Carla não fez: fazer uma incursão nos textos de Vanini, com o intuito de estabelecer uma proximidade teórica em ambos os autores em alguns aspectos, como a elevação do ateísmo, a crítica aos milagres, à noção de providência, a constatação e a seguida crítica da religião como instrumento político e a superstição, lugares comuns debatidos no século XVII. Nesse sentido, convergem para o maior ponto em comum, isto é, justamente o escândalo causado pelos dois autores: cada um à sua maneira, com concepções de ateísmo distintas[597], mas sempre tendo em vista a sua desmistificação. Em outros termos, em um contexto no qual o discurso apologético sempre dava o tom da argumentação e qualquer opinião que lhe fosse contrária o destino era o cadafalso, a radicalidade desses dois autores se dá nas entrelinhas de seus textos, isto é, simulando personagens religiosos em seus diálogos que, aparentemente dando ganho de causa à ortodoxia vigente, eles dissimulam suas opiniões mais virulentas contra a impostura religiosa.[598] O estilo típico dos *esprits forts* dos libertinos eruditos coincide em Vanini e

---

[595] Ver CAVAILLÉ, 2008, p. 48.

[596] É o que Bayle afirma com todas as letras na *CPD*: "Eu começo por lembrar-vos do estado da questão. Trata-se de saber se o Paganismo foi mais apropriado do que o Ateísmo para manter as Sociedades: logo, é constando que elas mantêm-se ou que elas arruínam-se pelas ações exteriores e não por simples afirmações mentais. [...] Os Legisladores humanos não estabelecem penas contra os pensamentos."["Je commence par vous faire souvenir de l'état de la question. Il s'agit de savoir si le Paganisme a été plus propre que l'Athëísme à maintenir les Sociétez: or il est Constant qu'elles se maintiennent, ou qu'elles se ruinent par les actions extérieures, & non par de simples affirmations mentales. [...] Les Législateurs humains n'établissent point de peines contre les pensées."(*OD* III, pp. 405*b*-406*a*.)

[597] Ver a respeito, CARPARELLI, Mario. "Dalla definizione alla demolizione del concetto di Dio", in: VANINI, *op. cit.*, p. 1836 em particular.

[598] Ver a ficção do autor católico empreendida por Bayle nos *Pensées diverses* e os personagens de Vanini

Bayle, mas não somente o estilo: a verve crítica dos dois autores permite ao leitor mais atento entrever o que há de polêmico nos textos, o que há de afrontador e o que choca seus opositores e, principalmente, o que há de inovador. Se ambos radicalizam em seus escritos e convergem para um mesmo denominador comum, a saber, a retirada do ateísmo dos estigmas mais infundados, é possível estabelecer uma chave de leitura no que concerne aos pontos coincidentes no pensamento desses dois autores.

No aviso ao leitor, Vanini em seu *Amphitheatrum aeternae Providentiae* (*Anfiteatro da eterna providência*)[599], menciona as razões que o levaram a escrever a obra: ele a redigiu contra o ateísmo difuso em sua época, sendo que tal fenômeno se instaurou mesmo dentre aqueles que se consideram religiosos:

> Acredito que seja necessário expor ao cândido leitor qual razão e qual causa induziram o meu ânimo a escrever isto. Embora neste período deplorável, várias heresias se difundindo em toda parte, devastando e destruindo o mundo inteiro, apesar de pouco a pouco são menos e perecem, a seita do ateísmo, ao invés, sempre mais a cada dia se fortalece, gradualmente difundindo-se. Esta é próspera não só em algum canto da terra, não só tem o domínio [sopravvento] na via estreita do Japão, da China, da Índia, entre os Tártaros, mas naquelas que a treva é verificada à luz do mundo europeu e enraíza-se não somente nos que querem chamar-se cristãos-católicos, mas que, de fato e na prática não desdenham definirem-se como políticos de cunho maquiavélico e – miseráveis! – caem no erro de não reconhecerem absolutamente no governo do mundo a Providência divina, mas somente a humana. Desta, a seu ver, originou-se a crença em torno das coisas celestes e infernais, para constrangir a população, sempre pronta para as sedições, sob o peso do dever e da servidão. (*Amphitheatrum* [doravante *AT*], "Júlio César ao cândido leitor", 2010, p.331.)

Se levarmos em conta as técnicas argumentativas e textuais que Vanini sempre empreende, como a ironia e a dissimulação, por exemplo, ou a sua "pseudo apologética" de "entonação ateística" (RAIMONDI, 2010, p. 1561 n. 18), olhando mais acuradamente a passagem, o que o filósofo italiano faz, ao invés de condenar o ateísmo e a sua difusão por todos os cantos do planeta, é denunciar uma impostura religiosa

---

em seu *De Admirandis*.

[599] O título completo é *Amphitheatrum aeternae providentiae divino-magicum, christiano-physicum Nec non astrólogo-catholicum adversus veteres Philosophos, Atheos, Epicureos, Peripateticos & Stoicos.* (*Anfiteatro da eterna providência divino-mágico, cristão-físico e astrológico-católico contra os antigos filósofos, ateus, epicuristas, peripatéticos e estoicos*.) A obra foi impressa em Lyon em 1615 e em todas as citações utilizarei a tradução italiana de Francesco Paolo Raimondi, *Giulio Cesare Vanini: Tutte le Opere*. Milano: Bompiani, 2010. Há uma tradução francesa das obras de Vanini por M.X. Rousselot, intitulada *Oeuvres philosophiques de Vanini*. Paris: Charles Gosselin, 1842. Todavia, possui inúmeras lacunas as quais, segundo Foucault, "frequentemente guiadas pela conveniência que tinha o tradutor, mutilam o texto e edulcoram o propósito do autor."(2003, p. 500.)

apoiada pela política, baseada no medo e no domínio da população.[600] Segundo o filósofo italiano há uma contradição evidente: religiosamente os cristãos – católicos – não podem aceitar o ateísmo, pois a eles é inaceitável a negação de uma divindade e a negação de uma providência divina. Entretanto, no plano político, sua postura é totalmente distinta: a práxis política dos cristãos, influenciada por Maquiavel[601], está bem longe de tomar como parâmetro a crença em uma providência celeste governadora do mundo, tomando à risca unicamente a humana, baseada na inoculação e propagação do medo dos castigos divinos na mentalidade coletiva, escravizando-a e fazendo-a entender que é o seu dever. Segundo Foucault, nas entrelinhas dos argumentos de Vanini abrem-se o caminho das "provocações corrosivas de seu ateísmo crítico, dando um estatuto histórico ao fenômeno religioso e esboçando uma ética que sem pretensão à universalidade, dá um sentido ao engajamento arriscado do filósofo." (2003, p. 613.) Em uma outra passagem, Vanini mais uma vez se dirige ao leitor, dizendo uma metáfora em relação ao ateísmo:

> O ateísmo, depois, quase semeado no colo mais suave da terra, faz despontar todo dia o seu manto de erva verdejante e, suportado sempre mais pelos costumes extremamente bastardos e depravados dos homens moralmente corrompidos, como se fosse revigorado da febre das ervas daninhas e – ó grande infortúnio – bem poucos, para não dizer nenhum, são os que creem necessário suprimir com a foice a planta má que, crescida em uma selva de podas perigosíssimas, vai agora se difundindo por quase todo o mundo. (*AT*, 2010, p. 333.)

Passagem complexa, mas totalmente relacionada à anterior, pois se o ateísmo está sendo difundido por todas as partes, crescendo como ervas daninhas que não sendo extirpadas na raiz tendem a crescer desmedidamente, tal fenômeno é oriundo da contradição entre a crença religiosa, pregadora da paz, da humildade e subserviente às decisões divinas, e a sua violenta prática política, que é baseada em conquistas

---

[600] Cavaillé diz: "Com efeito, ele [Vanini] afeta elevar o cristianismo triunfante (apreendido do lado católico, mobilizado quer queira ou não) contra o que lhe é exterior e o contesta, seja o 'ateísmo', sob as formas múltiplas que podia receber a noção no século XVII (certamente, não significa somente a pura e simples negação de Deus, mas toda uma gama de doutrinas e de atitudes práticas), e tal que podia se nutrir dos sistemas filosóficos da antiguidade pagã; mas esses elementos doutrinais são então utilizados de tal modo que eles não cessam, ponto a ponto, de fragilizar, corroer, destruir e finalmente reverter as posições limitadas das ortodoxia teológica, que aparece então não mais em uma postura conquistadora, mas desesperadamente defensiva, como uma citadela sitiada por uma multidão de inimigos invisíveis que minam lentamente e metodicamente os fundamentos."(2008, p. 72) Ver também todo o tópico do capítulo. Ver também p. 91-92.

[601] Sobre a influência de Maquiavel, ver o "Exercício" VI, onde Vanini chama o pensador florentino de "principe dos ateus" (p. 385), CAVAILLÉ, 2008, p. 75 e seg., FOUCAULT, 2003, p. 614 e seg., DURAND, p. 162, e RAIMONDI, 2010, p. 1581, n. 157.

territoriais, conversões forçadas, extermínio dos que se opõem ao discurso apologético, espalhando o medo na mente e nos corações dos homens, pregando milagres e prodígios. Vanini, dissimulando, na verdade, mostra que se o ateísmo é um fenômeno de fato, ele teve sua origem e corrupção justamente nas assimétricas posturas dos condenadores do ateísmo. Ou, em outras palavras, os ditos religiosos, no âmbito prático, foram mais ateus do que os próprios ateus *strictu sensu*.

No oitavo "Exercício" do *Anphitheatrum*, Vanini fala das questões dos milagres e da idolatria. Apoiando-se mais uma vez em Maquiavel[602], ele afirma que os milagres foram inventados unicamente para escravizar os súditos, e seus propagadores, por sua vez, com o intuito de obter ganhos e honrarias:

> A prova inferida dos milagres demonstra de modo tão linear la providência divina que facilmente podemos dispensar de seguir um longo processo indutivo. Porém, devíamos examinar a resposta dos ateus contra tal prova. E, visto que nenhum até hoje se empenhou nesta tarefa, gostamos de escolher argumentos novos, como poderá avaliar retamente o leitor sensato.
> Nicolau Maquiavel resolve esta questão com pouco esforço. Ele crê que os milagres são imaginados e inventados pelos príncipes para instrumentalizar os súditos e os sacerdotes sempre à caça de ganhos e de honras.
> Mas se trata de uma mentira suja, como tornou manifesto com base em suas mesmas afirmações, ou de pouco valor. No panfleto sobre *O Principe* afirma que a religião cristã se opõe aos sistemas políticos enquanto endiaboliza o ânimo dos homens com o medo do inferno, enfraquece a força com o jejum, torna em uma palavra os homens vis no momento mesmo em que acalma neles o desejo de se rebelarem e se vale de sacrifícios sem sangue. Isto significa que o poder político só deseja que, de fato, uma religião de tal gênero, tão hostil aos próprios propósitos e à própria finalidade, seja corroborada por milagres e prodígios. (*AT*, VIII, p. 405)[603]

Nessa passagem dissimulada e permeada de ironias, Vanini vai ao âmago da questão: a invenção do milagre é um artifício político, típico de homens sedentos de poder e interessados somente em suas próprias promoções. O exagero contra as teses maquiavelianas é, na verdade, sua ênfase, pois tal recurso utlizado amplamente pelos príncipes tem a intenção de enfraquecer os homens espiritualmente, mortificando neles

---

[602] Segundo Cavaillé, "Nesta lista das fontes mais exploradas, não se pode esquecer Maquiavel, que desempenha um papel chave na exposição falsamente refutatória da concepção política das religiões." (2008, p. 75).

[603] Na continuação da passagem, Vanini ironiza: "Tanto menos, pois, os sacerdotes, sendo na terra os representantes de Cristo, pensam ganhar dinheiro com os milagres. De resto, no *Discurso sobre a primeira década de Tito Lívio*, no capítulo no qual afirma que em um governo monárquico ou republicano que queira fundar-se sobre a sabedoria e sobre a justiça, tudo deve retornar à primitiva sanção, você mesmo dá o exemplo dos beatos Francisco e Domenico, e os quais salvaram da morte certa a religião que estava quase arruinada (mas como é possível que aconteça, se ela era edificada por Cristo sobre uma sólida pedra?)" (VIII, p. 405.) Ver a respeito RAIMONDI, 2010, 1582, n. 158.

a vontade de se voltarem contra o que os oprime, sendo conveniente para um regime político manter sob controle os seus súditos, fazendo mesmo com que a própria religião entre em contradição com os seus próprios fins. Em outras palavras, a subserviência tanto espiritual como física é cada vez mais fortalecida pelo discurso do medo, reinante em um regime político que tem como fundamento a religião e a idolatria. Vanini opera uma "redução naturalista" (CAVAILLÉ, 2008, p. 97) dos milagres, isto é, afirma que são explicáveis por causas naturais, não tendo ligação alguma entre eles e o que se passa entre os homens. Ironicamente, Vanini diz que nesse ponto Maquiavel se equivocou: "O infortunado ateu [Maquiavel] se enganou porque ele pôde ler que, em momentos, nenhum milagre é fruto da fantasia, por isso, contra a regra da lógica, deduzindo o universal do particular, afirmou que todos os milagres são falsos." (*AT*, VI, p. 385).[604]

Em um diálogo n'*Os maravilhosos segredos da natureza, rainha e deusa dos mortais* – doravante *DA* - de 1616 e impressos em Paris, a obra, segundo René Pintard, mais ousada do século XVII[605], aborda um tema próximo à temática capital dos *Pensées diverses* de Bayle, isto é, o siginificado e a interferência da aparição de um cometa no curso das ações mundanas, e aqui a possível aproximação teórica entre ambos[606]. Vejamos o diálogo, que é um pouco extenso, mas fundamental para entender o argumento de Vanini:

> Aless.: Muito agudo, mas porque depois da aparição de um cometa um príncipe morre?
> G.C.: Talvez porque o cometa, sobretudo, se forme pela seca? De fato, essa não é mais do que o vapor atraído e iluminado de uma estrela quente, através da qual as regiões, sobre as quais passa, esquentam muito. Os príncipes, depois, morrem em período de seca enquanto estão sobrecarregados [sopraffatti] por alimentos picantes, por vinhos potentes, por preocupações e insônia. Ou, talvez, pode-se crer que o cometa, sendo fino [esile] é visível quando o ar está necessariamente muito limpo, tanto que o cometa de verão aparece mais frequentemente que o do inverno? Por outro lado, o ar limpo não pode conter os vapores cque geram a chuva. Por isto veio à tona a seca e a esterilidade e muitos necessariamente morrem, sobretudo os príncipes que, sendo para os mais velhos e dedicados aos prazeres do amor, estão sujeitos à mais leve causa de doença. Ou melhor, entre os muitíssimos que morrem, eles são notados por sua diginidade e sua morte é objeto de atenção mais do que a de um filósofo visto à luz de uma lanterna. Ou, pode-se pensar que os

[604] Mais adiante, ele diz "De fato, a Inteligência é no céu e não no ídolo." (VI, p. 389.) Ver também RAIMONDI, p. 1774, n.96.
[605] "Quê de mais audacioso, durante todo o curso do século XVII, que les *Dialogi* de Vanini?" (2000, p. 85.) Foucault segue o mesmo raciocínio: "O mais escandaloso, o *De Admirandis*, comporta quatro livros. Mas o escândalo resulta, sobretudo, do último. Consagrado aos fenômenos religiosos, ele contém germes – valeria mais dizer os primeiros brotos – do ateísmo moderno." (2003, p. 145.)
[606] Vanini falara sobre os cometas anteriormente no Diálogo IX, pp.871-877.

> humores, devido a leveza do ar, transformam-se em bile. De fato, o que é mais leve é ainda mais seco e por isso os homens são mais dispostos aos tumultos, à guerra que envolve a morte cruel do rei ou o ameaçam de doença provocada por preocupações e desprazeres pela insurreição dos súditos. Ou talvez, afirmaremos que a Inteligência superior, imaterial, motora dos céus, curou, sobretudo, os reis e, porque tomando cuidado com as insídias dos inimigos, advertiu-lhes com um fidedignissímo cometa mensageiro? Ou, diremos com os sequazes de Luciano que formulando o problema, faz-se uma suposição falsa? E, de fato, tínhamos visto muitos cometas sem que não tenha se seguido, em toda a Europa, nenhum extermínio de rei. E, ao contrário, muitos prinicipes são mortos sem nenhum prenúncio da parte do cometa. Ou talvez, o cometa na sua aparição aterrorizam os príncipes pelo preconceito comum que eles são portadores da sua morte de modo que, tomados por tal preocupação, apressam a própria morte? (*DA*, IV, 51, pp.1379; 1381).

Vanini, lançando inúmeras questões e hipóteses, fulmina o argumento sobrenatural de que os cometas são signos divinos da ira dos deuses, que almejam lançar tudo que o há de atroz sobre os homens. O filósofo italiano fornece explicações de caráter biológico como a vislumbra em seu aspecto político, visto que, na verdade, é a preocupação demasiada dos príncipes em serem vítimas de motins, a qual podendo coincidir com a aparição de um fenômeno natural, e, consequentemente sendo aumentada, pode fazer com que acelerem sua própria morte. Quando Vanini se pergunta se talvez o cometa pudesse ter sido enviado por um deus para advertir as autoridades políticos de supostos infortúnios futuros, lembremo-nos aqui da ironia do autor: a fragilidade da pergunta de seu interlocutor é um campo de passagem para os seus argumentos naturalísticos mais agudos e devastadores. Em outros termos, ele reduz à mera coincidência ou probabilidade a aparição de um cometa e, daí, ocorrer algo funesto, coincidência que não pode ser percebida devido ao preconceito da opinião que consiste em associar acontecimentos naturais com predições trágicas.[607] É dessa concepção naturalista, materalista e ateia que ele entrevê uma "refundação da moral e dos ideais sociais sobre a lei de natureza" (PASSARINI, 2012, p. 109)[608], demolindo "toda ideia de evento extraordinário" propondo "uma multiplicidade de hipóteses" (RAIMONDI, 2010, p. 1774, n. 96) intentando demonstrar que todas as religiões são formas históricas, destinadas a serem extintas como em um ciclo evolutivo. A dissociação entre religiosidade e moral, Vanini a afirma na passagem a seguir:

---

[607] É por essa via que, segundo Raimondi, "Vanini interpreta, com consciência mais moderna, as religiões como produtos históricos e como suportes idelógicos do poder político." (2010, p. 1777, n. 109.) Ver também a respeito PASSARINI , Lorenzo. "Naturalismo e visione della società in Giulio Cesare Vanini", in: *Montesquieu. it (Biblioteca elletronica su Montesquieu e dintorni)* Bologna: CLUEB, 2012, n°4, pp. 103-117.

[608] Ver também CAVAILLÉ, 2008, p. 137.

> Muitas desgraças me aconteceram e, todavia, nunca a Inteligência me induziu a gostar [trarne] dos augúrios. Nem os filósofos podem declarar ódio à Inteligência, pois sempre vivi sem cometer crime algum e no respeito à lei de natureza. [...] Felicíssimos eram os augúrios de Nero, e o seu fim foi trágico. (*DA*, IV, 56, p. 1449).

Se a assimetria entre o surgimento de fenômenos naturais e o decorrer dos acontecimentos é infundada, Vanini não dá margem de réplica aos seus opositores: observando a própria natureza e a história, não dá pra constatar uma coerência e regularidade nos supostos milagres, pois o que leva os homens a agirem são suas disposições naturais, sua credulidade e seus preconceitos. Nesse sentido, sob a pena do filósofo italiano, como sob a de Bayle, vem à tona a impostura religiosa que, estabelecendo uma aliança com o poder político, ambas valem de seus instrumentos e artifícios visando ao domínio da população, enfraquecendo e minimizando, por meio de ameaças sobrenaturais, nos homens seu tanto seu poder crítico como sua capacidade de agir. Nesse contexto, Vanini alude à virtude dos ateus, tese a qual Bayle levará às últimas consequências em seus *Pensées diverses* e obras ulteriores - opondo-se aos apologistas que defendem que ateísmo e moral são coisas incompatíveis[609]:

> Cardano estimou que os ateus não ameaçavam de morte os partidários de uma opinião contrária. Agora, vemos se importa muito crer na imortalidade da alma para viver no bem e na felicidade. Pelo que vejo, esta crença não é útil a este respeito; bem mais, segundo Cícero e Diógenes Laércio, os epicuristas respeitavam mais escrupulosamente as leis, a palavra dada e os deveres entre os homens do que os estoicos e os platônicos. E a causa é que, ao meu ver, e como ensinava Galeno, que é o costume que torna o homem bom ou mau. Aliás, ninguém se fia aos que não fazem pouca profissão de santidade em sua vida; também são eles forçados a praticar mais a boa fé. (*DA*, III, 48, p. 1307)

Ora, se Bayle foi equivocado em erigir a imagem de Vanini como um mártir do ateísmo, em relação à concepção de que não é a crença, porém, os costumes que são determinantes para alguém levar ou não uma vida reta, é notória a sintonia entre os dois autores. Observando a natureza e as relações entre os homens, Vanini afirma com todas as letras que não é a crença na imortalidade da alma que vai tornar um homem justo ou injusto – constatação que Bayle detalhará mais posteriormente quando refletir sobre a

[609] Segundo Foucault, "não é indiferente observar que o léxico imediatamente fixou esta confusão dando o mesmo significante – libertino – à palavra designando o incrédulo e o debochado. À tal ponto que o segundo sentido findou por levá-lo ao século XVIII. Parecido infortúnio aconteceu à epicurista." (2003, p. 626.)

doutrina de Epicuro – mas o que ele aprendeu e adquiriu dentre e pelos seus pares. Respeitar as leis, não quebrar promessas – lembremos que esta foi a crítica virulenta de Bayle a Luis XIV, quando este revogara o edito de Nantes – e cumprir os deveres: em nada disso está implícito que se deva crer em um deus ou ser sectário de uma religião para fazê-lo. Vanini também não hesita – como fez Bayle[610] – em valer-se de argumentos de autoridade para dar mais vigor à sua tese, citando Cardano, Diógenes Laércio e Cícero, por exemplo, e mostrar que não é consensual, como pensa um discurso ortodoxo interessado, que ateísmo e imoralidade constituem uma sinonímia inquestionável. Nesse sentido, a citação acima, permite fundamentar o exemplo que Bayle dá de Vanini como um ateu virtuoso, a partir do momento que o próprio texto do pensador italiano permite estabelecer tal nexo entre os dois filósofos.

No parágrafo §206 dos *Pensées diverses*, Bayle é enfático: não há ligação alguma entre os cometas e o que se segue no curso das ações humanas após o seu surgimento. A totalidade das hipóteses no que concerne a tentar fundamentar o nexo entre uma coisa e outra esbarra tanto na razão como na experiência. Nesse sentido, Bayle exige que se prove a regularidade, isto é, que se prove que toda vez que apareça um cometa surja daí uma consequência necessária:

> Pois, para provar esta ligação, precisaria, por exemplo, que todas as vezes que a ação das causas segundas reuniu em um corpo as exalações secas e inflamáveis de vários planetas e que ela aí queimou, nossa terra foi oportunamente preparada para fornecer a matéria da peste, da esterilidade, dos fogos subterrâneos, dos furacões, etc., e que os homens se encontrassem dispostos para a revolta contra seus soberanos, a pôr fogo nas vilas, a conspirar contra a vida de seus mestres, a maquinar a sublevação da religião estabelecida, a fazer seitas e cismas, a tomar Estados de seus vizinhos, a atrair por sua arrogância a justa indignação de um príncipe poderoso, a reter, contra toda espécie de direito, províncias mal adquiridas. Com efeito, visto que não supomos que os cometas são a causa dos infortúnios pavorosos que dizem que eles pressageiam, é preciso então que a causa desses infortúnios esteja na terra e nas disposições do coração do homem. (*PD*, 2007, pp.419-420; *OD* III[*PD*], p. 129*ab*.)[611]

[610] Cf. *CPD*, §§LXXVI e LXXVII.

[611] "Car, pour trouver cette liaison, il faudrait par exemple que, toutes les fois que l'action des causes secondes a ramassé en un corps les exhalaisons sèches et inflammables de plusieurs planètes et qu'elle y a mis le feu, notre terre fût à point nommé préparée à fournir la matière de la peste, de la stérilité, des feux souterrains, des ouragans, etc., et que les hommes se toruvassent disposés à la revolte contre leurs souverains, à mettre le feu dans les villes, à conspirer contre la vie de luers maîtres, à machiner le bouleversement de la religion établie, à faire des sectes et des schismes, à s'emparer des États de leurs voisins, à s'attirer par leur arrogance la juste indignation d'un Prince puissant, à retenir contre toute sorte de droit des provinces mal acquises. En effet, nous supposons que les cometes ne sont pas la cause des malheurs épouvantables que l'on dit qu'elles présagent, il faut bien que la cause de ces malheurs soit dans la terre et dans les dispositions du coeur de l'homme."

Bayle afirma que seria preciso que *todas* as vezes que um cometa aparecesse e se inflamasse, ele fizesse com que os homens fizesse todo tipo de atrocidades, ou, melhor dizendo, que haja uma coincidência entre o surgimento de tal fenômeno natural e a disposição humana para cometer toda espécie de crimes. Contudo, Bayle, como Vanini, atribui tal coincidência à probablidade, ao casual, ao irregular. E enfatiza: se há uma causa dos infotúnios, ela está unicamente dentre os homens e, mais especificamente, nos móbeis que os levam a agir. No mesmo parágrafo, o filósofo de Carla afirma:

> No que concerne aos homens, eles são algumas vezes incitados à revolta pela ambição de um particular; uma outra vez sê-lo-á pelo mau tratamento que terá sido feito a um bruto aceito pela canalha. As guerras dentre os príncipes nascem de muitas razões de Estado ou de certas paixões que mudam pela menor coisa. É um detalhe infinito como o de todas as coisas que faz nascerem as guerras civis e as guerras estrangeiras, os cismas e as conspirações; mas se pode dizer que nada de tudo isto se proporcione ao que se passa na região de Saturno ou Júpiter. É então manifesto que, segundo as leis de natureza, não há ligação alguma entre o que se passa aqui embaixo após ter aparecido cometas e a aparição desses cometas. (*PD*, 2007, pp.420-421; *OD* III[*PD*], p. 129*b*.)[612]

Prestemos atenção nas expressões utilizadas por Bayle: "algumas vezes", "uma outra vez", "muitas razões": todas essas expressões conotam irregularidade nos argumentos favoráveis aos presságios dos cometas, e da mesma forma, mostra a multiplicidade de hipóteses e motivos que fazem com que surjam as guerras dentre os homens e todo tipo de reveses de ordem religiosa, social e política. Há uma lei natural que rege todas as coisas, e sendo uma lei natural não pode permitir que algo *extra*-natural a quebre, que a faça sair de sua regularidade.[613] Todavia, se diversos motivos proporcionam diversos resultados e consequências, uma coisa é certa e Bayle a

[612] "Pour ce qui est des hommes, ils sont quelquefois incités à la revolte par l'ambition d'un particulier; une autre fois ce será par le mauvais traitement qui aura été fait à un brutal accrédité par la canaille. Les guerres d'entre les princês naissent de plusieurs raisons d'État ou de certaines passions qui changent pour la moindre chose. C'est um détail infini que celui de toutes les choses qui font naître les guerres civiles et les guerres étrangères, les schismes et les conspirations; mais on peut dire que rien de tout cela ne se proportionne à ce qui se passe dans la région de Saturne ou de Jupiter. Il est donc manifeste que, selon les lois de nature, il n'y a nulle liaison entre ce qui se passe ici-bas après qu'il a paru des cometes et l'apparition de ces cometes." Curiosa é o comentário de Eric Jorink, apontando para a falta de argumentos bíblicos no tocante aos cometas (!): "Minha segunda observação concerne à surpreendente [striking] ausência de argumentos bíblicos no tocante aos cometas nos *Pensées* de Bayle." (2008, p. 66.)

[613] O argumento de Bayle vale para demolir de vez a clássica metáfora da "monstruosidade" atribuída ao ateísmo, ou seja, monstruosidade sginificando algo fora do normal, do corriqueiro, do que vai de encontro ao natural.

reafirma: a sua causa está unicamente na terra, dentre os homens, e não em um outro plano, em uma região celeste tida como ordenadora e controladora de todas as ações. Nesse sentido, pode-se estabelecer um *tableau* de possibilidades o qual descreditaria qualquer explicação sobrenatural: 1) poderiam surgir cometas e acontecer todo tipo de infortúnios; 2) poderiam aparecer cometas e simplesmente nada acontecer; 3) poderia não surgir cometa algum e acontecer trágicos infortúnios; 4) poderia não aparecer cometa algum e, simplesmente, nada de ruim acontecer.[614] Logo, se é a disposição dos homens, sendo elas de foro interno – raiva, ódio, tristeza, malícia, obstinação – e de foro externo – costumes adquridos e educação – que dinamiza as suas relações em um determinado contexto histórico e social, Bayle demole de vez o argumento sobrenatural: a crença religiosa nos supostos maus augúrios trazidos pelos cometas não interfere em absolutamente nada no que concerne aos acontecimentos mundanos.

Na *Continuation*, Bayle afirma que é preciso um *examen* a respeito da contribuição de uma religião para os bons costumes e para a conservação de uma sociedade, pois "a falta que é tão comum entre os homens de julgar coisas grosso modo e sobre ideias vagas aparece principalmente na matéria que tratamos." (*OD* III, p. 358*b*.)[615] A discussão é a seguinte: não é possível estipular *a priori* se os costumes são mais desregrados em uma sociedade que tenha e siga à risca uma religião, do que naquela que não possui nenhuma. Os que querem fazer um julgamento mais imparcial devem antes se informar se uma religião em um determinado povo tem por objeto uma divindade ou várias que tenham ordenado a prática das virtudes morais, punindo os celerados e recompensando os que levam uma vida correta. (*Id. Ibid.*) Pois, se um povo entende que os deuses recompensam somente aqueles que cultuam uma religião exteriormente e que castigam os que não praticam o culto, e, além disso, se entende que deve esperar que seja agraciado pela fortuna, tal religião não tem nada a contribuir, mesmo que seja para inspirar todos os deveres de cidadão. Daí Bayle infere:

> Então ela não é de nenhuma valia em relação aos bons costumes, e a este gênero de vida que fotalece a felicidade das Sociedades. Se se vê que a bisbilhotice, a inveja, a má fé, a avareza, a impudicícia, a revolta e tais outros vícios têm pouco valor em um tal povo, a Religião não será causa e, por conseguinte, se este povo fosse ateu, não seria menos disciplinado. (*Id. Ibid.*,

[614] Ver especificamente os parágrafos dos *PD* §24, §§28-30, §§35-44, §§81-82, §93-96, §98-99 e §101.
[615] "Le défaut qui est si commun parmi les hommes de juger des choses en gros & sur des idées vagues paroît principalement dans la matière que nous traitons."

pp. 358*b*-359*a*.)[616]

Se Vanini afirma timidamente que religião e bons costumes nem sempre têm uma correlação necessária, Bayle o afirma claramente: uma religião que prega a recompensa para boas ações e sanção para as más, mesmo querendo inspirar todos os valores civis nos cidadãos, não terá serventia alguma. Viver de acordo com a reta razão e obedecer às regras e leis estabelecidas e cumpridas por todos não é – e nunca foi - privilégio somente de religiosos. Se tal nação fosse ateia, não faria diferença alguma no comportamento dos habitantes, já que justamente o diferencial não está na crença, mas no cumprimento do dever e ser um bom cidadão.[617]

Por fim, Vanini e Bayle equiparam-se quanto ao uso de personagens para disseminarem suas teses. Se o filósofo italiano criou o ateu de Amsterdam – isto é, ele mesmo[618] - Bayle na *Réponse aux quéstions d'un provincial* falará em terceira pessoa, explanando as refutações de "Mr. Bayle" contra Jacques Bernard sobre a questão do ateísmo virtuoso nos *Pensées diverses*, isto é, se os princípios dos ateus não levam à ruína das Sociedades:

> Quanto à segunda coisa, Sr. Bayle a provou suficientemente, visto que ele mostra que certos povos mantiveram-se durante muitos séculos sem nenhuma Religião. Eu não digo nada da quantidade de outras observações espalhadas em seu livro, e muito apropriadas para servirem de prova de uma outra maneira. Eu quero que os princípios de um Ateu só o levem para o interesse de suas paixões: seguir-se-á que eles o levem à ruína da Sociedade? Não toma ele nenhum interesse quanto ao seu repouso, à conservação de seus bens e seus filhos? Não tem ele, então, nenhuma parte na segurança pública? Se ele mata hoje um homem que tem três grandes rapazes, não temerá que eles o buscarão por toda parte a fim de vingar a morte de seu pai? O amor próprio não o engaja muito fortemente a refrear uma paixão que não poderia satisfazer sem o expor a grandes males? As tropas de ladrões que correm o mundo sob o nome de Boêmios, e que não professam religião alguma, como elas mantêm-se? Pelo interesse que cada um tem de concordar com os outros

[616] "Elle n'est donc d'aucun usage par raport aux bonnes moeurs, & à ce genre de vie qui afermit le bonhuer des Sociétez. S'il se trouve que la médisance, l'envie, la mauvaise foi, l'varice, l'impudicité, la mutinerie, & tels autres vices ont peu de cours dans un tel peuple, la Religion n'en fera point cause, & par consequent si ce peuple étoit athée, il ne seroit moins discipline."

[617] Segundo Isabelle Delpla, "se se considera que a idolatria exprime a essência do liame social como superior ao indivíduo em uma ordem que crê ela ser transcendente e por tradições que asseguram a estabilidade das instituições além das pessoas, é então o fundamento da sociabilidade e seus princípios de legitimidade que desaparecem com a idolatria. Assim, Bayle, querendo criticar a igreja como insitution e o enraizamento católico em uma tradição, teria solapado todo principio das instituições." (2003, pp.162-163.)

[618] Ver *De Admirandis*, IV, 56, p. 1441 e seg.

na observação de certas regras. (*OD* III[*RQP*], pp.944*b*-945*a*.)[619]

O que vê que Bayle provou com vigor as suas teses não é mais que ele próprio. O recurso literário utilizado pelo filósofo de Carla é o que permite expor as suas teses, ironizar o adversário, e valer-se dos próprios argumentos de seus opositores para enredá-los em aporias, simulando e dissimulando incessantemente. Entretanto, se Bayle utiliza tal artifício argumentativo como Vanini, no que concerne a valer-se de personagens para estabelecer uma crítica contundente das proposições adversárias, a diferença é Bayle não opera por antífrase como Vanini: se este para defender o ateísmo faz o inverso, isto é, exagera em sua crítica aos ateus para poder elevá-los, o filósofo de Carla somente esquiva-se, olha de longe o debate, mas suas teses estão lá, incômodas e corrosivas.[620] Contudo, a despeito dos métodos literários que um e outro utilizaram para expor seus pensamentos, o que interessa aqui é a proximidade teórica em ambos: tanto Vanini como Bayle retiraram do ateísmo os estigmas mais estapafúrdios, como equivalente à monstruosidade, imoralidade e depravação. Com suas explicações naturalistas, erigiram uma sólida crítica à impostura religiosa que, atrelada à política, calava todo discurso que visasse a desmitificar seus fundamentos, em nome do sobrenatural. Assim, no final das contas, é de pouca relevância se Bayle não leu Vanini, pois o que interessa e que "a novidade de sua proposta contribuiu – e isso por muitas décadas – para despertar o interesse dos meios cultivados a respeito desse filósofo atípico e maldito que pagou com a sua vida suas audácias blasfematórias e seu ateísmo." (FOUCAULT, 1999, p. 240.)[621] Nesse sentido, se Bayle retira o pensador italiano do

---

[619] "Quant à seconde chose Mr. Bayle l'a prouvée suffisamment, puisqu'il a fait voir que certains peuples se sont conservez pendant lusieurs siècles sans aucune Religion. Je ne dis rien de quantité d'autres remarques répanduës dans son livre, & très propres à servir de preuve d'une autre manière. Je veux que les príncipes d'un Athée ne le poussent que vers l'intérêt de ses passions: s'ensuivra-t'il qu'ils le poussent à la ruïne de la Societé? Ne prend-il donc nul intérêt à son repôs, à la conservation de ses biens & de ses enfans? N'a-t'il donc aucune part à la sureté publique? S'il tuë aujourd'hui un homme qui a trois grands garçons, n'a-t'il pas à craindre qu'ils le chercheront partout afin de venger la mort de leur père? L'amour propre ne l'engage-t'il pas assez fortement à réfréner une passion qu'il ne pourroit satisfaire sans s'exposer à de plus grands maux? Les troupes de voleurs qui courent le monde sous le nom de Bohémiens, & qui ne professent aucune Religion, comment se maintiennent-elles? Par l'intérêt que chacun a de s'accorder avec les autres dans l'observation de certaines regles."

[620] Para Cavaillé, "Não é tão fácil para um ateu ser tomado a sério, e a insistência, o exagero não esclarecem o sentido da mensagem." (2008, p. 56).

[621] Segundo Winfried Schröder, é "inúlti dizer que os únicos verdadeiros documentos de ateísmo que foram produzidos na segunda metade do século XVII – os tratados radicais clandestinos como o Theophrastus redivivus – eram desconhecidos e não somente por Bayle." "L'athéisme comme défi pour les pionniers de la liberte de penser: deux athées spéculatifs dans le *Dictionnaire historique et critique*", in:FRÉCHET, Philippe. *Pierre Bayle et la liberte de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012, p. 189.

ostracismo e do desinteresse – mas nos devendo um longo artigo sobre ele em seu *Dictionnaire* como ele afirmara que tinha o intento de fazê-lo nos *Entretiens de Maxime et de Thémiste* - elevando-o ao seu rol dos ateus virtuosos, é em nome de algo maior, a saber, reinvidicar uma dignidade filosófica ao ateísmo.

3.4 *Baruch de Espinosa*

Bayle elege Espinosa como o seu maior exemplo, como o "caso limite do ateu virtuoso." (VERNIÈRE, 1954, I, p. 31). Desde os *Pensées diverses* até à *Réponse*, o filósofo de Carla não hesita em ver o autor da *Ética* como a figura típica do ateísmo virtuoso, sendo um homem, honesto, discreto e voluntarioso.[622] Não sem ironia, se Espinosa supostamente era ateu, mas com uma conduta irreprovável, Bayle afirma: "Isto é estranho, mas, no fundo, não é preciso mais espantar-se em ver pessoas que vivem muito mal ainda que tenham uma plena persuasão do Evangelho." (*DHC*, 1740, p. 257; 1983, p. 23)[623] Esta passagem, referindo-se ao aspecto propriamente moral da *pessoa* Espinosa, porém, não é o julgamento de Bayle quanto ao *filósofo* Espinosa. Bayle dedica quase que todo o seu verbete do *Dictionnaire*, a apontar as contradições da noção de substância espinosista explanada na parte V do livro I da *Ética*, entendendo que "é a mais monstruosa hipótese que se possa imaginar, a mais absurda, e a mais diametralmente oposta às noções mais evidentes de nosso espírito." (*Id. Ibid*., p. 258; *Id.*

---

[622] Bayle vale-se dos testemunhos da época, isto é, dos que viveram com Espinosa: "Os que tiveram alguns hábitos com Espinosa, e os camponeses das vilas onde ele viveu em retirada durante algum tempo, concordam em dizer que era um homem de um bom comércio, afável, honesto, prestativo e bastante regrado em seus costumes." ["Ceux qui ont eu quelques habitudes avec Spinoza, et les paysans des villages où il vécut en retraite pendant quelques temps, s'accordent à dire que c'était un homme d'un bon commerce, affable, honnête, officieux et fort réglé dans seus moeurs." *DHC*, 1740, pp.257-258; 1983, p. 23. (Utilizo também aqui a versão que está em BAYLE, Pierre. *Écrits sur Spinoza*. Paris: Berg International Éditeurs, 1983.) Todas as citações do verbete serão baseadas por esta edição.

[623] "Cela est étrange; mais au fond il ne s'en faut pas plus étonner, que de voir de gens qui vivent três mal, quoiqu'ils aient une pleine persuasion de l'Évangile." Comparar com a imagem de Spinoza feita por Sylvain de Maréchal: "Spinoza era um bom e franco ateu, um desses homens tranquilos o qual o estudo era a ocupação habitual, e o desejo de se instruir a paixão dominante; que, desfrutando no silêncio do retiro onde vivia por gosto e por reflexão, desta serenidade, desta paz inalterável da alma tão favorável à meditação, buscava dar conta de suas opiniões sem ficar muito ansioso com o resultado de seu exame, isto é, sem estar limitado a este medo pueril de chocar as ideias, ou, antes, os preconceditos mais geralmente recebidos." *Dictionnaire des athées, suivi de culte et lois d'une société d'hommes sans dieu*. Paris: Coda, 2008(Diffusion Presses Universitaires de France), p. 292. Ver a respeito VERNIÈRE, 1954, II, p. 700.

Ibid.)[624] Em suas apreciações, Bayle não foi poupado de críticas, chegando-se mesmo à conclusão de que ele nada entendeu da filosofia de Espinosa.[625] Entretanto, se Bayle tem suas limitações quanto ao aspecto metafísico da problemática, até mesmo falando com um certo dogmatismo contra Espinosa e o espinosismo em geral[626], no que concerne à moral de Espinosa, Bayle, desde os *Pensées diverses*, mantém a mesma ideia: não incorrendo em uma descontinuidade, e sim, em "uma consequência necessária de seu racionalismo moral" (MORI, 1996, p. 345), o filósofo de Carla pode sustentar a sua tese do ateísmo virtuoso, tendo como seu apogeu máximo a figura de Espinosa. Ou seja, se *filosoficamente* Bayle condena o autor da *Ética*, *moralmente* o

---

[624] "Car c'est la plus monstreuse hyphothèse qui se puisse imaginer, la plus absurd, et la plus diamétralement oppose aux notions les plus évidentes de notre esprit." A referida proposição de Espinosa tão criticada por Bayle é a seguinte: "*Proposição 5. Não podem existir, na natureza das coisas, duas ou mais substâncias de mesma natureza ou atributo*. Demonstração: se existissem duas ou mais substâncias distintas, elas deveriam distinguir-se entre si ou pela diferença dos atributos ou pela diferença das afecções (pela prop. prec.). Se elas se distinguissem apenas pela diferença dos atributos, é de se admitir, então, que não existe senão uma única substância de mesmo atributo. Se elas se distinguissem, entretanto, pela diferença das afecções, como uma substãncia é, por natureza, primeira, relativamente às suas afecções (pela prop. 1), se essas forem deixadas de lado e ela for considerada em si mesma, isto é (pela def. 3 e pelo ax. 6), verdadeiramente, então não se poderá concebê-la como sendo distinta de outra, isto é (pela prop. prec.), não podem existir várias substâncias, mas tão-somente uma única substância. C.Q.D." SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007, p. 17. (Edição bilíngue Latim/português).

[625] Bayle diz a respeito: "Eu posso somente me justificar de uma maneira geral, e creio poder dizer que se não entendi a proposição a qual empreendi refutar, não é minha culpa. Eu falaria com menos confiança se tivesse escrito um livro contra todo o sistema de Spinoza, seguindo-o página a página. Sem dúvida, ter-me-ia acontecido mais de uma vez não entender o que ele quer dizer; e não há nenhuma aparência que ele mesmo tenha bem se entendido, e que entrando em um grande detalhe, teria podido tornar inteligíveis todas as consequências de sua hipótese. Mas como eu me limitei a uma única proposição, que é concebida em muito poucas palavras, que parecem claras e precisas, e que o fundamento de todo o edifício, é preciso que eu a tenha entendido ou que ela contenha equívocos completamente indignos de um fundador de sistema." ["Je puis seulement me justifier d'une manière générale, et jê crois pouvoir dire que si jê n'ai pas entendu la proposition que j'ai entrepris de réfuter, ce n'est point ma faute. Je parlerais avec moins de confiance, si j'avais écrit un livre contre tout le système de Spinoza, en le suivant page à page. Il me serait arrivé sans doute plus d'une fois de n'entendre pas ce qu'il veut dire; et il n'y a nulle apparence qu'il se soit bien entendu lui-même, et qu'étant entre dans un grand détail, il ait pu rendre intelligibles toutes les conséquences de son hypothèse. Mais comme jê me suis arrêté à une seule proposition, qui est conçue très peu de mots, qui paraissent clairs et précis, et qui est le fondement de tout l'édifice, il faut ou que jê l'aie entendue, ou qu'elle contienne des equivoques tout à fait indignes d'un fondateur de système."(*DHC*, 1740, IV, p. 268; 1983, p. 100.) Nesse sentido, ver CHAUÍ, Marilena. *A nervura do real: imanência e liberdade em Spinoza*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 286;290 em particular; e VERNIÈRE, *op.cit.*, p. 473 em particular.

[626] Como, por exemplo, nesta passagem: "Eis uma hipótese que ultrapassa o cúmulo de todas as extravagâncias que possam ser ditas. O que os poetas pagãos ousaram cantar de mais infame contra Júpiter e contra Vênus, não se aproxima da ideia horrível que Spinoza nos dá de Deus." ["Voilà une hyphothèse qui surpasse l'entassement de toutes les extravagances qui se puissent dire. Ce que les poetes païens ont osé chanter de plus infâme contre Jupiter et contre Venus, n'approche point de l'idée horrible que Spinoza nous donne de Dieu." (*DHC*, nota N, p. 60) Sobre a discussão metafísica ver o erudito trabalho de Gianluca Mori *Bayle philosophe*. Paris: Honoré Champion, 1999, cap. 4, "Bayle et Spinoza" em particular; ver também, SMITH, P.J. "Algumas perguntas sobre o artigo 'Espinosa' de Bayle", in: *SKÉPSIS*. São Paulo: Unifesp, 2012, ano V, nº8, pp. 167-171;e CHAUÍ, *op. cit*., pp. 282-325.

eleva ao rol dos ateus virtuosos.[627]

Nesse sentido, daremos à palavra ao próprio Espinosa. Em uma carta a Jacob Ostens, respondendo indiretamente à Lambert De Velthuysen[628] que o acusava de ensinar o ateísmo, ele é enfático:

> Ele diz primeiramente que não é "de nenhum interesse saber de qual nascimento [eu sou], ou qual modo de vida eu levo." É claro que se ele tivesse sabido, não estaria tão facilmente persuadido que eu ensino o ateísmo. Com efeito, os ateus têm o hábito de buscar mais que tudo as honras e as riquezas. Da minha parte, eu sempre os desprezei, como sabem todos aqueles que me conhecem. [...] Bem, meu amigo, tu vês que este senhor muito se afastou do verdadeiro. Entretanto, concedo que não me atinge de forma alguma, mas que ele fere gravemente a si mesmo quando declara sem corar que "sob argumentos escondidos e disfarçados, [eu ensino] o ateísmo." (*Correspondance*, 2010, p. 257, as aspas são de Espinosa e os termos em colchetes são da presente edição.)[629]

Uma acusação pior que a de ser ateu seria a de ensinar o ateísmo – lembremos que é uma das acusações atribuídas a Vanini - e, nesse sentido, Espinosa tratou logo de retratar-se nesta carta de fevereiro de 1671.[630] Logo no começo da

---

[627] Logo, discordamos aqui da tese de Paul Vernière, que vê que há uma "dualidade de atitude", e, por conseguinte, entendendo que aí o "esmagamento do espinosismo toma a sua forma definitiva" (*op.cit*., I, p. 293.) Entretanto, o próprio comentador francês assume que as críticas de Bayle ao sistema filosófico de Espinosa são compreensíveis, pois "sem querer duvidar de sua sinceridade, é preciso convir que Bayle tem interesse, para as necessidades de sua tese, em ver em Espinosa um ateu o qual o deísmo é somente uma precaução de estilo " (*Id. Ibid*., p. 31.) Ficamos aqui com o argumento de Marilena Chauí: "É impossível para o homem, realizar a síntese entre seu saber e crença. Por isso, na mesma medida em que à consciência religiosa repugna as tentativas dos teólogos para tornar racional a fé, também à consciência cética repugna a tentativa oposta, isto é, o ateísmo, que busca a superioridade da razão sobre a fé. Assim, não há, em Bayle, paradoxo entre a tolerância para com o 'ateu virtuoso' e a intolerância para com o 'ateu de sistema'.A filosofia de Espinosa é combatida enquanto sistema racional do ateísmo." "A estrutura retórica do verbete *Spinoza*", in: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, n°120(julho/dezembro), p. 318. E, de acordo com Mori, "o que mudará, na época do *Dictionnaire* e, sobretudo, nas últimas obras de Bayle, é, antes de tudo, seu julgamento sobre o *homem* Spinoza. A este respeito, as fontes das quais ele se serviu em 1680 eram limitadas." (1996, p. 345, grifo meu.) Ver também POPKIN, Richard. *The History of scepticism: from Savonarola to Bayle*. New York: Oxford University Press, 2003, pp. 298-299.

[628] Autor de um livro contra Spinoza intitulado *Tractatus de cultu naturali et origine moralitatis*. Ver DHC, "Spinoza", nota P.

[629] Tradução para o francês de Maxime Rovere. Paris: GF Flammarion, 2010. Todas as citações posteriores serão da presente edição.

[630] Lembremos da famosa biografia de Espinosa, *A vida do senhor Baruch de Espinosa: tratado dos três impostores*. Esta obra foi fundamental, como o verbete de Bayle, para a fomentação de um Espinosa ateu. Segundo José Raimundo Maia Neto, "*A vida do senhor Baruch de Espinosa* foi influente na construção da imagem de Espinosa como um filósofo ateu virtuoso, imagem também difundida por outro eminente huguenote emigrado na Holanda, Pierre Bayle. Convém lembrar que, no pensamento ortodoxo da época, um ateísmo filosófico jamais poderia ser consistente e, sobretudo, jamais um ateu poderia ser virtuoso, uma vez que as crenças na existência de um deus justificador e na imortalidade da alma eram vistas como estruturantes da vida moral." "Introdução", in: *A vida e o espíritode Baruch de Espinosa: tratado dos três impostores*. Trad. de Éclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp.10-11. Sobre a

passagem, o acusador não levou em consideração a origem do nascimento de Espinosa – seus laços familiares, se era pobre ou rico, etc - tampouco a sua conduta de vida. Entretanto, mesmo se Espinosa declara categoricamente o seu desprezo pelos ateus devido aos mesmos supostamente desejarem reconhecimento e visando a enriquecerem – o que seria um obstáculo à tentativa de Bayle de fazer de Espinosa um ateu virtuoso, e, ao mesmo tempo, mostra a generalização de Espinosa em entender que *todos* os ateus procedem de tal maneira, o que Bayle discordaria - é notório o lugar-comum clássico no qual seu acusador limita-se, isto é, basta ser ateu para que não se tenha possiblidade alguma de levar uma vida de acordo com a reta razão, sendo tratado como uma aberração da natureza. Na ótica de Velthuysen – como na visão de quase a totalidade dos pensadores da época – ateísmo e irracionalidade equivalem-se, sendo um conúbio funesto, merecendo ser denunciado, combatido e erradicado. Prosseguindo na mesma carta, Espinosa afirma que Velthuysen o acusou de ser um irreligioso somente para não cair na teia da superstição[631], não deixando claro o que ele entende por religião e por superstição. (2010, p. 258.) Espinosa aí indaga-se: ser desprovido de religião é quando se torna imperativo reconhecer um deus como um bem absoluto, aí residindo a felicidade e a liberdade dos homens? E que, em decorrência disso, a "recompensa da virtude não é a pória virtude e que, ao contrário, o suplício da tolice [sottise] e da impotência [impuissance] é a própria tolice?" (*Id. Ibid.*) Aí o filósofo holandês chega em um ponto crucial: se a virtude é um fim *per se* e não um meio de obter reconhecimento ou ganhos materiais, seu opositor incorre em contradição, pois se Velthuysen se autodenominara tão religioso, na verdade, ele age em nome de seus próprios interesses, estabelecendo uma "paga e um destino, conforme cultue ou negligencie as vontades divinas." (SANTIAGO, 2009, p. 186.) Eis o ponto de viragem da questão: Espinosa desmonta a acusação de seu detrator, mostrando que ele é um escravo de seus afetos, que teme ser punido ou espera ser recompensado conforme à vontade dos deuses:

---

fidelidade de algumas passagens da obra aos próprios argumentos de Espinosa, ver a "Introduction de l'editeur" da edição francesa. *L'esprit de Spinoza: traité des trois imposteurs Moïse, Jésus, Mahomet*. Paris: Max Milo Editions, 2002, pp.12-13 em particular.

[631] Entendendo aqui superstição na acepção que Spinoza dá a esse termo. Segundo Homero Santiago, "a superstição não é só a crença em fins, em livre-arbítrio, em prêmios e castigos; a sua grande originalidade é a sistematização desses elementos todos, e de tudo o mais que daí derivar, numa estrutura (fábrica do real.) "Superstição e ordem moral do mundo", in: *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 185.

> Evidentemente, ele não encontra nada na virtude por ela mesma nem o intelecto o que lhe cause prazer, e preferiria viver segundo os impulsos [impulsions] de seus afetos se aí não tivesse esse único obstáculo: ele teme ser punido! É então como um escravo, de má vontade, a alma flutuante, que abstem-se das ações más e que executa os mandamentos divinos. E como preço deste serviço, ele espera de Deus um salário bem mais delicioso que o próprio amor divino. Sim, é ainda mais evidente que o bem que ele realiza repugna-lhe mais, e que o faz de má vontade! É por isso que ele crê que todos aqueles que este temor não pára vivem sem restrição e são despojados de toda religião. (*Id. Ibid.*, pp.258-259).

A ironia de Espinosa salta à vista, mas ele chega ao âmago do problema: se alguém que se diz devoto não consegue entrever na virtude por ela mesma a maior das recompensas por uma determinada ação, não passa de um serviçal das próprias vontades, cumprindo mandamentos religiosos à sua revelia. Uma moral de interesse se torna o móbil principal das ações, visando a uma gratificação futura, repudiando fazer o bem pelo próprio bem. Nesse sentido, aí Velthuysen equivoca-se totalmente: ele crê que o temor de uma punição divina sempre é advindo daqueles que vivem desregradamente e que não possui religião alguma ou dos que não crêem em deus algum. Ora, se a contradição entre o que se crê e o que se pratica é privilégio dos religiosos, e se Espinosa a denuncia claramente, não estaria aí uma implícita defesa de um ateísmo virtuoso sob a pena do autor da *Ética*, mesmo Bayle vetando-lhe a possibilidade de um ateísmo especulativo?[632]

Nesse sentido, tentaremos sistematizar a imagem de Espinosa erigida por Bayle em seus escritos. Nos *Pensées diverses*, Bayle aí fornece um primeiro retrato: um Espinosa vaidoso, que à beira da morte não quisera que ninguém o visitasse, com receio de que, em seu estado torpe, incorresse em contradição com seus princípios:

> Sentando-se perto de seu fim, ele fez vir sua anfitriã e pediu para impedir que nenhum ministro o visse neste estado. Sua razão era, como se soube de seus

[632] Segundo Marilena Chauí, "diferentemente de Velthuysen, que pretendera ignorar 'a nação e a regra de vida' do autor do *Teológico-político*, Bayle enfatiza ambos. A biografia de Espinosa exibe o seu temperamento e o apresente como homem virtuoso, por inclinação e costume."(1999, p. 297.) Mori também afirma: "Bayle conhecerá igualmente a biografia de Colerus, publicada em 1706, que traz algumas correções ao artigo Spinoza do *Dictionnaire historique et critique*. Os julgamentos de Spinoza se precisam: segundo o Bayle dos *Pensées diverses sur la comete*, Spinoza tinha uma mostrado uma 'vaidade ridícula' e uma 'louca paixão pela falsa ideia que se fez da constância (§181). Tudo isto desaparece da biografia que se encontra no *Dictionnaire*, onde a figura do ateu virtuoso adquire uma envergadura notável. Nas obras sucessivas, Bayle manterá esta opinião e citará várias vezes Spinoza como o exemplo de 'uma vida irreprovável'(ver, por exemplo, a *Continuation des pensées diverses*, §100, §144.)" 1999, p. 345, citações de Bayle feitas pelo comentador.

> amigos, que ele queria morrer sem disputa e que temia cair em alguma fraqueza de sentido que lhe fizesse dizer alguma coisa da qual se tirasse vantagem contra seus princípios. Isto é, que ele temia que se debitasse no mundo que, à vista de sua morte, sua consciência sendo revelada o tivesse feito desmentir sua bravura e renunciar seus sentimentos. Pode-se ver uma vaidade mais ridícula e mais ultrajante do que essa, e uma mais louca paixão pela falsa ideia que se fez da constância? (*PD*, 2007, p. 382; *OD* III[*PD*], p. 117*a*.)[633]

De acordo com a descrição de Bayle, Espinosa quase moribundo, queria permanecer firme em suas convicções, mas devido à dua debilidade física, vetou toda e qualquer testemunha de sua decrepitude com receio de que alguém pudesse fazê-lo cair em contrasensos no que concerne aos seus principios. O outro fator é que uma vez uma contradição proferida poderia ser divulgada a todos, o que macularia a sua imagem de um pensador corajoso e que não abdicava do que lhe ditava a consciência. Se para Bayle isso é uma vaidade sem precedentes, oriunda de uma paixão que fez Espinosa equivocar-se a respeito do que seja permanecer firme em uma opinião mesmo à beira da morte, o testemunho de Bayle não é muito fiável, pois o que soube foi dos mais próximos de Espinosa, devido ao seu desconhecimento de biografias mais precisas sobre o filósofo.[634] Contudo, é importante apontar em qual contexto a passagem acima está situada, pois é o desenvolvimento do argumento clássico de Bayle, isto é, que os homens não agem segundo os seus princípios (*PD* §181). Se a postura de Espinosa no fim de sua vida foi a de obter alguma glória, assim como a de alguns autores pagãos antigos, e se no anseio de tal obtenção, por vezes enveredaram pelo caminho da virtude, "qual razão se tem de negar que os ateus aí possam chegar?" (*Id. Ibid.; Id. Ibid.*)[635] Na verdade, segundo Bayle, o desejo e a subsequente obtenção de alguma glória póstuma não exclui a ideia de honestidade, o que colocaria em xeque a própria passagem supra citada, mostrando um Espinosa "vaidoso" mesmo estando recluso. Em outros termos, a

---

[633] "Se sentant près de sa fin, il fit venir son hôtesse et la pria d'empêcher qu'aucun minstre ne le vînt voir en ce état. Sa raison était, comme on l'a su de ses amis, qu'il voulait mourir sans dispute et qu'il craignait de tomber dans quelque faiblesse de sens qui lui fît dire quelque chose dont on tirât avantage contre ses príncipes. C'est-à-dire qu'il craignait que l'on ne débitât dans le monde qu'à la vue de la mort, sa conscience s'étant réveillé l'avait fait démentir de sa bravoure et renoncer à ses sentiments. Peut-on voir une vanité plus ridicule et plus outré que celle-là, et une plus folle passion pour la fausse idée qu'on s'est faite de la constance?"

[634] Ver MORI, 1996, p. 345. Vernière diz: "Na medida em que defende desde então a tese do ateu virtuoso, Bayle se sente solidário de Espinosa; ao mesmo tempo, seu pensamento se enriquece, seu conhecimento do espinosismo se precisa e a figura de Espinosa se embeleza até o último retrato do *Dictionnaire historique e critique*." (1954, I, p. 31.) Contudo, não é no *DHC* que está a última palavra de Bayle sobre Espinosa...

[635] "Or, puisqu'en ne suivant que cette route, ils ont rencontré quelquefois l'exercice de la vertu, quelle raison a-t-on de nier que les athées y puissent venir?"

imagem do Espinosa ateu virtuoso já estava traçada nos *Pensées diverses*, somente sendo cada vez mais reforçada em suas obras posteriores.[636]

No *Dictionnaire*, precisamente na nota I do verbete "Espinosa", Bayle afirma que, à exceção dos discursos proferidos confidencialmente por Espinosa aos seus amigos mais próximos, possíveis discípulos em potencial, tudo o que ele falava era de interesse. Bayle o retrata como um autêntico casto, um solitário que se abstinha dos prazeres e do dinheiro, que tinha uma conduta politicamente correta e era apaixonado pelos estudos:

> Se excetueis os discursos que ele podia ter em confidência com seus íntimos que queriam ser também seus discípulos, ele não dizia nada em conversação que não fosse edificante. Ele jamais jurava: jamais falava irreverentemente da Majestade divina: assistia algumas vezes às predicações, e exortava os outros a serem assíduos nos templos. Não se importava nem com vinho nem com boa carne, nem com dinheiro. O que dava a seu hospedeiro, que era um pintor de Haia, era somente uma soma bem módica. Ele só pensava no estudo e aí passava a melhor parte da noite. Sua vida era a de um verdadeiro solitário. È verdade que ele não recusava as visitas que sua reputação lhe atraía. É ainda verdadeiro que algumas vezes ele visitava pessoas de importância. Não era para entreter-se com bagatelas, ou para partidas de prazer; era para raciocinar sobre negócios de Estado. Ele aí conhecia sem os ter manejado e adivinhava justamente o curso que tomaria os negócios gerais. (*DHC*, IV, p. 257; 1983, p. 52.)[637]

Nesta passagem, Bayle retoma a imagem dos *Pensées diverses* feita de Espinosa, mas mais fundamentada historicamente e biograficamente.[638] Bayle o delineia como um autêntico virtuoso: 1) sempre dizia coisas importantes a seus pares; 2) jamais debochava das autoridades políticas; 3) não era muito frequentador dos cultos, porém, solicitava os outros a comparecerem; 4) era abstêmio e não se importava com coisas de

---

[636] Faço menção aqui ao título do parágrafo seguinte, "O ateísmo tendo seus mártires, é uma marca indubitável que ele não exclui as ideias de *glória* e de *honestidade*. Reflexão sobre a conduta de Vanini."(grifos meus.)

[637] "Si vous exceptez les discours qu'il pouvait tenir en confidence à ses intimes qui voulaient bien ètre aussi ses disciples, il ne disait rien en conversation qui ne fût édifiant. Il ne jurait jamais: il ne parlait jamais irrévérement de la Majesté divine: il assistait quelquefois aux prédications, et il exhortait les autres à être assidus aux temples. Il ne se souciait ni de vin ni de bonne chère, ni d'argent. Ce qu'il donnait à son hôte, qui était un peintre de La Haye, était une somme bien modique. Il ne songeait qu'à étude, et y passait la meilleure partie de la nuit. Sa vie était celle d'un vrai solitaire. Il est vrai qu'il ne refusait pas les visites que sa réputation lui attirait. Il est encore vrai que quelquefois il rendait visite à des personnes d'importance. Ce n'était point pour s'entretenir de bagatelles, ou pour des parties de plaisir; c´´etait pour rasionner sur des affaires d'État. Il s'y connaissait sans les avoir maniées, et il devinait assez juste le train que prendraient les affaires générales."

[638] Bayle apoia na minuciosa biografia de Sebatien Kortholt *Praefat. Editionis 2, Tractatus* Christiani Kortholti *patris sui de Tribus Impostoribus*, que viajara à Holanda e obteve todas as inforamções sobre a vida de Spinoza. Ver também VERNIÉRE, 1954, p. 293.

ordem financeira; 5) era um erudito que vivia solitariamente; 6) estava sempre à disposição de quem o quisesse visitá-lo devido à sua fama de ateu; 7) quando se ocupava dos negócios de Estado, era perspicaz na dinâmica das coisas políticas. Mesmo com toda sua discordância no que compete ao seu ateísmo especulativo, Bayle sempre acurado quando trata dos fatos, não deixa de ver e mencionar as qualidades de Espinosa. No *Dictionnaire*, Bayle dentre as inúmeras questões que fervilham no verbete dedicado a Espinosa em relação às categorias da filosofia espinosista - como a noção de um deus, de extensão, pensamento, essência, afetos, potência, substância, liberdade e necessidade – conseguiu depurar o que é do *homem* Espinosa do que é do *filósofo* Espinosa e sob dois aspectos: a) para dar mais vigor à sua tese do ateísmo virtuoso, à medida que afirma que crer e agir nem sempre andaram lado a lado, dissociando a descrença da imoralidade; b) se ateísmo em termos especulativos nunca foi sinônimo de virtude e, por outro lado, se ateísmo virtuoso nunca foi equivalente a uma metafísica coerente, no fundo, a defesa, teoricamente, tanto do ateísmo quanto o seu oposto convergem para um mesmo ponto: de um lado e de outro não passam de puras especulações.

Nas *Additions*, Bayle defende mais abertamente Espinosa. Respondendo a uma objeção de Jurieu a respeito de que se em uma sociedade de ateus podem ser estipuladas leis de conveniência e de honra, o filósofo de Carla evoca Espinosa, afirmando que ele, a despeito do que creia ou deixe de crer, pode muito bem reter em seu espírito as noções de honra, glória e quaisquer outras como qualquer devoto:

> Resta-me somente dizer que o delator testemunha aqui uma crassa ignorância, o que eu então quero atribuir à impetuosidade furiosa com a qual ele buscava impiedades. Zangado por não encontrar reais, ele forjou quiméricas para não perder toda a sua sentença. As pessoas de bom senso jamais poderão duvidar que um homem não seja sensível ao louvor e ao desprezo, quaisquer que sejam, aliás, suas opiniões sobre a Providência? Por ignorar que aí tenha um Deus, cessa-se de amar a si mesmo, cessa-se de ser vão, cessa-se de odiar seus inimigos, cessa-se de amar ser louvado? Retém-se então as ideias de honra e de infâmia do mundo: compreende-se que é mais belo ser louvado do que ser censurado; que um ingrato merece nosso ressentimento? Que um benfeitor é mais digno de nossos serviços do que aquele que nos trai. Eu desafio meu delator a produzir um homem de julgamento, que proteste que ele crê que Espinosa não acha mais gloriosa a aprovação dos Sábios do que a dos ignorantes. (*OD* III[*APD*], p. 175*b*.)[639]

[639] "Il me reste seulment à dire que le délateur témoigne ici une très-crasse ignorance, ce que je veux bien n'attribuer qu'à l'impetuosité furieuse avec laquelle il cherchoit des impiétez. Fâché de n'en point trouver de réelles, in en a forgé de chimériques pour ne perdre pas toute sa peine. Les gens de bon sens pourront-ils jamais douter qu'un homme ne soit sensible à la loüange, & au mépris, quelles que soient d'ailleurs ses opinions sur la Providence? Pour ignorer qu'il y a un Dieu, cesse-t-on de s'aimer soi-même, cesse-t-on d'être vain, cesse-t-on d'aimer d'être loüé? On retient donc les idées de l'honneur & de l'infamie du

A resposta de Bayle à Jurieu não poderia ser mais contundente: mesmo que não haja um deus ou que não exista providência alguma, as mesmas noções podem ser entendidas e adotadas por todos os homens. A ignorância de seu delator está em não observar a natureza humana e nem o curso dos fatos, querendo encontrar impiedade em argumentos baseados na experiência. A descrença nunca foi fator impeditivo de se prezar a si mesmo, de não perder tempo com querelas, de obter glória honestamente e de repudiar os opositores. O exemplo de Espinosa mais uma vez é paradgmático: se é visto como um ateu, porém, possui as mesmas noções de honra e glória e as põe em prática como qualquer outro homem. Bayle o insere na discussão estrategicamente para arrematar o seu argumento, pois se Espinosa é um ateu especulativo – o que para Bayle é inaceitável filosoficamente – na práxis ele não deixar de guiar-se por princípios partilhados pelos seus pares e, logo, não merecendo – nem qualquer outro pensador heterodoxo ou ateu - ser condenado moralmente por suas convicções filosóficas. Se Espinosa acha mais louvável a aprovação dos sábios do que a dos ignorantes, é porque Bayle sabe bem quem são os arautos da ignorância: são aqueles, que sem exame prévio algum, condenam o ateísmo em nome de um moralismo ortodoxo, mas questionável e sempre suscetível de ser refutado. O critério da crença, para avaliar a moralidade de um indivíduo está longe de ser o critério determinante e Bayle, em todos os momentos de seus escritos quando cita Espinosa como contra-exemplo – como com os outros que ele exemplificou como ateus virtuosos – levanta uma discussão crucial: pior do que entender e propagar que crer em um deus ou em uma providência é fator imprescindível para se agir moralmente, é justamente condenar na prática e sob todas as formas possíveis em nome dessa crença, como foram os próprios casos de Vanini, Bayle e Espinosa.[640]

---

monde: on comprend qu'il est plus beau d'être loüé que d'être blame; qu'un ingrat mérite notre ressentiment? Qu'un bienfaiseur est plus digne de nos services que celui que nous trahit. Je défie mon délateur de produire un homme de jugement, que proteste qu'il croit que Spinoza ne trouvoit pas plus glorieuse l'aprobation des Savans, que celle des ignorans."

[640] Nesse sentido, vale a pena aqui reproduzir na íntegra o Herem pronunciado contra Espinosa: "Com a ajuda do julgamento dos santos e dos anjos, excluímos, expulsamos, maldizemos e execramos Baruch de Espinosa, com o consentimento de toda a santa comunidade, na presença dos Santos Livros de e dos 613 mandamentos que eles encerram. Formulamos este herem assim como Josué excomungou Jericó. Nós o maldizemos assim como Elias maldisse seus filhos e com todas as execrações que se encontram na Lei. Que seja maldito de dia, que seja maldito de noite; que seja maldito durante o sono e a vigília. Que seja maldito ao entrar e que seja maldito ao sair. Queira o Eterno nunca mais perdoar-lhe. Queira o Eterno acender contra este homem toda a Sua cólera e lançar sobre ele todos os males mencionados no Livro da Lei; que seu nome seja apagado deste mundo e para sempre, e que se compraza Deus em separá-lo de

Na *Continuation*, Bayle opera uma viragem no argumento de autoridade que consiste em enumerar os autores que afirmar que o ateísmo é a condição mais funesta em que um homem possa estar. À esteira do seu paralelismo do ateísmo com a idolatria, Bayle exige um *examen* da questão para poder afirmar com fundamento qual das duas condições é a mais abominável, baseando em argumentos qualitativos e não quantitativos. Aqui, mais uma vez Espinosa vem à tona:

> Não deixar-vo-eis de me replicar que o número dos Autores que creem que o Ateísmo é a condição mais execrável na qual o homem se possa encontrar ultrapassa o número daqueles que afirmam o contrário. Mas permitei-me, em primeiro lugar, que eu advirta-vos de não dar tanta extensão à vossa proposição. Encontrar-lo-íeis, talvez, muito poucas pessoas que, após aí terem bem pensado, quisessem dizer que a condição de um Mágico é menos má que a condição de um Ateu, e eu duvido que acheis melhor comparar diante de Deus sob a condição do Padre Louis Gaufridi, que se entregou de corpo e alma ao Diabo, do que sob a condição de Espinosa. (*OD* III[*CPD*], p. 304*b*.)[641]

Sem dúvida, Bayle está entre a minoria dos autores que afirmam o oposto de um argumento tão tradicional que se pauta no *consensum omnium* para justificar a diatribe contra o ateísmo, entendendo que tal condição é a pior em que alguém possa estar. Todavia, como lhe é peculiar, Bayle passando em revista os argumentos dos seus adversários sob os critérios da razão e da experiência, a condição humana mais deplorável, com certeza, não é a do ateísmo. O pensador de Carla aí enfatiza: se se refletir bem sobre a questão, ficaria reduzido o número de pessoas que ainda admitiriam que ser ateu é pior do que ser um devoto. Bayle é sutil na comparação quando dá o exemplo de Spinoza, pois a sua condição, neste contexto, é a condição do ateu, e se ser

---

todas as tribos de Israel, inflingindo-lhe todas as maldições encerradas na Lei. E vós, que restais fiéis ao Eterno, vosso Deus, que Ele assim vos conserve em vida. Sabei que não deveis ter [com Espinosa] qualquer contato, escrito ou verbal. Que não lhe seja prestado nenhum auxílio e que ninguém se aproxime dele mais do que quatro côvados. Que ninguém more debaixo do mesmo teto que ele e que ninguém leia os seus escritos." In: *A vida de Baruch...*, *op.cit.* p. 58.

641 "Vous ne manquerez pas de me répliquer que le nombre des Auteurs, qui croïent que l'Athéïsme est l'état le plus execrable ou l'homme se puísse trouver, surpasse le nombre de ceux qui affirment le contraire. Mais soufrez qu'en en premier lieu je vous avertisse de ne Donner pas tant d'étenduë à votre proposition. Vous trouveriez peut-être fort peu de gens qui après y avoir bien pense voulussent dire, que l'état d'un Magicien est moins mauvais que la condition d'un Athée; & je doute que vous aimassez mieux comparoître devant Dieu sous l'état du Prêtre Loüis Gaufridi qui s'étoit donné au Diable corps & ame, que sous l'état de Spinoza."

ateu é menos deplorável do que estar na condição de um "mágico"[642], a decorrência necessária do primeiro argumento é que a condição de Espinosa é menos deplorável do que a do padre acima citado, que se entregou a toda sorte de extravagâncias. Bayle faz as equivalências Espinosa = ateísmo = virtude e, por conseguinte, o seu oposto, isto é, magia = religião = depravação. Nesse sentido, a quantidade de autores evocados pelo seu adversário Bayle a demole por um exame racional e empírico, qualitativo e comparativo de quais condições são verdadeiramente perniciosas à condição humana.

Ainda na *Continuation*, Bayle fazendo vir à tona o filósofo estoico Panécio de Rodes, que negando a imortalidade da alma possuía uma moral irreprovável, faz dessa menção mais um pretexto para louvar a moral de Espinosa. Após uma longa citação em latim, Bayle assevera:

> Alego-vos todas essas palavras a fim que conhecei que ele tinha escrito fortemente contra a imortalidade da alma. Se tivéssemos seu tratado da Providência, estaríamos em melhor condição de julgar seus sentimentos sobre a Religião. Seja o que for, dou-lhe como um excelente moralista [...] Mas, para dar-vos um exemplo não somente mais moderno, mas também mais brilhante, eu só tenho de pedir-vos a lançardes os olhos sobre a moral de Espinosa. Encontrar-vo-eis aí tudo junto o Ateísmo mais formal que jamais foi ensinado[643] e um grande número de boas máximas sobre os deveres do homem honesto. (*OD* III[*CPD*], p. 397*a*.)[644]

Bayle mencionando Panécio, volta à temática epicurista da negação imortalidade da alma – apesar de Panécio ser estoico – e mostra que tal negação nada tem a ver com as ações morais. Sutilmente Bayle associa essa temática ao espinosismo, à medida que, se ambas são opiniões deveras heterodoxas para suas respectivas épocas, da mesma forma, ambas podem ensejar uma moral de acordo unicamente com a reta razão.[645] Uma questão espinhosa desde a Antiguidade Bayle a traz para o seu contexto,

---

[642] Segundo Anna Foa, "à diferença de seus contemporâneos mais racionalistas, mas ao lado dos *libertins*, Bayle era interessado, sobretudo, na via da negação da feitiçaria a qual conduzia ao ateísmo." *Ateismo e magia: il declino della concezione mágica nel "Dictionnaire" di Pierre Bayle*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1980, p. 89.

[643] Lembre-se aqui da acusação de Velthuysen, que foi justamente a de Spinoza ensinar o ateísmo.

[644] "Je vous allegue toutes ces paroles afin que vous connoissiez qu'il avoit écrit fortement contre l'imortalité de l'âme. Si nous avions son traité de la Providence, nous serions mieux en état de juger de ses sentimens sur la Religion. Quoi qu'il soit, je vous le donne pour un très-excellent moraliste [...] Mais pour donner un exemple non-seulement plus modern, mais aussi plus éclatant, je n'ai qu'à vous prier de jetter les yeux sur la morale de Spinoza. Vous y trouverez tout ensemble l'Athéisme le plus formel que ait jamais été enseigné, & un grand nombre de bonnes maxims sur les devoirs de l'honnête home."

[645] Sobre a associação entre epicurismo, spinozismo e ateísmo na Modernidade, ver LAGRÉE,

pois a crença na imortalidade da alma era entendida como uma parte constituinte da moral. Mas para não limitar-se a uma discussão datada, insere na discussão Espinosa que, sendo o inaugurador do ateísmo especulativo na Modernidade (CHAUÍ, 1999, p. 299), não deixou de refletir sobre a necessidade de levar uma vida tendo como parâmetro os bons costumes e os princípios da moral. Bayle insiste nisto à exaustão para inculcar de uma vez por todas na mente de seu leitor: opiniões especulativas não são e nunca foram critérios para medir o grau de moralidade nos homens, muito menos serem motivos de represália da parte de sectários que simplesmente não toleram um ponto de vista divergente. O filósofo de Carla colocando em termos de igualdade ateísmo e negação da imortalidade da alma vai mais além, mostrando que tanto uma concepção como a outra não excluem a virtude nem a moral.

Bayle trata de uma questão de cunho político na *Réponse aux questions d'un provincial*, a saber, se os ateus tinham menos motivos para fazer o mal do que os pagãos. (*OD* III [*RQP* III], §XIX). Ele compara o filho de um príncipe pagão com o filho de um príncipe ateu, dizendo que se o primeiro tivesse se apoiado nos sentimentos de amizade e gratidão, teria forças para erradicar a sua impaciência em governar o reino, o que o equipararia ao filho do príncipe ateu. Mas, com tantas tentações para vencer e aconselhado pela religião a imitar os deuses, o filho pagão atentaria contra o próprio pai, o que poderia ofender a sua divindade, uma vez que cometeria tal ação inescrupulosamente. (*Id. Ibid*., p. 952*a*.) Bayle aplica este exemplo a todos os filhos de príncipes pagãos que através de móbeis diversos – roubo, perjúrio, impudicícia – agiriam igualmente. Daí a inferência de Bayle: "A religião encorajaria os Pagãos a cometê-lo e aí não encorajaria os Ateus." (*Id. Ibid*., p. 952*b*.)[646] Nesse sentido, a religião superaria obstáculos que ateus não poderiam superar, pois em relação aos últimos, fatores de ordem diversa como a natureza, a humanidade e a piedade impediriam os

---

Jacqueline. "Spinoza 'athée & epicurien'", in: *Archives de philosophie*. Paris: Beaudesne Éditeurs, 1994, nº57, pp. 541-558. Logo no começo do texto, a comentadora afirma: "Nosso objetivo aqui não é de decidir entre as interpretações sobre a 'religião de Spinoza' ou a concepção spinoziana da religião, mas de nos perguntar por que esta expressão polêmica funcionou em seu caso de modo exemplar e como, ao mesmo tempo, a doutrina spinoziana fez explodir este velho odre, provocando, imediatamente depois, a dissociação bayleana entre o 'ateu de sistema' e o 'ateu virtuoso'". (p. 541) Ver também BOVE, Laurent. "Épicurisme et spinozisme: l'éthique", In: *Id. Ibid*., p. 483 em particular. Segundo Jean-Michel Gros, "[...] para Bayle, o ateísmo não consiste tanto em crer ou não crer em um Deus especulativamente, mas em recusar a ideia de uma providência divina, isto é, de um Deus pessoal. Isto explica, por exemplo, que ele possa ter legitimamente Spinoza por um ateu: é o mesmo para ele o tipo do ateu virtuoso." Cf. *CPh*, 1992, p. 313, nota 1.

[646] "La Religion encourageoit les Payens à le commettre, & n'y encourageoit pas les Athées."

príncipes ateus de matarem seus próprios filhos visando a evitar futuros atentados. O que Bayle quer dizer é que uma vez a religião imiscuindo-se nos sentimentos tão caros à humanidade, os aniquilaria dando lugar ao fanatismo e à injustiça. Aí, segundo Bayle, falta aos pagãos recorrerem à luz natural da razão, como o fez Espinosa:

> Se os Pagãos que exercem tantas injustiças contra os Cristãos tivessem consultado as luzes naturais que Espinosa constituiu Juiz de um processo teria seguido, eles não teriam matado, aprisionado, toruturado, banido, ou arruinado por ameaças uma infinidade de inocentes. A religião forneceu-lhes o que a razão lhes recusou; quero dizer que esses potentes esforços que os tornaram perturbadores do repouso público. Não é então verdadeiro que os Pagãos tivessem os mesmos recursos que os Ateus para conservar o repouso da República; e é muito verdadeiro que os que têm uma *Religião têm princípios particulares e muito fortes* para perturbar a Sociedade, *que os Ateus não podem ter.* (*OD* III [*RQP* III], p. 952*b*, grifos de Bayle.)[647]

A passagem não podia ser mais clara para vermos o quanto Bayle a cada escrito elenca Espinosa na galeria dos ateus virtuosos. Diversas questões aí surgem: 1) os pagãos – e, entenda-se, também os cristãos – simplesmente repudiaram o recurso à razão para impedir seus ímpetos mais fervorosos que os levaram a uma devastação desenfreada de seus opositores, situando-os nos antípodas de Espinosa que, ele mesmo vítima do fanatismo da comunidade judaica, valer-se-ia da razão para evitar a intolerância política e religiosa; 2) a oposição de Bayle é evidente entre razão e religião: a primeira justamente recusou a eles ser o *leitmotiv* das ações mais absurdas, o que a religião não hesitou em fazer, isto é, a luz natural da razão – tema tratado à exaustão no *Commentaire philosophique* – foi simplesmente suprimida por um ímpeto fanático gravado nas mentes e nos corações dos homens. Isto é, não aprenderam a lição de Spinoza, dando vazão a tudo de que há demais abominável em matéria de práticas religiosas; 3) daí a decorrência necessária: os pagãos tornaram-se os porta-vozes da ruína do Estado, desestabilizando as cidades, os governos, os cidadãos, e, por conseguinte, a própria política. Querendo imitar os deuses, no máximo, eles os desfiguram, tornando a sua religião corrompida *par excellence*, pois seus mandamentos

[647] "Si les Payens qui exercerent tant d'injustices contre les Chrétiens, n'avoient consulte que les lumières naturelles que Spinoza constitué Juge d'un procès auroit suivies, ils n'auroient pas mis à mort, emprisonné, torture, banni, ou ruiné par des amendes une inifinité d'innocens. La Religion leur fournissoit de que la raison leur eût refusé; je veux dire, ces puissans efforts qui les rendoient perturbateurs du repos public. Il n'est donc pas vrai que les Payens eussent les mêmes secours que les Athées pour conserver le repos de la République; & il est très-vrai que ceux qui ont une *Religion, ont des príncipes particuliers & très forts* pour troubler la Société, *que les Athées ne peuvent avoir*."

religiosos sempre são desmentidos em suas ações; 4) se Bayle já mostrara nos *Pensées diverses* que seu paralelo entre o ateísmo e a idolatria é, na verdade, um falso paralelo, pois os idólatras agindo muito mais contraditoriamente do que os ateus, aqui esse paralelo se desfaz de uma vez por todas: nem a razão nem a experiência permitem mais dissimular que é absolutamente falso que os religiosos – quando Bayle fala em "religião" e idolatria não se restringe somente aos pagãos[648] – equiparam-se aos ateus, pois eles possuem princípios ou móbeis peculiares que os instam a agir temerariamente, os quais não se podem constatar nos ateus.[649] Espinosa mais uma vez aparece para ratificar os exemplos de Bayle, mostrando que é possível fortalecer a sua imagem de ateu virtuoso deixando à margem especulações filosóficas que supostamente poderiam comprometer os argumentos do filósofo de Carla. Sendo assim, ele faz de Espinosa a mais perfeita oposição a tudo que seja advindo superstição, do fanatismo e da intolerância.[650]

Na *Réponse*, em uma refutação a Jacques Bernard, Bayle trata da questão, a saber, que os ateus, da mesma forma que os mais devotos, têm a plena capacidade de discerminento entre os diferentes tipos de bem e o exemplo dado, mais uma vez, será o

---

[648] E não ambas reduzidas somente ao paganismo antigo, como afirma Jacqueline Lagrée. Ver "Athéisme et Idolâtrie dans l'Eclaircissement sur les athées", in: *Les "Eclaircissements" de Pierre Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2010, p. 266.

[649] Para Antony Mckenna, isso ocorre por dois motivos: "Pierre Bayle deduz duas consequências 'paradoxais' desses princípios: de um lado, 'que o homem não age segundo seus principios' – visto que ele segue suas paixões e seu temperamento em lugar de agir conformemente às suas convicções e à sua fé; segue-se que a ordem social é assegurada não pela crença religiosa nem pelas convicções morais dos cidadãos, mas pelo equilíbrio das paixões rivais; por outro lado, não somente uma sociedade de ateus pode viver na ordem, o que foi adquirido pelo primeiro 'paradoxo', mas também uma sociedade de cristãos perfeitos seria inevitavelmente a vítima de seus vizinhos menos escrupulosos: a moral cristã então não constitui um principio viável para as sociedades humanas." "Amour-propre et vertu sociale", in: *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2009, n°11, p. 337. Comparar aqui com a apreciação mais cautelosa do abade Yvon, autor do verbete "Athée" da *Encycloplédie*: "Então, após desvios, M. Bayle é como que forçado a convir que o *ateísmo* tende, por sua natureza, à destruição da sociedade; mas a cada passo que ele cede, faz um novo giro. Ele pretende então, ainda que os princípios do ateísmo possam tender à sublevação da sociedade, entretanto, eles não a arruinariam, porque os homens não agem conforme aos seus princípios e não regram sua vida sobre suas opiniões. Ele confessa que a coisa é estranha, mas sustenta que não é menos verdadeira, e apela pelo fato às observações do gênero humano." "Athée", in: DIDEROT, Denis./ D'ALEMBERT. *Encyclopédie ou dictionnaire des sciences, des arts et des métiers*. Genève:Jean-Leonard Pellet/Neuchãtel: STN, 1778, 3ème edition, vol. III, p. 796.

[650] Nas palavras do próprio Espinosa: "Haverá algo mais pernicioso, repito, do que considerar inimigos e condenar à morte homens que não praticaram outro crime ou ação criticável senão pensar livremente, e fazer assim do cadafalso, que é o terror dos delinquentes, um palco belíssimo em que se exibe, para vergonha do soberano, o mais sublime exemplo de tolerância e virtude?" *Tratado Teológico-Político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo Martins Fontes, 2003, p. 307. Nesse sentido, Giulio Giorello faz uma comparação interessante entre a excomunhão de Espinosa e as denúncias feitas contra Bertrand Russell, devido a este sempre defender a plena liberdade de filosofar. Ver *Di nessuna chiesa: la liberta del laico*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2005, pp. 41-48 em particular. Sobre a alusão de Bayle à Espinosa ver pp.41-42.

de Espinosa. (*OD* III[*RQP* III], §XXIX). Não falando diretamente, mas aludindo aos seus próprios argumentos, Bayle aponta o procedimento costumeiro de seu adversário: somente alterar superficialmente suas objeções, não chegando às razões propriamente ditas do que está sendo discutido. E o ponto central é justamente este:

> Seja o que for, pode-se sustentar que os Espinosistas e os letrados da China também discernem claramente, como os mais pios de todos os homens, os diversos tipos de bem. Pensei-vos que Espinosa confundiu o bem agradável, o bem útil, o bem honroso que podem ser encontrados no cargo de General do Exército? Ignorava ele que Generais que comandaram relutantemente e com desgosto um grande Exército, seriam privados do bem agradável, mas que se acumulassem muitas riquezas taxando o tributo do país ou por outros expedientes, eles teriam o bem útil e que pelas homenagens que render-lhes-iam à sua dignidade eles possuiriam o bem honroso? Ignorava que saber pintar bem não é uma qualidade da mesma espécie do que ter uma forte inclinação a obrigar seus amigos e a dar a cada um o que lhe é devido? Não sabia ele que a primeira dessas duas qualidades é uma perfeição Física e não uma qualidade Moral, e que a segunda reporta-se ao bem honesto e aos costumes? (*Id. Ibid*., p. 983*b*.)[651]

Bayle expõe a questão diferenciando três tipos de bem: 1) o bem agradável, que consiste em ter prazer no exercício de algum cargo ou tarefa, e não tendo em vista ganhos materiais; 2) o bem útil, que é denominado como aquele que é obtido por alguma benesse material, devido a conquistas territoriais; 3) o bem honroso, que é alcançado através de toda espécie de honrarias concedidas a alguém. E qual o cerne do argumento de Bayle? Justamente o seguinte: Espinosa tinha pleno discernimento do que é fazem o bem *per se* – o do primeiro caso – que é totalmente distinto dos bens dos segundo e terceiro casos, que são um meio e não postos em prática por si mesmos. Ora, a distinção de Bayle é clara: os bens do segundo e do terceiro casos são de ordem física, material ou, melhor dizendo, oriundos de conquistas materiais e nada tem a ver com o do primeiro caso, que é concernente a uma inclinação natural a fazer o bem sem nada obter em troca.[652] Na distinção desses dois planos, o físico e o moral, Bayle citando o

---

[651] "Quoiqu'il en soit, on peut soutenir que les Spinozistes & les Lettrez de la Chine discernent aussi nettement que les plus pieux de tous les hommes les diverses sortes de bien. Pensez-vous qui Spinoza confondît le bien agréable, le bien utile, le bien honorable qui se peuvent rencontrer dans la charge de General d'Armée? Ignoroit-il que des Generaux qui commanderoient à regret & avec chagrin une grande Armée seroient privez du bien agréable; mais que s'ils amassoient beuacoup de richesses en taxant le plat pays, ou par d'autres expédiens, ils auroient le bien utile, & que par les hommages que l'on à leur dignité ils possederoient le bien honorable? Ignoroit-il que savoir bien peindre n'est pas une qualité de la même espèce qu'avoir une forte inclination à obliger ses amis, & à rendre à un chacun ce qui lui est dû? Ne savoit-il que la première de ces deux qualitez est une perfection Physique & et non pas une qualité Morale, & que la seconde se rapporte au bien honnête & aux moeurs?"

[652] Segundo Colas Duflo, o ateu virtuoso, é "coerente se por natureza vê no próprio bem um prazer ou se por educação, que pode forjar uma segunda natureza quando ela acompanha a primeira, ele tem o hábito do bem, o ateu virtuoso poderia enfim ser igualmente coerente se descobrisse que tem interesse no bem." *Diderot philosophe*. Paris: Honoré Champion, 2003, p. 387.

exemplo de Espinosa, o faz para dar ganho de causa aos ateus, isto é, eles podem ter pleno discernimento das diversas categorias de bem acima mencionadas, e mais ainda, saberem pender para o lado da moral, da honestidade e dos bons costumes, repudiando o que pode ser adquirido somente por interesse e para obter reconhecimento. Bayle continua a passagem:

> Ousar-se-ia crer que ele achava tão louváveis e tão amáveis os que teriam quisto tirar-lhe a vida como aqueles que lhe faziam bem? Não é preciso então imaginar que as ideias das coisas se embaralham e se confundem no espírito de um homem a menos que não saiba que o primeiro Ser é um espírito que governa e que regrou todas as coisas com uma soberana inteligência e com uma soberana liberdade. (*OD* III[*RQP* III], p. 983*b*.)[653]

A linha de raciocínio é a mesma, mas com um diferencial: agora Bayle afirma que a confusão de sentimentos que se instaura no espírito do homem é devido à ausência de reconhecimento em si mesmo de um deus providencialista e governador de todas as coisas na natureza, onisciente e com a plena liberdade para reger o curso das coisas. Contudo, essa afirmação, na verdade, não seria uma concessão aparente a uma necessidade de se reconhecer uma divindade que faça com o homem possa diferenciar o que é honesto e virtuoso, do que é útil e honorífico? Se Bayle justamente louvava Epicuro, por exemplo, a despeito de sua negação da imortalidade da alma e na descrença de uma providência divina, a sua moral que não tinha um motivo sequer para ser denegrida? Na sequência do mesmo parágrafo, Bayle mostra o contário: mesmo pondo em suspenso essa crença em uma providência, e mais, mesmo negando-a, o discernimento das coisas seja no que concerne à lógica, seja no que concerne à moral e aos bons costumes não sofrerá alteração alguma.[654] Nesse sentido, Bayle afirma claramente:

> Que se faça abstração deste dogma, ou que o negue mesmo, não deixar-se-á de julgar que o círculo não é um triângulo, que um sofisma é um mau raciocínio, que a conclusão de um bom silogismo é verdadeira se as duas

[653] "Oseroit-on croire qu'il trouvoit aussi louables & aussi aimables ceux qui auroient voulu lui ôter la vie que ceux qui lui faisoient du bien? Il ne faut donc pas s'imaginer que les idées des choses se broüillent & se confondent dans l'esprit d'un homme, à moins qu'il ne sâche que le premier Être est un esprit qui gouverne & qui a reglé toutes choses avec une souveraine intelligence & avec une souveraine liberté."
Segundo Élisabeth Labrousse, "o ateu é o que, bem que possa eventualmente reconhecer no universo uma causa, um motor, ou mesmo um Autor, entrentanto, não atribui a este principio primeiro nem transcendência, nem caráter pessoal nem, por conseguinte, liberdade." (1996, p. 103.)

> premissas são verdadeiras, que é digno do homem conformar-se à razão,etc. (*OD* III[*RQP* III], pp. 983*b*-984*a*.)[655]

Ora, desconsiderar a ideia de um deus providencialista em nada interferirá acerca do julgamento sobre as coisas: é possível aperceber-se a diferença entre as figuras geométricas, poder entender quando em uma discussão se valem de sofismas e giros de retórica e, da mesma forma, poder entender perfeitamente as regras da lógica. E no final da passagem está o fundamental: a dignidade do homem consiste em conformar-se aos preceitos da razão, pois é ela que permite discernir a ordem das coisas lógicas, metafísicas e, principalmente, morais. Assim, o filósofo de Carla arremata:

> Que impediria que não se julgasse que trair seu amigo é não somente uma ação distinta da fidelidade por seu amigo, mas mesmo uma ação tão censurável como esta fidelidade é louvável? Se Sr. Bernard examina bem as obras de Espinosa, terá dificuldade em acreditar que este famoso Ateu não julgasse que a traição de um amigo é uma má qualidade moral e que a fidelidade por seu amigo é uma boa qualidade moral (*Id. Ibid.*, p. 984*a*.)[656]

Aqui Bayle quer dizer que as noções de moralidade e imoralidade não podem ter como parâmetro a ideia de uma divindade que pune as ações imorais e que gratifica as ações morais. O que causaria estranheza a Bernard, defensor da uma ideia de uma providência divina, seria justamente lançar os olhos nos escritos de Espinosa e ver que a sua concepção de moralidade está absolutamente desvinculada da ideia de um lesgislador soberano, livre e comandante das ações humanas.[657] Na verdade, é o que Bayle vai questionar: o discernimento entre o bem e o mal é dependente da ideia de um legislador divino?

---

[655] "Qu'on fasse abstraction de ce dogme-là, qu'on le nie même, on ne laissera pas de juger que le cercle n'est point un triangle, qu'un sophisme est un mauvais raisonnement, que la conclusion d'un bon syllogisme est vraye si les deux premisses sont vrayes, qu'il est digne de l'homme de se conformer à la raison, etc."

[656] "Qui empecheroit qu'on ne jugeât que de trahir son ami est non seulement une action distincte de la fidélité pour son ami; mas même une action aussi blamable que cette fidelité est louable? Si Mr. Bernard examine bien les Ouvrages de Spinoza, il aura de la peine à croire que ce fameux Athée ne jugeât que la trahison d'un ami est une mauvaise qualité morale, & que la fidelité pour son ami est une bonne qualité morale."

[657] Mori afirma: "Tudo isto leva Bayle diretamente aos braços de Espinosa, porque a necessidade das ações divinas implica a negação da liberdade de indiferença de Deus, e então o 'ateísmo': se Deus não é livre não é Deus, porque não pode ser providencial. Relembremos que para Bayle negar a providência equivale a ser ateu; e é da negação da providência que decorre o ateísmo de Espinosa, malgrado as ocorrências contínuas da palavra 'deus' na *Ética*." (1996, p. 351.)

Essa ideia, segundo Bayle, é somente uma ilusão, a menos que se entenda que uma determinada ação foi comandada por um soberano legislador divino, punidor e recompensador simultaneamente, levando os homens a agirem sem hesitar e não se importando com as ações contrárias. Mas Bayle diz que, na prática, reina a mais absoluta indiferença no que concerne às ações:

> Mas, no máximo, isto prova que, na prática, lhes é indiferente que uma ação seja boa ou má; isto não prova que na especulação a virtude não lhe pareça realmente diferente do vício e uma boa qualidade moral muito conforme à razão. Por que não acreditariam que a Natureza colocou a diferença entre a virtude e o vício, como entre o quente e o frio, o doce e o amargo, um bom silogismo e um sofisma, ainda que, preferindo os interesses de suas paixões a toda outra coisa, eles se abandonem ao vício e negligenciem a virtude? (*OD* III[*RQP* III], p. 984*a*.)[658]

Bayle constata as contradições entre acreditar na teoria em uma providência reguladora da ordem das coisas e a indiferença a ela, na prática, no que concerne às ações. O que mostra, na verdade, que se a contradição aparece na prática, é porque teoricamente não é evidente que entre a virtude e o vício tenha realmente uma diferença crucial. Nesse sentido, Bayle é irônico, mas incisivo: seria mais coerente acreditar que a natureza, e não um deus, estabeleceu a diferença entre as coisas de caráter natural e de caráter lógico, pois, prevalecendo a força das paixões, os homens entregam-se aos vícios e não à virtude. Isto é, se alguém sempre levou uma vida inteira cometendo más ações, é de se supor que elas são da mesma estirpe das boas ações. Neste sentido, o filósofo de Carla não perde a oprtunidade de fazer um ataque frontal aos cristãos, afirmando que eles, na maioria das vezes, sempre enveredam pelo vício, mesmo sabendo que seu deus ditou-lhe o contrário: "Os Cristãos reprovados e muito maus preferem o vício à virtude quase sempre e, entretanto, sabem que Deus lhes ordena praticar a virtude como uma coisa moralmente boa e evitar o vício como uma coisa moralmente má." (*OD* III [*RQP* III], p. 984*a*.)[659] Isto é, se os cristãos na prática não fazem a menor distinção entre o que seja vício e o que seja virtude, a consequência

[658] "Mais cela prouve tout-au-plus que dans la pratique il leur est indifferent qu'une action soit bonne ou mauvaise; cela ne prouve point que dans la speculation la vertu ne leur paroisse réellement differente du vice, & une bonne qualité morale très-conforme à la raison. Pourquoi ne croiroient-ils pas que la Nature a mis de la difference entre la vertu & le vice, comme entre le chaud & le froid, le doux & l'amer, un bom syllogisme & un sophisme, quoiqu'en preferant les interêts de leurs passions à toute autre chose ils s'abandonnent au vice & négligent la vertu?"

[659] "Les Chrétiens reprouvez & très-mechans préferent le vice à la vertu presque toujours, & néanmoins ils savent que Dieu leur ordonne de pratiquer la vertu comme une chose moralement bonne, & de fuir le vice comme une chose moralement mauvaise."

necessária seria justamente entrar em contradição direta com os preceitos ordenados por seu deus, e o pior, o fazendo deliberadamente e conscientes disso.

É mister, segundo Bayle, afastar os equívocos. Em uma das suas últimas refutações a Jacques Bernard, ao final da *Réponse*, ele afirma que se a noção de moralidade subjugada à ideia de um legislador divino que intervisse, ordenasse e regesse livremente todas as ações dos homens, que condenasse ações deploráveis e recompensasse ações virtuosas, aos ateus somente caberia conceber que aí não tem distinção alguma entre o bem e o mal moral. Todavia, Bayle diz:

> Mas, se independentemente desta ordem se pode conhecer a conformidade da virtude com a reta razão e os princípios de Moral como se conhece os princípios de Lógica, a objeção de Sr. Bernard não tem mais força. Precisará então que prove que independentemente desta ordem pode-se discernir as regras da Lógica, mas não as regras da Moral. Logo, como ele provará isto? Que ele nos ensine, por favor, o tanto antes que lhe for possível, o Público ser-lhe-á grato, vários Particulares lhe escreverão cartas de agradecimento. (*Id. Ibid.*)[660]

Terminando a passagem com a ironia que lhe é peculiar, Bayle delega a tarefa a Bernard de provar que sem o reconhecimento de uma providência divina, somente é possível provar as regras da lógica, mas não as da moral. Em contrapartida, Bayle toca em um ponto fundamental: está mais do que provado que mesmo sem a intervenção de um deus provedor e regulador do curso da natureza, que existe e que é possível entrever a adequação da razão à virtude e com os preceitos da moral, tese já exposta e defendida desde os *Pensées diverses sur la comète* e reforçada em suas obras posteriores. Dessa forma, tantas vezes evocando Espinosa para dar mais força aos seus argumentos, Bayle acaba fazendo a passagem do ateísmo especulativo espinosista ao seu ateísmo virtuoso: isto é, valendo-se do seu conceito de natureza enquanto um todo no qual as coisas acontecem necessariamente dispensando entidades providencialistas e associando-o à questão moral, a partir do momento que o filósofo de Carla entende que uma filosofia de cunho naturalista e moralidade não são coisas excludentes por si

[660] "Mais si indépendemment de cette ordonnance l'on peut connoître la conformité de la vertu avec la droite raison, & les príncipes de Morale comme l'on connoît les príncipes de Logique, l'objection de Mr. Bernard n'a plus de force. Il faudra donc qu'il prouve qu'indépendemment de cette ordonnance l'on peut discerner les regles de la Logique, mais non pas les regles de la Morale. Or comment prouvera-t-il cela? Qu'il nous apprenne, s'il lui plaît, le plutôt qu'il lui será possible, le Public lui en saura gré, plusieurs Particuliers lui en écriront des lettres de remerciment."

mesmas. Pelo contrário, ao invés de dissociar a figura do filósofo Espinosa do homem Espinosa, ao final, Bayle efetiva a transição de uma a outra, pois a concepção de natureza espinosista, anti-providencialista, demonstra que a razão está em plena consonância com a virtude e com a moral. Em outras palavras, o próprio Paul Vernière, que defende a tese de que a opinião de Bayle sobre Espinosa nos *Pensées diverses* destoa absolutamente da que foi afirmada no *Dictionnaire*, assevera que "nada falta então a este retrato do sábio moderno, deste ateu paradoxal que acrescenta aos prestígios da inteligência as virtudes morais." (1954, I, pp.32-33). Logo, a imagem de ateu de sistema não se afasta, mas complementa a do ateu virtuoso: o sistema filosófico de Espinosa estando em plena consonância a virtude e as regras da moral mostra que a "dualidade" de Bayle sobre o autor da *Ética* não tem mais sentido. Se o filósofo de Carla era "espinosista sem o saber" (MORI, 1999, p. 173), ou se "por toda a sua vida, Bayle é ligado à Espinosa" (VERNIÉRE, *op.cit.*, p. 292)[661] o que importa aqui é a inversão da sua imagem efetivada por Bayle diante de seus opositores[662]: a despeito das afirmações ortodoxas contra a filosofia de Espínosa, principalmente no artigo do *Dictionnaire* – que podem constituir uma opinião isolada das outras menções feitas à Espinosa em suas outras obras, já que Bayle fez uma versão holandesa do verbete em 1698, impressa pelo livreiro F. Halma em Utrecht[663] – desde seus primeiros escritos até os mais tardios. Se Bayle foi "o primeiro a dar dignidade e nobreza ao novo libertino" (VERNIÈRE, 1954, I, p. 28), o retrato de Espinosa como um ateu virtuoso foi cada vez mais fortalecido e deixou o seu legado para o século seguinte, o das *Lumières*, que levou às ultimas consequências e radicalizou ainda mais esta imagem bayleana.[664]

---

[661] Alguns imaginaram esta ligação alhures! Ver o escrito anônimo *Rencontre de Bayle et de Spinosa dans l'autre monde*. Cologne: Pierre Marteau, 1713. Ver RÉTAT, Pierre. *Le Dictionnaire de Bayle et la lutte philosophique au XVIIIe siècle*. Paris: Imprimerie Audin, 1971, p. 77 e seg.

[662] Vernière diz: "Mas, desde Bayle, a estátua de Espinosa é colocada no museu dos sábios, no mesmo patamar do Confúcio dos Jesuítas. Novo escândalo; este sábio é um ateu, pelo contraste inconsequente de sua vida e de seus princípios, dissocia a aliança tradicional da moral e da religião."(1954, II, p. 700.)

[663] É a tese de Mori: "Precisar-se-á buscar o núcleo de seu pensamento em uma polêmica anti-metafísica e anti-théologique expirmindo-se por necessidade através da retórica da ambiguidade e da alusão sutil – mas tratar-se-á, então, de uma ambiguidade transparente e decifrável, para o leito antigo e o moderno. Logo, é então a partir desta dupla possibilidade de leitura que é preciso julgar a interpretação bayleana de Espinosa, e, notadamente, o artigo do *Dictionnaire* consagrado ao autor da *Ética*: pode extrair deste artigo algumas passagens perfeitamente ortodoxas, pode mesmo o desatrelar do resto do *Dictionnaire* (como ele o fez imediatamente), ou então o explicar no contexto polêmico e filosófico no qual ele foi concebido."(1999, p. 184.) A carta de Bayle à Halma é de 24 de fevereiro de 1698. Cf. *Écrits sur Spinoza*, p. 159.

[664] Se para Gianluca Mori, contra Paul Verniére, entende que Bayle estava mais preocupado com seu "presente filosófico" (1999, p. 188), não se preocupando com ofuturo e os usos da sua imagem de Espinosa, entretanto, tal legado é inevitável. Ver RÉTAT, Pierre, *op.cit*, p. 11, nota 16. Sobre o ateísmo virtuoso, ver p. 19 e seg. Sobre Bayle como um "doutor da incredulidade" e a sua relação com os philosophes, ver p. 215 e seg. Contudo, Gianluca Mori e Alain Mothu entendem que é necessário ter

Para Gianluca Mori, a relevância da virtude ateia está longe de estar limitada a uma abstração de Bayle. Ao contrário, trata-se "de um dado factual incontestável, atestado pelas biografias de Epicuro, de Diágoras e de Espinosa." (1999, p. 254). Nesse sentido, recapitularemos aqui o percurso do presente capítulo: 1) no primeiro tópico, Bayle reflete sobre a figura de Diágoras de Melos, poeta que, acusado de ateu simplesmente se torna um fugitivo, e consequentemente, não cumprindo a pena que lhe fôra determinada pelo crime de impiedade. Se os próprios escritos do pensador grego faltaram à Bayle – e não somente a ele, mas também aos próprios estudiosos de Diágoras – para dar mais detalhes de seu pensamento, contudo, o filósofo de Carla fiou-se nas biografias e fontes históricas que lhe estavam disponíveis, mas dando uma outra veste à Diágoras: não é por conta de seu ateísmo que ele não deixou de saber o que seria a virtude, e mais ainda, chegou a ser convocado para ser conselheiro político. Nesse sentido, a primeira dissociação entre moral e religião ou crença em deuses Bayle já a estabelece no que concerne ao poeta de Melos; 2) após, Bayle tratará de Epicuro. Trabalho mais complexo, devido à doutrina do autor grego ter ganho várias nuances tanto na antiguidade como na Modernidade. Da Grécia antiga ao século XVIII, o epicurismo foi objeto de diversas leituras e interpretações, as quais estão longe de ser uniformes e consensuais.[665] Bayle, por sua vez, dará sua contribuição pelo viés do ateísmo virtuoso, e estabelecendo uma nova concepção de ateísmo, isto é, ateu agora é aquele que nega a providência como foi o caso de Epicuro. No seu verbete do *Dictionnaire* e em citações espalhadas por suas obras, o filósofo de Carla eleva a imagem do filósofo grego chegando a uma conclusão cabal em uma escandalosa sentença aos seus adversários: existem erros maiores do que negar uma providência divina. Contudo, apontando essa negação, ao invés de acompanhar a opinião tradicional de que estaria totalmente nos antípodas da moralidade, Bayle mostra justamente o inverso: negar a ideia de um deus providencialista é perfeitamente compatível com a

---

cautela na equivalência entre ateísmo e espinosismo em relação aos ateus do século das Luzes: "Evocamos o espinosismo, que era geralmente visto, no século XVIII, como a forma mais rigorosa do ateísmo filosófico: o Deus-substância de Espinosa, com efeito, dissolve as noções antropomórficas de inteligência intencional e de liberdade de escolha. É por que Bayle via em Espinosa o ateu por excelência, senão o primeiro 'ateu de sistema'. Entetanto, o equivalente exato entre espinosismo e ateísmo, verdadeiro topos na cultura das Luzes europeias, repousa sobre uma pretensão que logo se dissolveu desde que se debruce sobre as dinâmicas conceituais verdadeiramente implementadas pelos ateus do século XVIII." "Introduction", in MORI, Gianluca/MOTHU, Alain. *Philosophes sans dieu: textes athées clandestins du XVIIIe siècle*. Paris: Honoré Champion, 2010, pp. 12-13.

[665] Em relação ao epicurismo no século XVIII, ver a edição da *Dix-huitième siècle. (L'épicurisme.)* Paris: PUF, 2003, n°35.

virtude, e mais, configurando-se como parte estruturante da moral. Assim, Epicuro e seus discípulos estão longe de serem os pensadores debochados que toda uma tradição ortodoxa os pintou para a posteridade; 3) no terceiro ponto, Bayle insere Vanini no escalão dos ateus virtuosos, tratando- o como um verdadeiro "mártir" do ateísmo. Se as críticas a essa tese são diversas, que vão desde a nenhuma leitura da parte de Bayle dos próprios textos do pensador italiano até ao questionamento sobre o próprio caráter virtuoso de Vanini, mais frutífero foi fazer uma aproximação entre os dois autores nos pontos que eles convergem para um denominador comum, como por exemplo, serem condenados por suas ideias em meio a uma sociedade ortodoxa e usarem diversos recursos textuais para disseminarem seus pensamentos. Se essa empreitada limitou-se a um exercício somente reflexivo, devido ao filósofo de Carla não citar sequer uma passagem de Vanini, tratamos nós mesmos de compará-los no que eles se aproximam, e mostrando o papel fundamental de Bayle em tirar o filósofo italiano do ostracismo; 4) por último, a questão sobre as relações entre Bayle e Espinosa. Se este é o maior exemplo do ateísmo virtuoso que Bayle nos fornece, porém, pensamos que o problema maior foi como entender e conciliar as afirmações duríssimas de Bayle contra Espinosa e o espinosismo no seu verbete do *Dictionnaire* dedicado ao autor com as outras imgens de Espinosa delineadas pelo filósofo de Carla em seus outros escritos.[666] Contudo, na verdade não há contradição, mas sim uma passagem de uma imagem a outra ou um complemento entre ambas, pois Bayle afirma diversas vezes e claramente que, a despeito de qualquer convicção filosófica heterodoxa ou ateia, isso jamais foi um fator impeditivo para o homem saber que a sua dignidade consiste em se adequar tão e somente aos preceitos da razão, estes que, por sua vez, estão em plena concordância com a moral e a virtude.[667]

---

[666] Segundo Marilena Chauí, Bayle, valendo-se da biografia de Espinosa, desde os *Pensées diverses* até o *Dictionnaire*, mostra também que de um escrito a outro, da mesma forma, "não desaparece a afirmação de que obediência e medo políticos vão de par com a religiosidade supersticiosa. Entretanto, esta tese, claramente defendida nos *Pensamentos diversos*, é, agora, apresentada como teoria de 'muitos', que disseram haver sido a religião inventada para obter obediência medrosa dos crentes e súditos. Bayle não toma partido, porém, prossegue afirmando que esses 'muitos', por negarem a imortalidade da alma e a divina Providência, são aqueles que mais prezam a verdadeira virtude e sua utilidade social." (1999, p. 297.)

[667] Então, nada teria de espantoso em constatar tal simetria na concepção de natureza de Espinosa, tampouco haveria uma disjunção entre a ideia de natureza espinosista e a sua moral, contrariamente, à afirmação de Henri-Peña Ruiz: "Então, o que é estranho no diagnostico de Bayle sobre Espinosa é esta disjunção da concepção espinosista da natureza e da antropologia e do reconhecimento do valor ético de Espinosa. É ainda mais espantoso que Bayle sabe muito bem que ste valor ético de Espinosa enraíza-se em sua concepção antropológica e naturalista." "Bayle lecteur de Spinoza: une fascination inavouée.", in: FRÉCHET, Phillipe. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012, p. 206.

CONCLUSÃO

> "Os Homens sem Deus adoram a *Virtude*, em um edifício que não serviu a outros cultos. Na porta, dos dois lados, está escrito: PRATICAI A VIRTUDE, POR ELA E POR VÓS MESMOS."
>
> Sylvain de Maréchal, *Cultes & Lois d'une société d'hommes sans Dieu.*

Dentre os diversos julgamentos sobre as relações de Bayle com o fenômeno do ateísmo, Lucien Fébvre diz que o tema "inspirou o sábio Bayle" (2009[1947], p.132); Paul Hazard, por sua vez, afirma que antes do fílósofo de Carla não houve autor que "mais claramente e mais vigorosamente do que todos os seus predecessores, tenha afirmado a independência da moral e da religião" (1961, p. 269); já Gianluca Mori faz defende claramente que "todos os caminhos da reflexão filosófica de Bayle levam ao ateísmo." (1999, p. 189.) É sabido que desde seu *Cours* de moral em Sedan, defendendo uma moral inerente a todos os homens, o caminho do ateísmo estava sendo preparado, qual iria se espraiar desde os *Pensées diverses* até a *Réponse aux question d'un provincial*[668], em uma época onde o ateísmo era equivalente ao deboche, ao escândalo e à imoralidade. Entretanto, o percurso de Bayle para chegar aos seus argumentos mais claros e consistentes sobre a virtude dos ateus não poderiam passar pela etapa de uma *pars destruens*: 1) para se formar uma imagem positiva do ateísmo, fez-se necessário fazer vir à tona e demolir os obstáculos à formação de tal imagem por meio de sua verve crítica incessante, que, aliada à razão e à experiência, colocou à prova os argumentos dos detratores do ateísmo, isto é, os apologistas religiosos e os fautores da idolatria e da superstição que sempre se refugiam e se limitam ao frágil critério da pluralidade das vozes. 2) Somente a partir dessa empreitada, isto é, da crítica veemente à opinião, à idolatria e à superstição, Bayle poderá ampliar o horizonte da questão: em suas obras tardias, opondo-se ao *consensus universalis*, refletirá sobre os povos ateus, motivado por um ceticismo no que concerne à opinião acerca de um suposto naturalismo da ideia de um deus em todas as épocas e lugares, analisando profundamente as possibilidades

[668] Ver MORI, 1999, p. 189.

de um ateísmo especulativo e, por conseguinte, firmando os alicerces de seu conúbio entre ateísmo e virtude. 3) E dos exemplos das nações ateias, as quais nunca ouviram falar de uma divindade, porém, não deixaram de estabelecer laços sociais entre si, Bayle afina mais a sua reflexão, partindo para exemplos individuais de ateus virtuosos: evocando pensadores da Antiguidade – Diágoras e Epicuro – e modernos – Vanini e Espinosa – mostrará, em níveis de discussão e reflexão distintos, que todos eles não incorreram pelo caminho da depravação devido às suas convicções filosóficas. Ao contrário, seus respectivos sistemas e concepções deram envergadura à sua moral.

No que concerne ao primeiro capítulo, de início Bayle tratará da suposta legitimidade em fiar-se às opiniões vigentes. Opondo-se diametralmente à opinião de que os fenômenos celestes foram sinais divinos com o intuito de fazer com que os devotos expiassem seus pecados, e, em decorrência, extirpassem o ateísmo da face da terra, o filósofo de Carla afirma que "ser-me-ia fácil mostrar que a razão nisto está completamente contra o senso comum. Mas acho melhor me servir da experiência e mostrar que, se se observar bem, verão o contrário do que todo o mundo debita." (*PD*, 2007, p. 46; *OD* III[*PD*], pp. 34b-35*a*.)[669] Bayle afirma que bastaria a razão para mostrar o quanto uma opinião que é propagada a todos pode ser facilmente refutada, mas ele quis lançar mão de mais um critério para enfraquecê-la de vez, a experiência, para mostrar que o que é dito e o que se ouve estão absolutamente nos antípodas do curso dos fatos. Mais ainda, ele não mostra nenhum estarrecimento quando um erro se dissemina torne-se universal, pois é corriqueiro os homens – ou a maioria deles – não utilizarem a razão nem observar a experiência para ver o equívoco no qual incorreram. Quando a fé se imiscui em relatos e opiniões sem fundamento racional e empírico, a consequência direta é justamente os homens deixarem passar a oportunidade de poderem sair do erro pelo qual trilharam e que ficam cada vez mais imersos.

Nesse sentido, dessa crítica à opinião ou ao critério da maioria dos sufrágios que Bayle vai tecer duras considerações contra os historiadores, pois estes, em vez explicarem as coisas *ipso facto*, também enredam-se nas malhas da opinião, e cometendo os mesmos erros da maioria quando querem ir para além de seu *métier*, do

[669] "Il me serait facile de montrer que la raison est en ceci tout à fait contre le sentiment commun. Mais j'aime mieux me servir de l'experience e mettre en fait que, si l'on y prend bien garde, on la trouvera contraire à ce que tout le monde debite."

que lhes compete. Quando isso ocorre, eles somente limitam-se às suas ilusões, afastando-se a passos largos dos próprios acontecimentos. Bayle afirma: "Eis, Senhor, as ilusões a que se expõem os Historiadores em mil ocasiões quando, em lugar de consultar as peças originais, os atos públicos, as provas certas dos fatos, abandonam-se à sua imaginação e às invejas nacionais." (*OD* III[*RQP* II], p. 758*b*.)[670] Ora, é o que Bayle mais repudia quando se trata de fidelidade aos fatos: imaginar o que poderia ter acontecido em um determinado episódio histórico, não se dando ao trabalho de investigá-lo e fundamentá-lo com provas contundentes. Uma vez que o historiador não empreende relatar um acontecimento baseado na própria experiência histórica, perde de vista o fim de sua tarefa, a saber, não dar margem a conjecturas infundadas quando se trata de fazer história. Nesse sentido, Bayle arremata: não são digressões extra-históricas que vão "autorizar a opinião comum, pois elas não são sobre coisas que sejam do alcance do historiador." (*PD*, 2007, p. 71; *OD* III[*PD*], p. 11*b*.)[671] Nesse sentido, não há como fundamentar a ciência histórica em elucubrações a bel-prazer de quem relata os fatos, deixando em segundo plano o que aconteceu realmente de fato. Em outros termos, para Bayle, a legitimidade da história pode ser obtida tão e somente através da experiência, pois é que permite desvalidar opiniões infundadas com pretensão à verdade absoluta.

É a experiência, tão cara à Bayle, que vai ser um dos pilares fundamentais da sua associação entre ateísmo e virtude. È o recurso imprescindível para desvalidar de uma vez por todas as crendices e superstições de toda ordem, sendo necessário que, em nome da razão e do bom senso que "[...] a superstição dos nomes e a credulidade popular seja desmentida por experiências palpáveis que possam tanto enfraquecê-la, como se ela se fortificasse pelos fatos os quais vós estáveis esperando." (*OD* II [*AAR*], p. 563*b*.)[672] No vetor contrário de toda superstição e de toda credulidade, a experiência, como uma instância fortalecedora da razão, tem a incumbência de colocar em xeque todo e qualquer fenômeno natural ou acontecimento histórico que não estiver sob sua jurisdição. Bayle mais uma vez une a experiência à razão, combinando ambas com o

[670] "Voilà, Monsieur, les illusions à quoi s'exposent les Historiens en mille rencontres, lorsqu'au lieu de consulter les pieces originales, les acts publics, les preuves certes des faits, ils s'abandonnent à leur imagination, & aux jalousies nationales."
[671] "Mais il ne s'ensuit pas pour cela que les remarques des historiens doivent autoriser l'opinion commune, parce qu'elles ne sont pas sur des choses qui soient du ressort de l'historien."
[672] "[...]que la superstition des nombres, & la crédulité populaire, soit démentie par des expériences palpables qui puissent autant l'affaiblir, qu'elle se seroit fortifoit par les evénemens à quoi vous vous étiez attendus."

intuito de fortalecer seu aparato crítico e mostrar que uma para se formar uma opinião sólida não se pode prescindir de nenhuma delas. Conjugando-as, Bayle torna a razão e a experiência instrumentos esclarecedores, no sentido de aclarar o que tem de verdade nos discursos proferidos por supersticiosos, investigar qual o motivo que os arrebata e quais os objetivos práticos de sua pretensão à verdade absoluta. Bayle é claro: é em nome da razão que é necessário desvalidar os porta-vozes da idolatria e da superstição, visando a afastar-se das opiniões funestas e dos preconceitos, minando-os pela raiz.[673]

Dessa forma, um dos primeiros alvos de Bayle será a idolatria, criticada implacavelmente nos *Pensées diverses* e em seus outros escritos. A idolatria sendo designada como uma projeção de uma crença sobre determinados objetos, é um forte indício de superstição religiosa, de influência inquestionável na prática. Bayle ironiza, dizendo que se os idólatras tendo um conhecimento de um deus, ele deveria conter as suas paixões e não inflamá-las, visto que, sendo "[...] Idólatras, a superstição os enchia de timidez a respeito dos Deuses, e os impedia de cometer o que os poderia expor à sua vingança." (*OD* III[*CPD*], p. 386*ab*.)[674] Bayle não hesita em valer-se da ironia contra seus opositores. Se os ateus sob o jugo das leis humanas amorteceram a força de suas paixões, o mesmo deveria acontecer com os idólatras, pois temendo somente as leis divinas – maiores do que as humanas – seria de se estranhar que o amor próprio que eles têm e que arrebata as mais fervorosas paixões, estivesse inerte dentro de si mesmos no que concerne à verdadeira fobia que tinham da fúria dos deuses. Ora, deveria ser justamente o contrário: se eles eram tão reverentes a uma divindade, a superstição deveria impedi-los de fazer atrocidades que dessem ensejo à vingança dos céus. Bayle aponta a clara contradição entre o que um idólatra crê e o que pratica: ao invés de se sentir reprimido por acreditar, devido à sua crença, que atrairá para si um forte castigo devido a algum desvio de conduta, ao contrário, sua devoção será o *leitmotiv* de toda e qualquer ação criminosa. Na passagem acima citada, o filósofo de Carla mostra que a idolatria é um tipo de superstição – em seu mais alto grau – característica de uma crença

[673] Para Holbach, aí estaria a coragem dos livres pensadores: "Houve em todos os séculos pensadores nas sociedades policiadas que tiveram a coragem de se afastas mais ou menos das opiniões do vulgar e de combater seus preconceitos. Vemos em todas as eras a filosofia lutando contra o fanatismo." D'HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Essai sur les prejugés ou De l'influence des opinions sur les moeurs et sur le bonheur des hommes*. Paris: Coda/PUF, 2007, p. 135.

[674] "[...] Idolâtres, la superstition les remplissoit de timidité â l'égard des Dieux, & les empêchoit de commettre ce qui les pouvoit exposer à leur vengeance."

desmedida em objetos – ídolos, estátuas, animais – que culmina uma prática religiosa mais exacerbada ainda.[675]

Da crítica à idolatria Bayle passa a crítica à superstição, esta sendo entendida como um todo de crendices religiosas desde crer em nomes e números até associar a ocasião do surgimento de fenômenos naturais com acontecimentos trágicos, constituindo um "preconceito que, a certa altura de seu desenvolvimento, apresenta-se como saber sistematizado." (SANTIAGO, 2009, p. 207.) Segundo Bayle, por mais flutuante que a superstição seja, ela tem um forte poderio de conter povos inteiros, chegando a preferirem permanecer em suas rédeas do que guiarem-se pelos magistrados e pelas autoridades políticas, pois "Nada tem mais força do que a superstição para dominar um povo: por mais inconstante e furioso que seja, se ele tem uma vez o espírito impressionado por uma vã imagem da religião." (*OD* III[*CPD*], p. 190*b*.)[676] O diagnóstico de Bayle é claro: se tem uma coisa que pode levar á ruína uma sociedade é a superstição. Mesmo um povo estando em plena balbúrdia, basta fornecer-lhe um vazio espectro do que seja uma religião para ele optar pela autoridade de adivinhos e profetas do que ser conduzido pelas autoridades humanas. Uma vez conduzida pela superstição toda uma nação é tomada por um fanatismo coletivo e, no momento em que surgir um oportunista entusiasta, o povo não hesitará em tomá-lo como o seu mentor. Bayle se pergunta em qual condição uma sociedade estaria uma vez que a superstição se instaurasse e expandisse seus domínios por todo o Estado. Nesse sentido, o filósofo de Carla se insere em um engajamento filosófico e prático, mostrando que a superstição "é contrária à razão, porque ela nos conduz a conclusões absurdas e contraditórias." (MCKENNA, 1998, p. 64.)[677] O próprio Bayle afirma: "Eu pretendo ter uma vocação legítima para me opor aos progressos das superstições, das visões e da credulidade popular." (*OD* II[*CCR*], p. 661*b*.)[678] Dessa forma, é nesse embate contra a superstição e

[675] Como afirma Catherine Volpilhac-Auger, "a superstição parece, entretanto, ser menos o que faz agir do que o que determina um corpo de doutrina o qual os costumes que vemos são somente a parte mais visível. Sob as práticas, é preciso discernir as crenças. A mais grosseira é, manifestamente, a que consiste em divinizar criaturas, notadamente animais, ou pior, seres inanimados." "Paysage de la superstition", in: DOMPNIER, Bérnard (org.) *La Superstition à l'âge des Lumières*. Paris: Honoré Champion, 1998, p. 96.
[676] "Rien n'a plus de force que la superstition pour tenir un peuple en Bride: quelque inconstant & furieux qu'il soit, s'il a une fois l'esprit frappé d'une vaine image de religion."
[677] Ou nas palavras de Hubert Bost: "À medida que a demonstração se desenvolve, com força implacável de exemplos históricos os quais guerras e paz nada têm a ver com qualquer manifestação celeste, Bayle amplia a sua crítica. Não se trata mais somente de cometas, mas da relação entre razão e sentimento, ou entre opinião e verdade." *Pierre Bayle*. Paris: Fayard, 2006, p. 189.
[678] "Je prétens avoir une vocation légitime pour m'oposer aux progrez des superstitions, des visions & de la crédulité populaire."

contra todos os seus segmentos que Bayle vai lançar as bases da sua crítica contra as opiniões ortodoxas sobre o ateísmo virtuoso e as suas respectivas imagens negativas consagradas pelos ditos argumentos de autoridade.

No segundo capítulo, tratamos primeiramente da crítica de Bayle às nefastas imagens do ateísmo proferidas e cristalizadas pelos seus opositores. Nos *Pensées diverses*, indagando sobre a razão de se denegrir o ateísmo, Bayle vai analisar um argumento de Plessis-Praslin, bispo de Tournai, que consiste em defender que um homem envereda pelo ateísmo por medo das punições advindas dos céus que ele pode sofrer. Contudo, a resposta do pensador de Carla é totalmente inversa: nem todos os ateus são dessa espécie, estabelecendo uma diferença entre os ateus de nascença e os que se esforçam deliberadamente para ser ateus. Bayle estabelece uma diferença, pois as pessoas que o fazem "não são perversas porque são ateias; elas tornam-se ateias porque foram más; e se não podem tornar-se ateias, não deixam de viver como se o fossem." (*PD*, 2007, pp. 372-373; *OD* III[*PD*], p. 114*a*.)[679] Bayle mostra a origem e a razão da distorção infligida sobre a imagem dos ateus: faz-se necessário diferenciar os que nasceram ateus e os que empenham-se deliberadamente e maliciosamente para serem. Ora, a perversidade não é consequência necessária do ateísmo, mas o inverso: a maldade que leva as pessoas a serem ateias, mas entenda-se, dissimuladamente, supostamente levando um modo de vida "ateu." O filósofo de Carla enfatiza: quem comete crimes dizendo que é por causa de seu ateísmo vale-se de uma malícia sem precedentes, a maior que pode ser constatada dentre os homens. E o pior: não contente em dizer que incorreu em erro devido ao ateísmo, o que o faz ainda se convence – e tenta convencer os outros – que todos os ateus são dissimulados e criminosos. Nesse sentido, em nada influi na melhoria da conduta dos homens a persuasão da ideia de um deus como parâmetro de moral, tese a qual Bayle vai desdobrar em sua reflexão sobre os povos ateus, isto é, questionar primeiramente se todos os homens tiveram conhecimento da ideia de uma divindade e, posteriormente, se tal ideia foi fator determinante para a manutenção das sociedades.

Perguntando-se se é mesmo necessário à conservação e prosperidade de uma sociedade a necessidade e a permanência de uma religião, Bayle cita o exemplo do País

[679]"[...] ils ne sont pas méchants parce qu'ils sont athées; ils deviennent athées parce qu'ils ont été méchants; et s'ils ne peuvent pas devenir athées, ils ne laissent pas de vivre comme s'ils l'étaient."

dos Cafres[680], na África, que não tinham noção alguma de um deus, era estruturado em pequenas sociedades e severo no cumprimento das leis. Segundo Bayle, "Aí vereis que eles são Ateus, que são divididos em algumas Sociedades, cada uma sob um único chefe, que têm leis e que punem severamente os infratores." (*OD* III[*CPD*], p. 353*a*.)[681] Mesmo com todos os problemas que possam ter a respeito das fontes utilizadas por Bayle, ele recorre às mesmas para não limitar-se a meras hipóteses, pelo contrário, tal recurso mostra que "o apelo à experiência e aos relatos de viagem dão corpo a esta conjectura." (DELPLA, 1999, p. 121.) Os habitantes dessa região da África não tinham deus nenhum, eram dispostos em pequenas sociedades, cada um com sua respectiva autoridade política e possuíam um *corpus* de leis que intimidava qualquer ação transgressora. Bayle aí vê três aspectos nessa nação, a despeito de sua descrença, que são constituintes de qualquer sociedade: 1) social, pois havia uma estrutura dividida em comunidades; 2) político, já que havia uma *persona* que fosse responsável pelo governo dos habitantes de sua respectiva comunidade; 3) jurídico, pois existiam leis a serem cumpridas à risca pelos seus habitantes. Ora, Bayle combate o dogmatismo do discurso sobre a universalidade da existência de deuses em todas as épocas e lugares instaurando um ponto de dúvida em termos antropológicos. Os *récits de voyage* vêm à tona para fornecer um outro ponto de vista: apoiado na experiência, contrário a um suposto inatismo da concepção de um deus, Bayle mostra que a influência do ateísmo especulativo de determinados povos sobre o dinamismo e a conservação de suas respectivas sociedades torna-se, no mínimo, questionável.

Dessa questão surge a reflexão sobre as possibilidades do ateísmo especulativo, o qual, segundo os mais ortodoxos, sequer poderia almejar um caráter filosófico.[682] Bayle vê um ateísmo como um problema filosófico, mas antes de tudo, como a condição *sine qua non* para o filosofar, à medida que, colocando-o em pauta, faz da "relação entre filosofia e ateísmo" uma "espécie de princípio" (GROS, 2012, p. 250), opondo-a aos dogmas constrangedores e insolúveis impostos pela religião. Nesse sentido, Bayle quer resgatar o ateísmo de uma certa opinião corriqueira que, consistindo em afirmar que ser filósofo é ser ateu, traz em seu seio toda uma carga pejorativa, pois

[680] Região da África que vai do Moçambique ao cabo sul-africano. Cafre vem do árabe kafir (kfr) que significa "descrente."

[681] ". Vous y trouverez qu'ils sont Athées, qu'ils sont divisez en queleques Sociétez, chacune sous un seul chef, qu'ils ont des loix & qu'ils en punissent sévérement les infracteurs."

[682] Para Gianluca Mori, "esse lugar-comum constitui o alvo constante das reflexões de Bayle, que chegará a revertê-lo, pincelando através de suas obras um retrato ideal do ateu filósofo o qual os caracteres são seguramente originais." (1999, p. 205.)

tanto o senso comum como os mais eruditos sempre entenderam que "os filósofos não creem que tenham deuses. (*DHC*, 1740, IV, p. 315.)[683] Se sempre houve a suspeita de que os filósofos nunca acreditaram em uma divindade da parte tanto da esfera opinativa como sendo constatada na experiência, Bayle mostra que essa imagem do ateu está permeada de uma negatividade a qual toda uma posteridade transformou em um lugar-comum, que foi sendo transmitido de tempos e tempos. Quando Bayle concede ao ateísmo um *status* filosófico, é para afirmar de uma vez por todas que ser ateu e ser filósofo não são coisas excludentes *per se*, opondo claramente o que é do âmbito da razão e o que é do âmbito da fé. Se nem sempre filósofos negaram uma existência divina, entretanto, existiram os que negaram e são a estes que o filósofo de Carla dedica toda a sua reflexão e seu cuidado em tratá-los como devem ser tratados, isto é, com a imparcialidade que todo pensamento filosófico exige. E se Bayle afirma a existência e a coerência de um ateísmo especulativo, ele vai mais além: nos antípodas da opinião comum, ele atribui aos ateus uma moral natural, a qual permite a eles penderem para a virtude, a despeito de sua negação de uma divindade ou de uma providência.

Desde o seu *Cours* de Moral ministrado em Sedan, Bayle já mencionava que há em todos os homens, crentes ou descrentes, uma moral natural. E o que seria essa moral? Seria aquela que faz com que o homem, naturalmente, tenha a tendência para as coisas virtuosas, agindo pelos preceitos da moral e entendendo como dispensável todo e qualquer código de conduta religioso. No verbete dedicado a Matthias Knutzen em seu *Dictionnaire*, pensador libertino alemão, Bayle afirma os valores morais, a razão, a consciência pode perfeitamente "[...] subsistir no espírito do homem, mesmo que depois que as ideias da existência de Deus e a fé em uma vida futura foram apagadas." (*DHC*, 1740, III, p. 12)[684] Bayle, pelo exemplo de Knutzen, entende que em nenhum momento a ideia de um deus possa desvirtuar o homem de todos os preceitos da moral acima citados. Não tendo uma ideia inata de uma divindade ou a possuindo, porém, posteriormente esvanecendo-se no espírito tornando-se uma noção vaga, os princípios comuns a todos os homens permanecem incólumes. Lembrando que o exemplo que Bayle nos fornece é de um libertino obscuro, com poucas referências e estudos a respeito, somente mostra que Bayle confirmou – dentre os outros exemplos

[683] "[..] les philosophes ne croient qu'il y ait des dieux."
[684] "[...]subsister dans l'esprit de l'homme après même que les idées de l'existence de Dieu, et la foi d'une vie à venir, en ont été effacées." Ver também SCHRÖDER, Winfred, "L'athéisme comme défi...", *op. cit.*, pp. 188-196 em particular.

anteriormente citados - que “o ateu virtuoso não era uma ficção, uma construção filosófica." (SCHRÖDER, 2012, p. 196.) Nesse sentido, a questão da moral natural, já vislumbrada em sua juventude, será o marco inicial para Bayle precisar cada vez mais sob sua pena o seu retrato do ateu virtuoso, temática que perpassará diversas de suas obras e que escandalizará quase que a totalidade de seus opositores. Indo a fundo em sua crítica às caricaturas da figura do ateu, Bayle tratará de inverter o lócus da problemática: o que seria um paradoxo aos olhos de seus adversários, ele aparentemente vai conceder a tal argumentação, mas para depois efetivar uma retorsão nas premissas, daí resultando duas coisas: a primeira será o surgimento de um outro paradoxo com o respaldo da experiência, a crença em um deus e moralidade nem sempre foram sinônimos; e, mais, seu paradoxo do ateísmo virtuoso é, na verdade, um falso paradoxo, à medida que, também constatado *ipso facto*, ateísmo e imoralidade nem sempre tiveram uma correlação necessária.

Bayle aponta para a atribuição feita pelos ortodoxos do ateísmo especulativo à corrupção dos costumes. Costumeiramente fazem isso, devido aos homens não estarem persuadidos das verdades de religião, e, assim, culminando na existência de ateus especulativos por toda a parte. Note-se que o binômio erigido pelo opositor de Bayle é o típico lugar-comum que consiste ainda em associar opiniões especulativas com o que se entende por moralidade. Contudo, parece que seu opositor esqueceu o que o filósofo de Carla já dissera lá nos *Pensées diverses*: os homens não agem conforme às suas opiniões, assim ele equivoca-se em pensar “falsamente que um homem age sempre segundo seus princípios, isto é, segundo o que crê em matéria de religião.” (*PD*, 2007, p. 372; *OD* III[*PD*], p.113*b*.)[685] Se a relação entre o que se crê e o que se faz é assimétrica em se tratando de religião, a existência de ateus especulativos nada tem a ver com o desconhecimento de dogmas religiosos, muito menos a ver com a corrupção dos costumes no mundo. Na verdade, é o desconhecimento da parte dos religiosos dos próprios preceitos que estipularam para si mesmos, facilmente esquecidos quando têm de serem cumpridos na prática. Nesse sentido, Bayle vai se valer de mais um argumento: mostrará, por meio de exemplos de autores antigos e modernos, que a corrupção dos costumes não é consequência necessária do ateísmo especulativo.

[685] “Cést qu’on s’imagine faussement qu’un homme agit toujours selon ses príncipes, c’est-à-dire selon ce qu’il croit en matière de religion.”

Esta foi a temática do terceiro capítulo: a reflexão sobre os exemplos fornecidos por Bayle de ateus virtuosos existentes na Antiguidade e na Modernidade. Dos autores antigos, o primeiro foi Diágoras de Melos. No verbete do *Dictionnaire*, Bayle afirma, baseado em um relato de Sexto Empírico, que Diágoras tinha sido bastante supersticioso, mas "desde que ele viu a impunidade do homem perjuro que lhe tinha feito injustiça, sustentou que não havia deuses."(*DHC*, 1740, II, p.282.)[686] A atenção que Bayle dá ao relato de Sexto Empírico é pontual: quando ele afirma que um erro não sendo vingado por um deus onisciente, isto é, que sabe tudo, logo, este deus não existe. E por quê? Justamente pelo motivo que Diágoras não crendo em divindade alguma, sabe perfeitamente o que é justo e o que injusto. Outrora sendo supersticioso, foi educado sabendo que um deus pune as más ações e contempla as boas, mas na experiência o que aconteceu foi absolutamente o inverso. Nesse sentido, na sua passagem de uma vida supersticiosa a uma concepção de mundo ateia, Diágoras jamais deixou de entender o que seria uma boa ou uma má ação. A escolha de Bayle por este episódio da vida do autor meliano foi estratégica – e, diga-se de passagem, verdadeira, pois todas as fontes históricas sobre Diágoras mencionam o acontecido – pois é um exemplo claro de que, mesmo não se crendo em deus algum, o discernimento do poeta grego a respeito do que é justo ou injusto não teve como critério a sua descrença, e sim o curso das coisas mundanas.

Na mesma linha de raciocínio, Bayle cita o exemplo de Epicuro, cuja filosofia repudia absolutamente toda e qualquer ideia de uma providência divina, possuindo uma concepção moral desatrelada de tal concepção. Se não era um ateu negador propriamente de uma existência divina, a ele era indiferente a interferência dos deuses na terra, pois "[...] Quando objetavam-lhe que tinha somente de cultuar os deuses, ele que acreditava que não nos faziam nem bem nem mal." (*PD*, 2007, p. 374; *OD* III[*PD*], p. 114*b*.)[687] Aos olhos de um leitor mais ortodoxo, tal afirmação poderia ser motivo de escândalo, pois a noção de um deus é minimizada, senão aniquilada. Segundo Bayle, a doutrina de Epicuro mostra que "a razão sem o auxílio da religião" (*Id. Ibid.; Id. Ibid*.)[688] pode conduzir o homem às noções mais nobres da humanidade, como a amizade, a piedade, a justiça, a honestidade e a paz. Nesse sentido, a moral

[686] "[…] mais dès qu'il eut vu l'impunité de l'homme parjure qui lui avait fait du tort, il soutint qu'il n'y avait point de Dieu."
[687] "[...] Quando n lui objectait qu'il n'avait que faire du culte aux dieux, lui qui croyait qu'ils ne nous faisaient ni bien ni mal.."
[688] "[...] la raison sans le secours de la religion [...]"

epicurista permite a Bayle provar que para levar uma vida pautada pela reta razão, o conhecimento de um deus torna-se ínfimo, mesmo desnecessário. Neste sentido, crer em um deus providencialista jamais foi imprescindível para trilhar pelo caminho da virtude, pelo contrário, é o maior obstáculo para uma moral verdadeiramente desinteressada. Recuperando a imagem de Epicuro e dos epicuristas diante de uma tradição que simplesmente reduzia o pensamento do filósofo grego a uma apologia da devassidão, Bayle lhe dá uma outra veste, mostrando que uma existência virtuosa pode ser absolutamente independente do medo da morte e dos deuses.[689]

Quanto aos ateus virtuosos modernos, Bayle reflete sobre Vanini. Como já antes mencionado, diversos problemas surgem neste exemplo: Bayle não leu uma linha sequer do filósofo italiano e as fontes que ele consulta são de segunda mão. Da mesma forma, seriam duvidosos o caráter virtuoso e o epíteto de "mártir" do ateísmo que Bayle lhes atribuíra, sendo mesmo até desmentido pelos especialistas sobre o pensamento de Vanini.[690] Contudo, o que interessa aqui é ver como o filósofo de Carla o retratou à luz da intolerância religiosa vigente no século XVII relativa aos pensadores mais heterodoxos – no que se igualam Vanini e Bayle – que, por manifestarem seus pensamentos por vias indiretas ou abertamente, tiveram os destinos mais diversos, passando pelo exílio à subida ao cadafalso. O segundo elemento em comum entre ambos os autores é a acusação de ateísmo, Vanini por seus opositores em Toulouse e Bayle acusado por Jurieu no consistório de Roterdam. Nesse sentido, vamos refletir novamente sobre o parágrafo dos *Pensées diverses* (§182) dedicado ao episódio de Vanini. Reforçando a tese de que os homens nem sempre agem conforme às suas respectivas crenças, e afirmando uma proposição mais estarrecedora, a saber, que a razão sem o conhecimento de um deus pode conduzir os homens à virtude da mesma forma. Nesse sentido, qual o argumento de Bayle? Ele afirma que se ele tivesse contradito o que pensava a à beira da morte, cada um pensaria o que quisesse e ele ainda encontraria ao seu redor pios devotos que se deixaram levar por um dissimulado. Se ele tivesse agido de tal maneira, "[...] teria deixado cada um em sua opinião, ou antes, teria desejado encontrar por toda parte bons devotos que se deixassem enganar facilmente

[689] Mesmo tendo em conta que "Bayle utiliza Epicuro e os epicuristas como *exemplos* do que ele deseja mostrar sem se preocupar em dar conta da teoria sobre a qual esses exemplos são fundados." (BAHR, 2009, p. 408, grifo do autor.)
[690] Ver os estudos de Jean-Pierre Cavaillé e Didier Foucault, citados no terceiro capítulo.

por um hipócrita." (*PD*, 2007, pp. 384-385; *OD* III[*PD*], p. 117*b*.)[691] Segundo Bayle, se Vanini tivesse dissimulado na hora da condenação, poderia deixar aos outros pensarem o que bem entenderem a respeito de suas convicções filosóficas, sendo de pouca relevância tornar-se um cristão dissimuladamente mediante uma assinatura e convertendo-se à religião dominante.[692]

Bayle destaca a obstinação de Vanini em permanecer inalterável em sua conduta mesmo à beira do cadafalso, vítima da intolerância imposta pela ortodoxia católica. Ser acusado de ateísmo em pleno século XVII era o que poderia acontecer de mais grave a um filósofo, e Vanini não recuou em um único momento de seu ateísmo manifesto. Entretanto, é possível interpretar a passagem acima em um outro sentido: se Bayle classifica o filósofo italiano como um ateu virtuoso, é porque ele não quis se calar diante de seus inimigos e dar a eles o prazer de obter êxito de calar mais um ateu, isto é, mais um que se insurgira contra todo um aparato religioso e ideológico que não permite uma opinião contrária, isto é, a virtude de Vanini seria a sua postura contra a intolerância, a qual Bayle tanto combateu em praticamente todos os seus escritos. Em outras palavras, se para o filósofo de Carla ser ateu não exclui a ideia de honestidade, então não se pode dizer que Vanini não foi honesto na sua postura obstinada, à medida que foi até o fim com o seu ateísmo, e daí advinda a designação dada ao pensador napolitano pelo próprio Bayle como o "mártir" dos ateus.

O segundo exemplo dos modernos seria o de Espinosa. Este é o maior exemplo e o mais famoso fornecido por Bayle de ateu virtuoso, uma figura "até então impensável" (CHAUÍ, 1999, p. 293). Se Bayle desfere duros golpes quanto à sua metafísica, no aspecto moral o filósofo de Amsterdam é louvado em diversas passagens de seus escritos.[693] Se as afirmações do pensador de Carla podem ser entendidas como um caso isolado no verbete "Espinosa" do *Dictionnaire* – e levando em conta que o mesmo possui versões diferentes – e, no próprio verbete, Bayle permite a leitura de

[691] "[...] il eût laissé chacun dans son opinion, ou plutôt il eût souhaité de trouver partout de bons dévots qui se laissassent duper facilement par um hypocrite." Sobre o processo e a prisão de Vanini antes da morte ver FOUCAULT, 2003, pp. 467-489.

[692] Entretanto, se for sincera mesmo essa afirmativa de Bayle, ela também valeria para seu irmão Jacob, que era protestante, encarcerado e morto em Pamiers justamente por se recusar a assinar o *credo* católico.

[693] Essa contradição, segundo Mori, "entre certas declarações contidas no artigo 'Espinosa' e a atitude filosófica geral de Bayle impõe ainda mais uma vez uma escolha de ordem metodológica. Porque se corre o risco de se devanear se se tomar não importa qual frase de Bayle ao pé da letra. O caso do espinosismo é sintomático desta instabilidade expressiva." (1999, p. 183).

Espinosa como um ateu virtuoso[694], em suas obras posteriores essa imagem se reforça e é cristalizada de vez. Por exemplo, na *Continuation*, o ateísmo de Espinosa é sinônimo de erudição na China, estimado pelos mais sábios existentes neste país e não necessariamente corruptor dos costumes, e, nesse sentido, "[...] havia aí em seus costumes um desregramento mais visível do que na vida ordinária de uma infinidade de pessoas honestas, segundo o mundo, e muito ortodoxas? (*OD* III, pp. 210*b*-211*a*.)[695] Aqui Bayle equivale a filosofia de Espinosa ao que há de mais erudito e sapiente dentre uma comunidade letrada. Em uma nação tão próspera como a China, a doutrina do filósofo de Amsterdam foi muito bem recebida, e bastante estimada pelos ateus. Se o filósofo francês aqui equipara espinosismo ao ateísmo, não se dando conta das nuances conceituais entre um termo e outro – preocupação que surgiria somente no século XVIII – entretanto, em sua época tal associação era inevitável. Contudo, o importante é a questão levantada por Bayle: existia corrupção dos costumes em uma nação onde predominava o pensamento de Espinosa? Mais uma vez, Bayle, em vez de contrapor a metafísica e a moral espinosistas, ele as une, ou, melhor dizendo, uma é pressuposto da outra, pois ser discípulo de Espinosa não é ser imoral, mas é possível estabelecer uma moral a partir de sua concepção de natureza, onde tudo acontece necessariamente e não por intermédio ou vontade de um agente divino, regente do universo e da dinâmica dos acontecimentos mundanos. Quando Bayle vê em Espinosa a combinação perfeita entre ateísmo e virtude, não é por contrapor as suas convicções filosóficas à sua moral, mas é por entender que o seu naturalismo tem plenas condições de fundamentar uma moralidade que não dependa necessariamente de alguma entidade sobrenatural, fomentadora da idolatria e da superstição. Nesse sentido, limitar-se à imagem de Espinosa traçada por Bayle no *Dictionnaire*, desconsiderando os seus demais escritos, é restringir-se a somente um aspecto da relação entre esses dois pensadores.

Enfim, faz-se necessário mostrar a justificava da presente pesquisa, no que poderá contribuir para os futuros trabalhos sobre Bayle em território brasileiro, e em termos gerais, para as discussões sobre religião e política. 1) quanto ao primeiro ponto, penso que tratando de questões pontuais concernentes à reflexão bayleana sobre o

[694] Ver a nota I, em particular.
[695] ".[...] Y avoit-il dans leurs moeurs um déréglement plus visible que dans la vie ordinaire d'une infinite d'honnêtes gens selon le monde,& très-orthodoxes?"

ateísmo virtuoso, a presença de inúmeras fontes antigas e modernas podem instigar o leitor a ir aos próprios textos consultados pelo filósofo de Carla, e trazê-los à tona para enriquecer a pesquisa não somente em termos de erudição, mas para reforçar os argumentos do autor. Além de dar uma consistência maior à bibliografia consultada, tal procedimento permitirá também trilhar o caminho do próprio Bayle, e mais, verificar as passagens sobre as quais o próprio filósofo pode ter se equivocado, não adotando cegamente os seus argumentos. Contudo, aqui apontamos um ponto negativo: a falta de edições modernas dos textos de Bayle. Existem boas edições em francês dos *Pensées diverses*, como a de Pierre Rétat – de 1994 – e a de Hubert e Joyce Bost - de 2007, a nosso ver, a mais completa – mas quanto aos outros escritos das *Oeuvres diverses*, e, principalmente, os escritos mais pontuais de Bayle sobre a temática do ateísmo virtuoso, eles foram impressos e lançados pela Paris Hachette/BnF – 2012 – mas eles são da mesma versão fac-símile disponível em formato PDF pelo site da Gallica, isto é, os textos originais do século XVII, e com alguns erros de impressão e paginação.[696] Por outro lado, se os estudos sobre o tema do ateísmo em virtuoso em Bayle no Brasil são poucos ainda, o estudo sobre os autores que lhe são próximos contextualmente e intelectualmente – o caso de Vanini, por exemplo. Do meu conhecimento, ainda não temos um trabalho aqui sobre o filósofo italiano – o são ainda mais. Nesse sentido, nosso estudo pode contribuir no sentido de tentar instigar aos futuros pesquisadores brasileiros da filosofia de Bayle a tradução dos textos do autor e, da mesma forma, a reflexão sobre as origens, os argumentos, as contradições e os limites de um tema tão polêmico na Modernidade – e nos dias atuais, certamente – sobre a desconstrução da imagem pejorativa sempre atrelada ao ateísmo; 2) no que concerne ao segundo ponto, penso que é mais do que evidente a contribuição de Bayle para as discussões entre religião e política. Em um mundo onde ainda as superstições mais absurdas são preponderantes e que exercem sua influência sobre as mais importantes decisões políticas, não há um momento melhor para refletir se tais crendices ainda são necessárias para a manutenção do *corpus* político e social. Quando o filósofo de Carla cita exemplos de príncipes que hesitavam em agir devido à aparição de determinados fenômenos celestes, quando se aterrorizavam com certas datas e certos nomes, quando não hesitavam em recorrer à religião em um momento de indecisão, é notório que o conúbio entre a crença em deuses e fazer política, já era, desde sua época,

[696] Textos disponíveis em www.gallica.bnf.fr

absolutamente questionável. Revisitar Bayle hoje é passar em revista a tradicional, porém, contraditória relação necessária entre os âmbitos do divino e do político. É tentar entender como ainda é possível que retrógrados valores religiosos ainda permaneçam tão efetivos - através da mídia, da política, nas universidades, não mais se restringindo ao seu próprio espaço, isto é, a igreja e as demais instituições religiosas - em questões de cunho eminentemente humano, concreto. Em suma, é refletir sobre as possibilidades de uma política mais depurada da influência dos céus, apercebendo-se que os problemas políticos devem ser resolvidos pela própria política, deixando a religião onde ela sempre deveria estar, a saber, no foro íntimo de cada um.

Sendo Bayle um autor escandaloso para a sua época quando estipula sob a sua pena a clara associação entre ateísmo e virtude, a sua influência é inegável para as épocas posteriores, mais propriamente o Iluminismo em sua vertente mais radical, como por exemplo, Holbach, La Mettrie, Charles du Marsais e outros. Sob sua pena, o filósofo de Carla não hesita em denunciar o fanatismo, a idolatria e a superstição daqueles que, sob o pretenso peso de autoridade de suas opiniões, não fazem mais do que reforçar a irracionalidade quando se é preciso justamente afastar toda e qualquer opinião infundada acerca de determinados assuntos condizentes à ordem da natureza. Contudo, o legado de Bayle se consolidou não somente na era das Luzes, mas até os nossos dias a atualidade de suas reflexões é notória e absoluta, já que: 1) quando denuncia a superstição em assuntos de cunho científico, Bayle separa as esferas da crença e do conhecimento, não admitindo em hipótese alguma indícios de opiniões pessoais fervorosas em investigações que somente poderão ser explicadas sob uma ótica natural ou humana. Isto é, quando se torna imperativa a racionalidade para tentar entender a lógica e os efeitos de eventos naturais, toda e qualquer superstição deve ser descartada; 2) quando Bayle denuncia o fanatismo já em sua época, tal denúncia ainda é válida para os tempos atuais: em uma época onde o fanatismo religioso estende seus tentáculos a todas as esferas, principalmente nas instituições políticas e de ensino, tanto como nos meios de comunicação, os escritos de Bayle nos alerta no sentido de pensar o quanto os partidários de uma religião qualquer não se contentam em limitarem-se aos lugares que já lhe são conferidos para exercê-la. Ao contrário, os porta-vozes da religião cada vez mais mostram a sua onipresença na sociedade, impondo suas crenças pessoais em um proselitismo fanático e escancarado que não deixa de ter a sua eficácia psicológica e social; 3) a respeito da intolerância, Bayle também mostrou-se também

um crítico implacável. Perdendo um irmão devido a questões religiosas, ele não se omitiu e redigiu os escritos mais contundentes contra a intolerância em um contexto onde uma única religião era reinante, não dando margem alguma a doutrinas ou pensamentos contrários. Se Bayle sofreu as mais absurdas consequências de seu *libre pensée*, mas nem por isso deixou de enfrentar o fenômeno da intolerância, então tratemos de continuar o seu projeto: isto é, tolerar o outro não significa simplesmente suportar ou ser indiferente, porém, é preciso render liberdade de consciência aos que pensam diferentemente, como conceder os mesmos direitos de argumentarem, defenderem-se e manifestarem-se. Do católico ao budista, do muçulmano ao protestante, do judeu ao evangélico, do candomblé ao ateu, a tolerância deve ser estendida e consolidada tanto de direito como de fato. Se Bayle lançou as bases de uma tolerância universal, seu projeto deve ser continuado e propagado, sempre tendo em vista a racionalidade de entender a multiplicidade de crenças e cultos e a sua influência na sociedade, como também entender e defender o direito daqueles que não creem em nada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Bayle

BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Librairies, 1737, 4 tomes [Paris: Hachette BnF, 2012.]

_____. *Continuation des pensées diverses, écrites a un Docteur de Sorbonne, à l'occasion de la Comète qui parut au móis de Décembre de 1680 ou Réponse a plusieurs dificultez que Monsieur *** a proposées à l'Auteur***.** Amsterdam: Herman Uytwerf, tome II, s.d.p. (versão fac-símile)

_____. *Correspondance*. Oxford: Voltaire Foundation, 2007-2010.

_____. *Dictionnaire Historique et critique*. Amsterdam, Leyde, La Haye, Utrecht, 1740, 5ème Edition, 4 vols. In-folio. [Edição fac-símile.]

_____. *Dictionnaire Historique et Critique*. Genève: Slaktine Reprints: 1969.

_____. *Dictionnaire historique et critique*. (Éd. Alain Niderst.) Paris: Éditions Sociales, 1974.

_____. *Écrits sur Spinoza*. Paris: L'Autre Rive, 1983.

_____. *Escritos sobre Spinoza y el spinozismo***.** Madrid: Trotta, 2010.

_____. *Oeuvres Diverses*. (Éd. Alain Niderst.) Paris: Éditions Sociales, 1971.

_____. *Pensées diverses sur la comète*. Paris: Librairie E. Droz, 1939, 2 vol.

_____. *Pensées diverses sur la comète*. Paris: Flammarion, 2007.

_____. *Pensées sur l'athéisme*. Paris: Éditions Desjunquères, 2004.

_____. *Projet d'un Dictionnaire Historique et Critique***.** Genève: Slaktine, 1970[1692].

_____. *Réponse aux questions d'un provincial*. Roterdam: Reinier Leers, 1703 (versão fac-símile)

Artigos, obras e compilações sobre Bayle

ARGAUD, Élodie. "Bayle, historien du libertinage? Propositions pour la lecture des *Pensées diverses sur la comete",* in: *PFSCL*. Saint-Étienne*:* 2010, XXXVII, 73.

BAHR, Fernando. "Bayle et l'éthique épicurienne", *in*: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

BIANCHI, L. "Do Dictionnaire de Bayle à Encyclopédie de Diderot" In: *SKEPSIS***.** São Paulo: Unifesp, 2009, volume III, nº5.

_____. "Pierre Bayle et le libertinage erudit". In: BOTS, Hans.(éd.) *Critique, savoir et erudtion à la veille des Lumières: Le Dictionnaire Historique et Critique de*

Pierre Bayle (1647-1706). Amesterdam&Maarssen: APA-Holland University Press, 1996.
BIANCHI, Lorenzo. "Bruno e Bayle: naturalismo e spinozismo." In: *Studi filosofici*. Napoli: Bibliopolis, 2004, XXVII.

BOST, Hubert/McKENNA, Antony. *Les "Éclaircissements" de Pierre Bayle*. Paris: Honoré Champion, 2010.
_____. *"L'Affaire Bayle": La bataille entre Pierre Bayle et Pierre Jurieu devant le consistoire de l'Église wallone de Rotterdam*. Saint-Etienne: Institut Claude Longeon, 2006.
_____. *Pierre Bayle*. Paris: Fayard, 2006.
_____/ DE ROBERT, Philippe. *Pierre Bayle, citoyen du monde: De l'enfant du Carla à l'auteur du Dictionnaire.* Actes du Colloque du Carla-Bayle (13-15 septembre 1996). Paris: Honoré Champion, 1999.
_____. *Pierre Bayle et la religion*. Paris: PUF, 1994.

BOTS, Hans/VAN BUNGE, Wiep. *Pierre Bayle (1647-1706), Le philosophe de Rotterdam: philosophy, religion and reception*. Brill: Leiden/ Boston, 2008.

CAZES, Albert. *Pierre Bayle: sa vie, ses idées, son influence, son œuvre.* Paris: Dujarric et Cie. Éditeurs, 1905[Paris: BnF, 2012.]

CHARNLEY, Joy. *Pierre Bayle: Reader of travel literature*. Bern: Peter Lang, 1998.

CHAUÍ, Marilena. "A estrutura retórica do verbete *Spinoza*" In: *KRITERION***.** Belo Horizonte: UFMG, 2009, pp. 313-334.

DELPLA, Isabelle, ROBERT, Philippe de. *La raison corrosive: études sur la pensée critique de Pierre Bayle.* Paris: Honoré Champion, 2003.
_____. "Bayle: pensées diverses sur l'athéisme ou le paradoxe de l'athée citoyen", in: *Figures du théologico-politique*. Paris: J. Vrin, 1999

DELVOLVÉ, Jean. *Religion, Critique et Philosophie positive chez Pierre Bayle*. Paris: Alcan, 1906.

FEUERBACH, Ludwig. *Pierre Bayle*. Traduzione e cura de Maria Luisa Barbera. Napoli: La città del sole, 2008.

FOA, Anna. *Ateismo e magia: il declino della concezione magica nel "Dictionnaire" di Pierre Bayle.* Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1980.

FOUCAULT, Didier. "Pierre Bayle et Vanini". In: BOST, H./ROBERT de, P. *Pierre Bayle, citoyen du monde: De l'enfant du Carla à l'auteur du Dictionnaire* (Actes du Colloque du Carla-Bayle [13-15 sepetembre 1996], pp. 227-241.
_____. "Vertu des païens? Vertu des athées? Héritages humanistes et libertins et position de Bayle dans les *Pensées diverses sur la comète*". In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012.

FRÉCHET, Phillippe. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012.

GROS, Jean-Michel. "Pierre Bayle et la Republique des Lettres". In: MCKENNA, Antony & MOREAU, Pierre-François. *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Saint-Étienne: Presses Universitaires de Saint-Étienne, 2002.
_____. "Bayle et la banalisation de l'athéisme". In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012.

LABROUSSE, Elisabeth. *Pierre Bayle: hétérodoxie et rigorisme*. Paris: Albin Michel, 1996.

McKENNA, Anthony. "Pierre Bayle et la superstition", in: DOMPNIER, Bernard. *La Superstition à l'âge des Lumières*. Paris: Honoré Champion, 1998, pp. 43-65.

MOREAU, Pierre-François. "Les sept raisons des Pensées diverses sur la comète", in: ABEL, Olivier/MOREAU, Pierre-François. *Pierre Bayle: la foi dans le doute*. Genève: Labor et Fides, 1996, pp. 15-30.

MORI, Gianluca. "Baruch de Spinoza: athée vertueux, athée de système", in: *BOTS, Hans.* ***Critique, savoir et érudition à la vieille des Lumières:*** *Le* Dictionnaire Historique et Critique *de Bayle (1647-1706).* Amsterdam & Maarsen: APA-Holland University Press, 1996, pp.341-358.
_____. *Bayle philosophe*. Paris: Honoré Champion, 1999.
_____."Scpeticisme et athéisme au XVIIIe siècle: de Bayle à D'Holbach."In: *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle***.** Saint-Étienne: PSE, 2010.

NEGRÃO, Andréa de Faria Franco. *Deus sive natvra: sobre as objeções de Pierre Bayle no* Dictionnaire historique et critique *à hipótese espinosista de uma só substância*. Porto Alegre: UFRGS, 2006, pp. 3-103.(Dissertação de mestrado.)

NETO, José Raimundo Maia. "O ceticismo de Bayle". In: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, n° 93.

PAGANINI, Gianni. *Analisi della fede e critica della ragione nella filosofia de Pierre Bayle*. Firenze: La Nuova Italia, 1980.
_____. "Pierre Bayle et le statut de l'athéisme scéptique". In: *KRITERION*. UFMG: Belo Horizonte, 2009.

POPKIN, Richard. *The History of Scepticism: de Savonarola to Bayle*. Oxford: University Express, 2003.

PRIMO, Marcelo de Sant'anna Alves. *O ateísmo na filosofia de Pierre Bayle*. São Cristóvão: UFS, 2012.

RÉTAT, Pierre. *Le Dictionnaire de Bayle et la lutte philosophique au XVIIIe siècle*. Paris: Imprimerie Audin, 1971.

RETAT, Pierre. “Avertissement de la deuxième édtion.” (1984-1994). In: BAYLE, Pierre. **Pensées diverses sur la comète**. Paris: Société des Textes Français Modernes, 1994, 2ème édition, pp. 7-24.

SANTOS, Antônio Carlos dos. “Pierre Bayle: ateísmo e tolerância”. In: _____. *Variações filosóficas: entre a ética e a política*. São Cristóvão: UFS, 2004.

SERRURIER, Cornelia. *Pierre Bayle en Hollande: étude historique et critique*. Toronto: University of Toronto Libraries, 2011.

SOLÈRE, Jean-Luc. “Bayle historien et critique du matérialisme dans le *Dictionnaire*”, in: *KRITERION*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

ZARKA, Yves Charles. “L'idée de critique chez Pierre Bayle.”In: *Revue de Métaphysique et de Morale*. Paris: PUF, 1999, n°4(octobre-décembre.)

Outras obras e referências

[Anônimo]. *Rencontre de Bayle et de Spinosa dans l’autre monde*. Cologne: Pierre Marteau, 1713. [versão fac-símile.]

ABRÃO, Bernadette Siqueira/COSCODAI, Mirtes Ugeda (orgs.) *Dicionário de mitologia*. São Paulo: Best Seller, 2000.

ADORNO, T. W. *As estrelas descem à terra: a coluna de astrologia do* Los Angeles Times: *um estudo sobre superstição secundária*. Trad. de Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ARISTÓFANES. *As vespas*; *As aves*; *As rãs*. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

ASKEVIS-LEHERPEUX, Françoise. *La superstition*. Paris: PUF, 1988.

BACON, Francis. *Essays*. Trad. par Maurice Castelain. Paris: Aubier Montaigne, 1979 (Aubier Collection Bilingue.)
_____. *Ensaios*. Trad. de Alan Neil Ditchfield. Petrópolis: Vozes, 2007.
_____. *Novum Organum*. Trad. par Michel Malherbe et Jean-Marie Pousseur. Paris: PUF, 1976.

BAH, Hélène. “Entre science et littérature: la notion d'expérience dans le discours philosophique au XVIIe siècle.” In: RAULINE, Laurence/ROCHE, Bruno/ROUX,

Olivier.(orgs.) *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2008, n°10..

BIANCHI, Lorenzo. "Un dibatto sull'ateismo agli inizi del XVIII secolo: la polemica de D. Durand- P.Bayle sul caso Vanini", in: *Tradizione libertina e critica storica da Naudé a Bayle*. Milan: Franco Angeli, 1988.

BINOCHE, Bertrand, "Croyances privées, opinion publique", In: *Revue Philosophique de Louvain*. Louvain: 2010.

BOILEAU, Nicolas. : *Oeuvres Complètes* II. Paris: Garnier Flammarion, 1969.

BOITEAU, Pierre. "Au temps de l'Inquisition: J.-.C. Vanini et la notion d'évolution au début du XVIIe siècle." In: *La Pensée*. Paris: Fondation Gabriel Péri, 1996, n°27.

BOVE, Laurent. "Épicurisme et spinozisme: l'éthique", In: *Archives de philosophie*. Paris: Beaudesne Éditeurs, 1994, n°57.

BRUNSCHWIG, Jacques/LLOYD, Geffroy. *Le savoir grec: dictionnaire critique*. Paris: Flammarion, 1996.

BURKERT, Walter. *Greek religion*. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1985.

CARPARELLI, Mario. "Dalla definizione alla demolizione del concetto di Dio", in: VANINI, Giulio Cesare. *Tutte le opere***.** Milano: Bompiani, 2010. (Il pensiero occidentale).

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. "Jules-César Vanini: la langue arrachée", in: _____.*Dis/simulations: Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto. Réligion, morale et politique au XVIIe siècle*. Paris: Honoré Champion, 2008. _____. "Une pensée de la transgression: politique, religion et morale chez Jules- César Vanini", in: *Revue de philosophie (Vanini)*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *A nervura do real***.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DE MORAES, João Quartim. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998.

D'HOLBACH, Paul-Henri Thiry de. *Il bon senso*. Trad. di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti Editore, 1985.

_____. *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral*. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Essai sur les prejugés ou De l'influence des*

opinions sur les moeurs et sur le bonheur des hommes. Paris: Coda/PUF, 2007.

DIDEROT, Denis. *Obras VI: O enciclopedista – História da Filosofia I*. Trad. de J. Guinsburg e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____./D'ALEMBERT *Encyclopédie ou dictionnaire des sciences, des arts et des métiers*. Genève: Jean-Leonard Pellet/Neuchâtel: STN, 1778, 3ème edition, vol. III.

DRACHMANN, A.B. *Atheism in Pagan Antiquity*. In: http://www.gutenberg.org/license, release date, March 11 2009, [Ebook 28312].

DUBOIS, Jean; LAGANE, René; LEROND, Alain. *Dictionnaire du français classique:* XVIIe siècle. Paris: Larousse, 1988, p.518 (Références Larousse).

DUFLO, Colas. *Diderot philosophe*. Paris: Honoré Champion, 2003.

DURAND, David. *La vie et les sentimens de Lucilio Vanini*, Roterdam, 1717.

ÉPICURE. *Lettres, maximes et autres textes*. Trad. Par Pierre-Marie Morel. Paris: Flammarion, 2011.

FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle: la religion de Rabelais.* Paris: Albin Michel, 1947.

FIORENTINO, Francesco. *Studi e ritratti della Rinaescenza*. Bari: Laterza, 1911.

FOUCAULT, Didier. *Un philosophe dans l'Europe baroque: Giulio Cesare Vanini (1585-1619).* Paris: Honoré Champion, 2003.

GASSSENDI, Pierre. *Vie et moeurs d'Épicure*. Traduction, introduction, annotations par Sylvie Taussig. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

GARASSE, François. *La doctrine cvrievse des beavx esprits de ce temps, ov pretendus tels contenant plvsievrs maximes pernicieuses à la Religion, à l'Estat & aux bonnes Moeurs, combattue et renversée,* Paris: 1623[versão fac-símile.]

GIANNESCHI, Horacio. *Dioses, religión y piedad*. Buenos Aires: Jorge Baudino, 2004.

GIORELLO, Giulio. *Di nessuna chiesa: la liberta del laico*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2005

GOMPERZ, Theodor. *Greekthinkers: a History of a Ancient Philosophy*. Bristol: Thoemmes Press: 1996, vol. I.

GOULET-CAZÉ, Marie-Odile. *Le cynisme ancien et ses prolongéments.* Actes du colloque International du CNRS (Paris 22-25 juillet 1991). Paris: PUF, 1991.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

GRELL, Chantal. “Alexandre le Grand au XVIIe siècle. In: *MÉTIS: anthropologie des monds grecs anciens*. DAEDALUS-EDITIONS EHESS. Paris/Athènes, 2004.

GULLO, Sylvain. *Théodore de Cyrène, dit l’athée, puis le divin*. Paris: L’Harmattan, 2007

GUTHRIE, W.C.K. *Os sofistas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

GUYAU, J.-M. “Introduction”. *In*: *La morale d’Épicure et ses rapports avec les doctrines contemporaines.* Paris: Librairie Félix Alcan, 1927.

HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne*. Paris: Fayard, 1961.

HOWATSON, M.C. *Dictionnaire de l’antiquité: mythologie, littérature, civilisation*. Trad. par Jeanne Carlier *et alli*. Oxford: Robert Lafont, 1993.

HUME, David. *História da religião natural.* São Paulo: UNESP, 2005.

JOHANSEN, Mariela Wibert. *Belief, fear and manipulation: the intersection of religion and the Athenian legal system in the second half of the 5th century BCE*. Burnaby: Simon Fraser Universtiy Library, 2009.

JOYAU, E. “Introdução”. *In*: *Epicuro: Antologia de textos*. Tradução e notas de Agostinho da Silva e estudo introdutório de E. Joyau. São Paulo: Abril Cultural, 1980, 2ª edição (Coleção “Os Pensadores”).

_____. *Épicure*. Paris: Félix Alcan, 1910.

KORS, Alan Charles. “Skeptcism and the problem of atheism in Early-Modern France”, in: POPKIN, Richard H./VANDERJAGT, Arjo. *Skepticism and irreligion in the seventeenth and eighteenth centuries***.** Leiden/New York/Köln: E.J. Brill, 1993.

LA BRUYÈRE. *Les caractères*. Paris: Flammarion, 2008.

LACARRIÈRE, Jacques. *Dictionnaire de la Grèce antique*. Paris: Albin-Michel, 2000.

LAËRCE, Diogène. *Vies et doctrines des philosophes illustres*. Trad. par Marie-Odile Goulet Gazé. Paris: La Pochotèque, 1999.

LAGRÉE, Jacqueline. “Spinoza 'athée & épicurien'”, in: *Archives de Philosophie*. S.l.P.: 1994, n.57, pp.541-558.
_____. *Spinoza et le débat religieux*. Rennes: Presses Universitaires, 2004.

LECLANT, Jean. *Dictionnaire de l’antiquité*. Paris: Quadrige/PUF, 2005, p. 264.

LEÃO, Delfim, F. “Matéria religiosa: processos de impiedade (*asebeia*).” In: LEÃO, D.F.; ROSSETTI, L. *et alli*.(Eds.) *Nomos, Direito e sociedade na Antiguidade*

Clássica/Derecho y sociedad en la Antigüidad Clásica. Coimbra e Madrid: Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas, 2004.

LOCKE, John. *An Essay Concerning Human Understanding*. Oxford: Clarendon Express, 1975.
_____. *Selected Correspondence*. Oxford: University Express, 2002.
_____. *Letrre sur la tolérance*. Paris: PUF, 2006 [1965.]

_____. *Carta acerca da tolerância.* Trad. de Anoar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1978, 2ª edição.

LUCAS, Jean-Maximilien. *A vida e o espíritode Baruch de Espinosa: tratado dos três impostores.* Trad. de Éclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
_____. *L'esprit de Spinoza: traité des trois imposteurs Moïse, Jésus, Mahomet*. Paris: Max Milo Editions, 2002.

MARÉCHAL, Sylvain de. *Dictionnaire des athées, suivi de culte et lois d'une société d'hommes sans dieu*. Paris: Coda/PUF 2008.

MARTIN, Michael. (org.) *Um mundo sem Deus: ensaios sobre o ateísmo*. Trad. de Desidério Murcho. Lisboa: Edições 70, 2010.

MCKENNA, Antony. "Amour-propre et vertu sociale", in: *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2009, n°11.

MINOIS, George. *História do ateísmo***.** Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Barão de. *O espírito das leis.* Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MOREAU, Pierre-François./DENEYS-TUNNEY, Anne.(éd.) "L'epicurisme". In: *DIX-HUITIÈME SIÈCLE*. Paris: PUF, 2003, n°35.

MORI, Gianluca. "L'athée qui masque", in: *Libertinage et philosophie au XVIIe siècle*. Saint-Étienne: Publicatin de l'Université de Saint-Étienne, 2001, n°5.

MORISOT, Jean-Claude. "'L'Histoire d'un voyage fait em la terre du Brésil' de Jean de Léry", In: *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, 1975.

MOTHU, Alain/MORI, Gianluca. *Philosophes sans Dieu: textes athées clandestins du XVIIIe siècle*. Paris: Honoré Champion, 2010.

NAVIA, LUIS E. *Diógenes, o cínico*. Trad. de João Miguel Moreira Auto e Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2009.

PASSARINI , Lorenzo. "Naturalismo e visione della società in Giulio Cesare Vanini", in: *Montesquieu. it (Biblioteca elletronica su Montesquieu e dintorni)* Bologna: CLUEB, 2012, n°4, pp. 103-117.

PAPULI, G. “La fortuna del Vanini”, in: *Le interpretazioni de G.C. Vanini*.Galatina (Lecce): Congedo, 1975.

PINOT, Virgile. *La Chine et la formation de l'esprit philosophique en France (1640-1740)*. Genève: Slaktine Reprints, 2001.

PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*. Genève: Éditions Slaktine, 2000.

PLATÃO. *A República*. Trad. e org. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006 (Textos; 19).

PLUTARCO. *Il fato e la superstizione*. Bologna: Tascabili Economici Newton,1993.

RACAULT, Jean-Michel. “Voyages et utopies”, in: DEMON, Jean- Charles/DELON, Michel. *Histoire de la France littéraire*: classicismes XVIIe et XVIIIe. Paris: PUF, 2006.

ROMER, F.E. “Atheism, impiety and the *Limos Mélios* in *The Birds*”, *in*: *American Journal of Philology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1994, n°115.

ROSSET, François de. *Histoires memorables et tragiqves de ce temps, ou sont contenves les morts funestes et lamentables de pluvsievrs personnes, arrivés par leurs ambitions, moeurs desreglées, sortileges, vols, rapines, et par avtres accidens divers.* Paris: Pierre Chévalier, 1612[versão fac-símile.]

ROUSSELOT, M. X. *Oeuvres philosophiques de Vanini*. Paris: Charles Gosselin, 1842. [versão fac-símile.]

ROZITCHNER, Alejandro/ IANANTUONI, Ximena. *Filhos sem deus: ensinando à criança um estilo ateu de viver*. Tradução de Teodora Freire. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RUIZ, Henri-Peña. “Bayle lecteur de Spinoza: une fascination inavouée”, in: FRÉCHET, Phillipe. *Pierre Bayle et la liberté de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012.

SALEM Jean, “Sens et fortune d’une page de Vanini”, in: MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes* (II). Paris: Éditions Anthropos, 1970.

SANTIAGO, Homero. “Superstição e ordem moral no mundo”, in: *O mais potente dos afetos*: *Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Trad. de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 2ª edição.

SCHRÖDER, Winfrin. L’athéisme comme défi pour les pionniers de la liberte de penser: deux athées spéculatifs dans le *Dictionnaire historique et critique*”, in:FRÉCHET, Philippe. *Pierre Bayle et la liberte de conscience*. Toulouse: Anarchasis, 2012.

SMITH, P.J. “Algumas perguntas sobre o artigo ‘Espinosa’ de Bayle”, in: *SKÉPSIS*. São Paulo: Unifesp, 2012, ano V, nº8.

SPINELLI, Miguel. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus: 2013.

SPINOZA. Baruch de. *Éthique*. Trad. par Bernard Pautrat. Paris: Seuil, 2010.[Bilingue Latin-Français].
_____. *Correspondance.* Trad. par Maxime Rovere. Paris: Flammarion, 2010.
_____. *Tratado teológico-político.* Trad. de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
_____. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007 (Edição bilíngue Latim/português.)

TARANTO, Pascal. *Du déisme à l'athéisme***:** la libre-pensée d'Anthony Collins**.** Paris: Honoré Champion, 2000.

THÉOPHRASTE. *Caractères*. Trad. de Nicolas Waquet. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2010.

UNTERSTEINER, Mario. *Sofisti: testimonianze e frammenti*. Milano: Edizione Bompiani, 2009 (Bompiani Testi a fronte).

URBACH, Peter. *Francis Bacon's philosophy of science*. Illinois: Open & Court, 1987.

VANINI, Giulio Cesare. *Tutte le opere*. Milano: Bompiani, 2010. (Il pensiero occidentale).

VARA, José. “Epicuro o El destino del hombre es la felicidad.” *In*: *Epicuro: Obras completas*. Edición e Tradución de José Vara. Madrid: Ediciones Cátedra, 2005.

VERNIÈRE, Paul. *Spinoza et la pensée française avant la Révolution.* Paris: Puf, 1982, 2 vols.

VICO, Giambattista. *La scienza nuova e altri scritti*. (A cura de di Nicola Abbagnano.) Torino: Unione tipográfico-editrice torinese, 1976. (“Classici della filosofia.”)

VIENNE, Jean-Michel. *Expérience et raison: les fondements de la morale selon Locke.* Paris: Vrin, 1991.

VOLPILHAC-AUGER, Cathérine. “Paysage de la superstition”, in: DOMPNIER, Bérnard (org.) *La Superstition à l’âge des Lumières*. Paris: Honoré Champion, 1998.
VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Garnier Flammarion, 1964.

YOLTON, John W. *A Locke Dictionary.* Cambridge: Blackwell Publishers, 1993(The Blackwell philosopher dictionaires).

WOLFF, Robert Paul. “Além da Tolerância”, in: MARCUSE, Herbert *et alli*. *Crítica da tolerância pura*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

ANEXO

Continuação dos pensamentos sobre o cometa[697]

§LXXXV. *Que foram encontrados selvagens no Canadá que não tinham nenhuma religião.*

Lipso escreveu uma carta (I)[2] no ano de 1597, destinada a converter um Ateu o qual ele não nomeia. Ela era muito boa, mas aí supõe como um fato certo que ainda não foi encontrado nenhum povo sem religião nem no velho mundo nem no novo (2)[3], nem mesmo entre os Antropófagos. Ele podia ler o contrário no relato de Jean de Léri e alhures. Vistes (I)[4] o que Lescarbot testemunha em sua história da nova França. Um Recolhido[5] disse quase alguns anos depois. Passo-vos suas palavras (2)[6]: *ainda que Cícero tenha dito que não existam povos tão selvagens, tão bárbaros, tão brutais, que não estejam imbuídos da opinião dos céus e não tenham este sentimento natural de uma natureza superior à do homem, que os levam a alguma forma de adoração, de Religião e de culto interior ou exterior para lhes testemunhar reconhecimentos. Entretanto, nossos Hurões, nossos Canadenses parecem não ter nenhuma prática nem exercício que pudéssemos descobrir, porque ainda que eles adorassem um primeiro princípio e Criador de todas as coisas e, por consequência, uma Divindade com o resto das Nações, é que eles não rezam por coisa alguma e vivem quase como bestas, sem adoração, sem Religião e sem vã superstição sob a sombra daquela. Entre eles não se*

---

[697] Tradução de Marcelo de Sant'Anna Alves Primo, doutorando em filosofia UFBA/FAPESB.

[2] *É a 26 da 2ª centur.* ad Belgas(N. do A.)

[3] *Verissimè alia álibi religio est, ubique aliqua: nec in veteri & nostro solùm erbe hoc apparuit, sed in rudi novo ubi inter bárbaros, feros, homicidas, homiedones, quis angulum adbuc repperit, quems religio& numen non vindicaret?* Lips. Epist. 26.centur. 2. Ad Belg. pag. m. 866. (N. do A.)

[4] *Acima, p. 392*. (N. do A.)

[5] No original "récollect", no francês moderno "récollet" – em latim, *ordo fratrum minorum recollectorum* – são religiosos de estrita observância de São Francisco de Assis, oriundos de uma reforma da ordem cumprida na Espanha no século XV. O nome de récollets vem do latim *recollecti*, "recolhidos." (N. do T.)

[6] Gabriel Sagard, Théodat, Menor Recolhido da Província de Paris, *Histoire du Canada*, liv. 2, ch. 30, pag. 485, édit. de Paris, 1636 in 8. (N. do A.)

[7] Itálico de Bayle.

fala nem de Templos nem de Padres não mais do que nenhuma oração pública ou comum, e se eles têm alguma a fazer, ou Sacrifícios, eles não a endereçam a esta primeira causa ou primeiro princípio, mas a certos espíritos particulares que eles alojam em certos lugares.[7]

Eu não quis suprimir nada desta passagem ainda que a última parte não esteja bem de acordo com a primeira. O Autor começa contradizendo Cícero e termina fornecendo-lhe uma prova, porque uma nação que faz orações e sacrifícios a espíritos não é destituída de religião, ainda que ela não renda nenhum culto particular ao princípio de todas as coisas. Os Pagãos estavam no mesmo caso. Eu imagino que o Recolhido se engana porque ele confunde o que precisaria esclarecer. Alguns povos do Canadá são absolutamente sem religião, alguns outros não o são. Ele tinha em vista aqueles na primeira parte do seu discurso e estes na última. Não teve bastante espírito para se aperceber que caía em contradição.

Lescarbot que é mais hábil e mais judicioso do que ele, distingue bem melhor as coisas. Eis o que ele observa: (I)[6988] *Quanto a nossos Souriquois e a seus outros vizinhos, eu não posso dizer senão que eles são destituídos de todo conhecimento de Deus, não têm nenhuma adoração e não fazem nenhum serviço divino, vivendo em uma piedosa ignorância [...] (2)*[9] *Nossos Selvagens [...] e geralmente todos esses povos, inclusive até à Flórida, são muito fáceis de atrair a Religião Cristã, segundo o que eu pude conjecturar daqueles que eu nunca vi, pelos discursos de história, mas penso que aí a facilidade será maior naqueles das primeiras terras do Cabo Bretão até Malebarre, para os que não têm nenhum vestígio de Religião (porque eu não chamo de Religião se não há alguma latria, e ofício divino [...]) nem a cultura da terra [...](3)*[10] *Os Armouchiquois*[11] *são um grande povo o qual também não tem adoração.*[12]

---

[8] *Lescarbot, Histoire de la Nouvelle France, liv. 6, ch. 5, p. 664*. (N. do A.)
[9] *Id. Ibid., pag. 665-666*. (N. do A.)
[10] *Id. Ibid., p. 667*. (N. do A.)
[11] Os índios da Nova França. (N. do T.)
[12] Itálico de Bayle.
[13] *Id. Ibid.,p. 668*. (N. do A.)
[14] Itálico de Bayle.
[15] *Id. Ibid., p. 671*. (N. do A.)
[16] *Id. Ibid., p. 672*.(N. do A.)

Ele não fala assim dos habitantes da Virgínia, ele reconhece (4)[13] *que eles começam a ter alguma opinião de uma coisa superior na Natureza que governa este mundo aqui. Eles crêem em muitos Deuses (disse um historiador Inglês que aí permaneceu) os quais eles chamam* Montoac*, mas de diversos modos e graus. Um só é principal e grande, que sempre o foi, que, querendo fazer o mundo fez primeiramente outros Deuses para serem meios e instrumentos dos quais se pode servir para a criação e para o governo. Depois, o sol, a lua e as estrelas como semi-deuses de outro [verificar] principal. Eles sustentam que a mulher foi feita primeiramente a qual, por conjunção dos Deuses, teve filhos. Todos esses povos geralmente crêem na imortalidade da alma e que após a morte as pessoas de bem estão em repouso e os maus na dor. Logo, os maus são seus inimigos e eles pessoas de bem. De modo que, em sua opinião, todos eles após a morte estão bem à vontade, principalmente quando eles bem defenderam seu país e bem mataram seus inimigos*.[14] Vejais de passagem de que utilidade podia ser uma semelhante religião para levar aos bons costumes. Se examineis mesmo que pouco essas coisas, vereis que ela era tão inútil como o Ateísmo. Lescarbot acrescenta (I)[15] que os Virginianos fazem *algum serviço divino, que eles representam seus Deuses em forma de homem, que eles os colocam nos templos que eles fazem orações, cantos e oferendas a seus Deuses [...]*(2)[16] *O Capitão Laudomnière em sua História da Flórida diz que os desse país não têm conhecimento de Deus nem têm nenhuma religião, senão a que lhes aparece como o sol e a Lua: aos quais, entretanto, não penso pela dita história que eles façam alguma adoração, salvo quando eles vão à guerra o* Paracousi *faz alguma oração ao sol para obter a vitória e esta obtida, ele rende-lhe o louvor com cantos em sua honra* (3)[17] [...] *Se alguém quer chamar ato de Religião a honra que eles fazem ao sol, eu não o impeço*.[18] (4)[19]

Por este testemunho de um homem de discernimento, podereis retificar a negligência do Recolhido. Dir-vos-ei que por ocasião de reconhecer um primeiro princípio e criador de todas as coisas, não é uma prova de não Ateísmo, como pretende esse Monge. Estratão (I) [20699] e alguns outros Filósofos ateus entre os antigos, Spinoza

---

[17] Noteis que qui ele critica Belleforest "*que escreve, após ter tomado a dita história o que ele explica, que fazem sacrifícios sangrentos tais como os Mexicanos reunidos em uma campanha e aí levantando seus alojamentos, e depois de muitas cerimônias e danças eles levitam no ar e oferecem ao sol aquele que a sorte caiu para ser o destinado a ser sacrificado. Se ele é ousado nesta passagem, não o é menos quando diz dos povos do Canadá*." (N. do A.)

entre os modernos, reconhecem este primeiro princípio. Então, é preciso, para se distinguir deste Ateísmo, reconhecer formalmente que este primeiro ser não por via de emanação, que a ação pela qual ele produz o mundo não é imanente, que ele não é determinado por uma vontade natural, que dispõe da natureza a bel-prazer, que ouve as nossas orações e que elas podem induzi-lo a mudar o curso natural das coisas.

---

[18] Itálico de Bayle.
[19] *Id. Ib. , pag. 673*. (N. do A.)
[20] *Ver na biblioteca escolhida do Senhor Leclerc as citações do livro do Sr. Cudworth* (N. do A.)